

DM
MENDES/A.1.

S

ANTÓNIO QUINTAS MENDES

A REFERÊNCIA TEMPORAL NO
DISCURSO CONVERSACIONAL
AOS 2/3 ANOS DE IDADE

Dissertação de Mestrado em Linguística
Portuguesa Descritiva

Ref. 7186

Instituto Superior de Psicologia Aplicada
BIBLIOTECA

Faculdade de Letras de Lisboa

1991

Índice

	Pág.
Introdução	I
PARTE I - TEMPO VERBAL, ASPECTO E MODO DE ACÇÃO	1
I.1. O TEMPO VERBAL	2
I.1.1. Deixis e Tempo Verbal	4
I.1.2. O Problema dos Pontos de Referência Temporal no Modelo de Reichenbach	7
I.1.3. Alguns Comentários ao Modelo de Reichenbach ..	9
a) A interpretação de Co Vet	9
b) A interpretação de M.R. Johnson	11
I.2. TEMPO VERBAL, ASPECTO E MODO DE ACÇÃO	13
I.2.1. Definições, Problemas Conceptuais e Terminológicos	13
I.2.2. O Aspecto Perspectiva. O Modelo de Comrie.....	25
I.2.3. Comentários ao Modelo de Comrie. O Aspecto Perspectiva e a Segmentação dos Eventos por Fases	32
I.3. O MODO DE ACÇÃO E AS TIPOLOGIAS DE VERBOS E DE PREDICADOS	37
I.3.1. As Tipologias Binárias	37
A) Situações Estativas e não Estativas	38
B) Situações Pontuais e Situações Durativas...	39
C) Situações Télicas e Atélicas	41
I.3.2. A Tipologia de Verbos e de Predicados de Vendler	43
I.3.3. Comentários à Tipologia de Vendler	48
PARTE II - A REFERÊNCIA TEMPORAL NA LINGUAGEM DA CRIANÇA	55
II.1. A REFERÊNCIA TEMPORAL NA INTERACÇÃO ADULTO-CRIANÇA	56
II.1.1. Aspectos Genéricos da Interação Adulto - - Criança e do Desenvolvimento da Função Simbólica na Criança	56

II.1.2. A Interação Adulto-Criança e a Referência ao Passado	62
A) A Referência ao Passado através de Rotinas Conversacionais e Referências a Eventos Generalizados	62
B) O Estudo de Weist et al. (1984) e a Questão da Capacidade de Referência ao Passado Remoto	73
C) Desenvolvimento do Jogo Simbólico, da Linguagem e da Narrativa na Criança	76
D) Conclusões	82
 II.2. EMERGÊNCIA E DESENVOLVIMENTO DAS ESTRUTURAS FORMAIS DE REFERÊNCIA TEMPORAL	83
 II.3. O DESENVOLVIMENTO DAS ESTRUTURAS DE SIGNIFICADO NA REFERÊNCIA TEMPORAL	103
II.3.1. A Hipótese do Aspecto antes do Tempo	103
II.3.2. A Crítica à Hipótese do Aspecto antes do Tempo	127
II.3.3. A Crítica ao Trabalho de Weist	136
II.3.4. Perspectivas de Investigação do Presente Trabalho	143
 PARTE III - METODOLOGIA	145
 III.1. OS SUJEITOS	146
III.2. AS CONDIÇÕES DE RECOLHA DOS DADOS	151
III.3. A TRANSCRIÇÃO	155
III.3.1. Problemas da Transcrição	155
III.3.2. Convenções Utilizadas na Transcrição	162
 PARTE IV - ALGUMAS CARACTERÍSTICAS GERAIS DA LINGUAGEM INFANTIL NAS IDADES CONSIDERADAS E NOS CORPORA FIXADOS NO PRESENTE TRABALHO	168
 IV.1. O COMPRIMENTO MÉDIO DO ENUNCIADO (Nº DE MORFEMAS)	169
 IV.2. AS PRIMEIRAS FASES E A PREDOMINÂNCIA DOS NOMES SOBRE OS VERBOS	174

IV.3. AS CONSTRUÇÕES VERTICAIS	177
IV.4. A ORDEM DAS PALAVRAS E A RELAÇÃO TÓPICO - - COMENTÁRIO E SUJEITO - VERBO	180
IV.5. DESENVOLVIMENTOS POSTERIORES	186
 PARTE V - A REFERÊNCIA TEMPORAL NA INTERACÇÃO ADULTO- -CRIANÇA	 188
V.1. CATEGORIAS UTILIZADAS EM ESTUDOS ANTERIORES....	191
V.2. CATEGORIAS UTILIZADAS NO PRESENTE ESTUDO	200
A) Categorias de Tópicos e Contextos Discursivos na Fala da Criança	200
B) Formas Verbais Utilizadas pela Criança	212
C) Categorização dos Enunciados dos Adultos	215
V.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	216
V.3.1. Resultados Relativos a JM	216
V.3.2. Resultados Relativos a PG	225
V.3.3. Comparação dos Resultados das Duas Crianças (JM e PG)	233
V.3.4. Discussão e Conclusões	238
A) A Centralidade da Descrição de Figuras, o Desenvolvimento da Função Simbólica e a Interacção com os adultos	238
B) Sobre as Formas Verbais Utilizadas no Passado Remoto	253
C) A Componente Temporal da Hipótese do Aspecto Antes do Tempo. Comparação com os Resultados de Weist	262
 PARTE VI - A EVOLUÇÃO DA SINTAXE E SEMÂNTICA DA REFERÊNCIA TEMPORAL	 264
 VI.1. A EVOLUÇÃO DA SINTAXE E SEMÂNTICA DA REFERÊNCIA TEMPORAL	 265
VI.1.1. Hipóteses Genéricas	265
VI.1.2. Breve Caracterização do Sistema Temporal e Aspectual do Português	267
A) O Presente	267

B) O Passado. O P. P. Composto, o Perfeito, o Imperfeito e o Particípio	269
C) A Oposição "Ser" / "Estar"	271
VI.1.3. Alguns Aspectos Metodológicos	272
VI.2. A EVOLUÇÃO DA SINTAXE E SEMÂNTICA DA REFERÊNCIA TEMPORAL. O PRESENTE.	274
VI.2.1. Emergência das Formas do Presente na Linguagem da Criança	274
VI.2.2. O Progressivo e a Subcategorização Estados- -Processos	277
A) A Distribuição de "Estar" em Diversas Estruturas Predicativas	277
B) A Distribuição de "Estar" na Forma Progressiva em Predicações Não-Estativas	283
VI.2.3. As Dificuldades de Sintactização do Progressivo	287
VI.2.4. O Progressivo e o Presente Simples	296
A) A Evolução das Duas Formas Verbais	296
B) Do Aspecto Progressivo ao Aspecto Gnómico	298
C) O Infinitivo	302
D) Quadro Global da Utilização do Presente em JM	304
VI.3. A SEMÂNTICA DOS VERBOS E A MORFOLOGIA VERBAL. O PASSADO	307
VI.3.1. A Hipótese do Aspecto Antes do Tempo. Algumas Hipóteses Operacionais	307
VI.3.2. Problemas da "Classificação Semântica" dos Verbos	309
A) Classificações Usadas em Trabalhos Anteriores	309
B) A Tipologia de Verbos Utilizada no Presente Trabalho	311
C) Problemas da Aplicação da Tipologia de Vendler à Linguagem Infantil	314
D) Critérios Utilizados para a Classificação dos Verbos e das Frases Verbais	316
VI.3.3. Semântica dos Verbos e Marcação Temporal. Resultados e Discussão	321

VI.3.4. O Passado e a sua Relação com os Planos Actual e Inactual	326
A) Hipóteses Genéricas	326
B) O Particípio, o Perfeito e o Imperfeito	330
C) O Desenvolvimento da Narratividade e o Início do Funcionamento Intra-Textual dos Verbos	340
VI.3.5. Advérbios e Outras Expressões Temporais	348
A) "Hoje", "Ontem" e "Um dia"	349
B) A Sequencialização dos Eventos e das Acções do Sujeito	354
C) Começar vs Acabar e Cair vs Acabar	355
D) "Já" / "Ainda" e "Depois"	356
PARTE VII - CONCLUSÕES	358
NOTAS	364
REFERÊNCIAS	379

Introdução

São vários os problemas ligados à referência temporal. De um modo geral os investigadores estão de acordo em afirmar que os interlocutores têm que utilizar pontos de referência temporal de natureza deíctica e pontos de referência temporal de natureza não deíctica. A localização temporal dos enunciados do sujeito em relação aos eventos é de natureza deíctica. A expressão desta localização pode, ou não ser gramaticalizada. Quando é gramaticalizada constitui o "*Tempo Verbal*" ("Tense"). A ordenação dos eventos entre si é para alguns autores um fenómeno de natureza deíctica e portanto fazendo parte do "Tempo Verbal" e para outros autores um fenómeno de natureza não deíctica e portanto fazendo parte do Aspecto. No que diz respeito ao Aspecto, devemos distinguir um Aspecto Deíctico de um Aspecto Não Deíctico. O *Aspecto Não Deíctico* diz respeito às propriedades temporais inerentes aos eventos como por exemplo a Duração / Não Duração ou o Acabado / Inacabado. Este Aspecto é denominado como "Aksionsart" ou *Modo de Acção do Verbo*. O *Aspecto Deíctico* é o *Aspecto Perspectiva*. É deíctico porque o sujeito pode escolher entre um *Aspecto Perfectivo* e um *Aspecto Imperfectivo* consoante queira ou não representar a situação na sua globalidade / totalidade. Alguns autores assinalam ainda que o sujeito pode realizar certas escolhas sobre o Modo de Acção, que em princípio é

não deíctico. Assim, por exemplo, um sujeito pode apresentar um Estado como se fosse um Evento ou um Evento como se fosse um Estado, o que implicaria uma escolha entre uma perspectiva aspectual "standart" e uma perspectiva aspectual "não standart".

Para além da caracterização teórica destas questões, descrevem-se neste trabalho um conjunto de investigações empíricas e de modelos teóricos que procuram explicar o desenvolvimento da referência temporal na linguagem infantil. Basicamente estes modelos são de dois tipos: os que defendem que a morfologia verbal inicial da criança está muito dependente do Aspecto Lexical dos verbos utilizados, de tal modo que o Aspecto se sobrepõe à relação deíctica existente entre o momento da enunciação e o momento do evento, e os que defendem que esta relação é desde o início essencialmente deíctica e pouco influenciada pelo aspecto lexical dos verbos. A partir destes modelos tentam delinear-se um conjunto de hipóteses operacionais que são testadas através da análise dos corpora de duas crianças (*JM*:14 sessões, dos 2;0;2 aos 2;7;16 e *PG*:10 sessões, dos 2;7;16 aos 3;3;21). O estudo incide por um lado na análise dos contextos e tópicos discursivos realizados pela criança na interacção com os adultos e nas marcas verbais que aí são utilizadas e por outro lado na relação entre a semântica dos verbos ou classe aspectual a que pertencem e os tempos

verbais em que são utilizados. Conclui-se pela existência de uma forte influência inicial do Aspecto sobre o Tempo Verbal e analisam-se lateralmente alguns aspectos relevantes da passagem de um sistema de referência temporal de natureza deíctica para um sistema de referência temporal de natureza anafórica, bem como a evolução de alguns outros processos de referência temporal que não apenas os verbos.

**PARTE I - TEMPO VERBAL,
ASPECTO E MODO DE ACÇÃO**

I.1. O TEMPO VERBAL

Comrie (1985) assinala que as expressões que servem a referência temporal podem ser de três tipos: 1) expressões lexicais "compósitas" ("cinco minutos depois de..."); 2) itens lexicais ("agora", "hoje", "ontem") e 3) categorias gramaticais, que podem ser as mais variadas. Para o Inglês cita as seguintes: *"present, past, future, pluperfect e future perfect"* mas sublinha que poderiam existir mais, como poderiam existir menos... De facto, definindo "Tense" - que daqui em diante traduziremos sempre por "Tempo Verbal"- como a gramaticalização da expressão de localização temporal, Comrie assinala que as línguas diferem quanto ao peso relativo que atribuem ao léxico ou à gramática para estabelecerem a localização temporal. Por exemplo, algumas línguas têm mais categorias de tempo verbal do que o Inglês porque gramaticalizam graus de afastamento ou de proximidade em relação ao Passado ou ao Futuro. Mas por outro lado não é certo que uma Língua tenha de ter no seu sistema de Tempos Verbais, um Passado, um Presente e um Futuro e pode até admitir-se a existência de Línguas que não têm "tense", no sentido em que não gramaticalizam a relação entre o tempo da enunciação e a situação descrita pelo locutor (*"tense, as distinct from deictic temporal reference, is not a universal feature of language."*, Lyons, 1977, p.678). Parece entretanto

certo que todas as línguas possuem advérbios deícticos ou partículas temporais do tipo "hoje", "ontem", "agora", etc.

Será ainda interessante assinalar que nas línguas que possuem Tempo Verbal, este não tem necessariamente de repartir-se nos três Tempos (Passado, Presente e Futuro) que nos aparecem muitas vezes como "naturais". Por exemplo, pode questionar-se a existência de um Tempo Verbal Futuro já que o "Futuro" pode ser considerado como uma categoria que releva da modalidade e não da referência temporal (1).

A distinção entre Passado e Presente também não é, em si mesma, evidente, nem tão pouco necessária. Como sugere Lyons (1977), uma distinção alternativa poderia ser a de Presente vs Não-Presente. Neste sentido, afirma este autor:

"What is commonly referred to as the present tense, in English and many other languages, is in fact more satisfactorily described as the non-past tense." (op.cit. p.678)

Comrie assinala entretanto que é característico que sejam determinados conceitos temporais, e não outros, a serem gramaticalizados:

"The notions that are most commonly grammaticalised across languages of the world are simple anteriority, simultaneity, and posteriority, i.e. with the present moment as deictic centre, past, present and future." (Comrie, 1985, p.11).

1.1.1. DEIXIS E TEMPO VERBAL

É de facto uma das características mais pervasivas do Tempo Verbal a sua natureza deíctica. Na interacção verbal o LOC (Eu) situa-se face a um ALLOC (Tu) em função das coordenadas espacio-temporais do Aqui e do Agora do momento da enunciação. Mas a situação torna-se porventura mais complexa quando os falantes têm de referir-se a eventos que não se encontram presentes no espaço e no tempo da enunciação actual.

Alguns autores tratam este problema a partir da distinção tradicional entre *Tempos Absolutos e Tempos Relativos*. Assim, para Comrie (op.cit.) os tempos verbais absolutos são os que tomam o momento presente como o centro deíctico da enunciação. Um tempo verbal absoluto,

"(is) a tense which includes as part of its meaning the present moment as the deictic centre; whereas relative tense refers to a tense which does not include as part of its meaning the present moment as deictic centre." (p.36).

Os tempos absolutos seriam as formas básicas do Presente, do Passado e do Futuro. Todos os tempos que necessitam de uma especificação contextual (por advérbios ou por relação com outros tempos verbais) seriam Tempos Relativos. Encontramos aqui uma primeira dificuldade. É que se Comrie trata os Tempos Relativos como tempos verbais, outros

autores tratam-nos como relevando do Aspecto dadas as suas características não-deícticas. Por exemplo Lyons (1977,p.689) assinala que o "Pluperfect" em Inglês ("*John had sung*") reenvia para um passado no passado e portanto para a noção de anterioridade de um evento em relação a outro, bem como para a noção de acabamento de um evento, noções essas que teriam um carácter não deíctico.

Examinaremos ainda este problema à luz do modelo de Reichenbach, no entanto não podemos deixar de assinalar desde já que há quem reconduza esta distinção à subjectividade inicial da referência temporal. Assim, I.Fonseca (1985) estabelece um paralelo importante entre por um lado, tempos deícticos e tempos absolutos e por outro, entre tempos anafóricos e tempos relativos. Esta autora faz pois uma distinção entre deixis temporal e anáfora temporal:

"A partir du concept de *repère situationnel (primaire)* et de celui, homologue de *repère textuel (secondaire)* ont peut poser l'existence de deux types de *référence temporelle*:

- une *référence déictique primaire*, réalisée par les éléments linguistiques dont l'interprétation présuppose un *repère situationnel*; et
- une *référence déictique secondaire (ou anaphorique)* réalisée par les éléments linguistiques dont l'interprétation présuppose un *repère textuel intermédiaire.*" (M.I.Fonseca, op.cit.,p.280)

O problema dos pontos de referência temporal tal como é tratado por Fonseca (1984; 1985) enquadra-se na tradição da *Linguística Enunciativa* (Benveniste; Weinrich) e é extremamente interessante já que visa relacionar os sistemas verbais com a posicionamento do sujeito no discurso: num sistema o discurso está *directamente* ancorado na situação, noutro sistema, essa relação é *indirecta* e a enunciação apresenta-se por isso como autónoma em relação à situação em que é produzida (2). Esta conceptualização deu origem a tipologias enunciativas das quais as mais conhecidas são as de Benveniste: *Discurso vs História* e a de Weinrich: *Narração vs Comentário*. No entanto, alguns destes trabalhos acabam por ser pouco precisos quanto aos problemas da *representação* da referência temporal ou acabam mesmo por negar a existência de tais problemas, o que é particularmente nítido no trabalho de Weinrich. Para este autor o funcionamento dos tempos verbais não teria uma função referencial de localização temporal, mas antes uma função de "sinalização" para os interlocutores do tipo de enunciação em causa em cada momento (3).

Julgamos no entanto que os modelos a que poderemos chamar de Enunciativos/Discursivos não são incompatíveis com modelos mais de tipo Cognitivo/Referenciais (veja-se a este propósito L. Waugh e M. Burston, 1986) e por essa razão analisaremos em seguida o modelo de Reichenbach que

estabelece algumas bases sólidas para a análise dos Pontos de Referência Temporal.

1.1.2. O PROBLEMA DOS PONTOS DE REFERÊNCIA TEMPORAL NO MODELO DE REICHENBACH

De acordo com Reichenbach (1947) a ordenação do tempo requer o uso de três pontos de referência temporal:

- 1) O "Speech Time" (ST) que doravante traduziremos por "*Tempo da Fala*" (TF) e que se refere ao momento da enunciação, ou seja, ao momento ou ao intervalo de tempo durante o qual ocorre a enunciação.
- 2) O "Reference Time" (RT) que traduziremos por "*Tempo de Referência*" (TR) e que se refere ao "ponto de referência" do Loc., ou seja, ao momento ou intervalo a partir do qual o enunciador situa o acontecimento referido.
- 3) O "Event Time" (ET) que traduziremos por "*Tempo do Evento*" (TE) e que se refere ao momento ou intervalo em que o evento ocorre realmente; ("momento de realização do Predicado", Ilari, 1981).

Reichenbach parte da hipótese de que cada tempo verbal tem uma estrutura interna que assenta sobre duas relações fundamentais.

A primeira diz respeito à relação entre o TF e o TR. A relação entre o Tempo da Fala e o Tempo de Referência pode ser de *Anterioridade* e temos então um Tempo Passado, de *Simultaneidade* e temos então um Tempo Presente ou de *Posterioridade* e temos então um Tempo Futuro.

A segunda diz respeito à relação entre o Tempo de Referência e o Tempo do Evento. As relações entre estes termos podem também ser de Anterioridade, Simultaneidade e Posterioridade. Reichenbach qualifica-as de "*Anterior*", "*Simples*" e "*Posterior*".

A combinação destas duas relações fundamentais dá origem a nove Tempos Verbais que para Reichenbach são as formas fundamentais do sistema. Estes tempos podem ser então representados de uma forma muito simples; se nos exemplos abaixo indicados, tomarmos a **vírgula** como sinal de simultaneidade e os Pontos Temporais colocados à esquerda do **hífen** como anteriores àqueles que estão colocados à sua direita, podemos obter as seguintes configurações para algumas das formas simples do Indicativo:

Presente: TF,TE,TF: (simultaneidade do Tempo da Fala com o Tempo do Evento e com o Tempo de Referência.)

Perfeito: TF,TR-TE ou TF-TR,TE: (simultaneidade do Tempo da Fala com o Tempo de Referência e anterioridade destes em relação ao Tempo do Evento ou simultaneidade entre o Tempo do Evento e o Tempo de Referência e anterioridade do Tempo da Fala em relação a estes.)

1.1.3. ALGUNS COMENTÁRIOS AO MODELO DE REICHENBACH

a) A Interpretação de CO VET (1980)

Co Vet (1980) (4) assinala que uma das vantagens do esquema "tricotómico" de Reichenbach é a de poder analisar tempos como o Pretérito-Mais-que-Perfeito que exigem três pontos de "réperage" temporal e não apenas dois; de facto muitas propostas de análise dos tempos verbais apenas consideram a relação entre o TF e o TE. No entanto no caso do *Pretérito-Mais-que-Perfeito* temos efectivamente de contar com três índices temporais: o TE é anterior ao TR e o TR é anterior ao TF.

Mas como também assinala Bronckart (1985a ; 1985b) é necessário que este modelo se "adapte" a cada língua natural já que nem todos os tempos teóricos possíveis têm alguma

forma de manifestação empírica e outros tempos tão importantes como o *IMPERFEITO* não têm qualquer lugar no sistema proposto por Reichenbach. Esta não consideração do Imperfeito tem certamente a ver com o facto de o sistema proposto por este autor considerar o tempo verbal a partir de uma perspectiva de localização e ordenação temporal puramente linear e cronológica. Daí que Bronckart considere particularmente feliz a adaptação proposta para o Francês por Co Vet (1980), já que por um lado incorpora as propostas de Reichenbach e por outro retoma a ideia de Benveniste da existência de dois sistemas ou sub-sistemas de tempos. Com efeito, notando a dificuldade de situar no mesmo eixo temporal o "*PASSE COMPOSE*" (*PC*) e o "*IMPARFAIT*" (*IMP*) e por outro lado, notando que o "*PRESENT*" (*PR*) e o "*IMPARFAIT*" são os únicos tempos a partir dos quais se pode formar um tempo indicando anterioridade e um tempo indicando posterioridade, Co Vet infere a existência de dois sistemas completos: o primeiro que comporta o *PC*, o *PR*, e o *FUT*; o segundo comportando o *PQP*, o *IMP* e o *FUTP* (Futuro do Passado/Condicional). Estes dois sistemas permitem a referência a dois "mundos possíveis": o *Actual* e o *Não Actual*. O sistema *actual* estaria centrado em torno de um ponto referencial *rX* que coincide com o Momento da Fala (MF) e os três tempos de base desse sistema, o *PC*, o *PR* e o *FUT*, estariam em relação a esse ponto referencial numa relação de anterioridade de simultaneidade ou de posterioridade. O sistema *inactual* estaria também centrado em relação a um

outro ponto *rX* mas este seria anterior ao Momento da Fala; O *PQP*, o *IMP* e o *FUTP* estariam também numa relação de anterioridade, simultaneidade e posterioridade com este segundo ponto *rX*. Co Vet define assim esses dois mundos possíveis:

"En français, le premier système, ayant comme centre le point *rX* qui coincide avec le moment de la parole, sert à parler du monde réel (ou d'un monde présenté comme réel), c'est-à-dire le monde dans lequel on vit au moment de la parole, et des continuations possibles de ce monde. Le seconde système se centre autour d'un *rX* antérieur au moment de la parole; les temps qui en font partie servent à parler du temps d'un monde qui a été réel, mais qui ne l'est plus et des continuations de ce monde." (Co Vet, 1980, p.43)

b) A Interpretação de M.R. JOHNSON (1981)

Muito brevemente diremos que a interpretação de Johnson é a seguinte: As categorias de Tempo Verbal ("tense") relacionam o TF com o TR. As categorias de Aspecto relacionam o TE com o TR e a relação entre o TF e o TE são relações de "*status existencial*". Basicamente o que Johnson parece entender por "status existencial" corresponde à distinção mais usual entre os planos Actual e Inactual.

Mas é importante sublinhar que se para alguns autores a relação entre o TR e o TE é sempre Aspectual, para outros esta relação é ainda de Tempo Verbal (5), ainda que o tempo em causa seja um Tempo Relativo. Como vimos anteriormente

Lyons apontava o caso do "Pluperfect" como um caso de Aspecto e não de Tempo Verbal por pôr em jogo noções como Anterioridade e Acabamento. No entanto, não se trata, por parte deste autor de uma afirmação absolutamente taxativa, já que acaba por reconhecer, a propósito da distinção entre tempos absolutos e tempos relativos que:

"it must be recognized that at this point there is not, and cannot be, in universal grammar any sharp distinction between tense and aspect, on the one hand, or between tense and modality, on the other." (Lyons, 1977, p.690)

I.2. TEMPO VERBAL, ASPECTO E MODO DE ACÇÃO

I.2.1. DEFINIÇÕES, PROBLEMAS CONCEPTUAIS E TERMINOLÓGICOS

Tomemos as seguintes frases :

<1> "O João leu o livro."

<2> "O João lia o livro quando eu cheguei."

A diferença entre "leu" e "lia" é uma diferença não de tempo verbal (uma vez que ambas as formas reenviam para um tempo passado) mas sim uma diferença de Aspecto : na frase <1> o processo de leitura é visto como um todo (Aspecto Perfectivo) e como um proceso que está já, de alguma forma, completado, ao passo que na frase <2> o processo de leitura é visto e descrito internamente como que durante a sua ocorrência (Aspecto Imperfectivo).

A diferença entre Tempo Verbal e Aspecto é descrita por Co Vet (1980) nos seguintes termos:

"(...) toute situation dont on parle occupe un certain espace de temps (intervalle) et cet intervalle fait partie du temps d'un monde donné. (...) nous entendons par "temps" l'indication dans une phrase, de la place qu'occupe l'intervalle dans le temps d'un monde. (...) Par aspect nous entendrons toute information contenue dans une phrase qui se rapporte non pas à la place, mais à la structure interne de l'intervalle" (1980, p.45)

Por seu turno Comrie (1976) caracteriza assim a diferença entre Tempo Verbal e Aspecto:

"(...) tense is a deictic category, i.e. it locates situations in time usually with reference to others situations. Aspect is not concerned with relating the time of the situation to any other time-point, but rather with the internal temporal constituency of the one situation; one could state the difference as one between situation-internal time (aspect) and situation external time (tense)" (p.5)

Finalmente, Freed (1979) propõe as seguintes definições:

"Aspect is understood as a notion of time, distinct from tense, that refers to the internal temporal structure of the events and activities named by various linguistic forms. Whereas tense makes specific reference to time or to the CHRONOLOGICAL ORDERING of events in the real world, in particular with respect to the time of utterance, aspect describes the TEMPORAL QUALITY OR CONDITION of an event with respect to itself, in terms of such things as inception repetition, completion duration, punctuality, etc." (p.10)

Como se vê parece existir convergência genérica quanto a uma definição abstracta de Aspecto bem como à sua diferenciação em relação ao Tempo Verbal. Esta convergência traduz-se a dois níveis: por um lado considera-se o Aspecto como uma categoria não deíctica em oposição ao Tempo Verbal ("Tense") que seria uma categoria deíctica. Por outro lado assume-se que a "natureza temporal" do Aspecto se refere a algo interno aos processos ou estados referidos pelas expressões linguísticas.

Esta noção de "*tempo interno*" às situações está ainda presente nas definições seguintes que são já como que "clássicos" das definições de Aspecto. Assim Jakobson (1957) afirma: "*aspect deals with the temporal value inherent in the activity or state itself*". E Holt (1943) refere-se ao Aspecto como "*les manières diverses de concevoir l'écoulement du procès même*". É aliás esta definição que serve de base à definição mais genérica de Comrie: "*aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation*" (cf. Comrie, 1976, p.3).

Em todas estas definições são feitas referências às qualidades temporais dos eventos e ao modo como estes são vistos progredir no tempo, "*from the point of view o the events themselves*", segundo as palavras de A. Freed. Ainda segundo esta autora:

"They are not viewed in relation to the time of the utterance, to actual moment of time, nor in relation to the speaker." (A.Freed,op.cit.,p.11)

Mas se como vimos existe aparente acordo quanto a uma definição abstracta de Aspecto, já quanto à identificação de categorias aspectuais específicas, ou quanto à descrição de línguas concretas o acordo desaparece e a confusão começa. Esses desacordos e confusões devem-se essencialmente a duas ordens de razões. Por um lado a uma evidente dificuldade em transpôr para línguas não eslavas uma categoria que tem nessas línguas uma sistematicidade particular; referimo-nos

naturalmente à oposição entre Aspecto Perfectivo e Aspecto Imperfectivo. Nas linguas eslavas esta distinção é perfeitamente gramaticalizada e pode aplicar-se sistematicamente a quase todos os verbos (1) o que não acontece por exemplo nem com as linguas românicas nem com as linguas germânicas. Assim, como muito justamente assinala Co Vet (op. cit.):

"On pourrait résumer l'histoire de la description des aspects de ces langues comme un long effort d'y trouver les equivalents des aspects slaves. Par l'absence de toute caractéristique formelle sur laquelle l'analyse aurait pu s'appuyer l'aspect et le mode d'action son devenus les notions les plus insaisissables de la grammaire traditionnelle." (p.46)

Em consequência destas dificuldades o termo *Aspecto* (2) generalizou-se a outro tipo de oposições gramaticalizadas em linguas particulares. Lyons por exemplo, (1977, p.705) defende *uma concepção mais "lata" de Aspecto*, ou seja, uma concepção que transcenda a oposição Imperfectivo / Perfectivo e no quadro da qual oposições com Progressivo/Não Progressivo no Inglês, Passé Simple/Imparfait no Francês ou Progressivo/Aoristo no Turco seriam todas legitimamente classificáveis como aspectuais.

A outra razão que tem levado a uma enorme confusão nos estudos sobre o Aspecto tem a ver com o facto de muitos autores não distinguirem entre Aspecto e Modo de Acção.

Tomemos como exemplo as seguintes definições de Aspecto:

- (1) (aspect) "signifies the relative duration or punctuality along a time line."

P. Friederich, 1974 (citado por Brinton, p.2)

- (2) (aspect) "expresses whether the speaker looks upon an action in its entirety, or with special reference to some part (chiefly the beginning or end)"

E. Kruisinga 1931 (citado por Brinton, p.2)

Segundo Brinton (1988) estas duas definições são paradigmáticas da confusão existente nos estudos sobre o aspecto dado que referem com o mesmo termo dois tipos de fenómenos bem diferentes: o Aspecto e o Modo de Acção. É a segunda definição que se refere ao aspecto em sentido estrito. Nas palavras de Brinton:

"Aspect is a matter of th speaker's viewpoint or perspective on a situation. The speaker may choose to portray an event as completed (perfective aspect) or as ongoing (imperfective aspect) or as beginning (ingressive aspect), continuing (continuative aspect) ending (egressive aspect), or repeating (iterative or habitual aspect)." (Brinton, op.cit., p.3).

Para Brinton o tipo de definição dado em 1) diz respeito não ao ponto de vista do falante mas sim à natureza da situação referida: até que ponto ela é estática ou dinâmica pontual ou durativa, limitada ou não limitada contínua ou

iterativa. Ora, este tipo de aspecto seria melhor descrito com o termo alemão "Aktionsart" ("kind of action" ou "Modo de Acção"). Para Brinton, "*Aktionsart is an indication of the intrinsic temporal qualities of a situation*" (op.cit.,p.3)

Comrie (1976) opera também com esta distinção, definindo "*Aksionsart*" como "aspecto inerente ou semântico" (p.41-51) e *Aspecto* como "*different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation.*" (op.cit,p.3), preferindo no entanto não utilizar o termo "Aksionsart" e em vez dele utilizar o termo "aspecto lexical".

Co Vet (1980) entende por *Aspecto* toda a informação contida numa frase que diz respeito não ao lugar mas sim à estrutura interna do intervalo <I> a que se refere uma determinada predicção. Chama-lhe por isso o "Aspecto Não Deíctico". Por outro lado, considera a existência, no francês, de dois Aspectos Deícticos: o aspecto perfectivo e o aspecto imperfectivo. São aspectos deícticos no sentido em que dependem "*de la question de savoir si le locuteur prend en considération ce que se passe pendant l'intervalle entier ou pendant une partie de l'intervalle seulement.*" (op.cit.,p.45).

Quando selecciona o aspecto Imperfectivo o locutor afirma a verdade de uma parte da situação; quando selecciona o

aspecto Perfectivo, o locutor afirma a verdade da situação inteira.

A distinção entre Aspecto e Modo de Acção tem sido encarada de diversos pontos de vista o que se vem reflectindo também, em diversidade terminológica. Assim, podemos encontrar distinções como as de "*Aspecto Gramatical*" vs "*Aspecto Lexical*", "*Aspecto Subjectivo*" vs "*Aspecto Objectivo*" (Kruisinga, 1931 citado por Brinton p.3), "*Aspecto Deíctico*" vs "*Aspecto Não-Deíctico*" (Co Vet, 1980), "*Aspecto Perspectiva*" vs "*Aspecto Situação*" (C. Smith, 1983), "*Classe Aspectual*" vs "*Forma Aspectual*" (Dowty, 1979; Johnson, 1981), "*Aspecto*" vs "*Carácter Aspectual*" (Lyons, 1977). Todas estas distinções acabam no entanto por reconduzir à distinção básica entre *Aspecto* e *Modo de Acção*. Como afirma ainda Brinton,

" Aspect is grammatical because broadly speaking, it is expressed by verbal inflectional morphology and periphrases, aksionsart by the lexical meaning of verbs and verbal derivational morphology. Aspect is subjective because the speaker chooses a particular viewpoint, whereas aksionsart, since it concerns the given nature of the event and not the perspective of the speaker, is objective. Aksionsart is the character of the situation named by the verb." (Brinton, op.cit. p.3)

A não consideração da diferença entre Aspecto e Modo de Acção tem por exemplo como consequência que se considerem os verbos como *intrinsecamente* Perfectivos ou Imperfectivos.

Por exemplo em Herculano de Carvalho (1984) opõem-se "*dire*" e "*parler*" como um Perfectivo e um Não Perfectivo,

"liés l'un à l'autre comme deux aspects différents d'un seul événement réel: parler est cet événement observé et identifié comme "parler" à quelque moment de son écoulement, compris ou non, indifféremment, son terme final; dire est l'événement complet, non identifié sinon dans son achèvement (et dans son produit: le "dictum", objet du "dire"). (op.cit.p.221)

E o autor dá ainda como exemplos de verbos Perfectivos "*arriver*" e "*partir*" e como exemplos de Imperfectivos "*dormir*" e "*penser*". Existiriam ainda Perfectivos Durativos ("*dire*", "*voir*") e Perfectivos não Durativos ("*arriver*", "*mourir*"). Esta abordagem coloca no entanto bastantes problemas. Em primeiro lugar não se percebe muito bem se os Aspectos de que o autor trata são Aspectos do real ou Aspectos de expressões linguísticas. Ficamos com a impressão, ao ler o excerto acima citado, de que a linguagem reflecte de uma forma muito directa e objectiva, certas propriedades do real. Mas se os verbos podem ser classificados como intrinsecamente Perfectivos ou Imperfectivos, consoante as propriedades objectivas dos eventos que codificam, então não se compreende porque teria o sujeito a possibilidade de optar entre as formas "*disse*" e "*dizia*" ou entre as formas "*falou*" e "*falava*".

Outro problema que a abordagem de H.Carvalho coloca, é o de tomar como critérios de classificação dos verbos, critérios

que provêm de diferentes níveis de análise. Uma vez o critério tido em conta é um traço semântico isolado como por exemplo a Resultatividade. Outras vezes o critério parece ser mais geral; por exemplo parecem classificar-se como Perfectivos todos os verbos que implicam Mudança de Estado.

Por outro lado, o facto de não apresentar os verbos flexionados parece indicar que o autor, apesar de não considerar justificada a distinção entre Aspecto e Modo de Acção (cf.op.cit.,p.218), tenta partir das formas infinitivas para determinar o "aspecto lexical" dos verbos.

De qualquer modo parece-nos ser este um exemplo de uma abordagem que por não levar em conta a distinção entre Aspecto Perspectiva e Aspecto Situação ou Modo de Acção acaba por gerar classificações aspectuais mais ou menos "*ha doc*" e que partem de critérios muito diferentes; ora de um traço semântico (Resultatividade), ora do aspecto lexical do verbo, ora do tipo de Predicador (Estados vs Processos). Nos parágrafos seguintes tentaremos apresentar argumentos que justifiquem a necessidade da distinção entre Aspecto e Modo de Acção.

Como faz notar Lyons (1977), entre outros autores, noções temporais não deícticas como a duração, o acabamento, a iteração, a inepção, etc. não podem ser aplicadas a todos os tipos de situações (3). Existem por um lado regularidades

e por outro lado certas restrições ou incompatibilidades entre determinados traços semânticos e determinadas situações. Exemplo de uma incompatibilidade é a que existe entre a Estatividade e o Progressivo, incompatibilidade essa que é particularmente notória no Inglês. Exemplo de uma regularidade é a de que um Estado não seja apresentado como um Evento ou que um Evento não seja apresentado como um Estado. Ou uma certa intersecção entre Duratividade e Imperfectividade e entre Perfectividade e situações pontuais.

Dado este tipo de relações, muitas vezes bastante imbrincadas, Lyons assinala que estas noções semânticas aspectuais por vezes se *relacionam*, e outras vezes estão *inteiramente dependentes* dos Estados de Coisas que descrevem.

Argumentos como os de Lyons mostram que apesar de haver intersecção entre por um lado, noções temporais que relevam do Modo de Acção e por outro lado, noções temporais que são intrínsecas aos tipos de situação (por exemplo, os Estados são necessariamente Durativos e certas situações Dinâmicas -os Eventos- são necessariamente Não Durativas), estas noções devem ser concebidas separadamente.

Por outro lado é também necessário mostrar que as noções do Modo de Acção não devem confundir-se com o Aspecto

Perspectiva. Um exemplo comum dessa confusão é o de assimilar o Pontual ao Perfectivo e o Durativo ao Imperfectivo. Poderíamos argumentar em primeiro lugar que é possível apresentar uma situação pontual a partir de um ponto de vista Imperfectivo, como é possível também apresentar uma situação durativa a partir de um ponto de vista Perfectivo (veja-se mais adiante o capítulo sobre o Aspecto Perspectiva). Além disso, é possível mostrar que a interacção do Aspecto Perspectiva com os Aspectos Não Deicticos dá origem a significados específicos a cada tipo de interacção, o que mostra que estamos realmente a lidar com fenómenos de natureza diferente. Por exemplo, a aplicação de um Aspecto Imperfectivo (seja o Progressivo) a um verbo pontual dá origem a uma predicação de tipo iterativo (ex. "João fechava as portas") enquanto que a aplicação desse mesmo Progressivo a um verbo durativo, dá origem a uma predicação de tipo contínuo, não iterativa (ex. "João dormia").

Assim, concluímos que a análise do Aspecto deverá levar em conta por um lado o Aspecto Perspectiva e por outro lado as características não deicticas que relevam do Modo de Acção bem como o tipo de Situação ou Estado de Coisas a que cada predicação se refere.

As categorias do Modo de Acção têm sido tomadas em conta de duas maneiras. Por um lado a partir daquilo a que Brinton

(1988) chamou de "*abordagem formal*" ou seja, partem-se das formas verbais para se lhes identificar os "traços aspectuais" mais relevantes. Por exemplo, do Progressivo é habitual destacar o aspecto durativo e o inacabado; do "Perfect" destaca-se a relevância no Presente e a resultatividade; das formas simples, o aspecto habitual e o aspecto gnómico (4).

Por outro lado a "*abordagem nocional*" tem sobretudo insistido na semântica subjacente aos verbos e tem contribuído para a elaboração de "tipologias de verbos" que são de facto, muitas vezes, tipologias de predicados.

Nos capítulos que se seguem, analisaremos separadamente o Aspecto Perspectiva, a partir do modelo proposto por Comrie (1976) e o Aspecto Modo de Acção a partir de várias "tipologias de verbos" das quais destacaremos a de Vendler (1967).

I.2.2. O ASPECTO PERSPECTIVA. O MODELO DE COMRIE

Para Comrie (1976) são dois os valores semânticos fundamentais da categoria Aspecto: o valor Perfectivo e o valor Imperfectivo.

O *Aspecto Perfectivo* apresentaria a totalidade da situação referida sem referência à sua constituição temporal interna.

Segundo Comrie

"The whole situation is presented as a single unanalysable whole with beginning, middle and end rolled into one;" (p.3)

O *Aspecto Imperfectivo* faria referência explícita à constituição temporal interna da situação:

"(...) perfective looks at the situation from outside without necessarily distinguishing any of the internal structure of the situation, whereas the imperfective looks at the situation from inside, and as such is crucially concerned with the internal structure of the situation since it can both look backwards towards the start of the situation and indeed is equally appropriate if the situation is one that lasts through all time without beginning and without any end." (Comrie op.cit,p.4)

Comrie (1976) subsume várias oposições que em outros autores têm relativa autonomia dentro da oposição Perfectivo / Imperfectivo (5). Por exemplo, dentro do Imperfectivo insere o Aspecto Habitual e o Aspecto Contínuo; e dentro do Contínuo, o Progressivo e o Não Progressivo.

Como já foi referido, tanto nos trabalhos linguísticos sobre o Aspecto como nos trabalhos sobre a Aquisição é vulgar não ser feita a distinção entre Aspecto e Modo de Acção e usarem-se indiferenciadamente categorias que ora pertencem ao aspecto "strictu sensu" ora pertencem ao aspecto e sentido lato. Esta prática conduz frequentemente a situações confusas e chega mesmo por vezes a dificultar ou a impedir a comparabilidade dos diversos estudos.

Nos estudos sobre aquisição, é normal encontrarem-se "misturadas" categorias como: Perfectivo/ Imperfectivo; Durativo/Não Durativo ou Durativo/Pontual; Resultativo/Não Resultativo ou Completado/Não Completado.

É esse o caso de trabalhos como por exemplo os de Bloom et al. (1980), Bronckart e Sinclair (1973) e Harner (1981), trabalhos esses que sendo dos mais significativos sobre esta matéria optam ou por não diferenciar os dois tipos de aspecto utilizando então um misto de várias categorias, ou por utilizar apenas categorias que relevam do Modo de Acção do verbo (durativo/não durativo, acabado/não acabado, etc.). Nestas circunstâncias os termos Perfectivo/Imperfectivo assumem uma definição pouco precisa: Imperfectivo é normalmente associado a Durativo, a Inacabado, a não Resultativo, etc.; Perfectivo é associado a Pontual, a Acabado, a Resultativo etc.

Confundem-se frequentemente os valores Perfectivo / Imperfectivo com valores relativos à duração das situações assumindo-se que as formas perfectivas reenviam para situações pontuais/não durativas e que as formas Imperfectivas reenviam para situações durativas.

Comrie analisa três casos particulares desta confusão:

a atribuição do perfectivo a situações de curta duração e do imperfectivo a situações de longa duração e, caso talvez mais genérico, a atribuição do perfectivo a situações pontuais (não durativas) em oposição ao imperfectivo que designaria situações durativas.

No entanto é fácil encontrar exemplos que contradizem esta asserções. Formas perfectivas e imperfectivas podem ser usadas para situações com a mesma duração (ex.: "corri durante uma hora"; "corria durante um hora") ou com durações diferentes, dependendo a escolha da forma perfectiva ou imperfectiva da perspectiva que o sujeito toma em relação à situação e não da natureza da situação. A identificação do Perfectivo com situações pontuais é talvez uma das confusões mais persistentes, pelo menos no que diz respeito aos estudos sobre a aquisição da linguagem. E no entanto é fácil pensar-se em situações pontuais apresentadas de forma imperfectiva ("caía"; "reconhecia", etc.) ou em formas perfectivas que não reenviam para situações pontuais ("dormiu"; "comeu").

A este propósito Comrie assinala que,

"While it is incorrect to say that the basic function of the perfective is to represent an event as momentary or punctual, there is some truth in the view that the perfective, by not giving direct expression to the internal structure of a situation, irrespective of its objective complexity has the effect of reducing it to a single point." (1976, p.18)

Mas se o Perfectivo considera uma situação a partir de fora, reduzindo-a a um ponto, esse ponto não é porém um ponto de uma linha mas sim um ponto tridimensional onde a situação temporal interna de um evento, processo ou estado é "condensada" para poder ser descrita "por fora". É ainda Comrie quem escreve:

"Since the notion of a point seems to preclude internal complexity, a more helpful metaphor would be to say that the perfective reduces a situation to a blob rather than to a point: a blob is a three-dimensional object, and can therefore have internal complexity although it is nonetheless a single object with clearly circumscribed limits." (op.cit.,p.18)

Outro conjunto de confusões assinaladas por Comrie diz respeito por um lado à assimilação entre Perfectivo e "completado" e por outro lado à assimilação entre Perfectivo e Resultativo.

Quanto à primeira podemos encontrá-la por exemplo na seguinte definição proposta por Herculano de Carvalho:

"Dans la catégorie de l'aspect deux valeurs s'opposeraient essentiellement l'imperfectif et le perfectif selon que le processus serait (subjectivement) considéré comme encore en acte, dans son développement, ou comme déjà conclu, arrivé à son terme." (1984,p.217)

Para Comrie o Perfectivo denotaria de facto acções completadas no sentido em que vendo as situações como um todo -completo- o sujeito não lhes distinguiria início, meio ou fim. No entanto, o uso de termos como "completada" ou "concluída" levaria a enfatizar demasiado o "terminus" da situação quando de facto a forma perfectiva não dá ênfase especial ao facto de a situação estar ou não completada como não dá ao facto de estar iniciada ou a meio.

"Indicating the end of a situation is at best only one of the possible meanings of a perfective form, certainly not its defining feature."

(Comrie,1976, p.19)

Comrie argumenta ainda que em algumas línguas o perfectivo de alguns verbos (estativos como "*ser*", "*conhecer*", "*saber*") indica o *início* ou *começo* de uma situação e não o seu *resultado* ou "*terminus*" e dá como exemplo frases do tipo: "*Conoci a Pedro hace muchos años*".

Outra confusão corrente é a que assimila o Perfectivo ao Resultativo entendendo-se resultativo como o completamento de uma acção (com mudança de estado que leva a determinadas consequências). Vejamos no entanto o seguinte exemplo:

1) soube que tinhas ganho o totoloto.

2) sabia que tinhas ganho o totoloto.

Neste caso a forma Perfectiva não implica a forma Imperfectiva, mas a forma Imperfectiva ("*sabia*") pode ser vista como sendo o resultado da forma Perfectiva ("*soube*"). Assim, para Comrie,

"resultativity is only one possible type of perfectivity and the term "resultative", like the term "completed" puts unnecessary emphasis on the final stage of the situation rather than on its totality."

(Comrie, op.cit.p.21)

Tal como em relação às dimensões Durativo/Pontual parece-nos preferível conceber a dimensão resultatividade como um traço semântico característico da Aktionsart. Eventualmente poderá ser identificado ou assimilado ao traço (+- télico.)

Apesar desta tentativa de Comrie de subsumir várias distinções aspectuais dentro da oposição Perfectivo / Imperfectivo na prática colocam-se aos investigadores diversas dificuldades pois que as diversas dimensões estudadas acabam inexoravelmente por se cruzar, misturar e confundir. E mesmo autores que defendem que a distinção entre Aspecto e Modo de Acção é fundamental reconhecem as dificuldades com que por vezes nos deparamos para separar estas duas dimensões. Assim, afirma Brinton:

"Despite the distinction between aspect and aksionsart, there are affinities between perfective aspect and punctual aksionsart and between imperfective aspect and durative aksionsart, since the former refer to situations which are, or are portrayed as, complete and whole, whereas the latter refer to situations which are, or are portrayed as, incomplete and enduring." (op.cit. p.111)

1.2.3. COMENTÁRIOS AO MODELO DE COMRIE. O ASPECTO PERSPECTIVA E A SEGMENTAÇÃO DOS EVENTOS POR FASES.

Uma das principais críticas que se pode fazer à conceptualização de Comrie é a de não ter em conta, pelo menos explicitamente, as diversas fases em que se pode segmentar um evento. Para M. Johnson (1981) "*verb aspect involves reference to one of the temporally distinct phases in the evolution of an event through time.*" Esta autora, critica a definição de Comrie por apenas envolver os tempos *internos* ao evento:

"In contrast to this, my definition involves the idea of temporally distinct *phases* of an event, which are to be understood broadly as encompassing the whole sequence of an event's evolution through time.(...) the phases of an event include times that are strictly earlier or later than the time of the event itself." (op. cit. p.152)

Esta concepção é bastante semelhante à de A. Freed (1979) e em geral a todos quantos analisam o Aspecto em termos de *intervalos* ou *fases*.

A. Freed (op.cit.) propõe que os eventos podem ser segmentados em três fases distintas: o Início ("onset"), o Núcleo, e a Coda. Por sua vez o Núcleo tem um Começo, um Meio e um Fim. Há que assinalar porém que nem todos os eventos contêm necessariamente todas estas fases ou segmentos, e que por outro lado, mesmo que um evento as contenha a todas, não é obrigatório que o falante faça referência a todos esses segmentos.

O **INICIO** ("onset") de um evento é um segmento temporal que tem lugar *antes* da parte inicial do núcleo do evento e que corresponde a uma fase preparatória desse evento. Pode ser que este seja o único segmento a ocorrer. Por exemplo, se uma pessoa começa a espirrar mas acaba por não espirrar, então não chegou ao núcleo do evento; pode dizer-se que apenas experimentou o início desse evento (6).

O **NÚCLEO** de um evento pode ser visto como tendo três partes: um **COMEÇO**, um **MEIO** e um **FIM**. O primeiro período do núcleo (ou período inicial) é qualitativamente igual ao resto do núcleo do evento. A diferença entre estas três fases "internas" ao evento é que o período inicial é o primeiro período durante o qual a actividade nuclear ou (característica) do evento se pode dizer que teve lugar. A acção pode ser interrompida a seguir a este período mas apesar disso pode dizer-se que a acção já estava a decorrer. O "onset" e o período inicial do núcleo constituem *limites à esquerda do evento*, através dos quais o evento deve progredir para que se possa considerar que este teve início. Uma vez iniciado, qualquer continuação do evento que ultrapasse a parte inicial do núcleo, constitui o **Meio** e o **Fim** do núcleo do evento.

A **CODA** consiste num segmento de tempo que se situa à direita do núcleo e que é qualitativamente distinto deste. A "coda" constitui um limite à direita do evento. Assim, podemos

distinguir entre eventos que não são limitados à direita, ou seja, que não têm um verdadeiro ponto terminal (ex: "*correr*") e outros eventos que têm um ponto terminal necessário ou "coda" de cuja consumação ou não consumação depende o considerarmos-los como terminados ou não (ex: "*abrir uma caixa*"). Freed caracteriza assim esta diferença:

"Those events which are not considered completed after the end of the nucleus are those that contain the segment designated as the CODA. This implies that many events do not have "endings" which mark them as complete. What they have is rather a negative mark of completion - namely that the event is simply no longer taking place. Other events are distinctive in having a final time segment (the coda) that signals their completion". (op. cit. p. 35)

Segundo Freed, os "*verbos aspectuais*" ou "*aspectualizadores*" reenviam para uma destas fases dos eventos. A autora considera que por exemplo a diferença entre "*start*" e "*begin*" é a de que "*start*" se refere ao "onset" e "*begin*" se refere ao segmento temporal inicial do núcleo. Assim, "*start*" seria anterior a "*begin*" (7). "*Continue*" e "*keep*" referem-se ao núcleo do evento e são por isso considerados como tendencialmente "*imperfectizadores*". "*Stop*", "*cease*" e "*quit*", referem-se à cessação do núcleo de um evento; "*Finish*" e "*complete*" referir-se-iam à "coda" de um evento ao passo que "*end*" se referiria ao último segmento temporal do núcleo, pelo que "*end*" precederia "*finish*", ou seja,

"end" sugere a cessação de um evento, ao passo que "finish", sugere que se tenha levado a seu termo uma determinada Actividade. Quanto à relação entre estes segmentos temporais e as concepções tradicionais de Aspecto Perfectivo e Aspecto Imperfectivo afirma A. Freed:

"the quality of the time segments considered may be divided along the traditional lines of perfective and imperfective. This attempts to capture the difference between those conditions which are "bounded" (specified) with respect to their time interval or duration and those that are open-ended or unspecified with respect to time." (op.cit. p.20)

E embora não aceite que os verbos aspectuais possam ser classificados como intrinsecamente Perfectivos ou Imperfectivos, Freed afirma que "intuitivamente" se poderá compreender que em geral os verbos que limitam os eventos à esquerda ("começar"; "iniciar") ou à direita ("terminar"; "acabar"; "cessar", etc.), funcionam geralmente como *Perfectizadores*, enquanto que os verbos como "manter", "continuar", etc. que apontam para a natureza não especificada ou não limitada temporalmente ("unbounded") dos seus complementos, funcionam geralmente como *Imperfectizadores*.

Tomando como base os trabalhos de A. Freed, L.Brinton (1988) procurou fazer uma distinção clara entre o *Aspecto*

Perfectivo (as formas simples do verbo) e o *Aspecto Fase* no qual distingue o *Aspecto Ingressivo* ("começar a" , "iniciar X") e o *Aspecto Egressivo* ("acabar de" ; "terminar de").

Segundo Brinton, o *Aspecto Perfectivo* seria neutro quanto à duratividade dos eventos, podendo ocorrer quer com Advérbios Durativos quer com Advérbios Pontuais. Os *Aspectos Fase* seriam pontuais dado que se referem ou ao ponto inicial da situação ou ao seu ponto final, sendo apenas compatíveis com Advérbios Não Durativos. Quanto ao *Aspecto Imperfectivo*, Brinton distingue entre o *Aspecto Progressivo* ("João está a cantar") e o *Aspecto Continuativo* ("João continua/mantem-se a cantar"). Os verbos aspectuais que reenviam para o núcleo das situações, remetem portanto para um *Aspecto Continuativo*.

1.3. O MODO DE ACÇÃO E AS TIPOLOGIAS DE VERBOS E DE PREDICADOS

Brinton (1988) faz notar que enquanto os gramáticos e os linguistas se preocuparam sobretudo com a categoria gramatical do Aspecto, os filósofos da linguagem interessaram-se especialmente pela semântica dos verbos:

"Particularly, they have examined the ways in which verbs incorporate features of change, duration, and limitation, as well as agency, and the ways in which situations in the world can be categorized according to these features." (Brinton, op.cit. p.23).

Embora destes trabalhos tenham saído várias tipologias denominadas de "tipologias de verbos", elas constituem de facto caracterizações de predicacões e podem ser consideradas como verdadeiras tipologias da "Aktionsart". Neste capítulo consideraremos em primeiro lugar as Tipologias Binárias e em segundo lugar a Tipologia de Vendler.

1.3.1. AS TIPOLOGIAS BINÁRIAS

A abordagem nocional parte de tipologias de verbos que são normalmente dicotómicas, constituindo por isso "tipologias binárias". São três as principais dicotomias propostas: 1) Estativo vs Não-Estativo; 2) Pontual vs Durativo; 3) Télico vs Atélico.

A) SITUAÇÕES ESTATIVAS E NÃO ESTATIVAS

A dicotomia entre Situações Estativas e Não Estativas, também conhecida como dicotomia entre Estados vs Situações Dinâmicas, Estados vs Processos, Estados vs Eventos, etc. é das mais conhecidas e não nos deteremos aqui muito sobre ela (para mais desenvolvimentos cf. Comrie, 1976; Lyons, 1977; Dowty 1979; Co Vet, 1980) (1). Os testes mais frequentemente utilizados para identificar os Estativos são: a) a sua não ocorrência com o Progressivo; b) a sua não ocorrência com o Imperativo; c) a sua não ocorrência com Advérbios de Modo como "Deliberadamente" ou "Cuidadosamente". Entre as muitas definições e caracterizações dos Estados, salientamos a de Brinton (1988) pelo que tem de sintético e pertinente:

"States are characterized by the inherent qualities of duration and homogeneity, as well as by the lack of change, limits and agency. States exist or endure for an undefined period of time. they do not change or develop during that period; all the temporal phases of a state are undifferentiated. States do not happen; they are not done. Rather, they simply are." (Brinton, op.cit. p.24).

Por seu turno uma situação Não Estativa ou Dinâmica é definida por Lyons (1977, p.483) como qualquer coisa que acontece, ocorre ou tem lugar, podendo ser momentânea ou durativa. Pode ser contínua ou não contínua, homogênea ou não homogênea e pode ser ou não ser controlada por um agente.

B) SITUAÇÕES PONTUAIS E SITUAÇÕES DURATIVAS

Uma outra dicotomia importante é a que distingue entre Situações Pontuais e Situações Durativas. As situações Pontuais são por definição Momentâneas e Instantâneas e por isso incompatíveis com Advérbios Durativos. Para Comrie (1976, p.42),

"punctual situations do not have any duration, not even duration of a very short period. Thus a punctual situation, by definition, has no internal structure".

As situações Durativas "duram" tempo:

"durativity simply refers to the fact that the given situation lasts for a certain period of time (or at least is conceived of as lasting for a certain period of time)" (Comrie, op.cit. p.41)

Para Co Vet (1980,p.49) o teste que mais claramente distingue as situações durativas das situações não durativas, é a pergunta: "*Durante quanto tempo...?*", pergunta esta que seria incompatível com os Aspectos Pontuais/Instantâneos e se combinaria sem qualquer dificuldade com os Aspectos Durativos.

Brinton (op.cit.), por seu turno assinala que os verbos pontuais quando combinados com o Progressivo dão origem a expressões iterativas ao passo que as situações durativas

quando combinadas com o Progressivo dão origem a processos homogéneos.

Uma das maiores dificuldades da noção de Pontual é a de saber se existe alguma situação que possa ser verdadeiramente considerada como Pontual dado que na realidade todas as situações, para existirem de facto, têm de ter alguma duratividade, por mínima que seja. A este propósito argumenta Brinton:

"punctuality is, like a mathematical point, an abstraction, but what is significant is that speakers represent situations as punctual, despite their brief duration." (op.cit., nota 26, p.251)

Mas se do ponto de vista teórico uma posição deste tipo é perfeitamente aceitável, já de um ponto de vista mais "prático" e operacional deparamo-nos muitas vezes com problemas bastante complexos na identificação dos verbos pontuais. Por exemplo, como assinala Dowty (1979, p.130, nota 7), há verbos pontuais que são de facto incompatíveis com Advérbios de Duração e com Tempos Contínuos (ex: * *"João está a reconhecer um estranho na sala"* ou * *"João reconheceu um estranho na sala durante cinco minutos"*), mas há outros verbos, que em princípio seriam Pontuais e que no entanto são facilmente compatíveis com Tempos Contínuos (ex: *"João está a morrer"*; *"João está a chegar"*). Neste sentido Freed (1979, p.52) propôs uma distinção entre Pontuais "*instantâneos*" ou "*súbitos*" e Pontuais "*graduais*",

incluindo nestes últimos verbos como "morrer", "adormecer", etc. Voltaremos a abordar estes problemas aquando da nossa definição de critérios para a classificação deste tipo de verbos no nosso "corpus".

C) SITUAÇÕES TÉLICAS E ATÉLICAS.

De entre as situações durativas podem distinguir-se aquelas que têm um ponto terminal necessário daquelas que o não têm. Garey (1957) distinguiu assim entre verbos "téllicos" (que contêm um ponto terminal ou um "goal") e verbos "atélicos",

"those which do not have to wait for a goal for their realization, but are realized as soon as they begin." (Garey, op. cit. p.106).

Garey propôs o seguinte teste para distinguir os verbos téllicos dos atélicos: "if one was verbing but was interrupted while verbing, has one verbed?"; Se a resposta é "sim" então o verbo é atélico, se a resposta é "não", então o verbo é téllico.

Tomemos dois exemplos:

<1>- "Se alguém se estava a afogar e foi interrompido, pode dizer-se que se afogou?" Como a resposta é Não, então "afogar" é um verbo téllico.

<2>- "Se alguém estava a cantar e foi interrompido pode dizer-se que cantou?" Como a resposta é Sim, então "cantar" é um verbo atélico.

é necessário distinguir aqui entre pontos terminais necessários ou intrínsecos às actividades e pontos terminais arbitrários. Qualquer processo ou actividade pode ter um ponto terminal arbitrário o que não faz de si um verbo ou uma situação télica.

Garey chamou ainda a atenção para a interacção entre o verbo e o complemento, o que, como têm assinalado diversos autores, faz pensar que estas questões devem ser tratadas ao nível da "predicação" e não ao nível do "verbo". Assinalava a este propósito aquele autor:

"If there is a direct object, and if this object designates something that has a structure with a temporal ending to it - a game of chess or of tennis, a Beethoven sonata- the expression verb-plus object is telic. In the contrary case, if the complement of the verb is atelic- aux échecs, ("chess"), du violon ("the violin"), du Beethoven ("some Beethoven")- or if there is no object (for example, il a joué toute la journée ("he played all the day"), il joue très bien (he plays very well"), the expression is atelic." (Garey, op.cit.p.107)

Garey compara expressões como "Tocar Mozart", "Tocar algum Mozart" ou "Tocar um concerto de Mozart" e constata que o verbo em si mesmo permanece atélico, "*it is only the complement that puts a term to the activity*" o que em si mesmo não muda a natureza da actividade em jogo mas muda o Aspecto da predicação: "*it follows that the aspect of a*

construction with an atelic verb depends on the aspect of the complement" (op.cit. p.108).

Estas observações de Garey são extremamente importantes porque prefiguram uma série de problemáticas que irão ser discutidas em trabalhos teóricos posteriores sobre o Aspecto nomeadamente quanto à influência da natureza dos argumentos do verbo - além evidentemente, da natureza do próprio verbo - sobre a Aspecto de uma predicção (para sínteses sobre estas problemáticas ver Dowty, 1979; Co Vet, 1980; Brinton, 1988). Julgamos também que esta discussão de Garey prefigura a distinção que irá ser feita mais tarde por Vendler (1967), e que adiante discutiremos, entre Actividades e "Accomplishments".

1.3.2. A TIPOLOGIA DE VERBOS E DE PREDICADOS DE VENDLER

Embora sem nunca se referir ao termo "Aspecto" ou "Modo de Acção", Vendler (1967) refere-se a "*time schemata presupposed by various verbs*",

these time schemata will appear as important constituents of the concepts that prompt us to use those terms the way we consistently do. (...) there are a few such schemata of very wide application." (Vendler, op. cit.p. 98)

No seu trabalho "*Verbs and Times*", este autor propôs-se então a tarefa de "*to locate and describe the most common time schemata implied by the use of English verbs.*" (op.cit.,p.98).

Vendler distingue em primeiro lugar os verbos que admitem tempos contínuos dos verbos que não admitem tempos contínuos. Esta diferença de comportamento sintáctico assinala a diferença entre *Processos* e *não Processos*. Por exemplo os verbos "*correr*" e "*escrever*" (que podem ocorrer na forma progressiva), consistem em fases que se sucedem no tempo ao passo que verbos como "*saber*" não se referem a processos que estejam a ocorrer ou a desenrolar-se no tempo. Como afirma Vendler:

"It may be the case that I know geography now, but this does not mean that a process of knowing geography is going on at present consisting of phases succeeding one another in time." (op.cit. p.100)

Por outro lado, Vendler subdivide os Processos em duas outras categorias: as *Actividades* e os "*Accomplishments*"(2).

Vendler parece atribuir três características básicas às *Actividades*. Por um lado são atéticas ou seja, são processos que não incluem ou não implicam um ponto terminal para que se considerem realizados. Tomemos como exemplo "*correr*" e

"empurrar uma carta" (e os exemplos são os do próprio Vendler); Se alguém está a correr e parou de correr ou se alguém está a empurrar uma carta e deixou de a empurrar pode dizer-se respectivamente que esse alguém correu ou empurrou uma carta mesmo que no momento actual já não esteja a correr ou a empurrar a carta. Isto é, para que o processo seja dado como realizado basta que ele se tenha iniciado. Pelo contrário, de alguém que começou a *"correr uma milha"* ou a *"desenhar um círculo"* mas parou de correr ou de desenhar não se pode dizer que tenha necessariamente corrido uma milha ou desenhado um círculo. Isto significa que para que estes processos se possam considerar realizados eles têm de ter atingido e completado o seu ponto terminal. A este tipo de processos Vendler denominou de *"Accomplishments"*. A diferente telicidade das Actividades e dos Accomplishments faz com que estes processos tenham realizações temporais diferentes. Embora ambos sejam processos durativos, os Accomplishmentss, porque realizam um ponto terminal, decorrem num período definido de tempo ao passo que as Actividades decorrem num período indefinido de tempo. Assim, podemos perguntar relativamente às Actividades: *"Durante quanto tempo correu ele?"* mas não *"Quanto tempo demorou ele a correr?"*; esta segunda questão identifica os "Accomplishments": *"quanto tempo demorou ele a correr uma milha?"*.

Uma outra diferença que decorre ainda da diferente telicidade destes processos diz respeito à sua homogeneidade ou não homogeneidade. Por exemplo se nos referirmos a "*escrever*" ou a "*correr*" (Actividades) estamos a referir-nos a processos homogêneos dado que qualquer dos momentos em que X escreve ou corre é idêntico a qualquer dos momentos do intervalo de tempo em que X corre ou escreve ("*any part of the process is of the same nature as the whole*", pág.101). Pelo contrário, se dissermos de alguém que "*correu quatro milhas*", pode ser verdade que em cada um dos momentos tenha corrido, mas não é verdade que em cada um dos momentos tenha corrido quatro milhas. Em suma, as Actividades caracterizam-se basicamente por serem atélicas (ou seja, são processos sem um ponto terminal necessário), homogêneas e por durarem um período indefinido de tempo. Em contrapartida, os "Accomplishments" são téllicos e ocorrem durante um período de tempo determinado. De comum com as Actividades, têm o facto de serem Processos Dinâmicos (Não-Estativos) e de serem Durativos.

No outro "genus" Vendler agrupa os Estados e os "Achievements" por não aceitarem a forma progressiva:

"(...) verbs like *knowing* e *recognizing* do not indicate processes going on in time, yet they may be predicated of a subject for a giving time with truth or falsity." (p.102)

Vendler distingue então os verbos que podem ser predicados para momentos únicos, dos verbos que podem ser predicados para períodos mais ou menos longos no tempo. Os primeiros correspondem aos "Achievements"; os segundos correspondem aos Estados. "Atingir a montanha", "ganhar a corrida", "reconhecer alguém", são típicos "Achievements", acontecimentos que se realizam pontualmente em momentos definidos. Pelo contrário, "Saber" ou "Acreditar em qualquer coisa", "Amar" ou "Dominar alguém", constituem predicacões sobre períodos de tempo mais ou menos longos. Os "Achievements" respondem a questões como: "*A que horas?*"; "*Em que momento?*"; Os Estados respondem a questões como: "*Durante quanto tempo?*"; "*Por quanto tempo?*".

1.3.3. COMENTÁRIOS À TIPOLOGIA DE VENDLER

Esta tipologia de Vendler tem sido comentada, detalhada e testada por diversos autores (Freed, 1979; Dowty, 1979; Co Vet, 1980; Hoepelman e Rohrer, 1980; Smith, 1983; Brinton, 1989), autores estes que de uma forma ou outra têm também tentado *formalizar* as distinções intuídas por Vendler, ou pelo menos explicitá-las o mais possível, tentando retirar-lhes precisamente esse estatuto de intuições para lhes dar uma verdadeira dimensão teórica.

Smith (1983) enfatiza a distinção entre Estados e Eventos. Os Estados são situações que não implicam mudança, o que implica que as fronteiras Inicial e Final da situação não fazem parte do Estado, já que qualquer transposição de uma fronteira inicial ou final implica uma mudança de estado. É isto precisamente que caracteriza os Eventos. Smith inclui na denominação "Eventos" quer os "Achievements", quer as Actividades, quer os "Accomplishments", pois todos eles implicam uma Mudança de Estado. Os Achievements e o Accomplishments teriam uma estrutura interna que não seria homogénea, ou seja, passariam por *fases* desde o seu início ao seu "terminus". Tanto os Achievements como os Accomplishments teriam "pontos terminais naturais" ou seja, as fronteiras iniciais e terminais do evento fariam parte do próprio evento. Smith faz corresponder a sua expressão "pontos terminais naturais" com o termo "télico" de Garey (1957), que já atrás discutimos. Pelo contrário, as

Actividades são homogéneas e têm "pontos terminais arbitrários".

Dowty (1979) apresenta uma série de "testes" que são extremamente úteis para a determinação da classe aspectual a que uma determinada predicação pode pertencer. Porque esses testes são utilizados pela generalidade dos autores, reproduzimo-los aqui tal como são apresentados em Dowty, 1979 (p.60). A generalidade dos testes que utilizaremos no Cap. VI.3.2. deste trabalho, (capítulo em que definimos os critérios para a classificação dos verbos e predicções do nosso corpus) provêm directa ou indirectamente deste Quadro.

TABLE I

Criterion	States	Activities	Accomplishments	Achievements
1. meets non-stative tests	no	yes	yes	? ⁷
2. has habitual interpretation in simple present tense:	no	yes	yes	yes
3. ϕ for an hour, spend an hour ϕ ing:	OK	OK	OK	bad
4. ϕ in an hour, take an hour to ϕ :	bad	bad	OK	OK
5. ϕ for an hour entails ϕ at all times in the hour:	yes	yes	no	d.n.a.
6. x is ϕ ing entails x has ϕ ed:	d.n.a.	yes	no	d.n.a. ⁸
7. complement of stop:	OK	OK	OK	bad
8. complement of finish:	bad	bad	OK	bad
9. ambiguity with almost:	no	no	yes	no
10. x ϕ ed in an hour entails x was ϕ ing during that hour:	d.n.a.	d.n.a.	yes	no
11. occurs with <i>studiously, attentively, carefully, etc.</i>	bad	OK	OK	bad

OK = the sentence is grammatical, semantically normal
 bad = the sentence is ungrammatical, semantically anomalous
 d.n.a. = the test does not apply to verbs of this class.

Brinton (1988) por seu turno, caracterizou as categorias de Vendler a partir de quatro traços semânticos fundamentais: (+-) Estativo; (+-) Durativo; (+-) Télico; (+-) Voluntário.

Os *Estados* são situações que ocorrem ao longo de um período indefinido de tempo e sem um ponto terminal necessário; os estados não podem ser voluntários; não envolvem mudança ou desenvolvimento.

As *Actividades* são situações durativas que ocorrem ao longo de um período indefinido de tempo e que não têm um objectivo ("goal") inerente ou um ponto terminal definido. As Actividades implicam que haja alguma mudança; podem ser voluntárias (ex: "uma pessoa corre") ou não voluntárias (ex: "um rio corre").

Os *Accomplishments* reenviam para situações durativas que ocorrem no tempo mas têm um objectivo ("goal") necessário ou um ponto terminal definido. Assim, podemos dizer que enquanto as Actividades *duram* tempo ("correr"; "correr durante uma hora") os "Accomplishments" *consomem* tempo a realizar o processo desde o seu início até ao seu ponto terminal ("correr um quilómetro"). Isto é, enquanto que as Actividades respondem à pergunta: "Durante quanto tempo?", os Accomplishments respondem à questão: "Quanto tempo demorou a?". Tal como as Actividades, os Accomplishments

podem ser voluntários (*dar uma aula*) ou involuntários (*recuperar de uma doença*).

Os *Achievements* são situações pontuais que têm lugar num ponto específico do tempo; são geralmente não voluntários (ex: *nascer*), mas também podem ser voluntários (ex: *casar-se*). Para Brinton (op.cit,p.28) o traço *Telicidade* não se aplica às situações não durativas e logo não se aplica aos achievements, embora este não seja um ponto consensual entre os diversos investigadores.

Nas páginas seguintes apresenta-se um Quadro que sintetiza os traços semânticos mais relevantes e característicos de cada uma destas classes de verbos bem como o conjunto de "testes" que segundo Brinton (op.cit.) são os mais adequados para a discriminação entre essas diversas classes.

<i>TRAÇOS SEMANTICOS DAS CLASSES DE VERBOS DE VENDLER</i>	
<i>(Brinton, 1989)</i>	
<u>ESTADOS</u>	<u>ATIVIDADES</u>
(+) estativo	(-) estativo
(+) durativo	(+) durativo
(-) télico	(-) télico
(-) voluntário	(+-) voluntário
<u>ACCOMPLISHMENT</u>	<u>ACHIEVEMENTS</u>
(-) estativo	(-) estativo
(+) durativo	(-) durativo
(+) télico	(+-) voluntário
(+-) voluntário	

TESTES PARA DISTINGUIR AS QUATRO CLASSES

(BRINTON 1988, p.242)

ATIVIDADES

- 1) Consistem em fases sucessivas.
- 2) Respondem à questão "Durante quanto tempo?"
- 3) Ocorrem ao longo de um período indefinido de tempo.
- 4) Ocorrem no tempo de uma forma homogênea.
- 5) Não têm um ponto terminal, logo não podem ser finalizadas.
- 6) Se se pára de "estar a -x-" (Progressivo), então -x- (Passado).
- 7) Apela para períodos de tempo que não são únicos nem definidos.

ACCOMPLISHMENTS

- 1) Respondem à questão: "quanto tempo demorou a?..."
- 2) Têm um ponto terminal ou "climax" que é logicamente necessário.
- 3) Ocorrem durante um período de tempo determinado.
- 4) Não ocorrem de uma forma homogênea.
- 5) Podem ser terminados.
- 6) Se se pára de "estar a -x-" (Progressivo) então não se "-x- (Passado)".
- 7) Se se x numa hora então em qualquer momento dessa hora está-se a x.
- 8) Implica a noção de períodos de tempo únicos e definidos .

ACHIEVEMENTS

- 1) São predicacões sobre momentos únicos.
- 2) Respondem à questão : "A que horas?"
- 3) Não ocorrem em tempos verbais contínuos.
- 4) Alguns não são acções.
- 5) Logo que x implica que se tenha x (*Passado*).
- 6) Se se leva uma hora para x , então em qualquer ponto dessa hora não se está a " $x + Progressiva$ ".
- 7) Implica periodos de tempo únicos e definidos.

ESTADOS

- 1) Não ocorrem em tempos contínuos.
- 2) São predicacões sobre um dado período de tempo.
- 3) Respondem à questão: "Durante quanto tempo?"
- 4) Muitas vezes nomeiam capacidades, qualidades, hábitos.
- 5) Não ocorrem com "*deliberadamente*", "*cuidadosamente*".
- 6) Não são processos ou acções.
- 7) Implicam periodos de tempo que são indefinidos e não-únicos.

**PARTE II - A REFERÊNCIA
TEMPORAL NA LINGUAGEM DA
CRIANÇA**

II.1. A REFERÊNCIA TEMPORAL NA INTERACÇÃO ADULTO-CRIANÇA

II.1.1. ASPECTOS GENÉRICOS DA INTERACÇÃO ADULTO-CRIANÇA E DO DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO SIMBÓLICA NA CRIANÇA

O estudo da interacção adulto-criança tem assumido diversas vertentes das quais deixaremos aqui apenas uma imagem em esboço. Assim por um lado podemos identificar uma linha de investigação (cf. por exemplo M.McTear, 1985) que tem procurado estudar o desenvolvimento da competência conversacional na criança, a partir de uma perspectiva que diríamos ser, com algum exagero é certo, "estritamente" centrada nos aspectos interactivos/conversacionais. Por exemplo, alguns temas comuns neste tipo de pesquisa são o estudo da capacidade de introdução e manutenção de tópicos, o controle das "reparações", a capacidade de iniciar ou responder a pedidos de clarificação, ou o desenvolvimento da capacidade de adaptação aos turnos conversacionais.

Por outro lado tem-se procurado estudar a função e o papel da interacção no desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança ou seja, a função facilitadora e de apoio que o adulto provê ao interagir com a criança. Um conjunto importante de investigações nesta linha tem sido protagonizado por C. Snow (Snow e Ferguson, 1977; Snow, 1986). Estes trabalhos têm mostrado que para além da especificidade da linguagem de Interacção Adulto-Criança em termos dos tópicos e dos conteúdos tratados, também do ponto

de vista formal / linguístico essa linguagem assume características muito particulares, a tal ponto que a linguagem utilizada pelos adultos para falar com as crianças foi apelidada de "*Baby Talk*". Em geral, pode dizer-se que os enunciados que os adultos utilizam com as crianças são mais curtos, mais lentos, mais marcados do ponto de vista prosódico e sintácticamente mais simples do que os enunciados característicos das interações entre adultos. Vários autores sugeriram que estas características contribuem para que se crie ou "negoceie" um "acordo" ou um "contrato" entre o adulto e a criança para que as formas linguísticas ocorram em contextos semânticamente "transparentes" permitindo assim à criança "quebrar o código" e descobrir as correspondências entre as formas e os conteúdos.

Um outro conjunto de investigações tem sido protagonizado por J. Bruner (1983) sendo de salientar neste autor uma influência marcante dos trabalhos pioneiros de Vygotsky (1979). A emergência da linguagem na criança é aqui estudada em contextos interactivos altamente rotinizados tais como os "jogos pré-linguísticos", os jogos instrucionais ou a "leitura" conjunta de livros. Bruner apelidou estas rotinas interaccionais de "*formatos*" que define como

"highly framed or formatted situations: familiar and routinized settings in which the two members of

the pair are operating in a highly known microcosm, with fairly easily recognized intentions, and where the adult can most easily calibrate his or her hypotheses about what the child means." (Bruner, 1985, p.27).

Bruner (1978) identificou três estratégias utilizadas pelas mães em situações de interacção diádica no contexto destes "formatos de desenvolvimento". Uma é a que designa por processo de "*scaffolding*" ou apoio progressivo e sincronizado em que o adulto dá à criança as "pistas" necessárias para que esta possa desempenhar o seu papel de parceiro no diálogo, permitindo-lhe preencher as falhas com que se vai deparando. Outra estratégia é a de "*extensão*" que remete para o alargamento das funções e situações em que os enunciados podem ser utilizados. Finalmente identificou ainda uma estratégia a que chama de "*communicative ratchet*" e que consiste em prevenir ou impedir as regressões e estimular uma nova construção que sirva de plataforma para um novo desenvolvimento posterior. O modelo de Bruner pressupõe que o adulto funciona como *consciência vicária* da criança, estimulando-a sempre naquilo a que Vygotsky chamou de "*Zona de Desenvolvimento Potencial*". Com efeito, Vygotsky distinguiu entre o "Nível de Desenvolvimento Efectivo" da criança e a sua "Zona de Desenvolvimento Potencial". O *Nível de Desenvolvimento Efectivo* corresponde a tudo aquilo que a criança consegue realizar sózinha, a *Zona de Desenvolvimento Potencial* corresponde a tudo aquilo que a criança consegue realizar com o auxílio dos adultos. Para Vygotsky "*o que a*

criança pode fazer hoje com o auxílio dos adultos, podê-lo-á fazer amanhã por si só" (1977, p.44). Esta afirmação parte de um dos pressupostos básicos da teoria Vigotskiana, a saber, a chamada "*lei fundamental do desenvolvimento*" que o autor formula nos seguintes termos:

"Todas as funções psico-intelectuais superiores aparecem duas vezes no decurso do desenvolvimento da criança: a primeira vez nas actividades colectivas, nas actividades sociais, ou seja, como funções intersíquicas; a segunda, nas actividades individuais, como propriedades internas do pensamento da criança, ou seja, como funções intrapsíquicas." (Vygotsky, 1977, p.46)

A concepção de Vygotsky aponta pois para um desenvolvimento orientado no sentido do social para o individual o que implica um progressivo processo de *internalização* das funções mentais, processo esse que é precisamente levado a cabo pelo parceiro mais competente e que por isso desempenha no processo de interacção, o papel de "tutor" e de *mediador* entre a Língua e a Cultura a serem adquiridas e o sujeito psicológico em desenvolvimento e em situação de apropriação desses elementos culturais. é neste contexto que Bruner situa a importância dos "formatos de desenvolvimento", nos quais o "tutor" tem como função limitar a complexidade das tarefas a níveis compatíveis com as competências já adquiridas pela criança, bem como às suas limitadas capacidades de atenção, memorização, processamento e tratamento da informação (1).

Os modelos a que nos temos vindo a referir estão presentes, de uma forma ou doutra, nos trabalhos que referiremos em seguida e que tratam especificamente da referência temporal na interacção adulto-criança. Mas poderíamos ainda identificar um outro conjunto de investigações que, embora não descurando a dimensão interactiva-social do desenvolvimento infantil, enfatizam bastante mais a questão do desenvolvimento das capacidades de representação mental da criança como factor explicativo das mudanças observadas na cada vez mais "poderosa" e flexível capacidade de referência temporal da criança. Muitos destes estudos têm como principal horizonte teórico os trabalhos de Piaget (cf. em especial Piaget, 1971) sobre o desenvolvimento da "*função semiótica*" ou "*função simbólica*". Este desenvolvimento implica a passagem de uma "inteligência prática" ou sensório-motora para uma "inteligência representativa" ou simbólica, que pode ser "pensada" ou representada internamente e não tem necessariamente de ser "agida". Piaget situa as raízes da "função semiótica" na *imitação* (ainda durante o período sensório-motor) e posteriormente na *imitação diferida* (imitação na ausência do modelo), no *jogo simbólico*, no *desenho*, na *imagem mental* e finalmente na "*evocação verbal*". Naturalmente que o que há de comum entre todas estas actividades, é a capacidade de representar alguma coisa através de uma outra coisa: um objecto, um gesto, uma forma verbal, enfim, através de alguma forma de índice, símbolo ou signo, sejam eles de que natureza forem.

Só com a passagem do período sensório-motor para os períodos posteriores da inteligência representativa, é possível a passagem de uma concepção subjectiva do tempo para uma concepção mais objectiva e representativa do mesmo.

Piaget (1946) assinala que inicialmente o tempo é vivido em "séries subjectivas", centradas na actividade da própria criança e dependentes dela. Por exemplo, a criança consegue perceber uma sucessão de acontecimentos, quando foi ela própria a gerar essa sucessão ou quando o "antes" e o "depois" são relativos à sua própria actividade. Porém, basta que os fenómenos percebidos se desenrolem independentemente dela para que ela negligencie completamente a ordem dos acontecimentos. Com o advento da função simbólica o tempo ultrapassa as limitações da actividade própria e passa a aplicar-se a factos e situações externas e independentes do sujeito. Com a possibilidade de evocação de situações ausentes, as relações "antes" e "depois" estabilizam-se e a criança fica apta a situá-las num "tempo representativo" que a engloba a si mesma e ao mundo.

II.1.2. A INTERACÇÃO ADULTO-CRIANÇA E A REFERÊNCIA AO PASSADO

A) A REFERÊNCIA AO PASSADO ATRAVÉS DE ROTINAS CONVERSACIONAIS E REFERÊNCIAS A EVENTOS GENERALIZADOS

Sachs (1983) atribui a Brown e Bellugi (1964) a caracterização da linguagem infantil como uma linguagem do *Aqui-e-Agora*. "Aqui e agora" que é tanto uma característica da fala da criança como da linguagem que o adulto dirige à criança. Assim, vários autores têm sublinhado que são invulgares as conversações adulto-criança que não estão focalizadas em aspectos do contexto imediato. Apesar de tudo, como afirma Sachs (op. cit.), existem sempre referências ocasionais a objectos ou eventos que não estão no contexto imediato, nomeadamente referências a experiências passadas ou a contextos de fantasia.

Sachs utilizou os dados provenientes de gravações e de um diário sobre a sua filha *Naomi*, entre os *17 e os 36 meses* de idade para por um lado descrever a emergência destas formas de "*deslocamento*" espacial e temporal (2), em contexto de interacção adulto-criança e por outro lado explorar o papel facilitador que o discurso do adulto poderia ter para a introdução da criança a este tipo de referência.

No que diz respeito aos tópicos de *deslocamento espacial* Sachs descreve uma evolução dos tópicos de deslocamento que

vai da petição ("*onde está X?*") acompanhada de deicticos e de gestos de apontar, (sensivelmente *até aos 22 meses*) até à capacidade, mais sofisticada, de usar essas referências para comentar e descrever, ou seja, para falar sobre objectos que não estão presentes no contexto imediato. Mas, como assinala Sachs, o problema básico com que criança e adultos se defrontam ao tentarem falar sobre tópicos deslocados, é o de que não existe um mecanismo simples, como *apontar*, para chegarem a acordo sobre o referente. Assim este problema de acordo referencial era resolvido essencialmente pela mobilização de duas estratégias convergentes: por um lado pela utilização de *rotinas conversacionais* (com recurso a temas recorrentes como: comentários sobre o pai que foi para o trabalho; perguntas sobre onde é que está o avô/avó; perguntas sobre determinados brinquedos específicos que não estão presentes, etc.) e por outro lado através de *conversações sobre referentes únicos* (o sol, a lua, etc.).

As *rotinas conversacionais* eram de início bastante primitivas e evoluíam de um conjunto de respostas aprendidas e "decoradas" para o uso de respostas contingentes e adequadas em relação às questões que eram postas. Quando surgiam pela primeira vez novos tópicos do tipo "referência deslocada" eles tendiam a aparecer em rotinas conversacionais. Nestas rotinas Sachs identifica procedimentos interactivos semelhantes aos que Bruner apelidou de "*scaffolding*" e de "*successive guidance*":

"There were conversational routines that provided an opportunity for the use of displaced reference, paving the way for productive conversation. In each case, the general topic was set (for example, talking about the moon). However, the exact content and linguistic forms within that conversational topic were variable and became progressively less fixed over time, until there was no longer a routine at all, but simply a possible topic of conversation." (Sachs, op.cit. p.11)

Relativamente à segunda estratégia *-referência a objectos únicos-* pode dizer-se que quase todas as conversações bem sucedidas tinham a ver com referentes que não precisavam de mais especificações. Quando a identificação do referente não era tão fácil a criança revelava bastantes dificuldades em fornecer as indicações suplementares necessárias, dificuldades essas que são confirmadas pelos diversos estudos sobre a *"comunicação referencial"* (3).

Quanto ao desenvolvimento da *referência temporal* Sachs destaca três períodos no desenvolvimento da criança estudada. No **primeiro período**, (*entre os 1;5 e os 2;1*) a criança referia-se quase exclusivamente a eventos que estavam a ocorrer, ao Passado Imediato e a Intenções. De início, muitos Passados Imediatos não eram marcados sintacticamente. Aos *22 meses* começa a aparecer o morfema *"-ed"* que no entanto serve só para marcar o Passado Imediato; pelo contexto das suas frases podia inferir-se que estava a falar de eventos que tinham acabado de ocorrer. A emergência simultânea dos morfemas *"-ed"* e *"-ing"* sugere que

Naomi começava a fazer distinções entre *eventos completados* e *eventos em progresso*.

O segundo período descrito por Sachs, e que ocorre *entre os 2;2 e os 2;7* caracteriza-se por um alargamento das referências ao passado que incluem agora eventos e actividades que ocorreram durante o dia. Surgem simultaneamente, vários itens lexicais que mostram o seu crescente conhecimento das relações temporais: "*yet*"; "*already*"; "*still*"; "*in a minute*"; e "*yestermorning*" (usado para se referir a qualquer momento do passado). Falar sobre os acontecimentos do dia constituía uma rotina conversacional frequente; numa primeira fase o adulto fazia as perguntas e dava as respostas e a criança respondia com imitações. Eventualmente estas rotinas evoluíam para verdadeiras conversações. Para Sachs,

"These conversations about the events of the day seem to form a bridge between reference to events in the context and reference to past events in general." (p.14)

É ainda interessante assinalar que nesta fase (*aos 29-30 meses*) a criança começa a demonstrar um interesse súbito em *pôr eventos em sequência*, em particular em situações de referência ao futuro.

No terceiro período, *entre os 2;8 e os 3;0*, Naomi começa a fazer referência, espontaneamente, a experiências passadas e

a planos futuros. Embora estas conversações fossem em geral curtas, elas eram já relativamente frequentes.

Por fim, no final do período estudado, quando Naomi tinha cerca de *3 anos*, conseguia envolver-se em conversas sobre experiências passadas *partilhadas* e em conversas sobre objectos não presentes sem o suporte do contexto imediato ou do adulto. No entanto, aos três anos as conversações sobre objectos ausentes, passado e futuro são ainda relativamente raras e quando existem são muito curtas e iniciadas pelos adultos.

Sachs analisou igualmente o discurso que os pais dirigiam às crianças na perspectiva de que

"adults might introduce material that is still outside the child's system, but that the child is ready to acquire." (op.cit.p.16)

Sachs faz notar que no discurso dos adultos para a criança (no período *entre os 20 e os 25 meses*) cerca de *50%* das referências ao passado, eram do tipo "*Passado Imediato*" (4), mas de uma forma particular de Passado Imediato (*PI*). É que se entre adultos o Passado Imediato é utilizado essencialmente para comentar algo que o outro interlocutor não notou, o *PI* utilizado com as crianças normalmente reenviava para algo que a criança acabara de fazer ou para

"questões instrucionais" sobre acontecimentos que tinham acabado de ocorrer.

Quanto aos enunciados referente ao Passado Remoto (*PR*) eles começavam por aparecer não como iniciativa da criança mas sim como respostas a iniciativas dos pais. Os pais faziam referências ao Passado Remoto mesmo quando a criança parecia não as compreender, o que para Sachs não significa da parte dos adultos insensibilidade às competências já adquiridas pela criança mas sim que as referências parentais ao *PR* serviam para "introduzir as crianças a uma nova ideia, através da interacção linguística".

Em suma, tanto para o deslocamento espacial como para o deslocamento temporal

"there are context-bound language forms that serve as precursors to the development of reference to absent objects and past or future events." (p.22)

E relativamente à referência ao tempo passado a autora afirma:

"In acquiring past reference, consistent with results of previous research, the child observed here commented on just-completed events in the immediate situation for some time before she used her language in the more abstract sense, to refer to events that had occurred at an earlier time." (p.22)

Um outro estudo fundamental realizado sobre esta matéria é o de Eisenberg (1985). Esta autora define também três fases no desenvolvimento do discurso de referência temporal.

A primeira fase corresponde a um predomínio total da iniciativa do adulto, com rotinas conversacionais e respostas "sim"/"não" por parte da criança bem como respostas nominais com apenas uma palavra. Raramente eram introduzidos pela criança tópicos de eventos passados e normalmente só produziam -e desde que solicitadas para isso- um ou dois enunciados sobre um tópico. Os enunciados continham muito poucos verbos e envolviam rotinas simples sobre objectos ou pessoas de família.

Na segunda fase, as crianças estavam muito menos dependentes do processo de "scaffolding" proporcionado pelas intervenções dos adultos. Observam-se então mais enunciados que são da iniciativa da criança. Por outro lado, os enunciados infantis são agora mais compridos, apresentam mais informação nova, e os enunciados subsequentes não têm de ser provocados ou solicitados pelo adulto. Quase todos os enunciados contêm agora verbos, e aparecem flexionados no passado.

No entanto os eventos relatados nesta fase ainda não são essencialmente eventos únicos mas referem-se antes ao "script" de eventos generalizados (a ida ao médico, ao

circo, ao jardim zoológico), ou a elementos desses "scripts" (ex: lista dos animais do jardim zoológico). Para além destes eventos generalizados ocorrem também tópicos de que já se experimentou falar, cenas familiares à criança (por ex. a sua festa de anos, a festa de anos de outra criança.) Normalmente os tópicos são uma mistura destes dois tipos.

Eisenberg corrobora a tese de Snow segundo a qual esta referência a eventos generalizados funciona como uma "ponte" preciosa entre uma fase em que a conversação da criança está totalmente dependente do adulto, e uma fase em que ela consegue já desenvolver um tópico sózinha:

"An important aspect of the lack of reference to unique occurrences and the discussion of only general elements is that it enables an adult and child to discuss an event without the child having to remember the unique aspects of a specific event. (...) Actual memory for the event is much less important than either knowing the appropriate responses to familiar questions or knowing the content of routine and familiar activities and conversations. Children can talk about events without remembering or even completely understanding them if the structure for the conversation is provided either by the conversational topic or the event itself. The child needs only to know what fits together in a discourse context" (Eisenberg, op.cit.,p.194)

A terceira fase de desenvolvimento descrita por esta autora, caracteriza-se por ser muito menos dependente do adulto. A maior parte das referências ao passado já não são provocadas pelo adulto nem necessitam, para surgirem, de serem evocadas pelo contexto presente; quaisquer situações podem dar origem

a referências ao passado e a criança consegue agora "mover-se" do presente para o passado como do passado para o presente. Mas a característica fundamental desta fase é a de que as conversações deixam de ter como tópico principal as rotinas, e a criança passa a referir-se a ocorrências únicas dos eventos que descreve. Neste período, quanto maiores são as descrições de eventos passados, maior é também a desorganização dessas descrições. Não existe ainda um desenvolvimento coerente de um tópico mas sim uma espécie de rede associativa de tópicos que vão sendo despoletados uns atrás dos outros sendo as conversações essencialmente de dois tipos: lista de tópicos e lista de elementos. Existe ainda alguma confusão entre o real e o imaginado e não é tida em conta a perspectiva do ouvinte (por exemplo, muitas vezes a criança não identifica o sujeito da frase).

Em suma, quando a criança começa a falar sobre as suas experiências passadas, ela passa de descrições rotinizadas, breves e guiadas pelos adultos, para descrições longas mas desorganizadas de ocorrências específicas. Numa fase intermédia, pode dizer-se que o apoio inicial dos adultos é, de certa forma, substituído pelo conhecimento que a criança tem de eventos generalizados.

"During this period when children are acquiring general knowledge of events, adults guide children experiences before they happen, as they occur, and after they have already taken place. In short, actual participation in conversations about past experiences may have the general effects both of

providing the linguistic forms for describing such experiences and of illustrating to children how to think about events and how to internalize the information in such a way that they can report it without further support. Children first have to learn the structure of events and the actions that occur with them before they can understand, and then talk about, variations on the theme— that is, the unique occurrences that make one instance of "birthday party" different from other birthday parties." (Eisenberg, op.cit., p.201)

Em suma, Eisenberg (op.cit.) assinala que os diversos estudos realizados sobre as conversações mais precoces sobre o passado mostram que estas têm essencialmente duas características.

Em primeiro lugar elas são, quase em absoluto, provocadas e mantidas pelo adulto. O adulto fornece o tópico (ex: "*foste ao jardim zoológico?*") e a seguir pede à criança que diga mais coisas sobre esse tópico ("*o que é que lá viste?*"). As respostas da criança reduzem-se praticamente ao "sim", "não" e a respostas nominais simples.

A segunda característica das conversações precoces sobre eventos não presentes é que a maioria deles são "rotinas" conversacionais. Como mostrou Sachs (1982), o facto de as rotinas conversacionais terem um estrutura muito predictível ajuda a manter uma interacção bem sucedida dado que é fácil a cada um dos participantes saber o que esperar do outro. Com o tempo, afirma Eisenberg, a criança torna-se menos dependente quer das rotinas conversacionais quer do suporte

do adulto, nas suas interacções e relatos sobre os eventos passados. Os conteúdos e formas linguísticas tornam-se mais variados e a criança passa de rotinas conversacionais a reais tópicos de conversação ao mesmo tempo que deixa de estar tão dependente do adulto e passa a ter mais iniciativa quer porque espontaneamente toma a palavra quer porque, começa a dar mais informação sobre os eventos passados sem que isso lhe seja directamente solicitado.

As investigações de Sachs e de Eisenberg têm um importante apoio teórico nos trabalhos de Katherine Nelson (cf. K.Nelson, 1985 e K.Nelson, 1986), para quem o desenvolvimento da representação mental infantil passa basicamente pela assimilação de "esquemas", "rotinas" e "guiões" que permitem à criança adquirir "*Representações Generalizadas de Eventos*" que seriam anteriores às representações de eventos específicos e anteriores também às capacidades de representação de conceitos e de categorias (5). Entre os muitos trabalhos empíricos que K.Nelson tem dedicado a estas questões podemos citar dois casos exemplares que directamente se articulam com as questões que temos vindo a discutir; um dos estudos diz respeito ao problema da memorização na infância e o outro diz respeito ao diálogo e à conversação entre e com crianças. Em Nelson (1983) a autora gravou os monólogos de uma criança (*entre os 21 e os 26 meses*) nos momentos em que esta se ia deitar e que ocorriam antes de adormecer, tendo verificado que a criança

parecia não distinguir entre memórias de eventos específicos e memórias de eventos generalizados. Nelson conclui que para as crianças desta idade *"personal episodic memory does not exist in the same way that it does for the adult"* (6). Num outro estudo, Nelson e Gruendel (1979) observaram que quando crianças de idade pré-escolar partilhavam um significativo conhecimento de determinado tópico, ou melhor, quando partilhavam o conhecimento de uma "Representação Generalizada de Evento", elas conseguiam usar este conhecimento para sustentar uma conversação continuada que constituía um verdadeiro diálogo e não uma apenas uma troca verbal baseada naquilo a que Piaget chamou de "discurso egocêntrico".

B) O ESTUDO DE WEIST et al. (1984) E A QUESTÃO DA CAPACIDADE DE REFERÊNCIA AO PASSADO REMOTO

Um pouco à margem dos estudos que temos vindo a citar situa-se o estudo de Weist et al. (1984), dado que quanto a esta matéria não se referem a nenhum enquadramento teórico específico e dado também que os seus resultados são algo discrepantes em relação aos que têm sido relatados por diversos investigadores. No entanto, este estudo atingiu grande repercussão na literatura sobre o desenvolvimento da referência temporal dado que serviu como um dos argumentos importantes de Weist para polemizar contra a chamada

"hipótese do aspecto antes do tempo" (cf. capítulos seguintes onde desenvolveremos largamente esta matéria.)

Weist et al. (1984) procuraram avaliar a *capacidade* de referência ao Passado de um grupo de 6 crianças que incluía um sub-grupo de três crianças mais novas (entre 1;7 e 1;9) e outro sub-grupo de crianças mais velhas (entre os 2;0 e os 2;2). Para cada criança foram gravadas 4 sessões de 45 minutos de interacção com o pai ou com a mãe.

Os autores dividiram todos os enunciados que incluíam "*Past Tense*" em quatro categorias, utilizando dois critérios: o facto de serem enunciados *modelados* ou *espontâneos* e o facto de se referirem a um evento *imediato* ou a um evento *remoto*. Uma frase verbal era considerada *modelada* se o verbo ou frase verbal utilizada pela criança tivesse ocorrido numa forma diferente na frase imediatamente anterior do adulto. Era considerada *espontânea* quando era a criança a introduzir a forma verbal no discurso. Finalmente, uma frase verbal era considerada como *moderadamente remota* se ocorriam *dois turnos* de conversação entre o acto de fala e a situação anterior. Assim os autores obtiveram quatro categorias de referência ao Passado: Imediata / Modelada ; Imediata / Espontânea; Moderadamente Remota / Modelada; e Moderadamente Remota / Espontânea. Weist (1986) refere que as três crianças mais novas deste estudo produziram uma média de 32% de referências passadas moderadamente remotas e

espontâneas, ao passo que as crianças mais velhas produziram uma média de cerca de 62% (7). As conclusões de Weist não deixam de ser um pouco ambíguas, já que por um lado afirma, relativamente à categoria "Referências Passadas Moderadamente Remotas":

"This category constitutes a reasonable proportion of the overall past forms" (Weist et al., 1984, p.359)

para num texto posterior vir a concluir:

"moderately remote references to prior situations are conceptually possible for children during the early phase of tense shifting, but they are infrequent" (1986, p.363).

Sem dúvida que uma das razões para esta ambiguidade se prende com os critérios utilizados para definir o que é um Passado Remoto ou Moderadamente Remoto e um Passado Imediato, critérios esses que no estudo de Weist et al. são também discrepantes em relação aos normalmente utilizados, o que torna aliás difícil tanto a interpretação dos seus resultados como a sua comparabilidade com outras investigações. De qualquer modo, este trabalho será aprofundadamente discutido em capítulos posteriores.

C) DESENVOLVIMENTO DO JOGO SIMBÓLICO, DA LINGUAGEM DE FANTASIA E DA NARRATIVA NA CRIANÇA

Os estudos baseados na perspectiva Piagetiana mostraram que os tópicos discutidos entre adultos e crianças durante o período sensório-motor eram tópicos restritos ao "*Aqui e Agora*" limitando-se praticamente a criança a responder àquilo que o adulto lhe pergunta. No entanto, com o progressivo desenvolvimento da função simbólica e em particular com a passagem do final do período sensório-motor para o início do período pré-operacional, as crianças começam a falar de tópicos relacionados com a fantasia, o jogo simbólico e o "deslocamento" espacial e temporal.

Num estudo envolvendo esta temática, Soderbergh (1980) verificou que o uso de linguagem do tipo "*jogo dramático*", em interacções com um adulto aumentava de 9% para 36% entre os 2;6 e os 3;4 de idade. Observou também que aos 2;6 a criança se implicava mais no jogo dramático por iniciativa do adulto, ao passo que aos 3;4 era mais por sua própria iniciativa.

Kavanaugh et al. (1983) propuseram-se investigar o uso que as mães fazem da "*linguagem de fantasia*" ("fantasy speech") e o papel facilitador que esta possa ter na introdução à criança a este tipo de tópicos. Verificaram que as mães modificavam o seu discurso de fantasia à medida que as crianças iam crescendo. Entre os 12 e os 15 meses, as mães

detinham a primazia da iniciação destes tópicos, e iniciavam-nos mesmo quando as crianças não lhes respondiam. Os enunciados dos adultos que reenviam para uma linguagem de fantasia são, nesta fase, 100% comentários. A partir de 1;6 mantinha-se o predomínio dos comentários como forma fundamental da linguagem de fantasia, mas aumentava o número de pedidos, perguntas e respostas sobre tópicos de fantasia.

Wanska e Bedrosian (1986) estudaram a relação entre o tópico e a intenção comunicativa na interacção adulto-criança. Foram estudadas 30 crianças entre os 2;0 e os 6;3 classificadas como pré-operacionais e colocadas em situações de interacção diádica. As autoras utilizaram três categorias de análise: iniciação de tópico, sobreposição (8) e manutenção de tópico. Os seus resultados mostram que as crianças iniciavam/sobrepunham mais tópicos de fantasia do que as mães. Em contraste, as mães iniciavam/sobrepunham mais tópicos de deslocamento. Só existia correlação entre a idade e o MLU (9) em relação aos tópicos de Deslocamento, não existindo essa correlação relativamente aos tópicos de Aqui-Agora e Fantasia. O número de tópicos mantidos em cada turno era o seguinte: Fantasia (4,2), Aqui-Agora: (3,8), Deslocamento (2,3), o que mostra que era muito mais difícil manter um tópico de Deslocamento do que qualquer um dos outros. A diferença entre Fantasia e Aqui-Agora não era

significativa, mas a diferença entre estes e os tópicos Deslocamento era-o.

"The children's use of fantasy topics may represent a progression away from the here-and-now toward referents more displaced in time and space. While fantasy topics are often associated with the objects present in play, these topics are simultaneously removed from the here-and-now by their fictional nature. Displacement topics are, perhaps, the most difficult of the topic categories examined here in that they require more sophisticated cognitive and linguistic skills." (p.533)

E as autoras afirmam ainda:

"Mothers may serve a facilitative role in initiating displacement topics to their pre-operational level children, (...) just as they serve a similar role in initiating fantasy topics with their sensorimotor level children." (p.533)

Miller e Sperry (1988) num estudo que envolveu 5 crianças entre os 1;7 e os 2;6 em interacção com as suas mães e que tinha como objectivo analisar a fala sobre eventos passados específicos e o seu desenvolvimento em histórias conversacionais de experiências pessoais observaram uma série de aspectos interessantes (10). Ainda que as narrativas produzidas por estas crianças fossem muito incipientes, as autoras estimaram que em 30% das histórias as crianças conseguiam expressar dois ou mais actos temporalmente ordenados. No entanto isto acontecia só quando o MLU (11) era superior a 2,5. Antes deste limite as autoras encontram alguns exemplos interessantes, mas falhados, de

tentativas de expressão de sequências temporais ordenadas. Por exemplo dois actos eram expressos numa ordem temporal invertida ou misturavam-se actos/acções que ocorriam em tempos diferentes.

Tentaram também determinar até que ponto o "*past tense*" era utilizado correctamente. Nos dados mais precoces (MLU inferior a 2,5) não encontraram exemplos de "*past tense*" na referência a episódios de passado distante. No entanto para um MLU = 2,5 havia aumentos significativos. Por volta dos 2;5 de idade, emergia o morfema "*-ed*" para marcar verbos com referência a um passado distante. Estes dados são comparáveis aos de Naomi (cf. supra, Sachs, 1983). Aos 2;2 Naomi começou a usar "*-ed*" para marcar eventos que tinham ocorrido durante o dia e aos 2;8 para marcar uma referência mais geral a um passado distante.

Quanto à capacidade da criança para iniciar "narrativas de passado" os resultados são semelhantes aos de outras pesquisas; indicam um declínio dos enunciados imitados de 17% (para um MLU inferior a 2,5) para 5% (para um MLU superior a 2,5). Paralelamente aumentava a percentagem de episódios que eram iniciados pela criança (29% vs. 52%).

Uma análise interessante é ainda a do conteúdo das narrações. Estudos anteriores tinham mostrado que aos 2 anos de idade as histórias das crianças tendiam a ser mais

realistas do que fantásticas e que os personagens e os eventos eram restritos às cenas da vida em casa. Neste trabalho os eventos foram classificados em positivos e negativos (além de neutros, ambíguos e "outros") e os resultados apontam para o seguinte: a maior parte dos eventos relatados eram de tipo negativo (49%) e a principal subcategoria era a de "dano físico" (43%).

"This skewing in the negative direction, with a predominance of events of physical harm, was even more striking in self-initiated episodes of talk about the past (...). Episodes of physical harm encoded the following kinds of events: a person accidentally tripped and fell, fell down the steps, fell off a bicycle, burned herself, got hit by a car; a person punched, pushed, slapped, grabbed, pinched, or otherwise physically agressed against another person; a person got sick, had a tooth filled, got an inoculation." (p.303)

Estas observações são bastante interessantes já que mostram claramente que os desenvolvimentos cognitivos e comunicacionais estão claramente ancorados na significação emocional que os eventos têm para a criança. E são ainda interessantes porque todos estes eventos reenviam para situações claras de mudança de estado o que será de ter em conta aquando da análise do desenvolvimento da sintaxe e semântica das predicções verbais já que algumas das propostas mais consistentes sobre a emergência dos tempos verbais no Passado apontam precisamente para que esta emergência tenha origem em verbos de mudança de estado.

O paralelismo existente entre o desenvolvimento do jogo simbólico e o desenvolvimento das capacidades narrativas na criança foi posto em evidência por Eckler e Weininger (1989). O *jogo* inclui normalmente um problema central que é resolvido numa sequência lógica de eventos e o *jogo simbólico* envolve a construção de uma história com um problema, uma sequência lógica de acções e um resultado. As análises estruturais do *jogo simbólico* tinham já mostrado que este podia ser analisado em termos de papéis, objectos e sequências de acções (Garvey, 1977). Também uma *história* pode ser descrita como a inserção de um personagem num cenário, a introdução de uma situação ou problema com que o personagem se defronta, e os esforços do personagem para resolver o problema. Assim, o jogo simbólico assemelha-se de várias maneiras à narrativa.

Utilizando a *gramática de histórias* de Rumelhart (Rumelhart, 1977), Eckler e Weininger sugerem que não existe apenas "semelhança" entre jogo simbólico e narrativa mas antes uma correspondência estrutural entre ambos. Num estudo com crianças entre os 4 e os 8 anos verificaram que o jogo simbólico das crianças mais novas era essencialmente "*Pré-Episódico*" (constituído essencialmente por "denominações") ao passo que o jogo das crianças mais velhas era de tipo "*Episódico*", envolvendo a relação e a sequencialização de episódios que acabavam por se transformar numa "história".

D) CONCLUSÕES

Do conjunto de estudos que revimos nesta secção podemos extrair duas ou três conclusões importantes. A primeira é a de que a passagem de um mundo centrado no Aqui e no Agora para um mundo "deslocado" no tempo e no espaço é um processo complexo e gradual que implica importantes conquistas quer ao nível da representação mental quer ao nível da tradução dessas representações mentais em expressões linguísticas adequadas.

Por outro lado, é notório que quase todos os autores sublinham o carácter social de que se reveste a representação inicial de eventos passados. Como afirmam Miller e Sperry (1987):

"Several researchers have argued that the ability to remember and talk about past experience occurs first in interactive contexts and that social support may facilitate the development of talk about the past." (p.293)

Finalmente, vários autores assinalam que muitos dos primeiros tópicos de *deslocamento* emergem a partir de situações de *jogo simbólico*, "*linguagem de fantasia*" e *narrativa*. A importância destes contextos tem a ver com o facto de eles reenviarem a criança e a sua linguagem para um mundo virtual "do não real, do não aqui, do não agora". E como veremos, muitos autores situam as origens da Referência ao Passado neste mundo Não-Actual.

II.2. EMERGENCIA E DESENVOLVIMENTO DAS ESTRUTURAS FORMAIS DE REFERÊNCIA TEMPORAL

Analisaremos neste capítulo e no seguinte, um conjunto de descrições globais do desenvolvimento da sintaxe e semântica da referência temporal. Começaremos pelos modelos que se referem à descrição e análise das estruturas formais da referência temporal. Um outro problema situa-se na análise das estruturas de significado subjacentes a estas estruturas formais. Como veremos, existe um relativo acordo quanto às descrições propostas para a descrição das estruturas que vão emergindo ao longo do desenvolvimento da criança, mas subsistem fortes divergências quanto ao segundo tipo de problema ou seja quanto à função e significado a atribuir às marcas de superfície que vão emergindo no discurso da criança.

Werner e Kaplan (1963) utilizando os dados das descrições longitudinais clássicas de De Laguna, Stern e Stern, Grégoire e Leopold (1), distinguem quatro etapas nesta evolução. Começam por fazer notar que ao contrário da linguagem do adulto que codificaria o tempo como um conjunto de relações sequenciais objectivas, relativamente independentes da pessoa que está a falar ou a agir,

"the very early expressions in ontogenesis suggest that time is initially cognized as completely embeded in the child's concrete momentary action, attitudes, or needs with respect to his immediate environment." (p.401)

A expressão da temporalidade começa por emergir em comportamentos pré-verbais como atitudes motoras e gestos antecipatórios ou comportamentos motores que indicam que uma acção está terminada, incompleta, etc. Deve referir-se que a estes comportamentos motores, se sucedem formas verbais "proto-aspectuais" concomitantes a esses comportamentos (expressões como "ó!" , "pum!" , etc.) (2).

Na primeira etapa da expressão linguística da referência temporal, que corresponde ao período das holofrases, as expressões verbais podem indiscriminadamente tomar a forma externa de nome, verbo, adjectivo ou simplesmente de interjeição.

"In any case, temporality is embedded in the total event comprising subjective as well as objective aspects of the situation." (Werner e Kaplan, p.401)

A "futuridade" imediata pode estar implicada na expressão de uma necessidade (por exemplo a criança pede um objecto: "pão!" ou clama por uma acção: "nené-nené!" -do francês "promener"). O passado imediato pode ser referido por "palavras-objecto" ("huhu"= garrafa ; "acabei de beber a garrafa de leite") ou por "palavras-acção" ("sia- butz" = olha! caí!).

Na segunda etapa aumenta a diferenciação entre "palavras-coisa" (nomes) e "palavras-acção" (verbos) e os valores

temporais vão sendo cada vez mais expressos através dos verbos. Este processo é facilitado pela emergência dos enunciados de duas palavras. Os dados de Stern mostram que neste período (entre o final do segundo ano de vida e o início do terceiro), aumentam significativamente as frases imperativas constituídas por uma forma infinitiva e um substantivo. Assim, enquanto a criança para pedir algo diria anteriormente "*Chocolate!*", agora dirá por exemplo "*Comê chocolate!*" ou "*Qué Cocolate!*". E tal como esta "futuridade" está implícita nas formas imperativas que clamam pela satisfação de um desejo ou necessidade, assim também a noção de passado está implicada em "*event-words that connote disappearance, termination of happening, satiation, accomplishment of a performance, and the like.*" Werner e Kaplan sublinham ainda que Passado e Futuro são nesta fase, uma espécie de significados flutuantes que pairam sobre os enunciados da criança:

"It depends on the way the child is affectively involved whether the accent is on the "overness" with its implications of the past, the suddenness of change with its implication of the "now", or the desire of reappearance with its implication of the future." (p.402)

Na terceira etapa, que tem lugar durante o terceiro ano de vida, as "palavras-acção" começam a ter algumas modulações de forma e de sentido, mas não seriam ainda para estes autores expressões da noção linguística de um "locus temporal" ou "tense". Mostrando, a partir dos dados de

Grégoire, que a criança pode introduzir modulações nos verbos para formar imperativos ou participios passados, quando por outro lado ainda não emergiram Imperfeitos ou verdadeiras expressões de futuro, os autores defendem que estas modalizações são ainda expressões de temporalidade determinadas pelo evento presente:

"Thus, at this stage, past participles are descriptive words *defining a present state* as a consequence or termination of a preceding (past) action: e.g., "*soldat cassé*" (soldier broken!); "*tombé, papa!*" (I fell down, papa!) "*aneziet!*" (I am dressed up)" (p.402)

Na verdade, Werner e Kaplan defendem algo de muito parecido com a "Hipótese do Aspecto Antes do Tempo" (hipótese que discutiremos em pormenor nos capítulos seguintes) que aliás parecia ser também partilhada pelos autores "clássicos" em que se apoiam. Por exemplo, chamam a atenção para o facto de as primeiras modulações dos verbos não poderem ser interpretadas como reveladoras do domínio de um verdadeiro sistema deíctico de relações temporais. Estas primeiras modulações encontradas nos verbos

"for a good many months or even years, still seem to refer to characteristic aspects of a *present action* rather than indicate placement of action in a "receptacle of time." (p.402)

Só na fase final desta evolução (a quarta etapa definida por Werner e Kaplan) a temporalidade linguística seria dominada por um verdadeiro sistema temporal deíctico, envolvendo um

Passado, um Presente e um Futuro. Isto seria possível graças por um lado ao enriquecimento da marcação morfológica dos verbos e por outro à emergência dos advérbios de tempo.

Assim Werner e Kaplan concluem que a ontogênese das expressões temporais revela o desenvolvimento da "articulação simbólica da experiência" e que tal desenvolvimento vai de par com uma

"increasing articulation of temporality as a relatively independent framework in which events occur, objects change, etc." (3)

R. Weist (1986) propôs um quadro do desenvolvimento do sistema temporal na criança que envolve também a consideração de quatro grandes períodos desse desenvolvimento. Inspirando-se no quadro conceptual proposto por Reichenbach (1947), descreve o desenvolvimento a partir da progressiva capacidade de "manipulação" cognitiva e linguística dos três conceitos temporais propostos por aquele autor: o Tempo da Fala (TF), o Tempo do Evento (TE) e o Tempo de Referência (TR). Mas ao contrário de alguns autores que consideram que a relação entre TE e TR é de natureza Aspectual, Weist parece considerar que a Relação Temporal fundamental é entre o TF e os outros dois elementos. Assim, o *tempo verbal* ("*tense*") assume uma função deíctica ao relacionar o TF com o TE. Advérbios deícticos como "*ontem*", "*hoje*" e "*amanhã*" assumem também uma relação

deíctica ao relacionarem o TF com o TR. Preposições como "antes" e "depois" permitem relacionar o TE com o TR.

Estas relações podem exemplificar-se nas seguintes frases:

(1) "Caí das escadas abaixo."

O TF é posterior ao TE (o cair das escadas).

(2) "Chumbarei no exame."

O TF é anterior ao TE.

(3) "Estou a ler os Lusíadas."

O TF é simultâneo ao TE.

Em qualquer destas três frases a relação deíctica entre o Tempo da Fala e o Tempo do Evento é dada apenas pelo tempo do verbo. Esta relação pode ser Posterior (caso 1), Anterior (caso 2) ou Simultânea (caso 3).

A cada um destes casos podemos acrescentar um Tempo de Referência (TR), ou seja um ponto de referência (independente e não necessariamente coincidente com o Tempo do Evento) a partir do qual o enunciador situa o evento referido.

Assim, tal como o *Tempo Verbal* permite estabelecer uma relação deíctica entre o TF e o TE certas expressões temporais como os advérbios temporais "ontem", "amanhã",

podem também assumir uma função deíctica de relacionamento do TF com o TR.

Assim teremos :

(4) "*Ontem* (TR) cai das escadas abaixo"

O TF é posterior ao TE e ao TR.

(5) "Irei chumbar no exame de "*amanhã*" (TR)

O TF é anterior ao TE e ao TR.

(6) "*Hoje/Agora* (TR) estou a ler os Lusíadas."

O TF é simultâneo ao TE e ao TR.

Normalmente o TE e o TR coincidem, mas isso nem sempre acontece como veremos no exemplo seguinte:

(7) "Ao meio-dia (TR) *depois* de ter estado a ler os Lusíadas (TE1), adormeci (TE2)."

Neste caso o TF é posterior a TR e a TE1 e a TE2, o que nos é indicado pelos tempos dos verbos. Por outro lado, temos um TE1 ("ler os Lusíadas") que é anterior ao TR ("meio dia") e um TE2 ("adormecer") que é posterior a esse TR. Estas indicações sobre as relações entre o TE e o TR são-nos dadas quer por elementos lexicais como "*ao meio dia*", quer por preposições e advérbios temporais como "*antes*", "*depois*", "*quando*", etc.

é dentro deste quadro conceptual que Weist (op.cit.) propõe uma progressão da criança ao longo de uma sequência de quatro sistemas temporais que permitem expressar configurações temporais cada vez mais complexas. São os seguintes os quatro sistemas temporais propostos por Weist:

- 1º) O Sistema do Tempo da Fala ("Speech Time System").
- 2º) O Sistema do Tempo do Evento ("Event Time System").
- 3º) O Sistema do Tempo de Referência Restrito ("Restricted RT System").
- 4º) O Sistema do Tempo de Referência Livre. ("Free RT System")

Resumidamente pode afirmar-se que o 1º sistema (Sistema do Tempo da Fala ou "Speech Time System") é o sistema do "Aqui-e-Agora", em que não existe propriamente um TE e um TR ou melhor, eles estão absolutamente integrados dentro do TF ou não diferenciados deste (nas palavras do autor: "*ET and RT are frozen at ST*", op.cit. p.357). Esta fase ocorre sensivelmente entre as idades de 1;0 e 1;6.

O 2º sistema (Sistema do Tempo do Evento ou "Event Time System") é caracterizado pela capacidade da criança para representar o TE como anterior, simultâneo ou subsequente ao TF. Nesta fase o TR não estaria ainda diferenciado do TF o que significa que neste período do desenvolvimento a criança só seria capaz de coordenar dois pontos temporais: o MF e o

ME *nas* não um tempo de referência independente (um ponto temporal estabelecido pelo contexto, normalmente através de um advérbio). Esta fase ocorre sensivelmente entre as idades de 1;6 e 2;6.

O 3º sistema (Sistema do Tempo de Referência Restrito ou "Restricted RT System") vem revelar a emergência do TR embora este TR inicial seja ainda restrito. Cerca dos 3 anos surgem os primeiros Advérbios Temporais ("*hoje*"; "*ontem*") mas as confusões no uso destes advérbios subsistem até cerca dos 3;6. É ainda característico deste período a ausência das preposições temporais "*antes*" e "*depois*".

Pode dizer-se que neste período quando o TR é estabelecido como anterior ou subsequente ao TF, o TE fica restrito ao contexto do TR. Ou seja, os Advérbios Temporais são usados para indicar um TR independente, no entanto, as relações temporais estabelecidas pelos advérbios e pela morfologia verbal são equivalentes e portanto o TE é confinado ao contexto do TR. Este período situa-se sensivelmente entre os 3 e os 4 anos de idade.

Finalmente, no 4º sistema (Sistema do Tempo de Referência Livre ou "Free RT System"), o TF, o TE e o TR podem representar três pontos temporais diferentes e independentes e podem ser relacionados entre si livremente. Enquanto que no sistema anterior a criança só era capaz de manipular

formas verbais que envolvessem dois pontos de referência temporal como o "*Present Perfect*", agora ela é capaz de manipular (por volta dos 4;6) formas verbais como o "*Pluperfect*" que envolvem a referência a três pontos de referência temporal.

Aksu-Koç (1988) distingue também quatro grandes períodos na evolução da estrutura formal das marcas de referência temporal: 1) o período *Pré-Flexional* que vai sensivelmente até aos dois anos; 2) o período *Flexional*, que se estende ao longo do 2º ano de vida; 3) o período da *Referência Temporal*, que vai desde cerca dos 2;6 anos em diante; 4) o período da *Referência Temporal Complexa* que tem início sensivelmente entre o final dos 3 anos de idade e o início dos 4 anos.

Aksu-Koç (op.cit.) começa por distinguir no período pré-linguístico, dois tipos de comportamento comunicativo: o *instrumental* (que se traduz em enunciados ou comportamentos que pretendem obter dos outros objectos ou acções) e o *descritivo* (que se traduz por enunciados ou actos de tipo indicativo ou de tipo comentário). Estes dois tipos de comportamento podem ser vistos como "proto-formas" de enunciados modalizados (os instrumentais) e de enunciados não-modalizados (os descritivos).

Após este período pré-linguístico emerge o Período Pré-Flexional que se caracteriza pela existência de formas não marcadas:

"either bare verb forms or unanalyzed amalgams are used without any modulations, and gain their meaning from context." (p.28)

Os enunciados da criança têm então uma "*função instrumental-directiva*" (a criança nomeia o fim ou objectivo a atingir ou os meios para chegar a tal fim) e uma "*função declarativa*". As primeiras formas verbais são então formas *imperativas* (no russo, polaco, hebreu, finlandês) ou *infinitivas* (no inglês, alemão, francês e outras línguas românicas). A referência temporal é, neste fase, totalmente reduzida ao Aqui-e-Agora. Se do ponto de vista cognitivo a criança nesta fase está a ultrapassar o período sensório-motor e é capaz por isso de evocar objectos, pessoas e situações ausentes, ela ainda não possui no entanto, representações mentais acessíveis a uma codificação linguística (4) .

O Período Flexional estende-se ao longo do 2º ano de vida e caracteriza-se pela emergência das flexões. Esta fase seria caracterizada pela marcação explícita da distinção semântica entre frases modalizadas e frases não modalizadas. Quanto às não modalizadas observa-se no Inglês Americano (Brown, 1973) a emergência do progressivo -ing e de vários verbos irregulares seguidos mais tarde pela flexão do passado

regular -ed. Vários outros estudos mostraram a emergência simultânea de -ing, do presente singular -s e de passados irregulares. Em Francês o "Passé-Composé" é a primeira forma a contrastar com o Presente do Indicativo (Grégoire, 1937; Malrieu, 1973, Bronckart, 1976, 1985b; Clark, 1985) e em Italiano (Antinucci e Miller, 1976) é em Português do Brasil (de Lemos, 1981, 1987) surgem primeiro as formas Participiais e depois o Passado simples. Stephany (1986) trabalhando sobre o Grego, observou que as primeiras formas não modais eram o Presente do Indicativo, o Imperfectivo Presente e o Perfectivo Passado. Durante este período não são frequentes as referências ao Futuro.

Todas as formas observadas e que temos vindo a referir ocorrem em contextos muito restritos. Por exemplo as flexões de Tempo e Aspecto tendem a ocorrer só com determinado tipo de verbos. É este fenómeno que leva os diversos autores a interpretações diversas sobre a *função* das primeiras flexões de referência temporal: uns limitando-as a uma função aspectual, outros atribuindo-lhes desde logo uma função deíctica de referência temporal. Weist, que defende esta última posição caracteriza este período (o do "*Event Time System*") como uma fase em que as crianças seriam já capazes de representar o TE como anterior, posterior ou simultâneo ao TF. Para Aksu-Koç pelo contrário os desenvolvimentos que se observam nesta fase nas flexões de verbos em frases não modalizadas, reflectem "*differentiation of aspects of*

activity rather than (...) the temporal distinction between past and nonpast" (p.31). Como para Werner e Kaplan (op. cit.) nesta fase, *"these modulated forms still express temporality in terms of the present event"* (Aksu-Koç, op. cit. p.402).

O terceiro período de desenvolvimento a que Aksu-Koç chama de Período da Referência Temporal emerge a partir da segunda metade do segundo ano de vida (por volta dos 2;6). No Inglês nota-se um uso mais diversificado do *Progressivo* e das formas de *Passado* com um aumento da frequência das formas fracas e fortes do passado. As formas *"will"* e *"going to"* são usadas para a referência ao *Futuro* juntamente com advérbios, o que para Aksu-Koç revela que estas formas têm agora tanto um valor *temporal* como um valor *modal*. Na fase anterior, para além de expressões modalizadas (com a utilização de formas imperativas e infinitivas), foram observadas para o Inglês americano formas como *"wanna"* e *"hafta"* (Brown, 1973) e *"won't"*, *"can't"*, *"will"*, e *"can"* (Fletcher, 1979) e a que Aksu-Koç chama de expressões "quase-modais", expressando noções como o "desejo de" ou "intenção" (5) mas que não teriam ainda qualquer valor temporal. Stephany (1986) observou que o futuro é um desenvolvimento tardio no Grego aparecendo como uma diferenciação do uso mais precoce do modo conjuntivo. Pelo contrário, segundo Clark (1985) a emergência do conjuntivo é bastante tardia no Francês e o Futuro é em primeiro lugar marcado por

construções perifrásticas e só depois pela flexão do Futuro. O mesmo fenómeno foi observado para o Espanhol (Jacobsen, 1981, citado por Aksu-Koç) e ocorre certamente também com o Português.

Um aspecto extremamente importante desta fase é a emergência de advérbios de tempo. Fletcher (1979) faz notar que tanto para a referência futura como para a referência passada os advérbios assumem uma função de "definitivação" do tempo. Os advérbios que emergem nesta altura são *advérbios deícticos*: "hoje", "amanhã", "ontem", e relacionam o TR com o TF. Diversos estudos sobre a compreensão destes termos revelam que eles começam a ser compreendidos entre os 2;6 e os 3;0. Weist et al. (1984) e Clark (1985) mostram que eles começam a ser produzidos em diversas línguas entre os 2;6 e os 3;0 embora de início com bastantes erros.

As construções com "quando" são referidas para o Inglês (Fletcher, 1979) como emergindo a partir dos 2;6 e para o Polaco entre os 2;8 e os 3;0. Em todas estas línguas o uso de advérbios deícticos e construções com "quando" precedem o uso dos advérbios não deícticos "antes" e "depois" que marcam as relações de anterioridade entre o TE e o TR. A este propósito Aksu-Koç comenta o seguinte:

"Fletcher (1979) proposal that there might be some connection between the differentiation of past and future tense forms and the development of temporal adverbials is quite significant in the light of

these findings that the adverbials used in this period are deictic in function. This I take to be supportive of my view that the verb inflections acquire the function of tense, that is, of making deictic temporal reference, during this period of development rather than the previous one." (p.32)

Assim, uma das características mais importantes desta fase é a da marcação da distinção *Passado / Não-Passado* e o desenvolvimento da categoria do Futuro a partir desta última categoria (6). Ficaria assim estabelecido o sistema deíctico de referência temporal, incluindo um *Passado*, um *Presente* e um *Futuro*. Para Aksu-Koç esta fase corresponderia ao período a que Weist (1986) chama de "Event Time System", período em que a criança seria capaz de representar o TE como anterior, posterior ou simultâneo ao TF. Assim, afirma Aksu-Koç,

"I reserve the attribution of the relational function of tense to verbal inflections to this stage, where their co-occurrence with or close follow-up by deictic adverbs renders such an interpretation more plausible." (p.32)

O quarto período proposto por Aksu-Koç é o Período da Referência Temporal Complexa, período que envolve construções sintáticas mais complexas e obviamente maiores modulações de sentido e de significações temporais. A criança começa a construir um sistema não deíctico de referência temporal que envolve relações de anterioridade, posterioridade e simultaneidade entre o TE, o TR e o TF.

"(...) children can establish a sequential relationship between two events at different time points and posit this to be either anterior,

posterior, or simultaneous to the moment of speech, by means of complex tense-aspect marking (e.g. pluperfects, future perfects) and use of temporal adverbs prepositionally or for subordination." (Aksu-Koç, op.cit., p.34)

Aksu-Koç enumera todo um conjunto de novas formas temporais (quer para o Inglês quer para outras línguas), que emergem e se estabilizam durante este período. Para o Inglês podemos destacar o *Perfect*, o *Past Tense* com auxiliares *be*, verbos modais no presente ou no passado e alguns condicionais. Noutras línguas destaca-se em Espanhol (Jacobsen,1981, citado por Koç) o Presente do Conjuntivo e o Imperfectivo Passado; tempos compostos como o Mais-que-Perfeito, o Condicional e os modos Conjuntivos nas línguas Românicas (Clark,1985); formas Imperfectivas no Português do Brasil (de Lemos,1981), o Imperfectivo Passado no Grego (Stephany, 1986), etc.

Um desenvolvimento extremamente importante neste período tem a ver com o uso de *advérbios não-deicticos* como "antes" e "depois" (Clark,1971; Carranza et al.,1984; Stevenson e Pollitt,1987; Keller-Cohen, 1987; Starc e Mammano,1988) quer com função preposicional (mais precoce) quer com função subordinante (só conseguida a partir dos 3;5).

Esta capacidade de ordenação temporal dos eventos entre si, constitui um fenómeno relativamente bem estudado e conhecido desde o estudo clássico de Ferreiro (1971). Esta

investigadora estabeleceu uma sequência desenvolvimental de estratégias que correspondem no fundo a uma tentativa da criança para construir um sistema de relações temporais não deícticas. Uma primeira estratégia é a de justaposição de dois enunciados independentes; os sujeitos tratam os eventos como se fossem independentes não estabelecendo entre eles qualquer relação temporal. Numa fase posterior a criança consegue produzir dois enunciados relacionados por advérbios ou conjunções que preservam a ordem de ocorrência dos eventos; no entanto ela sentirá dificuldades em produzir ou compreender enunciados que não respeitam a ordem de ocorrência dos eventos. Finalmente através de uma utilização mais livre e flexível das conjunções e advérbios, a ordem da enunciação torna-se independente da ordem de ocorrência dos eventos. Aksu-Koç identifica esta fase com o período a que Weist chamou de "Free Reference Time System":

"I take these correlated developments of complex tense-aspect-mood marking and the use of nondeictic temporal adverbs as an important indication of the child's ability to relate the primary or deictic temporal reference system to a secondary or nondeictic one. It seems to me that the child's system can finally be called a "free reference time system". (Aksu-Koç, op.cit. p.35)

E a autora sublinha ainda que a criança tem agora a possibilidade de usar o Tempo e o Aspecto para indicar "pontos de vista subjectivos" sobre os eventos e situações:

"We can talk about the full expression of aspect as an indicator of "subjective point of view", when these linguistic means are used to present

events in an order independent of their order of occurrence in real time, that is, to indicate viewpoints from different perspectives." (p.35)

Terminada esta breve revisão de literatura sobre a emergência das estruturas formais de marcação temporal na linguagem podemos salientar que existe um largo consenso quanto à *descrição* deste desenvolvimento. No entanto, existem grandes desacordos quanto à *interpretação* que deve ser dada a estas marcas iniciais da temporalidade. Como assinala Bronckart (1982, 1985b) os autores francófonos tinham assinalado já há bastante tempo a emergência precoce de certas formas verbais (7). No entanto subsistia a questão da interpretação a dar a essas marcas:

"La question s'est dès lors tout naturellement posée de savoir quelle était la fonction assumée par ces temps entre 3 et 8 ans. Dès 1971, Ferreiro avait émis l'hypothèse que cette fonction était aspectuelle." (1982, p.7)

Como vimos, esta interpretação estava já presente na obra de Werner e Kaplan bem como em obras anteriores e seria posteriormente confirmada e reforçada pelos trabalhos de Antinucci e Miller (1976), Szagun (1977,1978) e Bloom, Lifter e Hafitz (1980), mas ao mesmo tempo relativizada (Harner, 1981) ou mesmo abertamente posta em causa por trabalhos como os de Kuczaj (1977), Di Paolo e Smith (1978), culminando finalmente com a crítica radical de Weist et al. (1984) e Weist (1986). Estes últimos artigos desencadearam uma forte polémica entre os defensores da chamada "*Hipótese*

Antes do Tempo" (Rispoli e Bloom, 1985 ; Bloom e Harner, 1989) e os seus críticos (Smith e Weist, 1987). A esta "*Hipótese do Aspecto Antes do Tempo*", Weist irá apelidar de "*Hipótese Defectiva do Tempo*" e irá rejeitá-la com base numa série de argumentos que serão discutidos nos próximos capítulos.

E embora esta polémica vá ser analisada em pormenor nos capítulos seguintes, podemos adiantar desde já que a grande divergência entre R. Weist e autores como Antinucci e Miller, Bloom et al., Aksu-Koç, e uma série de outros autores que defendem a chamada "*Hipótese do Aspecto antes do Tempo*", se situa na interpretação que dão da passagem entre o *Sistema do Tempo da Fala* (Weist) ou *Período Pré-Flexional* (Aksu-Koç) e o *Sistema do Tempo do Evento* (Weist) ou *Período Flexional* (Aksu-Koç).

Para Weist a morfologia verbal que aparece neste segundo período do desenvolvimento do sistema temporal teria já uma função deíctica de marcação do Tempo Verbal ao passo que para os outros autores esta morfologia emergente marcaria essencialmente fenómenos aspectuais. Por outro lado, enquanto que os defensores da "*Hipótese do Aspecto antes do Tempo*" encontram empiricamente uma correlação muito forte entre a semântica dos verbos (ou "*aspecto lexical inerente*") e os tempos verbais utilizados pela criança nesta fase,

Weist et al.(1984) não encontram esta relação ou pelo menos não a consideram significativa:

"From the outset, children make reference to the full spectrum of prior and subsequent situations including static as well as dynamic, activity (atelic) as well as telic, and achievement as well as accomplishment." (op. cit. p.372)

II.3. O DESENVOLVIMENTO DAS ESTRUTURAS DE SIGNIFICADO NA REFERÊNCIA TEMPORAL

II.3.1. A HIPÓTESE DO ASPECTO ANTES DO TEMPO

No seu estudo de 1971, E. Ferreiro constatou que os sujeitos com menos de 6 anos utilizavam o Presente e o Imperfeito para acções longas (Durativas) e o "Passé composé" para acções breves (Pontuais). Ferreiro concluía que as formas verbais não assumiam, para a criança, uma função temporal mas sim aspectual.

Bronckart e Sinclair (1973) sugeriram também que quando as crianças começam a utilizar os tempos do passado, não estão a ordenar uma acção passada como anterior ao momento da fala. Em vez disso a criança estaria a comentar a(s) característica(s) da acção tal como, por exemplo, o facto de estar ou não estar completada.

Os dados deste estudo provinham de 74 crianças de língua francesa com idades compreendidas entre os 2;11 e os 8;4. Em descrições provocadas de acções passadas as crianças usavam preferencialmente um tempo passado para acções que tinham um objectivo claro ou um ponto terminal.

Até aos 6 anos as crianças usavam geralmente um tempo presente para descrever uma acção passada contínua que não

tinha nenhum objectivo ou ponto terminal (por ex.: um pato a nadar em circulos). No entanto crianças mais velhas (7 e 8 anos) usavam tempos do passado para ambos os tipos de acções.

Os autores concluíam que dado que as crianças usavam primeiro os Tempos do Passado para descrever acções orientadas para um objectivo e completadas, não se poderia dizer que compreendessem a noção de Passado até que usassem os Tempos do Passado tanto para acções contínuas não orientadas para um fim como para acções orientadas para um fim e completadas.

Num outro estudo, (Bronckart,1976), utilizando bonecos e brinquedos para provocar diversos eventos, Bronckart controlou dois tipos de parâmetros:

19) Características da Acção:

- a) Resultativa (a acção dá lugar a um resultado:ex.: um carro entra numa garagem)
- b) Não Resultativa (ex.: um pato nada num lago)
- c) Duração da acção (1" ; 5" ; 10")
- d) Espaço percorrido (0 ; 10cm ; 100cm)

20) Tempo de Latência da Resposta (0'' ; 2'' ; 7'' ; 25'')

As respostas eram pedidas de imediato ou após aqueles tempos de latência previamente definidos.

Pretendia-se assim determinar em que medida as marcas da categoria verbal (tempo do verbo, advérbios, auxiliares, raízes verbais) dependiam das características da acção ou do tempo de latência da resposta. Resumiremos em seguida os principais resultados deste estudo.

Antes dos 3;6 as descrições, que são aliás neste período muito vagas, não recorrem às marcas estudadas. As características da acção e a relação temporal não parecem influir na escolha da forma verbal.

Entre os 3 e os 6 anos três tempos principais são produzidos por todos os sujeitos: o Presente, o "Passé Composé" e o Imperfeito. A escolha de cada um destes verbos revelou-se totalmente independente do tempo de latência, mas muito claramente determinada pelas características da acção. Quer o tempo de latência seja de 2" de 7" ou de 25" a repartição global dos tempos dos verbos não muda. Assim o autor concluía que as crianças desta idade não traduziam na sua escolha do tempo verbal a variação temporal dada pelo aumento do tempo de latência. Para este grupo de idades, Bronckart definiu 5 categorias de eventos e analisou os tempos verbais que lhes vinham associados. Os resultados foram os seguintes:

- 1) Acções resultativas imediatas (ex.: o gato que entorna a garrafa).
(100 % de *Passé Composé*).

- 2) Acções resultativas em que o resultado é obtido após um certo percurso espacial (ex.: um carro que percorre 1 metro para chegar à garagem).
(70 % de *Passé Composé* ; 25 % de *Presente* ; 5 % de *Imperfeito*).

- 3) Acções resultativas com intervalo espaço-temporal de realização (ex.: uma tartaruga que se desloca lentamente até uma salada).
(40 % de *Passé Composé* ; 45 % de *Presente* ; 15 % de *Imperfeito*).

- 4) Acções não resultativas acidentais (ex.: um cavalo passeia e pára sem atingir nenhum ponto particular).
(30% de *Passé Composé* ; 65 % de *Presente* ; 5% de *Imperfeito*).

- 5) Acções não resultativas "intrínsecas" (ex.: um peixe nada no lago).
(85 % de *Presente* ; 8 % de *Passé Composé* ; 7 % de *Imperfeito*).

Da 1ª à 5ª categoria, o papel da fase "desenvolvimento da acção" aumenta e o papel do resultado decresce ou desaparece. A análise destes resultados leva Bronckart a concluir que a criança desta idade codifica o *aspecto-resultado* pelo "Passé Composé" e o *aspecto-desenvolvimento* pelo *Presente*; quanto maior a probabilidade de centração sobre o desenvolvimento da acção, mais o Presente aparece; quanto maior a probabilidade de apreensão do resultado, mais "*Passé Composé*" são produzidos. O *Imperfeito* aparecia ligado ao espaço e à dificuldade em aceder ao objectivo ou ao resultado ("La tortue, elle voulait aller à la salade").

Bronckart conclui portanto que neste grupo de idade, os Tempos do Verbo exprimem "nuances" de tipo Aspectual e não Relações Temporais de natureza deíctica.

Entre os 6 e os 8 anos verificou-se que um número significativo de sujeitos (25 %) utilizavam os tempos verbais de uma forma independente das características intrínsecas das acções, mas com uma clara dependência do tempo de latência da resposta. Assim, observaram-se os seguintes resultados: para um T.L. = 2" uma utilização massiva do Presente; para T.L. = 7" sujeitos que utilizam o Presente e sujeitos que utilizam o "Passé Composé"; e para um T.L. de 25", sujeitos que usam o Passé Composé e sujeitos

que usam o Imperfeito. Pode assim dizer-se que nestas crianças existe já uma utilização temporal/deíctica dos tempos verbais.

Nas restantes crianças do grupo de 6-8 anos observou-se uma escolha dominante do Presente com T.L. = 2" e do Passado com T.L. = 25" mas verificou-se que as acções extremas continuavam a dar origem a marcas morfológicas específicas; o "Passé Composé" continuava a ser o tempo mais frequentemente escolhido para as acções resultativas imediatas e o Presente para as acções não resultativas intrínsecas. Este grupo parecia portanto ser um grupo de transição. Nota-se também neste período a emergência de advérbios de aspecto, indicando a velocidade ou a frequência da acção.

Depois dos 10 anos, os tempos dos verbos exprimem principalmente as relações temporais deícticas e a partir dos 16 anos, todos os sujeitos escolheram um só e o mesmo tempo do verbo para descrever as acções que lhes eram apresentadas. Neste período, as "nuances" aspectuais são expressas por outras marcas, essencialmente pelos advérbios e pelas locuções adverbiais.

Estes trabalhos da "Escola Piagetiana" que temos vindo a

a rever são, para já, merecedores de dois tipos de comentários que os devem relativizar: um de natureza metodológica, sobre o qual não nos deteremos muito, e outro que diz respeito aos pressupostos teóricos que lhes estão subjacentes.

No que diz respeito à metodologia deve dizer-se que em geral, estudos experimentais como os que temos vindo a referir, pela sua artificialidade subestimam largamente as capacidades linguísticas da criança e mesmo entre os que defendem a "Hipótese do Aspecto antes do Tempo" mas trabalham com dados de natureza longitudinal e não experimental, situam esta problemática entre os 2 e os 3 anos de idade e não ao nível dos 6 anos como acontecia com aqueles primeiros estudos.

Quanto aos pressupostos teóricos deve dizer-se que os trabalhos de Ferreiro, Sinclair e Bronckart, bem como uma série de outros que se lhes seguiram, como os de Cromer ou os de Szagun, estavam muito directamente influenciados pelos primeiros trabalhos da "psicolinguística Piagetiana" e postulavam uma dependência muito directa entre as características gerais do desenvolvimento cognitivo e o desenvolvimento linguístico. No caso vertente postulava-se uma relação muito directa entre a passagem do período pré-operacional (caracterizado pelo "egocentrismo" da criança)

para o período das operações concretas caracterizado por uma progressiva capacidade de descentração por parte criança. Ora, como as características aspectuais intrínsecas aos eventos não exigiriam da criança nenhuma capacidade de descentração, ao passo que as características deícticas do Tempo Verbal exigiriam dela a consideração de dois ou mais pontos de referência temporal e a sua coordenação simultânea, exigindo-lhe por isso uma importante capacidade de descentração, estaria assim explicada a maior dificuldade de domínio do Tempo Verbal em relação ao Aspecto. Esta hipótese genérica, que ficou a ser conhecida como "*Strong Decentring Hypothesis*", foi posta em causa, pelo seu simplismo, por diversos autores entre os quais pelo próprio Bronckart (cf. Bronckart, 1985b) ou por autores como Aksu-Koç (1988) que embora defendendo a hipótese do Aspecto antes do Tempo pressupõem a existência de relações muito mais complexas entre a dimensão cognitivo/ conceptual, a dimensão semântica e o plano da expressão linguística. Por exemplo, a propósito do trabalho de Bronckart e Sinclair (1973), Aksu-Koç comenta o seguinte:

"Bronckart and Sinclair's arguments suggest that the semantics of tense-aspect is purely dependent on cognitive factors and leaves nothing to be explained in terms of the systemic relations that hold within language itself. There does not seem to be any grounds for us to assume that the relational constructions necessary for the linguistic expression of anteriority, posteriority, or simultaneity between events are

of the same order as those involved in seriatinal structures of operational cognition." (op. cit. p.38).

No entanto e apesar de todas as críticas que têm sido dirigidas a Piaget e aos trabalhos psicolinguísticos a que deram origem, nomeadamente no domínio da temporalidade, autores como por exemplo Slobin, que não pode propriamente ser acusado de simplista na forma como relaciona cognição e linguagem ou de enfatizar os factores de complexidade cognitiva em desfavor dos factores de complexidade linguística, não hesitam em recorrer aos dados piagetianos para explicar a génese da expressão linguística do tempo.

"As Piaget has pointed out (1927) temporal thought for the very small child is characterized by "living purely in the present and assessing the past exclusively by its results." It is this conception of the past in terms of presently enduring results which first moves the child's cognition to past processes." (Slobin e Aksu 1982)

Foi com base numa conceptualização semelhante que surgiu um dos trabalhos mais importantes neste domínio (e sem dúvida o mais citado), o de Antinucci e Miller (1976). Estes autores, tendo realizado um estudo longitudinal com 7 crianças italianas (1) entre os 1;6 e os 2;6 argumentam que a expressão linguística do tempo passado só é primeiramente possível, através da expressão dos resultados de um processo que tenha dado origem a um determinado estado presente. O

passado seria assim "inferido" a partir de um estado presente. A sua argumentação baseia-se essencialmente em dois tipos de fenómenos: 1) a forma particular como as crianças italianas utilizam o Particípio Passado e, 2) o Tipo de Verbos que a criança começa por flexionar no Passado.

Começemos por analisar o primeiro fenómeno. Segundo os autores, em italiano coloquial utilizam-se basicamente duas formas de Passado: o *Passato Prossimo* (forma composta) e o *Imperfetto* (forma simples). Ambos têm um valor temporal passado mas assumem significados aspectuais diferentes de acordo com o tipo de verbo que é usado. O passado de um verbo Estativo é expresso pelo uso do *Imperfetto* ("Giovanni amava Maria"). O passado de um Não-Estativo é expresso através do *Passato Prossimo*.

O *Passato Prossimo* é composto por um Auxiliar (no Presente) e um Particípio Passado. O Auxiliar é o "ter" para os verbos transitivos ("Giovanni ha aperto la porta") e o "ser" para os verbos intransitivos ("Giovanni è uscito"/"Giovanni saiu"). A flexão do Particípio Passado concorda em género e número com o sujeito de um verbo intransitivo ("La ragazza è uscita") mas é fixa -o para os verbos transitivos ("La ragazz(a) ha apert(o) la porta"). No entanto se o objecto de um verbo transitivo for pronominalizado, o Particípio

Passado tem de concordar em género e em número com o objecto ("*Giovanni I(a) ha apert(a)*").

Ora, um dos fenómenos extremamente interessantes que os autores observaram foi precisamente o da generalização do acordo Participípio-Objecto. Até uma certa idade (algures entre os 1;10 e os 2;5), os Participípios dos verbos transitivos são marcados para acordo entre o objecto e o verbo mesmo nos casos em que o objecto não está pronominalizado. Vejamos um exemplo:

(1;10): "*La signora ha chius(a) la port(a)*"

(a versão adulta seria: "*La signora ha chiuso la porta*")

Antinucci e Miller sugerem que o acordo entre o Participípio e o Objecto revela que a criança se centra no *resultado* do evento descrito pelo verbo. O Participípio descreveria um *estado* do Objecto ou seja, a criança trataria o Participípio Passado como se este fosse um Adjectivo.

"As a result of the change denoted by a transitive verb, the object comes to be in a state; for example the action described by *somebody broke the toy* results in the state *the toy is broken*. The children are using the past participle to describe the END-STATE of a process or action. In more general terms, they are describing the state of an object that results from a transformation."
(pág.173)

Antinucci e Miller propõem assim a hipótese de que nesta fase os verbos no passado "retratam" um estado do Objecto, estado esse que é o resultado perceptível de uma transformação dinâmica sofrida pelo Objecto. Só depois desta fase a criança conseguiria desviar a sua atenção do estado actual para o evento precedente que o determinou e alargar então o uso das formas verbais passadas ao Passado em geral.

Esta hipótese baseia-se também na observação do que acontece em termos de flexão dos verbos quando se tem em conta *o Tipo de Verbo*. Com efeito, classificando os verbos em *Estativos, Mudança de Estado e Verbos de Actividade* verificam que os *Estativos* e os *verbos de Actividade* (verbos atélicos, que descrevem um evento sem um resultado final) ocorrem no Presente mas nunca ocorrem nas formas verbais do passado.

A análise do "corpus" de uma criança inglesa (Brown, 1973) levou os autores a conclusões idênticas. Com efeito, após uma fase em que a criança utilizava apenas o "*Present Tense*" mesmo em situações em que seria obrigatória a utilização do "*Past Tense*", surge uma outra fase (no caso da criança analisada, a partir de 1;9) em que a criança começa a marcar e a generalizar um passado regular *-ed*. Verifica-se no entanto, que embora essa marcação se alargue cada vez mais, abrangendo um número cada vez maior de verbos, há um conjunto de verbos que nunca são marcados mesmo que ocorram

em contextos onde essa marcação seria obrigatória. Ora, são precisamente os *verbos de Estado* e de *Actividade* que nunca são flexionados no passado. A partir destes dados os autores concluem:

"the child is able to make reference to and encode past events only when their character is such that they result in a present end-state of some object" (pag.182)

A interpretação que os autores fazem deste facto baseia-se em razões de ordem cognitiva. Sendo os estados de coisas passados, estados não presentes e portanto não observáveis, a criança teria de re-presentá-los para os poder expressar linguisticamente. Ora, uma característica importante dos verbos de **MUDANÇA DE ESTADO** é a de que embora remetam para estados de coisas presentes e observáveis, eles reenviam também para eventos anteriores de que são o resultado.

"Change of state verbs (causative or not) describe those situations in which some end-state comes into existence as the result of a process. In these cases, therefore, the past event (process) and the present moment (end-state) are related not simply by an abstract temporal relation but by a more concrete effectual relation. This concret link is exactly what enables the child to represent the past event once he has access to the present-end state." (op.cit.,p.183)

Os autores relacionam este tipo de fenómenos com os trabalhos de **Piaget** segundo o qual, a criança do período

sensório-motor se caracterizaria por viver exclusivamente no presente e ter acesso ao passado unicamente através dos seus resultados.

Em suma, para a criança de língua italiana temos um percurso em três fases:

1. o Particípio descreve o Estado de um objecto.
2. o Particípio reenvia para um evento anterior ao estado actual através dos traços desse evento anterior presentes no estado actual.
3. o Passado consegue expressar-se mesmo em verbos que não reenviam para eventos anteriores.

Para a criança de língua inglesa o processo pelo qual a flexão do Passado começa a referir-se a um evento precedente, só pode ocorrer quando se trata de situações de mudança de estado. Assim, mesmo que morfológicamente a criança já domine as formas do Passado (o que é posto em evidência pelos fenómenos de generalização), ela encontra-se ainda limitada por uma restrição de tipo semântico / cognitivo: *"he can only encode, and mark for past, verbs of the change of state type."* (pág. 183). (2)

Esta limitação explicaria ainda porque é que os verbos de *Estado* ou de *Actividade* se não encontram flexionados no Passado. é que, não sendo resultativos, a criança não

consegue pô-los em relação com o momento presente. Segundo os autores, neste momento do seu desenvolvimento,

"(...) the child lacks an abstract conception of time that would allow him to construct, between any two events X and Y, the relation Event Y precedes Event X, even when no other type of relation holds between event X and Y".
(pág. 184)

De facto a criança parece nesta fase tratar os eventos como se estes estivessem separados entre si. Põe-se portanto o problema de saber como é que a criança "constrói e exprime a dimensão Passado em relação aos estados de coisas referidos por verbos de Estado e de Actividade" (pág.184). Ora, os autores começam por mostrar duas coisas:

10) as primeiras ocorrências no Passado de verbos de Estado e de Actividade, surgem no Imperfeito e não na forma de Passado com Particípio.

20) o Imperfeito surge mais tarde do que as formas com Particípio (que neste estudo surgem a partir dos 2;1).

E ao analisarem as ocorrências do *Imperfetto* os autores verificam que quase todas essas formas surgem em contextos de "contar histórias":

"the child is not narrating a past event, and in most cases is not even narrating a story that someone previously told him. The child is inventing a story at the moment, either by looking at a picture or object or by actually setting the roles and scenes and acting out a story."

Em muitas ocasiões a criança começa a falar no Presente mas logo que entra no "jogo de história" muda para o Imperfeito. Isto demonstraria para os autores, que *"the first uses of the imperfect form do not mark a past event at all."* Este comportamento seria antes a verbalização do *"jogo simbólico"* (Piaget) e indicaria que a criança era já capaz de fazer uma distinção fundamental:

"(...) the child is able to make a distinction between the actual plane of reality and the plane of reality and fiction. In other words, he is able to conceptualize objects and events as pretend vs real." (pág. 186)

e acrescentam:

"(...) the first instances of the imperfect form mark linguistically the cognitive distinction of pretend world vs real world. The ability to make this distinction, as Piaget shows, is more complex, and later to develop than the ability to take account of a physical transformation (which, we have argued, is the basis for the use of the participial form). This may explain why the imperfect forms appear later." (pág.187)

Mas se os primeiros usos do Imperfeito marcam um evento como sendo de *"faz de conta"* ("pretend") põe-se a questão de saber como e quando é que o *Imperfetto* começa a ser usado

para codificar o Passado de situações referidas por verbos de Estado e de Actividade.

"the distinction of past vs present can be considered as a much narrower and specialized instance of the broader distinction between actual vs non actual. In other words, one of the things that are non-actual now is the states of affairs that were in effect in the past. Thus the meaning "non-actual" is the core of the development of a "past" meaning for the imperfect." (pág.187).

No entanto, afirmam os autores, a relação entre o uso do imperfeito na narrativa ("story telling") e o seu uso mais generalizado no passado é mais específico e pode dar conta da distinção que a criança faz entre por um lado verbos de estado e verbos de actividade e por outro verbos de mudança de estado. Assim, os autores distinguem dois tipos de elementos dentro da "story telling": por um lado o "*faz de conta*" ("pretending"), por outro lado a *sucessão de eventos*.

Ora, dado que uma narração é uma sucessão de eventos, e dado que por outro lado, um verbo de Actividade pode ser visto como uma sucessão ou repetição de eventos elementares da mesma natureza (ex. "chorar", "bater").

"If the distinction between pretend and real provides the cognitive basis for the distinction between past and present, then it is through the linking of a succession of events in story-telling and the repetition of the same elementary event in activities that the child comes to use the

imperfect to refer to past activities. In fact, if we look at utterances in which the imperfect is used when no continuous narration seems to be involved, we see the quality of repetition." (p.187)

Os autores dão como exemplos destes primeiros usos do Imperfeito, verbos de Actividade deste tipo "iterativo": "lavava os dentes"; "dava coisas" ; "chorava" (3) .

Finalmente, Antinucci e Miller fazem notar que a noção de "*non-actuality*" que é codificada pelo Imperfeito e que vai por um lado dar origem à noção de Passado vai ainda como que bifurcar-se para dar origem por um lado aos estados de coisas Futuros e por outro aos estados de coisas Hipotéticos. Assim, fazem notar que a partir dos 3;4 a criança utiliza o Imperfeito em "contextos hipotéticos" onde o adulto italiano utilizaria a forma condicional do verbo ou uma frase no conjuntivo (4) . Isto constituiria uma prova adicional de que o Imperfeito começa não por ser um Passado mas sim um indicador da distinção "Actual" vs "Não-Actual".

Estes dados foram confirmados por um trabalho de De Lemos (1981), com base no Português do Brasil, segundo o qual, as formas imperfectivas emergiam muito mais tardiamente do que as formas Progressivas do Presente e do que as formas Perfectivas do Passado. De facto, emergiam durante a primeira metade do 3º ano de vida e ocorriam apenas com

verbos de Estado e de Actividade em "contextos de fantasia" como o jogo simbólico e o contar de histórias.

Um outro estudo importante sobre esta temática é o de Bloom, Lifter e Hafitz (1980). Estas autoras realizaram um estudo longitudinal que envolveu 4 crianças entre os 1;11 e os 2;4 e mostraram igualmente existir uma forte interdependência entre a aquisição dos morfemas verbais e os tipos de verbos em que as flexões emergem (5). As autoras classificaram os verbos em dois tipos: *Verbos de Estado* e *Verbos de Acção*. Os Verbos de Estado são definidos como representações de eventos que "não implicam movimento" (*want, know, like, sleep, see*) e os Verbos de Acção como representações de eventos que "implicam movimento" (*eat, ride, throw, make, go*) correspondendo "grosso modo" esta distinção corresponde à distinção mais usual entre Verbos de Estado e Verbos de Processo. As autoras verificaram que os Verbos de Processo emergem primeiro do que os Verbos de Estado e quando emergem, os Estativos raramente aparecem flexionados.

Bloom et al. verificaram igualmente que para além de algumas restrições distribucionais de ordem sintáctica (6), os morfemas se distribuem também diferencialmente consoante o Aspecto Lexical do verbo ou seja, o seu significado aspectual inerente. As autoras relacionam especificamente

aspecto inerente com os valores como Duratividade / Não-Duratividade e Completivo / Não- Completivo .

Os Verbos de Acção que ocorriam com *"-ing"* nomeavam eventos durativos, "não-completivos", ou seja, eventos que não tinham um resultado claro e imediato (*"play"*, *"hold"*, *"ride"*, *"write"*); estes verbos eram quase que exclusivamente marcados por esta flexão. Podemos assimilar este tipo de verbos com verbos de Actividade, usando a tipologia de Vendler.

Os verbos que ocorriam com *"-ed"* ou *"Irregular"* nomeavam eventos não-durativos, pontuais que tendiam a ser "completivos", com um resultado relativamente claro (ex.: *"find"*, *"break"*) e verbos deste tipo ocorriam exclusivamente com *"-ed"* ou *"Irregular"*. Novamente se traduzirmos isto em termos da tipologia de Vendler diríamos que estes são verbos de tipo "Achievement".

Os verbos que ocorriam com o morfema *"-s"* nomeavam eventos que eram por um lado completivos com um resultado final (*"go"*, *"fit"*, *"open"*, *"sit"*, *"stop"*) e durativos (*"in the sense of continuing after completion"*, (p.398) o que poderá ser interpretado como uma espécie de oposição entre um evento genérico e um evento específico (ex. "he plays" vs

"he is playing"), traduzido por um aspecto genérico versus um aspecto progressivo.

Estas distinções corresponderiam a duas oposições básicas constitutivas do Aspecto: Durativo/Não-Durativo e Completivo/Não Completivo, que as autoras retomam de Friederich (1974) (7) como sendo de facto as oposições aspectuais básicas.

Quanto aos Verbos de Estado, Bloom et al. distinguem dois tipos: 1) os "*Estados Internos*" (verbos do tipo: "*want*", "*like*", "*need*", "*think*", "*feel*", que nomeiam estados internos e "privados"); Estes eram os verbos de Estado mais frequentes na fala da criança e raramente apareciam flexionados; 2) Os "*Estados Perfectivos*" (ex.: "*dizer*", "*olhar*", "*chorar*", "*dormir*") que reenviariam para estados "publicos" e "partilháveis".

"Such verbs are aptly described as perfective in the sense of Friedrich, who defines *PERFECT* as "a state of the subject resulting from a realization of the process referred to by the verb." Further, these verbs named states that were phenomenological or "public", and capable of being observed and "shared" by others. Such verbs named the end states that resulted from actions."
(p.404)

Os *Verbos de Estado* surgiriam mais tardiamente que os Verbos de Acção e de entre os verbos de Estado seriam os verbos Perfectivos os primeiros verbos a serem flexionados (8).

As autoras defendem explicitamente a Hipótese do Aspecto antes do Tempo e consideram que *"the semantics of the verbs that the children were learning was the major influence on the learning of verb inflections"* (p. 404). Além disso fazem notar que se o adulto utiliza para a mesma raiz verbal vários morfemas para marcar o tempo e o aspecto de forma contrastiva as crianças que observaram não o fazem: *"Most verb stems occurred with only one or another morpheme."* (p. 405)

Bloom et al. comparam a sua tipologia de verbos baseada nas dicotomias *Eventos Durativos* vs *Eventos Não-Durativos* e *Eventos Completivos* vs *Eventos Não-Completivos* com outros contrastes aspectuais discutidos na literatura e admitem que a distinção entre *Eventos Durativos / Não Completivos* e *Eventos Não-Durativos / Completivos* corresponde basicamente à distinção entre *Actividades* e *"Achievements"* ou à distinção entre *Processos* e *Eventos*.

As autoras concluem que o progresso das distinções aspectuais (9) realizadas pelas crianças segue sensivelmente os mesmos contrastes aspectuais propostos por **Friederich:**

"According to Friederich, the oppositions stative/non-stative, durative/non-durative, and completive / non-completive are the three basic features of aspect. It is precisely these

distinctions that appeared to guide the emergence of the different inflectional forms in the children speech." (p.406)

Mas para Bloom et al., *o Principio do Aspecto antes do Tempo deve ser considerado como um principio relativo e não como um principio absoluto* na sua aplicação aos estudos sobre aquisição da linguagem:

"Although strongly influenced at the beginning by event-aspect, children are no doubt learning tense relations at the same time; they do not learn tense only after they learn aspect." (p.407)

Quanto à explicação possível sobre porque é a criança começaria por ser mais sensível ao aspecto do que ao tempo, Bloom et al. deixam implícito que o Aspecto exigiria da criança apenas o comentário a eventos particulares, ao passo que o Tempo Verbal exigiria a relação entre o tempo do evento e o tempo da fala: "*Linguistic tense transcends the aspect of events in that any event in general, can be spoken about as it happens, after it happens, or before it happens*" (Bloom et al., 1980, p.405). Num texto mais recente (Bloom e Harner, 1989) a Hipótese do Aspecto antes do Tempo é situada num plano menos cognitivo e mais linguístico:

"The original "aspect before tense" hypothesis was configurational. As it was first articulated by Jakobson (1957), the hypothesis captured the observation that when both tense and aspect are marked in a language, the aspectual marking will appear closer to the verb stem and before the

tense marking. The hypothesis was appropriated by Bloom et al. (1980) to explain the influence of aspect on learning tense marking when children begin to learn verb inflections." (Bloom e Harner, 1989, p.211).

A investigação de Aksu-Koç (1988) centra-se também sobre esta problemática. Entre o segundo e o terceiro estágio da proposta desta autora, que anteriormente revimos, (ou seja, entre o "Período Flexional" e o "Período da Referência Temporal") haveria uma mudança fundamental na função desempenhada pelas flexões dos verbos, que deixariam de ser essencialmente marcas aspectuais para passarem a assumir verdadeiramente uma função deíctica de marcação temporal. Assim, estas marcas morfológicas iniciais teriam como função "comentar a estrutura interna dos eventos, em termos da sua distribuição temporal":

"In other words, what children seem to be marking is an emphasis on certain characteristics of the events itself; i.e. on whether it is a state or a dynamic activity, whether it is sudden or ongoing in time, on whether it is completed or not."(p.36)

II. 3.2. A CRÍTICA À HIPÓTESE DO ASPECTO ANTES DO TEMPO

Aos trabalhos de Bronckart seguiram-se uma série de replicações sistemáticas que comentaremos aqui sucintamente. C.S. Smith (1980), por exemplo, observa que os eventos perfectivos são mais vezes descritos usando o "Past Tense" e os eventos durativos são mais vezes descritos através de formas temporais progressivas. C. Smith, no que é seguida por Weist et al. (1984), "reinterpreta" estes dados, recusando a hipótese cognitiva segundo a qual o Tempo Verbal seria um conceito mais difícil para a criança por exigir desta uma "descentração" de que ela não seria capaz, dado o seu egocentrismo cognitivo. A "reinterpretação" de Smith vai no sentido de afirmar que existem duas principais fases no desenvolvimento: inicialmente a criança pode referir-se a eventos que não são presentes mas sempre a partir do ponto de vista do Presente (ou seja, a partir da posição do observador/falante). Mais tarde, a criança poderá falar a partir de uma perspectiva que pode não ser a do "aqui-e-agora" do falante. Esta interpretação baseia-se no pressuposto de que um sistema temporal "completo" requer a coordenação de três "tempos": o Tempo da Fala (TF), o Tempo do Evento (TE) e o Tempo de Referência (TR). Assim, para Smith como para Weist, o sistema temporal inicial da criança estaria limitado ao TF e ao TE, estando o TR sempre "amalgamado" no TF, ou como afirma Weist, "*for young*

children the point of orientation is fixed at speech time"
 (Weist et al. 1984, p.372) (10).

Segundo Weist este período de restrição do Tempo Verbal estende-se, para as crianças polacas, ao longo do primeiro ano de linguagem flexionada (pelo menos ao longo do primeiro ano de existência das flexões verbais), ou seja entre os 1;6 e os 2;6. E C.Smith (1980) estima que o TR emerge como um conceito independente cerca dos 4;6 ao passo que Weist situa a emergência do TR numa fase muito mais precoce (cerca de dois anos antes, cf. Weist et al., 1984, p. 372), logo que a criança começa a usar advérbios deícticos como "ontem", "hoje" e "amanhã".

Esta ideia de que a criança interpreta o Passado (ou o não Presente) em função do Presente parece-nos em absoluto semelhante às ideias expostas por **Werner e Kaplan** e a que já nos referimos anteriormente. No entanto, enquanto esta ideia nos parece compatível e até coerente com a "hipótese do Aspecto antes do Tempo" (o passado "falado" ou representado a partir dos seus resultados ou efeitos no presente), alguns autores parecem não partilhar desta opinião. Por exemplo **Wales (1986)** tira como consequência da "reinterpretação" de Smith, o seguinte:

"(Thus) the developmental course of aspect and tense does not commit us to having to postulate a non-deictic stage of acquisition before a deictic one. This seems to be consistent with the fact that tense and aspect are inextricably interwoven in human languages." (Wales, 1986, p.426)

Em suma, podemos aqui detectar duas posições. Ambas defendem que o sistema verbal da criança é diferente do do adulto, simplesmente uma defende que a diferença é que o sistema é inicialmente não-deíctico, as flexões verbais servindo essencialmente como marcas de Aspecto; uma outra posição afirmando que o sistema é desde o seu início um sistema deíctico, mas que difere do do adulto por não possuir um sistema de Referência Temporal (RT) diferenciado do Tempo da Enunciação (TE). Ainda assim haveria que relativizar aquela primeira proposição dado que a generalidade dos defensores da chamada "Hipótese do Aspecto antes do Tempo" não defendem que a criança "adquire primeiro o Aspecto e só depois o Tempo" ou que exista, em absoluto, um período não-deíctico precedendo um período deíctico, antes defendem que estas aquisições são concomitantes embora se note num período inicial uma influência mais nítida das características inerentes ao evento do que da relação entre o TE e o TE sobre as marcas morfológicas emergentes nos verbos.

Entretanto, a investigação de Weist et al. (1984) e as teses aí defendidas bem como em Weist (1986), vieram provocar uma

forte polémica ao caracterizarem os trabalhos de Bronckart e Sinclair, de Antinucci e Miller e de Bloom et al., como basicamente incorrectos na caracterização que fazem do processo de aquisição do Aspecto e do Tempo. Weist et al. (1984) sugeriram que existiriam duas interpretações sobre o desenvolvimento dos sistemas temporais na criança. Uma das interpretações seria aquela a que apelidaram de "*Hipótese Defectiva do Tempo*" e que atribuem essencialmente aos trabalhos dos autores anteriormente referidos. Esta é de facto a chamada "*Hipótese do Aspecto Antes do Tempo*" segundo a qual as primeiras distinções sistemáticas que a criança faria ao nível do sistema verbal seriam essencialmente de natureza aspectual e não tanto reguladas pela localização temporal dos eventos entre si ou dos eventos em relação ao momento da enunciação. Em oposição a esta perspectiva, Weist (1986) pretende ter demonstrado que as crianças polacas usam a morfologia temporal para codificar relações temporais, isto é, para marcar as relações entre o Tempo da Fala e o Tempo do Evento e que, por outro lado, usam a morfologia aspectual para codificar a distinção entre pontos de vista Perfectivos e pontos de vista Imperfectivos.

Weist caracterizou aquilo a que chamou de "Defective Tense Hypothesis" nos seguintes termos:

"According to the defective tense hypothesis, the initial tense morphology does not perform its normal deictic function. Instead of coding a deictic relationship, the past tense form codes the aspectual relationship and the future tense form codes intentions." (1986, pág.359)

Para Weist, a "hipótese defectiva" envolve três componentes:

- 1) uma componente semântica; 2) uma componente sintáctica e
- 3) uma componente temporal.

1) a "*componente semântica*" implicaria que só os verbos télicos - e não os verbos de estado ou os verbos de actividade - apareceriam flexionados no passado;

2) a "*componente sintáctica*" implicaria que as distinções de tempo seriam redundantes em relação às distinções de aspecto e seriam um mero acompanhamento destas. Ao utilizar uma determinada forma verbal a criança só a utilizaria ou na forma perfectiva ou na forma imperfectiva.

3) a "*componente temporal*" implicaria que as referências temporais ao passado seriam sempre referências a um passado imediato e deveriam ser derivadas de um "estado resultante".

Para testar estes pressupostos Weist et al. (1984) realizaram dois tipos de estudos: um de tipo longitudinal - sobre o qual nos deteremos mais longamente - e um de tipo transversal. No primeiro estudaram 6 crianças entre os 1;7 e

os 2;2. Cada criança era observada durante 4 sessões de 45 minutos cada.

Para analisar as frases verbais produzidas pelas crianças foi utilizado um sistema classificativo que englobava uma "classificação semântica" e uma "classificação sintáctica". Do ponto de vista semântico os sintagmas verbais eram classificados, a partir dos trabalhos de Vendler (1967) e de Dowty (1979), como "Estados", "Actividades", "Accomplishments" e "Achievements". A "classificação sintáctica" envolvia a classificação das formas verbais quanto ao Tempo Verbal (Passado, Presente e Futuro) e quanto ao Aspecto (Perfectivo e Imperfectivo). Convirá notar neste momento que tendo trabalhado sobre o Polaco, uma língua portanto do grupo eslavo, todos os verbos aparecem marcados quanto à oposição Perfectivo / Imperfectivo.

Passaremos agora em revista os principais resultados deste estudo reservando para um momento posterior a sua discussão.

Relativamente à *componente sintáctica e semântica*, o dado a que os autores atribuem maior importância é o de que *desde uma idade muito precoce se observou a produção no Passado de verbos de Actividade na forma Imperfectiva*. Acresce que, segundo os autores, estas formas Imperfectivas no Passado se referem a acontecimentos "actuais" o que contrariaria a

ideia de Antinucci e Miller de que *"the meaning "non-actual" is the core of the development of a "past" meaning for imperfective"*.

Deve no entanto dizer-se -e enfatizar-se desde já- que os verbos Actividade / Imperfectivo no Passado *não* são os mais frequentes. Pelo contrário, (e veja-se a este propósito, Bloom e Harner, 1989, <11>), globalmente os autores constataram que as formas verbais mais frequentes eram:

- a) as formas perfectivas no passado em verbos de tipo "achievement" e "accomplishment".
- b) as formas perfectivas no futuro em verbos de tipo "achievement" e "accomplishment".
- c) as formas imperfectivas no presente em verbos de estado e de actividade.
- d) as formas imperfectivas no futuro eram praticamente inexistentes.

Um outro dado muito sublinhado pelos autores tem a ver com o facto de, no seu estudo, os contrastes aspectuais emergirem em simultâneo com os contrastes temporais. Uma análise por tipo lexical revelou que para um mesmo verbo *todas* as crianças eram capazes de usá-lo Perfectiva ou Imperfectivamente no Passado. As crianças mais velhas (a partir dos 2;0) conseguiam também fazer esse contraste no Futuro. Para Weist et al. estes contrastes que cada criança consegue precocemente realizar, mostrariam que nem o tempo nem o aspecto poderão ser vistos como informação redundante,

o que contrariaria os argumentos da "componente sintáctica" da "Hipótese Defectiva do Tempo".

Quanto à *componente temporal* ela assume duas vertentes: a primeira tem a ver com uma dimensão semântico / pragmática segundo a qual só os verbos télicos começariam por ser flexionados no Passado; a segunda com uma dimensão estritamente temporal que se prende com o facto de saber se a criança tem ou não capacidade de se referir a um Passado Remoto ou se se encontra limitada a um Passado Imediato.

Quanto à primeira dimensão, os autores discutem a hipótese de Antinucci e Miller segundo a qual para usar a morfologia do Passado, seria necessário que no momento da enunciação a criança presenciasse uma mudança de estado ou pelo menos pudesse inferir um estado anterior (ou passado) a partir de um estado resultante actual. Weist et al. afirmam que embora este fenómeno possa ser ocasionalmente observável, existem no entanto numerosos contra-exemplos. E mesmo que esses contra-exemplos não existissem, os autores defendem que ainda assim a presença de traços de uma situação télica anterior não excluía a possibilidade de que a referência ao Passado fosse realmente de natureza deictica (12).

Quanto à dimensão estritamente temporal Weist et al. observam ocorrências de tempos passados que não se referem

a situações imediatamente anteriores ao momento da fala e defendem por isso que a criança tem muito precocemente capacidade para fazer referência a um "Passado Moderadamente Remoto". Esta componente do estudo de Weist et al., que em parte já resumimos na parte final do Capítulo II.1., será amplamente retomada no Capítulo V quer do ponto de vista dos problemas metodológicos que levanta quer do ponto de vista da comparação dos resultados obtidos e sua interpretação.

II.3.3. A CRITICA AO TRABALHO DE WEIST

O modelo de Weist parece ter adquirido nos últimos tempos a "aura" de ser "a última palavra" no que diz respeito à descrição e explicação da aquisição do sistema verbal na criança, tendo sido aceite de uma forma relativamente acrítica por vários autores e investigadores (13). Do nosso ponto de vista uma das consequências graves desta aceitação acrítica é a de ter de certa forma relegado para segundo plano toda uma tradição de investigação linguística e psicolinguística que vem desde os trabalhos anteriores a Werner e Kaplan, passa posteriormente pelo trabalho "charneira" de Antinucci e Miller e culmina em trabalhos como os de Slobin e AKu-Koç (1982) e Aksu-Koç (1988) que alargam o campo de investigação até aí existente e acabam por estudar estas questões numa perspectiva mais alargada que inclui não só o Tempo e o Aspecto mas também uma visão articulada da aquisição do Tempo, do Aspecto e da Modalidade. Pelo meio há naturalmente toda uma série de trabalhos que analisámos mais aprofundadamente (e que vão desde os de Bronckart aos de Bloom) ou que apenas referimos. E de facto o que Weist pretendeu fazer não foi uma crítica a esses trabalhos mas antes, recorrendo aliás a uma retórica bastante "violenta", uma pura demolição e anulação de tudo o que estava feito antes de si. No entanto, apesar da aceitação mais ou menos passiva que obteve, algumas críticas

foram entretanto publicadas que assinalaram fragilidades fundamentais no trabalho de Weist e que não podem ser ignoradas. Referimo-nos em particular a Rispoli e Bloom (1985) , a Aksu-Koç (1988) e a Bloom e Harner (1989). Independentemente de questões empíricas que serão testadas e avaliadas ao longo deste trabalho, concentrar-nos-emos agora em algumas questões teóricas fundamentais para compreendermos as divergências com Weist.

1)- Em primeiro lugar podemos afirmar que Weist faz uma interpretação errónea e no mínimo absolutamente rígida e exagerada da hipótese do Aspecto antes do Tempo.

Com efeito, a leitura que Weist et al. fazem desta hipótese é a seguinte:

"They proposed (*e referem-se aqui em particular a Antinucci e Miller*) that early tensed utterances express aspectual not deictic relations. Hence tense is defective in its normal function at this phase of development. This proposal will be identified as the defective tense (DT) hypothesis" (...) the DT hypothesis is not a frequency argument. (...) Furthermore, the DT is not simply an aspect priority hypothesis. The hypothesis does not simply claim that certain aspectual distinctions will emerge prior to tense distinctions. The DT hypothesis states that emerging tense morphology is defective in its function since it does not code deictic relationships" (Weist et al.1984, p.348)

Ora, nada disto corresponde ao espírito, nem sequer à letra, daquilo a que os autores a que Weist se refere escreveram, como poderemos ver pelos seguintes excertos. Por exemplo Antinucci e Miller (1976) afirmaram:

" the meaning of the child's past tense is at this point rather limited. He is able to encode a past event, but only if it results in a present state. Looking at this fact from a linguistic point of view, we could say that the past "tense" has more of an aspectual than a temporal value."
(p.183, sublinhados nossos)

e Bloom et al. afirmavam no seu trabalho de 1980:

"the principle Aspect Before Tense is relative and not absolute in its application to development in the child language data. Although strongly influenced at the beginning by event-aspect, children are no doubt learning tense relations at the same time; they do not learn tense only after they learn aspect." (p.407, sublinhados nossos).

Num texto mais recente Bloom e Harner (1989) caracterizam assim a sua versão da hipótese do Aspecto antes do Tempo:

"we argue that aspectual distinctions do, indeed, influence the course of the acquisition of tense distinctions.(...) This claim does not require that children's use of aspect marking becomes fully developed before they learn tense distinctions, or even separate and sequential development of the two. Both systems develop together, but aspect is an earlier determining factor."(1989, p.211, sublinhados nossos)

E em função destas leituras a única coisa que se pode concluir é que a chamada *Hipótese Defectiva do Tempo* é no fundo uma coisa inventada por Weist e colegas, que tem pouco a ver com o que tinha sido proposto pelas investigadores anteriores:

"No one who had studied the tense/aspect distinction in early language acquisition proposed an hypothesis of defective tense to explain early verb inflection (...) these researchers *NEVER* claimed that the use of tense by young children was defective. The hypothesis originated with Weist." (Bloom e Harner op. cit.p.210)

Bloom e Harner assinalam com toda a razão que nenhum aspecto do desenvolvimento humano emerge na sua forma final de forma completa: "*Accordingly, an aspect of development cannot be considered defective because it functions incompletely when it first appears.*" De acordo com este principio não faria sentido chamar de "defectiva" a lalação ou o balbuceio em relação às primeiras palavras, de "defectivas" as primeiras palavras em relação às primeiras frases, etc. Pelo contrário, cada um destes comportamentos, constitui um índice das capacidades emergentes: "*they are signs of development, not deviance*" (Bloom e Harner, op.cit.,p.209).

2)- A incompreensão de um modelo de desenvolvimento por diferenciação leva a todo um conjunto de argumentações que são no mínimo estranhas. Quando todos os estudiosos da

psicogénese das diversas funções psicológicas defendem modelos de desenvolvimento progressivos onde as diversas funções se vão diferenciando a pouco e pouco, Weist parece conceber o desenvolvimento como uma função de tudo ou nada. Por exemplo quando os vários investigadores detectam uma *tendência* para que os verbos de Actividade não apareçam flexionados no Passado, Weist (1986) aparece a argumentar que existem várias excepções e apresenta todo um rol de contra-exemplos, extraídos das mais diferentes línguas e de que se não percebe o valor psicogenético (14), entre outras razões porque são exemplos descontextualizados e porque não são dadas as frequências dessas ocorrências, e mesmo que o fossem, não são definidos critérios para considerar quando é que determinada aquisição está ou não consolidada, a não ser claro, o critério do tudo ou nada. Por exemplo, em relação à questão acima referida dos verbos de Actividade no Passado ou em relação à questão já várias vezes discutida quanto à capacidade de referência ao Passado Remoto, afirmam Weist et al.:

"Instead of failing to detect any activity verbs with past inflections, any imperfective past forms, and / or any remote past references, it is often the case that these behaviours are simply infrequent." (Weist et al., p.348, sublinhado nosso)

Definitivamente trata-se uma incapacidade global para compreender o que são tendências de desenvolvimento,

emergências progressivas de determinados fenômenos, maiores probabilidades de ocorrência vs menores probabilidades de ocorrência em vez de dicotomias do tipo "ou ocorre ou não ocorre". Podemos assumir que uma variável tem uma importância genética relevante, se crianças mais novas e crianças mais velhas divergem significativamente quanto a essa variável; mas não podemos inferir que determinado padrão de desenvolvimento não existe só porque encontramos alguns contra-exemplos que não se coadunam totalmente com esse padrão. E isto porque na mesma criança coexistem os elementos mais antigos do desenvolvimento, com as aquisições mais recentes. Por essa razão é muito mais irrelevante assinalar que uma, duas ou três vezes a criança foi capaz de fazer referência a um Passado Remoto ou utilizar um verbo de Actividade no Passado do que conseguir caracterizar globalmente uma determinada fase do desenvolvimento da criança, determinando-lhe as tendências gerais e a *coerência global interna*, enfim conseguindo discernir um determinado *padrão* nesse desenvolvimento.

3)- Finalmente, um outro aspecto que Bloom e Harner relevam na sua crítica a Weist é o da tensão existente entre as "teorias desenvolvimentais" e as "teorias formais" da aquisição da linguagem, situando-se as autoras no campo daquelas primeiras teorias e situando Weist no pólo das teorias formais.

"Developmental theories are the result of a bottom-up approach that begins with a theory of what the child knows and inquires into the process whereby the child's knowledge changes over time. Formal theories of acquisition are the result of a top-down approach that begins with a theory of the adult language and asks how it is learned." (op.cit.,p.208)

Não sendo nosso objectivo aprofundar esta polémica, não podemos deixar de assinalar desde já que ela tem profundas implicações em termos práticos no que diz respeito à escolha das categorias de análise da fala da criança. Por exemplo Aksu-Koç (1988) critica Weist por este utilizar uma classificação dos verbos baseada exclusivamente numa "gramática adulta" e sem ter em conta o tipo de actividades da criança ou os contextos discursivos em que os verbos emergem. E como exemplo dá o seguinte:

"When child utterances with activity verbs marked for past are evaluated in context, it becomes clear that children's use most often does not correspond to adult categories." (p.45)

Estas problemáticas estarão sempre presentes ao longo da parte empírica deste trabalho. Será dada particular atenção aos contextos discursivos em que ocorrem as diversas formas verbais e o problema da aplicação da tipologias de verbos à linguagem infantil será explicitamente discutida quer em capítulos específicos quer nas Conclusões.

II.3.4. PERSPECTIVAS DE INVESTIGAÇÃO DO PRESENTE TRABALHO

Em capítulos posteriores (Partes V e VI) serão testadas algumas das hipóteses que foram sendo discutidos ao longo da revisão de literatura dos diversos trabalhos expostos. Assim, na **Parte V** será essencialmente discutida a questão da referência temporal na interacção com os adultos e a relação desta problemática com a passagem de um plano de referência centrado no *Aqui-e-Agora*, para um plano de "referência deslocada" não necessariamente dependente da situação presente e do contexto actual. Discutir-se-á esta questão não apenas no que diz respeito à passagem de uma limitada capacidade de referência ao *Passado Imediato* para uma mais potente capacidade de Referência ao *Passado Remoto* mas também no que diz respeito as outras formas de referência que poderemos situar num plano de Referência Inactual, como sejam o *Jogo Simbólico*, a *Narrativa*, etc. Ainda neste capítulo será testada e discutida a hipótese de Weist de que as crianças teriam muito precocemente uma razoável capacidade de referência ao *Passado Remoto*.

Na **Parte VI**, e depois de uma breve caracterização do sistema Temporal e Aspectual do Português, testaremos mais directamente aquilo a que Weist chamou a "*Componente Semântica da Hipótese do Aspecto Antes do Tempo*". Em primeiro lugar analisaremos os problemas postos pelo

Presente; em que medida é que, tal como para o Inglês, existe uma primeira sub-categorização dos verbos em Verbos Estativos e Verbos de Processo e em que medida é que essa sub-categorização passa pelo modo particular como a criança utiliza o Progressivo; analisaremos ainda a relação que existe na linguagem da criança entre o Presente Progressivo e o Presente Simples e em que medida é que certas evoluções destas duas formas traduzem um deslocamento de uma centração no momento actual para uma maior centração nos aspectos "estruturais" das situações. Seguidamente analisaremos não só as formas do Presente mas também as do Passado e através da utilização da tipologia de verbos de Vendler testaremos a hipótese de que as primeiras flexões verbais aparecem mais associadas à Classe Aspectual do verbo do que à relação entre o Tempo da Fala e o Tempo do Evento. Procuraremos ainda analisar a hipótese de Antinucci e Miller de que o Passado seria uma emanção do plano Inactual. A este propósito serão analisadas e comparadas as produções do P. Perfeito e do P. Imperfeito quer no sujeito mais novo quer no sujeito mais velho e nos diversos contextos em que aparecem: Narrativa, Fantasia, Passado Remoto, etc. Finalmente, será analisada a emergência dos Advérbios Temporais, deícticos e não deícticos, e ainda assinalado o início do funcionamento intra-textual dos verbos.

PARTE III - METODOLOGIA

III.1: OS SUJEITOS

A escolha dos sujeitos de observação implicava basicamente três tipos de decisões: 1) as idades; 2) o número de sujeitos; 3) o meio sócio-cultural de pertença.

1) As diferenças de idades entre as crianças das diversas amostras podem explicar algumas das divergências dos resultados dos diversos estudos. Os estudos de Bloom et al. e de Antinucci e Miller, que apontam para a hipótese do Aspecto antes do Tempo, foram realizados com crianças muito novas ao passo que os estudos que não confirmam aquela hipótese (Kuczaj; Di Paolo e Smith) recaíram sobre crianças ligeiramente mais velhas.

No estudo de Sachs (1983) verificou-se que embora os exemplos mais precoces de referências ao Passado (entre os 1;8 e os 2;1) reenviassem para eventos claramente resultativos, pelos 2;2 anos apareciam já referências a eventos passados não resultativos. Harner conclui, a partir destes estudos que:

"(...) the data indicate that although the earliest use of past verbs may encode aspectual distinctions, English-speaking children are able to use past tense well before 3 years to encode temporal relations." (Harner, 1981, p. 499)

Quanto aos seus próprios resultados (Harner, 1981), esta autora afirma que não apontam nem para uma precedência do aspecto em relação ao tempo nem para uma precedência do tempo sobre o aspecto, mas antes para uma concomitância na emergência dos dois sistemas. De qualquer modo, afirma Harner, a questão da "precedência" deveria ser respondida por investigadores que estudassem crianças *entre os 18 meses e os 3 anos de idade*. E foi esta, com efeito, uma das razões que levaram à escolha dos nossos sujeitos, cujas idades variam *entre os 2;0 e os 3;3;21*.

2) O número de sujeitos normalmente observados em estudos longitudinais é muito reduzido dadas as enormes exigências de tempo que estes estudos impõem quer no período de observação quer especialmente no período de transcrição dos registos recolhidos. Há ainda que referir que não é fácil encontrar famílias que se disponibilizem a serem constantemente visitadas e observadas.

No quadro seguinte expõem-se o número e idade das crianças envolvidas em estudos de natureza naturalística-longitudinal de alguns dos mais importantes trabalhos sobre a referência temporal.

AUTORES	Nº DE CRIANÇAS	IDADES
Antinucci e Miller (1976)	8	1;6 a 2;6
Bloom, Lifter e Hafitz (1980)	4	1;10 a 2;6
De Lemos (1981)	4	0;8 a 2;5
Sachs (1983)	1	1;5 a 3;0
R. Weist et Al. (1984)	6	1;7 a 2;2
P. Fletcher (1985)	1	2;4 a 3;11
J. Gerhardt (1987)	1	1;10 a 2;0
De Lemos (1987)	2	1;6 a 2;4
Aksu-koç (1988)	3	1;9 a 2;0

Como se vê o número de crianças por nós observadas, (*duas*), para o estabelecimento do nosso corpus, constitui um número razoável e comparável ao de estudos semelhantes. No entanto deve assinalar-se que o nosso corpus é um misto de desenho longitudinal e de desenho transversal já que a idade dos nossos dois sujeitos não coincide, começando as observações do sujeito mais velho, no ponto cronológico onde tinham terminado as observações do sujeito mais novo, o que aliás acontece também em outros estudos como por exemplo o de Aksu-Koç (1988).

3) As duas crianças estudadas pertencem a um estrato social de classe média. Ambos os pais e ambas as mães possuem habilitações literárias de nível médio/superior e exercem em parte funções docentes e em parte actividades profissionais liberais. Ambas as crianças tinham, desde o início das

filmagens, um irmão mais novo. A criança mais velha que observámos (PG: 2;7;16 - 3;3;21) frequentava o jardim de infância desde o início das filmagens, enquanto que a criança mais nova (JM: 2;0;2 - 2;7;16) começou a frequentar o jardim de infância sensivelmente a meio das filmagens.

Nos dois Quadros seguintes são assinaladas, para cada criança, as datas de cada sessão de observação e as respectivas idades em cada sessão.

DATAS DAS SESSÕES E IDADE EM CADA SESSÃO (JM)

Data de Nascimento: 08/07/1988		
<i>Sessão</i>	<i>Data</i>	<i>Idade</i>
1ª	10/07/90	2;0;2
2ª	01/08/90	2;0;23
3ª	19/08/90	2;1;11
4ª	03/09/90	2;1;25
5ª	17/09/90	2;2;9
6ª	05/10/90	2;2;27
7ª	25/10/90	2;3;17
8ª	15/11/90	2;4;7
9ª	01/12/90	2;4;23
10ª	10/12/90	2;5;2
11ª	22/12/90	2;5;14
12ª	09/01/91	2;6;1
13ª	26/01/91	2;6;18
14ª	23/02/91	2;7;16

DATAS DAS SESSÕES E IDADE EM CADA SESSÃO (PG)

Data de Nascimento: 31/08/87		
<i>Sessão</i>	<i>Data</i>	<i>Idade</i>
1ª	16/04/90	2;7;16
2ª	30/04/90	2;8;0
3ª	25/05/90	2;8;25
4ª	10/07/90	2;10;10
5ª	01/08/90	2;11;1
6ª	15/10/90	3;1;15
7ª	01/11/90	3;2;1
8ª	15/11/90	3;2;15
9ª	05/12/90	3;3;5
10ª	21/12/90	3;3;21

III.2. AS CONDIÇÕES DE RECOLHA DOS DADOS

Para ambas as crianças, a duração de cada sessão de gravação variava em média entre os 30 e os 40 minutos, havendo no entanto a assinalar algumas sessões mais curtas e algumas sessões mais longas. Tentou-se que o intervalo entre as observações não excedesse as duas/três semanas, embora razões como doenças das crianças, as suas férias ou indisponibilidades ocasionais do experimentador, viessem por vezes perturbar este ritmo.

Os dados foram recolhidos em condições algo diferentes para as duas crianças. Os dados relativos à criança mais nova (*JM*), com excepção de duas sessões gravadas em período de férias dos pais, foram sempre recolhidos em casa do experimentador à qual a criança se deslocava acompanhada pelo pai. Além do experimentador e do pai da criança, estavam quase sempre presentes outros adultos, que embora bastante familiarizados com *JM* não eram seus familiares. Estas pessoas interagiam por vezes esporadicamente, outras vezes mais sistematicamente com a criança.

Desde o início das filmagens que o experimentador pôs à disposição da criança um conjunto limitado de brinquedos e de livros que serviam de suporte à interacção. Por vezes eram introduzidos numa sessão um ou vários brinquedos novos com o objectivo de introduzir alguma variedade nas

interacções. Curiosamente porém, sempre que eram introduzidas estas novidades a produção verbal da criança diminuía significativamente pois esta abandonava a interacção verbal com os adultos para se dedicar a uma exploração não verbal dos novos objectos, ou a monólogos quase imperceptíveis. Pelo contrário, os brinquedos que foram introduzidos desde o início permitiram uma melhor "circulação temática" nos discursos, adquiriram um estatuto e uma "história" próprias que iam sendo alvo de discussão com os adultos; por exemplo, existiam longas conversas sobre os bonecos que se partiam ou estragavam e sobre o modo de os colar ou arranjar.

Relativamente à criança mais velha (PG) a recolha dos dados decorreu de forma diferente. Era o experimentador que se deslocava regularmente a casa da criança para proceder à recolha dos dados. Habitualmente nas sessões de observação estava presente a mãe e um irmão mais novo, ainda bebé. O pai embora não tendo uma presença tão constante ao longo de cada sessão, surge, pelo menos em parte, em quase todas elas. São sobretudo frequentes os momentos de interacção entre a criança e o experimentador e entre a criança a mãe e o experimentador.

Dado que as filmagens decorriam em casa da própria criança era frequentemente esta quem, dominando o espaço e os objectos, definia os suportes sobre os quais se processava a

interacção. Grande parte das sessões têm por suporte brinquedos e livros de histórias, os quais, ao contrário de JM, constituíam um dos principais centros de interesse desta criança.

Nos dois Quadros seguintes são assinalados para cada sessão e para cada criança o número de enunciados registados quer para o adulto quer para a criança, em termos absolutos, e em termos percentuais.

NÚMERO DE ENUNCIADOS POR SESSÃO (JM)

SESSÕES	Nº TOTAL ENUNCIADOS	Nº ENUNCIADOS ADULTO	Nº ENUNCIADOS CRIANÇA
I	365	217 (59,4%)	148 (40,5%)
II	438	336 (76,7%)	142 (29,7%)
III	508	309 (60,8%)	199 (39,2%)
IV	201	105 (52,2%)	96 (47,8%)
V	537	365 (68,0%)	172 (32,0%)
VI	563	385 (68,4%)	178 (31,6%)
VII	720	413 (57,4%)	307 (42,6%)
VIII	573	345 (60,2%)	228 (39,8%)
IX	311	193 (62,1)	118 (37,9%)
X	831	526 (63,2%)	305 (36,7%)
XI	730	415 (56,8%)	315 (43,2%)
XII	1171	622 (53,1%)	549 (46,9%)
XIII	904	426 (47,1%)	478 (52,9%)
XIV	1029	558 (54,2%)	471 (45,8%)
TOTAL	8921	5215 (58,5%)	3706 (41,5%)

NÚMERO DE ENUNCIADOS POR SESSÃO (P6)

SESSÕES	Nº TOTAL ENUNCIADOS	Nº ENUNCIADOS ADULTO	Nº ENUNCIADOS CRIANÇA
I	828	533 (64,4%)	295 (35,6%)
II	629	326 (51,8%)	303 (48,2%)
III	640	360 (56,2%)	280 (43,8%)
IV	815	447 (54,8%)	368 (45,2%)
V	560	299 (53,4%)	261 (46,6%)
VI	667	325 (48,7%)	342 (51,3%)
VII	733	382 (52,1%)	351 (47,9%)
VIII	496	239 (48,2%)	257 (51,8%)
IX	752	348 (46,3%)	404 (53,7%)
X	584	348 (59,6%)	236 (40,4%)
TOTAL	6704	3607 (53,8%)	3097 (46,2%)

III. A TRANSCRIÇÃO

III.3.1. PROBLEMAS DA TRANSCRIÇÃO

Tal como em outros trabalhos sobre aquisição da linguagem, (Eisenberg, 1985; Fletcher, 1985), os limites de cada enunciado ("utterance") foram determinados pelos contornos entoacionais e pelas pausas. No entanto não representámos graficamente a entoação nem diferenciámos, como outros autores o fazem, entre pausas médias e longas, limitando-nos a usar um único símbolo para os dois tipos de pausas. A representação gráfica daqueles fenómenos exigiria uma explicitação e objectivação de critérios que não teríamos possibilidades de realizar, bem como um muito maior investimento no tempo, já de si longo, dedicado a cada transcrição, o que estava fora do nosso alcance. Na ausência desta explicitação, a identificação e o alinhamento dos diversos enunciados decorre basicamente da intuição do investigador. Procurámos no entanto fundamentar essa intuição baseando-nos na comparação com outros trabalhos, quer teóricos quer empíricos, a fim de que a descrição que fazemos do que é um enunciado, bem como a manipulação empírica deste constructo tenha alguma correspondência com o que é feito noutros trabalhos sobre aquisição da linguagem. Pode argumentar-se que apesar do seu carácter intuitivo, esta "démarche" não é totalmente subjectiva já que os enunciados são "unidades de comportamento linguístico"

(Lyons, 1980, pág.30) passíveis de serem identificados e manipulados pelos falantes durante o processo de interação verbal de uma forma relativamente consciente. Pelo menos para o observador externo,

"Tanto o comportamento do locutor como os enunciados por ele produzidos são observáveis e, até certo ponto, podem ser descritos em termos puramente físicos, ou externos."
(Lyons, op.cit.pág.31)

Defendendo embora que os termos "comportamento linguístico" e "enunciado" pertencem ao vocabulário "pré-teórico" ou observacional da metalíngua do linguísta, Lyons adota como definição de *enunciado* a definição proposta por Harris (1951) segundo o qual, um enunciado é

"qualquer extensão de fala emitida por uma pessoa, antes e depois da qual se manifesta silêncio por parte dessa pessoa" (Harris citado por Lyons, pág.30)

Assim, um enunciado pode assumir formas e dimensões diversas:

"pode consistir numa simples palavra, ou num simples sintagma ou frase (...); pode consistir numa sequência de frases; pode consistir também num ou mais fragmentos de frases gramaticalmente incompletos; e pode ter uma frase ou fragmento de frase parenteticamente incluído num outro."
(ibid, pág.31)

Uma definição mais alargada de enunciado leva-nos a ter em conta também, como já foi referido, os fenómenos

entoacionais. Assim, Taylor e Taylor (1990) caracterizam do seguinte modo o enunciado:

"An utterance is a spoken sentence, clause, sentence fragment, phrase, or word; one utterance tends to be uttered in one breath and to be bounded by silent pauses; it also tends to end in a falling or raising tone." (op.cit, pág.47)

Esta caracterização aproxima-se bastante dos critérios práticos que utilizámos na nossa transcrição: pausas, entoação final (ascendente e descendente), e características temporais da *emissão vocal* (emissão num só tempo de respiração). Assim, contamos como enunciados as *Imitações* e *Repetições* desde que constituíssem claramente emissões independentes umas das outras. O exemplo seguinte é contabilizado como contendo *dois enunciados*:

*Ex: bonecos.
bonecos.*

Não foram contadas como enunciados separados, reduplicações com entoação suspensiva que revelavam que o sujeito não tinha ainda dado sinal de que a sua emissão estava terminada. O exemplo seguinte é contabilizado como contendo apenas *um enunciado*:

Ex: bo (...) bo (...) bonecos.

Taylor e Taylor (1990) defendem que os chamados "back-channel behaviors" do ouvinte ("uh uh" ; "yeah") bem como as

interjeições do emissor ("ai"; "ó!") e as respostas não verbais não devem ser contabilizados como enunciados:

"From time to time the listener produces back-channel behaviors, brief perfunctory vocalizations, such as "uh uh" and "yeah," or head movements such as nods and shakes, to show that she is following. The back-channel behaviors, important though they be in maintaining a conversational flow, tend to evoke no specific verbal responses from the speaker and are not counted as utterances." (Taylor e Taylor, 1990, pág. 47).

Resolvemos no entanto ser bastante flexíveis quanto a estes aspectos. Por exemplo um "hum, hum" pode ter um valor proposicional claro e ser equivalente a um "sim". Um "ó!" pode ser um vocativo com um valor extraordinariamente importante na interacção verbal da criança com o adulto; um "ó!" pode constituir uma expressão "proto-aspectual" (De Lemos, 1981) a que é preciso dar a devida relevância (por exemplo, quando um objecto cai é muito frequente JM utilizar esta expressão); pode ainda constituir um antecedente ou já uma degradação da expressão verbal "olha!". Por todas estas razões não põmos "a priori" à margem este tipo de expressões; pelo contrário, analisamo-las caso a caso e em função do contexto consideramo-las ou não como um enunciado e atribuímos-lhe, ou não, funções discursivas relevantes.

Consideramos ainda como enunciados, fórmulas ónomatopaicas como imitações de animais ("ão ão!"; "piu piu"). Muitas vezes está-lhes subjacente uma verdadeira intenção de

comunicação, como por exemplo no "jogo simbólico", ou constituem respostas verbais adequadas a determinadas perguntas do adulto (ex: "*Como é que faz o cão?*"). Recordemos que R. Brown (1973) também contabiliza estas formas para o cálculo do CME(m) ("*MLU*").

Não foram contabilizados como enunciados os risos, o trautear de canções e as respostas não verbais.

Algumas emissões verbais colocam-nos problemas bastante complexos no sentido em que é difícil determinar se essa emissão é constituída por um, dois, ou mais enunciados. Esse problema é referido de passagem por M. Coulthard (1977) que reportando-se aos trabalhos de investigadores que trabalham na área da chamada "*Análise do Discurso*", afirma que estes autores,

"regard the *utterance* as the basic unit of analysis, but this is almost certainly the result of working with simple and occasionally constructed data. Sinclair et al. observe that they also began with utterance as the basic unit, but, in dealing with examples like the following, came to feel the need for a smaller unit, which they call a *move*. Moves can be co-extensive with utterances, but some utterances, like A's second, contain two moves:

A: Can you tell me why do you eat all that food?

B: To keep you strong.

A: To keep you strong, yes, to keep you strong. Why do you want to be strong?

Any attempt to apply the analyses suggested by Labov, Sacks, Schegloff and Jefferson to the above example quickly demonstrates that in fact their analytic unit is not the utterance but something equivalent to the move." (Coulthard, 1977, pág.8)

Assim deparamo-nos sempre com alguns casos problemáticos de que daremos em seguida alguns exemplos.

1)

Ex: *bau tira*
coelhinho

Trata-se de um caso em que embora as pausas não sejam evidentes para a determinação do fim do enunciado, o contorno entoacional permite pensar tratar-se de dois enunciados cada um marcado por um tom final descendente. Acresce que além da entoação também a *gesticulação* do sujeito (diferente de um enunciado para outro) funciona como uma pista útil para o transcritor.

2) Um outro caso é aquele que parece envolver mais do que um "move" no mesmo enunciado:

Ex: L: *o pato? esse não é um pato.* (JM-II-p.4)

O ideal para o investigador seria certamente que a cada enunciado correspondesse claramente uma frase ou uma proposição. Ora, é evidente que não é isso que acontece.

Como já referimos, embora muitas vezes os enunciados sejam claramente marcados por pausas e/ou por uma entoação claramente ascendente ou descendente, correspondendo de facto essa segmentações a frases, acontece também que muitas vezes o Loc. pode colocar duas ou mais frases num só enunciado, sem introduzir qualquer marca prosódica ou então introduzindo apenas uma marca pouco pronunciada. Isto

acontece por exemplo quando o Loc. se vê confrontado com limitações de natureza temporal (ex: dois eventos ocorrem em sequência mas subitamente, sem que o locutor estivesse à espera que tal acontecesse. Num caso destes, acaba por "encaixar" ou colocar no espaço mental e discursivo de um enunciado, duas ou mais frases.)

Existem também a este nível diferenças pronunciadas de indivíduo para indivíduo. Alguns sujeitos marcam claramente cada enunciado pela entoação ou pelas pausas, outros, no entanto parecem colocar na mesma emissão vocal uma grande multiplicidade de proposições, frases e intenções comunicativas.

Apesar das dificuldades inerentes à identificação e análise dos enunciados, muitos dos estudos sobre aquisição da linguagem partem desta unidade de análise (cf. por ex.: Eisenberg, 1985; Gee e Savasir, 1985; Gerhardt, 1988). No entanto, e devido precisamente a essas dificuldades, outros autores optam por outro tipo de descrição e análise dos corpora. Assim, Dromi e Berman (1986) preferem uma análise em termos de orações ("*clause*"):

"In research on child language, as in the study of language use, the key unit of analysis is the utterance, a segment of behaviour specified in terms of suprasegmental features (...). We, however, chose as our basic unit of analysis the clause, which is defined as any string that constitutes a predication.

As units which are grammatically specifiable, clauses avoid the problems involved in identifying utterances. This is particularly true where prosodic information is ambiguous, calling for subjective judgements in deciding where a given utterance ends and another begins. The clause has a clear advantage over the sentence too, since it eliminates part at least of the problems involved by so-called "semi-sentences" and various kinds of elliptical strings." (Dromi e Berman, p.373).

Este procedimento que é sem dúvida adequado para trabalhos que se focalizam na análise sintáctica pode no entanto levar à perda ou à diluição de outros fenómenos interessantes, especialmente de natureza discursiva, pragmática e sócio-interaccional. Por estas razões tomamos como unidade de análise o *enunciado* quando tratamos deste último tipo de fenómenos, sem prejuízo de recorrermos a uma análise em termos de frases e orações sempre que se imponha uma análise gramatical mais fina dos enunciados infantis.

III.3.2. CONVENÇÕES UTILIZADAS NA TRANSCRIÇÃO

1) Cada *enunciado* produzido por um adulto ou pela criança é colocado numa linha separada, com alinhamento à esquerda.

Ex:

P: mostra, mostra o bebé ao pai.
vira para cá.
o que é que estás a fazer?

Neste caso são contabilizados *três enunciados*.

Segmentos em linha separada mas alinhados à direita reenviam para a continuação do enunciado da linha anterior.

Ex:

JM: <ma mica>. pinga, uma pinga, caiu o ba-bé? caiu, coitadinho do babé, coitainho!

Neste caso são contabilizados *dois enunciados*.

Uma vez que nos interessava em particular a linguagem da criança e a linguagem utilizada na interacção Adulto-Criança, em muitas situações não transcrevemos os enunciados produzidos pelos adultos e que não eram directamente dirigidos à criança. Apesar de tudo, resolvemos manter na transcrição, *embora não os contabilizando*, alguns desses enunciados pois contribuem para dar uma ideia mais fiel do contexto e do "ambiente" em que decorrem as interacções verbais: por exemplo, o adulto manifesta surpresa perante as respostas da criança e comenta esse facto com outro adulto; o adulto não compreende o que a criança diz e procura esclarecer-se junto de outro adulto, etc.

Mas acontece também, por vezes, que a criança extrai de uma conversa que não lhe é dirigida, elementos que ela imita, expande, etc. Nesses casos os enunciados dos adultos são transcritos e contabilizados.

2) <porco> : transcrição incerta; segmentos que não sendo absolutamente irreconhecíveis ou incompreensíveis levantam no entanto dúvidas quanto à sua transcrição.

3) a<l>i; po<r>co: em muitos casos é uma parte do segmento (muitas vezes um fonema apenas) que levanta dúvidas ou porque tem uma realização muito ténue ou porque levanta mesmo dúvidas quanto à sua existência. Estes problemas são frequentes com certas consoantes; com os artigos definidos e indefinidos que surgem como que acoplados ou assimilados ao nome; e com os auxiliares ser e estar (na forma "é" e "tá") que surgem também muitas vezes com realizações ténues acopladas aos segmentos subsequentes.

4) <neste/deste> : mais do que uma transcrição possível; à esquerda a transcrição mais plausível.

Ex: <o/um> pés

5) () : parêntesis curvos em itálico reenviam para a "tradução" que o transcritor faz da produção infantil. Não há, nestes casos, dúvidas quanto à transcrição, mas a correspondente representação ortográfica pode gerar confusão no leitor.

Ex:

- (1) os óios? (*os olhos?*)
- (2) o chapo. (*o sapo*)
- (3) são poiga. (*são formigas*)

6) ((*aponta para X*)): em itálico entre parêntesis curvos duplos incluímos comentários sobre o contexto extra-linguístico.

7) <*>; <*><*>; um asterisco entre parêntesis angular reenvia para um segmento incompreensível mas reconhecível como uma palavra. Dois asteriscos entre parêntesis angulares reenviam para duas palavras incompreensíveis.

8) <* * *> Três asteriscos dentro de um parêntesis reenviam para segmentos longos (frases?) irreconhecíveis e incompreensíveis.

Adoptámos ainda os sinais de pontuação tais como utilizados normalmente na escrita, seguindo neste caso o espírito e os critérios de M.F.Nascimento (1987) que a seguir transcrevemos:

9) . (ponto): marca pausa ou entoação que aponta para final de um enunciado assertivo.

10) ? (ponto de interrogação): marca entoação interrogativa.

11) ! (ponto de exclamação): marca entoação exclamativa.

12) , (vírgula): marca pausa breve e separa sequências quando isso convenha à clareza do enunciado; separa formas

ou sequências repetidas ou aquelas a que atribuímos uma função fática.

13) ; (ponto e vírgula): separa sequências que, segundo a lógica do enunciado, exigem uma diferenciação superior à que é conferida pela vírgula.

14) /// utilizamos este sinal para indicar que houve um corte na gravação e que portanto há nesse momento uma descontinuidade no corpus.

15) (...) (reticências dentro de parêntesis curvo): marcam pausa média ou longa, entoação suspensiva ou prolongamento enfático. Assinalam, ainda, rupturas ou hesitações no desenvolvimento do discurso.

Podem ocorrer dentro de um enunciado ou entre os enunciados de dois interlocutores. Dentro de um enunciado podem marcar hesitações, preparações para reparações, correcções, etc.

As pausas podem ainda ocorrer em final de enunciado com o objectivo de passar a palavra ao outro interlocutor. Isto é particularmente frequente nos casos em que o adulto dirige uma pergunta à criança e esta não responde. O adulto repete então a pergunta, reformula-a ou pura e simplesmente muda de tópico. Como é óbvio, nestes casos não há mudança de turno

conversacional. Nestes casos, na nossa transcrição, mantivemos o sinal (...) à direita do enunciado em questão.

Por vezes o Loc.põe a questão e fica à espera da resposta mas como esta não chega a ocorrer cria-se um longo silêncio que gera uma espécie de "vazio" quer dentro de um mesmo turno conversacional quer entre dois turnos conversacionais. Nestes casos colocámos o sinal (...) não à direita do enunciado, mas em baixo, à esquerda tal como no início de enunciado normal. O exemplo seguinte ilustra estes casos:

P: o que é isso, João? (...)
 o que é isso? (...) (*engasgou-se com a água que
 bebeu e está a tossir.*)

JM: um bebé! engoli a água!

P: aaah (...) e depois o que é que aconteceu?
 (...) o que é que aconteceu João?

(...)

JM: <*> bebé!
 <* * *>

**PARTE IV - ALGUMAS CARACTERÍSTICAS GERAIS
DA LINGUAGEM INFANTIL NAS IDADES CONSIDERADAS
E NOS CORPORA FIXADOS NO PRESENTE TRABALHO**

**IV- ALGUMAS CARACTERÍSTICAS GERAIS DA LINGUAGEM
INFANTIL NAS IDADES CONSIDERADAS E NOS
CORPORA RECOLHIDOS**

O objectivo deste capítulo é o de situar alguns dos "pontos de partida" ou estados de competência e "maturidade" linguística que as crianças aqui estudadas tinham atingido no momento em que começaram a ser observadas. E isto particularmente em relação ao nosso sujeito mais novo (JM) pois é nele que encontramos as especificidades, particularidades e diferenças mais acentuadas em relação à linguagem dos adultos.

Abordaremos essencialmente quatro questões: *A)* a medida do desenvolvimento morfológico nas duas crianças (MLU); *B)* a predominância dos nomes sobre os verbos nas fases iniciais da linguagem infantil; *C)* as "construções verticais"; *D)* a questão da ordem das palavras no enunciado da criança e *E)* alguns comentários a desenvolvimentos posteriores.

IV.1. O COMPRIMENTO MÉDIO DO ENUNCIADO (Nº DE MORFEMAS)

Para avaliar da evolução da competência linguística utilizámos como índice o *Comprimento Médio do Enunciado* (CME) ou "*Mean Length Utterance*" (MLU) índice esse que foi criado por R. Brown (1973) e que é seguido pela generalidade

dos investigadores. O CME é uma das medidas mais utilizadas e mais largamente aceites como índice do desenvolvimento gramatical / morfológico da criança pequena. Basicamente consiste em dividir o número total de morfemas de uma amostra da fala da criança pelo número total de enunciados que a compõem. Essa amostra é normalmente constituída por 100 enunciados consecutivos (que obedecem a determinadas especificações definidas por Brown, p.54) extraídos a partir da segunda página da transcrição (Brown,op.cit.) ou a partir do 51º enunciado da transcrição (Fletcher,1985).

Como o próprio Brown reconhece, a transposição deste índice para línguas que não o Inglês, e sobretudo para línguas que, como o Português, são bastante mais flexionadas, levanta problemas de consistência e coerência. De qualquer modo ele tem sido utilizado de uma forma generalizada para as diversas línguas e investigadores de diversas nacionalidades têm trabalhado no apuramento da validade deste índice quer como indicador do desenvolvimento gramatical / morfológico em si mesmo, quer na sua relação com a idade cronológica da criança (cf. Klee e Fitzgerald,1985 e Rondal et al.,1987).

Para o presente trabalho tomámos pois como base os critérios definidos por Brown tendo procedido às necessárias adaptações pra o Português. Assim, contámos como morfemas distintos todas as flexões, desde que a palavra mantivesse

com a raiz uma relação óbvia e reconhecível (por exemplo, "bonit-a", "casa-s" , e flexão de pessoa), e como um morfema as palavras em que tal não se verificava (por exemplo, os casos de amálgama). Nos casos em que a decisão se afigurava problemática, optámos por não contar os morfemas como distintos.

COMPRIMENTO MÉDIO DO ENUNCIADO (MORFEMAS) - JM

SESSOES	IDADE	C. M. E.
I	2;0;02	2,37
II	2;0;23	2,95
III	2;1;11	3,50
IV	2;1;25	3,79
V	2;2;09	3,08
VI	2;2;27	2,93
VII	2;3;17	4,62
VIII	2;4;07	3,98
IX	2;4;23	3,32
X	2;5;02	3,34
XI	2;5;14	3,48
XII	2;6;01	4,53
XIII	2;6;18	4,43
XIV	2;7;16	4,17

• COMPRIMENTO MÉDIO DO ENUNCIADO (MORFEMAS) - PG

SESSOES	IDADE	C. M. E.
I	2;7;16	3,97
II	2;8;00	4,66
III	2;8;25	2,92
IV	2;10;10	3,25
V	2;11;01	6,07
VI	3;1;15	5,93
VII	3;2;01	6,09
VIII	3;2;15	5,89
IX	3;3;05	3,79
X	3;3;21	5,77

Segundo Brown (1973), o MLU constitui um bom índice até atingir um valor de 4, após o que os incrementos na complexidade das construções linguísticas da criança não se traduzem em aumentos estáveis do MLU. Aksu-Koç (1988) refere também que este é um bom índice até cerca dos 3 anos, altura em que o MLU atinge um valor entre 4 e 5. Para esta autora, isto deve-se ao facto de que entre os 1;6 e os 3 anos a criança está essencialmente implicada na aprendizagem do sistema casual dos nomes e do sistema flexional dos verbos, ao passo que a partir dos 3 anos ela está já mais implicada no domínio de frases complexas, domínio esse que

não tem uma expressão clara em termos de número de morfemas. Acresce que também a partir desta idade começam a ser utilizados mecanismos de coesão como a elipse e a anáfora, os quais, apesar de traduzirem uma maior complexidade linguística, não se traduzem em maior número de morfemas ao nível da superfície, e logo, não podem ser capturados por uma medida como o MLU.

No corpus de *JM* podemos notar alguma regularidade em torno do valor 3 até aos 2;6 e a partir desta altura (*sessão XII*), alguma regularidade em torno do valor 4. É de realçar que a *sessão XII*, funciona como uma sessão "charneira" em muitas das aquisições de *JM* que adiante discutiremos. Quanto aos valores encontrados para *PG*, eles são de facto em média bastante superiores aos de *JM*, mas também muito muito mais irregulares, ora atingindo *picos* muito altos (à volta do 6), ora atingindo valores muito baixos (rondando o 2), o que poderá de facto apontar para a falta de valor genético deste índice nesta idade.

IV.2. AS PRIMEIRAS FASES E A PREDOMINANCIA DOS NOMES SOBRE OS VERBOS

Depois do *Período Pré-Linguístico*, encontramos, entre os 12 e os 18 meses, a fase da produção de *uma palavra*, também conhecida por período da *nomeação / denominação* ("naming stage") ou "*Período das holofrases*". Não pretendendo entrar aqui nas complexidades particulares a estes períodos, façamos notar que estas denominações não são exactamente equivalentes. Ao usar *uma palavra* a criança pode estar a nomear um objecto, mas pode também estar a expressar relações semânticas muito variadas, isto é, pode estar a expressar ideias e relações que um falante mais competente expressaria através de uma frase ou frases. Por exemplo, se a criança diz "*bola*", pode estar simplesmente a nomear o objecto mas também pode querer dizer "*dá-me a bola*", "*a bola está ali*", etc.

A este período segue-se o "*Período Telegráfico*" de enunciados de duas e três palavras, período que poderá já propriamente considerar-se como sintáctico uma vez que a criança se começa a colocar o problema da ordem das palavras. Esta fase coincide também com a emergência da marcação morfológica das palavras bem como com a utilização de morfemas livres. Entre estes dois períodos existe uma fase intermédia que caracterizaremos como sendo a das

"construções verticais" e que é basicamente aquela em que se encontrava o nosso sujeito mais novo quando iniciámos as observações.

Como tem sido notado por vários autores (Clark, 1980; 1983) Zobl, 1984; Gillis, 1990) existe na linguagem inicial da criança uma predominância clara dos nomes sobre os verbos. Clark (1983, p.800) refere que no vocabulário inicial de uma criança se pode estimar que existem cerca de três a quatro vezes mais nomes do que verbos.

Assim, pode dizer-se que os primeiros enunciados da criança não constituem ainda propriamente predicções mas antes estruturas construídas à volta dos nomes e dos actos de nomeação. Predicções estruturadas em torno do verbo só aparecem posteriormente. Embora não tenhamos feito esse cálculo é visível que o "*ratio*" Nome (ou Pronome)/Verbo vai aumentando de sessão para sessão. Nas primeiras sessões de JM os verbos são realmente escassos e as trocas com os adultos - bastante difíceis do ponto de vista da mútua compreensão - baseiam-se em sucessivas denominações e nomeações de objectos, pessoas e situações.

Exemplo:**1. JM-I-2;0;2-p.5**

JM: a vaca,
ah manino.
(...)
pato. ((*deixando a revista e pegando num boneco de corda.*))

A: o pato.
o pato anda, não anda?

JM: uanda (...) anda, anda.
po<r>quinho (...)
os o<lh>os. ((*pegando noutra boneco.*)).
o po<r>quinho.
(...)
a cuca! ((*com outro boneco na mão.*))

A: o quê?

JM: a cuca.
o vaio.

A: o que é a cuca João?

P: o que é a cuca João?

A: o vaio.

P: o velho?

JM: a casa (...) dela, a casa dela.

P: ah! a Cuca, a mãe da Rita não é?
é a mãe da Rita?

JM: <*>
pópó.

A partir das construções em torno dos nomes, começam então a emergir construções gramaticais em torno de verbos. Estas estruturas predicativas parecem surgir, em primeiro lugar, e no que diz respeito aos enunciados não modalizados, em *estruturas intransitivas* ("caiu"; "a menina caiu"; "tá

chorar"), bem como em *estruturas locativas* ("tá qui"; "tá li") e *resultativas / participiais* ("tá partido").

Estruturas transitivas com dois argumentos e do tipo *S V O* parecem ser mais tardias o que se poderá explicar quer por maiores exigências em termos do processamento da informação, quer por razões de ordem pragmática. Assim, as primeiras estruturas transitivas aparecem em *construções verticais* ou em enunciados com anteposição do objecto ("o bolo, o menino comeu") ou do verbo ("magou a camioneta o João").

IV.3. AS CONSTRUÇÕES VERTICAIS

Scollon e Scollon (1981;1984) distinguiram entre as "construções verticais" e as "construções horizontais". As *construções horizontais* correspondem ao que é tipicamente descrito como enunciados de mais de uma palavra. Nas *construções verticais* uma proposição é expressa ao longo de uma série de enunciados. Scollon e Scollon (1984) caracterizaram as construções verticais do seguinte modo:

"The vertical construction can be roughly characterized as follows: the child says something; the caregiver responds, asking for further clarification or expansion; the child provides another utterance that counts as this expansion. The child's first utterance is often seen as a topic or given information and the second as a comment or new information. The interaction rides on a three-part exchange, child-adult-child. The overall effect is an upgrading of

the information content of the child's whole utterance. With time the child comes to provide both elements within a single intonational group and the interaction moves up a notch. The child gives a complex (two-word) utterance, the adult responds, the child expands." (p.180)

Em *JM* encontramos com frequência essas construções verticais pelo menos até à *sessão IV (2;1;25)*.

Exemplos:

2. *JM-II-2;0;23-p.9*

JM: mode.

L: morde?

morde o quê?

A: morde?

JM: o sapo o dedo.

3. *JM-III-2;1;11-p.3*

M: olha, o que é que vais fazer na praia João?
o que é?

JM: fazer bolinhos.

M: e mais?

o que é que fazes mais na praia?

JM: areinha.

M: há? que fazes na praia?

JM: pa dento. (*para dentro*)

M: o quê?

JM: dum bau. (*dum balde*)

M: o quê?
 não percebo.
 fazes o quê João?

JM: põ<r> den dum bau.

Note-se como a criança vai introduzindo tópicos, os quais depois de "fixados" pelo adulto, dão origem a um comentário por parte da criança. O adulto "fixa" o tópico introduzido pela criança quer através da repetição desse mesmo tópico quer através de perguntas como "o quê?", "e mais?" que funcionam para a criança como um sinal de que ele já partilha com a criança o tópico proposto. JM já consegue também utilizar um comentário anterior como tópico para um comentário posterior ou responder com um comentário adequado a um tópico introduzido pelo adulto. O exemplo 3 é notável pela *visibilidade* que dá ao processo de passagem de uma construção vertical para uma construção horizontal através da interacção com o adulto. Assim, uma proposição que aparece inicialmente distribuída por três enunciados, em três turnos conversacionais (/pôr areia dentro de um balde/) aparece no último enunciado sintetizada numa só construção frásica ainda que com o apagamento de um dos argumentos nominais: "põ<r> den dum bau".

IV.4.*A ORDEM DAS PALAVRAS E A RELAÇÃO TÓPICO-COMENTÁRIO E SUJEITO-VERBO

Na descrição que faz da linguagem de crianças de 2 anos, E.Ochs (1979) para além de assinalar também a existência das construções verticais descreve várias outras características que são também típicas da fala de JM durante as primeiras sessões de observação: estruturas morfo-sintácticas muito simples; utilização de frases simples, activas, declarativas; apoio em itens deicticos mais do que em artigos definidos ou em frases relativas; apagamento de termos principais de referência bem como de artigos, preposições, etc. Muita da informação "apagada" é dada por meios não verbais tal como apontar, tocar, olhar, etc.

Ochs (1979) e Givón (1979), fizeram descrições similares da linguagem da criança, Ochs caracterizando-a ao longo do continuum "*Discurso Planeado*" vs "*Discurso Não Planeado*", e Givón a partir do continuum "*Modo Pragmático*" vs "*Modo Sintáctico*". O "Modo Pragmático" é assim caracterizado por Givón:

"Its rate of delivery is slow, it is concatenated rather than embedded, it lacks grammatical morphology, the noun-to-verb ratio approaches one-to-one, topics prevail over subjects, word-order is mostly pragmatic, and one of the earliest discernible principles is that of assigning higher intonation contours to the focus of new information." (1979,p.101)

Para estes autores o desenvolvimento da linguagem é visto como uma progressão gradual de estratégias pragmáticas em direcção a uma cada vez maior sintactização. O Modo Sintáctico seria mais rápido e mais automatizado em termos do processamento da informação, possuiria relações sintácticas mais fortes e uma morfologia gramatical mais complexa, mas a sua relação com o conteúdo ou mensagem seria menos "transparente" do que no Modo Pragmático (1).

Com a progressão do processo de sintactização começam a aparecer estruturas transitivas numa só frase gramatical ("*o menino comeu o bolo*") ou seja, numa estrutura sintáctica "*horizontal*". Antes porém de se atingir alguma estabilidade nas estruturas do tipo *S V O*, aparecem muitos enunciados do tipo *OV* ou do tipo *VO* ou mesmo do tipo *VSO* (ex.: "*magoou, pai a camioneta do João*") (2) e (3).

Damos a seguir alguns exemplos de "apagamentos", inversão da ordem de palavras, ou de não estabilidade dessa mesma ordem, exemplos esses que são paradigmáticos do "Modo Pragmático".

Exemplos:

4. JM-II-2;0;23-p.3

JM: a fugir. ((*um boneco caiu de cima da mesa para o*
 ----- *chão.*))

(...)

JM: a fugire.

L: quem é que (...)
quem é que tava a fugir?

JM: o galinho.

L: a gali (...) o galinho?

JM: a fugi<r> o galinho.

L: fugiu? o galinho fugiu?

JM: tá qui!

5. JM-IV-2;1;25-p.1

JM: aai um dói-dóisinho, dói-dóisinho! ((aponta para o joelho))

<é gande> <qués ver?>

"caiu o dói-dóisinho." ((Querendo significar "O João Miguel caiu e fez um dói-dóisinho!" ou "caí e fiz um dói-dóisinho."))

6. JM-IV-2;1;25-p.3

"ai, ai, ai a caminéta!

magou, pai a caminéta (...) do João. ((JM estava a brincar com uma camioneta e magoou-se com ela))

7. JM-IV-2;1;25-p.7

"bebê<r> água, o bebé!" ((está na banheira com um boneco a quem vai enchendo a cabeça de água))

8. JM-VII-2;3;17-p.11

a luta, caiu o cavalo! ((provoca um "luta" entre os bonecos))

<foi ête> o cavalo (...)

e caiu o cavalo (...)

caiu, o coelho (...)

ao pé do sapo (...)

olha caiu este (...) caiu este.

Bates* e Mac Whinney (1982), que consideram a relação *tópico/comentário* como uma relação pragmática fundamental argumentam que a ordem das palavras na linguagem inicial da criança é regulada essencialmente por factores de ordem pragmática ou seja pelas relações de *foco* marcadas nas relações *tópico/comentário* (4).

Aliás, num artigo já antigo de Gruber (1967) ("Topicalization in Child Language", *Foundations of Language*, 3, citado por Brown, 1973 e por Givón, 1979), este autor propunha que as frases mais precoces da criança seriam mais do tipo *Tópico-Comentário* do que do tipo *Sujeito-Verbo*. Gruber argumentava ainda que as frases da criança devem começar por ser comentários puros (ou predicados) aos quais se juntam depois tópicos que eventualmente se transformam em sujeitos. A criança estudada aos 28 meses estaria ainda num *estádio "pré-sujeito"* (5).

Exemplos como alguns dos atrás referidos podem de facto ser interpretadas como a sobreposição de uma relação *tópico-comentário* relativamente a uma relação do tipo *sujeito-predicado*; por razões de ordem pragmática a criança *inicializa* a sua frase a partir de um determinado "*foco de atenção*" (ex.: "morde (...) o sapo o dedo"; "a luta, caiu o cavalo") e não a partir do sujeito da frase.

Zobl (1983, citado por Clahsen, 1984) sugeriu que as "ordens desviantes" (nomeadamente a posposição do sujeito) podem ser atribuídas a estratégias pragmáticas ao nível da produção; a estratégia correspondente seria: "inicializar a nova informação e deslocar para a direita a informação dada".

Estas formas de produção verbal prendem-se ainda com limitações na capacidade de tratamento da informação da criança que se vão que repercutir precisamente ao nível da produção linguística concreta. Essas limitações são de ordem genérica e específica. Por um lado têm a ver com factores como a familiaridade em relação a determinado tópico ou em relação a determinada tarefa (Shatz, 1983), por outro lado com factores específicos à capacidade de tratamento da informação verbal (Nelson, 1975; Zobl, 1984).

De um ponto de vista genérico podemos afirmar com Shatz (1983) que quanto mais alargada e mais organizada é a base de conhecimentos de um sujeito, menos recursos cognitivos terá de dispender para desempenhar determinada tarefa. No sentido em que a interacção com o adulto é uma forma de simultaneamente alargar a base de conhecimentos da criança e organizá-los, esse suporte é uma forma de libertar recursos para o desempenho da tarefa. Mas quanto menos conhecimento mútuo houver sobre determinado tópico entre a criança e o adulto menores serão esses recursos disponíveis para o

comportamento verbal, podendo então observar-se uma degradação da "performance linguística". Isto mesmo foi confirmado pelo trabalho de Lucariello et al. (1986).

Quanto às limitações específicas que os itens linguísticos impõem à criança, Nelson (1975) mostrou que os pronomes tendiam a aparecer de uma forma superabundante em construções frásicas ao passo que os nomes tendiam a aparecer isoladamente. Mostrou também que as crianças que utilizavam mais pronomes tinham um MLU mais elevado. Nelson concluiu que durante o processo de aquisição da linguagem, como aliás também posteriormente, a criança está submetida a limitações de processamento da informação sendo que os pronomes ocupam menos "espaço de processamento" e por isso facilitam a codificação sintáctica:

"pronoun use reduces the information load of a sentence so that the syntactic-semantic relation can be expressed more completely and complexly."
(p.478)

Zobl (1984) por outro lado, verificou que com verbos intransitivos surgem mais sujeitos nominais e com verbos transitivos mais pronomes na posição de sujeito. Verifica ainda que para as crianças com menor maturidade linguística, estruturas com três argumentos (aliás raras) não contêm mais do que um nome como um dos argumentos, enquanto as crianças mais avançadas pronominalizavam pelo menos um dos termos. O

mesmo*padrão ocorre para estruturas com dois argumentos (que são, naturalmente muito mais frequentes do que as anteriores) nas quais, em geral pelo menos um dos termos era pronominalizado. Em qualquer dos casos, os sujeitos de construções transitivas eram sobretudo limitados a pronomes ou a nomes próprios. Só as frases intransitivas tomavam nomes comuns como sujeitos.

Embora sem fazer uma análise quantitativa e nem sequer exaustiva do ponto de vista qualitativo, podemos observar no que no corpus de *JM* começam a aparecer estruturas de dois argumentos pronominalizados na *sessão VI* ("eu levo este") e com nomes como argumento na *sessão VII* ("olhô, o parquinho vai contar a his (...) a história no tês porequinhos", p.9). Podem observar-se estruturas deste tipo numa fase mais precoce mas tratam-se normalmente de frases "ritualizadas" que obviamente ocupam menos "espaço de processamento" (*sessão II*: "o passarinho faz piu piu").

IV.5. DESENVOLVIMENTOS POSTERIORES

Não aprofundaremos aqui as progressões ulteriores a estas primeiras fases, pois é delas (ou parte delas) que trataremos precisamente no remanescente deste trabalho. Naturalmente que a evolução linguística da criança se

processa no sentido de uma cada vez maior "*textualização*", ou seja, depois das fases de *uma, duas e três palavras* a criança começa a passar para uma "gramática de frase" onde se lhe colocam basicamente os problemas da elaboração dos Sintagmas Nominais e dos Sintagmas Verbais e posteriormente, os problemas da Coordenação e da Subordinação.

A partir dos 5 anos, como sublinha Karmiloff-Smith (1986b ;1987) a criança começa a passar de uma "*gramática de frase*" para uma "*gramática de texto*" caracterizada pela produção de "textos longos" e pela progressiva organização intra-textual desses discursos.

O nosso sujeito mais velho, (PG), funciona ainda ao nível daquela primeira gramática, embora possamos também começar a observar o início da sua capacidade de produção de textos longos, nomeadamente de narrativas, bem como o início - ainda que muito incipiente - de algum funcionamento "intratextual".

**PARTE V A REFERÊNCIA TEMPORAL
NA INTERACÇÃO ADULTO-CRIANÇA**

V. A REFERÊNCIA TEMPORAL NA INTERACÇÃO ADULTO-CRIANÇA

Este capítulo tem essencialmente *três* objectivos. Por um lado pretende-se descrever e avaliar as competências infantis no domínio da Referência Temporal e em particular registar os seus progressos no que diz respeito à evolução de um plano de referência quase que estritamente centrado no Aqui e Agora para um plano de referência mais flexível e mais capaz de Referência Deslocada; diríamos que se trata da passagem de uma centração quase que exclusiva no Plano Actual em direcção a uma maior flexibilidade e mobilidade entre um plano Actual e um plano Inactual de referência.

Colocam-se aqui problemas que já foram discutidos anteriormente (cf. Cap.II.1) como o papel das "rotinas conversacionais" (Sachs,1983 e Eisenberg,1985) e do desenvolvimento da função simbólica, e em particular no que esta permite ao nível de desenvolvimentos como o Jogo Simbólico, a Linguagem de Fantasia, a Narrativa, etc. Esta última dimensão é vital para autores como Antinucci e Miller (1976), que se enquadram numa tradição linguística para quem a distinção entre o Plano Actual e o Plano Inactual constitui uma distinção básica e primária, constituindo as categorias do Passado e do Futuro, categorias que têm origem no Plano Inactual e que deste fazem parte. Assim, por exemplo o *Imperfeito* começaria por ser uma marca do Plano

Inactual, antes de ser realmente uma marca de Passado, e teria as suas primeiras emergências em contextos de fantasia e de narração de histórias.

Em segundo lugar pretende-se avaliar a afirmação de Weist et al. (1984) e de Weist (1986) segundo a qual as referências ao *Passado Remoto* teriam uma emergência precoce na criança. Este constitui um dos argumentos contra aquilo a que chamam de "*Hipótese Defectiva do Tempo*" que como vimos anteriormente (cf. Cap.II.3.2.) implicaria uma "componente semântica", uma "componente sintáctica" e uma "componente temporal". Segundo Weist a "componente temporal" da Hipótese do Aspecto antes do Tempo implicaria que a criança fosse incapaz de fazer referência ao Passado Remoto, facto que Weist contesta.

O outro objectivo desta secção -que será necessariamente o primeiro a ser tratado- é o de examinar algumas das categorias que têm sido utilizadas para aquilatar da *capacidade de referência temporal da criança*. Este exame parece-nos absolutamente necessário já que, como poderemos ver, cada autor utiliza critérios próprios e muitas vezes perfeitamente arbitrários para definir o que é um Passado Imediato, um Passado Recente ou um Passado Remoto.

V.1. CATEGORIAS UTILIZADAS EM ESTUDOS ANTERIORES

Uma das classificações mais arbitrárias é precisamente a de Weist et al. (1984) e Weist (1986) que, como vimos, considera que a criança é precocemente capaz de fazer referências a um "Passado Moderadamente Remoto". Como assinalámos no capítulo II.1, este autor considera a existência de quatro contextos de discurso a partir de quatro categorias de frases no passado: enunciados Espontâneos e Modelados e enunciados Imediatos e Moderadamente Remotos. Considerava uma frase verbal como *moderadamente remota* se ocorressem pelo menos *dois turnos* de conversação entre o momento da enunciação e a situação que deu origem ao enunciado. Um dos problemas desta classificação, é o de que, para além da arbitrariedade do critério estabelecido, ele reenviar, quanto a nós, para uma distância temporal demasiado "curta". Com este critério, Weist et al. acabam por considerar como Passado Remoto ou Moderadamente Remoto, situações e enunciados que muitos autores classificariam apenas como um Passado Imediato ou um Passado Recente.

Uma outra classificação que nos parece totalmente arbitrária é a de P. Fletcher (1985,p.21). Este autor imagina um eixo temporal dividido em:

Passado Imediato : o evento referido pelo verbo ocorreu até cinco minutos antes do momento da fala.

Passado Muito Recente: o evento referido pelo verbo ocorreu entre seis minutos e uma hora antes da recolha do corpus.

Passado Recente: anterior à recolha do corpus, no mesmo dia.

Passado: no dia anterior.

Remoto: até uma semana antes da recolha.

Muito Remoto: mais do que uma semana.

Não Especificado.

Para além da arbitrariedade do "calendário" aqui proposto, este tipo de classificação tem a desvantagem de reduzir a diversidade da utilização dos tempos verbais à sua colocação num único eixo temporal. Impõe-se naturalmente um outro conjunto de categorias que permita relacionar a variação nesse uso com as variações dos contextos discursivos em que ocorrem (por ex. *fantasia*, *narração*, etc.).

Uma classificação mais interessante é a de Sachs (1983), cujo trabalho já analisámos anteriormente (cf.II.1). Esta autora classificou todos os enunciados que se referiam ao passado como:

1) **Passado Imediato:** referência aos eventos que tinham acabado de ocorrer. Os enunciados podiam ser classificados

nesta categoria mesmo que não contivessem marcas gramaticais de passado.

2) **Passado Remoto ("Earlier Past")**: definido como referência a eventos que claramente não ocorrem na situação imediata; a autora considera que pelo menos duas horas deveriam ter ocorrido entre o evento e o momento da enunciação para que o enunciado fosse incluído nesta categoria.

3) **Outros**: Nenhuma das categorias anteriores se aplicava claramente. Estas respostas não eram mais analisadas. Inclui nesta categoria, respostas que reenviavam para eventos que tinham ocorrido alguns minutos antes do enunciado e formas do passado utilizadas em narrativas e contextos de fantasia.

Sachs codifica ainda as respostas que reenviam para referência futura. Distingue entre *expressão de intenções* e aquilo que considera realmente como *referência ao futuro*:

1) **Intenção**: definida como a verbalização da intenção de levar a cabo uma acção no contexto imediato (seja através de expressões como "*going to*" e "*will*", ou "*get down*" e "*gonna get down*" dito logo antes da acção).

2) **Futuro:** definido como referência a um evento futuro bastante mais afastado do contexto actual (ex: "*See Michael today?*").

Por seu lado, Miller e Sperry (1988) definem um "*episódio de fala sobre o passado*" como:

"one or more child utterances, addressed to an interlocutor and describing a particular distant past event that occurred to the child or her associates."

Para considerar um episódio como tendo ocorrido num *Passado Distante* as autoras baseavam-se em dois critérios:

1º: o enunciado da criança *não* deveria estar a referir-se a acções que estivessem a ocorrer naquele momento ou a acções que tivessem ocorrido durante a sessão de gravação. Assim, o "Passado Distante" era definido como reenviando para *eventos anteriores à sessão de gravação*. Segundo as autoras esta definição corresponde ao Passado Remoto ("earlier past") de Sachs (1983) e tal como aquele opõe-se ao "Passado Imediato".

2º: o interlocutor tinha de interpretar o enunciado como reenviando para um evento passado, mesmo que este não contivesse marcas morfo-sintácticas de "tempo passado".

"This definition includes references to the past that occur before the child has reliable control of the past tense marker. However, child utterances that lacked the past tense marker were coded as episodes of talk about the past only when they met both contextual criteria, namely, that the utterance did not encode events in the here and now and that the interlocutor interpreted the utterance as referring to a past event." (p.296)

Estas autoras deixam também de lado a fala sobre o passado que ocorre em contextos de jogo simbólico e fantasia. E porque se interessam exclusivamente pela fala sobre *eventos específicos* que tenham ocorrido num passado distante, excluem também da sua análise, narrativas genéricas sobre acontecimentos habituais e recorrentes.

No estudo de Eisenberg (1985) uma conversação era definida como qualquer sequência de interacção verbal que contivesse pelo menos um "*topically related turn from each of the two participants*" e uma conversação sobre um *evento passado* era definida como qualquer descrição de um ou mais eventos passados que tivessem ocorrido *anteriormente à visita do experimentador*. Os episódios incluíam tanto as referências provocadas pelo experimentador como as referências espontâneas a eventos passados.

Esta definição de evento passado (semelhante à de Miller e Sperry, op.cit.) parece-nos bastante aceitável já que além de representar um afastamento no tempo cronológico, leva

também em conta a diferença entre uma *situação 1* (ausência do experimentador como interlocutor) e uma *situação 2* (presença do experimentador no espaço de interação). Esta marcação da diferença entre duas situações é particularmente importante por duas ordens de razões. Por um lado porque a presença do experimentador pode funcionar claramente para todos os interlocutores como uma marca de "anterioridade" ou de "passado". Por outro lado porque, e isto é particularmente importante no caso em que não se trata de simples observação e registo da interacção mãe-criança mas também de interacção do experimentador com a criança, o conjunto de pressuposições e de significados partilhados entre os agentes da interacção é completamente diferente consoante os eventos referidos tenham ou não sido presenciados pelos interlocutores em questão. A situação comunicativa gerada pela pergunta "*o que é que fizeste hoje/ontem na escola?*" será completamente diferente consoante a pergunta seja feita pela educadora, pela mãe, ou pelo experimentador; quanto menor for o conjunto de eventos e de significados partilhados entre o adulto e a criança, maiores serão as dificuldades de interacção e de expressão linguística por parte da criança, em particular quando se tratarem de temas de deslocamento espaço-temporal (cf. Lucariello et al. 1986).

Dado que os estudos revistos até aqui se centram exclusivamente em categorias que reenviam para as questões da *Localização Temporal*, gostaríamos agora de referir alguns outros estudos que utilizam categorias discursivas mais variadas e que por isso nos serão extremamente úteis na definição das nossas próprias categorias já que gostaríamos de colocar o problema da emergência das marcas verbais num contexto mais vasto que se não limitasse ao problema da cronologia temporal.

Assim, Wanska e Bedrosian (1986) utilizam três categorias de tópicos:

1) *Aqui-e-Agora*: esta categoria envolve a discussão / denominação de pessoas, objectos ou eventos presentes no contexto da interacção. Pode incluir verbos de futuro ou passado desde que os participantes estejam a falar de objectos que estão presentes.

2) *Fantasia*: reenvia para a linguagem associada ao "faz de conta" e pode incluir um ou mais dos seguintes tipos:

- um objecto é usado para representar um outro objecto;
- acções que representam eventos, com ou sem os materiais necessários (ex.mãe e filho fingem que estão a cozinhar);
- objectos inanimados que são tratados como animados;

- objectos imaginários representados em situação de jogo;
- mãe ou filho imaginam atributos de objectos ou pessoas (ex.: "o bebé está a chorar");

3) Deslocamento: estes tópicos envolvem referentes que:

- ocorrerão no futuro, não ocorrendo no ambiente actual ("quando formos embora daqui vamos comer um..." ou ocorreram anteriormente à interacção actual ("o que é que fizeste hoje na escola?));
- envolvem discussões de coisas como programas de televisão, filmes e livros.

Lucariello et al. (1986) definiram "conversação" como um segmento de discurso com contingência comunicativa e contingência semântica. *Contingência comunicativa* significa que os enunciados de cada pessoa eram por um lado dirigidos ao outro e por outro lado reactivos ("responsive") aos enunciados do outro ou outros. *Contingência semântica* significa que um conjunto de enunciados reenviam para um tópico comum ou seja, significa que os interlocutores "estão a falar da mesma coisa". Estas autoras exigiam um mínimo de *quatro turnos* contingentes para considerarem que existia de facto uma conversação. As conversações eram analisadas para determinar os tópicos semânticos que continham. Consideraram os seguintes "tópicos semânticos" que deixamos aqui só a título de exemplo, sem as respectivas

definições: 1) Conversações sobre Objectos; 2) Linguagem de Fantasia; 3) Conversações sobre Objectos Culturais; 4) Conversação sobre Deslocamentos Espaciais; 5) Conversações sobre o Passado; 6) Conversações sobre o Futuro; 7) Conversação sobre a Linguagem; Conversações sobre a Biografia da Criança; 8) Fala relacionada com Eventos.

Com base nos estudos e nas categorias que temos vindo a expôr, elaborámos o nosso próprio conjunto de categorias de análise que descreveremos no capítulo seguinte.

V.2. CATEGORIAS UTILIZADAS NO PRESENTE ESTUDO

A) CATEGORIAS DE TÓPICOS E CONTEXTOS DISCURSIVOS NA FALA DA CRIANÇA

As categorias que utilizámos para analisar os tópicos e contextos discursivos realizados na fala da criança em interacção com os adultos foram as seguintes:

- I) Aqui e Agora (inclui: a) o Presente; b) o Passado Imediato e c) o Futuro Próximo).
- II) Passado Remoto.
- III) Futuro.
- IV) Deslocamento Não Temporal.
- V) Jogo Simbólico.
- VI) Descrição de Figuras.
- VII) Narração.
- VIII) Formas Indeterminadas de Discurso.

I) AQUI E AGORA

A semelhança de Wanska e Bedrosian (1986) subdividimos esta categoria em três outras: Aqui e Agora-Presente, (A.A.P), Aqui e Agora-Passado Imediato, (A.A.PI) e Aqui e Agora-Futuro Próximo, (A.A.FP). Incluímos nesta categoria os enunciados que se reportam aos acontecimentos que ocorrem durante a sessão de observação e que se inscrevem no Plano

Actual. Inclui diversas formas verbais como o Presente, o Pretérito Perfeito, ou o Futuro Perifrástico. Embora não sendo estas marcas que por si só determinam em que subcategoria do Aqui e Agora se inscrevem os enunciados, já que isso é determinado também pelo contexto extra-linguístico, no geral elas são consonantes com esse contexto extra-linguístico o qual nos indica se o enunciado em causa se refere a algo que já aconteceu (A.A.PI), está a acontecer (A.A.P) ou vai acontecer em seguida (A.A.FP). Por outro lado nestas categorias, bem como em todas as outras, são também incluídos enunciados que não apresentam verbo, ou cuja forma verbal é indeterminada, mas cujo contexto extra-linguístico permite situá-los num dado tipo de discurso. Estão neste caso as Denominações, os Enunciados Sem Verbo e as Formas Verbais Indeterminadas a que faremos referência mais adiante.

Exemplos:

a) AQUI E AGORA PRESENTE - A.A.(P)

1. JM-IV-2;1;25-p.4

P: mostra, mostra o bebé ao pai.
vira para cá.
o que é que estás a fazer?

JM: beber água.

2. JM-XII-2;6-p.36

JM: <*> isto a andare (...) ((JM está a brincar com uma pista de comboios))
 e as rodas (...)
 isto não tá a andare.

b) AQUI E AGORA PASSADO IMEDIATO - A.A.(PI)

3. JM-VII-2;3;17-p.14

((JM. apagou um candeeiro.))

Z: e agora o que é que aconteceu à luz?

JM: apaguei a<l>i. ((aponta para a lâmpada.))

4. PG-II-2;8;0-p.16

PG: eu comeu a papa toda.

c) AQUI E AGORA FUTURO PROXIMO - A.A.(FP)

5. JM-VIII-2;4;7-p.13

((JM. pára de desenhar e puxa A. por um braço.))

JM: amos <l>avar as mãos. (vamos lavar as mãos)
 anda a<l>i.

6. PG-III-2;8;25-p.18

PG: ago<r>a ã vou uscar a história pa contar!
 ((sai da sala.))

* * *

II) PASSADO REMOTO

Incluimos nesta categoria todas as referências a eventos que tinham ocorrido anteriormente à sessão de gravação.

Exemplos:

7. *JM-VII-2;3;17-p.24*

P: tu choraste hoje? choraste na escola João?

JM: cherei.

8. *JM-IX-2;4;23-p.2*

A: olha João foste ontem ao circo?

JM: foi (...)
ver palhaço<s>.

9. *PG-VII-3;2;1-p.24*

*((M. conversa com PG sobre uma ida ao jardim
zoológico.))*

M: que bichos é que tu viste?
viste a foca?

PG: só vi patos.

* * *

III) FUTURO

Incluimos nesta categoria todos os enunciados referentes a eventos que são supostos ocorrerem depois da sessão de gravação.

Exemplos:

10. *JM-III-2;1;11-p.3*

((JM. está a lanchar para em seguida ir para a praia.))

M: olha o que é que vais fazer na praia João?
o que é?

JM: fazer bolinhos!

11. *JM-VII-2;3;17-p.26*

P: para onde é que tu vais amanhã, João?

JM: eu vai à escola (...)

12. *PG-VI-3;1;15-p.15*

((a propósito de um livro.))

PG: é (...) eu tou case a ser gande e eu vou saber
o qué, o qué qu'isto, o qué qu'isto
me seve pa, pa fazer o quẽ.

* * *

IV) DESLOCAMENTO NÃO TEMPORAL

Inclui referências a pessoas, objectos ou situações *ausentes*, mas cuja referência não implica localização temporal.

Exemplos:

13. JM-VII-2;3;17-p.25

P: Como é que se chama o mano? não sabes?

JM: sabe, sabe.

P: então diz lá como é que é.

JM: humm (...) Pedócas. (*Pedrocas*)

14. JM-I-2;0;2-p.9

((JM. está a brincar com um pequeno coelho de peluche.))

P: que bichinhos é que tu conheces mais? (...) como é que faz o macaco?

JM: uh uh uh uh.

15. PG-X-3;3;21-p.3

M: como é que se chama? ((*refere-se à educadora de infância de PG.*))

PG: a mi, a minha chama-se educadora.

* * *

V) JOGO SIMBÓLICO

Apesar das semelhanças que muitas vezes encontramos entre o Jogo Simbólico e a Narrativa decidimos distingui-los já que como afirma Fonseca (1985) no jogo simbólico a criança fala e age simultaneamente ao passo que na Narrativa o Dizer e o Fazer estão separados. Além disso, o jogo simbólico aparece essencialmente na interacção com os outros ou na interacção com brinquedos enquanto que a narração, embora aparecendo também na interacção com os outros, surge mais associada a materiais como livros, imagens, etc. Os critérios utilizados para classificar um enunciado como Jogo Simbólico são essencialmente os mesmos que Wanska e Bredosian utilizaram na categoria *Fantasia* (cf. supra, ponto V.1.).

Exemplos:

16. JM-XIII-2;6;18-p.35

((JM. está a brincar com alguns bonecos, que estavam embrulhados em papéis.))

JM: todos a dormirem, aqui, para descê, para chi-chi
 (...)
 olh'ai todos <ta>padados, todo tapados num tem
 frio, todos tapados, tã-os
 <ta>padados, todos apados.

((tapa todos os bonecos com os papéis enquanto vai falando com eles.))

17. JM-VI-2;2;27-p.13

((JM. está a brincar com alguns bonecos, entre eles um pequeno cão de corda.))

JM: vai modere, vai modere. ((põe o cão junto de um barco.))

(...)

L: vai morder?

JM: vai moder (...) o barco. ((faz deslizar o cão de modo a que choque com os outros brinquedos.))

18. (PG-IV-2;10;10-p.10)

((PG está a ver um livro))

PG: qués ver eu pôr o dedo e pois ai! ((põe o dedo na boca do lobo da imagem do livro.))
o lo, o lobo modeu!

* * *

VI) DESCRIÇÃO DE FIGURAS

Incluimos nesta categoria todos os enunciados produzidos a partir da interacção com livros, revistas, jornais e imagens, mas que não têm ainda um carácter narrativo.

Justifica-se esta categoria como categoria à parte, diferenciada do Jogo Simbólico e da Narrativa por três ordens de razões:

1) Por um lado porque se trata já não de um referente real mas sim de um referente simbólico ou figurado (1).

2) Por outro lado porque na narrativa icónica as relações entre os eventos são do tipo anterior/posterior e não tanto entre o momento da enunciação e o momento da ocorrência dos eventos.

3) Por último, porque a descrição de figuras é um "formato" típico da interação adulto-criança, onde entre outras coisas se aprende o "jogo" da pergunta-resposta, a permuta de turnos conversacionais, as denominações das coisas, etc.

Exemplos:

19. JM-III-2;1;11-p.15

((JM. está a folhear uma revista.))

AV: olha o que é que este menino tá a (...) olha, o que é que este menino tá a fazer?

JM: <j>ogar à bola.

AV: e aqui este menino o que está a fazer?

JM: ádar cabainho. *((tá a andar de cavalinho.))*

20. JM-XIV-2;7;16-p.12

((JM. está a ver um livro de histórias.))

JM: olh'aqui.

A: o qué que é?

JM: é as concha.
olha um carangueijo no mar!

A: e o que é que eles estão a fazer, os meninos?

JM: os, os meninos tão em pé; a mandá água.
olh'aqui a água!

21. PG-II-2;0;23-p.20

((PG está a ver um livro.))

PG: isto é o baco (...) (isto é o barco)
 isto é uma casa.
 isto é a lampa. (isto é a lâmpada)

* * *

VII) NARRAÇÃO

A Narração aparece essencialmente em contextos de "história oral" ou na interacção com livros. Por vezes é bastante difícil distinguir a Narrativa da Descrição de Figuras, já que as primeiras narrativas surgem sob a forma de denominações a propósito de livros ou imagens, embora acompanhadas de "marcas ritualizadas" de história (Fayol, 1985) ("uma vez"; "era uma vez"). E inversamente, por vezes o adulto solicita explicitamente à criança uma narrativa -a partir de materiais de suporte-, mas esta limita-se a enunciar um conjunto de denominações sem quaisquer marcas de Narrativa.

Exemplos:

22. JM-X-2;5;2-p.5

((JM. e Z. estão a ver livros de histórias.))

Z: o que é que aconteceu aí na história <* * >
 conta-me lá (...)
 aqui aconteceu o quê?

JM: a ga<1>inhas (...) o pai porco, pai poorco.

23. JM-XII-2;6;1-p.5

L: olha conta-me lá a história deste menino.

JM: era uma vê (...)

L: era uma vez.

JM: <uma> menina.

L: uma menina (...)

JM: não (...)

L: como é que é a história?

JM: um menino.

L: um menino (...),

JM: e este? ((aponta para outro boneco.))

L: conta, conta a história desses dois (...)

JM: este ia pacheare.

24. JM-X-2;5;2-p.22

JM: eu conto. ((abre um livro infantil e vai virando páginas.))

(...)

uma vez (...) o pai, poquinho! que foi? ((com uma prosódia de "contar histórias."))

L: mostra, anda contar para aqui (...) anda contar para aqui, anda contar para aqui.

JM: <* * *>
uma porca!

Z: uma porca.

JM: tá entornar o leite.

25. PG-III-2;8;25-p.18

PG: um menino (...) tava à, à poc, à pocura dos
poquinhos.

A: e depois?

PG: e depois foi o caacol e a booleta dizia aos
poquinhos.

M: o caracol e a borboleta disseram o quê aos
porquinhos?

PG: "não tá cá! foi pá escolinha deles" (...)

* * *

VIII) FORMAS INDETERMINADAS DE DISCURSO

Não era possível para certos enunciados, determinar a que tipo de discurso pertenciam, nem mesmo através do contexto extra-linguístico em que surgiam pois geralmente pareciam não se inscrever nesse contexto. Vejamos um exemplo destes casos que nos surgiram, embora em número bastante reduzido.

Exemplo:

26. JM-IV-2;1;25-p.5

M: João porque é que tá a tossir? (...)
porque é que tás a tossir? (...) há?

JM: seguir.

B) FORMAS VERBAIS UTILIZADAS PELA CRIANÇA

Além das categorias de tópicos e contextos discursivos, analisámos também *para a criança*, as formas verbais específicas que eram utilizadas em cada contexto discursivo.

De salientar que englobámos numa só categoria verbal o **Presente do Indicativo** e o **Infinitivo** dado que começámos por observar que no discurso da criança estas formas surgiam indiferenciadas ou seja, surgiam como formas genéricas de base que adquiriam um valor temporal específico em função do contexto linguístico ou do contexto discursivo em que se inseriam. Esta opção veio naturalmente a revelar-se incorrecta já que após a sua diferenciação, o Infinitivo adquire funções específicas. Considerámos quanto ao Passado o Pretérito Perfeito (*Pr.Per.*) e o Pretérito Imperfeito (*Pr.Imp.*). Relativamente às formas verbais futuras considerámos apenas o **Futuro Perifrástico** ou **Futuro Próximo** (*F.Prox.*), dado não se registarem outras formas de futuro. Considerámos ainda as formas Imperativas (*Imper.*) e as Formas Participiais (*F.Part.*).

Foram ainda contabilizados *os enunciados que não continham verbo* e que de facto não o requeriam necessariamente, enunciados esses a que chamámos de "Denominações" (*Deno.*), bem como os enunciados que requeriam verbo mas que a criança

produzia sem verbo (*S.V.*). Finalmente considerámos ainda uma categoria de "Formas Verbais Indeterminadas" (*FV.Ind.*) que consistiam em enunciados onde era impossível determinar a forma verbal em causa.

Vejamos alguns exemplos destes três tipos de casos.

DENOMINAÇÕES (Deno.)

Exemplos:

27. JM-XII-2;6;1-p.23

((JM. está a ver um livro com L.))

L: tá na água, mas parece que ele quer fazer o
quê? quer apanhar (...)

JM: os peixinhos.

L: os peixinhos (...) e ali? o que é que ele quer
quer apanhar ali? (...) quer
apanhar (...)

JM: as bobo<l>etas.

28. JM-XIV-2;7;16-p.20

((JM descobriu um saco com vários bonecos.))

JM: olha'aqui um anãosinho (...) mai a Branca de
Neve, a Branca de Neve, a Branca de Neve.

29. JM-III-2;1;11-p.9

T: tás a beber o quê, João?

JM: água.

SEM VERBO (S.V.)

Exemplos:

30. JM-II-2;0;23-p.9

((JM. está a brincar com um pequeno sapo de corda.))

JM: mode.

L: morde?
morde o quê?

JM: o sapo o dedo. *((o sapo morde o dedo.))*

31. JM-IV-2;1;25-p.1

JM: pá paia co Aide (...)
pá paia co Aide, pá paia co Aide, pá paia co Aide.
((foi à praia com a Adelaide.))

P: e depois o que é que fizeste mais com a
Adelaide?

JM: areia.
areia pa cima (...) do pai.

FORMA VERBAL INDETERMINADA (FV.Ind.)

Exemplo:

32. JM-I-2;0;2-p.6

A: é pra colar!
agora vamos pôr aqui (...)

(...)
as orelhas do coelhinho, não é?

JM: ói cola (...) ai (...) ai. *(mesmo recorrendo à prosódia não se consegue perceber se JM está a utilizar o substantivo "cola" para fazer uma denominação ou a utilizar a forma imperativa do verbo "colar".)*

C) CATEGORIZAÇÃO DOS ENUNCIADOS DOS ADULTOS

Relativamente aos enunciados do adulto mantiveram-se as mesmas categorias que foram utilizadas com as crianças no que diz respeito aos "Tópicos e Contextos Discursivos". No entanto, como não era nosso objectivo estudar as formas verbais específicas que os adultos utilizavam com as crianças, englobámos numa só categoria global (intitulada "*Predicações-Geral*") a generalidade dos enunciados utilizados pelos adultos, independentemente das formas verbais particulares utilizadas. No entanto mantivemos à parte três categorias: a) *Imperativos*; b) *Vocativos* e c) *Outros*.

Optámos por registar separadamente a ocorrência dos *Imperativos* e *Vocativos* pois dada a sua natureza seria de prever que surgissem com elevada frequência em contextos muito específicos como sejam a regulação de comportamentos - caso dos *Imperativos*-, ou em contextos de denominação de figuras e de chamada de atenção para objectos ou eventos no contexto imediato - caso dos *Vocativos*-. A categoria "*Outros*" incluía denominações sem verbo por parte dos adultos, repetições, expansões, elogios e interrogativas do tipo "pedidos de confirmação" em relação a enunciados previamente produzidos pela criança.

V.3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

V.3.1. RESULTADOS RELATIVOS A JM

Relativamente a JM os resultados mostram que a maioria dos enunciados produzidos pela criança se incluem na categoria do Aqui e Agora Presente (53,1%) (cf. página seguinte, *Quadro Global I*) (2) o que nos indica que o seu discurso é essencialmente relacionado com o contexto imediato em que é produzido. Podemos também observar que o A.A. Passado Imediato e o A.A. Futuro Próximo, não ultrapassam respectivamente 8,1% e 7,8% do total de enunciados e que nas restantes categorias o valor mais elevado é 10,5% no contexto Descrição de Figuras.

Relativamente ao A.A. Futuro Próximo é de referir que embora este contexto discursivo não evolua de forma regular ao longo das 14 sessões, existe um aumento significativo da sua ocorrência a partir da *sessão V* (cf. *Anexo I*).

A comparação da ocorrência do Passado Imediato com a do Passado Remoto, revela que o primeiro é claramente predominante ao longo de quase todas as sessões traduzindo-se esta discrepância em termos globais (cf. *Quadro Global I*) em 8,1% para o PI e 2,9% para o PR. O facto de os enunciados do adulto do tipo Passado Imediato e Passado Remoto não apresentarem grande diferença percentual entre si ao longo das catorze sessões, sendo mesmo coincidentes no que se

QUADRO GLOBAL I : JM/ADULTOS

	Pr/Inf.	Pr.Per.	Pr.Imp.	F.Prox.	Imper.	F.Part.	Deno.	S.V.	FV.Ind.	Totais
	(839)	(2)			(76)	(78)	(469)	(8)	(12)	(1484)
A.A.(P)	30,0%	0,07%			2,7%	2,8%	16,8%	0,3%	0,5%	53,1%
	(6)	(184)	(31)		(1)		(6)		(2)	(227)
A.A.(PI)	0,2%	6,5%	1,1%		0,04%		0,2%		0,07%	8,1%
	(63)			(134)	(5)		(16)			(248)
A.A.(FP)	2,3%			4,8%	0,2%		0,6%			7,8%
	(11)	(30)	(8)				(24)	(6)	(1)	(80)
P. REM.	0,4%	1,1%	0,3%				0,9%	0,2%	0,04%	2,9%
	(6)						(6)	(2)		(14)
FUTURO	0,2%						0,2%	0,07%		0,5%
	(29)	(2)		(1)	(2)		(28)			(62)
DESLOC.	1,0%	0,07%		0,04%	0,07%		1,0%			2,2%
	(108)	(24)	(3)	(73)	(5)	(5)	(42)	(2)	(4)	(266)
J.SIMB.	3,9%	0,9%	0,1%	2,6%	0,2%	0,2%	1,5%	0,07%	0,1%	9,5%
	(136)	(8)	(6)	(4)	(2)	(2)	(136)			(294)
D.FIG.	4,9%	0,3%	0,2%	0,1%	0,07%	0,07%	4,9%			10,5%
	(32)	(15)	(10)	(14)	(2)		(70)	(2)	(1)	(146)
NARRAT.	1,1%	0,5%	0,4%	0,5%	0,07%		2,5%	0,07%	0,04%	5,2%
	(1230)	(262)	(58)	(226)	(93)	(85)	(797)	(20)	(20)	
TOTAIS	43,9%	9,4%	2,1%	8,1%	3,3%	3,0%	28,6%	0,7%	0,7%	99,8%
INDET.	5 (0,2%)									(2+96) 100%

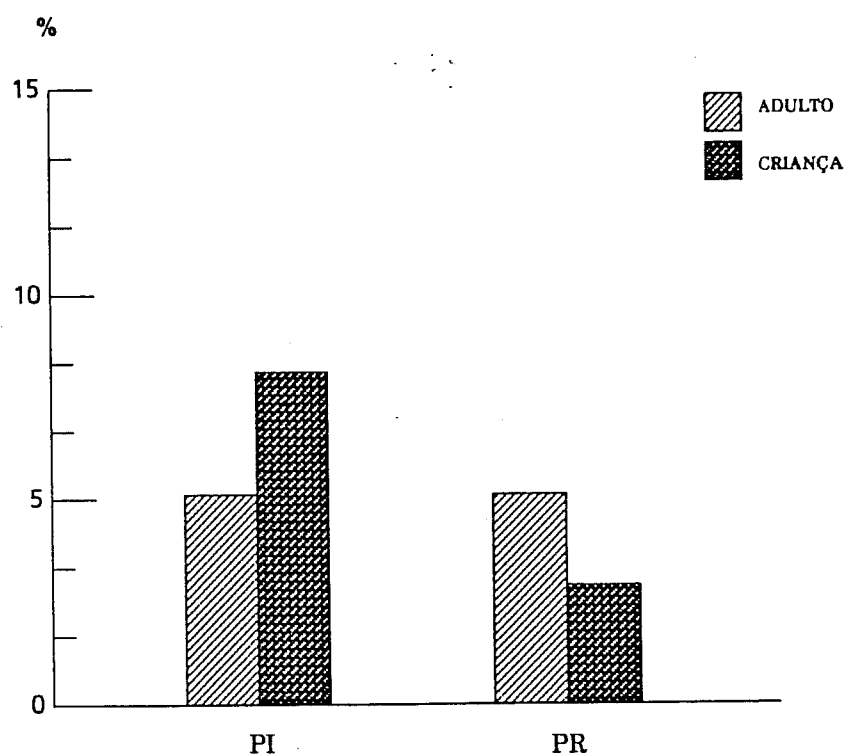
QUADRO GLOBAL II : ADULTOS/JM

	PREDICAÇÕES - GERAL	IMPERATIVOS	VOCATIVOS	OUTROS	TOTAIS
A. A. (P)	(1655) 34,1%	(391) 8,1%	(114) 2,4%	(444) 9,2%	(2604) 53,7%
A. A. (PI)	(233) 4,8%	(1) 0,02%	(1) 0,02%	(10) 0,3%	(245) 5,1%
A. A. (FP)	(337) 7,0%	(30) 0,6%		(13) 0,3%	(380) 7,8%
P. REM.	(212) 4,4%	(1) 0,02%		(34) 0,7%	(247) 5,1%
FUTURO	(28) 0,6%			(6) 0,6%	(34) 0,7%
DESLOC.	(156) 3,2%	(8) 0,2%	(3) 0,06%	(30) 0,6%	(197) 4,1%
J. SIMB.	(332) 6,9%	(8) 0,2%	(1) 0,02%	(34) 0,7%	(375) 7,7%
D. FIG.	(345) 7,1%	(4) 0,08%	(16) 0,3%	(75) 1,5%	(438) 9,0%
NARRAT.	(300) 6,2%	(4) 0,08%		(26) 0,5%	(330) 6,8%
TOTAIS	(3598) 74,2%	(447) 9,2%	(135) 2,8%	(670) 13,8%	(4850) 100%

refere ao total global, (5,1% para ambos, cf. *Gráfico I*), mostra que os resultados registados na criança não ficam a dever-se à não introdução ou à não exploração de tópicos de discurso no **Passado Remoto** por parte dos adultos mas antes a uma reduzida adesão da criança a esses tópicos.

GRÁFICO I

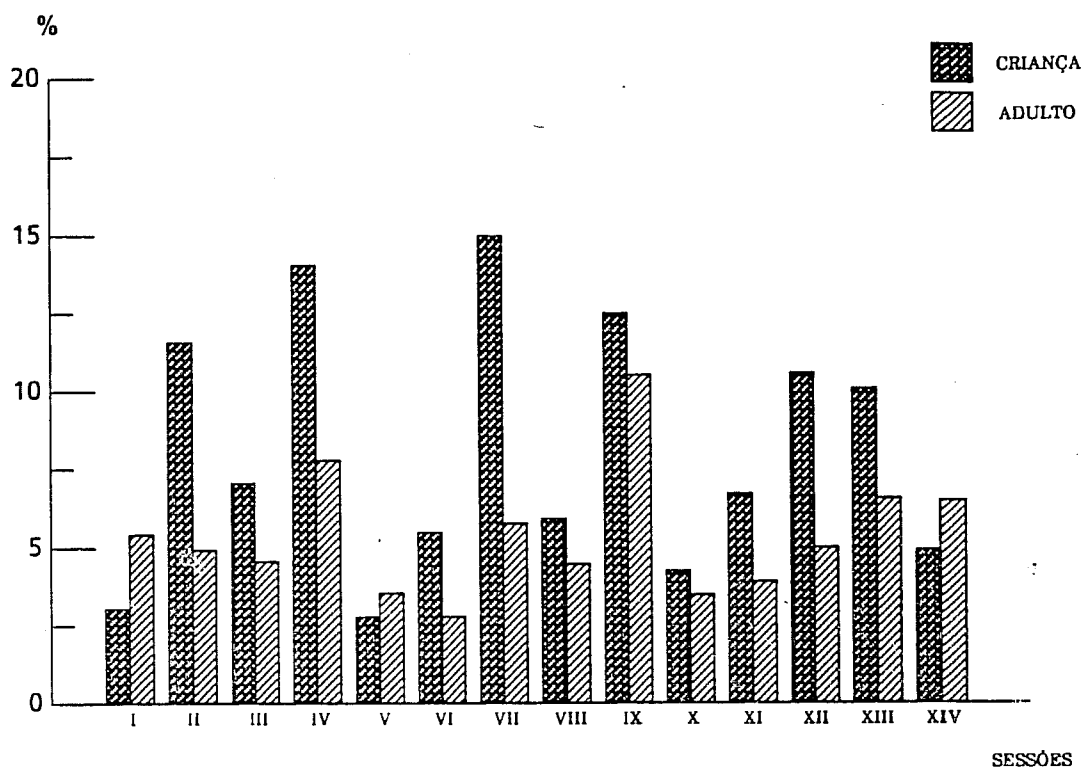
PASSADO IMEDIATO/PASSADO REMOTO (JM)



Pelo contrário, no que diz respeito ao **Passado Imediato**, a sua ocorrência é superior à do adulto em quase todas as sessões como pode ver-se pelo *Gráfico II*.

GRÁFICO II

UTILIZAÇÃO DO PASSADO IMEDIATO (JM)



Para além de uma maior adesão da criança ao PI deve ainda acrescentar-se que o **Passado Imediato** é não só introduzido pelo adulto como pela própria criança, enquanto que as ocorrências de **Passado Remoto** se devem exclusivamente à iniciativa do adulto.

As referências ao **Passado Remoto** por parte da criança são pois bastante escassas e quando acontecem verifica-se que recorrem essencialmente à utilização do **Pretérito Perfeito** ($f=30$; $\% = 1,1$) surgindo também com bastante frequência sob a forma de simples **Denominação** ($f=24$; $\% = 0,9\%$). Este

último facto evidencia a dificuldade da criança em produzir enunciados com verbos flexionados no Passado neste contexto discursivo, pelo que se limita em algumas situações a denominar elementos, ou como afirma Eisenberg, a formular listas de tópicos ou listas de elementos de Eventos Generalizados. No contexto do Passado Remoto, também recorre com alguma frequência às formas de Presente ou Infinitivo ($f=11$; $\% = 0,4$). A utilização do Pretérito Imperfeito em referência ao Passado Remoto não excede os $0,3\%$ ($f=8$), sendo de salientar desde já, que o Imperfeito só aparece a partir da *sessão IX* (aos *2;4;23*) facto que será analisado em pormenor mais adiante. Mas note-se desde logo que ele aparece com maior frequência na categoria de Passado Imediato do que na categoria de Passado Remoto ou de Narrativa.

As temáticas abordadas nas conversações de JM sobre o Passado Remoto confirmam genericamente os dados de Sachs (1983) e Eisenberg (1985), que, recordêmo-lo, sugeriam que elas passavam essencialmente por *rotinas conversacionais* a propósito de temas bem conhecidos da criança e do adulto. Das sessões iniciais de JM destacamos os seguintes tópicos introduzidos pelo pai: ("*O que é que viste em casa do avô?*"; "*o que é que comeste hoje ao jantar?*"; "*o que é que comeste ontem na praia?*"; "*o que é que fizeste no jardim zoológico?*"). O carácter "*rotinizado*" destas conversações é

tornado explícito pela própria criança na seguinte interacção em que é ela própria quem, integrando toda a rotina temática e interaccional dá as respostas e faz as perguntas subsequentes da "rotina", terminando a sua resposta com a pergunta "*e mais?*".

33. JM-II-2;0;23-p.18

P: olha, o que é que tu fizeste no jardim zoológico no outro dia?

JM: um maca (...)

<vi> macacos, *e mais?*

Este formato interactivo corresponde exactamente à descrição feita por Eisenberg quando esta autora assinala que na conversação a partir deste tipo de rotinas nem a criança nem o adulto estão preocupados com a ordem de ocorrência dos eventos:

"the telling of the experience did not conform to its temporal sequence. The descriptions of the past were not motivated by a sense of "and then what?", but by a sense of "and what else?". That is, the descriptions were basically a collection of statements relevant to the same topic." (op.cit. p.195)

Quanto à categoria discursiva **Futuro** verifica-se que é nela que ocorrem menos enunciados, apenas 0,5% do total. De referir também que esta percentagem se distribui apenas por

5 das 14 sessões o que significa que em mais de metade destas esteve completamente ausente.

O Deslocamento não Temporal é, a seguir ao Futuro, a categoria que registou valores mais baixos, 2,2% da globalidade dos enunciados. Este contexto discursivo, quase sempre introduzido pelo adulto, nem sempre consegue a adesão da criança, sendo a percentagem de enunciados do adulto nesta categoria (4,1% ; f=197) bastante superior à de JM (2,2% ; f=62) (veja-se *Quadro Global I e II*).

O Jogo Simbólico, que regista 9,5% do total de enunciados da criança apresenta uma percentagem mais elevada que a mesma categoria nos adultos (cf. *Quadro Global II*) e bastante mais elevada do que a registada na criança mais velha, o que revela que JM privilegia bastante este tipo de tópico. De referir ainda que na categoria Jogo Simbólico predominam as formas verbais Presente/Infinitivo e Futuro Próximo.

Relativamente à Descrição de Figuras que regista 10,5% do total de enunciados da criança, apresenta no adulto uma percentagem não muito inferior: 9%. Este valor justifica-se pelo facto de a criança solicitar com alguma frequência o adulto no comentário a livros e figuras e por outro lado porque o adulto também usa bastante este contexto discursivo manter a interacção com ela. A evolução desta categoria na

criança é irregular; não surge em todas as sessões e os seus valores não registam tendências consistentes. De salientar o predomínio de verbos no Presente do Indicativo /Infinitivo e ainda das Denominações.

Na Narrativa, contexto discursivo que regista 5,2% dos enunciados é de salientar que surge pela primeira vez apenas na *sessão VII (2;3;17)* , embora já tivessem sido feitas pelo adulto tentativas para introduzir este tipo de tópico em sessões anteriores. A partir da *sessão X (2;5;2)* a narrativa torna-se uma constante no discurso da criança, sendo contudo quase sempre desencadeada a partir de solicitações do adulto. Estas narrativas são na realidade muito incipientes, contendo quase só marcas externas de que está a contar uma história mas passando rapidamente para uma linguagem comentativa e descritiva. Voltaremos a abordar o problema do desenvolvimento da narratividade nas duas crianças, no capítulo VI.

V.3.2. RESULTADOS RELATIVOS A PG

Consultando o *Quadro Global III* verifica-se que 42% dos enunciados produzidos por PG, se situam na categoria **Aqui e Agora Presente (A.A.P.)**, enquanto que ao nível do **A.A. Passado Imediato** e **A.A. Futuro Próximo**, os resultados não ultrapassam os 3,3% e 7% respectivamente.

Comparando os resultados globais obtidos ao nível das categorias **Passado Imediato** e **Passado Remoto** (*Quadro III*) pode verificar-se que esta última categoria apresenta valores claramente superiores (PI: 3,3% - PR: 7,7%), o que representa uma clara inversão de valores quando comparados com os de JM, onde, como vimos, o PI predomina absolutamente sobre o PR.

No entanto, quando comparamos estes valores de PG com os registados pelos adultos nas mesmas categorias (respectivamente 3,5% e 10,9%) parece evidenciar-se ainda algum desfasamento entre os valores do PR da criança e os do adulto (cf. *Gráfico III*). Deve ainda acrescentar-se que o **Passado Remoto** é quase sempre introduzido na conversação pelo adulto e não pela criança.

QUADRO GLOBAL III : PG/ADULTOS

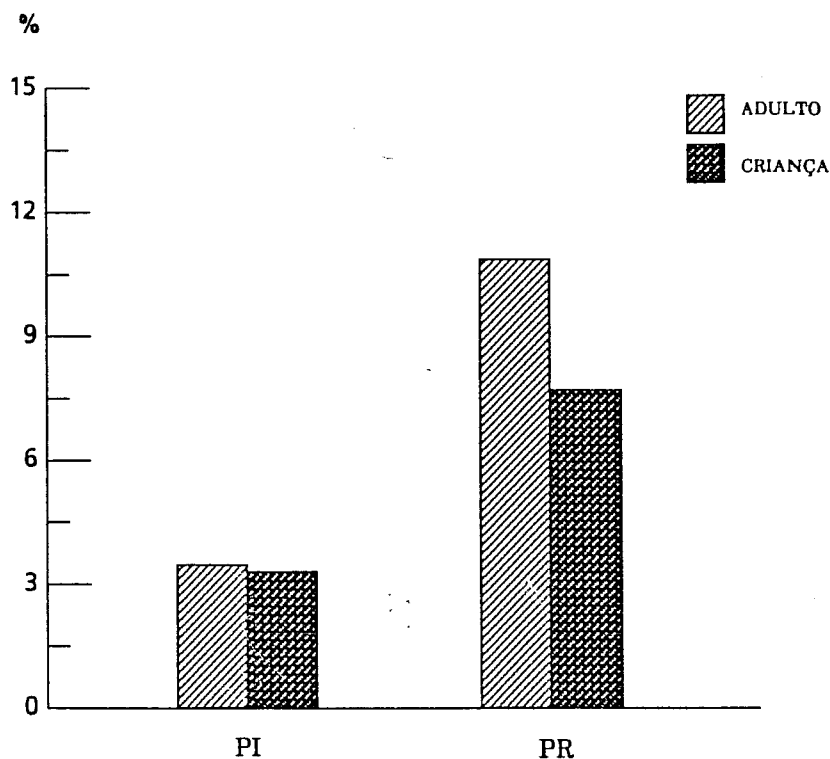
	Pr/Inf.	Pr.Per.	Pr.Imp.	F.Prox.	Imper.	F.Part.	Deno.	S.V.	FV.Ind.	Totais
	(870)	(9)	(3)	(1)	(28)	(3)	(179)	(1)	(0)	(1094)
A.A.(P)	33,3%	0,3%	0,1%	0,04	1,1%	0,1%	6,9%	0,04%	0%	42%
	(2)	(69)	(7)			(1)	(8)			(87)
A.A.(PI)	0,08%	2,6%	0,3%			0,04%	0,3%			3,3%
	(104)	(1)		(68)	(2)		(10)			(182)
A.A.(FP)	3,9%	0,04%		2,6%	0,08%		0,4%			7%
	(11)	(84)	(29)				(76)			(200)
P. REM.	0,4%	3,2%	1,1%				2,9%			7,7%
	(25)			(5)			(9)			(39)
FUTURO	1%			0,2%			0,3%			1,5%
	(24)	(1)					(17)			(42)
DESLOC.	0,9%	0,04%					0,7%			1,6%
	(75)	(4)	(3)	(3)	(1)		(10)			(96)
J.SIMB.	2,9%	0,2%	0,1%	0,1%	0,04%		0,4%			3,7%
	(330)	(6)		(1)	(1)		(170)			(508)
D.FIG.	12,6%	0,2%		0,04%	0,04%		6,5%			19,5%
	(104)	(139)	(20)	(10)	(2)	(1)	(72)		(2)	(347)
NARRAT.	3,9%	5,4%	0,8%	0,4%	0,08%	0,04%	2,8%		0,08%	13,3%
	(1539)	(313)	(62)	(88)	(34)	(5)	(551)	(1)	(2)	(2595)
TOTAIS	59%	12%	2,4%	3,4%	1,3%	0,2%	21,1%	0,04%	0,08%	99,5%
INDET.	0,5%	(14)								100% (2609)

QUADRO GLOBAL IV : ADULTOS/P6

	PREDICAÇÕES - GERAL	IMPERATIVOS	VOCATIVOS	OUTROS	TOTAIS
A. A. (P)	(1088) 34,4%	(60) 1,9%	(7) 0,2%	(151) 4,8%	(1306) 41,3%
A. A. (PI)	(101) 3,2%	(2) 0,06%		(7) 0,2%	(110) 3,5%
A. A. (FP)	(242) 7,7%	(7) 0,2%		(13) 0,4%	(262) 8,3%
P. REM.	(304) 9,6%			(39) 1,2%	(343) 10,9%
FUTURO	(30) 0,9%			(6) 0,2%	(36) 1,1%
DESLOC.	(108) 3,4%	(5) 0,2%	(1) 0,03%	(5) 0,2%	(119) 3,8%
J. SIMB.	(81) 2,6%	(1) 0,03%		(1) 0,03%	(83) 2,6%
D. FIG.	(364) 11,5%			(85) 2,7%	(449) 14,2%
NARRAT.	(382) 12,1%	(16) 0,5%		(44) 1,4%	(442) 14,0%
TOTAIS	(2700) 85,5%	(91) 2,9%	(8) 0,3%	(351) 11,1%	(3150) 99,7%
INDET.	(9) 0,3%				(3159) 100%

GRÁFICO III

PASSADO IMEDIATO/PASSADO REMOTO (PG)

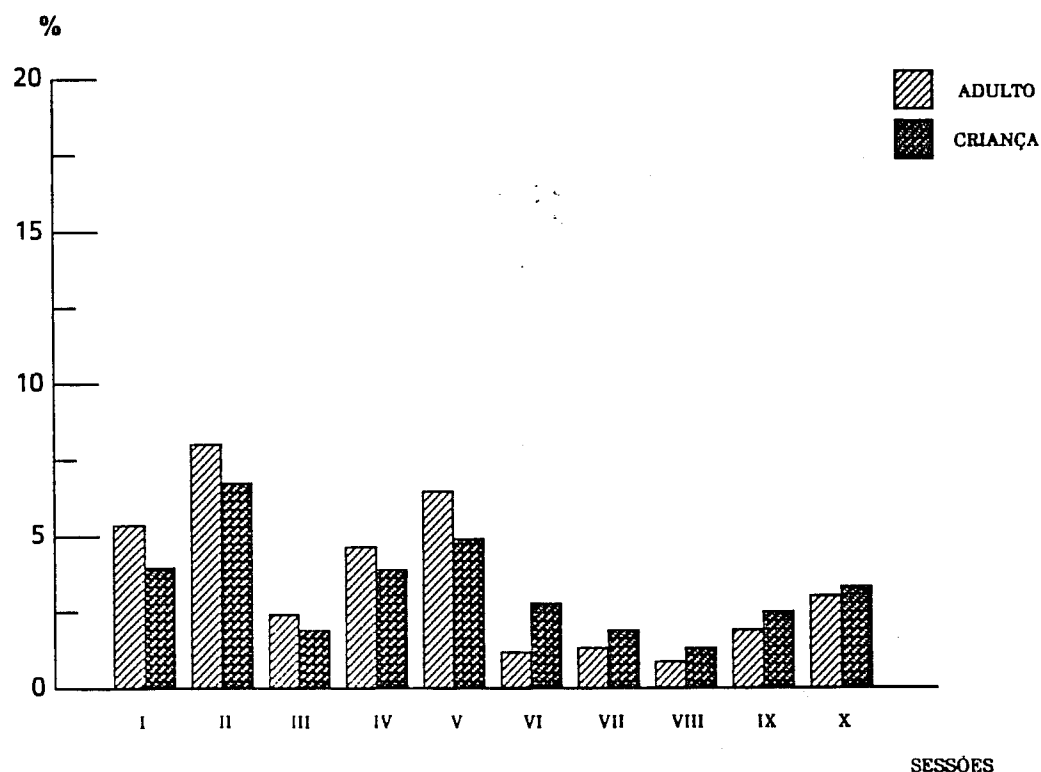


Quanto ao P.Imediato é visível (cf. Gráfico IV), até à sessão V, que os adultos apresentam valores superiores aos da criança, mas a partir desta sessão o sentido desse desfasamento inverte-se, passando a percentagem de enunciados PI produzidos pela criança a ser superior à do adulto. Podemos ainda acrescentar que o P.Imediato é espontaneamente utilizado pela criança, o que só raramente acontece com o Passado Remoto, mas na verdade não temos nenhuma interpretação plausível para este padrão de resultados relativos ao PI. A única coisa segura que se pode afirmar é que numa análise inter-individual o Passado

Imediato perde, relativamente a **JM**, uma importância significativa no conjunto dos tópicos discursivos realizados pela criança (8,1% em **JM** vs 3,3% em **PG**) e uma análise intra-individual revela também que o **PI** é em **PG** um tópico com pouca importância quantitativa quando comparado com outros tópicos.

GRÁFICO IV

UTILIZAÇÃO DO PASSADO IMEDIATO (PG)



A forma verbal que predomina na referência ao **PI** por **PG** é o **Pretérito Perfeito** (cf. *Quadro Global III*), surgindo o **Imperfeito** muito raramente. No **PR** é também o **Pretérito Perfeito** que ocupa a primeira posição, surgindo em segundo lugar as **Denominações** e em terceiro o **Pretérito Imperfeito**.

O contexto discursivo **Futuro**, apresenta a percentagem mais baixa do conjunto, **1,5%** do total dos enunciados da criança e surgindo apenas em cinco das dez sessões. Também no adulto os valores registados nesta categoria são bastante baixos (**1,1%**).

Quase em paralelo com a categoria anterior, o **Deslocamento não Temporal** regista **1,6%** dos enunciados da criança, enquanto no adulto esse valor é de **3,8%**. Ao longo das sessões surge constantemente um certo desfasamento entre criança e adulto no que se refere à percentagem de enunciados deste tipo. Na verdade, o **Deslocamento não Temporal** é em geral introduzido na conversação pelo adulto mas nem sempre este consegue a adesão da criança, justificando-se desta forma as diferenças encontradas.

Quanto ao **Jogo Simbólico**, os valores globais encontrados em **P6** não excedem os **3,7%**, enquanto o adulto regista apenas **2,6%** (*Quadros Globais III e IV*). Esta forma discursiva, quando surge, deve-se em muitos casos à iniciativa da criança e é frequente ter lugar em monólogos pelo que a intervenção do adulto é aqui pouco solicitada. De salientar neste contexto discursivo o predomínio das formas verbais **Presente / Infinitivo**.

A **Descrição de Figuras** surge a seguir ao **A.A.Presente** como a categoria mais utilizada, registando **19,5%** do total dos enunciados da criança. Também no adulto apresenta um valor elevado: **14%**. Esta forma discursiva é frequentemente introduzida pela criança e explorada por ela, não deixando de solicitar a participação do adulto, podendo também decorrer da iniciativa deste. Em muitas situações esta descrição de figuras representa uma tentativa de resposta ou um substituto à narrativa solicitada pelo adulto que não é verdadeiramente conseguida pela criança. A forma verbal predominante refere-se à categoria **Presente/Infinitivo** embora seja de referir também uma elevada percentagem de **Denominações**.

A utilização da **Narrativa** é bastante significativa, (**13,3%** do total de enunciados), constituindo a terceira categoria mais utilizada por **PG**. Está presente em todas as sessões, embora a sua evolução seja irregular. No adulto encontramos a percentagem de **14%** o que mostra que não existiram grandes desfasamentos nesta categoria entre o discurso do adulto e o da criança. Este resultado global é confirmado, em geral, pelos resultados parciais de cada sessão (*cf. Anexos III e IV*). A **Narrativa** é frequentemente solicitada pelo adulto mas é também usual a iniciativa surgir da própria criança. De referir ainda o domínio da forma verbal **Pretérito Perfeito**, seguida do **Presente/Infinitivo** e do **Pretérito**

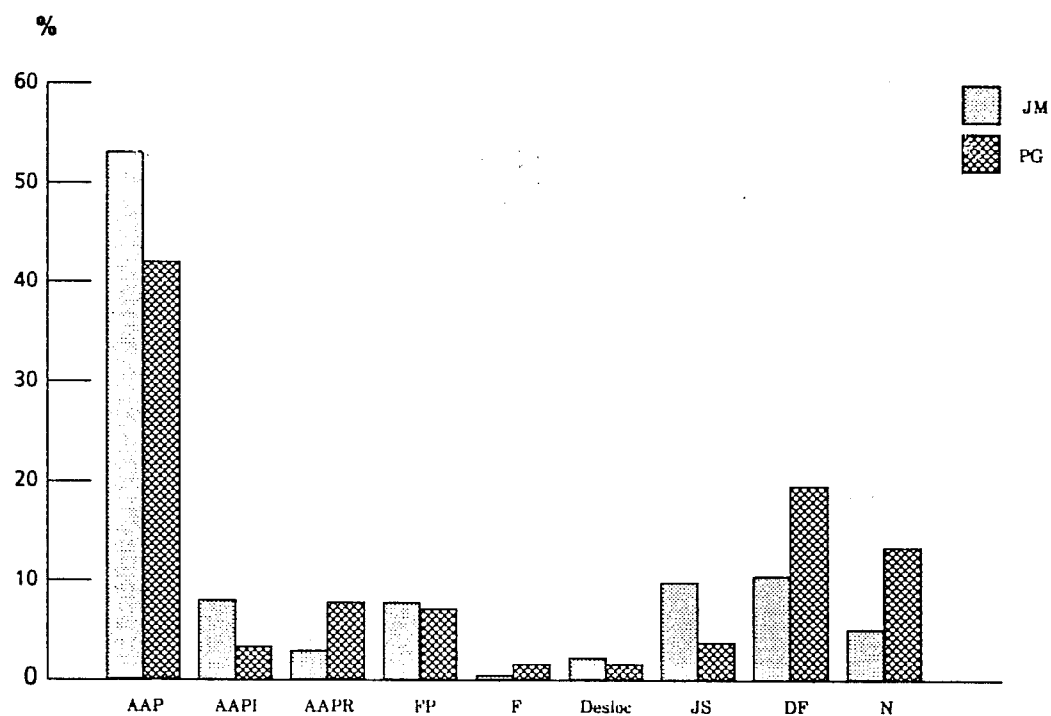
Imperfeito. O Imperfeito atinge aliás nesta categoria discursiva o seu segundo valor mais significativo aparecendo o seu valor mais significativo no contexto de Passado Remoto.

V.3.3. COMPARAÇÃO DOS RESULTADOS DAS DUAS CRIANÇAS (JM e PG)

Da comparação dos resultados obtidos pelos dois sujeitos (cf. Gráfico V) salientam-se vários aspectos que a seguir destacaremos.

GRÁFICO V

COMPARAÇÃO DOS TÓPICOS E CONTEXTOS DISCURSIVOS EM JM E PG



- Ambos os sujeitos apresentam a maior percentagem de enunciados na categoria **Aqui e Agora Presente**, embora esse valor seja sensivelmente mais elevado na criança mais nova (JM 53,1% - PG 42%). Curiosamente porém, **PG** utiliza mais

formas **Presente/Infinitivo** (59%) do que *JM* (43%). Isto deve-se sobretudo ao facto de *PG* utilizar mais a categoria **Descrição de Figuras** e dentro desta categoria utilizar sobretudo as formas verbais **Presente/Infinitivo**.

- Ambas as crianças utilizam bastante a categoria **Futuro Próximo** (com um valor de cerca de 7% para ambas). A categoria verbal **Fut. Prox.** aparece com mais frequência em *JM* (8,1%) do que em *PG* (3,4%). Este, para fazer referência aos tópicos de **Aqui e Agora Futuro Próximo** recorre não só ao **Fut. Perifrástico** mas também a formas do **Presente**. Em *JM* as formas verbais do **Futuro Próximo** aparecem essencialmente no **Aqui e Agora** e no **Jogo Simbólico**. Podemos distinguir aqui o "Futuro Próximo" da "Intenção". A **Intenção** aparece marcada com a utilização da 1ª pessoa do singular ou do plural indicando um projecto individual ou colectivo ("*vou fazer...*"; "*vamos jogar...*"). O **Futuro Próximo** aparece como "previsão" ou sinal de grande probabilidade de ocorrência no real ("*vai cair*") e é marcado pela utilização da 3ª pessoa.

- Relativamente ao **Aqui e Agora Passado Imediato**, verifica-se que a produção de enunciados nesta categoria apresenta valores muito mais elevados na criança mais jovem (*JM* 8,1% - *PG* 3,3%).

- Quanto ao **Passado Remoto** verifica-se que os resultados se invertem relativamente à categoria anterior. Os resultados de **PG** são bastante superiores aos de **JM** (**JM: 2,9% ; PG: 7,7%** ,cf. supra *Gráficos I e III*) o que evidencia claramente uma maior facilidade por parte da criança mais velha na utilização desta forma discursiva. Voltaremos ainda a esta questão, para analisar as formas verbais específicas que uma e outra criança utilizam na referência ao Passado Remoto.

- Quanto à categoria **Futuro** não se registam diferenças assinaláveis, constituindo para ambas as crianças a categoria discursiva menos utilizada. Verifica-se, no entanto, por parte da criança mais jovem, uma percentagem ligeiramente inferior (**JM: 0,5% ; PG: 1,5%**).

- Também no **Deslocamento não Temporal** os valores obtidos são baixos em ambas as crianças, acentuando-se esta tendência na criança mais velha (**JM 2,2% - PG 1,6%**).

- O **Jogo Simbólico** surge claramente mais utilizado pelo sujeito mais novo (**JM 9,7% - PG 3,7%**) estando presente em quase todas as sessões, onde chega a atingir com alguma frequência valores na ordem dos 20%. Tanto num caso como noutro, as categorias verbais dominantes são o **Presente/Infinitivo** e *não* o **Imperfeito**.

- A categoria **Descrição de Figuras**, é a segunda categoria mais utilizada por ambos os sujeitos. Contudo, os valores mais elevados registam-se na criança mais velha (**PG: 19,5% ; JM: 10,5%**). Uma das razões que explica esta diferença deve-se ao facto de **JM** aderir com mais dificuldade a uma interacção baseada em livros ou outros suportes gráficos, privilegiando a interacção directa com os brinquedos à sua disposição. A corroborar este facto, e como vimos atrás, está o resultado de **JM** na categoria **Aqui e Agora Presente**, que inclui grande parte dos enunciados produzidos na interacção com os objectos no contexto imediato e que regista valores superiores aos obtidos por **PG**. De referir ainda que em **JM** cerca de metade dos enunciados produzidos na categoria de **Descrição de Figuras** são *Denominações*, ao passo que em **PG**, estas não ultrapassam um terço dos enunciados.

- A **Narrativa** surge como a terceira categoria mais utilizada por **PG** (13,3%) ao passo que para a criança mais jovem ela ocupa um modesto sexto lugar (**JM 5,2%**). Este resultado, confirma-nos a muito maior apropriação por parte do sujeito mais velho do discurso narrativo, que na criança mais nova é ainda muito incipiente e poucas vezes conseguido.

Salienta-se também o facto de *JM* utilizar na **Narrativa** essencialmente enunciados do tipo **Denominações** e em segundo lugar enunciados no **Presente/Infinitivo**, enquanto *PG* privilegia a utilização do **Preterito Perfeito** seguido da utilização do **Presente/Infinitivo** e só em terceiro lugar surgem as **Denominações**.

- Quanto aos enunciados *SU (Sem Verbo)* e às *FV. Ind. (Formas Verbais Indeterminadas)*, sendo pouco frequentes em ambas as crianças é de assinalar a sua quase total ausência no sujeito mais velho, ao passo que em *JM*, embora com valores muito baixos, estão presentes ao longo de grande parte das sessões.

V.3.4. DISCUSSÃO E CONCLUSÕES

Nesta secção discutiremos essencialmente três questões: *A)* Os resultados obtidos em relação aos diversos tópicos e contextos discursivos e a importância relativa que lhes atribuímos na passagem de um plano de referência Actual para um plano de referência Inactual; *B)* A questão da referência ao Passado Remoto e as formas verbais empregues na referência esse tipo de Passado e *C)* A comparação dos nossos dados relativos ao Passado Imediato e ao Passado Remoto com os dados de Weist et al. sobre os mesmos tópicos.

A)- A CENTRALIDADE DA DESCRIÇÃO DE FIGURAS, O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO SIMBÓLICA E A INTERACÇÃO COM OS ADULTOS

Se analisarmos a posição relativa -em termos de ordem e em termos quantitativos- dos diversos contextos discursivos (cf. página 240 **QUADROS V e VI**) damos conta de vários aspectos interessantes:

1) O fenómeno mais evidente é o do decréscimo significativo da categoria *Aqui e Agora Presente* de *JM* para *PG* (-11,1%, dos enunciados em *PG* do que em *JM*), decréscimo esse que é acompanhado por um aumento significativo da categoria

Descrição de Figuras (+ 9% em PG do que em JM), o que revela um deslocamento claro do plano do **Aqui e Agora** para um plano mais deslocado e mais simbólicamente mediatizado como o é o da **Descrição de Figuras**.

2) O segundo aspecto importante é o de que a ordem dos diversos tópicos se mantém constante, excepto para os *blocos* **Jogo Simbólico/Passado Imediato** e **Narrativa/Passado Remoto**. Assim vejamos: Os tópicos que se mantêm constantes em termos da sua ordenação relativa são os seguintes:

10- **Aqui e Agora Presente.**

20- **Descrição de Figuras.**

50- **Futuro Próximo.**

80- **Deslocamento não Temporal.**

90- **Futuro.**

Para além das diferenças quantitativas já assinaladas para as duas primeiras categorias, assinale-se que a categoria **Futuro Próximo** mantém um valor relativamente elevado *mas semelhante* para as duas crianças (+- 7%). As duas últimas categorias têm também valores pouco expressivos para as duas crianças.

QUADRO V

POSIÇÃO RELATIVA DOS DIVERSOS TÓPICOS DISCURSIVOS EM JM

1ª AQUI E AGORA PRESENTE	53,1%
2ª DESCRIÇÃO DE FIGURAS	10,5%
3ª JOGO SIMBÓLICO	9,5%
4ª PASSADO IMEDIATO	8,1%
5ª FUTURO PRÓXIMO	7,8%
6ª NARRATIVA	5,2%
7ª P. REMOTO	2,9%
8ª DESLOCAMENTO	2,2%
9ª FUTURO	0,5%

QUADRO VI

POSIÇÃO RELATIVA DOS DIVERSOS TÓPICOS DISCURSIVOS EM PG

1ª AQUI E AGORA PRESENTE	42,0%
2ª DESCRIÇÃO DE FIGURAS	19,5%
3ª NARRATIVA	13,3%
4ª PASSADO REMOTO	7,7%
5ª FUTURO PRÓXIMO	7,0%
6ª JOGO SIMBÓLICO	3,7%
7ª P. IMEDIATO	3,3%
8ª DESLOCAMENTO	1,6%
9ª FUTURO	1,5%

3) O terceiro aspecto importante tem a ver com o deslocamento de duas categorias que parecem funcionar em bloco: o Jogo Simbólico/Passado Imediato e a Narrativa/Passado Remoto. Vejamos a sua ordenação e quantificação nas duas crianças:

JM:

3º Jogo Simbólico (9,5%)
4º Passado Imediato (8,1%)

PG:

3º Narrativa (13,3%)
4º Passado Remoto (7,7%)

JM:

6º Narrativa (5,2%)
7º Passado Remoto (2,9%)

PG:

6º Jogo Simbólico (3,7%)
7º Passado Imediato (3,3%)

Estas categorias passam a ocupar posições simétricas e a perda de importância do JS/PI de JM para PG corresponde a um significativo aumento de importância de N/PR de JM para PG. Curiosamente também -para as duas crianças e em termos de uma comparação intra-individual- não existe uma diferença significativa entre o JS e o PI mas já existe uma diferença importante entre a N e o PR, sendo a Narrativa sempre mais expressiva do que o Passado Remoto e acentuando-se essa diferença em PG.

Em relação a *JM* verificam-se em *PG* os seguintes aumentos percentuais:

- DF cresce 9%
- N cresce 8,1%
- PR cresce 4,8%

bem como os seguintes decréscimos percentuais:

- AA-P. diminui 11,1%
- JS diminui 5,8%
- PI diminui 3,3%

O que estes dados nos parecem apontar, é para o *papel charneira* do contexto discursivo *Descrição de Figuras* que ocupa a segunda posição nas duas crianças, logo a seguir ao *Aqui Agora Presente*. Como vimos, o aumento da D.F. é acompanhado pela diminuição do A.A. *Presente* e pelo aumento das categorias mais "marcadas" do ponto de vista do Plano Inactual, ou seja, o PR e a *Narrativa*. É também revelador, o facto de em *JM* a seguir à DF se situarem as categorias menos "marcadas" quanto ao Plano Inactual (o *Jogo Simbólico* e o *Passado Imediato*) que podem aliás ser consideradas como *categorias intermediárias ou de transição entre o Plano Actual e o Plano Inactual*. Assim, diríamos que o tópico *Descrição de Figuras* funciona como o *lugar privilegiado para*

a transição entre os tópicos menos marcados do ponto de vista do Plano Inactual (JS e PI) para os tópicos mais marcados do ponto de vista do Plano Inactual (N e PR). A questão que se põe é naturalmente a de saber porque é que é a situação de DF a desempenhar este papel e não um outro tipo de tópico ou contexto discursivo. Se pensarmos em outros estudos anteriormente revistos vemos que alguns autores atribuem mais esse papel ao Jogo Simbólico e à Linguagem de Fantasia (Wanska e Bedrosian, 1986), outros à própria linguagem do adulto sobre tópicos deslocados (Sachs, 1983 ; Eisenberg, 1985), outros ainda, com base nos trabalhos de Bruner, às situações de "leitura de livro" (Watson e Shapiro, 1988). Estas últimas concepções estariam mais próximas do que aqui propomos e que tentaremos aprofundar nos próximos parágrafos.

a) - Linguagem de "Deslocamento", Jogo Simbólico e Linguagem de Fantasia

Relativamente à primeira hipótese relembremos que Wanska e Bedrosian (1986) enfatizam a Linguagem de Fantasia como ponte entre o Aqui e Agora e a Linguagem de Deslocamento. A Linguagem de Fantasia aparece quase sempre ligada a objectos na situação de jogo simbólico e esses objectos assumiriam a sua função de *ponte* dada a natureza ficcional que adquirem no jogo simbólico.

Embora sem querer negar a importância que o jogo simbólico possa ter para a expressão linguística de "outros mundos possíveis", julgamos poder adiantar alguns argumentos para sublinhar a maior importância que atribuímos à Descrição de Figuras no desenrolar deste processo.

Em primeiro lugar deve notar-se que as primeiras formas de Jogo Simbólico são quase sempre "realistas" e só posteriormente assumem de facto um carácter de fantasia. Por exemplo P.Olszewski e K.Fuson (1982), com base nos trabalhos de Vygotsky sobre o jogo na criança, delineiam uma sequência desenvolvimental que aponta para as seguintes fases evolutivas no jogo simbólico da criança: numa primeira fase, o jogo de "faz de conta" exige que haja alguma semelhança física entre o objecto real e o objecto sobre o qual se exerce o acto simbólico ou a fala de fantasia; a esta fase inicial limitada ao uso de objectos realistas seguir-se-ia uma fase de fantasia apoiada em objectos "não-realistas" a que se seguiria finalmente uma fase de linguagem de fantasia e de jogo simbólico que não necessitaria de qualquer apoio em objectos.

Em segundo lugar devem assinalar-se diferenças importantes entre objectos reais e representações de objectos e sabe-se que as crianças têm de aprender a resolver conflitos perceptivos entre estímulos reais e estímulos substitutos

(Bower, 1980), questão essa que voltaremos aliás a abordar. Por outro lado podemos afirmar que os objectos estão sempre ou quase sempre contextualizados o que não acontece necessariamente com as representações figurativas. Finalmente, julgamos poder afirmar que os objectos apelam mais directamente do que as imagens para um discurso directamente ancorado na situação de enunciação.

b)- Linguagem de "Deslocamento", Descrição de Figuras e Situação de Leitura de Livros

Já assinalámos que o contexto de descrição de figuras é um "formato" típico da interacção adulto-criança, onde entre outras coisas se aprende o "jogo" da pergunta-resposta, a permuta de turnos conversacionais, as denominações das coisas, etc. Mas além disso, funciona como um "espaço intermediário" simbólico/figurativo entre os referentes reais (pessoas, objectos, eventos) e os referentes não-reais. De facto, a situação de Descrição de Figuras é das mais versáteis em termos de introdução da criança à referência deslocada. Ela permite tanto a simples designação/denominação como a "evasão" para outros mundos possíveis, seja através do jogo simbólico, seja através da linguagem de fantasia, seja através de "proto-narrativas" ou mesmo já de narrativas propriamente ditas. Assim, se tanto Sachs como Eisenberg sublinham a importância da "linguagem

deslocada" do adulto ao interagir com a criança, nós sublinharíamos que essa introdução é tanto mais potente quanto mais ela se apoie sobre estes objectos culturais e simbólicos. Ou seja, se como vimos anteriormente, aquelas autoras enfatizam a linguagem dos adultos em si mesma como um factor fundamental de introdução a *um mundo inactual*, nós sublinharíamos além disso a importância da linguagem do adulto *apoiada* em (e apoiando) referentes simbólicos /figurativos como sejam imagens e livros que são objectos culturais "não naturais" ou seja entidades não imediatas que no fundo "materializam" aspectos de um mundo não-actual.

Gostaríamos de sublinhar *três características* fundamentais da situação de Descrição de Figuras e/ou de Leitura de Livros que podem contribuir para o papel de "charneira" que atrás lhe atribuímos: 1) o carácter figurativo da situação; 2) o modo discursivo particular que o contexto de Descrição de Figuras/Leitura de livros proporciona; 3) o carácter de rotina interacional de base linguística que este formato assume na relação criança/adultos.

1) O Carácter Figurativo da Situação

Enfatizamos o aspecto *figurativo* porque ele pode ter uma importância decisiva no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo/representacional da criança.

Em primeiro lugar deve assinalar-se que a percepção dos objectos não é equivalente à percepção da representação dos objectos e portanto deve pôr-se a questão de saber a partir de que idade e como é que a criança começa a diferenciar entre os objectos e as suas representações. Por exemplo num estudo de Kose, Beilin e O'Connor (1983) em que se pedia a crianças de 3 e 6 anos que imitassem acções a partir de um modelo real ou a partir de fotografias, desenhos ou bonecos, verificou-se que as imitações eram francamente melhores quando se tratava de modelos reais do que quando se tratava das suas representações. Dentro destas, as piores "performances" verificavam-se nas fotografias e as melhores nos bonecos, ocupando os desenhos uma posição intermédia. Aliás dos estudos sobre a percepção pictórica na criança podemos concluir globalmente, com Downing e Leong, 1982:

"In children, the awareness that a picture is not a replica of a referent but a representation, and that pictorial representations are similar to but different from objects represented, is a cognitive achievement that evolves gradually." (op.cit. p.7).

Outro tipo de questões relaciona-se com a recodificação da experiência visual para o modo verbal. é um fenómeno bem conhecido e utilizado pelos psicólogos em testes de desenvolvimento que as primeiras formas de verbalização face a imagens são de tipo *enumeração* (cerca dos 3 anos),

posteriormente de *descrição* (entre os 4 e os 8 anos) e mais tarde de *interpretação* (a partir dos 8 anos).

Finalmente, como mostrou o próprio Piaget, a capacidade de *ordenação* temporal de uma série de eventos é facilitada se for apoiada por suporte figurativo. Se esse suporte for retirado relações como "*antes*" e "*depois*" tendem a confundir-se. Este fenómeno é aliás semelhante ou paralelo ao anteriormente referido quanto à necessidade de um apoio objectal para o jogo simbólico antes de este se poder tornar puro jogo de linguagem.

2) O Modo Discursivo favorecido pelo Contexto de Descrição de Figuras e Leitura de Livros

O Modo Discursivo que o contexto de Descrição de Figuras/Leitura de Imagens proporciona tem peculiaridades que ora o situam próximo da percepção/representação de objectos no Aqui e Agora, ora o situam num pólo oposto de contexto Narrativo claramente situado num Plano Inactual. Isso mesmo é intuído por Bamberg (1987) quando assinala:

"(...) pictures require a focus on objects, persons and events that have a quasi "here and now" status (...) picture books narratives exhibit a "here and now" quality and at the same time represent some kind of temporal flow of events that follow each other within the story (...)" (p.21)

Na verdade, o que a descrição de figuras muitas vezes exige é que a criança estabeleça relações temporais não entre o Momento da Enunciação e os Eventos (caso do Discurso Conversacional) mas sim que relacione temporalmente os Eventos entre si - relações essas que são da ordem do *Aspecto Relacional* e não da ordem do *Aspecto Lexical* como sublinha Aksu-Koç, 1988. E ainda, como assinala de novo Bamberg (1987), relativamente às peculiaridades da Narração a partir de Livros de Imagens,

"The first structural peculiarity of this particular discourse type lies in the fact that in most cases the narration will have to establish a referential character different from the *I* and the *YOU*, i. e. different from the roles of the narrator and the listener" (p.32)

Esta diferença de perspectiva - que não é já a do locutor directamente ancorado na situação - apoia a ideia que atrás defendíamos de que a enunciação a partir de imagens é diferente da enunciação a partir de objectos, mesmo que em situação de jogo simbólico, fazendo aquela apelo a uma ancoragem enunciativa indirectamente relacionada com a situação relatada.

3) O Carácter de Rotina Interacional/Linguística da Situação de Descrição/Leitura de Imagens

Como foi referido em capítulos anteriores, Bruner e colaboradores (cf. Ninio e Bruner, 1978; Bruner, 1983; Ninio, 1983) enfatizaram o papel das rotinas conversacionais em determinados "formatos" especializados como sejam situações lúdicas no período pré-linguístico e situações de leitura conjunta de livros ("*joint book reading*"). Esta última situação seria particularmente adequada para a "aprendizagem da referência", aprendizagem essa que envolveria a aquisição do primeiro léxico através nomeadamente dos processos de "definição ostensiva" (com interacções do tipo: "O que é isto?"; "Onde está X?"). Estes trabalhos foram relativizados por outros investigadores dado que por um lado a aprendizagem da referência se deve fazer também por outros processos e em outros contextos (pense-se nas sociedades iletradas ou nas crianças com pouco convívio com os livros) e dado também que na situação de leitura conjunta de livros se podem observar outros fenómenos para além da aprendizagem do "*labelling*". Por exemplo Goddard et al. (1985) numa replicação daqueles estudos encontram apenas 20% de enunciados de "nomeação", sendo mais frequentes os enunciados referentes a Actividades ("O que é que estás a fazer?"), Avaliações ("Menina Bonita!"), "Características Físicas Perceptíveis" ou referência a "Funções".

De qualquer forma a ideia de "interacções rotinizadas" em torno de livros foi retomada por vários autores, nomeadamente como um formato interactivo precursor de uma atitude de "literacy", onde se desenvolveria um certo tipo de linguagem e de discurso descontextualizado próprio de uma cultura letrada e onde nomeadamente se desenvolveria um tipo de discurso favorável à escolarização. R. Watson e J. Shapiro (1988) descrevem neste contexto o progressivo desenvolvimento da noção de "*Contracts of Literacy*":

"Snow and Ninio (1986) have recently advanced the argument that the 'contracts of literacy' entered into by parent and child in bookreading episodes may be propaedeutic to the child's acquisition of literacy. The term 'contracts' reflects the notion that children's induction into literacy via bookreading with their parents depends on the learning of a complex set of rules for interacting with text, and not just learning the skills of decoding print. The 'contracts' include the distinctions between the representations of objects, the objects themselves, and labels; between the structure of events and the structure of narratives; between the world of experience and the 'autonomous fictional world'. (Watson e Shapiro, op.cit., p.397, sublinhados nossos.)

Em suma, diríamos que o contexto de Descrição de Figuras ou narração com suporte em livros, será mais favorável a uma Linguagem de Deslocamento do que o Jogo Simbólico com brinquedos, a Linguagem de Fantasia sem um apoio material ou a Linguagem de Deslocamento do Adulto mesmo quando esta é

apoiada em diálogos sobre Eventos Generalizados. Por outro lado a Linguagem produzida a partir de imagens obriga a criança a uma linguagem mais descontextualizada até porque, no fundo, os objectos estão quase sempre contextualizados.

Isto dito, não pretendemos diminuir a importância daquele tipo de tópicos ou contextos discursivos mas simplesmente sublinhar que em nossa opinião, e em função dos resultados encontrados, o Contexto Discursivo a que chamámos de **Descrição de Figuras** desempenha, no processo que temos vindo a descrever, uma função central.

B)- SOBRE AS FORMAS VERBAIS UTILIZADAS NO PASSADO REMOTO

Já fizémos referência ao facto de no Passado Remoto os enunciados da criança se apresentarem com frequência com formas Presente/Infinitivo, Denominações e enunciados Sem Verbo ou com Formas Verbais Indeterminadas. Isso acontece porque além dos tópicos de Passado Remoto serem normalmente sobre rotinas conversacionais, sobre tópicos bem conhecidos de ambos os interlocutores (o que permite as muitas denominações sem qualquer determinação temporal), a sua localização temporal vem dada desde o início pela pergunta do adulto que é quem normalmente introduz estes tópicos. Nelson e Gruendel (1986) assinalam também a existência "*timeless present form of the verb*" e "*bare verbal constructions*" em Narrativas e relatos conversacionais relativos a situações passadas, relatos esses que mesmo que tratem de eventos específicos aparecem "misturados" com elementos de "Eventos Generalizados". Nos dois quadros seguintes, são analisadas algumas das formas verbais utilizadas por *JH* e por *PG* no contexto de referência ao Passado Remoto.

QUADRO VII

FORMAS VERBAIS UTILIZADAS NO PASSADO REMOTO (JM)

SESSÕES	P.Perf./P.Imp.	Pr./Inf.	S.V./FV.Ind.	TOTAIS
I	-	-	-	-
II	2 (33,3%)	3 (50,0%)	1 (16,7%)	6(100%)
III	-	1 (50,0%)	1 (50,0%)	2(100%)
IV	1 (25,0%)	-	3 (75,0%)	4(100%)
V	-	-	-	-
VI	-	-	-	-
VII	10 (76,9%)	1 (7,7%)	2 (15,4%)	13(100%)
VIII	-	-	-	-
IX	3 (50,0%)	3 (50,0%)	-	6(100%)
X	3 (60,0%)	2 (40,0%)	-	5(100%)
XI	-	-	-	-
XII	3 (100%)	-	-	3(100%)
XIII	14 (93,3%)	1 (6,7%)	-	15(100%)
XIV	1 (50,0%)	1 (50,0%)	-	2(100%)
TOTAIS	37 (66,1%)	12 (21,4%)	7 (12,5%)	56(100%)

QUADRO VIII

FORMAS VERBAIS UTILIZADAS NO PASSADO REMOTO (P6)

SESSÕES	P.Perf./P.Imp.	Pr./Inf.	S.V./FV.Ind.	TOTAIS
I	18 (90,0%)	2 (10,0%)	-	20(100%)
II	2 (100%)	-	-	2(100%)
III	15 (93,8%)	1 (6,3%)	-	16(100%)
IV	-	-	-	-
V	1 (100%)	-	-	1(100%)
VI	8 (88,9%)	1 (11,1%)	-	9(100%)
VII	15 (88,2%)	2 (11,8%)	-	17(100%)
VIII	15 (93,8%)	1 (6,3%)	-	16(100%)
IX	29 (93,5%)	2 (6,5%)	-	31(100%)
X	10 (83,3%)	11 (16,7%)	-	12(100%)
TOTAIS	113 (91,1%)	11 (8,9%)	-	124(100%)

Note-se que além da utilização de muito mais formas verbais por parte de *P6* - o que se deve naturalmente ao facto de em termos absolutos *P6* fazer mais referências ao Passado Remoto do que *JM* - existe, em termos percentuais um aumento significativo das formas flexionadas no Passado (66,1% em *JM* vs 91,1% em *P6*), bem como um decréscimo assinalável de formas Presente/Infinitivo (21,4% em *JM* vs 8,9% em *P6*) e o desaparecimento total de formas Sem Verbo (S.V.) e de Formas

Verbais Indeterminadas (FV.Ind.) em *PG*, formas essas que ainda subsistem no discurso de *JM* na proporção de 12,5%.

Os exemplos seguintes ilustram abundantemente estas formas de referência ao Passado Remoto. O exemplo 34 é um misto de referência a eventos específicos e a eventos generalizados; essa ambiguidade é não só evidente nas respostas da criança como também nas perguntas dos adultos que ora se centram num Passado Definido ("o que é que fizeste ontem na praia?"), ora se deslocam para formas genéricas sem localização temporal determinada ("o que é que tu fazes na água?"). *JM* consegue aqui manter uma conversação sobre um Passado Remoto mas utilizando praticamente só formas verbais Infinitivas ou construções sem verbo.

34. *JM-III-2;1;11-p.4*

M: diz lá ao pai o que é que tu fizeste ontem na praia
 (...)

 o que foi? (...)

 hum? (...)

JM: <ontem> nadar co-uís. (com o Luis)

P: ai sim?

M: a nadar com o Luís?
 e mais?

JM: co a Feipa.

M: com a Felipa? (...) e mais?

P: o que é que tu fazes na água João?

JM: co-uís (...) (com o Luis)

P: o que é que fazes (...)

JM: nadar co <L>uís.

M: o que é que andaste a apanhar com os meninos?
diz lá o que é que tu fizeste (...) com os meninos
lá na poça de água? (...)
o que é que o menino apanhou? (...)

JM: ca<r>angueijo! (*carangueijo*)

M: apanhou um carangueijo, e mais? (...)
o que é que aconteceu mais? (...)

///

O exemplo 35, uma construção vertical típica, ilustra a referência a um Passado Remoto, com predomínio absoluto de enunciados Sem Verbo.

35. JM-IV-2;1;25-p.1

P: caíste, foi? (...)
como é que fizeste o dói-dói, João?

JM: caíu.

P: aonde é que caíste?

JM: na terra! (...)
na terra, Ade-aide, Ad (...) Adeaide,<*> (...) Ade-aide, Ade-aide.
(*Adelaide*)

P: a Adelaide? foi com a Adelaide?

JM: pá paia co Aide (...)
pá paia co Aide, pá paia co Aide, pá paia co Aide.

P: e depois? o que é que fizeste mais
com a Adelaide?

JM: areia.
areia pa cima (...) do pai.

P: areia pa cima do pai? não!
atiraste areia para cima de quem? (...) hum?
o que é que tu fazias com a areia, João?
(...)

O exemplo seguinte é um dos episódios mais longos de *JM* de referência ao Passado Remoto e é já, digamos, bastante rico, com utilização de Infinitivos, Perfeitos e Imperfeito. É aliás a primeira vez que *JM* utiliza um P.Imperfeito.

36. *JM -IX-2;4;23-p.3*

A: olha João, foste ontem ao circo?

JM: foi (...)
ver palhaço<s>.

A: foste?

o quê?

JM: ver o<s> palhaço<s>!

A: ver os palhaços?

JM: ié.

A: e o que é que havia lá mais?

JM: <o/um> <l>eão!

A: um leão? (...)
conta lá o que tu viste? as coisas que tu viste
(...)
foi só o leão e os palhaços? (...)
oh pai, ajuda lá, o que é que a gente viu mais no
circo?

P: ah (...) também viu, também viu o rinoceronte, não
foi?

A: foi? o rinoceronte? (...)

JM: <* *>
e o e<l>efante?

P: e uns meninos aos saltos, não foi? (...)
e pendurados por cordas.

JM: havia muchica, havia ma uma muchica, havia uma
muchica. (*havia música, havia uma música.*)

Em contraste com os exemplos anteriores, o exemplo seguinte recolhido de um relato feito por *PG* aos 3;2;15, revela uma utilização constante e consistente de formas verbais flexionadas no Passado para relatar um evento situado num contexto de Passado Remoto. Trata-se do relato de um episódio, não presenciado pelo experimentador, durante o qual *PG*, num momento de fúria, desarrumou todos os brinquedos do seu quarto e estragou ou tentou estragar alguns deles.

37. *PG-VIII-3;2;15-p.2 e 6*

M: o qué que se passou no quarto dos brinquedos?
 ((*PG* no decorrer de uma birra, tinha provocado vários estragos no quarto dos brinquedos.))

PG: eu des, desmontei a casa. ((refere-se a uma casa de brincar.))

A: desmontaste a casa!?

M: e mais o qué que fizeste mais?

PG: mais pati.

M: partiste o quê?

PG: a aca. (a arca)

M: partiste a arca; e mais?

PG: mai<s> nada.

M: mais nada?

PG: desarrumei, tudo.

M: desarrumaste tudo, pois.

A: anda-me cá mostrar o qué que tu partiste.

PG: a aca!

A: mostra lá. *((dirigem-se para o quarto dos brinquedos.))*

M: devias ter vindo, devias ter vindo era há umas horas
atrás!
((dirige-se a A.))

PG: isto. *((aponta para uma arca de verga.))*

A: como, onde é que partiste?

PG: aqui. *((PG fecha a arca para mostrar a A. a tampa onde são visíveis os estragos.))*

A: mas como é que parti (...) isto! foste tu que fizeste!?

PG: é, é, era cos sapatos!

A: como é que foi?

PG: foi cos sapatos.

A: mas subiste cá pra cima?

PG: e, e pôs faz assim (...) *((PG bate com os pés no chão demonstrando como fez.))*

A: ah foi de propósito!?

PG: não.

A: poi<s> não! *((ri-se))*

///

A: e aí o qué que aconteceu? *((refere-se a um livro que estava observar com PG))*

PG: tava, <d>esmanchou a casa.

A: desmanchou?

PG: sim

A: foi como tu fizeste no outro dia? *((A. refere-se à casinha de brincar que PG estragou.))*

PG: foi.

PG: a aca!

A: mostra lá. *((dirigem-se para o quarto dos brinquedos.))*

M: devias ter vindo, devias ter vindo era há umas horas atrás!
((dirige-se a A.))

PG: isto. *((aponta para uma arca de verga.))*

A: como, onde é que partiste?

PG: aqui. *((PG fecha a arca para mostrar a A. a tampa onde são visíveis os estragos.))*

A: mas como é que parti (...) isto! foste tu que fizeste!?

PG: é, é, era cos sapatos!

A: como é que foi?

PG: foi cos sapatos.

A: mas subiste cá pra cima?

PG: e, e pôs faz assim (...) *((PG bate com os pés no chão demonstrando como fez.))*

A: ah foi de propósito!?

PG: não.

A: poi<s> não! *((ri-se))*

///

A: e aí o qué que aconteceu? *((refere-se a um livro que estava observar com PG))*

PG: tava, <d>esmanchou a casa.

A: desmanchou?

PG: sim

A: foi como tu fizeste no outro dia? *((A. refere-se à casinha de brincar que PG estragou.))*

PG: foi.

C)- A COMPONENTE TEMPORAL DA HIPÓTESE DO ASPECTO ANTES DO TEMPO. COMPARAÇÃO COM OS RESULTADOS DE WEIST

Um dos argumentos de Weist contra aquilo a que chama de "Hipótese Defectiva do Tempo" é o de que, naquilo a que chama a sua "componente temporal", esta hipótese implicaria que a criança fosse incapaz de fazer referência ao Passado Remoto, facto que Weist contesta com base em critérios de "medida" da capacidade de referência temporal que consideramos aliás bastante "artificiosos". Recordemos que os seus dados apontam para a existência muito precoce de referências ao Passado Remoto ou "Moderadamente Remoto".

Os nossos resultados contrastam claramente com o de Weist que utilizando como critério para o "Passado Moderadamente Remoto" uma distância de *dois turnos de conversação* entre o TF e o TE encontra para crianças entre os 2;0 e os 2;5, 62% de referências espontâneas a esse Passado Remoto. Vejamos um resumo dos resultados de Weist et al. (1986):

QUADRO IX

	I (M)	I (E)	MR (M)	MR (E)
GRUPO A (1;7 a 1;9)	14,66%	41,66%	11,66%	31,66%
GRUPO B (2;0 a 2;2)	6,0%	22,66%	8,33%	62,33%

I (M) - Passado Imediato Modelado
 I (E) - Passado Imediato Espontâneo
 MR (M) - Passado Moderadamente Remoto Modelado
 MR (E) - Passado Moderadamente Remoto Espontâneo

Recordemos que os nossos resultados são basicamente os seguintes:

JH: Aqui e Agora Presente: 53,1%

JH: Passado Imediato: 8,1%

JH: Passado Remoto: 2,9%

PG: Aqui e Agora Presente: 42%

PG: Passado Imediato: 3,3%

PG: Passado Remoto: 7,7%

O Passado Remoto de Weist corresponde de facto no nosso estudo à categoria que definimos como Passado Imediato. Os dados não são portanto comparáveis com os de Weist mas julgamos que os nossos critérios de definição de Passado Remoto e de Passado Imediato são muito mais correctos do que os utilizados por aquele autor, pelo que consideramos os nossos resultados como mais válidos, mais realistas e mais consentâneos com os resultados obtidos por vários outros investigadores.

PARTE VI - A EVOLUÇÃO DA
SINTAXE E SEMÂNTICA DA
REFERÊNCIA TEMPORAL

VI.1. A EVOLUÇÃO DA SINTAXE E SEMÂNTICA DA REFERÊNCIA TEMPORAL

VI.1.1. HIPÓTESES GENÉRICAS

Baseando-nos nos trabalhos que mais explicitamente propõem um percurso desenvolvimental específico da evolução das formas verbais na criança (Brown, 1973; Antinucci e Miller, 1976; Bloom et al., 1980; Aksu-Koç, 1988), trabalhos esses que apresentando embora várias diferenças e "nuances" entre si, propomo-nos delinear um percurso genético possível a partir do qual se podem gerar algumas hipóteses operacionais. É com esse objectivo que expomos a seguir as principais hipóteses genéricas da evolução do sistema Temporal/Aspectual da criança.

Assim, a primeira distinção semântica que a criança fará, é entre verbos Estativos e Verbos Não Estativos. Em Italiano os verbos de Processo, quando têm de ser flexionados no Passado, surgem na forma Participial, forma que funciona então como um Adjectivo descrevendo não o processo descrito pelo verbo mas sim o estado resultante desse processo. Em Inglês uma das maneiras de marcar esta distinção é a de não utilizar o morfema *-ing* com os Verbos Estativos, o qual é apenas utilizado com verbos de Processo. Em português põmos a hipótese de que o auxiliar "*estar*" começa por ser utilizado em predicacões Estativas e quando se trata de

Predicações Não-Estativas, as formas Progressivas aparecem com apagamento de "estar" ou mesmo da perífrase completa "estar a". Uma vez feita a distinção entre os Estativos e os Não-Estativos a criança distinguirá de entre os Não-Estativos, os verbos com carácter Completivo/Resultativo, dos Verbos com carácter Durativo/Não Resultativo. A criança começa por fazer comentários a configurações estáticas, configurações essas que são estados presentes que resultam de transformações anteriores e portanto além do seu significado aspectual têm um significado temporal -residual- de Passado. É por isso que as primeiras referências ao Passado passam por formas Participiais ou por Verbos que implicam transformações perceptíveis nos estados de coisas, ou seja, verbos de Mudança de Estado. Quando a criança começa a flexionar verbos no Passado, começa por fazê-lo com este tipo de verbos e na forma Perfectiva.

Os verbos de Processo que não reenviam para um resultado claro continuam a não ter uma marcação no Passado a qual vem a aparecer mais tarde em formas Imperfectivas e segundo Antinucci e Miller em contexto de Jogo Simbólico ou de Narração, contextos esses que reflectem por parte da criança a descoberta da distinção entre um plano Real/Actual e um plano Irreal/Inactual. Assim, numa fase inicial, os Verbos de Estado e os Verbos de Actividade não aparecem no Passado, aparecendo quase que exclusivamente no Presente.

Antes de confrontarmos estas hipóteses genéricas com os dados do "corpus" faremos uma breve análise do sistema temporal e aspectual do português, incidindo no entanto apenas naqueles aspectos que são de facto relevantes para o presente trabalho e para as idades consideradas.

VI.1.2. BREVE CARACTERIZAÇÃO DO SISTEMA TEMPORAL E ASPECTUAL DO PORTUGUÊS

A) O PRESENTE

A referência ao Presente pode fazer-se basicamente de duas maneiras:

1) utilizando a *Forma Simples do Presente do Indicativo*. Esta forma verbal é normalmente utilizada para designar Hábitos, Estados, Genéricos, Verdades gerais e Provérbios.

2) utilizando a forma perifrástica: "*auxiliar A + INFINITIVO*" sendo o auxiliar uma variante aspectual dos verbos "Ser" ou "Estar". A forma perifrástica remete geralmente para um Presente real, ou seja, para a coincidência entre o Momento do Evento e o Momento da Enunciação.

A diferença entre a *Forma Simples* e a *Forma Perifrástica* reenvia para uma diferença Aspectual.

Em Mateus et al. (1983) defende-se que o valor aspectual da Forma Simples do Presente do Indicativo é escalar, o que "é resultado de operações de quantificação sobre intervalos de tempo". Este, pode variar entre um valor *Frequentativo* ("O João entra às três horas"), um valor *Habitual* ("O Pedro lava o carro aos domingos") e um valor *Gnómico* ou *Universal* que pode reenviar também para várias cambiantes (Exemplos: "O João nada" = O João é nadador; "A Terra gira à volta do Sol" = A Terra é um planeta do Sol).

Como se vê, esta gradação teria como variante mais atenuada o valor aspectual frequentativo e como variante aspectual mais acentuada ou mesmo extrema, um valor gnómico.

Ainda segundo Mateus et al. (op.cit.) a forma perifrástica *estar a V INF* exprime um valor aspectual *Cursivo*. Por razões de coerência com a terminologia que temos usado ao longo deste trabalho preferimos utilizar o termo *Progressivo* para nos referirmos a este valor aspectual. Note-se no entanto que o valor que as autoras dão ao Aspecto Cursivo não corresponde exactamente ao valor de aspecto Progressivo, sendo esta última uma designação mais alargada. É que as autoras levam em conta aquilo a que poderíamos chamar um "Aspecto Fase" e distinguem de entre o que globalmente chamamos de Progressivo, um *Aspecto Inceptivo* ("começar a V Infinitivo"), um *Aspecto Cessativo* ("acabar de V Infinitivo"), bem como um *Aspecto Permansivo* ("continuar a V

infinitivo"). Dado que na nossa análise não daremos especial destaque a estes Aspectos, a não ser pontualmente aos Aspectualizadores "começar" e "acabar", resolvemos manter a designação genérica de *Aspecto Progressivo*.

B) O PASSADO. O P.P. COMPOSTO, O PERFEITO, O IMPERFEITO E O PARTICÍPIO

Ao contrário do que por vezes se sugere, o Pretérito Perfeito Composto do Português não é nem um equivalente do *Passé Composé* Francês (que se traduz em Português pelo P. Perfeito) nem tão pouco um equivalente do *Perfect* do Inglês (cf. Campos e Xavier, 1991). E ao contrário do que a sua próprio nome indica, o P.P.C. não reenvia necessariamente para um Tempo do Passado, devendo antes ser considerado como um tempo que reenvia para um determinado processo que se estende até ao Presente, podendo incluir o momento da enunciação (Campos, 1984; Campos, 1987). E embora o *Passé Composé* no francês, o *Passato Prossimo* no Italiano e o *Past* e o *Present Perfect* no Inglês assumam bastante importância na literatura sobre a aquisição da linguagem, as formas mais directas de referência ao passado no Português, são o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Imperfeito. Estas são de facto as formas que nos aparecem no nosso corpus para a referência ao Passado. Em nenhum caso nos apareceu qualquer forma de P.P.C., sendo as formas mais complexas o Imperfeito Composto (Imperfeito como Auxiliar + Infinitivo;

ex: "estava a comer"), pelo que neste trabalho nos deteremos exclusivamente na análise do P.Perfeito e do P.Imperfeito.

Estas são sem dúvida as formas verbais que mais explicitamente e de uma forma claramente contrastiva reflectem no Português a oposição Aspectual entre uma forma Perfectiva e uma forma Imperfectiva, embora se pudesse também defender, à semelhança do que alguns autores fazem para o Inglês (cf. **Smith,1983 e Brinton,1988**) que a oposição entre a Forma Simples do Presente e a Forma Progressiva remetem igualmente para a oposição entre o Aspecto Perfectivo e o Aspecto Imperfectivo respectivamente.

No entanto, esta não parece ser ainda uma opinião consensual ou sequer minimamente discutida para o Português, pelo que partimos aqui do princípio de que a oposição aspectual mais relevante e evidente, porque claramente gramaticalizada, é a que existe no Passado entre o P. Perfeito e o P. Imperfeito. Isso mesmo exprime **Herculano de Carvalho (1984)** quando afirma:

"Le verbe portugais, de même que le verbe français, est dominé par la catégorie du temps. Avec elle se combine pourtant celle de l'aspect, qui cependant se trouve irrégulièrement distribuée, ne se manifestant positivement que dans le système des morphotaxes du passé; celles du non passé sont aspectuellement neutres ou indifférenciés, à l'exception du "futur" parfait, perfectif, qui étant une forme composée, est en dehors du système verbal central." (op.cit.,p.227,sublinhado nosso)

Quanto ao **Particípio** podemos talvez afirmar que desempenha uma função intermédia, quando o comparamos por um lado com o Italiano e o Francês ou quando o comparamos com o Inglês. Isto porque por um lado, como assinalam Campos e Xavier (1991) *"a existência da oposição aspectual ser/estar em português permite que, sem qualquer ambiguidade, o estado resultante em português possa ser expresso pela combinação de estar com o particípio passado"* (op. cit. p.331), mas por outro lado, ao contrário do Italiano ou do Francês, as formas básicas de referência ao Passado (o Perfeito e o Imperfeito) não envolvem uma forma Participial. Assim, a criança que aprende o português parece ter um leque de escolha mais clara entre a marcação do estado resultante através do Particípio e os verbos de mudança de estado através das formas de Pretérito disponíveis na Língua.

C) A OPOSIÇÃO "SER" / "ESTAR"

Finalmente, há que fazer referência, ainda que muito breve, à distinção entre Ser e Estar, distinção aspectual fundamental na língua portuguesa. Alves (1987) resume algumas das dicotomias que têm sido apresentadas na literatura para explicar esta oposição aspectual. Assim, o SER reenviaria para o permanente, o inato, o inerente, o normal, etc., ao passo que o ESTAR reenviaria para o temporário, o não inerente, o accidental, o anormal, etc.

Estas dicotomias têm sido por diversas vezes postas em causa enquanto factores explicativos daquela oposição e mais recentemente alguns investigadores têm apelado para factores de ordem semântica / pragmática, para explicar tal oposição. É o caso do importante trabalho de De Lemos (1987). Basicamente esta autora defende que o campo privilegiado das predicções com SER é o da referência ao mundo que temos como "objectivo", em contraste com as predicções com ESTAR que são vistas como características da interacção face a face:

"The basic domain of estar predications is, indeed, that of ordinary face-to-face verbal interaction which makes it possible to refer to entities available in the immediate perceptual field of the speaker and of the addressee. In contrast, ser, as has often been pointed out, is the copula of generic sentences, which have as their privileged domain that of written scientific and philosophical discourse, although it also appears in gnomic utterances, such as proverbs and aphorisms." (op.cit. p.101)

VI.1.3. ALGUNS ASPECTOS METODOLÓGICOS

Para além das dificuldades de fixação do próprio corpus, cada análise específica que se faz sobre algum aspecto particular envolve problemas específicos de contagem. Se nos capítulos anteriores a nossa análise teve como base a

contabilização de enunciados, nos capítulos que se seguem teremos como base a contabilização de frases e orações.

Neste caso, dado que se pretende relacionar o tipo de situação a que o verbo se refere com a forma verbal utilizada pela criança tentaremos preservar sempre que possível o princípio de que a um evento corresponde uma expressão verbal que o descreve. Ficam assim eliminadas da contagem expressões verbais que são repetições ou quase repetições que ocorrem dentro de um mesmo turno conversacional e que se referem a um mesmo evento. No entanto se uma expressão verbal é idêntica a uma anterior e se refere a um mesmo evento, mas ocorre num outro turno conversacional, ela é contabilizada. De igual modo, se uma expressão, dentro de um mesmo turno conversacional, é claramente diferenciada de uma outra, ainda que se refira ao mesmo evento, ela é também contabilizada.

Para esta análise não foram contabilizadas as frases interrogativas da criança (1), bem como a forma verbal é (3ª pessoa do singular do verbo "ser") quando aparece (o que é bastante frequente) como resposta a interrogativas globais que exigiriam como resposta um "sim"/"não" ou o verbo presente na Interrogativa. Foi também deixada de lado a contabilização das formas Imperativas e das expressões verbais com função de vocativo de atenção ("olha aqui!").

VI.2. A EVOLUÇÃO DA SINTAXE E SEMÂNTICA DA REFERÊNCIA TEMPORAL. O PRESENTE.

VI.2.1. EMERGÊNCIA DAS FORMAS DO PRESENTE NA LINGUAGEM DA CRIANÇA

Em relação ao Presente colocam-se vários problemas. A criança começa por utilizar o Presente como marca de simultaneidade em relação ao momento de enunciação ou como marca aspectual de duratividade, incompletude, etc.? A partir de que momento começa a diferenciar o Presente Perifrástico do Presente Simples? E que funções atribui a cada um deles?

A forma Progressiva é assinalada na literatura em geral como sendo uma das formas verbais de emergência mais precoce. A utilização da forma Progressiva sem Auxiliar foi descrita quer por R. Brown para o Inglês quer por De Lemos para o Português do Brasil.

De Lemos (1987) observa num dos seus sujeitos a primeira emergência de uma forma progressiva aos 1;9;15:

"An important event of the first period of Time II would be the first appearance in Luciano's data of a progressive form, in the context of observing his sister jumping on the carpet. Luciano says to his father: "*óia Iáia pulando!*" ("Look Iáia jumping!"). The fact that he did not use *estar* as an auxiliary does not mean that such form is not related to the progressive.

As a matter of fact, structures of the type "*ó/olha + NP + V-ando*" ("look + NP + V-ing") are

what one could label demonstrative-progressives in adult Portuguese, given the fact that observability at the moment of the utterance-act is one of their contextual conditions." (op. cit., p.136)

R. Brown por seu turno observa:

"With the primitive progressive one cannot tell whether it is a present, past, or future form, since the auxiliary that carries this information is absent. However, the primitive progressives almost always seem to have a present sense, since one can usually see that the action or state named was true as the child spoke. The auxiliary, if it had been present, would have been redundant at this time but when the possibility developed of marking the auxiliary for past or future time it ceased to be redundant." (Brown, 1973, p.316).

Na ordenação dos 14 morfemas estudados por Brown (1973), o Progressivo aparece em primeiro lugar seguido de perto pelo Passado Irregular (5ª posição) e mais tarde pelo Passado Regular (9ª posição). Embora não tenha definido um critério para aquilo a que temos chamado de "futuro próximo" (que o autor apelida de "*intentional-imminent catenatives*" (1), Brown afirma que estas formas se tornam frequentes a partir do Estádio II (2), em simultâneo com as formas primitivas do progressivo. Brown afirma por isso que:

"It seems correct, therefore, to say that the progressive carried a meaning of present time in the child's terms, since it contrasted with an immediate past and an intentional-imminent future." (op. cit., p.319)

Já quanto ao valor aspectual do Progressivo na criança, Brown duvida que ele possa ter um valor de "duração

temporária", dado que por um lado o Progressivo primitivo não contrasta com o Presente Simples e que por outro lado os eventos a que a criança se refere, são quase sempre eventos com uma duração muito limitada. O Presente Simples pode nomear um acto instantâneo (um Performativo), acções recorrentes habituais, relações atemporais, ou relações permanentes. No entanto este tipo de significações só parecem emergir a partir do estágio IV. Por isso Brown conclui:

"It seems then that the implication of temporary duration is not at first a part of the meaning of the present progressive because there are almost no expressions of nontemporary durations. Another way of putting it is: all present forms refer to action and events of temporary duration, but since these do not contrast with permanent, instantaneous and timeless actions and events, it is not clear that "temporary duration" is a part of what the child intends to express. From about Stage IV it does seem to be a part of the child's intention."
(p.320)

Nas sessões iniciais do "corpus" de *JH* podemos observar que o Progressivo aparece já em contraste com formas como o Presente Simples, o Pretérito Perfeito e formas Participiais. No entanto julgamos ser demasiado arriscado afirmar, como o faz Brown, que as formas no Presente contrastam com as formas do Passado. Até sensivelmente à idade de 2;6 os verbos aparecem ou numa forma do Presente ou numa forma do Passado, sendo raro um mesmo verbo aparecer contrastivamente utilizado no Presente e no Passado. Este facto apoia a ideia actualmente bastante generalizada entre

os investigadores, de que as unidades linguísticas são inicialmente armazenadas *ite» a ite»* no Léxico Mental e só mais tarde, após um período de reestruturação representacional, são estabelecidas ligações representacionais entre os elementos dos diversos sub-sistemas (cf. Karmiloff-Smith, 1986). Assim, só é admissível aceitar a existência de um "sub-sistema Presente", de um "sub-sistema Passado", etc. quando os mesmos verbos aparecem contrastivamente conjugados nas suas diversas formas possíveis.

VI.2.2. O PROGRESSIVO E A SUBCATEGORIZAÇÃO ESTADOS-PROCESSOS

A) A DISTRIBUIÇÃO DE "ESTAR" EM DIVERSAS ESTRUTURAS PREDICATIVAS

Como já foi referido, uma das primeiras distinções que a criança faz, é entre Verbos Estativos e Verbos Não Estativos. No Inglês essa distinção parece marcar-se pela não atribuição de *-ing* aos verbos de Estado. Em Português colocamos a hipótese de que o auxiliar "*estar*" ou mesmo a perífrase completa "*estar a*" sejam "apagados" da forma Progressiva quando se tratam de Verbos Não Estativos. Assim surgem-nos formas como "*a andar*", "*andar*", "*a fugir*", "*fugir*", por vezes bastante difíceis de distinguir de formas infinitivas.

A hipótese de que a criança diferencia entre Verbos Estativos e Verbos Não-Estativos através de uma colocação diferencial de "estar" ou "estar a", pode ser testada se compararmos a sua colocação em diversas estruturas predicativas. Baseados essencialmente em Lyons (1977, p.469 e seguintes) considerámos as seguintes estruturas predicativas:

- PREDICATIVAS (verbos "plenos" Transitivos e Intransitivos)
- LOCATIVAS: SN + Cop + Loc.
- ATRIBUTIVAS:
 - Estar + Adj.
 - Ser + Adj.
 - Ser + N.
- EXISTENCIAIS E POSSESSIVAS

No *Quadro X* é exposta a distribuição de "Estar" no contexto de algumas dessas estruturas. Da sua análise podemos com efeito verificar que as formas com "estar" começam a ser utilizadas essencialmente em Expressões Locativas (3) (com utilização abundante de deícticos de lugar: "está ali", "está aqui") ou em expressões que reenviam para Mudanças de Estado ou Estados Não Canónicos expressas então com formas Participiais ("está partido"; "está estragado") e menos frequentemente em construções Adjectivais (4). Estes dados coincidem, "grosso modo", com as observações de De Lemos (1987) segundo a qual, os dados de aquisição em diversas línguas mostram que as *Expressões Locativas precedem*:

- a aquisição das estruturas Atributivas
 - a aquisição das estruturas Possessivas
 e no caso do Português do Brasil as Locativas com "estar"
 precederiam imediatamente as primeiras ocorrências das
 formas Progressivas.

QUADRO X

A DISTRIBUIÇÃO DE "ESTAR" EM DIVERSAS ESTRUTURAS PREDICATIVAS - JM

SESSÕES	PROGRESSIVO		LOC. c/Estar	ATRIB. c/Estar	PARTICIP. c/Estar *
	Sem Estar	Com Estar			
I	0	1	2	0	4
II	8	0	4	0	8 (-1)
III	9	5	2	0	4
IV	8	2	0	1	1
V	3	6	1	0	6 (-1)
VI	1	2	6	0	6 (-2)
VII	8	0	11	1	12
VIII	0	2	7	0	7
IX	1	0	1	0	0
X	13	5	4	3	3
XI	2	0	14	0	6 (-1)
XII	3	7	23	2	10 (-1)
XIII	0	4	27	0	8
XIV	5	14	20	2	8
SUB-TOTAIS	(61 +	48)	(122 +	10	+ 83) (-6)
TOTAIS	109		215		

* Assinalam-se entre parêntesis (em números negativos) o número de formas participiais em que foi incorrectamente omitido o auxiliar "estar".

Ainda segundo De Lemos as frases Atributivas com "*estar*" surgem apenas depois de "*estar + Participio Passado*", isto é, depois de *construções resultativas*.

Esta última observação é facilmente constatável a partir da leitura do quadro. Em primeiro lugar o número total de construções Participiais é muito superior às construções Atributivas (83 para 10) (5). Em segundo lugar, podemos observar que até à *sessão IX* as Atributivas com "*estar*" são apenas duas (*sessão IV*: "*tá quente*"; *sessão VII*: "*tá doentinho*") enquanto que durante o mesmo período ocorrem 48 construções Participiais. Estas são quase em absoluto Resultativas, implicando mudanças no estado *físico* dos objectos ("*tá avariado*"; "*tá partido*"; "*tá estragado*"). A partir da *sessão V*, aparecem expressões participiais que têm a ver com verbos de movimento e com mudanças de lugar dos objectos ("*tá parado*"; "*tá escondido*"; "*tá guardado*"; "*tão sentado*"; "*tá fechado*"; "*tá tapado*").

A partir da *sessão X* surge simultaneamente um maior número de expressões Atributivas / Adjectivais ("*está quente*"; "*está frio*") a par de expressões Participiais / Adjectivais que se referem a atributos não permanentes das entidades referidas ("*não tá vestida*" ; "*não tá apagada*"; "*tava molhada*"; "*tá secado*") bem como a características

específicas de entidades + *ANIMADAS* ("não tá constipado"; "tá zangado").

Quanto à hipótese de que as expressões *Locativas* precederiam as formas *Progressivas*, os nossos dados não são claros, já que parece haver uma utilização mais ou menos equilibrada de ambos os tipos de expressões até pelo menos à *sessão XI*, altura em que as expressões *Locativas* atingem frequências muito superiores às das formas *Progressivas*. De qualquer modo é preciso fazer notar que aquela precedência foi assinalada por De Lemos, op.cit.) em idades bastante mais precoces do que as estudadas no nosso "corpus" (i.e., em cerca de 10 sessões entre os 1;6 e os 2;0), pelo que a questão da *precedência* das *Locativas* em relação ao *Progressivo* deve estar já resolvida e "dissimulada" no nosso "corpus". No entanto as expressões *Locativas* parecem ser de facto um "locus" privilegiado de criação de novidades na linguagem da criança, pois como veremos mais adiante, elas funcionam também como um "motor" importantíssimo para a emergência das formas *Imperfectivas* no *Passado*.

é de sublinhar, em relação às expressões *Locativas* que, à semelhança das estruturas *Atributivas* e *Participiais*, existe uma muito maior estabilidade na utilização do verbo "estar" quando comparado com a sua utilização na forma *Progressiva*.

Ou seja, em predicções Locativas, Atributivas e Participiais, o verbo "estar" é utilizado adequada e correctamente, sendo o número de omissões ou utilizações incorrectas absolutamente negligenciável, ao passo que com o Progressivo ele é omitido em 56% dos casos em que seria exigível. Como se vê pelo Quadro X, em 109 casos de utilização do Progressivo, 61 omitem o verbo "Estar". Em 83 casos de formas Participiais, apenas 6 omitem "Estar" o que constitui uma percentagem de erro de 7,1% , muito distante portanto dos 56% de omissões já assinaladas para o Progressivo. Isto significa que a criança utiliza perfeitamente "Estar" em Predicções Estativas, mas como o Progressivo obriga quase sempre à combinação de "Estar" com um verbo não Estativo, a criança parece encontrar aí uma incompatibilidade que tarda em conciliar.

Julgamos que este fenómeno é semelhante à não generalização, nas crianças de língua Inglesa, de "-ing" aos Estativos, fenómeno que deve no entanto ser matizado pelas seguintes considerações: 1º) em Português a incompatibilidade do Progressivo com os Estativos não parece ser tão acentuada como no Inglês. 2º) esta distinção entre Estativos e Não Estativos deve ser considerada como uma *tendência* e não como uma distinção de "tudo ou nada" ou como uma proibição

absoluta da marcação dos Estativos com o Progressivo (6). E se isto é verdade para o Inglês por maioria de razão o será para o Português, dado que, como sublinhámos anteriormente, esta distinção não parece ser tão marcada na nossa língua.

**B) A DISTRIBUIÇÃO DE "ESTAR" NA FORMA PROGRESSIVA EM
PREDICAÇÕES NÃO-ESTATIVAS**

A observação do *Quadro XI* e do *Gráfico VI* (páginas seguintes) permitem acompanhar com pormenor a evolução da distribuição de "Estar" na forma Progressiva em *estruturas predicativas Não-Estativas*.

Assim, podemos verificar que as primeiras tentativas para utilizar o auxiliar "estar" em estruturas predicativas *Não Estativas* se situam nas *sessões III e V*. Antes disso o Progressivo confunde-se com as formas Infinitivas.

QUADRO XI

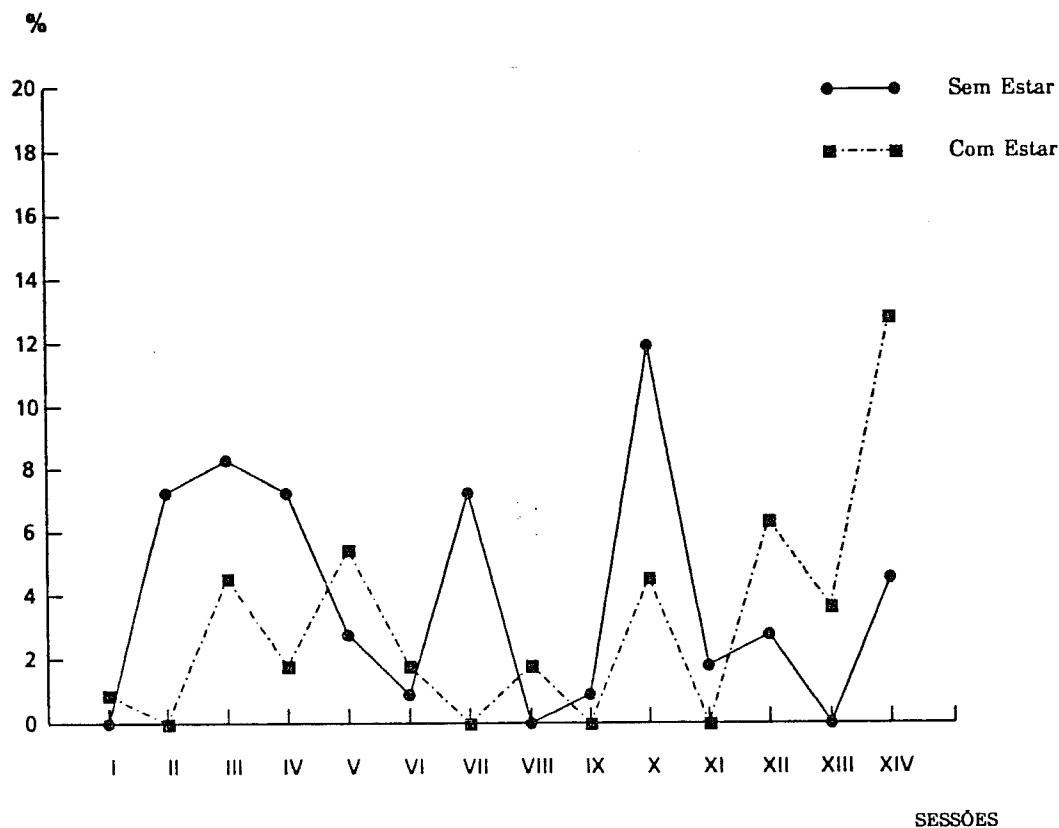
A DISTRIBUIÇÃO DE "ESTAR" EM ESTRUTURAS NÃO ESTATIVAS AO LONGO DAS 14 SESSÕES - JM

SESSÕES	Sem Estar	(*)	Com Estar
I	0 (0,0%)	-	1 (0,9%)
II	8 (7,3%)	>	0 (0,0%)
III	9 (8,3%)	>	5 (4,6%)
IV	8 (7,3%)	>	2 (1,8%)
V	3 (2,8%)	<	6 (5,5%)
VI	1 (0,9%)	-	2 (1,8%)
VII	8 (7,3%)	>	0 (0,0%)
VIII	0 (0,0%)	-	2 (1,8%)
IX	1 (0,9%)	-	0 (0,0%)
X	13 (11,9%)	>	5 (4,6%)
XI	2 (1,8%)	-	0 (0,0%)
XII	3 (2,8%)	<	7 (6,4%)
XIII	0 (0,0%)	<	4 (3,7%)
XIV	5 (4,6%)	<	14 (12,8%)
SUB-TOTAIS	61 (56,0%)		48 (44,0%)
TOTAL		109	

(*) Assinalam-se com um traço horizontal diferenças iguais ou inferiores a 2, que se consideram irrelevantes, e com os sinais > ou < diferenças superiores a 2, indicando a orientação do sinal, o sentido da diferença.

GRÁFICO VI

DISTRIBUIÇÃO DE "ESTAR" NA FORMA PROGRESSIVA



No entanto, uma utilização verdadeiramente consistente de "Estar" com o *Progressivo*, só parece ocorrer a partir da *sessão XII*. O Quadro seguinte pode dar uma ideia desta evolução, mostrando as médias de utilização ou de não utilização de "Estar" no *Progressivo* e mostrando uma média nitidamente superior da utilização do *progressivo* com "estar" a partir da *sessão XII* (com a idade de 2;6;1).

QUADRO XII

MÉDIAS DE UTILIZAÇÃO DO PROGRESSIVO
COM "ESTAR" E SEM "ESTAR"

	Prog. s/Estar	Prog.c/Estar
Sessões I a XI	$\bar{X} = 4,8$	$\bar{X} = 2,1$
Sessões XII a XIV	$\bar{X} = 2,6$	$\bar{X} = 8,3$

Deve acrescentar-se que este resultado mantém a mesma configuração mesmo quando consideramos outros agrupamentos de sessões, seja agrupando as sessões duas a duas, seja agrupando-as a partir de outros critérios (7).

VI.2.3. AS DIFICULDADES DE SINTACTIZAÇÃO DO PROGRESSIVO

Uma vez que a criança começa a utilizar "*estar*" com verbos não estativos surge uma outra dificuldade: a preposição "*a*" que já surgia em formas Infinitivas ou com Progressivos incompletos e o auxiliar "*estar*" que já surgia em expressões Locativas, Participiais e Atributivas, têm dificuldade em sintetizar-se e dão origem a expressões que embora identificáveis como Progressivo, ora apagam "*estar*", ora apagam a preposição. Julgamos que esta dificuldade poderá ser identificada como um problema de sintactização, que pode ser atribuído às limitadas capacidades de processamento e tratamento da informação por parte da criança. (cf. *Parte IV* deste trabalho). As dificuldades de sintactização do Progressivo são evidentes no exemplo seguinte:

1. JM-U-2;2;9-p.16 e 17

JM: o pato tá numire. (*dormir*)
a numir o pato!

A: o quê? o quê?

JM: a numir pato.

L: tá a dormir?

JM: tá a numire! ((acena que sim com a cabeça.))

A: tá a dormir?

JM: tá a numi (...)

Temos assim que num primeiro momento para introduzir a preposição "a", JM apaga o Aux. "estar" e move o sujeito para posição pós-verbal ficando: "a *nuir* o *pato*". No momento seguinte apaga o sujeito e consegue sintetizar "tá a *nuir*!" (mesmo assim com a ajuda do adulto que no enunciado anterior introduz uma questão com a perífrase, o que lhe vai possibilitar a imitação.)

Vejamos um outro exemplo:

2. JM-VII-2;3;17-p.28

JM: olhó cavalo fazer cambalhota!

De novo quando introduz o sujeito apaga toda a perífrase do Progressivo quando ainda momentos antes, (VII,p.27, linha33) numa frase sem sujeito, tinha pelo menos introduzido a preposição: "a fazer cambalhota".

Um outro exemplo, ainda mais precoce é o seguinte, embora porventura não tão claro:

3. JM-III-2;1;11-p.10

P: que tás a fazer? ((JM está a amachucar um copo de plástico.))

JM: <tá-se> a stagar, a stagar o copo.
stagar o copo.

Neste caso as limitações na capacidade de tratamento da informação, obrigam a uma opção: ou a criança produz a forma verbal completa mas sem o Objecto, ou integra na frase o Objecto mas reduz então a forma verbal tornando-a incompleta.

A utilização correcta e completa da forma Progressiva começa a aparecer de uma forma sistemática a partir da *sessão XII* com a idade de 2;6 (8) sendo no entanto de notar que continuam a subsistir alguns problemas.

A primeira forma a aparecer completa aparece num contexto de *imitação parcial* do adulto, naquilo a que poderíamos chamar um tipo de "*scaffolded discourse*" (Bruner, 1978) ou "Discurso Apoiado":

4. JM-XII-2;6-p.3

JM: olh'aqui. ((*vira-se e mostra um boneco.*))

Z: isso é o quê?

JM: é um <*>, com as botas.

Z: e ele está a fazer o quê? (...)

JM: tá <a fazer> cambalhota, tá <a fazer> cambalhotas.

Z: está a dar cambalhotas?

JM: está a dar cambalhota aqui, tá a dar cambalhota, tá a dar cambalhota, a dar cambalhota < * * * >

A forma como os adultos fazem as perguntas no Progressivo parece denotar que estes são sensíveis à dificuldade de sintetização do Progressivo pela criança. Vejamos um exemplo em que é visível a utilização pelo adulto de "*pistas*" que têm como objectivo facilitar a expressão do progressivo pela criança:

5. JM-VII-2;3;17-p.27

Z: o que é que ela tá a fazer?

P: o que é que ela está a fazer? João? o que é que a senhora est (...)

JM: a dançare. (*a dançar.*)

P: tá a quê? (...) o que é que ela está a fazer?(...) está a quê?

JM: a fazer cambalhota.

Z: a fazer cambalhota!

A forma como o pai faz as perguntas e as reformula parece ter em vista sublinhar a construção "*estar a*" mas simultaneamente proporcionar à criança um contexto em que o apagamento de "estar" pela criança seja aceitável.

Mesmo depois de a forma Progressiva completa ter adquirido uma certa estabilidade e sistematicidade, subsistem problemas, como podemos observar na *sessão XIV*. Aí encontramos já uma maioria de formas correctas (16 em 25 ou

seja, 64%) do Progressivo, bem como uma muito maior variabilidade nos *auxiliares* que servem a forma Progressiva. De facto, até à *sessão XII* o auxiliar "*estar*" constituía a forma auxiliar exclusiva do Progressivo; na *sessão XII* aparece um exemplo de forma Progressiva com "*andar*" como auxiliar, e na *sessão XIV* aparecem também como auxiliares do Progressivo, além naturalmente de "*estar*", os verbos "*ficar*" e "*ir*".

No entanto, nesta *sessão XIV* deparamo-nos ainda com formas menos correctas ou mesmo claramente incorrectas. Uma hipótese a pôr é a de que quando o enunciado é da iniciativa da criança, ela utiliza a forma progressiva correctamente. De facto das 16 formas completas do Progressivo, 15 são produzidas em enunciados que foram da iniciativa da criança. Mas quando a criança responde ao adulto, se a questão do adulto contém a forma perifrástica ou parte dela, então a criança recorre a um *princípio de economia* e excusa-se a utilizar a forma completa. Isto dá origem tanto a enunciados aceitáveis como a enunciados menos aceitáveis. Quando a pergunta do adulto não tem nenhuma marca do progressivo, então a resposta da criança tende a ter um progressivo completo mas quando a questão do adulto contém um progressivo completo, então a resposta da criança quase se reduz a um infinitivo. Veja-se o exemplo seguinte, que é bem ilustrativo do que acabamos de afirmar:

6. JM-XIV-2;7;16-p.22

A: e os meninos? (...) o que é que os meninos tão
a fazer?

JM: a tirar gelados pa mamã.

A: tão quê?

JM: tir, tirar gelados.

A: olha, e esta?

JM: tá a cantar.

A: tá a comer o gelado, não tá?

Um verbo que parece pôr particulares problemas para utilização com o Progressivo, é o verbo *DAR* quando este verbo é realmente utilizado no sentido de dar algo a alguém, a distinguir portanto de predicacões como "*dar mergulhos*" ou "*dar cambalhotas*". Vejamos alguns exemplos:

7. JM-X-2;5;2-p.5

((JM está ao colo de Z. a ver um livro infantil))

Z: e este está a fazer o quê? (...) há? não sabes?
e o pai porco tá a fazer o quê? (...) há?

JM: comedinha às ga<1>inhas.

No exemplo seguinte pode ver-se mais uma vez o apoio que o adulto dá à criança. É que se normalmente a "pista" do adulto se reduz à perífrase "*o que é que está a fazer?*" ou a "*está a...*" (com entoação suspensiva), no caso vertente e face à complexidade do verbo *DAR* o adulto introduz na

pergunta, além da perífrase verbal, o *S prep* que designa o beneficiário da acção. Neste caso a resposta da criança embora excluindo a perífrase inclui o verbo, enquanto que sem esta ajuda a criança exclui quer a perífrase quer o verbo.

8. JM-X-2;5;2- p.6

Z: e aqui tão a fazer o quê?

JM: as vacas.

Z: sim, e o que é que o pai porco está a fazer às vacas?

JM: dá comidinha.

Z: tá a dar comidinha!

9. JM-X-2;5;2- p.17 e 18

A: o que é que está a fazer, o pai porco? o que é que
está a fazer, o pai porco?

JM: à comida às ga<l>inhas!

A: está a dar de comer às galinhas?

JM: cá, cá.

A: tá? (...)
e aqui, o que é que tá a fazer?

JM: a comida às ga<l>inhas, ta<m>bém.

Note-se que neste caso não só se apaga toda a perífrase como também o próprio verbo "*dar*". Isto deve-se com certeza ao facto de este verbo exigir três argumentos. É que se a criança tem dificuldades em sintetizar *V* ("*estar*" + "*a*" + *V*)

por maioria de razão terá dificuldade em sintetizar uma frase deste nível de complexidade.

Uma análise atenta do apagamento de "*Estar*" ou de "*a*" revela também alguma influência do tipo de verbo no tipo de apagamento, pelo menos sensivelmente até à *sessão XI*.

Assim, podemos observar que até à *sessão X* quase todos os Progressivos com "*estar*" e com apagamento de "*a*" são do tipo "Achievement" ou "Accomplishment". Isto parece significar que os traços aspectuais que parecem estar na base da inclusão de "*estar*" e do apagamento de "*a*" são essencialmente a Duratividade aliada à Resultatividade ou a Resultatividade em si mesma. As quatro predicções que até à *sessão X* constituem excepção a este padrão reenviam todas para verbos de Actividade de tipo psicológico ("*tá chorar*"; "*tá dormir*"; "*tá gritar*").

Até à *sessão XI* as formas "*se» Estar*" mas com a preposição "*a*" são do tipo Actividade (f=29) ou "Accomplishment" (f=12) (as excepções são 8 verbos de tipo pontual) o que parece ser neste caso uma forma de enfatizar a Duratividade.

O que diferencia os Accomplishments que aparecem nas formas *co» Estar* dos Accomplishments que aparecem nas formas *se» Estar* é que os primeiros se referem a actividades realizadas pela própria criança. De início não aparecem necessariamente com a flexão da 1ª pessoa do singular, mas a partir da

sessão IV, surgem contendo claramente essa marca, ao passo que os Accomplishments que aparecem nas predicções sem "estar" se referem a actividades de outros (normalmente descrição de figuras), claramente marcadas pela utilização da 3ª pessoa.

VI.2.4. O PROGRESSIVO E O PRESENTE SIMPLES

A) A EVOLUÇÃO DAS DUAS FORMAS VERBAIS

Como vimos em capítulo anterior pode conceber-se uma gradação entre por um lado o Aspecto Progressivo, que em geral reenvia para situações únicas e um Aspecto Frequentativo, um Aspecto Habitual e um Aspecto Gnómico representados pelo Presente Simples. Nesta linha, Batoréo (1989) identifica uma série de estratégias de intensificação como a repetição, a enumeração, a onomatopeia, a construção enfática e os diminutivos, estratégias essas que encontramos também no nosso corpus. No entanto, a grande opção de natureza aspectual que a criança realiza, no que diz respeito ao Presente, dá-se entre o uso da Forma Progressiva e o uso da Forma Simples. Ao longo das *14 sessões* de *JM* a proporção do uso destas formas vai-se invertendo. No início existe uma maior proporção de uso do Progressivo e no final uma maior proporção de uso da Forma Simples o que nos parece que tem a ver com um deslocamento da marcação da simultaneidade, para um comentário sobre as propriedades estruturais das situações. Esta evolução pode observar-se no Quadro e Gráfico seguintes (9):

QUADRO XIII

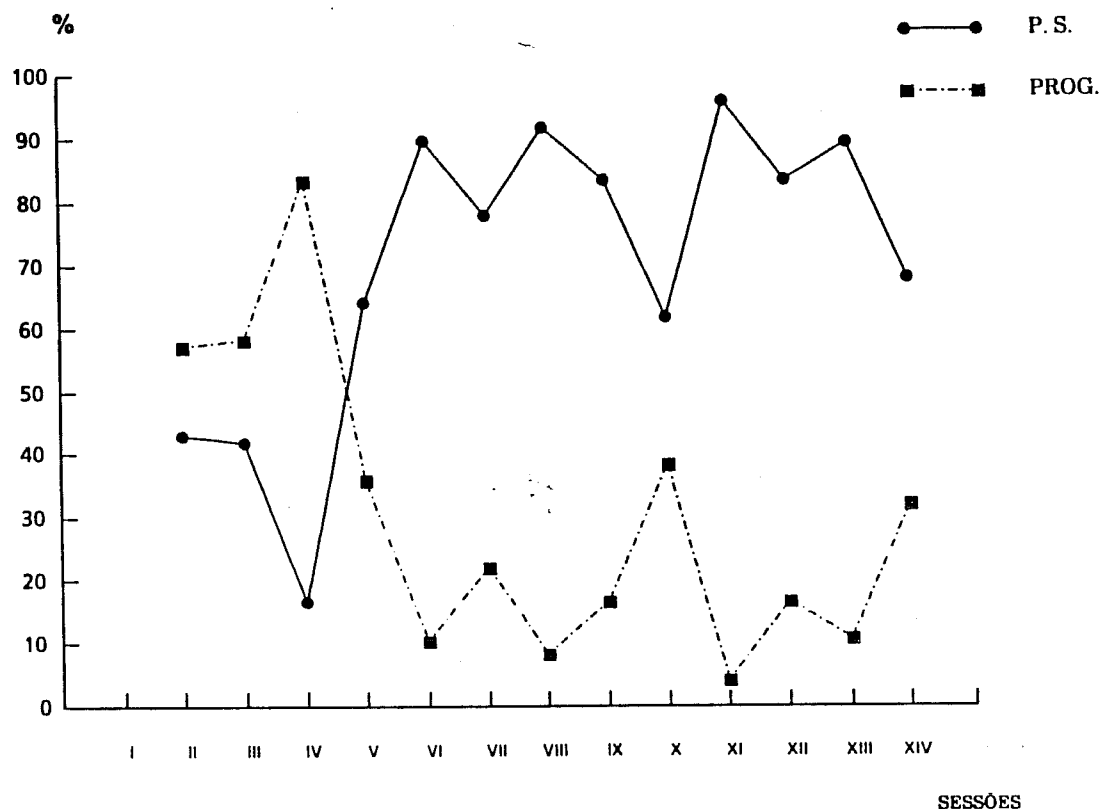
EVOLUÇÃO DO PRESENTE SIMPLES E DAS FORMAS PROGRESSIVAS (JM)

SESSÕES	PRESENTE SIMPLES		PROGRESSIVO	
	F.A.	%	F.A.	%
I	4	80,0	1	20,0
II	6	42,9	8	47,1
III	10	41,7	14	57,1
IV	2	16,7	10	83,3
V	16	64,0	9	36,0
VI	26	89,7	3	10,3
VII	28	77,8	8	22,2
VIII	22	91,7	2	8,3
IX	5	83,3	1	16,7
X	29	61,7	18	38,3
XI	48	96,0	2	4,0
XII	55	83,3	11	16,7
XIII	33	89,2	4	10,8
XIV	53	67,9	25	32,1

F.A. - Frequência Absoluta

GRÁFICO VII

EVOLUÇÃO DO PRESENTE SIMPLES E DAS
FORMAS PROGRESSIVAS (JM)

**B) DO ASPECTO PROGRESSIVO AO ASPECTO GNÔMICO**

Certamente que esta evolução terá a ver também com uma progressão de uma referência mais concreta (a referência a características de situações específicas que ocorrem no Aqui e Agora) para uma referência mais Abstracta (a referência a características gerais de situações, sem referência a um quadro espaço-temporal determinado). Pode com efeito argumentar-se que certas expressões existenciais,

nomeadamente construções com um valor gnómico extremo se situam num espaço-tempo abstracto, "neutral do ponto de vista deíctico" (Lyons, 1977, p.723). É interessante assinalar dois aspectos relacionados com esta evolução. Por um lado a diminuição de um aspecto Progressivo de referência a eventos específicos passa, como já foi referido, por um aumento paralelo das formas de Presente Simples bem como por um aumento de formas com Infinitivo (*ex.:* "é *pa* cortar" ; "é *pa* comer") que começam a surgir como definições funcionais ou "primitivas" (cf. R. Watson, 1985). Por outro lado, é de sublinhar que esta evolução não se dá num "vácuo contextual", mas antes em contextos discursivos que os adultos vão proporcionando à criança como forma de apoio a esta progressão. Uma observação superficial dos tipos de perguntas que os adultos dirigem à criança permite retirar a seguinte lista de "tipos de questão":

A)- Perguntas e contextos interactivos que apelam para as *denominações*. Têm início numa fase muito precoce tendo como função aquilo a que Bruner (1983) e Ninio e Bruner (1978) chamaram de "aprendizagem da referência".

B)- Perguntas de *localização espacial* simples: "onde está?"

C)- Perguntas sobre *atributos* de objectos: "de que cor é?"; "é grande?"

D)- Perguntas sobre as *actividades* da criança ou de outros: "o que é que estás a fazer?"; "o que é que fizeste?", que, sublinhe-se, são perguntas que *têm enquadramento temporal*.

E)- Perguntas *definicionais de tipo funcional*: "para que serve...?"

F)- Perguntas *definicionais de tipo ostensivo*: "o que é...?"

Exemplo de uma interacção do Tipo A é o seguinte:

10. JM-X-2;5;2-p.8

JM: e este?

Z: queres que eu diga os nomes?
olha, esta é a mãe gato, o pai, este é o (...) a
gatinha chama-se "docinho" (...)
este é o "caramelo" (...)

Os dois exemplos seguintes são bastante interessantes já que ilustram também interacções deste tipo mas em que a criança não limita a sua resposta à denominação que lhe era pedida, antes avança, espontaneamente, para a referência às funções dos objectos em causa.

11. JM-III-2;1;11-p.6

P: o que é isso João? ((refere-se a um bolacha que JM
tem na mão.))

JM: <bolachinha>, papar (...) papar!
ê-a uma <*> (olha uma)
<* * *>

12. JM-III-2;1;11-p.6

JM: qué isto? <* * *>

AV: isto é uma garrafa, diz lá!
diz com a avó, diz com a avó: "é uma garrafa".
(...)

JM: pa beber sumo.

Daremos em seguida, apenas a título ilustrativo e sem comentários, uma série de exemplos de alguns dos vários tipos de contextos interactivos que caracterizámos anteriormente:

13. JM-III-2;1;11-p.6

P: viste a Adelaide? (...)
 e a Adelaide? (...)
 o que é isso? ((prato e talheres em cima da
 mesa)) (TIPO A)

JM: o gafo. (o garfo)

P: o quê? um garfo?
 e mais?

JM: a faca.

P: e mais?

JM: a pelhere. (a colher)

P: e mais?

JM: (...)

P: isso serve para quê? (TIPO E)

JM: pó <L>uis papar.
 pó <L>uis papar.

P: para quem?

JM: pó <L>uis papare.

P: então e tu não pápas?

JM: < * * * >

14. JM-III-2;1;11-p.8

P: pausa, pausa a faca.
 olha, *onde é que está o copo?* (TIPO B)
 pausa a faca, pega no copo. (...)
 João pega no co (...) onde é que está o copo?
 o copo?
 não, isso é o prato.
 o copo!

JM: aqui.

P: deixa lá a faca.
 (...)

JM: póco, copo.

P: co-po!
 pega lá no copo.
para que é que serve o copo João? (...) (TIPO E)
para que é que serve o copo?

JM: ohhh (...) ((*apercebe-se de qualquer coisa.*))

P: o que é isso?

JM: qué isto?
 o vento!

P: que é isto?
 o vento!
o que é que faz o vento? (TIPO E)
 (...)

C) O INFINITIVO

Como já foi referido o Infinitivo aparece inicialmente como forma indiferenciada do Progressivo. Esta forma genérica pode inferir-se como um Progressivo, ou pelo contexto linguístico (a criança responde com um *a + Infinitivo* a uma questão posta pelo adulto na forma Progressiva) ou pelo contexto extra-linguístico (a criança produz a forma *a + infinitivo* para marcar a simultaneidade e observabilidade de

um evento a que está a assistir (ex: "a fugir"; "a andar", etc.). Naturalmente que as formas Infinitivas aparecem também depois de auxiliares, em particular no Futuro Próximo e também com auxiliares modais.

Formas Infinitivas aparecem também em resposta a questões de tipo "Passado Remoto", neste caso como substituto incorrecto de formas verbais que deveriam aparecer flexionadas no Passado (Ex: *P: "o que é que bebeste ao jantar? R: "beber água."* sessão II,p.11)

Mas a forma para a qual gostaríamos de chamar particular atenção é a que reenvia para fenómenos e eventos genéricos e até para definições. Esta forma é a de emergência mais tardia e segundo julgamos acompanha o aumento das formas do Presente Simples e o decréscimo (proporcional) das Formas Progressivas.

Esta forma de Infinitivo aparece-nos em pelo menos três contextos muito particulares:

a) onde antes se utilizaria um Progressivo ("estar + Infinitivo") para marcar a simultaneidade da acção com a emissão verbal agora passam a utilizar-se alguns Infinitivos com "Ser" para marcar o carácter genérico da acção ou actividade. Por ex: "*é jogar a isto*" (sessão XII-p.24) em vez de "*estou a jogar a isto*".

QUADRO XIV

A UTILIZAÇÃO DAS FORMAS DO PRESENTE EM JM

SESSÕES	P. Simples	Progressivo	Locativas	ATRIBUTIVAS			Exist. e Possess.	TOTAL
				Estar + A	Ser + A	Ser + N		
I	0,5% (4)	0,1% (1)	0,2% (2)	0,5% (4)	-	0,4% (3)	-	1,7% (14)
II	1,1% (9)	1,0% (8)	0,5% (4)	-	-	0,4% (3)	1,0% (1)	3,1% (25)
III	1,2% (10)	1,7% (14)	0,4% (3)	-	0,2% (2)	1,1% (9)	0,4% (3)	5,0% (41)
IV	0,2% (2)	1,2% (10)	-	0,1% (1)	0,1% (1)	0,2% (2)	0,2% (2)	2,2% (18)
V	2,0% (16)	1,1% (9)	0,1% (1)	-	0,5% (4)	0,1% (1)	0,4% (3)	4,2% (34)
VI	3,2% (26)	0,4% (3)	0,7% (6)	0,1% (1)	-	0,7% (6)	0,1% (1)	5,3% (43)
VII	3,5% (28)	1,0% (8)	1,4% (11)	-	-	1,0% (8)	1,5% (12)	8,3% (67)
VIII	2,7% (22)	0,2% (2)	1,0% (8)	0,1% (1)	0,2% (2)	0,9% (7)	0,9% (7)	6,0% (49)
IX	0,6% (5)	0,1% (1)	0,1% (1)	-	-	0,5% (4)	-	1,4% (11)
X	3,6% (29)	2,2% (18)	0,5% (4)	0,5% (4)	0,6% (5)	1,0% (8)	1,0% (8)	9,4% (76)
XI	5,6% (45)	0,2% (2)	1,7% (14)	-	0,4% (3)	2,0% (16)	1,0% (8)	10,9% (88)
XII	6,8% (55)	1,4% (11)	1,7% (14)	0,4% (3)	0,1% (1)	2,1% (17)	2,5% (20)	15,0% (121)
XIII	4,0% (33)	0,5% (4)	2,0% (16)	0,2% (2)	0,2% (2)	2,0% (16)	1,6% (13)	10,7% (86)
XIV	6,6% (53)	3,1% (25)	2,7% (22)	0,5% (4)	-	2,4% (19)	1,2% (10)	16,5% (133)
TOTAL	41,8% (337)	14,4% (116)	13,2% (106)	2,5% (20)	2,5% (20)	14,8% (119)	10,9% (88)	100% (806)

A evolução desta estrutura pode também ser interpretada como um sintoma da já referida evolução em direcção a uma maior importância do aspecto gnómico no conjunto das predicções infantis, nomeadamente através de uma maior frequência de definições ostensivas. No entanto, a validação desta

hipótese necessitaria de uma análise mais minuciosa das predicações em causa, nomeadamente através de uma análise qualitativa das mesmas e não apenas de uma análise quantitativa.

VI.3. A SEMÂNTICA DOS VERBOS E A MORFOLOGIA VERBAL. O PASSADO

VI.3.1. A HIPÓTESE DO ASPECTO ANTES DO TEMPO. ALGUMAS HIPÓTESES OPERACIONAIS

Recordemos que uma das principais características da Hipótese do Aspecto antes do Tempo (na sua "*componente semântica*") diz respeito ao facto de só os verbos Têlicos começarem por ser flexionados no Passado, havendo uma tendência para os verbos Atêlicos serem utilizados no Presente. Weist (1986) porém pretende que este "padrão" não é típico do desenvolvimento infantil e apresenta como contra-argumento a emergência precoce (observada em estudos sobre a aquisição de diversas línguas) de formas verbais Imperfectivas no Passado e em particular de verbos de Actividade no Passado.

Traduzindo as hipóteses presentes nesta polémica (pelo menos tal como ela é apresentada por Weist) em hipóteses operacionais passíveis de serem testadas, podemos chegar às seguintes hipóteses:

A) Numa fase inicial, os Verbos de Estado e os Verbos de Actividade não aparecem no Passado.

B) Como corolário do anterior pode dizer-se que no período inicial da emergência das flexões verbais, os Verbos de Estado e de Actividade aparecem quase que exclusivamente associados ao Presente.

C) Embora estas relações possam manter uma certa estabilidade (1), com o desenvolvimento da linguagem a associação entre Tipo de Verbo ou Classe Aspectual e o Tempo Verbal tende a diluir-se.

D) Quando a criança começa a flexionar verbos no Passado, começa por fazê-lo em Verbos de Mudança de Estado (Achievements e Accomplishments) e na forma Perfectiva.

E) Só mais tardiamente surgem os verbos de Actividade e de Estado flexionados no Passado e quando aparecem é mais provável que surjam na forma Imperfectiva do que na forma Perfectiva.

F) As formas Imperfectivas no Passado começam por aparecer em contextos de Jogo Simbólico ou de Narração.

VI.3.2. PROBLEMAS DA "CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA" DOS VERBOS

A) CLASSIFICAÇÕES UTILIZADAS EM TRABALHOS ANTERIORES

No trabalho de Antinucci e Miller (1976) a classificação dos verbos usada é, segundo os autores, "*determinada pelo uso que as crianças fazem dos verbos*". Os autores serviram-se assim, amplamente, das notas contextuais contidas nas transcrições:

"(...) in going over the transcripts we determined the intent of every use of a verb by the children." (pág.174)

Os verbos foram classificados em três categorias: a) "Actividades ou Mudanças de Estado sem um Resultado Claro"; b) "Mudanças de Estado com um Resultado Claro" c) "Verbos de Estado".

Os verbos classificados como Actividades eram usados de forma intransitiva ou em contextos que não implicavam um estado resultante da Actividade. Note-se que mesmo verbos de Mudança de Estado se não implicavam um resultado final claro eram classificados como Actividades (2). Por outro lado, verbos de Actividade como "*drink*" e "*go*" foram

classificados como "mudanças de estado", já que segundo os autores

"the child used *"drink"* and *"go"* to refer to events which had a clear end result: i.e.: *"drinking all"*, in the sense of "finished", *"goed"* in the sense of "went away"."

No entanto este critério de classificação deu azo a algumas críticas. Fletcher (1979) argumenta que os resultados assim obtidos podem ser fruto da circularidade da classificação semântica dos investigadores. A argumentação de Weist vai no mesmo sentido e para evitar essa circularidade opta por utilizar "testes objectivos" de classificação dos verbos:

"Classification based on objective tests which are situationally independent allows one to avoid the circular argumentation which has hindered some investigations of emerging temporal systems." (Weist, 1986, p.360).

Assim no trabalho de Weist et al. (1984) todas as frases verbais foram classificados como Estados, Actividades, "Accomplishments" ou "Achievements". Para a classificação de cada verbo ou frase verbal foram utilizados testes linguísticos desenvolvidos com base nos trabalhos de Vendler (1967) e Dowty (1979) (3).

No entanto, também esta escolha dos critérios de classificação não é, de forma alguma, pacífica. Este tipo de procedimento, que já fora contestado por autores como Bloom

et al. (1980) que defendem que as categorias utilizadas nos estudos de aquisição devem ser derivadas da própria linguagem da criança e não directamente das teorias linguísticas, foi de novo posto em causa (e especificamente em relação aos trabalhos de Weist) por Rispoli e Bloom (1985); Aksu-Koç (1988) e Bloom e Harner (1989) (4). Assim, Aksu-Koç (op. cit.) afirma:

"(...) in their analysis of Polish, Weist et al. classify their child data on the basis of a semantic categorization of verbs derived from adult grammar. However, such a procedure carried out in the name of objectivity cannot be justified, since we cannot assume that these categories correspond to semantic categories that exist in the child system." (1988, p.45)

B) A TIPOLOGIA DE VERBOS UTILIZADA NO PRESENTE TRABALHO

Decidimos desde o início utilizar a classificação de Vendler, quer pela coerência interna que apresenta, quer pelo facto de estarem à nossa disposição toda uma série de testes (nomeadamente os propostos por Dowty ou a partir de Dowty) que permitiriam uma classificação "objectiva" ou pelo menos *controlável* dos verbos ou das predicções verbais. Por outro lado, sendo uma classificação bastante disseminada quer nos estudos de Linguística Teórica, quer nos estudos sobre a Aquisição da Linguagem, pareceu-nos que a sua utilização permitiria uma melhor comparabilidade com outros estudos que abordassem a mesma temática.

Apesar desta opção estávamos conscientes das objecções a que anteriormente nos referimos, e procurámos, como Antinucci e Miller ou Aksu-Koç, ter em conta as intenções da criança ao utilizar determinado verbo ou predicação verbal, a sua capacidade ou competência linguística, o contexto discursivo e o contexto extra-linguístico em que os verbos eram utilizados. Naturalmente que se poderá argumentar que com tantos critérios externos à própria tipologia, chegamos a um momento em que estaremos a derivar para uma classificação demasiado subjectiva e eventualmente circular. Deve porém sublinhar-se que os factores estranhos à tipologia não são de todo subjectivos sendo por isso passíveis de acordo intra ou inter-observadores.

Metodologicamente, uma das soluções para este problema seria a de, após acerto dos diversos critérios utilizados, fazer classificar de forma *independente* os verbos e predicções verbais por mais de um observador definindo um grau de acordo entre as classificações acima ou abaixo do qual se considerariam estas como fiáveis ou não. Dada a natureza individual deste trabalho, bem como as limitações de tempo, dinheiro e outras, não foi esse o procedimento seguido, donde se poderão esperar à partida quer eventuais desacordos quanto às classificações realizadas, quer uma certa margem de erro nessas classificações.

Apesar desta opção estávamos conscientes das objecções a que anteriormente nos referimos, e procurámos, como Antinucci e Miller ou Aksu-Koç, ter em conta as intenções da criança ao utilizar determinado verbo ou predicação verbal, a sua capacidade ou competência linguística, o contexto discursivo e o contexto extra-linguístico em que os verbos eram utilizados. Naturalmente que se poderá argumentar que com tantos critérios externos à própria tipologia, chegamos a um momento em que estaremos a derivar para uma classificação demasiado subjectiva e eventualmente circular. Deve porém sublinhar-se que os factores estranhos à tipologia não são de todo subjectivos sendo por isso passíveis de acordo intra ou inter-observadores.

Metodologicamente, uma das soluções para este problema seria a de, após acerto dos diversos critérios utilizados, fazer classificar de forma *independente* os verbos e predicções verbais por mais de um observador definindo um grau de acordo entre as classificações acima ou abaixo do qual se considerariam estas como fiáveis ou não. Dada a natureza individual deste trabalho, bem como as limitações de tempo, dinheiro e outras, não foi esse o procedimento seguido, donde se poderão esperar à partida quer eventuais desacordos quanto às classificações realizadas, quer uma certa margem de erro nessas classificações.

C) PROBLEMAS DA APLICAÇÃO DA TIPOLOGIA DE VENDLER À LINGUAGEM INFANTIL

Uma das principais dificuldades da aplicação desta tipologia à linguagem infantil advém do facto de a criança ainda não dominar bem o uso dos determinantes do nome (cf. Karmiloff-Smith, 1979). Sendo o aspecto nominal bastante dependente do uso dos artigos definidos e indefinidos e dos quantificadores, estas dificuldades por parte da criança dão origem a problemas como o seguinte: "*comi gelado desta menina*" (em situação de descrição de figuras / jogo simbólico); tal como está, esta predicação seria classificado como uma Actividade, no entanto *inferimos* que a criança deve querer dizer "*comi o gelado desta menina*" o que o transforma em "Accomplishment" (a imagem que a criança está a comentar consiste numa criança que está a comer *um* gelado).

Um outro fenómeno relevante é aquele a que poderíamos chamar de "*perfectização*" -que é aliás bastante enfatizado por Antinucci e Miller- e que consiste em juntar determinados complementos aos Verbos de Actividade tornando-os assim em Verbos de Accomplishment. Um exemplo vulgar e frequente é a adjunção da partícula Tudo/Todo/Todos, como por exemplo em "*bebeu tudo*", "*arrumou tudo*". Um exemplo menos frequente encontramos-lo na seguinte afirmação de JM: *escrevi (...)* *ecreveu (...)* *escrevi, escrevi um gato.* (JM-IX-p.11). Trata-se com efeito da utilização de um verbo de Actividade no

Passado, sendo no entanto que *JM* transforma um Verbo de Actividade ("*escrever*") num "Accomplishment" ("*escrever um gato*"). Um outro exemplo muito curioso é o seguinte, que surge num contexto de Passado Remoto e que ocorre aliás com o primeiro Imperfeito que identificámos no corpus de *JM*.

16. *JM-IX-2;4;23-p.3*

((*JM*, o pai e *A.* estão a falar sobre uma ida ao circo e pedem a *JM* que conte o que viu.))

JM: "havia muchíca, havia ma uma muchíca, havia uma muchíca." ((*havia música, havia uma música*)).

Trata-se com efeito de uma curiosa redução de "*havia música*" para "*havia uma música*", redução essa que implica uma passagem para o contável, mais associado à perfectização. Estes fenómenos de Perfectização ocorrem realmente quando se trata de pôr Verbos de Estado ou de Actividade no Passado o que parece dar força aos argumentos de Antinucci e Miller que apresenta também exemplos como "*drink all*". Um outro exemplo muito curioso que aparece no nosso corpus, é a expressão de *JM* logo na *sessão I*: "*acodaste todo*". Mesmo tratando-se de um verbo pontual, a sua flexão no Passado parece exigir uma partícula de reforço da Perfectização (5).

Outro aspecto a ter em conta tem a ver com o contexto extra-linguístico mais vasto, com a natureza das situações e com o modo como estas são interpretadas diferentemente pelo adulto e pela criança. Quanto à natureza das situações comparemos a

expressão "*tomar banho*", segundo se está a tomar banho na praia ou na banheira. Na praia será considerada como Actividade, com um fim arbitrário. Na banheira pressupõe-se que se está a tomar banho para se lavar/limpar e que o fim de tal actividade não é arbitrário, antes será dado como terminado quando o sujeito se considerar lavado/limpo. Está aqui pressuposta portanto a dimensão *telicidade* o que transforma esta segunda expressão num "Accomplishment". Ora, quando *JM* ou *PG* estão na banheira, estão a tomar banho no primeiro sentido da expressão e como tal as suas predicacões a esse propósito devem ser consideradas como Actividades e não como Accomplishments.

D) CRITÉRIOS UTILIZADOS PARA A CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS E DAS FRASES VERBAIS

Tendo em conta tudo o que antes ficou dito, foram utilizados no presente trabalho a seguinte classificação e os seguintes critérios para a classificação de cada verbo ou frase verbal:

ESTATIVOS

Como vimos anteriormente, os Estativos são (-) Dinâmicos, (+) Durativos, (-) Têlicos e (-) Voluntários. Utilizámos como "testes" para a identificação dos verbos Estativos as seguintes provas:

- a incompatibilidade com o Imperativo.
- a incompatibilidade, na sua forma Infinitiva, com construções como "X persuadiu / forçou / convenceu Y a ..."
- a incompatibilidade com advérbios de modo que descrevem uma acção como "voluntária": "X deliberadamente / voluntariamente ..."
- Além disso devem, naturalmente, ser compatíveis com os testes de Duratividade e incompatíveis com os testes de Telicidade.
- Não considerámos a incompatibilidade dos Estativos com o Progressivo como um teste essencial para a identificação da Estatividade, pois que de facto no Português, pelo menos no Português dos adultos, esta incompatibilidade não nos parece ser tão marcada como no Inglês.

ACHIEVEMENTS

Os Achievements são verbos pontuais, havendo mesmo quem os considere "instantâneos". No entanto muitas vezes é difícil distinguir entre um processo que é pontual e outro que o não é (cf. Comrie, 1976; Dowty, 1979 e Freed, 1979; ver ainda a discussão deste assunto no cap. I.3.1. deste trabalho). Em princípio, um aspecto pontual é incompatível com a pergunta "*durante quanto tempo?...*" que é um teste considerado por Co Vet (1980) como crucial para distinguir entre uma predicação durativa e uma predicação não durativa.

Hoepelman e Roher (1980) assinalam que as acções ou eventos designados por verbos de Achievement não podem ser segmentados numa fase inicial e numa fase terminal. Por isso os Achievements são incompatíveis com "começar a" e "terminar de / acabar de".

Considerámos ainda como um teste essencial para a identificação dos Achievements o seu grau de compatibilidade com advérbios de modo que assinalam acções voluntárias. Tal como os verbos Estativos, os Achievements são incompatíveis com advérbios como "deliberadamente", "cuidadosamente", "conscientemente", etc. (cf. Dowty, 1979 e Hoepelman e Rohrer, 1980).

ACTIVIDADES

As Actividades são Não Estativas, Durativas, Atélicas e podem ou não ser Voluntárias.

Tomámos como critério principal para distinguir as Actividades dos Accomplishments, o teste da Telicidade. As Actividades são atélicas, isto é, têm um "fim" arbitrário.

Deve dizer-se que apesar de menos frequentemente do que nos Accomplishments também as Actividades podem tomar Objectos: "empurrar uma carta"; "guiar um carro"; "ir às compras"; "levar uma mala", são exemplos disso (6).

Por outro lado, as Actividades são processos Durativos embora tenham uma duração indefinida. Daí o responderem à pergunta "*Durante quanto tempo?*".

ACCOMPLISHMENTS

Os Accomplishments são télicos, têm um ponto terminal definido. São Durativos mas têm uma Duração determinada. Por exemplo "*estragar os pópós*" é um Accomplishment embora, note-se, "*estragar pópós*" seja uma Actividade. Estas hesitações na utilização dos artigos são aliás, como já foi referido, um dos principais problemas na classificação das predicacões verbais infantis através destes testes.

ACTIVIDADES E ACCOMPLISHMENTS

Uma das distinções que coloca mais problemas é a que separa as Actividades dos Accomplishments (7).

Para Mittwoch (1982) os verbos de Actividade e os verbos de Accomplishment são verbos da "mesma natureza" ou seja, ambos constituem verbos de Processo mas diferenciam-se pelo tipo de argumentos que tomam:

"The distinction between them depends on the presence or absence of an object NP (or directional phrase, in the case of verbs of motion) and its features if present. A process verb without an object or with an object NP that lacks a quantifier, i. e. that consists of a "bare" plural or mass noun, enters into an activity; a process verb with a quantified object NP enters into an accomplishment." (Mittwoch, 1980, p. 114)

Mittwoch distingue entre SNs quantificados e SNs não quantificados pelo traço <Quantidade Delimitada>. Note-se que uma quantidade delimitada pode ou não ser especificada. Assim, temos em conta para a nossa classificação o facto de os objectos serem contáveis ou massivos; a natureza do artigo que precede o nome (definido ou indefinido); a forma singular ou plural dos nomes; a existência de numerais e outros quantificadores (algun(s); muito(s); tudo/ todos).

Dentro do mesmo espírito, classificámos também como "accomplishments" certas predicções com pronomes demonstrativos que funcionam como -para utilizar a terminologia de Garey (1957)- "complementos téllicos"; por exemplo: "*comprar*" (Actividade) vs "*comprar isto*" ("Accomplishment"). Considerámos também como "Accomplishments" verbos de movimento seguidos de um complemento que aponta para uma direcção ou lugar definidos: "*pôr atrás*"; "*pôr à frente*"; "*ir à escola*". A Telicidade destas acções ou movimentos advém do facto de que só poderão ser considerados como realizados após terem sido atingidos os lugares referidos nos respectivos complementos.

VI.3.3. SEMÂNTICA DOS VERBOS E MARCAÇÃO TEMPORAL. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Relembremos que as primeiras hipóteses são as de que numa fase inicial do desenvolvimento, os Verbos de Estado e os Verbos de Actividade não aparecem no Passado e que estes mesmos verbos aparecem quase que exclusivamente associados ao Presente. Numa segunda fase, a relação entre a Classe Aspectual e o Tempo Verbal tende a diluir-se e as marcações morfológicas dos Verbos tendem a aparecer mais em função da relação entre o momento da enunciação e o momento do evento, do que em função do Aspecto inerente dos verbos.

A metodologia que utilizámos para testar estas hipóteses foi a seguinte: Num primeiro momento realizámos uma análise intra-individual para o sujeito mais novo (JM), analisando aí as relações entre os Tipos de Verbo e os Tempos Verbais, quer para o Presente quer para o Passado. Num segundo momento, procedemos a uma comparação entre os dois sujeitos apenas para os tempos do Passado (8).

Assim, relativamente à primeira análise, verificamos que com efeito até à sessão XII de JM são esporádicas as ocorrências de Verbos de Estado e dos Verbos de Actividade no Passado (9) o que coincide com a idade de 2;6 que é aliás a idade mais comumente proposta pelos diversos

investigadores como marcando o ponto de transição da fase em que o Aspecto predomina sobre o Tempo, para a fase seguinte em que este mais claramente se imporia sobre aquele.

A relação de associação dos Estativos e das Actividades com o Presente é também clara, bem como a relação entre os "Accomplishments" e "Achievements" com o Passado.

No quadro seguinte agrupamos estes dados globais de *JM* numa tabela de 2x2 para cálculo do *Qui-Quadrado* e onde os verbos de Achievement e de Accomplishment se encontram agrupados como verbos de Mudança de Estado.

QUADRO XV

RELAÇÕES ENTRE O TIPO DE VERBO E O TEMPO VERBAL-JM
(Tabela de 2x2 para cálculo de *Qui-Quadrado*)

	PRESENTE	PASSADO	
MUDANÇA DE ESTADO	90 (176,8)	189 (107,19)	279
ACTIVIDADES E ESTATIVO	353 (270,19)	82 (163,8)	435
	443	271	714

$$X^2 = 170,46 \text{ g.l. } 1, p < 0.001$$

Este resultado é estatisticamente significativo e permite concluir que globalmente, no conjunto das *14 sessões* existe uma relação de dependência entre os Verbos de Mudança de Estado e os Tempos do Passado, bem como entre os Verbos de Actividade e os Verbos Estativos e os Tempos do Presente.

Estas relações mantêm-se estatisticamente significativas quando procedemos à tetracotomização das variáveis, como podemos ver pelo seguinte quadro de 4x4.

QUADRO XVI

RELAÇÕES ENTRE A CLASSE ASPECTUAL E OS TEMPOS VERBAIS-JM
(Tabela de 4x4 para cálculo de Qui-Quadrado)

	PS	PROG.	P. PERF.	P. IMPERF.	
ACH.	15 (82,02)	3 (28,42)	160 (54,10)	0 (13,46)	178
ACCOMP.	39 (46,54)	33 (16,13)	25 (30,70)	4 (7,64)	101
ACTIV.	122 (103,22)	74 (35,76)	25 (68,08)	3 (16,94)	224
ESTAT.	153 (97,23)	4 (33,69)	7 (64,13)	47 (15,96)	211
	329	114	217	54	714

O valor de X^2 é 572.74, o que para 9 g.l. dá uma relação de dependência entre as variáveis estatisticamente significativa para $p < 0.001$.

Nos dois quadros seguintes é feita a comparação global entre as duas crianças no que diz respeito à relação entre os tipos de verbo e os tempos verbais do *Passado*. A Hipótese do Aspecto antes do Tempo faria prever que com os progressos no desenvolvimento da linguagem as fortes correlações iniciais entre o tipo de verbo e os tempos verbais se fossem diluindo

ou seja, os Tempos Verbais do Passado passariam a estar menos confinados aos Verbos de Mudança de Estado. A verificar-se esta hipótese seria de esperar que o nosso sujeito mais velho (PG) apresentasse em relação ao sujeito mais novo (JM) uma distribuição muito mais equilibrada dos tempos verbais em relação aos diversos tipos de verbo, hipótese essa que podemos confirmar a partir da análise dos dois quadros seguintes.

QUADRO XVII

RELAÇÃO ENTRE A CLASSE ASPECTUAL E AS FORMAS PERFECTIVAS E IMPERFECTIVAS NO PASSADO - JM

JM (GLOBAL)	P.PERF.	P.IMPER.	TOTAL
"ACHIEVEMENT"	160 (59,0%)	-	160 (59,0%)
"ACCOMPLISHMENT"	25 (9,2%)	4 (1,5%)	29 (10,7%)
ACTIVIDADE	25 (9,2%)	3 (1,1%)	28 (10,3%)
ESTATIVOS	7 (2,6%)	47 (17,3%)	54 (19,9%)
TOTAL	217 (80,1%)	54 (19,9%)	271 (100%)

QUADRO XVIII

RELAÇÃO ENTRE A CLASSE ASPECTUAL E AS FORMAS PERFECTIVAS E IMPERFECTIVAS NO PASSADO - PG

PG (GLOBAL)	P.PERF.	P.IMPER.	TOTAL
"ACHIEVEMENT"	73 (20,5%)	-	73 (20,5%)
"ACCOMPLISHMENT"	93 (26,1%)	1 (0,3%)	94 (26,4%)
ACTIVIDADE	105 (29,5%)	16 (4,5%)	121 (34,0%)
ESTATIVOS	18 (5,1%)	50 (14,0%)	68 (19,1%)
TOTAL	289 (81,2%)	66 (18,5%)	356 (100%)

De facto, a comparação dos dois quadros permite confirmar exactamente esta hipótese. Ambos os sujeitos apresentam sensivelmente a mesma proporção de P.Perfeito (+- 80%) e de P.Imperfeito (+- 20%). Simplesmente, enquanto que de uma forma muito significativa os P. Perfeitos de *JM* se concentram em torno dos "Achievements" (59%), os P.Perfeitos de *PG* distribuem-se de uma forma muito regular entre os "Achievements", os "Accomplishments" e as Actividades, atingindo até a sua máxima frequência não em qualquer dos dois primeiros tipos de verbos (considerados normalmente de Mudança de Estado) mas sim nos de Actividade, que são precisamente Durativos, Atélicos e Não Resultativos.

Curiosamente, a análise destes dois quadros globais mostra que não existem diferenças significativas entre os "Accomplishments" e as Actividades quer para uma criança quer para outra, no que diz respeito ao P. Perfeito, mas que existe uma diferença importante no que diz respeito ao Imperfeito, ou seja, *PG* utiliza bastante mais do que *JM* o Imperfeito com verbos de Actividade.

Quanto aos Estativos pode observar-se em ambas as crianças uma utilização muito maior no Imperfeito do que no Perfeito, embora se note também que *PG* utiliza mais os Estativos no P. Perfeito do que *JM*.

VI.3.4. O PASSADO E A SUA RELAÇÃO COM OS PLANOS ACTUAL E INACTUAL

A) HIPÓTESES GENÉRICAS

Relembremos a questão do Participípio *vs* Formas Irregulares. Em línguas como o Italiano ou o Francês, em que formas básicas do Passado (o "Passato Prossimo" e o "Passé Composé", respectivamente) implicam a utilização de uma forma Participial ("*Mamma e andato*"; "*il a cassé...*"), a evolução dos tempos do Passado passaria primeiro pela utilização do Participípio (como comentário ao estado resultante) e só mais tarde pelo Imperfeito. Em línguas como o Inglês a criança aprenderia primeiro os verbos irregulares e depois as formas regulares, marcando primeiro os verbos de mudança de estado e só depois os verbos de Actividade e os Estativos. As primeiras formas do Passado observadas por Brown (1973) tinham duas características. A primeira é a de que eram verbos pontuais ou que pelo menos se referiam a eventos de muito curta duração:

"Appropriate uses of the past begin with a small set of verbs which name events of such brief duration that the event is almost certain to have ended before one can speak. These are: *fell, dropped, slipped, crashed, broke.*" (Brown, 1973, p.334)

Esta característica viria mais tarde a ser assimilada por Antinucci e Miller (1976) ao facto de, para além de serem verbos pontuais, serem também verbos de *mudança de estado*.

A outra característica é a de que existia um desfazamento entre a emergência destas formas irregulares e a emergência das formas regulares com *-ed*, o que por sua vez levou a uma dupla interpretação. Por um lado essas primeiras formas não teriam um verdadeiro valor temporal:

"The first "past" tense forms to appear are irregular ones like *came*, *went*, *did*, etc. (Brown, 1973), but since no *-ed* forms occur at the same time with regular verbs, it seems reasonable to regard them as tenseless single morphemes." (Perkins, 1983, p.133)

Por outro lado quando aparecem essas primeiras formas regulares (por volta de 1;9) elas não têm o mesmo valor funcional/semântico que têm na linguagem do adulto dado que só se aplicam aos verbos de Mudança de Estado e não aos verbos Estativos ou aos verbos de Actividade, o que fez Antinucci e Miller concluírem que esta marcação era mais de natureza aspectual do que de natureza temporal. Por outro lado, e agora de novo no que se refere ao Italiano, quando aparecem no Passado estas duas classes de verbos tendem a aparecer no Imperfeito e não na forma participial e além disso surgem no contexto discursivo de "contar histórias". Como vimos em capítulo anterior (cap. II-3) Antinucci e Miller assumem que tanto o *Imperfeito* das crianças italianas como o *-ed* das crianças inglesas seriam, antes de serem marcas do Passado, marcas da distinção entre o Real/Actual e o Inactual baseando-se aliás numa tradição linguística que defende que tanto a função "Passado" do Imperfeito como as

formas verbais do Futuro e do Condicional, teriam as suas raízes no plano Inactual e seriam aliás "especializações" deste.

Uma concepção semelhante é proposta por I. Fonseca (1985); Como vimos anteriormente (cf.cap.I.1.1) esta autora partindo dos trabalhos de Benveniste e de Weinrich, defende a existência de *tempos deícticos primários*, "ancorados" na situação de enunciação e de *tempos deícticos secundários* ou anafóricos "ancorados" num ponto de referência textual. À semelhança de Co Vet (1980), Fonseca situa o Imperfeito como centro do sistema deíctico secundário e numa relação de anterioridade em relação a um momento de enunciação *T₀*, embora se não articule directamente com este mas sim com um ponto intermediário de natureza textual. Ora, o que I. Fonseca defende é que muitas vezes os tempos anafóricos são utilizados numa relação directa com um ponto de referência situacional *T₀*: "*Autrement dit, les temps à "vocation" narrative sont souvent utilisés dans le discours embrayé*" (p.289). Esta utilização dos tempos anafóricos, em relação directa com a situação de enunciação permitiria a criação de certos efeitos de sentido como por exemplo o *Condicional*, o *Imperfeito de "politesse"* ("*Vinha cá pedir se me podia ajudar*") e , caso que nos interessa particularmente, o *Imperfeito de "faz de conta"* de que a autora dá o seguinte exemplo: "*Eu era a mãe e tu eras a filha. Eu tinha ido às compras e chegava agora a casa. Eu tocava à campainha e tu*

abrias-me a porta" (p.290). E a autora adianta a propósito desta linguagem de "faz de conta":

"Il s'agit d'un usage des temps anaphoriques exclusif du langage enfantin, en portugais, qui se vérifie aussi dans d'autres langues romanes et qui a été décrit sous la désignation d'"imparfait ludique" ou "préludique" (...). En portugais, les enfants, en jouant, emploient l'*imparfait* et le *plus-que-parfait* (...) pour marquer le caractère fictif de ce qu'ils disent (font). (...) L'effet de cette utilisation des temps anaphoriques avec fonction déictique, des temps "narratifs" dans une situation discursive, est un type d'énonciation tout particulier, *sincrétique* du point de vue énonciatif, antérieur à une différentiation entre *discours* et *récit*. L'enfant *raconte* et *agit* en même temps: il fait, dans seul coup, le scénario, la mise en scène et la représentation. Bref, *il raconte ce qu'il est en train de dire (faire)*." (op. cit. p.290)

Embora esta abordagem seja extremamente interessante, julgamos que este Imperfeito lúdico, não representa uma expressão precoce do Imperfeito mas antes uma utilização já bastante sofisticada do mesmo, implicando competências narrativas e textuais que de facto não existem aos 2 e 3 anos de idade.

Comentando também algumas interpretações de "emergências marginais" do "Imperfeito Lúdico" na criança entre os 2 e os 4 anos Bronckart (1976) assinala:

"Cet type d'interprétation implique que l'enfant soit très tôt capable d'inferer l'hypothétique signification intrinsèque des flexions verbales, et d'y apporter des modifications; cette compétence nous paraît peu probable dans l'état actuel de nos connaissances des processus d'acquisition du langage." (op.cit.,p.36)

Aksu-Koç (1988) fez por outro lado notar uma contradição importante no trabalho de Antinucci e Miller. É que se para estes autores as formas Participiais reenviavam já de certa forma para o Passado então é contraditório pressupor por outro lado, que para que a criança mobilize a noção de Passado, ela tenha primeiro de passar pela distinção entre o Plano Actual e o Plano Inactual.

No remanescente deste capítulo trataremos com detalhe esta questão da emergência da expressão do Passado nomeadamente nas suas relações com os planos Actual e Inactual, com o Jogo Simbólico e com a Narratividade.

B) O PARTICÍPIO, O PERFEITO E O IMPERFEITO

Como já referimos, a situação para o Português, no que diz respeito ao Participio, será mais parecida com o Inglês do que com o Francês ou o Italiano, dado que as formas básicas do Passado (o P.Perfeito e o P.Imperfeito) não incluem uma forma participial (12).

O que podemos observar nos nossos dados são de facto algumas utilizações iniciais do Participio para acções resultativas, onde poderia ou deveria ter sido utilizado o P. Perfeito e mais tarde, uma forte associação entre o Participio e o

Presente Simples (ex: "*tá estragado, não anda*") reenviando então para características estruturais das situações e assumindo um carácter mais Atributivo do que Temporal ou Aspectual.

Quanto ao **Perfeito** e ao **Imperfeito** podem desde logo assinalar-se dois factos importantes: globalmente o P.Perfeito existe em muito maior quantidade que o P.Imperfeito, *mas sobretudo deve destacar-se que o P.Perfeito emerge muito mais precocemente do que o P.Imperfeito*, o que vem ao encontro dos resultados de Antinucci e Miller (1976) e de De Lemos (1981) e contraria claramente os dados e as propostas de Weist et al.(1984).

No total das 14 sessões de JM existem 9,4% de P.Perfeito contra 2,1% de P.Imperfeito (percentagens em relação ao número total de enunciados), mas enquanto que o P. Perfeito ocorre desde o início das observações, *o P.Imperfeito é completamente inexistente até à sessão VIII (inclusive)*. A partir da *sessão IX*, quando JM tem 2;4;23 surge pela 1ª vez o P.Imperfeito que passa então a surgir em *todas* as restantes sessões. Curiosamente o Imperfeito surge nas *sessões IX, X e XI* (cf. *Quadro XIX*) associado a um só contexto discursivo (ao PR, à Narrativa e ao PI, respectivamente) e a partir da *sessão XII* (aos 2;6;1) o Imperfeito começa a aparecer nos vários contextos discursivos, o que parece indicar que JM se apercebeu da

plurifuncionalidade desta marca verbal e em consequência começa precisamente a fazer dela um uso variado.

QUADRO XIX

UTILIZAÇÃO DO P. IMPERFEITO EM JM

	IX	X	XI	XII	XIII	XIV	TOTAL
A.A. (PI)	-	-	(1) 1,7%	(18) 31,0%	(10) 17,2%	(2) 3,4%	(31) 53,4%
P. REH.	(2) 3,4%	-	-	-	(5) 8,6%	(1) 1,7%	(8) 13,8%
J. SIMB.	-	-	-	-	(3) 5,2%	-	(3) 5,2%
D. FIG.	-	-	-	(5) 8,6%	-	(1) 1,7%	(6) 10,3%
NARRAT.	-	(4) 6,9%	-	(3) 5,2%	(2) 3,4%	(1) 1,7%	(10) 17,2%
TOTAL	(2) 3,4%	(4) 6,9%	(1) 1,7%	(26) 44,8%	(20) 34,5%	(5) 8,6%	(58) 100%

Porém, ao contrário do que seria de esperar em função das hipóteses de Antinucci e Miller o Imperfeito não surge especialmente associado à Narrativa nem tão pouco ao Jogo Simbólico. Pelo contrário, aparece sobretudo em contextos de Passado Imediato e também em contextos de Passado Remoto que estão essencialmente relacionados com o desaparecimento de objectos ou pessoas do *espaço deíctico* da criança (ex: "*tava aqui o homem.*")

Como vimos, as formas Imperfectivas no Passado só muito tardiamente aparecem (a partir da *sessão IX*). Até aí, nos contextos que o exigiriam ou o permitiriam são substituídas por formas Infinitivas ou por formas de Presente Simples.

Vejamos alguns exemplos onde essas formas Imperfectivas/
/Passado poderiam ter aparecido, ou porque o contexto as
tornaria obrigatórias, ou porque não sendo obrigatórias
seriam apesar de tudo prováveis (pelo menos no discurso dos
adultos). O primeiro exemplo que daremos corresponde a um
contexto de Passado Remoto:

17. *JM-II-2;0;23-p.18*

((*JM e o pai estão a falar sobre uma ida ao Jardim
Zoológico*))

P: o que é que tinha mais João?

JM: mama lande.
tum tis tis.
macaco a guitare, um a guitare hiiiiii!

Vejamos um outro exemplo, mais tardio, também de referência
a um *Passado Remoto*:

18. *JM-X-2;5;2-p.11*

P: João Miguel, João, foste andar de autocarro?

JM: dei, dei. (*andei, andei.*)

P: sim? andaste?

JM: foi ao (...) foi ao paicheio ((*passeio*)) e <tem um/
/dei no> comboio.

P: foste ao passeio?

JM: é um peicheio <*> um comboio.
ai o parú caiu.

P: ai o Perú caiu? o que é que viste no passeio, o que é
que tu viste?
o que é que tu viste? tinhas um bilhete, João? (...) tinhas
um bilhete de autocarro?

JM: tanho. (*tenho*)

Note-se que o último enunciado exigiria da parte de *JM* um Passado Imperfectivo ao qual ele responde com um Presente. Na *sessão XIII*, por exemplo, revela já um bom controle do Imperfeito de "estar" (verbo que aliás domina já em termos de contraste de pessoa, número, tempo e aspecto) como no exemplo seguinte:

19. *JM-XIII-2;6;18- p.5*

JM: não (...) não põe não (...) não põe, não (...) tá chêco. (*seco*)

A: tá seco?

JM: tá.

A: e há bocado tava molhado, não estava? (...) estava molhado?

JM: tava.
este não.

A: e esse como é que tava?

JM: tava molhado aqui (...) cova, cova (...) ((*refere-se à base do boneco que tem uma pequena concavidade.*))

No entanto, num contexto de Passado Remoto e com outro verbo que não o "estar", surgem de novo dificuldades, como é visível no seguinte exemplo.

20. *JM-XIII-2;6;18- p.9*

L: o que é que tu fazias na praia, João? ai (...) também tomavas banho na praia?

JM: não.

L: não?
brincavas só na areia? (...) o que é que tu fazias na praia?

JM: a megulhar.

Face à solicitação do adulto responde com uma forma Infinitiva embora com a preposição, o que do aspecto imperfectivo permite manter o traço Duratividade... Põe-se a questão de saber se esta dificuldade se deve mais ao contexto discursivo (Passado Remoto) ou ao novo verbo que a criança ainda não domina. Possivelmente as duas questões estão associadas já que o verbo "estar" aparece ligado a "um máximo de observabilidade" (De Lemos, 1987) logo ao Aqui e Agora, e a sua forma imperfectiva aparecerá em contextos de Aqui e Agora / Passado Imediato e não tanto ao Passado Remoto.

O exemplo seguinte trata de um "misto" entre Jogo Simbólico e Narrativa, mas que a criança como que não desloca para um plano Inactual, utilizando formas verbais que reenviam para o mundo real/actual.

21. JM-VI-2;2;27-p.24

JM: este é o lobo mau? ((pegando numa das figuras de uma caixa de música.))

A: o quê?

JM: é o lobo mau.

A: é o lobo mau?

JM: é.
vai come<r> o porco.

A: o que é que ele queria fazer? ele está aqui sabes para quê?

JM: come<r> os porquinhos.

O primeiro *P. Imperfeito* que surge, surge num contexto de Passado Remoto, num diálogo que aliás já citámos anteriormente a propósito da perfectização de Estativos e Actividades por parte da criança:

22. JM-IX-2;4;23-p.3

((JM, o pai e A. estão a falar sobre uma ida ao circo))

JM: "*havia buchica, havia buchica, havia uma buchica.*"

No entanto, a esmagadora maioria das formas Imperfectivas no Passado são expressões Locativas do tipo "estar + deictico de lugar", especialmente em contexto de Passado Imediato ou de Passado Remoto. E assim como o Progressivo está associado a um grau máximo de observabilidade (De Lemos, p. 163) e as formas participiais e perfectivas estão associadas a uma "actualidade" residual associadas ao significado "completivo", julgamos poder interpretar a forma Imperfectiva / Passado como o reverso da forma Progressiva. Ou seja, a criança comenta no Passado aquilo que deixou de ser observável. O Plano Inactual da criança, tal como é expresso nas suas formas verbais não tem tanto uma origem no imaginário ou no fictício, mas sim na ausência ou não observabilidade das entidades que estavam presentes no espaço deictico da criança. Essas entidades são ainda entidades de 1ª ordem: objectos físicos e pessoas e não tanto eventos. É muito possível que antes dessas 1ªs formas

imperfectivas e durante a sua emergência, apareçam abundantemente formas do tipo: "não tá aqui", "não tem", etc. Aliás seria bastante interessante relacionar a emergência destas formas verbais com o desenvolvimento da **Negação** na linguagem da criança. Com efeito, vários autores têm assinalado que as primeiras formas de negação na linguagem infantil começam por ser comentários de "não existência" e comentários sobre o desaparecimento de objectos ou pessoas, antes de constituírem comentários sobre o valor de verdade de uma determinada proposição (cf. Kim, 1985).

Vejamos agora em concreto que formas Imperfectivas é que aparecem e em que contextos é que surgem. Das cerca de 60 formas Imperfectivas contabilizadas em *JM*:

-33 correspondem ao Imperfectivo Passado do verbo "Estar" em predicacões Locativas: "*estava aqui*"; "*estava ali*"

-13 correspondem ao Imperfectivo passado do verbo "Ser", sendo 4 em expressões Locativas; 4 em expressões de marcação de "história" ("*era uma vez...*") e 5 em expressões de "definição funcional" ("*era para voar*") ou em construções presentativas: ("*isso era um mocho*").

Com excepção dos dois últimos tipos de expressões referidas para o verbo "Ser", todas as outras têm lugar em Predicações Locativas e em contextos de Passado Imediato ou de Passado Remoto.

Pode entretanto afirmar-se, que as formas que aparecem em contexto de Narração, Jogo Simbólico ou Descrição de Figuras, embora muito mais raras, são também muito mais variadas (*ex: "que atirava o pau ao homem"; "este ia passear"; "tava ali com as mãos e tava uma pedra na praia"*).

No que diz respeito a *PG* a observação do *Quadro XX* confirma de novo que ao contrário do que propuseram Antinucci e Miller, o Imperfeito não parece ter *origem* na Narrativa ou no Jogo Simbólico nem parece surgir especificamente associado à Narrativa. Ou melhor, embora ele apareça fortemente ligado à Narrativa, começa também por estar associado ao Passado.

QUADRO XX

A UTILIZAÇÃO DO P. IMPERFEITO EM *PG*

	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	TOTAL
A.A.P. (P)	-	-	-	-	-	(1) 1,6%	-	(1) 1,6%	-	(1) 1,6%	(3) 4,8%
A.A. (PI)	-	(2) 3,2%	-	(1) 1,6%	-	(4) 6,5%	-	-	-	-	(7) 11,3%
P. REM.	(2) 3,2%	-	(4) 6,5%	-	-	(5) 8,1%	(3) 4,8%	(1) 1,6%	(10) 16,1%	(4) 6,5%	(29) 46,8%
J.S.	-	-	-	(2) 3,2%	-	-	-	-	(1) 1,6%	-	(3) 4,8%
NARRAT.	(2) 3,2%	(9) 14,5%	(2) 3,2%	-	-	-	(2) 3,2%	(3) 4,8%	-	(2) 3,2%	(20) 32,3%
TOTAL	(4) 6,5%	(11) 17,7%	(6) 9,7%	(3) 4,8%	(0) 0,0%	(10) 16,1%	(5) 8,1%	(5) 8,1%	(11) 17,7%	(7) 11,3%	(62) 100%

Se em *JM* o Imperfeito aparece muito ligado ao Passado Imediato, em *PG* essa ligação decresce e o Imperfeito parece especializar-se mais no Passado Remoto. Simultaneamente, a sua ocorrência na Narrativa reforça-se. Assim, enquanto que na criança mais nova os *picos* de utilização do Imperfeito se situam no PI (53,4% dos Imperfeitos utilizados) e na Narrativa (17,2%), em *PG* esses picos situam-se no PR (46,8%) e na Narrativa (32,3%). Repare-se que a quantidade de Imperfeito na Narrativa reforçou-se bastante de *JM* para *PG*. Repare-se ainda que havia em *JM* um *pico* intermédio entre o PI e Narrativa que era o PR com um valor de 13,8%. Ora em *PG* esse *pico* intermédio inverteu-se, aumentando enormemente o Imperfeito no PR e diminuindo significativamente o PI; assim o Imperfeito parece ter-se "especializado" no Passado Remoto e na Narrativa.

Estes dados parecem dar razão a Bronckart (1985b) quando afirma a propósito do funcionamento do Imperfeito em dois tipos de texto: o "Récit conversationnel" e a "Narration":

"Malgré la complexification de son statut dans la narration, l'IMF fonctionne de manière semblable dans les deux types de textes. Il nous paraît donc plus correct de le considérer - à la suite de Benveniste - comme une forme commune aux deux «mondes» que sont la narration et le discours, que de l'attribuer au seul monde narratif comme le font Weinrich et Co Vet. A s'en tenir aux propositions de ce dernier, il paraît peu probable que le sujet, dans le cours de son récit conversationnel, change de «monde» à chaque fois qu'il passe du PC à l'IMF." (op.cit,p.665).

Bronckart propõe por isso adaptar o esquema de Co Vet e introduzir dois pares de Tempos Verbais, de valor aspectual diferente, que constituiriam "os pontos nodais dos dois mundos": o PR e o IMP para o mundo real ("Discurso"); o PS e o IMP para o mundo irreal ("Narração").

C) O DESENVOLVIMENTO DA NARRATIVIDADE E O INICIO DO FUNCIONAMENTO INTRA-TEXTUAL DOS VERBOS

O desenvolvimento das competências narrativas da criança tem dado origem a um vasto conjunto de investigações, sendo um dos principais pontos de discussão nesses trabalhos a questão do desenvolvimento da organização intra-textual dos verbos. Essa organização intra-textual prende-se com diversos níveis: com a ordenação temporal dos eventos entre si; com as relações entre a infraestrutura do texto (Quadro, Complicação, Resolução, etc. e as marcas de superfície características de cada uma dessas unidades; com as distinções Figura/Fundo onde as formas Imperfectivas marcam normalmente o Fundo ou segundo plano dos acontecimentos, e as formas Perfectivas que marcam normalmente a Figura, ou a linha principal dos episódios e eventos da Narrativa.

Para alguns autores esta organização intra-textual é um fenómeno bastante precoce (por exemplo Bamberg, 1987 detecta-a logo a partir dos 3 ou 4 anos de idade) para outros trata-

-se de uma aquisição bastante tardia. Por exemplo segundo Rebelo (1987) "*parece ser difícil encontrar nas produções infantis o funcionamento intratextual das formas verbais antes dos 8 anos*" (p.351), enquanto que para Fayol (1985) "*il faut attendre l'âge de treize ou quatorze ans pour que le fonctionnement intra-textuel des formes verbales corresponde à celui adulte (adulte cultivé)*" (p.118).

Karmiloff-Smith tem realizado um conjunto de estudos extremamente importantes para a compreensão da evolução desta problemática tendo-se centrado nos problemas postos pela passagem de uma gramática de frase para uma gramática de texto. E para esta autora, que começou por estudar esta passagem ao nível dos Determinantes do Nome (Karmiloff-Smith, 1979), as marcas linguísticas passariam, ao longo do processo de desenvolvimento da linguagem da criança, de uma função local e deíctica para um funcionamento textual e anafórico:

"Verbal morphology also first serves a local deictic function, pointing to the properties of the current event being focused upon. If the event is canonically durative (e.g. *to cry*), this is described by young children with durative aspect (e.g. *is crying*), irrespective of the position of the event in the story. However, older children who are sensitive to the discourse-marking functions of verbal morphology (foregrounding / backgrounding / closure of episodes, etc.) do not use durative aspect to describe such an event if it appears at the end of the story. These older children use expressions like *starts to cry* and *bursts on tears*, which transform the durative event into a punctual one, so that the discourse marking of closure of story coincides with the aspectual marker of the event." (1987, p.384)

Assim, enquanto nas crianças mais velhas a morfologia verbal também pode servir para marcar o fim de uma história, as crianças mais novas falam de um modo explícito, com frases do tipo: "acabou", "é o fim!". É isso basicamente que podemos observar nas "proto-narrativas" de JM.

Estas Narrativas emergentes limitam-se quase sempre a uma primeira frase de "sinalização" de início de Narrativa ("uma vez", "era uma vez") ou de finalização da Narrativa ("era uma história ca acabou.", JM-X-2;5;2-p.34; e cabou - fecha o livro- uma tória, é pan tória, acabou a história, JM-XII-2;6;1-p.26). Após a "sinalização" de início de história, passa de imediato para as denominações sem verbo ou para formas no Presente ou Infinitivas típicas da Descrição de Figuras:

23. JM-X-2;5;2-p.22

L: ai anda cá para a Lúcia ver a história, tá bem?

JM: eu conto! ((abre o livro e vai virando páginas.))

Z: é um conto.

JM: uma vez (...) o pai, poquinho! que foi?

((com uma prosódia de "contar histórias".))

L: mostra, anda contar para aqui (...) anda contar para

aqui, anda contar para aqui.

JM: <* * *>
uma porca!

Z: uma porca.

JM: tá entornar o leite.

L: hum?

JM: tá entornar o leite.

///

JM: aqui, aqui. *((aponta para o livro.))*

Z: mostra lá aqui, ao pé de mim.
onde é que é? aqui tá a entornar o leite? e mais?
conta lá mais uma histó (...)

JM: outa aqui. *((aponta.))*

Z: isso é o quê?

JM: é o <l>eite.

Z: o leite! conta lá mais.

JM: échoeite. *(isto é o leite.)*

Z: e mais?

JM: olh'ó ratinho! a empurrare!

Basicamente podemos afirmar que existe como que um *metatexto* (13) dos sinais exteriores da Narrativa, que depois de aplicar-se aos sinais de Abertura e Fechamento da Narrativa, começa a aplicar-se também ao seu interior, nomeadamente às marcas verbais que lhe são características. É neste contexto que podemos detectar em *JM* a emergência das primeiras formas Imperfectivas durante a Narração:

24. JM-X-2;5;:2-p.30

((JM está com L. a ver um livro infantil.))

L: (...) do gato Maltês, como é que começa? diz lá.

JM: uma vez um (...) uma (...)um gato Maltês.

L: era uma vez um gato Maltês (...)

Z: que (...)

JM: que atiava o pau ó ómo. *(que atirava o pau ao homem.)*

((deve ter feito uma associação com a canção "atirei o pau ao gato".))

L: que quê?

JM: atiava pó ómo.

L: quê, não percebo.

A: que quê, João Miguel?

JM: que atiava pó ómo, achim. *((simula o gesto de atirar um objecto.))*

(...)

P: conta lá a história, João.

L: era uma vêz um gato Maltês que (...)

Z: o que é que ele fazia? diz lá para a Lúcia ouvir.

JM: aqui um gato Maltês. *((aponta para algo na página do livro.))*

E finalmente, vejamos o "terminus" de uma história em JM:

L: e aqui? o que é que o (...) o que é que o gatinho
estava a fazer aqui? deixa ver aqui,
aqui!
aqui quem é? quem é aqui?

JM: <*> era uma estóra ca acabou. *(era uma história que acabou.)*

Em *PG* começamos por observar não propriamente textos mas frases justapostas ou coordenadas, em situações de interacção com os adultos. Uma das diferenças mais marcantes em relação a *JM* é a preocupação com a sequencialização dos eventos, nomeadamente através da utilização dos conectores "e", "depois", "e depois".

25. *PG-I-2;7;16-p.16*

((PG senta-se ao colo da mãe e abre um livro.))

PG: a menina tiou os sapatos (...)

M: sim, e depois?

PG: tiou as caças e foi pó banho com os cações.

M: há? a menina tirou os sapatos, as calças e foi pó
banho com os calções, é?

PG: é (...) e já tiou.

M: <* *>?

PG: já.

M: já?

PG: e já, e já foi pó banho.

M: e vai pó banho?

PG: vai.

26. *PG-I-2;7;16-p.18*

A: tá a fazer o quê, o menino?

PG: tá a come<r> um ovo, tá come<r> <* *> (...)
e foi às compas.

A: e foi às compras?

PG: e, e levou a mala (...)
<levou a mala dele>

A: foi com quem?

PG: foi com a mãe dele.

A: e depois?

PG: e <de>pois foi às compas.

A: e depois das compras?

PG: compou isto (...) ((aponta para o livro.))
<de>pois comeu as bo<l>inhas.

A: comeu o quê?

PG: as bo<l>inhas.

A: as bolinhas? as ervilhas.

PG: e tá a dormire <*>.

A: tá a dormir a sesta? (...) é a sesta Pedro?

PG: e foi, e foi à rua.

A: foi à rua!

PG: e comeu bolacha.

A: e comeu bolachas.

PG: e comeu bebidas!

Mais tarde, *PG* conseguirá produzir narrativas deste tipo sequencial, mas já sem a necessidade da constante interacção com o adulto, conseguindo sustentar sózinho formas relativamente longas de discurso:

27. *PG-IX-3;3;5-p.18*

PG: o, o gato chinês depois foi ó, ó médico pa, pa ir pá
<* *> e depois foi descansar no hospital
e depois foi pá casa dele.

M: o, o gato chinês.
então e nesta folha o qué que aconteceu? ((*M. mostra um livro a PG.*))

PG: ele comeu as folhas todas e o pato foi à procura do peixinho <* *> e pescou e comeu todo<s> <secos> e <*> pescados, e <de>pois pes, pescou e <de>pois pôs no baco e <de>pois foi pa, pa ele e <de>pois ele comeu!

Mas em *PG* podemos começar a observar formas bem mais sofisticadas de narrativa:

28. *PG-VII-3;2;1-p.7*

PG: e <de>pois o lobo mau foi, tada aqui, tava a fugir, tava a apanhar, e de repente foi <o lobo mau> <*>, uaa! (...) e agora foi ao pé do lobo mau <* *> uaaum! comeu o capuchinho vermelho, ponto!
(*comeu o capuchinho vermelho, pronto!*)

Repare-se que neste último exemplo *PG* para além dos conectivos "*e depois*", "*e agora*" e da co-ocorrência e combinação de formas *imperfectivas* com formas *perfectivas*, apresenta ainda expressões com um carácter nitidamente aspectual/rítmico como "*e de repente*" no meio da narrativa e "*pronto!*" no final da narrativa.

VI.3.5. ADVÉRBIOS E OUTRAS EXPRESSÕES TEMPORAIS

A) "HOJE", "ONTEM" e "UM DIA"

No corpus de *JM*, não aparecem os advérbios "*hoje*" e "*ontem*" ao passo que no de *PG* eles começam a aparecer embora sejam quase sempre usados incorrectamente ou de uma forma muito hesitante. Logo na *sessão II* de *PG* podemos constatar isso mesmo:

29. *PG-II-2;8;0-p.3*

A: olha, tu hoje não foste à escola? ((*são 19.00 horas e A. sabia que PG não tinha ido à escola.*))

PG: foi.

A: foste?

PG: não!

A: não foste?

PG: inda não foi, inda não foi, inda vai! (*ainda vai*)

A: não vais?

PG: inda vai.

A: quando?

PG: à minha, à minha escolinha!

A: quando é que vais à tua escolinha ?

PG: então é, é mais hoje!

A: hum?

PG: é mais hoje!

A: é hoje ou é amanhã?

PG: é hoje.

A: ainda vais hoje à escola?

PG: vai.

A: pergunta lá à mãe se vais hoje à escola.

PG: ó mãe vai, vai à escolinha?

M: vais à escolinha quando? (...)
quando é que vais à escolinha?

*((enquanto fala, a mãe não está visível
para a criança.))*

PG: tá li.

((referindo-se à mãe que se aproxima.))

M: mas vais quando?

PG: aí.

((referindo-se à mãe que já está junto de si.))

M: vais hoje à escolinha?

PG: vai.

M: hoje não.

PG: hoje não!

M: quando é que vais Pedro?

PG: eu vou, eu não vou à minha escolinha.

M: hoje não vais à tua escolinha.
então vais lá quando? (...)
vais lá quando? (...) vais ontem?

PG: não.

M: ah!
não é amanhã?

PG: é.

Continuamos a constatar esta confusão na *sessão VII* quando
 PG tem já 3;2;1.:

30. PG-VII-3;2;;1-p.27

PG: ó mãe, mas um dia (...) foi a mãe toma<r> banho.

M: um dia a mãe foi tomar banho foi?

PG: pois.

amanhã foi toma<r>, foi toma<r> duche <*> co Pedro.

M: um dia a mãe foi tomar banho (...) e amanhã o

 Pedro(...)

PG: <* *> foi dormir.

M: amanhã, o Pedro (...) (*M. vai escrevendo o que PG diz.*)

PG: foi dormir.

M: foi dormir.

PG: e amanhã foi tomar banho.

M: e amanhã foi tomar banho.

PG: e <*> foi bincar.

M: há?

PG: e amanhã foi bincar.

M: e amanhã foi brincar?

PG: <* * *> vai bincar.

Finalmente, na última sessão, aos 3;3;21 continuamos a poder observar a confusão entre "ontem" e "amanhã":

31. PG-X-3;3;21-p.1

A: quando é que foste cortar o cabelo, foi hoje?

PG: não, foi amanhã.

A: foi amanhã ou foi ontem?

PG: foi, foi amanhã.

A: ontem!

PG: amanhã (...) ontem!

A: foi ontem!

PG: foi.

A: foi ontem ou amanhã?

PG: ontem.

Outro aspecto interessante tem a ver com a utilização da expressão "um dia", como modo de referência a um tempo indefinido do Passado. Esta expressão começa por surgir em relatos de experiência pessoal e em contextos narrativos de "contar histórias" (PG sessão VII: "um dia um elefante um leão (...) e mais um (...) um <*>") não sem que antes passe por alguns momentos de grande confusão, como mostra o exemplo seguinte: "eu fui ontem um dia à escola" (PG-V-p.9).

Aliás, é extremamente interessante observar como PG se apropria desta expressão para praticar uma espécie de "jogo com a linguagem" que consiste em tomá-la como tema de base

para sucessivas e diferentes predicacões a partir dessa base, como forma de melhor se apropriar do seu significado e dos contextos possíveis para a sua utilização:

32. PG-VII-3;2;1-p.28-29

((PG está a inventar uma história que a mãe vai registando sob a forma escrita.))

PG: tenho mais, agoa (agora) um dia (...) vou contar outa história. o Quintas foi fi<l>mar (...)

M: o Quintas foi filmar?

PG: sim.

M: um dia ó Quintas (...) um dia o Quintas foi filmar! isso é uma história muito comprida.

PG: um dia foram pachear!

M: um dia foram passear?

PG: sim.

(...)

PG: um dia (...) foram jantare!

M: um dia foram jantar.

PG: um dia foram fa, fazer chichi

M: um dia foram fazer chichi.

PG: sim.

(...) *((M. conversa com A.))*

PG: <*> foram bincare (...) e um dia foram anda<r> de

 baco. (...)

e um dia foram anda<r> de baco (...)

ó mãe um dia foram anda<r> de baco!

((PG põe-se de pé na banheira e consegue voltar a captar a atenção da mãe.))

M: um dia foram andar de barco.
 ai falta um dia foram andar de barco.
((falta escrever))
 mas olha eu acho que isto não é uma história.

PG: é uma história sim! (...)
 oh mãe olha o João! *((o irmão de PG inclinou-se para dentro da banheira.))*

(...) *((M. conversa com A.))*

PG: ó mãe um diiii (...)

ó mãe um dia! (...)

ó mãe, um dia (...)

mãe! *((PG esforça-se para que a mãe lhe volte a dar atenção.))*

M: um dia, sim?

PG: foi tomar banho com <*> (...) olha eu vou-me lavar sozinho.

B) A SEQUENCIALIZAÇÃO DOS EVENTOS E DAS ACÇÕES DO SUJEITO

Uma das principais diferenças entre *JM* e *PG* é a de que em *JM* as frases verbais aparecem quase sempre inseridas num *enquadramento espacial*, sendo os deícticos de lugar "aqui" e "ali" omnipresentes (*exemplos*: "olha aqui"; "tá aqui/ali"; "guarda chuva para pôr aqui"; "tem olhinhos aqui"; "este anda por aqui"; pumba catrapumba caiu daqui!"; "o comboio vai, o comboio vai aqui."). Em *PG*, esta omnipresença dos deícticos de lugar é parcialmente substituída por uma constante preocupação pela *sequencialização dos eventos* que o sujeito narra ou presencia ou pela *sequencialização* das descrições das acções do sujeito sobre os objectos. Aparecem-nos assim orações justapostas e coordenadas, com uma utilização superabundante dos conectivos "e" e "e depois" bem como do advérbio "já" enquanto indicador do "início" ou do "terminus" de determinada acção ou evento e de "agora" como localizador do início de um evento numa *sequência* de eventos.

Exemplos:

A) Acções sobre objectos

33. PG-

PG: "depois este é aqui, não é?"
 "e este é aqui, não é mãe? (...) oh mãe e este é aqui, não é?"

34. PG-X-3;3;21-p.9

PG: ago<r>a tu dizes estes, tá bem? depois eu diz estes, e (de)pois diz pois tu dizes os animais todos, tá bem? tá bem?

B) Narrativa

35. PG-VII-3;2;1-p.5

PG: <de>pois foram comer queijo e pois foram, <*> bincar
<* * *> a papa e pois foram comer morangos e depois
foi dormir.

Isto não significa que em *JM* não existam também algumas tentativas e estratégias de *sequencialização*. Essas tentativas existem desde uma idade muito precoce mas limitam-se praticamente às acções do sujeito sobre os objectos:

36. JM-I-2;0;2-p.1

JM: pingas (...) pingas (...) agora etc.

37. JM-IV-2;1;25-p.2

JM: "vai cair, agora, agora, agora, agora."

C) COMEÇAR vs ACABAR e CAIR vs ACABAR

Um contraste interessante envolvendo termos aparentemente simétricos ou opostos, mas que têm uma emergência muito desfazada um em relação ao outro é o da oposição *Começar / Acabar*. Sendo o verbo "acabar" bastante frequente tanto num corpus como noutro, o verbo "começar", pelo contrário surge rara e tardiamente:

38. *PG-VIII-3;2;15-p.9*

PG: "o polícia, e depois vrrrruu vai andar e este começou a andar vrrruu e aque (...) e este tá a andar."

é ainda interessante assinalar que o verbo "*cair*" é muito mais frequente em *JM* do que em *PG* e que pelo contrário, o verbo "*acabar*" é bastante mais frequente em *PG* do que em *JM* o que pode significar que as predicções de *JM* são essencialmente centradas nos *Objectos*, (sendo o verbo "*cair*" um indicador privilegiado do movimento dos *objectos* no Espaço) ao passo que as predicções de *PG* estão já mais centradas em *Eventos* (sendo o verbo "*acabar*" um indicador privilegiado do "movimento" dos *eventos* no Tempo).

D) "*JÁ*" / "*AINDA*" , "*ANTES*" E "*DEPOIS*"

é ainda interessante referir que se em *JM* o advérbio "*já*", bem como "*agora*" têm uma emergência muito precoce, aparecendo regularmente desde as primeiras sessões, o mesmo não acontece com "*ainda*" que quase não ocorre no corpus de *JM*. Pelo contrário, em *PG* o contraste "*já*"/"*ainda*" está perfeitamente estabelecido e é utilizado de forma sistemática e produtiva.

39. PG-U-2;11;1-p.13

PG: "não, não, não inda não acabou, falta o resto."

Para ambas as crianças, a expressão "já" funciona quer como marca do início do evento, quer como marca do seu fim: "já está andar"; "já parou". Mas "já" é um marcador de fronteira que é utilizado para limitar o início e o fim de *eventos isolados*. Esta superabundância de "já" para referência a eventos isolados, bem como a absoluta ausência da preposição "antes" acompanhada pela superabundância de "depois" e "e depois" leva-nos a concluir com Aksu-Koç que a criança nestas idades trata os eventos isoladamente com recurso ao **Aspecto Lexical** e não ao **Aspecto Relacional**. Com efeito "depois" e "e depois" aparecem sempre para fazer uma referência unidireccional, deslocando os eventos "para a frente", sempre na mesma direcção temporal. Só quando a criança adquirir o advérbio "antes" e conseguir funcionar com ele de uma forma sistemática e contrastiva com "depois", poderá estabelecer relações de anterioridade/posterioridade entre os eventos, a partir de um ponto de vista subjectivo e em que a ordem da enunciação não esteja essencialmente dependente da ordem de ocorrência dos eventos no real.

PARTE VII - CONCLUSÕES

VII. CONCLUSÕES

Contrastámos neste trabalho duas perspectivas opostas quanto ao desenvolvimento do Sistema Temporal e Aspectual na criança. Por um lado analisámos a perspectiva mais tradicional segundo a qual existe um período inicial da Aquisição destes sistemas em que o Aspecto predomina sobre o Tempo Verbal. Por outro lado apresentámos a visão oposta, segundo a qual não existem razões para supôr que exista esse predomínio do Aspecto sobre o Tempo. Segundo esta perspectiva, a principal diferença entre o sistema Temporal da criança e o sistema Temporal do adulto, reside no facto de que na criança o Tempo do Evento e o Tempo de Referência estariam ainda indiferenciados entre si e relacionar-se-iam em bloco com o Tempo da Fala ou Momento da Enunciação. Ainda de acordo com esta perspectiva, a criança dominaria precocemente tanto o sistema deíctico do Tempo Verbal, como o sistema Aspectual deíctico e não deíctico; ou seja, a criança dominaria precocemente o Aspecto Situação e o Aspecto Perspectiva, sendo capaz de apresentar cada tipo de situação a partir de um ponto de vista Perfectivo ou a partir de um Ponto de vista Imperfectivo. As implicações desta perspectiva de análise são basicamente as seguintes:

- A criança é muito precocemente capaz de fazer referência a eventos que ocorrem num Passado Remoto, mesmo que esses

eventos não tenham qualquer traço residual no momento presente;

- A morfologia verbal que reflecte as relações deícticas do Tempo Verbal, não está inicialmente condicionada pelas características Aspectuais das Situações.

A análise que fizemos da linguagem de duas crianças entre os 2;0;2 e os 3;3;21 é mais favorável à primeira perspectiva do que à segunda, ou seja, é mais favorável à chamada Hipótese do Aspecto antes do Tempo. Verificámos com efeito, que a criança mais nova tem grandes dificuldades no que diz respeito à referência ao Passado Remoto e que por outro lado a sua morfologia verbal estava bastante dependente das características aspectuais intrínsecas aos verbos utilizados. Ambas estas características se atenuavam consideravelmente na criança mais velha e até na criança mais nova, a partir da idade de 2 anos e 6 meses que parece ser uma idade charneira, de transição entre o período em que o Aspecto predomina sobre o Tempo Verbal, para o período seguinte em que esta influência diminui substancialmente.

Algumas críticas mais recentes à Hipótese do Aspecto antes do Tempo contestam a validade desta hipótese argumentando que os estudos até agora realizados sobre esta matéria teriam sempre como unidade de análise o verbo e não a frase ou o texto, não tendo por outro lado em conta os contextos

discursivos em que ocorrem essas expressões verbais. Por exemplo Gerhardt (1988) pretende ver nos estudos que suportam a Hipótese do Aspecto antes do Tempo uma visão objectivista da linguagem:

"Ultimately, the current version of the aspect hypothesis relies on an objectivist view of language (language as used to represent objective features of events assumed to be transparently represented by different aspectual classes of verbs), and hence does not acknowledge the child's attempt to present events from a particular perspective for a particular discourse purpose."
(Gerhardt, op. cit., pág.343)

No entanto estas críticas terão de ser matizadas pelo seguinte: esta visão do funcionamento do sistema verbal corresponde basicamente a uma descrição do tempo e do aspecto ao nível do seu funcionamento *intra-textual*. Simplesmente aos 2 anos de idade não se pode dizer propriamente que a criança já produza *textos*.

Para Aksu-Koç (1988) é a própria natureza dos dados recolhidos nas idades mais precoces que impede a consideração do Aspecto como "ponto de vista" do sujeito sobre uma determinada situação. Como afirma Aksu,

"The more recent studies or interpretations of early inflectional development, which adopt a more broader definition of aspect as a subjective viewpoint of the speaker (...) have also revealed that aspectual marking is at first strongly conditioned by verb semantics and serves the

function of focusing on the different temporal phases of events per se. Aspectual distinctions indicating one's subjective point of view regarding the temporal flow of an event or the relationship between events have not been observed to emerge during this early period of acquisition." (pág.43)

Defendendo embora que o Aspecto deve ser considerado como uma "categoria relacional" envolvendo modos subjectivos de relacionamento com as situações a partir da perspectiva do sujeito Aksu-Koç defende também que o "carácter aspectual" dos verbos tem a ver com um domínio concreto e referencial que reenvia para a estrutura dos eventos considerada a partir de um ponto de vista objectivo. E afirma:

" All the studies reviewed on the early inflectional period suggest that aspect at first is a concrete referential rather than a relational category, in that it is the event structure and not the subjective perspective of the speaker which governs aspectual marking." (pág. 44)

Esta diferença entre o *aspecto relacional* (morfológico) e o *aspecto referencial* (lexical) é importante já que o primeiro, devido à sua maior plasticidade, será fundamental para a expressão linguística de relações temporais não deícticas. Embora ambos estes aspectos sejam interdependentes eles não são idênticos:

"(...) a verb, just by virtue of being a specific type of verb, does not indicate aspect like morphological markers which signal a specific event perspective over and beyond that presented by the choice of a given lexical item." (Aksu-Koç, op.cit. pág.39, sublinhado nosso)

Aksu defende que só na 4ª fase do desenvolvimento das expressões linguísticas de referência temporal, (fase a que como vimos, chamou de *Referencia Temporal Complexa* e que corresponde, grosso modo, à fase a que Weist chamou de "*Free Reference Time System*", cf. cap.II.2. do presente trabalho), quando a criança começa a construir um sistema não deictico de referência temporal é que é possível observar-se a utilização do Aspecto como "ponto de vista subjectivo":

"when children start making complex tense constructions to express anteriority/posteriority relations, current relevance of past states and the like, they are in fact marking aspectual distinctions. We can talk about the full expression of aspect as an indicator of "subjective point of view", when these linguistic means are used to present events in an order independent of their order of occurrence in real time, that is , to indicate viewpoints from different perspectives." (Aksu,pág.35)

Esta perspectiva é perfeitamente consentânea com os dados por nós obtidos e com as análises que fomos expondo ao longo deste trabalho.

NOTAS

 NOTAS AO CAP. I.1.

(1) Parece entretanto existir hoje um certo consenso em afirmar que o Futuro constitui uma categoria mista, com um valor simultaneamente modal e temporal (cf. Lyons, 1977; Mateus et al. (1983); Oliveira, 1985).

(2) Perspectiva esta que conduz ao reconhecimento da distinção entre um *plano actual* e um *plano inactual* da enunciação, distinção essa que reputamos de fundamental e que iremos tendo em conta ao longo do presente trabalho.

(3) Isto é especialmente nítido em Weinrich quando por exemplo afirma: "El imperfecto, el perfecto simple y los otros tiempos del grupo II son, pues, señal de que nos encontramos ante una narración. Su misión no consiste en anunciar que nos encontramos ante un pasado." (Weinrich, 1974, p. 103).

(4) Co Vet (1980) assinala que uma descrição adequada do sistema temporal deve ter em conta três critérios: 1) o seu carácter deictico, 2) o número de sub-sistemas temporais que se devem distinguir, 3) o número de pontos de referência necessários para precisar as relações entre os tempos.

(5) Estas diferenças de interpretação teórica são aqui sublinhadas porque elas emergem nos estudos empíricos sobre aquisição, muitas vezes de uma forma não explícita, o que dificulta a interpretação dos dados e dos problemas.

 NOTAS AO CAP. I.2.

(1) Mourelatos (1981) caracteriza assim esta oposição: "In Russian for example, verbs articulate themselves in what are known as "imperfective versus perfective aspectual pairs". Thus, corresponding to the two English verbs "treat" and "cure", Russian has a single verb in two aspectual forms - "lecit", imperfective, conveying the activity sense of "treat", and "vylecit", perfective, carrying the achievement sense of "cure" (p. 195).

A consulta de algumas gramáticas elementares do Russo permite-nos de facto confirmar que pelo menos para as formas verbais passadas, o Perfectivo tem um valor resultativo / completivo: por exemplo se tentei telefonar a alguém mas não consegui, utilizo um aspecto Imperfectivo, caso contrário utilizo um Perfectivo.

(2) Lyons (1977) e Brinton (1988) referem que o termo "Aspecto" seria uma tradução insatisfatória do termo russo "Vid" o qual se referiria à oposição Perfectivo / Imperfectivo existente nas línguas Eslavas. O termo ter-se-ia então estendido a oposições gramaticalizadas em línguas particulares, oposições essas que teriam a ver com noções como duratividade, instantaneidade, frequência, inceptividade, cessação, etc.

(3) O termo "situação" é aqui utilizado, como um termo neutro, para designar várias classes de predicados: Estados, Processos, Eventos, etc. cuja discriminação e designação varia de autor para autor.

(4) Naturalmente que ao lado destes valores aspectuais as abordagens formais têm também identificado nestas formas verbais os seus valores não aspectuais. Assim, no Progressivo destaca-se a contingência, a simultaneidade, a focalização no comportamento manifesto; no Perfect destaca-se o passado indefinido, o "embedded past" e o presente "alargado".

(5) Posição que é comentada bastante negativamente por Bickerton (1983): "(...) an approach like Comrie's which tries to extract some kind of Platonic core meaning from terms like "perfective" and "imperfective", totally ignores the fact that the units of grammatical subsystems cannot be defined independently of those systems - that, in consequence, what "perfective" and "imperfective" mean, in any subsystem where such labels are applicable, is entirely determined by how many other units that subsystem has and what the other units mean." (p.177)

(6) A. Freed parece situar o "onset" de um evento na realidade extra-linguística e ter como um dos critérios para a sua identificação, a sua experiencição pelo sujeito. Ora, parece que este "onset" não é expresso no aspecto lexical do verbo principal, mas sim nos auxiliares ("vou nadar"; "vou estudar") e nos aspectualizadores ("começar a..."; "iniciar o...") ou noutras opções mais de tipo lexical. Por exemplo, se estava a começar a espirrar e não espirrei, não digo que comecei a espirrar mas sim que "estava com vontade de espirrar". O Loc. faz opções sobre o modo como quer descrever o estado de coisas." Assim, em construções como "vou nadar" ou "vou estudar", o Loc. está a escolher o intervalo de tempo anterior ao início do evento. Isto é, está a referir-se ao "onset". A utilização de um verbo "pleno", sem auxiliares, ou a não utilização de aspectualizadores, implicaria então que se tivesse já atingido o 1º ponto do segmento do NUCLEO, isto é, que o evento se tivesse já iniciado. Estas concepções de Freed não podem deixar de fazer lembrar as concepções de Guillaume e a sua distinção entre o "potencial" e o "realizado" na expressão verbal.

(7) Poderia assim dizer-se que se alguém estava a iniciar um cozinhado mas foi interrompido, então não chegou a começar a cozinhar; mas se alguém estava a começar um cozinhado e foi interrompido então, mesmo assim, já teria começado a cozinhar.

 NOTAS AO CAP. I.3.

(1) A "paternidade" desta distinção é atribuída por vários autores a G. Lakoff (1966): "Stative Adjectives and Verbs in English" (não publicado). Neste trabalho o autor defende que esta distinção abrange não só os Verbos mas também os Adjectivos. Assim "alto" seria um Adjectivo Estativo ("João está a ser alto.") e "cuidadoso" seria um Adjectivo Não Estativo ("João está a ser cuidadoso").

(2) Na falta de uma tradução estabilizada para o Português dos termos criados por Vendler, nomeadamente dos dois termos mais "estranhos" ("Accomplishments" e "Achievements"), resolvemos manter ao longo de todo este trabalho os termos originais em Inglês, a fim de não contribuir para uma possível escalada na confusão terminológica já de si tão perturbadora neste domínio da investigação. Acresce que, apesar de termos tentado, não obtivemos êxito em descortinar uma tradução satisfatória para tais termos e conceitos.

 NOTAS AO CAP. II.1.

(1) Com base neste quadro conceptual, Bruner (1985) propôs a existência de um "parcialmente inato" "Language Acquisition Support System (LASS)": "I see it as a counterpart to some sort of Language Acquisition Device (LAD). LAD is what makes it possible for the child to master the constitutive rules of his native language without a sufficient sample of instances to support his inductive leaps. (...) The function of LASS is to assure that input will be a form acceptable to the recognition routines of LAD, however those recognition routines may eventually be described." (Bruner, 1985, p.28).

(2) Sachs retoma de Hocket o termo "deslocamento" que envolve tanto o domínio temporal como o domínio espacial; o *deslocamento espacial* envolve a referência a objectos que não estão presentes no contexto imediato e o *deslocamento temporal* envolve a referência a eventos passados ou futuros. Sachs sublinha a importância capital que este tipo de referência tem quer no plano da interacção social quer no plano do pensamento e isto tanto ao nível ontogenético quanto ao nível histórico-social: "The ability to refer to objects or events not in the current context is widely recognized as one of the most important features setting language apart from others forms of communication. (...) In thinking, we represent objects and events that are not currently at hand. In the evolution of thought, the use of a symbolic system with the capacity for displaced reference would have broadened the possibilities for information storage, problem solving, and planning enormously. It even allows for the possibility of hypothesizing, lying, and fantasizing." (Sachs, op.cit., pp.2 e 3).

(3) Diversos estudos sobre a comunicação referencial entre crianças mostram por exemplo que estas tendem a atribuir sempre ao receptor e nunca ao emissor as falhas numa situação de comunicação diádica e que por outro lado são incapazes de, enquanto emissoras, identificarem a informação que seria relevante para o receptor captar correctamente a sua mensagem. Por exemplo, se num jogo de comunicação uma criança pretende dizer "flor azul" mas inadequadamente diz apenas "flor" e em resposta o seu receptor aponta para uma flor encarnada, a criança emissora é não só incapaz de corrigir a sua mensagem como também tende a "culpar" o receptor pelo falhanço na comunicação (cf. por exemplo E. Robinson, 1983 e S. Sonnenschein, 1984)

(4) As definições operacionais de "Passado Imediato", "Passado Remoto", etc. e os problemas que essas definições necessariamente colocam serão discutidos nos capítulos V.1. e V.2.; Por agora bastará dizer que no seu estudo, Sachs define como "Passado Imediato", a referência aos eventos que tinham acabado de ocorrer e como "Passado Remoto" a referência a eventos que tivessem ocorrido pelo menos duas horas antes do Momento da Enunciação.

(5) K. Nelson defende que a representação de eventos é para a criança a forma básica e primitiva de representação: "We go further to suggest that events, incorporating changes of state, are the initial content of mental representations, and that stable mental elements (e.g. concepts, categories) are derived from them" (1986, p.3). Não podemos deixar de pôr em evidência o paralelismo que existe entre esta hipótese e as propostas de Antinucci e Miller quanto aos processos de aquisição do Tempo e do Aspecto. Como veremos nos capítulos seguintes, estes autores afirmam que as crianças começam por flexionar no Passado os verbos de Mudança de Estado, bastante antes de o fazerem com verbos Não Dinâmicos. De facto se estas são as formas de representação mais primitivas da criança, então será de admitir que ela manifeste inicialmente uma maior sensibilidade aos verbos que mais claramente se relacionam com eventos que implicam mudanças de estado.

(6) De Loache (1983) mostrou que mães de crianças entre os 24 e os 30 meses, numa situação de interacção a propósito do álbum de fotografias da família, raramente punham questões aos seus filhos que implicassem aspectos específicos dos eventos retratados, embora pusessem questões que tinham a ver com o conhecimento geral dos objectos e eventos representados nas fotografias. Estes dados foram interpretados como confirmativos da hipótese de Nelson de que as evocações mais precoces de eventos são feitas sob a forma de "scripts" generalizados e não por evocação de experiências pessoais específicas.

(7) Sobre as capacidades de referência ao Passado nestas crianças, Weist comenta ainda que tanto as crianças mais novas como as mais velhas teriam feito referência a eventos que tinham ocorrido duas semanas antes. No entanto as crianças mais novas fá-lo-iam através de proposições únicas (ou seja, utilizando um único verbo flexionado) enquanto que as crianças mais velhas (cerca de 2;5) já eram capazes de enunciados multi-proposicionais na descrição de um evento passado, utilizando diferentes verbos na descrição dessa experiência.

(8) Traduzimos por "sobreposição" aquilo a que as autoras chamam de "shading": "the topic involves a change of focus rather than a discrete transition from one topic to another." (p.527)

(9) O "MLU" ("*Mean Utterance Length*") é uma medida do comprimento médio dos enunciados da criança (medido em número de morfemas) e que é normalmente utilizada nos estudos de aquisição da linguagem com crianças até aos três anos por se considerar ser este um índice mais fiável da competência linguística da criança do que a sua idade cronológica. Este índice foi criado por Brown (1973) e será discutido e utilizado na Parte IV deste trabalho.

(10) Estas autoras partem das teorizações de Labov e Waletzky sobre as narrativas de experiências pessoais. Nos seus trabalhos, Labov e Waletzky distinguiram as seguintes unidades estruturais nas narrativas de adultos e adolescentes: "Abstract"; orientação; complicação; avaliação resolução e coda. Aos 2;5 porém as narrativas das crianças observadas por Miller e Sperry eram bastante incipientes e não eram analisáveis em termos desta estrutura.

NOTAS AO CAP. II.2.

(1) Valerá a pena recordar aqui essas quatro obras pioneiras dos estudos sobre a linguagem infantil: De Laguna, 1927, "*Speech, its function and development.*"; W. e C. Stern, 1928, "*Die Kindersprache.*"; A. Grégoire, 1937-1947, "*L'Apprentissage du Langage*"; W.F. Leopold, 1939-1949, "*Speech Development of a bilingual child.*"

(2) Estas expressões "proto-aspectuais" foram especialmente analisadas por De Lemos (1981;1987).

(3) Werner e Kaplan defendem que o desenvolvimento da expressão da temporalidade reflecte dois princípios básicos do desenvolvimento: "The ontogenesis of temporal expressions shows clearly the operation of two important developmental principles. First, it reflects the general *principle of increasing differentiation*. Temporality is initially embedded, or even "buried," in the expression of specific, concrete-affective action. Later, though still bound to action, it begins to be distinguished from the concrete action; this is reflected through modulation of the action-designator (verb). Finally, temporality becomes clearly differentiated from the action themes, insofar as it is now expressed through general linguistic indices which are attached to the whole classes of verbs. Second, it reflects the *principle of the exploitation of old means for novel functions*. The child in his initial expressions of temporality employs available action words which imply or allude to time-of-action. Only later does he advance to the understanding and use of specific linguistic devices for codifying temporality." (p.403)

(4) Sobre as relações entre representação mental e acessibilidade à codificação linguística (bem como acessibilidade à consciência) veja-se o importante artigo de Karmiloff-Smith (1986).

(5) Stephany (1986) faz notar que nesta fase, bem como nas seguintes, os enunciados modalizados expressam predominantemente a modalidade deôntica e não a modalidade epistémica.

(6) Aksu-Koç vê a categoria do Futuro emergir a partir da categoria do Não-Passado. Stephany propõe que ela se constitui, histórica e ontogeneticamente, entre a modalidade deôntica e a epistémica (cf. op.cit. p. 399).

(7) Bronckart cita os dados de Grégoire (1937) e de Malrieu (1973) que mostraram que a partir dos três anos as crianças francófonas eram capazes de produzir "os quatro tempos principais": o *Présent*, o *Passé-Composé*, o *Futuro Simple* e o *Imperfeito*.

NOTAS AO CAP. II.3.

(1) Para comparação com o Inglês, Antinucci e Miller analisaram ainda o corpus de uma das crianças estudadas por Brown (1973).

(2) Bloom et al. (1980) embora considerando os resultados de Antinucci e Miller basicamente compatíveis com os seus, consideram que no seu estudo, as crianças usavam desde o início três flexões (-ing; -s e IRREGULAR) que "were clearly influenced by the aspectual contour of actions rather than only their end states." (p.407).

(3) Assim sendo haveria que pôr a hipótese de que verbos de actividade não iterativos (ex. "dormir") surgiriam mais tarde ou então por outra via.

(4) Naturalmente que este comentário evoca desde logo o caso da língua portuguesa em que mesmo os adultos fazem uma utilização semelhante do Imperfeito substituindo o Condicional pelo Imperfeito.

(5) Bloom et al. (op.cit.) distinguem explicitamente entre emergência e aquisição. Brown (1973) utilizou como critério de aquisição de um morfema, a sua presença em 90% dos contextos obrigatórios em três amostras sucessivas de duas horas. A ordenação das aquisições era portanto feita com base neste critério. No estudo de Bloom et al. eram considerados os morfemas antes de terem atingido o critério dos 90%. Pretendia-se estudar a emergência dos morfemas e não tanto o facto de já estarem ou não adquiridos. Com base neste critério Brown tinha estabelecido para o Inglês americano a seguinte ordem de aquisição da morfologia verbal: -ing < Irregular < -ed < -s. No estudo de Bloom et al. (1980) as flexões (-ing; -s; Irregular) emergiam simultaneamente ainda que distribuídas selectivamente consoante os tipos de verbos em causa.

(6) As autoras distinguem dentro dos Verbos de Acção, os Verbos de Acção Não-Locativa (o movimento não implica uma mudança locativa do objecto ou pessoa) dos verbos de Acção Locativa (que implicam uma mudança locativa do objecto ou pessoa). Já num trabalho anterior (Bloom, Miller e Hood (1975) tinham observado diferenças desenvolvimentais entre Verbos de Acção e Verbos de Estado e entre Verbos de Acção Locativos, Verbos de Acção Não Locativos e Verbos de Estado. Dentro dos de Acção Locativa distinguem ainda três tipos: a) "Agent-Locative Action"; b) "Mover-Locative Action" e c) "Patient-Locative Action". Em Bloom, Lifter e Hafitz (1980) verificaram que as três flexões -ing; -s e Irregular emergiam simultaneamente mas começavam por ocorrer em contextos sintácticos restritos. Por exemplo -s ocorria só em contextos com acção locativa de um Agente sobre um Paciente e em que o constituinte pré-verbal era o Paciente (ex: X tem um carro na mão e diz: "goes on there"); -ing e Irregular ocorriam só em contextos de Verbo de Acção. A medida que a criança se desenvolvia as flexões tendiam a alargar a sua ocorrência a vários contextos sintácticos e naturalmente, em cada contexto era possível encontrar as diferentes flexões. No entanto, apesar destas restrições sintácticas as autoras consideram que "the selective use of different morphemes was largely determined by the inherent aspectual meaning of the individual verbs" (p.405).

(7) P. Friedrich, P. (1974), "On Aspect Theory and Homeric Aspect". *International Journal of American Linguistics*, 40 (4): 1-44.

(8) Esta concepção de verbos de Estado não deixa de ser bastante problemática (cf. Smith e Weist, 1987) e não deixa de ser surpreendente encontrar no trabalho de Bloom et al. verbos como "open", "sit" e "find" como verbos estativos perfectivos. Há aqui uma certa "mistura" entre a noção de Perfect (um processo que leva a um determinado resultado) e a noção de Perfectivo. Uma concepção semelhante parece ser a de Herculano de Carvalho (1984) para quem existiriam verbos inerentemente Perfectivos (dizer,

chegar, partir) e verbos inerentemente Imperfectivos (*falar, viver, pensar, dormir*) considerando ainda existirem Perfectivos Durativos (*dire, voire, entendre*) e Perfectivos Não-Durativos (*arriver, partir, entrer, sortir*). O que parece estar em causa nestas definições são as dimensões Completivo e/ou Resultativo. Para estes autores os Completivos/Resultativos seriam Perfectivos e os Não Completivos Não-Resultativos seriam Imperfectivos. Apesar das dúvidas quanto à classificação, é significativo que no estudo de Bloom et al. sejam estes "Perfectivos" (portanto verbos de tipo completivo / resultativo) dos primeiros verbos a serem flexionados o que está de acordo com os resultados de Antinucci e Miller.

(9) Bloom et al. situam estes resultados face aos resultados anteriores de Brown (1973). Como já foi referido, este autor tinha observado para o Inglês americano uma determinada sequência de aquisições morfológicas ao nível do verbo. Este e outros estudos que haviam confirmado essa sequência pressupunham como afirmam Bloom et al. "*that the grammatical morphemes are learned sequentially, and apply in general to all of a child's verbs*" (op. cit., p.387). Este pressuposto não é no entanto suportado por esta investigação já que, como outras (Antinucci e Miller, Bronckart e Sinclair) mostra que apesar de existir uma emergência simultânea de diversas flexões (*-ing ; -s ; Irregular*) estas se distribuem selectivamente consoante o tipo de verbos em causa.

(10) Para Weist et al. (op.cit.) as crianças "saem" do sistema do "Aqui e Agora" (o 1º sistema temporal ou "Sistema do Tempo da Fala", na terminologia daqueles autores), entre a idade de 1;6 e os 2;0 e situam a emergência do TR entre os 2;0 e os 2;6, na fase a que chamam de "Sistema do Tempo do Evento".

(11) Na realidade Bloom e Harner (1989) procederam a uma análise estatística dos dados brutos fornecidos por Weist et al. e argumentaram que aqueles dados eram não só perfeitamente compatíveis com a "Hipótese do Aspecto Antes do Tempo" como também largamente comprovativos da mesma. Esta análise de Bloom e Harner será retomada em detalhe na alínea B) do cap.VI.2.3. do presente trabalho, capítulo esse em que procedemos a uma comparação entre os nossos dados e os de Weist et al., bem como a um contraste das duas interpretações.

(12) Weist et al. analisam expressões do tipo "*Eu comeu chocolate*" e observam que se a criança estivesse a comentar o resultado seria mais provável encontrarmos expressões do tipo: "*não tem*"; "*não tem chocolate*"; "*foi-se embora*". É possível no entanto que Weist esteja a analisar expressões de uma fase posterior à que é hipotetizada por Antinucci e Miller. Expressões como as referidas parecem-nos ser de facto abundantes na fala infantil.

(13) Haveria que fazer aqui toda uma "psico-sociologia" das formas de apresentação, circulação e repercussão dos trabalhos de investigação científica. No entanto limitemo-nos a tomar como sinal da "institucionalização" do modelo de Weist o facto de ter sido este o autor escolhido para a elaboração do capítulo relativo ao Tempo e ao Aspecto na última edição do *Manual* de Fletcher e Garman que em parte funciona como uma espécie "Whose's Who?" nos diversos domínios da investigação sobre a Aquisição da Linguagem. Além disso o trabalho de Weist surge sem comentários críticos em alguns bons Manuais recentes de Introdução à Psicolinguística ou aos estudos de Aquisição da Linguagem, como sejam o de Taylor e Taylor (1990) ou o de S.Foster (1990).

(14) O que terá levado um crítico do livro de Fletcher e Garman a comentar a propósito do capítulo de Weist: "Weist's chapter on the development of tense and aspect is a gold mine of crosslinguistic data on the topic. It has lots of trees, but not a very insightful view of the forest." (Peter Reich, 1988, p.202)

NOTAS AO CAP. IV.

(1) Um aspecto importante nestes autores é o de que não propõem um "modelo de substituição" (o modo sintáctico substituiria definitivamente o modo pragmático) mas sim um modelo de coexistência. Sob certas condições o adulto retorna ao modo pragmático (por exemplo, no discurso informal, no discurso não planeado, etc.).

(2) Este tipo de ocorrências tem provocado as mais diversas perplexidades entre os investigadores. A questão está em saber se podemos de facto identificar categorias linguísticas na linguagem inicial da criança e se sim, saber se elas são de natureza sintáctica ou semântica ou ainda saber se obedecem essencialmente a factores de ordem pragmática. O problema põe-se quer em relação às categorias gramaticais como Nome, Verbo, etc. quer no que diz respeito a relações gramaticais como a relação Sujeito-Objecto. Por exemplo, M. Maratsos (1981) afirma: "Present evidence does not justify the use of such formal categories as noun and verb, or subject and object, to describe children's early speech" (p.245).

Têm sido apresentados vários argumentos para apresentar uma base semântica para a emergência das categorias sintácticas e também para relacionar essas categorias semânticas com categorias cognitivas básicas. As categorias semânticas teriam alguma base na saliência perceptiva de certos fenómenos. Grace e Suci (1985) sugerem que há diversas correlações entre determinadas categorias cognitivas e seus correlativos semânticos. Por exemplo categorias como Agente e Paciente teriam uma realidade psicológica tanto para crianças como para adultos. E dimensões semânticas como, Activo/Passivo e Animado/Inanimado constituiriam o fundamento de categorias como "Experienciador" e "Instrumento". As autoras sugerem a seguinte progressão na linguagem precoce da criança: Em primeiro lugar as crianças começam por usar uma categoria genérica de "iniciador de acção" e posteriormente estabeleceriam uma diferença entre iniciadores de acção animados e iniciadores inanimados. Para estas autoras, a categoria *Agente* seria particularmente saliente tanto para crianças como para adultos mesmo em estímulos não linguísticos. Por exemplo quer em Tagalog (uma língua *V O S*) quer em Inglês (*S V O*) existiria uma estratégia perceptiva geral para atribuir o papel de Agente ao primeiro Nome de uma frase.

Slobin (1981) propõe que existe uma relação estreita entre situações prototípicas no mundo real e formas canónicas no mundo da linguagem. Um exemplo de uma situação prototípica seria uma entidade Animada a provocar uma mudança de estado ou de lugar num Paciente, através de alguma forma de contacto físico. As situações prototípicas seriam codificadas pelas formas mais básicas da gramática de uma língua, a que Slobin chama de "formas canónicas". Por exemplo no Inglês um evento prototípico seria codificado por uma frase simples declarativa do tipo *SVO*. Em Turco seria codificada não pela ordem das palavras, mas pelas flexões de caso. E Slobin e Bever (1982) estudando esta questão em línguas que variam bastante quanto aos parâmetros "grau de dependência da ordem de palavras" vs "grau de dependência do sistema flexional" (nomeadamente o Inglês, o Italiano, o Servo-Croata e Turco) concluem: "Contrary to earlier expectations based on the alleged naturalness of fixed word order, the acquisition of Turkish is not at all impaired by the fact that word order is not a cue for semantic relations. Nor is there evidence from Turkish for a natural subject-first, agent first, or *SVO* schema." (op.cit. p.256)

(3) Registe-se que Tarallo (1990, p.152) admite que "a ordem verbo-sujeito nas línguas românicas parece bem mais antiga do que sujeito-verbo."

(4) Esta posição não nos parece incompatível -como pretende Foster (1990,p.155)- com as hipóteses que fazem derivar as categorias sintácticas das categorias semânticas, o que aliás é claramente expresso

por Bates e Mac Whinney: "children may use natural categories like actor, topic and action on the way to discovering abstract categories like subject and predicate." (1982,p.186)

(5) Brown (1973) no entanto rejeitou esta hipótese, entre outras razões com base no argumento de que as violações da ordem das palavras seriam pouco significativas quando comparadas com o número de enunciados que respeitavam a ordem normal: "I conclude that there is nothing in the notion that topic and comment represents a sentence organization prior to organization into subject and predicate." (p.132)

No entanto, este mesmo trabalho de Gruber é tomado por Givón (1979) como evidência do funcionamento da criança no modo pragmático: "Hints suggesting that early child language is basically of the pragmatic mode come as early as Gruber (1967), with his now-forgotten observation that early child language seems to abound with topics at the expense of subjects. For a while, this pioneering insight was buried under a veritable avalanche of purely syntactic studies purporting to document the acquisition of structure without reference to communicative skills. By now, the pendulum has swung the other way, and a growing number of studies show that children first acquire a communicative system and that in all fundamental ways this early communicative system exhibits the characteristics of our pragmatic mode." (p.101)

Para além das diferenças teóricas, registam-se na literatura diferenças empíricas importantes. O número de violações da "ordem normal" e os tipos de ordem encontrados variam bastante de criança para criança, o que pode apontar para diferenças inter-individuais nas estratégias de aquisição da linguagem.

NOTAS AO CAP.V.

(1) Significativamente é deste contexto que provém aquilo a que poderíamos chamar de uma primeira "referência metalinguística" (JM-I-p.3,1.14-16) quando JM se refere ao título de um livro de banda desenhada como "um (...) dois (...) três", com uma prosódia de quem está "a ler".

(2) Nesta como noutras secções de resultados, são referenciados no texto os resultados globais de cada criança acompanhados por "Quadros Globais" que dizem respeito aos dados do total das observações para cada criança. Sempre que se referirem resultados específicos a uma sessão determinada ou análises longitudinais/evolutivas relativas às progressões da criança ao longo do conjunto das sessões, deve consultar-se o caderno de "Anexos ao Volume I- Dados Quantitativos", onde estão discriminados todos os dados sessão por sessão. Quando remetemos para um "Anexo nº...", estamos a remeter para esse caderno.

NOTAS AO CAP.VI.1.

(1) Excepto alguns casos que considerámos como "pergunta retórica", em que a criança realmente parece não esperar uma verdadeira resposta do adulto. Ex.: a criança está à mesa para jantar e vê uma comida de que não gosta ou que não lhe apetece e "pergunta": "Eu não quero, pois não?". Aliás nestes casos é normal que a criança reformule a sua questão e a apresente sob a forma de asserção taxativa...

NOTAS AO CAP. VI.2.

(1) "The best semantic characterization I can hit on for the child's catenatives is "intentionality" or "imminence". They were used to name actions just about to occur, a kind of immediate future which was often also a statement of the child's wish or intention." (Brown, 1973, p.318.)

(2) Ao longo deste trabalho referir-nos-emos por vezes às fases definidas por Brown, como "Estádio I", "Estádio II", etc. Estas fases, que contêm características morfo-sintácticas específicas que não descreveremos neste trabalho, foram definidas por Brown a partir dos valores do MLU e do "Comprimento do Enunciado Mais Longo". Os valores apresentados pelo autor para a definição de cada um destes "estádios" são os seguintes:

Stage	Target value	
	MLU	Upper Bound
I	1.75	5
II	2.25	7
III	2.75	9
IV	3.50	11
V	4.00	13

(3) Deve dizer-se que o número de predicções locativas não dá uma ideia clara da importância que os deicticos de lugar têm no discurso da criança. De facto, grande número de expressões predicativas que não sendo basicamente Locativas contêm apesar de tudo esses deicticos (ex: "leva aqui uma mala"; "anda por aqui"; "pegou aqui", etc,etc.) podendo mesmo afirmar-se que estes deicticos são omnipresentes no corpus de JN.

(4) Classificámos a expressão "está doente" como forma Participial e não como forma Atributiva/Adjectival, sempre que a criança a utilizava como sinónimo de "está estragado" / "está partido", em relação a bonecos e outros brinquedos inanimados. Esta expressão aparece nestes casos com uma função semelhante à das formas Participiais ou seja, como indicação de Mudança de Estado ou qualificação de Estado Não Canónico. Noutros casos classificamo-la como Atributiva/ Adjectiva como por exemplo quando se refere ao irmão que está doente (sessão VII) ou numa situação de jogo simbólico em que os bonecos estão doentes e vão para o hospital (sessão XII).

(5) O número total de Atributivas com "Ser" é de 22 ao longo das 14 sessões e aparecem só a partir da sessão III.

(6) Fletcher (1985) afirma a este propósito:

"Both Brown (1973) and Kuczaj (1978) observed that children apparently recognize the existence of a distinction between stative and non-stative verbs, because they do not overextended the -ing suffix to the stative type. As often is the case with statements about what children do or do not say, it is a well to treat this generalization with caution. On 13.12.79 this conversation took place between Sophie and Fran:

- F. what will you give daddy for his
Christmas present
S. me not knowing
me not knowing
F. you don't know

This looks as though it is exactly the kind of overextension that Brown and Kuczaj are unable to find in their data. It has to be said that these are the only examples in our data of the inappropriate use of *-ing*, but they nevertheless suggest that Sophie may not have classified verbs into those that allow a 'temporary duration' meaning (and so can have an *-ing* suffix) and those that do not (like *know*), at least at the age of 2;6." (op. cit. p.121)

Um exemplo semelhante no nosso corpus é o seguinte:

PG-VI-3;1;15-p.15:

((A. e PG. estão a comentar um livro que contém diversos animais "estranhos")).

PG: ah! (...) agora o qué que parece?

A: agora é um coelho com patas de galinha.

PG: eu tou, eu já tou <?> ea tou a chaber é achim. (ea estoa
a saber)

A: o quê?

PG: ea tou a chaber.

A: tás a saber?

PG: é (...) eu tou case a ser gande e eu vou saber o qué,
o qué qu'isto, o qué qu'isto me seve pa,
pa fazer o quê.

A: pois.

(7) Vejam-se por exemplo dois outros agrupamentos possíveis:

	Prog. s/Estar	Prog. c/Estar
Sessões I a IX	$\bar{X} = 4,2$	$\bar{X} = 2$
Sessões X a XIV	$\bar{X} = 4,6$	$\bar{X} = 6$

	Prog. s/Estar	Prog. c/Estar
Sessões I a IX	$\bar{X} = 4,2$	$\bar{X} = 2$
Sessões X e XI	$\bar{X} = 7,5$	$\bar{X} = 2,5$
Sessões XII a XIV	$\bar{X} = 2,6$	$\bar{X} = 8,3$

- F. what will you give daddy for his
Christmas present
S. me not knowing
me not knowing
F. you don't know

This looks as though it is exactly the kind of overextension that Brown and Kuczaj are unable to find in their data. It has to be said that these are the only examples in our data of the inappropriate use of *-ing*, but they nevertheless suggest that Sophie may not have classified verbs into those that allow a 'temporary duration' meaning (and so can have an *-ing* suffix) and those that do not (like *know*), at least at the age of 2;6." (op. cit. p.121)

Um exemplo semelhante no nosso corpus é o seguinte:

PG-VI-3;1;15-p.15:

((A. e PG. estão a comentar um livro que contém diversos animais "estranhos")).

PG: ah! (...) agora o qué que parece?

A: agora é um coelho com patas de galinha.

PG: eu tou, eu já tou <*) ea tou a chaber é achim. (ea estoa
a saber)

A: o quê?

PG: ea tou a chaber.

A: tás a saber?

PG: é (...) eu tou case a ser gande e eu vou saber o qué,
o qué qu'isto, o qué qu'isto me seve pa,
pa fazer o quê.

A: pois.

(7) Vejam-se por exemplo dois outros agrupamentos possíveis:

	Prog. s/Estar	Prog. c/Estar
Sessões I a IX	$\bar{X} = 4,2$	$\bar{X} = 2$
Sessões X a XIV	$\bar{X} = 4,6$	$\bar{X} = 6$

	Prog. s/Estar	Prog. c/Estar
Sessões I a IX	$\bar{X} = 4,2$	$\bar{X} = 2$
Sessões X e XI	$\bar{X} = 7,5$	$\bar{X} = 2,5$
Sessões XII a XIV	$\bar{X} = 2,6$	$\bar{X} = 8,3$

Embora estas distribuições alternativas possam apontar para uma outra distribuição que sublinha a existência de picos diferenciais na utilização ou não utilização de "estar", o facto é que em qualquer delas notamos uma diferença substancial na utilização de "estar" a partir da sessão XII.

(8) Na realidade existem algumas realizações mais precoces mas com um carácter muito esporádico. Assim temos logo na sessão III (p.17) duas expressões com um Progressivo completo. JN está a dialogar com a avó, a propósito de uma revista com imagens: "6666 tão a estagar o pópó!"; "666, tá a estagar o dois (...) pópós".

(9) Para tornarmos gráficamente mais clara esta evolução, excluimos do Gráfico VII a referência à sessão I; esta sessão é relativamente atípica relativamente às outras sessões iniciais dado que surge aí mais formas no Presente Simples do que no Progressivo. No entanto, essas Formas Simples aparecem em imitações do adulto ou em expressões ritualizadas.

NOTAS AO CAP.VI.3.

(1) Esta relação de associação entre os tipos de verbos e tempos verbais pode até manter-se com uma certa "força" na linguagem dos adultos, hipótese que não vimos empiricamente testada em nenhum lugar.

(2) Alguns verbos revelaram-se inclassificáveis (podiam enquadrar-se em mais de uma categoria ou então não existiam suficientes dados para a sua classificação) e foram por isso postos de parte. *Os verbos modais e os auxiliares não foram incluídos na análise.*

(3) Os testes utilizados por Weist et al.(1984) foram os seguintes:

ESTADOS

1. A forma Imperfectiva não pode ocorrer como complemento de "persuadir"
2. A forma perfectiva tem uma significação ingressiva (ou incoativa)

ACTIVIDADES

1. O imperfectivo presente implica o perfectivo passado (se se está a X (progressivo) e se se pára de X então X (Passado)).
2. Frases com "quase" significam que a acção não começou.

ACHIEVEMENTS

1. Como complementos de "acabar", "terminar", ou "começar" as formas imperfectivas têm uma significação iterativa.
2. As formas perfectivas não podem ser usadas com o advérbio "gradualmente".

ACCOMPLISHMENTS

1. Como complemento de "acabou de" o imperfectivo infinitivo não implica o passado perfectivo.
2. quando a forma perfectiva é usada com a preposição "em", tem o significado de que o processo teve lugar durante o intervalo.

Para ser classificado numa destas categorias era necessário (mas não suficiente) que a forma verbal passasse nos dois testes da categoria.

(4) Para além das objecções de ordem teórica e das dificuldades práticas da aplicação da tipologia de Vendler ao discurso da criança, cremos também que Weist coloca uma fé excessiva na objectividade dos testes em causa e na realidade ontológica das distinções propostas. Outros autores revelam-se mais cautelosos. Por exemplo Moens e Steedman (1988) afirmam: "it cannot be stressed too often that these aspectual profiles are properties of sentences used in a context: sense-meanings of sentences of verbs in isolation are usually compatible with several (or even all possible) Vendlerian profiles, as Dowty and Verkuyl have pointed out-Hence the frequent use of words like "typically" and "readily" above." (p.17).

(5) Frequentemente, a criança dá um aspecto completivo /tético a verbos de Actividade que em principio não teriam esses traços semânticos. Brinton (1988) partindo da *Teoria Localista*, procura sustentar que os verbos e partículas aspectuais em Inglês têm origem em expressões espaciais. De facto nesta língua podemos encontrar uma imensidade de vestígios espaciais em partículas associadas a verbos ("break up", "round out", "wear down", "read over", "shut off", "fade away", "think through" cf. Brinton, p.162). Brinton afirma que as partículas dos "phrasal verbs" em inglês perderam o seu significado concreto e assumiram um valor aspectual: "The exact nature of this aspectual meaning is frequently unclear, though "perfective" meaning is most commonly cited. However, the aspectual meaning of particles such as "up", "down", "off", "over", "out", "through", and "away" is better understood as an aktionsart meaning, namely that of expressing the goal or endpoint of a situation." (Brinton, 1988, p. 163) (sublinhado nosso). De facto em todas as expressões referidas se nota esse efeito de perfectização, mas haveria que fazer ainda todo um levantamento daquilo a que De Lemos (1981) chamou de expressões "proto-aspectuais" e que desempenham basicamente as funções assinaladas por Brinton.

(6) A este propósito Dowty (1979,p.58) assinala: "Since I have used an intransitive verb "walk" to illustrate the activity class, it might be supposed that the presence or absence of an object accounts for the difference between the two classes (activities e accomplishments). However there are activity verbs which do take objects. For example, *push a cart or drive a car* (...).

(7) Dowty (1979,p.61) reconhece a dificuldade da distinção entre estes dois tipos de predicções afirmando: "In fact, I have not been able to find a single activity verb which cannot have an accomplishment sense in at least some special context."

(8) Em relação a *P8* só foi feito o levantamento das formas verbais no *Passado*.

(9) Com excepção da *sessão VII* onde aparecem 10 ocorrências.

(10) Weist apresenta os seguintes dados: "Considering only a sample of our data on Polish (Weist et al. 1984), the comparable figures for verbs in the past tense are as follows: Marta (1;8) 14 per cent activity, 10 per cent achievement, and 10 per cent accomplishment; Wawrzon (2;2) 8 per cent activity, 12 per cent achievement, and 12 per cent accomplishment; and Agatka (2;8) 13 per cent activity, 11 per cent achievement, and 6 per cent accomplishment. If one pools together achievement and accomplishment verbs, it can be shown that Polish children produce approximately twice as many telic as activity verbs in the past tense." (1986, p.361).

(11) A este propósito, não deixa de ser interessante citar o seguinte comentário de Bickerton aos dados apresentados por Bronckart e Sinclair (1973): "Like all the acquisition charts I have ever seen, this one does not show a consistent and steady rise from low to high percentages of correct forms; rather it shows the familiar fever-chart zigzags before coming to rest(...)" (Bickerton, 1981, p.168).

(12) Por outro lado existem diferenças importantes em relação ao Inglês: é que por um lado existe um contraste claro entre Perfectivo / Imperfectivo no Passado e por outro lado o Português não apresenta, no que diz respeito aos verbos, o grau de regularidade que a maior parte dos verbos do Inglês apresentam.

(13) Alguns autores apelidaram este fenómeno de "Especularidade", a qual estaria presente não só na aquisição da Narrativa, mas de um modo geral, em todo o processo de Aquisição da Linguagem (cf. Camaioni et. al. 1985). Scollon e Scollon (1981) tratando especificamente da aquisição da Narrativa tratam este processo como uma forma de "ficcionalização do Self" enquanto Narrador.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ALVES, H. S. (1987)- Ser ou Estar: Eis a Questão. *In Actas do 3º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 3-16. Lisboa.
- ANTINUCCI, F.; MILLER, R. (1976)- How Children Talk about what Happened. *Journal of Child Language*, 3, 167-189.
- AKSU-KOÇ (1988)- *The Acquisition of Aspect and Modality: the case of past reference in Turkish*. Cambridge, Cambridge University Press.
- BENVENISTE, E. (1978)- *O Homem na Language*, Arcádia, 2ª ed., Lisboa.
- BAMBERG (1987)- *The Acquisition of Narratives*, Mouton de Gruyter-Berlin- New York- Amsterdam.
- BATES, E.; B. MAC WHINNEY (1982)- Functional approaches to grammar. In E. Wanner; L. Gleitman (Eds.) *Language Acquisition: The State of the Art*. London, New York, Cambridge University Press.
- BATORÉO, H. J. (1989)- *A Categoria Linguística Aspecto no Discurso Conversacional de uma Criança Bilingue aos Cinco Anos de Idade*. Dissertação de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva, Faculdade de Letras de Lisboa.
- BATORÉO, H. J. (1989)- Realizações pragmáticas do aspecto no discurso de uma criança de cinco anos de idade. *In Actas do V Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Faculdade de Letras, Univ. Lisboa.
- BLOOM, L.; MILLER, P.; HOOD, L. (1975)- Variation and Reduction as Aspects of Competence in Language Development. In Anne D. Pick (Ed.) *Minnesota Symposia on Child Psychology, Vol. 9*, pp. 3-55, The University of Minnesota Press, Minneapolis.
- BLOOM, L.; LIFTER, K. e HAFITZ, J. (1980)- Semantics of Verbs and the Development of Verb Inflection in Child Language. *Language, Vol. 56, Nº 2*, 386-412.
- BLOOM, L. e HARNER, L. (1989)- On the developmental contour of child Language: a reply to Smith & Weist. *Child Language*, 16, 207-216.
- BICKERTON, D. (1981)- *Roots of Language*, Karoma Publishers Inc., U.S.A.

- BOWER T. (1977)- *O Mundo Perceptivo da Criança*, Moraes Editores, Lisboa.
- BRINTON, L. J. (1988)- *The Development of English Aspectual Systems*, Cambridge University Press, Cambridge.
- BRONCKART, J. P. (1976)- *Genèse et Organisation des Formes Verbales chez l'enfant - De L'aspect au temps*. Dessart et Mardaga Editeurs , Bruxelles. -
- BRONCKART, J. P. (1977)- Le temps en Linguistique, en Psycholinguistique et en Pédagogie, *Bulletin D'Audiophonologie*, n°7, 48-71.
- BRONCKART, J. P. (1982)- Verbes et catégories verbales; vers une approche textuelle, *Bulletin CILA*, 35, 7-20.
- BRONCKART, J. P. (1985a)- *Le Fonctionnement des Discours- Un Modèle Psychologique et une Méthode d'Analyse*. Delachaux & Niestlé, Neuchâtel- Paris.
- BRONCKART, J. P. (1985b)- Les Opérations temporelles dans deux types de textes d'enfant. *Bulletin de Psychologie*, n°371, 653-666.
- BRONCKART, J. P. (1987)- *Interactions, Discours, Significations* (Mimeo; publicação em "Langue Française".)
- BRONCKART, J. P. e SINCLAIR, H. (1973)- Time, tense and aspect. *Cognition*, 2, 107-130.
- BROWN, R. (1973)- *A First Language: The Early Stages*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press.
- BRUNER, J. (1978)- The role of dialogue in Language Acquisition. In A. Sinclair, R.J. Jarvella & W.J.M. Levelt (Eds.), *The Child's Conception of Language*. Berlin: Springer-Verlag.
- BRUNER, J. (1983)- *Child's Talk: Learning To Use Language*. New York: W.W. Norton & Co.
- BRUNER, J. (1985)- Vygotsky: a historical and conceptual perspective. In J.V. Wertsch (Ed.) *Culture, Communication and Cognition- Vygotskian Perspectives*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CAMAIONI, L.; CAMPOS, M.F.C.; de LEMOS, C. (1985)- On the failure of the interactionist paradigm in language acquisition: a re-evaluation. In W. Doise and A. Palmonari (Eds.) *Social Interaction in Individual Development*. Cambridge: Cambridge University Press.

- CAMPOS, H. C. (1984)- *Preterito Perfeito Simples/Preterito Perfeito Composto: Uma Oposição Aspectual e Temporal. Letras Soltas, 2*, 11-53, Univ. Nova Lisboa.
- CAMPOS, H. C. (1987)- O preterito Perfeito Composto: Um Tempo Presente? *In Actas do Terceiro Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 75-85. Lisboa
- CAMPOS, H. C.; XAVIER, F. (1991)- *Sintaxe e Semântica do Português*, Universidade Aberta Lisboa.
- CARRANZA, J. A.; BRITO, A. G.; TORRECILLA (1984)- Un estudio sobre la comprensión de terminos espacio-temporales en niños de 4 a 6 años. *Infancia y Aprendizaje, 26*, 111-118.
- CARVALHO, J. H. (1984)- Temps et Aspect: Problèmes Généraux et leur Incidence en Portugais, Français et Russe. *Estudos Linguísticos, 32 Vol.* pp.199-235, Coimbra Editora, Coimbra.
- CASTILHO, A. de (1981)- O Projecto NURC e a Sintaxe do Verbo. In *Estudos de Filologia e Linguística. Homenagem a Isaac N. Salum. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP*, pp.181-193.
- CLAHSEN, H. (1984)- The Acquisition of German Word Order: A Test Case for Cognitive Approaches to L2 Development. In Andersen, R. W. (Ed.), *Second Languages - A Cross-Linguistic Perspective*, Newbury House Publishers, Inc., Rowley, Massachusetts.
- CLARK, E. V. (1971)- On the acquisition of the meaning of "before" and "after". *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior, 10*, 266-75.
- CLARK, E. V. (1980)- Strategies for Communicating. In A. K. Pugh, V. J. Lee and J. Swann (Eds.) *Language and Language Use*. Heinemann Educational Books / The Open University Press.
- CLARK, E. V. (1983)- Meanings and Concepts in P. H. MUSSEN (Ed.) *Handbook of Child Pshychology, Vol.III*, New York.
- CLARK, E. V. (1985)- The acquisition of Romance, with special reference to French. In D.I. Slobin (Ed.), *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition, Vol.1: The Data*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- COMRIE, B. (1976)- *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge, Cambridge University Press.
- COMRIE, B. (1985)- *Tense*. Cambridge, Cambridge University Press.

COULTHARD, M. (1977)- *An Introduction to Discourse Analysis*. Longman.

CO VET (1980)- *Temps, Aspects et Adverbes de Temps en Français Contemporain: essai de sémantique formelle*. Genève, Droz.

CO VET (1981)- La notion de «monde possible» et le système temporel et aspectuel du français. *Langages*, 15 (64), 109-124.

CROMER, R. F. (1984)- The Acquisition of Language. In P. McGuffin, M. F. Shanks and R. J. Hodgson (Eds.), *The Scientific Principles of Psychopathology*. pp. 313-337, Academic Press, London, Orlando and New York.

CUNHA, C.; CINTRA, L. (1987)- *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, 40 ed., Lisboa.

CZIKO, G. A. (1987)- A Japanese child's use of stative and punctual verbs. *Journal of Child Language*, Vol.14, 99-111.

CZIKO, G. A. (1988)- The language bioprogram hypothesis: a reply to Youssef. *Child language*, 15, 669-671.

DAHL, ö. (1981)- On the Definition of the Telic-Atelic (Bounded-Nonbounded) Distinction. In Tedeschi, P. J.; Zaenen, A. (Eds.), *Syntax and Semantics, Vol.14, Tense and Aspect*, Academic Press, New York.

De LEMOS, C. (1981)- Interactional Processes in the Child's Construction of Language. In W. Deutsch (Ed.) *The Child's Construction of Language*. London, Academic Press.

De LEMOS, C. (1987)- "Ser" and "Estar" in Brazilian Portuguese with particular reference to Child Language Acquisition. Gunter Narr Verlag Tubingen.

DeLOACHE, J. S. (1983)- Joint picture book reading as memory training for toddlers. *Paper presented at the Semi-Annual Meetings of the Society for Research in Child Development, Detroit*.

DI PAOLO, M.; SMITH, C. (1978)- Cognitive and Linguistic Factors in Language Acquisition: the use of temporal and aspectual expressions. In P. French (Ed.) *The Development of Meaning*. Pedolinguistics Series II. Tokyo: Bunka Hyanon.

DOWNING, J.; LEONG, C. K. (1982)- *Psychology of Reading*, Macmillan Publishing Co., Inc. New York.

DOWTY, D. (1979)- *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel.

DROMI, E.; BERMAN R. A. (1986)- Language-Specific and Language-General in Developing Syntax. *Journal of Child Language*, Vol.13, nº 2, 371-387.

ECKLER, J. A.; WEININGER, O. (1989)- Structural Parallels Between Pretend Play and Narratives. *Developmental Psychology*, Vol. 25, Nº 5, 736-743.

EISENBERG, A. (1985)- Learning to Describe Past Experiences in Conversation. *Discourse Processes*, 8, 177-204.

FAYOL, M. (1985)- *Le Récit et sa Construction*. Delachaux & Niestlé, Nèuchatel - Paris.

FERREIRO, E. (1971)- *Les Relations Temporelles dans le Langage de L'Enfant*. Genève: Droz.

FIGUEIREDO, E. V. G. (1987)- Coesão Textual, Sistema Verbal e Tradução. In *Actas do 3º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 219-373, Lisboa.

FLETCHER, P. (1979)- The development of the verb phrase. In P. Fletcher and M. Garman (Eds.) *Language Acquisition*, 1st ed., Cambridge: Cambridge University Press.

FLETCHER, P. (1985)- *A Child's Learning of English*. Basil Blackwell, Oxford.

FONSECA, F. I. (1984)- Para o Estudo das Relações de Tempo no Verbo Português. *Boletim de Filologia*, Tomo XXIX, 405-420, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

FONSECA, F. I. (1985)- Deixis et Anaphore Temporelle en Portugais. *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas, Universidade do Porto, II série, Vol. II*, 277-292.

FOSTER, S. H. (1986)- Learning discourse topic management in the preschool years. *Journal of Child Language*, 13, 231-250.

FOSTER, S. H. (1990)- *The Communicative Competence of Young Children*, Longman, London & New York.

FREED, A. F. (1979)- *The Semantics of English Aspectual Complementation*. Dordrecht: D.Reidel.

GAREY, H, B. (1957)- Verbal Aspect in French. *Language*, Vol.33, Nº 2, 91-110.

- GARVEY, C. (1977)- *Play*. Cambridge, MA . Harvard University Press.
- GARVEY, C. (1984)- *Children's Talk*, Oxford, Fontana Paperbacks.
- GEE, J.; SAVASIR, I. (1985)- On the Use of Will and Gonna: Toward a Description of Activity-Types for child Language. *Discourse Processes, Vol. 8, No 2*, 143-175.
- GERHARDT, J. (1988)- From Discourse to Semantics: The Development of Verb Morphology and Forms of Self-Reference in the Speech of a two-year-old. *Journal of Child Language, 15, n.2*, 337-393.
- GILLIS, S. (1990)- Why Nouns Before Verbs? Language Structure and Use Provide an Answer. Paper presented at Fifth International Congress for the Study of Child Language, Budapest.
- GIVON, T. (1979)- From Discourse to Syntax: Grammar as a Processing Strategy. In T. Givón (Ed.) *Syntax and Semantics, Vol. 12, Discourse and Syntax*. Academic Press, New York
- GODDARD, M.; DURKIN, K.; RUTTER, D. R. (1985)- The semantic focus of maternal speech: a comment on Ninio & Bruner (1978). *Child Language, 12*, 209-213.
- GOLDSMITH, J.; WOISETSCHLAEGER (1982)- The Logic of the English Progressive. *Linguistic Inquiry, Vol.13, n21*, 79-89.
- GRACE, J.; SUCI, G. J. (1985)- Attentional priority of the agent in the acquisition of word reference. *Journal of Child Language, vol. 12, n21*, 1-12.
- HARNER, L. (1980)- Comprehension of past and Future Reference Revisited. *Journal of Experimental Child Psychology, 29*, 179-182.
- HARNER, L. (1981)- Children Talk about the Time and Aspect of Actions. *Child Development, 52*, 498-506.
- HOEPELMAN, J.; ROHRER, C. (1980)- «Déjà» et «Encore» et les Temps du Passé du Français. In J. DAVID et R. MARTIN (Eds.) *La Notion D'Aspect*, Paris.
- HOOD, L.; BLOOM, L. (1979)- *What, When, and how about why: A Longitudinal Study of Early Expressions of Causality*. Monographs of the Society for Research in Child Development, serial No 181, Vol. 44, No 6.

HOPPER, J. P. (1979)- Aspect and Foregrounding in Discourse. In T. Givón (Ed.) *Syntax and Semantics, Vol. 12, Discourse and Syntax*. Academic Press, New York.

HOPPER, J. P.; THOMPSON, A. S. (1980)- Transitivity in Grammar and Discourse. *Language, Vol.56, No 2*. 251-295.

ILARI, R. (1981)- Alguns Recursos Gramaticais para a Expressão do Tempo em Português- Notas de um projecto de pesquisa. In *Estudos de Filologia e Linguística*. Homenagem a Isaac N. Salum. São Paulo: T.A. Queiroz/EDUSP, pp. 181-193.

JESPERSEN, O. (1971)- *La Philosophie de la Grammaire*, Les éditions de Minuit, Paris.

JOHNSON, M. R. (1981)- A Unified Temporal Theory of Tense and Aspect. In Tedeschi, P. J.; Zaenen, A. (Eds.), *Syntax and Semantics, Vol.14, Tense and Aspect*, Academic Press, New York.

KARMILOFF-SMITH, A. (1979)- A Functional Approach to Child Language. Cambridge, Cambridge University Press.

KARMILOFF-SMITH, A. (1986a)- From meta-processes to conscious access: Evidence from children's metalinguistic and repair data. *Cognition, 23*, 95-147.

KARMILOFF-SMITH, A. (1986b)- Some Fundamental Aspects of Language Development after age 5, In Fletcher, P.; Garman, M. (Eds.), *Language Acquisition*, Cambridge University Press, Cambridge.

KARMILOFF-SMITH, A. (1987)- Some Recent Issues in the Study Language Acquisition. In Lyons, J.; Coates, R.; Deuchar, M. e Gazdar, G. (Eds.) *New Horizons in Linguistics 2*. London, Penguin Books.

KAVANAUGH, R.D.; WHITTINGTON, S. & CERBONE, M.J. (1983)- Mothers' use of fantasy in speech to young children. *Journal of Child Language, 10*, 45-55.

KELLER-COHEN, D. (1987)- Context and Strategy in Acquiring Temporal Connectives. *Journal of Psycholinguistic Research, Vol 16, No 2*, 165-183.

KIM, K. J. (1985)- Development of the Concept of Truth-Functional Negation. *Developmental Psychology, Vol. 21, No 3*, 462-472.

KLEE, T.; FITZGERALD, M. D. (1985)- The relation between grammatical development and mean length of utterance in morphemes, In *Journal of Child Language, 12*, 251-269.

- KOSE G. (1983)- Children's Comprehension of Actions Depicted in Photographs. *Developmental Psychology*, vol.19, nº4, 636-643.
- KUCZAJ II, S. A. (1977)- The Acquisition of Regular and Irregular Past Tense Forms. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 16, 589-600.
- LEECH, G. N. (1987)- *Meaning and the English Verb*, Longman, London & New York.
- LOPES, O. (1971)- *Gramática Simbólica do Português*, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, Lisboa.
- LYONS, J. (1977)- *Semantics. Vol.2*, Cambridge University Press, Cambridge.
- LYONS (1980)- *Semântica-I*, Editorial Presença/Martins Fontes, Lisboa.
- LYONS, J. (1982)- Deixis and Subjectivity: Loquor, ergo sum? R. J. Jarvella and W. Klein (Eds.) *In Speech, Place, and Action*, 101-124. John Wiley & Sons Ltd.
- LUCARIELLO, J.; KYRATZIS, A.; ENGEL, S. (1986)- Event Representations, Context, and Language. In K. Nelson (Ed.) *Event Knowledge*, LEA Publishers, London.
- MARATSOS, M. (1981)- Problems in Categorical Evolution: can formal categories arise from semantic ones? In Werner Deutsch (Ed.), *The Child's Construction of Language*, Academic Press, London.
- MATEUS, M.H.M.; BRITO, A.M.; DUARTE, I.S.; FARIA, I.H. (1983) *Gramática da Língua Portuguesa*, Livraria Almedina, Coimbra.
- MATTOSO, J.; CAMARA, J. R. (1959)- Uma Categoria Verbal: o Aspecto. *In Princípios de Linguística Geral*, pp. 166-176, 3ª Edição, Livraria Académica, Rio de Janeiro.
- MEISEL, J. M. (1986)- Reference to Past Events and actions in the Development of Natural Second Language Acquisition. In Pfaff, C. W. (Ed.) *First and Second Language Acquisition Processes*, Newbury House Publishers, Cambridge.
- MILLER, P. G.; SPERRY, L. L. (1988)- Early talk about the past: the origins of conversational stories of personal experience. *Journal of Child Language*, 15, nº 2, 293-315.

- MITTWOCH, A. (1982)- On the Difference between Eating and Eating Something: Activities versus Accomplishments. *Linguistic Inquiry*, Vol.13, Number 1, 113-122.
- MOENS, M.; STEEDMAN, M. (1988)- Temporal Ontology and Temporal Reference. *Computational Linguistics*, Vol. 14, No 2, pp. 15-28.
- MOURELATOS, A. P. D. (1981)- Events, Processes, and States. In Tedeschi, P. J.; Zaenem, A. (Eds.), *Syntax and Semantics*, Vol.14, *Tense and Aspect*, Academic Press, New York.
- NASCIMENTO, M. F. (1987)- *Contribuição para um Dicionário de Verbos do Português - Novas perspectivas metodológicas* (Cap.I O Corpus da Língua Falada), Dissertação em Linguística Portuguesa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- NELSON, K. (1975)- The nominal shift in semantic-syntactic development. *Cognitive Psychology*, 7, 4, 461-479.
- NELSON, K. (1983)- Memoires in the crib. *Paper presented at the biennial meetings of the Society for Research in Child Development*.
- NELSON, K. (1985)- *Making Sense - The acquisition of shared meaning*, Academic Press Inc., London.
- NELSON, K. (1986)- Event Knowledge and Cognitive Development. In K. Nelson (Ed.) *Structure and Function in Development*. Hillsdale, Lawrence Erlbaum Associates.
- NELSON, K. (Ed.) (1986)- *Event Knowledge. Structure and Function in Development*. LEA Publishers, London.
- NELSON, K. e GRUENDEL, J. (1980)- The generalities and specifics of long-term memory in infants and young children. In M. Perlmutter (Ed.), *New Directions for Child Development: Children's Memory*. San Francisco: Jossey-Bass.
- NINIQ, A.; BRUNER, J. S. (1978)- The Achievement and Antecedents of Labeling. *Journal of Child Language*, 5, 1-15.
- NINIO, A. (1983)- Joint Book Reading as a Multiple Vocabulary Acquisition Device. *Developmental Psychology*, Vol. 19, No 3, 445-451.
- O'BRIAN, M.; NAGLE, K. J. (1987)- Parents'speech to toddlers: the effect of play context. *Journal of Child Language*, 14, 269-279.

- OCHS, E. (1979)- Planned and Unplanned Discourse. In T. Givón (Ed.) *Syntax and Semantics, Vol. 12, Discourse and Syntax*, Academic Press, New York.
- OLIVEIRA, F. (1985)- O Futuro em Português: Alguns aspectos Temporais e/ou Modais. In *Actas do 12 Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 353-373, Lisboa.
- OLIVEIRA, F. (1986)- Algumas Considerações acerca do P. Imperfeito. in *Actas do 22 Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 78-96, Lisboa.
- OLSZEWSKI, P.; FUSON, K. C. (1982)- Verbally Expressed Fantasy Play of Preschoolers as a Function of Toy Structure. *Developmental Psychology, Vol. 18, No 1*, 57- 61.
- ORSOLINI, M. (1988)- Le competenze conversazionali nell'età prescolare. *Età Evolutiva, 31*, 69-81.
- PERKINS, M. R. (1983)- *Modal Expressions in English*. (Chapter 11, *Modal Expressions in Child Language*), London, Frances Pinter.
- PIAGET, J. (1946)- *A Noção de Tempo na Criança*. Editora Record, Rio de Janeiro.
- PIAGET, J. (1971)- *A Formação do Símbolo na Criança*. Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- REBELO; D. (1987)- A Evolução dos Tempos Verbais na Enunciação Narrativa. In *Actas do Terceiro Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 338-361. Lisboa.
- REICH, P. A. (1988)- "Review of P. Fletcher; M. Garman (Eds.), *Language Acquisition Studies in First Language Development*. Second edition, Cambridge: C.U.P." In *Journal of Child Language, Vol. 15, no 1*.
- REICHENBACH, H. (1947)- *Elements of Symbolic Logic*, MacMillan, New York.
- RICHARDS, B. (1987)- Type/Token Ratios: What do they really tell us? *Journal of Child Language, Vol.14*, 201-209.
- RISPOLI, M. e BLOOM, L. (1985)- Incomplete and continuing: theoretical issues in the acquisition of tense and aspect. *Child Language, Vol.12*, 471-474.
- ROBINSON, E. (1983)- Metacognitive Development. In: S. MEADOWS (Ed.) *Developing Thinking*. Methuen, London and New York.

- ROMAINE, S. (1988)- *Pidgin & Creole Languages*, Longman Linguistics Library, London and New York.
- RONDAL, J.A.; GHIOTTO, M.; BREDART, S.; BACHELET, J-F. (1987)- Age-relation, reliability and grammatical validity of measures of utterance length, In *Journal of Child Language*, 14, 433-446.
- RUMELHART, D. (1977)- Understanding and summarizing brief stories. In D. Laberge & S. J. Samuels (Eds.), *Basic processes in reading: Perception and comprehension*, p.265-303. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- SACHS, J. (1983)- Talking about the there and then: the emergence of displaced reference in parent-child discourse. In K.E. Nelson (Ed.), *Children's Language. Vol. 4*. Hillsdale NJ: Erlbaum.
- SCHIFFRIN, D. (1981)- Tense Variation in Narrative. *Language, Vol.57, No 1*, 45-62.
- SCOLLON, R. (1976)- *Conversations with a one-year-old: A case study of the developmental foundation of syntax*. Honolulu: University Press of Hawai.
- SCOLLON, R. e SCOLLON, B.K.(1981)- *Narrative, Literacy and Face in Interethnic Communication*. ALEX Publishing Corporation. Norwood, New Jersey.
- SCOLLON, R. e SCOLLON, B.K.(1984)- Cooking it Up and Boiling it Down: Abstracts in Athabaskan Children's Story Retellings. In D.Tannen (Ed.), *Coherence in Spoken and Written Discourse*. ALEX Publishing Corporation. Norwood, New Jersey.
- SHATZ, M. (1983)- Communication. In P. H. MUSSEN (Ed.) *Handbook of Child Psychology, Vol.III*, New York.
- SHORE, C.; O'CONNELL, B.; BATES, E. (1984)- First Sentences in Language and Symbolic Play. *Developmental Psychology, Vol.20, no 5*, 872- 880.
- SLOBIN, D. I. (1981)- The Origins of Grammatical Encoding of Events. In Werner Deutsch (Ed.), *The Child's Construction of Language*, Academic Press, London.
- SLOBIN, I. D.; BEVER, T. G. (1982)- Children use Canonical Sentence Schemas: A Crosslinguistic Study of Word Order and Inflections. *Cognition, 12*, 229-265.

- SLOBIN, D. I.; AKSU, A. A. (1982)- Tense, Aspect, and Modality in the use of the Turkish Evidential. In P. J. Hopper (Ed.), *Tense-Aspect: Between Semantics & Pragmatics*, John Benjamins Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia.
- SMITH, C. S. (1983)- The Acquisition of Time Talk: Relations between Child and adult Grammars. *Journal of Child Language*, 7: 263-78.
- SMITH, C. S. (1983)- A Theory of Aspectual Choice. *Language*, Vol. 59, No 3, 479-500.
- SMITH, C. e WEIST, R. (1987)- On The Temporal Contour of Child Language: a reply to Rispoli and Bloom. *Journal of Child Language*, Vol. 14, p.387-92.
- SNOW, C. E. e FERGUNSON, C. (1977)- *Talking to Children: Language Input and Acquisition*. Cambridge: Cambridge University Press.
- SNOW, C.E. (1986)- Conversations with Children. In P. Fletcher and M. Garman (Eds.) *Language Acquisition*, 2nd ed., Cambridge: Cambridge University Press.
- SODERBERGH, R. (1980)- Story-Telling, dramatic role play and displaced speech in play with dolls. *First Language*, 1, 209-222.
- SONNENSCHNEIN, S. (1984)- Referential Communication: Why do Preschoolers Confuse Quantity with Quality? In *The Origins and Growth of Communication*. ALEX Publishing Corporation. Norwood, New Jersey.
- STARC, R. e MAMMANDO, M.L. (1988)- I connettivi temporali «prima» e «dopo». Uno studio sperimentale sulla comprensione di frasi in I e II elementare. *Età Evolutiva*, 31, 62-68.
- STEPHANY, U. (1986)- Modality. In P. Fletcher and M. Garman (Eds.) *Language Acquisition*, 2nd ed., Cambridge: Cambridge University Press.
- STEVENSON; R. J.; POLLITT, C. (1987)- The Acquisition of Temporal Terms. *Journal of Child Language*, 14, 533-545.
- SZAGUN, G. (1978)- On the Frequency of Use of Tenses in English and German Children's Spontaneous Speech. *Child Development*, 49, 898-901.
- SZAGUN, G. (1979)- Conceitos de Tempo e Formas de Tempo Verbal na Linguagem da Criança. In Beryl A. Geber (Org.) *Psicologia do Conhecimento em Piaget*, Zahar Editores, Rio de Janeiro.

TARALLO, F. (1990)- *Tempos Linguísticos - Itinerário histórico da língua portuguesa* - Editora Atica, S. Paulo.

TAYLOR, I.; TAYLOR, M. M. (1990)- *Psycholinguistics. Learning and Using Language*, Prentice-Hall International Editions.

WALES, R. (1986)- Deixis. In P. Fletcher and M. Garman (Eds.) *Language Acquisition, 2nd ed.*, Cambridge: Cambridge University Press.

WANSKA, S. K.; BEDROSIAN, J. L. (1986)- Topic and communicative intent in mother-child discourse. *Journal of Child Language, 13*, 523-535.

WATSON, R. (1985)- Towards a theory of definition. *Journal of Child Language, 12*, 181-197.

WATSON, R.; SHAPIRO, J. (1988)- Discourse from Home to School. *Applied Psychology: An International Review, 395-409*.

WAUGH, R. L.; MONVILLE-BURSTON, M. (1986)- Aspect and Discourse Function: The French Simple Past in Newspaper Usage. *Language, Vol.62, nº 4*, 846-877.

WEINRICH, H. (1964/1974)- *Estructura y Función de los Tiempos en el Language*. Biblioteca Románica Hispánica, Editorial Gredos, Madrid.

WEIST, R. M.; WYSOCKA, H.; WITKOWSKA-STADNIK, K.; BUCZOWSKA, E.; KONIECZNA, E. (1984)- The Defective Tense hypothesis: on the emergence of tense and aspect in child Polish. *Journal of Child Language, Vol.11*, 347-374.

WEIST, R. M. (1986a)- Tense and Aspect. In P. Fletcher and M. Garman (Eds.) *Language Acquisition, 2nd ed.*, Cambridge: Cambridge University Press.

WEIST, R. M. (1986b)- What Polish Children can tell us about Language and Thought, In Shugar, G. W. and Danks (Eds) *Knowledge and Language*, Elsevier Science Publishers B.V., North-Holland.

WEIST, R. M. (1987)- The emergence of temporal adverbs in child Polish. *First Language, 7*, 217-229.

WEIST, R. M. (1989)- Aspects of the roots of Language: commentary on Cziko. *First Language, 9*, 45-49.

WERNER, H.; KAPLAN, B. (1963/1984)- *Symbol Formation: an organismic-developmental approach to the Psychology of Language*. Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, London.

YOUSSEF, V. (1988)- The Language bioprogram hypothesis revisited. *Journal of Child Language*, vol.15, 451-458.

VENDLER, Z. (1967)- Verbs and Times. In Z. Vendler, *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, NY: Cornell University Press.

VILA I.; CORTES, M.; ZANON, J. (1987)- "Baby-Talk" y Designaciones Infantiles en el Contexto de Lectura de Libros. *Anuario de Psicología*, Nº 36/37 (1-2), 89-105.

VYGOTSKY, L. S. (1979)- *Pensamento e Linguagem*. Edições Antídoto, Lisboa.

VYGOTSKY, L. S. (1977)- Aprendizagem e Desenvolvimento Intelectual na Idade Escolar. In: *Psicologia e Pedagogia I*. Editorial Estampa, Lisboa.

ZOBL, H. (1984)- Aspects of Reference and the Pronominal Syntax Preference in the Speech of Young Child L2 Learners. In Andersen, R. W. (Ed.) *Second Languages, A Cross-Linguistic Perspective*, Newbury House Publishers, Inc., Rowley, Massachusetts.

ANTÓNIO QUINTAS MENDES

A REFERÊNCIA TEMPORAL NO
DISCURSO CONVERSACIONAL
AOS 2/3 ANOS DE IDADE

ANEXO I - CORPUS

(João Miguel 2;0;2 - 2;7;16)

Dissertação de Mestrado em Linguística
Portuguesa Descritiva

Faculdade de Letras de Lisboa

1991

JOAO MIGUEL

DATA DE NASCIMENTO: 8 de Julho de 1988

PERIODO DE RECOLHA DO CORPUS:

de 10 de Julho de 90 a 23 de Fevereiro de 91

CONVENÇÕES UTILIZADAS NA TRANSCRIÇÃO

1) Cada enunciado produzido por um adulto ou pela criança é colocado numa linha separada, com alinhamento à esquerda.

Ex:

P: mostra, mostra o bebé ao pai.
vira para cá.
o que é que estás a fazer?

Neste caso são contabilizados três enunciados.

Segmentos em linha separada mas alinhados à direita reenviam para a continuação do enunciado da linha anterior.

Ex:

JM: <ma mica>.
pinga, uma pinga, caiu o ba-bé? caiu, coitadinho
do babé, coitainho!

Neste caso são contabilizados dois enunciados.

Uma vez que nos interessava em particular a linguagem da criança e a linguagem utilizada na interacção Adulto-Criança, em muitas situações não transcrevemos os enunciados produzidos pelos adultos e que não eram directamente dirigidos à criança. Apesar de tudo, resolvemos manter na transcrição, embora não os contabilizando, alguns desses enunciados pois contribuem para dar uma ideia mais fiel do contexto e do "ambiente" em que decorrem as interacções verbais: por exemplo, o adulto manifesta surpresa perante as respostas da criança e comenta esse facto com outro adulto;

o adulto não compreende o que a criança diz e procura esclarecer-se junto de outro adulto, etc.

Mas acontece também, por vezes, que a criança extrai de uma conversa que não lhe é dirigida, elementos que ela imita, expande, etc. Nesses casos os enunciados dos adultos são transcritos e contabilizados.

2) <porco> : transcrição incerta; segmentos que não sendo absolutamente irreconhecíveis ou incompreensíveis levantam no entanto dúvidas quanto à sua transcrição.

3) a<l>i; po<r>co: em muitos casos é uma parte do segmento (muitas vezes um fonema apenas) que levanta dúvidas ou porque tem uma realização muito ténue ou porque levanta mesmo dúvidas quanto à sua existência. Estes problemas são frequentes com certas consoantes; com os artigos definidos e indefinidos que surgem como que acoplados ou assimilados ao nome; e com os auxiliares ser e estar (na forma "é" e "tá") que surgem também muitas vezes com realizações ténues acopladas aos segmentos subsequentes.

4) <neste/deste> : mais do que uma transcrição possível; à esquerda a transcrição mais plausível.

Ex: <o/um> pés

5) () : parêntesis curvos em itálico reenviam para a "tradução" que o transcritor faz da produção infantil. Não há, nestes casos, dúvidas quanto à transcrição, mas a correspondente representação ortográfica pode gerar confusão no leitor.

Ex:

- (1) os óios? (*os olhos?*)
- (2) o chapo. (*o sapo*)
- (3) são poíga. (*são formigas*)

6) ((aponta para X)) : em itálico entre parêntesis curvos duplos incluímos comentários sobre o contexto extra-linguístico.

7) <*>; <*><*>; um asterisco entre parêntesis angular reenvia para um segmento incompreensível mas reconhecível como uma palavra. Dois asteriscos entre parêntesis angulares reenviam para duas palavras incompreensíveis.

8) <* * *> Três asteriscos dentro de um parêntesis reenviam para segmentos longos (frases?) irreconhecíveis e incompreensíveis.

Adoptámos ainda os sinais de pontuação tais como utilizados normalmente na escrita, seguindo neste caso o espírito e os critérios de M.F. Nascimento (1987) que a seguir transcrevemos:

9) . (ponto): marca pausa ou entoação que aponta para final de um enunciado assertivo.

10) ? (ponto de interrogação): marca entoação interrogativa.

11) ! (ponto de exclamação): marca entoação exclamativa.

12) , (vírgula): marca pausa breve e separa sequências quando isso convenha à clareza do enunciado; separa formas ou sequências repetidas ou aquelas a que atribuímos uma função fática.

13) ; (ponto e vírgula): separa sequências que, segundo a lógica do enunciado, exigem uma diferenciação superior à que é conferida pela vírgula.

14) ///: utilizamos este sinal para indicar que houve um corte na gravação e que portanto há nesse momento uma descontinuidade no corpus.

15) (...) (reticências dentro de parêntesis curvo): marcam pausa média ou longa, entoação suspensiva ou prolongamento enfático. Assinalam, ainda, rupturas ou hesitações no desenvolvimento do discurso.

Podem ocorrer dentro de um enunciado ou entre os enunciados de dois interlocutores. Dentro de um enunciado podem marcar hesitações, preparações para reparações, correcções, etc.

As pausas podem ainda ocorrer em final de enunciado com o objectivo de passar a palavra ao outro interlocutor. Isto é particularmente frequente nos casos em que o adulto dirige uma pergunta à criança e esta não responde. O adulto repete então a pergunta, reformula-a ou pura e simplesmente muda de tópico. Como é óbvio, nestes casos não há mudança de turno conversacional. Nestes casos, na nossa transcrição, mantivemos o sinal (...) à direita do enunciado em questão.

Mas por vezes o LOC põe a questão e fica à espera da resposta mas como esta não chega a ocorrer cria-se um longo silêncio que gera uma espécie de "vazio" quer dentro de um mesmo turno conversacional quer entre dois turnos conversacionais. Nestes casos colocámos o sinal (...) não à direita do enunciado, mas em baixo, à esquerda tal como no início de enunciado normal. O exemplo seguinte ilustra estes casos:

P: o que é isso, João? (...)
o que é isso? (...) ((engasgou-se com a água que bebeu e está a tossir.))

JM: um bebé! engoli a água!

P: aaah (...) e depois o que é que aconteceu?
(...)
o que é que aconteceu João?

(...)

JM: <*> bebé!
<* * *>

SESSAO I

DATA: 10 de Julho de 1990

IDADE: 2 Anos, 0 Meses, 2 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

A - António Quintas Mendes

P - Pai (João Miguel)

1 JM: <é> o coelho.

2
3 A: é o coelho?
4 o que é que ele traz aqui?

5
6 JM: o bau. (balde?) ((trata-se de um pequeno saco que o
7 boneco tem no ombro.))

8
9 A: é o quê?

10
11 JM: bau.

12
13 A: o que é que tem?

14
15 JM: uma pingas.

16
17 A: o quê?

18
19 JM: uma pingas.

20
21 A: pingas?
22 o que é pingas? ((dirigindo-se a P.))

23
24 P: não faço ideia!

25
26 A: o que é pingas João?

27
28 JM: pingas (...) pingas (...) agora ete.
29 <* * *> uma pingas.

30
31 A: e este aqui o que é? ((mostrando outro boneco))

32
33 JM: coeio.

34
35 A: é um coelho?
36 este é um porquinho.

37
38 JM: po<r>quinho.

39
40 A: é um porquinho.

41
42 JM: <*>

43
44 A: queres ver o que ele faz? olha, queres ver?
45 larga. ((segurando no boneco))
46 seguras aqui olha, olha... ((balança o boneco))
47 olha lá! (...)

48
49 JM: oh! (...) ((arrancou as orelhas do boneco))

50
51 A: aaai! (...)
52 o que é que aconteceu ao coelhinho? (...)
53 hum? (...)
54 o que é que foi?

1 JM: <*>
2
3 A: o que foi?
4
5 JM: o pingas.
6
7 A: o pingas! ((ri))
8 o que é que é o pingas? (...)
9
10 P: o que é que é o pingas, João? (...)
11 diz lá ao pai o que é o pingas?
12 -----
13
14 A: o que é que aconteceu ao coelhinho?
15 -----
16 olha aqui (...) ficou careca sem orelhas.
17
18 JM: <ueias> (orelhas)
19
20 A: não tem as orelhas agora, pois não? (...)
21
22 JM: bo (...) bo (...) bonecos?
23
24 P: olha (...)
25
26 A: bonecos.
27 queres ver os bonecos?
28
29 P: diz lá onde é que está os olhos do coelhinho ó (...) ó
30 Quintas, João?
31 onde é que estão os olhos do coelhinho?
32
33 JM: bonecos. ((levanta-se))
34
35 A: tinha uns bonecos para te mostrar, agora não sei (...)
36 ((sai da sala))
37
38 JM: bonecos. ((pega num livro e senta-se de novo no chão))
39
40 (...)
41
42 P: vê lá aí o livro João, o que é que tem o livro?
43
44 (...)
45
46 ((A. regressa à sala e mostra outro boneco a JM. Este
47 não parece interessar-se e aponta para o livro que tem
48 nas mãos.))
49
50 A: quem é este? ((mostrando o boneco))
51
52 JM <o/um> bicho. ((aponta para o livro sem ter em conta o
53 boneco que A. lhe mostra.))
54

1
2 A: isso o que é? ((olhando para o que J.M. aponta no
3 livro.))
4

5 JM: o ho(m)i. ((homem))
6

7 A: o que é que ele está a fazer?
8

9 (...)

10
11 JM: <* * *>
12

13 A: o quê?
14

15 JM: cinco dois tês cinco (...) ((aponta para o título do
16 livro.))

17 <*> chinco dois tês.
18

19 A: um dois três cinco?
20

21 JM: dois tês.
22

23 A: tinha aí uma coisa tão gira para ti (...)
24

25 P: o que é que tá aí no livro, João?
26

27 JM: o homem.
28

29 P: um homem?
30

31 A: e aqui? ((apontando para o livro))
32

33 JM: o cão.
34

35 A: é um cão?
36

37 JM: ((faz que sim com a cabeça))
38

39 A: de que côr é o cão?
40

41 JM: bonecos. ((aponta para o livro.))
42 ói bonecos!

43
44 A: são bonecos aí!
45

46 JM: aí! (...)
47 a menina caiu.
48

49 A: caiu. (...)
50 tá deitada não é?
51

52 (...)
53

54 JM: oelhas (orelhas)

1
2 A: é orelhas dele?
3
4 P: e tem nariz?
5
6 JM: o homi (...) a menina (...) <pi pó> (...)
7 a vaca.
8
9 A: ó João tu sabes uma história para me contares?
10
11 JM: <o cácas>.
12
13 A: sabes uma história?
14
15 JM: <o/um> balão
16
17 A: o balão?
18 conta-me lá a história.
19
20 JM: o cáca, o cão o home o homem o homem.
21 ((apontando para diversas figuras numa revista aberta.))
22
23 A: é um homem aí.
24
25 JM: a manina, aí! ((a revista choca com os bonecos.))
26
27 A: ói! aí!
28
29 JM: aí! <o qué-é?> (o que é?) ((apontando para a revista.))
30
31 A: é um senhor com bigode.
32 o que é isto? ((aponta para qualquer coisa na revista.))
33
34 JM: <a senhoa>
35
36 A: mostra cá, mostra cá ((puxando a revista para si.))
37
38 JM: <o senhore>
39
40 A: mostra aqui vá, queres ver? (...)
41
42 JM: <*> <*>
43
44 A: e aqui? (...) ((aponta para a revista.))
45 olha aqui.
46 (...)
47 o que é João?
48
49 JM: manina!
50
51 A: menina!
52
53 JM: manina.
54

1 A: está-se a rir?
2 tá a rir? ((vai virando as páginas.))
3
4 (...)
5
6 JM: a vaca,
7 ah manino.
8 (...)
9 pato. ((deixando a revista e pegando num boneco
10 de corda.))
11
12 A: o pato.
13 o pato anda, não anda?
14
15 JM: uanda (...) anda, anda.
16 po<r>quinho (...)
17 os o<lh>os. ((pegando noutra boneco.))
18 o po<r>quinho.
19 (...)
20 a cuca! ((com outro boneco na mão.))
21
22 A: o quê?
23
24 JM: a cuca.
25 o vaio.
26
27 A: o que é a cuca João?
28
29 P: o que é a cuca João?
30
31 A: o vaio.
32
33 P: o velho?
34
35 JM: a casa (...) dela, a casa dela.
36
37 P: ah! a Cuca, a mãe da Rita não é?
38 é a mãe da Rita?
39
40 JM: <*>
41 pópó.
42
43 ///
44
45 JM: <* * *>
46 ói (...) bébé! ((parece ouvir um ruído, põe-se à escuta
47 e levanta o dedo indicador.))
48
49 A: bébé.
50 onde é que está o bébé?
51
52 JM: tá choá. (está a chorar)
53
54 A: o quê?

1 JM: casa de<1>a.

2
3 P: o bebé tá a chorar.

4
5 JM: a mãe.
6 o pai a mãe.
7 -----

8
9 A: tás a ouvir João?
10 -----

11 tás a ouvir o bebé chorar?

12
13 JM: acodaste todo, o bebé. ((monólogo))
14 acoda (...) cho<r>) uuuhuh <* * *> o pés. ((monólogo))

15
16 P: não mexe, João. ((JM está a mexer na porta
17 de um móvel.))

18
19 JM: ói pédas. (?)
20 <* * *> a vaquinha a vaquinha a vaquinha.

21
22 ///

23
24 A: <*>

25
26 JM: tá li. ((J.M. aponta para as orelhas do coelho que estão
27 no chão e vai apanhá-las.))

28
29 A: ah! dá cá, dá. (...)
30 é para pôr na cabecinha do coelho.
31 ói, tá bem?
32 agora vou buscar um bocadinho de cola para colar as
33 orelhas ao coelho, tá bem?

34 (...)

35
36 P: oh João!

37
38 JM: o pato, <cola/coda> ((dirigindo-se a A. com o pato de
39 corda na mão.))

40
41 A: não tenho cola, não está cá cola.
42 vamos ver se a gente consegue fazer assim (...)

43
44 JM: <olhinhas>. (orelhinhas?)
45 o coelho (...) tá doente.

46
47 P: tá doente não está?

48
49 JM: codas (?) ((tem o pato de corda na mão e o seu enunciado
50 talvez seja "corda".))

51
52 A: um bocadinho, vamos pôr aqui pra isto (...) vamos ver se
53 isto cola não é?

54 JM: cóa. (cola)

1 A: é pra colar!
2 agora vamos pôr aqui (...)

3
4 JM: coelho.

5
6 A: as orelhas do coelhinho, não é?

7
8 JM: ói cola (...) ai (...) ai. ((olhando muito espantado
9 para as orelhas já coladas no coelho.))

10
11 A: pronto, já tá colado, olha aqui já tem orelhas, (...) não é?

12
13 JM: miódes (bigodes) ((referindo-se aos bigodes
14 do coelho.))
15 -----

16
17 P: como é que se chama? (...)?
18 -----

19
20 JM: miódes.

21
22 A: o quê? (...)

23
24 P: os miúdos?

25
26 JM: ói! tila, tila. (tira, tira?) ((parece referir-se de
27 novo às orelhas do coelho.))

28
29 A: já tem, já tá, já não tem dói-dói pois não?
30 -----

31
32 P: e o rabinho do coelho, onde é que fica?
33 -----

34 mostra o rabinho do coelho.

35
36 JM: ih! coelho!

37
38 A: João, já não tem dói-dói o coelhinho pois não?
39 já tem orelhas!

40
41 JM: bau, tira. ((parece referir-se ao saco que o coelho tem
42 pendurado ao ombro.))
43 coelhinho. ((dirige-se a A. com o coelho na mão.))

44
45 A: o coelhinho já tem orelhinhas, olha.
46 é mais bonito assim com orelhinhas não é?

47
48 (...)

49
50 JM: monecos? (os bonecos?/onde estão os bonecos?)

51
52 A: bonecos (...)

53
54

1 P: onde é que estão os bonecos João?
2 (...)
3 apanha lá os bonecos.
4
5 JM: bonecos. *(olhando para os bonecos no chão)*
6
7 A: bonecos (...)
8 tão aí.
9
10 P: olha, quantos anos é que tu fazes João?
11
12 JM: um dois tês. *(mostra vários dedos da mão)*
13
14 A: um dois tês?
15
16 JM: um dois (...). *(continua a mostrar os dedos.)*
17
18 P: não, quantos anos é que tu fazes?
19
20 JM: um dois uma mosca. *(enquanto olha para as mãos vê uma
21 mosca num dos seus dedos.)*
22
23 A: o quê?
24
25 JM: < * * * >
26 ai ai. *(olha para a mosca a voar?)*
27
28 A: uma mosca?
29 -----
30
31 JM: uma mosca.
32 -----
33 A: onde é que tá a mosca?
34
35 JM: a<l>i. *(aponta para a parede.)*
36
37 A: aqui.
38
39 JM: aqui! *(permanece no mesmo lugar onde disse "ali".)*
40
41 < * * * > a moca.
42
43 A: mataste a mosca João? *(JM vem sentar-se ao lado de A.,
44 junto à parede.)*
45
46 JM: tá li. *(aponta de novo para a parede.)*
47
48 A: tá aqui?
49 já morreu?
50
51 JM: não morreu.
52
53 A: morreu?
54

1 JM: <* * *> a<l>i <* * *> ai ai ai.
2 tá doenta, tá, tá. ((refere-se de novo ao coelho.))

3
4 A: tá doente?

5
6 JM: tá doente!

7
8 A: já tá bom agora, já tem orelhas.

9
10 JM: <oelhas>
11 (...)
12 coelho, <oelhas>
13 coelho (...)
14 é o bau. (balde)

15
16 P: que bichinhos é que tu conheces mais? (...)
17 como é que faz o macaco?

18
19 JM: uh uh uh uh.

20
21 P: como é que faz o cão?
22 (...)
23 João!

24
25 JM: macaco! ((pegando num boneco.))

26
27 A: o cão como é que faz?

28
29 JM: ão ão ão ão.
30 -----

31 A: ão ão ão ão?
32 -----

33 P: e o gato, João?

34
35 JM: miau (...) miau

36
37 ///

38
39 P: como é que faz o passarinho?
40 o passarinho como é que faz?
41 -----

42 JM: quem é? ((ouve o ruído de alguém na rua e volta a
43 ----- cabeça na direcção do ruído.))

44
45 P: o passarinho como é que faz?

46
47 JM: piu piu piu piu.
48 o passarinho <f>az piu piu piu piu <* *>
49 oh! oh! a rua (...) ((parece referir-se a ruídos que vêm
50 ----- da rua.))

51
52 P: olha, a Lúcia?
53 -----
54 a Lúcia? sabes da Lúcia?

1 JM: na ca<?>as, na ca<?>as, pimba da rua!
2
3 P: a Lúcia está na rua?
4
5 JM: <* * *> pimba! (...)
6
7 cama.
8
9 A: o que é que ele diz? <<dirigindo-se a P.>>
10
11 P: as pequeninas são os quê? são as formigas João!
12
13 JM: são poígas. (formigas)
14
15 P: poígas?
16 formigas!
17
18 JM: forrigas.
19 oh! a uz? a uz? (a luz? a luz?) <<está espantado com a
20 luz que há na sala porque olha para o tecto
21 e não vê lâmpada nem candeeiro.>>
22
23 A: a quê?
24
25 P: olha onde é que está a janela João?
26
27 JM: ali. <<aponta>>
28
29 P: a janela tá ali.
30
31 JM: tá doenta. <<pegando novamente no coelho.>>
32
33 P: o coelho tá doente?
34 não, já não tá.
35
36 JM: <*> <*>
37
38 ///
39
40 <<JM arranca de novo as orelhas ao coelho.>>
41
42 A: ó João então o coelhinho tá doente outra vez!
43 o que é que fizeste ao coelhinho agora?
44
45 P: tiraste outra vez as orelhas?
46
47
48 A: o que é que fizeste ao coelhinho?
49
50 JM: uma <puguidê> pocaria. <<mostra um dedo sujo de
51 cola.>>
52
53 P: anda cá João.
54

1 A: isso é o quê?
2 -----
3 JM: pocaria.
4
5 A: pocaria?
6
7 JM: <*>
8
9 P: olha João o que é isto? ((apontando para as figuras de
10 um livro.))
11 olha anda cá ver as pequeninas olha, as formigas, anda
12 ver as formigas aqui olha.
13 anda cá ver as formigas, olha.
14 as formigas aqui olha!
15 são formigas pequeninas não são? hum?
16
17 JM: são.
18
19 P: são (...)
20
21 JM: forrigas.
22
23 P: olha, o que é isto João? ((desfolhando o livro.))
24 o que é isto aqui, o que é isto?
25 sabes o que é isto não sabes?hum? (...)
26 não sabes? hum? (...)
27 é um barco! diz lá "um barco"; olha um barco aqui; é um
28 barco, diz lá "barco".
29 JM: baco.
30
31 P: tás a ver o barco? ((aponta para o livro.))
32 olha o que é isto João? o que é?
33 tu gostas tanto, o que é aquilo no céu?
34 o que é? hum? (...)
35 é a lua!
36
37 JM: a lua.
38
39 P: canta a tua canção da lua.
40
41 JM: lua <* * *> lua <* * *> ((cantando))
42
43 P: lua (...)
44 e cant (...) e aquê (...) aquela do Pica Pau amarelo?
45 canta lá!
46
47 JM: Pica Pau amarelo pápápá. ((cantando))
48
49 P: pápápáaaa!
50 e aquele do carro?
51 como é que é o do carro?
52
53 JM: <* * *> tataanam. ((cantando))
54

1 P: tataanam!
2 aquele carro complicado não é bebé?
3 olha, o que é isto? hum? ((continua a apontar para a
4 revista.))
5 JM: um passainho.
6
7 P: passainho.
8 por acaso é um abutre mas é um passarinho. ((rindo e
9 dirigindo-se a A.))
10
11 JM: <quê é? / quem é?>
12 -----
13
14 P: o que é o quê?
15 o que é aquilo? hum?
16
17 JM: <quê é? / quem é?>
18
19 P: quem é?
20 são homens e mulheres.
21 (...) ((vai virando páginas.))
22 um senhor.
23 vamos ver se a gente vê aqui mais qualquer coisa que a
24 gente conheça hum?
25 (...)
26
27 JM: carro
28 <o/um coelhinho> ((desinteressado da revista e
29 olhando para os brinquedos.))
30
31 P: olha, olha o que é isto?
32 o que é isto? (...)
33
34 JM: o leão!
35
36 P: o leão!
37
38 JM: gande! (grande)
39
40 P: grande! hum! hum! muito bem!
41
42 JM: o ai<lh>o. ((apontando para uma das páginas que o pai
43 estava a passar.))
44
45 P: coelho? não tava ali nenhum coelho João. (...)
46 era um velho, um velho!
47 eu não percebo o que tu dizes bebé.
48
49 JM: o vailho.
50
51 P: o velho (...)
52 muito bem.
53 <*> tem aqui umas coisas muito feias. ((referindo-se ao
54 livro.))

1 hum! hum!
2 olha diz-me lá uma coisa.
3 o que é isto? ((*pega numa garrafa de vinho.*))
4
5 JM: o vinho.
6
7 P: o quê? o que é isto?
8
9 JM: talafa.
10
11 P: o que é isto?
12 uma garrafa de quê?
13
14 JM: garrafa!
15
16 P: de quê?
17 de (...) vinho!
18
19 JM: vinho.
20
21 P: vinho.
22
23 JM: ceveja.
24
25 P: cerveja?
26 não, não é cerveja, diz lá cerveja.
27
28 JM: ceveja.
29
30 P: quem é que gosta de cerveja?
31
32 JM: o pai.
33
34 P: o pai.
35 (...)
36 olha o que é que temos aqui? o que é isto?
37 ((*pegando num boneco e colocando-o*
38 *à frente dos olhos de J.M.*))
39 (...)
40
41 JM: <*>
42
43 P: olha, quando foste a casa do avô do chapéu o que é que
44 tu viste?
45 que bichinhos é que tu viste?
46
47 JM: coeios.
48
49 P: coelhos?
50 mais? (...)
51 o que é que estava lá que fazia mé-mé?
52 (...) as cabrinhas (...) ((*diz em segredo ao ouvido de*
53 *J.M.*))
54

1 JM: cabinhas.

2
3 P: cabinhas.

4
5 JM: <cai/carro>.

6
7 P: muito bem.

8
9 JM: <mémés> ((refere-se a um boneco que tem na mão.))
10 (...) ai, caiu. ((deixa cair o boneco que tem na mão.))

11
12 P: mémés?
13 (...)

14
15 JM: <*>

16
17 P: olha, como é que se chama a mãe?
18
19 como é que a mãe se chama?

20
21 JM: haáá! ((mostra o boneco.))

22
23 P: o que é?
24 (...)
25 João, João, como é que se chama a mamã?
26 diz lá ao Quintas como é que se chama a mãe,
27 anda cá João.
28 anda cá João, como é que se chama a mamã?

29
30 JM: o ainho? (...) ((onde está o coelho?))

31
32 P: como é que se chama o avô?
33 (...)
34 olha, o que é isso?

35
36 JM: ai, pasado! ((JM está a tentar levantar umas congas que
37 estão no chão.))

38
39 P: o quê?

40
41 JM: pasado!

42
43 P: é pesado pois é, não mexe.

44
45 JM: ai (...)

46
47 P: não mexe João (...)
48 o que é aquilo?

49
50 JM: <não mexe/ mémés> ((voltou para junto dos bonecos.))

51
52 P: aquilo é um tambor.

53
54 JM: <*>

João Miguel - I - 2;0;2

15

1 P: sabes o nome da mamã?

2 -----

3
4 JM: * * *

5 -----

6 P: João! onde é que tu vais? ((J.M. sai da sala.))

SESSAO II

DATA: 1 de Agosto de 1990

IDADE: 2 Anos, 0 Meses, 23 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

L - Lúcia

P - Pai (João Miguel)

M - Mãe

A - António Quintas Mendes

1 ((JM e L. estão à volta de uma mesa com bonecos
2 -animais- perto está a mãe de JM e Pedro, o seu
3 irmão mais novo.))

4
5 JM: o Chico! o Chico.

6
7 L: o Chico?

8 -----
9 JM: Chico.

10 -----
11 cócórócócó, cócórócócó, cócórócócó.

12
13 /// ((conversas sobrepostas de adultos.))

14
15 JM: Agora écheste. (agora é este) ((um dos bonecos.))

16
17 L: cócórócócó.

18 (...)

19 <* * *>

20
21 JM: cócórócócócócócó.

22 (...)

23 <e agora é este.>

24
25 L: este é o quê?

26 o que é que este vai fazer? o que é que (...)

27 olha, tá aqui o Perú e tá aqui o pato, este (...) este
28 pato, e agora o que é que o pato vai
29 fazer ao Perú, há?(...)

30
31 JM: (...) ((sorri))

32
33 L: o pato chega aqui e diz o quê? "olá Perú estás bom?"

34 (...)

35 tás bom?

36
37 JM: olá Perú, tás bom?

38
39 L: tás bom?

40
41 JM: olá Perú.

42
43 L: olá Perú.

44
45 JM: tás bom?

46
47 L: tens comido muita coisa?

48
49 (...) ((JM brinca com os bonecos em cima da mesa.))

50
51 P: pronto, pronto, pronto, pronto! ((JM está a bater com
52 os bonecos na mesa com bastante força.))

53
54

1 L: tens comido muitas ervinhas? ((pretendendo estar a falar
2 com um dos animais.))
3
4 JM: parú, parú, parú! ((como se estivesse a chamar o peru
5 pelo nome.))
6
7 L: parú, oh parú!
8
9 JM: parú, parú, parú, parú, parú.
10 em cima do parú. ((coloca um cão em cima do peru.))
11
12 L: tá em cima do parú o cão, mas onde é que isso já se
13 viu, João Miguel?
14
15 JM: <*>
16 ai cai(u). ((tentava pôr mais bonecos em cima do peru.))
17
18 L: e o peru já <*> <com o> peru.
19
20 JM: parú, parú, parú.
21
22 L: e o porco?
23 como é que se chama o porco? (...)
24
25 JM: ((faz ruídos imitando um porco.))
26
27 L: isso é como faz o porco, mas como é que se chama?
28 não dás nenhum nome a este porco?
29
30 JM: pãco. (...)
31
32 L: e a vaca?
33
34 JM: e a vaca?
35 (...)
36 e a vaca?
37
38 M: olha ó João, empresta um bicho ao Pedro.
39
40 L: empresta um bicho. ((Pedro é o irmão mais novo de JM e
41 está no colo da mãe.))
42
43 JM: destes?
44
45 M: sim, desses.
46
47 JM: estes. ((mostra um à mãe.))
48
49 M: é esse?
50 então empresta ao Pedro, dá ao Pedro. ((JM estende a mão
51 com o boneco em direção ao irmão.))
52
53
54

1 JM: este. ((hesita, acaba por não dar o brinquedo ao irmão e
2 volta para junto dos outros bonecos.))
3 (...)
4 este , este, este.
5
6 M: empresta um bicho ao Pedro.
7 é esse? ((JM volta a trazer outro.))
8
9 JM: <e dou-lhe? / pou-lhe?>
10
11 M: põe na mão do Pedro, põe.
12
13 L: não é ciumento, o João Miguel? ((dirigindo-se a M.))
14
15 M: já foi mais.
16 já está mais habituado.
17 -----
18
19 JM: a fugir. ((um boneco caiu de cima da mesa para o chão.))
20 -----
21
22 L: já se habituou mais.
23 -----
24
25 JM: a fugire.
26
27 L: quem é que (...)
28 quem é que tava a fugir?
29
30 JM: o galinho.
31
32 L: a gali (...) o galinho?
33
34 JM: a fugi<r> o galinho.
35
36 L: fugiu? o galinho fugiu?
37
38 JM: tá qui!
39
40 L: tá qui!
41
42 JM: cacárocôcou.
43
44 L: cócórócó!
45 (...)
46 agora eu vou (...) agora eu vou buscar este pato, tá
47 bem?
48 vou passear com este pato.
49
50 JM: c'o este pato.
51
52 L: onde é que eu vou passear com o pato?
53 vamos passear, vamos passear. ((a cantarolar))
54 para onde é que eu vou passear com o pato?

1 (...)
 2 e tu? o que é que estás a fazer? ((está a bater com o
 3 pato na mesa.))
 4

5 JM: <a> pacheare o pato.
 6

7 L: o pato? esse não é um pato.
 8 é um (...) galo!
 9

10 (...)
 11 tá a passear? foste passear aonde com o pato? (...)
 12 hum?
 13

14 JM: amos peschearee. (vamos passear)
 15

16 L: vamos passear? mas onde?
 17

18 JM: a cabinha (a cabrinha)
 19

20 L: hum?
 21

22 JM: o pãco.
 23

24 L: o porco? não tá aqui o porco, onde é que tá o porco?
 25 procura lá (...)
 26 tá aí, é este, é este, sim! (...)
 27 aí o que é que é?
 28 é o cão e (...)

29 JM: a oveia!
 30

31 L: e a ovelha!
 32 quem é que é amigo do cão?
 33

34 JM: a veia (a ovelha)
 35

36 L: destes bichos todos, quais são os amigos do cão? (...)
 37 diz lá João (...)
 38 quais são os amigos do cão?
 39

40 ///

41
 42 ((a situação passa agora para o chão à volta de vários
 43 brinquedos donde se destacam um sapo e um cão que se
 44 movem por meio de "corda" mecânica.))
 45

46 A: o que é isso? (...) hä?
 47 (...)
 48 o que é? (...)
 49

50 M: é igual ao coelhinho da tia.
 51 também faz isso, não é João? (...)
 52 que ele já estragou.
 53

54 A: tá a saltar? (...)

1 M: que bicho é esse João? (...)
2
3 JM: o chapo.
4
5 A: um chapo.
6
7 L: um chapo.
8 o que é que o sapo tá a fazer? (...) ((JM começa a fazer
9 movimentos com as pernas imitando os
10 saltos do sapo.))
11 tá a fazer o quê João? diz lá!
12 está a dar pontapés? ((referência ao facto de JM estar a
13 "gesticular" com as pernas.))
14 JM: o <*>.
15
16 L: o sapo está a dar pontapés? não!
17 o que é que o sapo tava a fazer? (...)
18 olha, já se cansou. (...) ((o boneco parou.))
19
20 (...)
21
22 JM: já <j> cansou.
23
24 L: já se cansou.
25 cansou-se o sapo? (...)
26 cansou? (...)
27
28 JM: <*> (...) ((referindo-se à chave para dar corda ao
29 sapo.))
30
31 A: é aqui, é aqui. ((aponta para o sitio onde se coloca a
32 chave para dar corda ao boneco.))
33
34 JM: nuenta. (não entra)
35
36 L: não entra? (...)
37
38 JM: nuenta, tá variado. (está avariado)
39
40 A: está avariado, já?
41
42 L: tão depressa?
43 olha que isso é novo.
44
45 A: põe lá no chão a ver se tá avariado.
46 (...)
47 se calhar tá.
48
49 JM: ai! (...)
50 as chaves (...) ((pede as chaves.))
51
52 L: as chaves.
53
54 A: as chaves. (...)

1 ///

2
3 L: e o sapo? o que é que o sapo fez? quando o camelo o
4 queria comer? (...)
5 há? (...)

6
7 JM: tá verado. ((referindo-se ao sapo e não se interessando
8 pelo tópico introduzido por L.))

9
10 L: tá avariado? dá cá que a Lúcia arranja, dá cá, a Lúcia
11 arranja, queres? (...)

12 (...)

13
14 JM: tá vaiado!

15 -----
16
17 L: tá avariado?

18 -----
19 não tá não, tens é que puxar depois com o dedo para ele
20 saltar. (...)

21 pois!
22 (...)

23
24 JM: as chaves. ((pega na chave e tenta dar corda outra
25 vez.))

26
27 L: hum? (...)

28
29 JM: a saltar.

30 M: tá a saltar .

31 L: isso, já tá (...) tá a saltar.

32 (...)

33
34 JM: tá verado.

35 L: não tá, não tá. (...)

36 A: que é isto João? ((mostrando outro brinquedo.))

37 L: ui, essa vaquinha ele já conhece.
38 a última vez, a última vez, teve que ir para o hospital
39 esta vaquinha, não foi João? (...)

40 ///

41 P: ó João, de que côr é o sapo?

42 JM: <memeia> <vermelha>

43 L: de que côr é o sapo?

1 JM: ói! *((caiu-lhe a chave das mãos.))*
2
3 A: ói!
4
5 L: dá cá que a Lúcia, a Lúcia arranja.
6 não, não é aí.
7 a Lúcia arranja, dá cá, empresta. (...)
8 isso!
9 a Lúcia ajuda, péra, péra, segura, segura com esta
10 mão, vai agora, segura aí, isso! (...)
11 mais!
12 e agora tens que dar com o dedo.
13 isso, já tá bom. *((estão a dar corda ao sapo para o
14 porem em movimento.))*
15
16 (...)
17
18 JM: <*> o dedo.
19
20 M: de que côr é o sapo João? (...)
21 não ouves?
22
23 JM: <*> andar, o barco a andar. *((faz andar no chão um barco
24 que tem rodas.))*
25
26 A: o barco a andar.
27
28 L: o barco a andar como o carro, já viste?
29 olha, e esta mota também é do Quintas? (...)
30 este brinquedo também é dele? (...)
31
32 A: mostra lá essa. *((a mota))*
33
34 JM: <*> toma.
35 (...)
36 as chaves?
37
38 L: há?
39 as chaves? quais chaves?
40
41 A: as chaves tão aqui.
42 toma.
43
44 JM: tão aqui.
45
46 L: tão aqui.
47
48 JM: tão aqui.
49
50 ///
51
52 P: ó João, canta lá aquela canção do "assentado à
53 chaminé".
54 JM: tá viado. *((refere-se de novo ao sapo.))*

1 L: não, dá cá o teu dedo, dá cá o teu dedo, queres ver?
2 (...)
3 só uma vez com o dedo.
4 isso!
5 "assentado à chaminé-é" ((*canta*))
6
7 A: deixa lá ver se este consegue resistir. ((*comentário*
8 *para os outros adultos.*))
9 olha aqui João, olha aqui. ((*põe um cão de "corda" a*
10 *andar em cima da carpete.*))
11
12 L: não; tem de ser no chão, na alcatifa não dá.
13 (...)
14 põe aqui. ((*em cima de um livro porque no chão não*
15 *desliza.*))
16
17 A: queres ver? (...)
18 olha aqui.
19 (...)
20 o que é que vai fazer o cão?
21
22 L: ooh! olha o cão!
23
24 (...)
25
26 A: o cão não tem chave, não lhe interessa. ((*dirigindo-se a*
27 *L.*))
28
29 JM: não tem chave!
30
31 L: sim mas é que ele ainda não descobriu, vais ver quando
32 ele descobrir que é ali de lado.
33 ((*refere-se ao mecanismo de corda do boneco.*))
34
35 A: é aqui João, queres ver? olha, é aqui, é aqui.
36
37 (...)
38
39 JM: aqui os <*>.
40
41 A: olha, o <*>.
42
43 L: ai, os olhos!
44
45 (...)
46
47 P: ó João, canta lá aquela, que tu sabes.
48 hum?
49 não sabes nenhuma cantiga para a gente ouvir? (...)
50 João Miguel! (...)
51 não sabes nenhuma cantiga para a gente ouvir?
52 hum? (...)
53 não? (...)
54

1 ///
2
3 JM: nuanda, nuanda, tá vaiado. ((referindo-se de novo ao
4 sapo.))
5
6 (...)
7
8 L: tá avariado?
9 não anda?
10
11 (...)
12
13 P: ó João, mostra ao pai, mostra. (...)
14 mostra ao pai João! então eu não vejo?
15
16 L: ói!
17
18 JM: caiu. ((caiu a chave de dar corda ao boneco.))
19
20 L: caiu.
21 (...)
22 ai, o que é que o sapo tá a fazer? (...) hum?
23
24 JM: pés.
25
26 L: o quê?
27
28 A: ai que tentação, que tentação.
29 ((referindo-se à tentação que J.M. parece
30 manifestar de pisar o brinquedo.))
31
32 L: <* *>
33
34 JM: morde.
35
36 L: morde?
37 -----
38 morde o quê?
39
40 A: morde?
41 -----
42
43 JM: o sapo o dedo.
44
45 L: o sapo morde o dedo? (...)
46 morde o dedo de quem?
47
48 (...)
49
50 JM: aaaaaaaaah aa-aaah ((faz andar um carro.))
51
52 P: João, João, a Rita? (...)
53
54 JM: aaaaa.

1 (...)
2
3 P: João Miguel, a Rita? (...)
4 e a Gui-Gui, onde é que está a Gui-Gui, João?
5
6 JM: embora.
7
8 L: foi-se embora?
9
10 P: foi para onde? (...)
11 com quem é que foi a Rita, com quem foi? (...)
12 e o avô? (...) e a avó?
13
14 (...)
15
16 JM: <j>á viste? (...)
17 -----
18 viste, já viste? (...)
19
20 P: já viste o que é que (...)
21 -----
22 L: olha, põe ele ali no chão que ali anda mais, sem ser na
23 carpete (...)
24 fora da carpete.
25
26 JM: <*> chapo.
27 o chapo?
28
29 L: tá aqui.
30 mas vai pôr o cão fora da carpete que é para o veres
31 andar mais.
32
33 JM: <*>
34 (...)
35
36 A: (...) olha João, João, olha aqui. ((*põe o cão a andar no*
37 *chão.*))
38
39 L: aí vem o salsicha.
40 pum! queres ver?
41
42 JM: <quésvere> (...)
43 < cá fui >, quésvere?
44 paum!
45
46 A: hä? (...)
47 pum? olha.
48
49 JM: paum!
50
51 A: paum!
52
53 JM: paum!
54

1 A: vai-se embora! ((referindo-se ao boneco que se afasta e
2 depois pára.))
3
4 JM: va s'imbora (....)
5 vasimbora, vá s'imbora. ((o cão vai para debaixo da
6 mesa.))
7
8 (...)
9
10 A: pum! ((o boneco bate na cadeira.))
11
12 JM: qué's vere? (afasta a cadeira do boneco.)
13
14 A: vai-se embora outra vez.
15
16 P: olha, apanhámo-lo aqui, olha. ((pega no boneco.))
17
18 P: anda cá João, anda cá.
19
20 JM: <dá qui> ((pede-lhe o boneco.))
21 -----
22 P: anda cá conversar comigo. (...)
23 -----
24 olha! (...)
25 olha! ((pega em JM e senta-o ao colo.))
26
27 JM: não!
28
29 P: olha, vamos lá a saber uma coisa (...)
30 sim? (...) vamos saber uma coisa. (...)
31 olha, o que é que tu comeste hoje ao jantar?
32
33 JM: peixinho, arrochinho (arrozinho) <*>.
34
35 P: não ouvi nada, foi o quê?
36
37 JM: bife.
38
39 P: o que é que tu comeste ao jantar?
40
41 JM: o peixinho.
42
43 M: ah, agora já tava a aldrabar.
44
45 P: e mais?
46 o que é que bebeste?
47
48 JM: á (...) beber água, bebi água.
49
50 P: ai foi?
51 muito bem!
52
53 JM: beber-a (...)
54

1 P: olha, o que é que tu gostas mais (...) de comer?
2 o que é que comeste ontem na praia? (...)
3 hum?
4
5 JM: <* *>
6
7 P: o que é que o pai, o que é que o pai deu ontem na praia?
8 (...)
9 o que é que o pai deu ontem na praia? (...)
10 isso é o cãozinho, não é? ((JM tem o cão na mão.))
11
12 JM: na-não. ((recusa o cão ao pai que lhe queria mexer.))
13
14 P: olha, de que cor é o cão? (...)
15 que cor é o cão? (...)
16
17 JM: marelo.
18
19 P: há? de que cor é?
20
21 JM: <*>
22
23 ((JM está a fazer passar o boneco de corda por detrás de
24 um volume - um quadro - que está encostado à parede.))
25
26 A: ah! ah!
27
28 P: ele gostou foi daquela cena de passar ali por trás e
29 aparecer do outro lado.
30 JM: <*>
31
32 P: ó João não se vê nada assim. ((JM está à frente da
33 câmara.))
34
35 (...)
36
37 L: olha, o que é que o cãozinho tá a fazer?
38
39 JM: siconde. (se esconde) ((atrás do quadro.))
40
41 L: há? (...)
42
43 JM: siconde!
44
45 M: siconde.
46
47 JM: foi chimora. (foi-se embora)
48
49 M: se esconde!
50
51 L: se esconde, aah!
52
53 JM: foi chimora.
54 tá qui! ((retira-o do sitio onde estava escondido.))

1 L: tá aí?!

2

3 P: João Miguel de que côr é o cão?

4

5 JM: marela.

6 marelo.

7

8 L: marelo!

9 e agora o que é que o cãozinho vai fazer?

10

11 JM: siconde. *((atrás do quadro))*

12

13 L: há?

14 sisconde?

15

16 M: sisconde!

17

18 (...)

19

20 P: de que côr é a tua chucha João?

21

22 JM: oh! fuchiu. *(fugiu) ((o boneco pára atrás do quadro.))*

23

24 L: oh! onde é que tá o cãozinho? (...)

25 tá escondido?

26

27 JM: escodido.

28

29 P: fugiu?

30

31 L: ói, o cãozinho está cheio de sono. *((vai diminuindo a*

32 *velocidade até ficar muito lento.))*

33

34 P: fugiu para onde?

35

36 JM: oichimbora. *(foi-se embora)*

37

38 L: foi-se embora?

39

40 A: queres ver, queres ver, João? olha, olha, olha.

41 *((dá corda ao boneco.))*

42

43 JM: o ch, o ch (...) o ch (...) o chapo?

44 -----

45

46 M: olha, vai lá ver o que vai fazer o cão.

47 -----

48

49 A: João, João, olha aqui, olha! *((põe-lo a andar por trás do*

50 *quadro.))*

51

52 M: olha o cão, olha o cão.

53

54 (...)

1 A: ah! ah! não chegou ao fim.
2
3 JM: ma-porcaria. ((*uma porcaria.*))
4
5 A: ah! porcaria de cão.
6
7 L: uma porcaria?
8
9 A: larga isso, larga.
10
11 L: deve haver muitas mais, ó João!
12
13 JM: quéz vere? ((*o cão e o sapo atrás do quadro.*))
14 (...)
15 fugiu, o japo.
16
17 A: fugiu o sapo.
18
19 JM: tá qui!
20
21 A: tá qui.
22 (...)
23 anda cá ver, anda cá ver.
24
25 L: o que é que , o que é que o sapo está a fazer que eu não
26 consigo ver?
27 diz-me lá.
28
29 P: o que é que o sapo está a fazer João?
30
31 JM: a saltare.
32
33 L: tá a saltar?
34 e salta com muita força?
35 (...)
36 oh, e também está a comer ou não?
37
38 P: ah! ((*JM pisa o brinquedo.*))
39
40 A: é uma tentação.
41
42 P: acabou.
43
44 L: não, não acabou.
45
46 A: ah! ah! ele agora vai com o dedinho!
47
48 P: João, o que é que fizeste ao sapo? mataste o sapo?
49 mataste o sapo, João? mostra! (...)
50 ai , é resistente o gajo.
51
52 ///
53
54 JM: ossimbora. (*foi-se embora*)

1 ((*esconde o cão atrás do quadro.*))
2 istá? (*onde está?*)
3
4 L: tá aí uma casinha de cães?
5
6 ///
7
8 P: olha , de que côr é que é o sapo?
9
10 JM: marelá.
11
12 P: não, amarelo é isto! ((*o cão*)) agora é tudo amarelo?!
13
14 L: o que é que tu tás a fazer, João? ((*está a tentar pôr o*
15 *sapo a andar.*))
16
17 P: tens que lhe dar corda João. ((*ao sapo*))
18
19 L: tás a fazer o quê?
20
21 P: tá de costas.
22
23 L: o que é que estás a fazer? conta lá à Lúcia. ((*põe outra*
24 *vez o cão atrás do quadro.*))
25 (...)
26
27 JM: a chaves, as chaves? ((*de dar corda ao sapo.*))
28
29 A: o quê? as chaves estão aqui.
30
31 JM: ô estão? (*onde estão?*)
32
33 A: onde estão?
34
35 P: onde estão?
36 pergunta à Lúcia onde estão as chaves.
37
38 JM: tá qui. ((*P mostra algo que tem na mão.*))
39
40 P: o que é que é isto?
41
42 JM: marelá.
43
44 P: não, não, isso não é uma resposta padrão bebé!
45
46 L: ah! ah! ele tá naquela, vocês são uns chatos!
47
48 P: pega lá amarelo e cala-te!
49
50 L: então, já tá a trabalhar ou tá avariado?
51 (...)
52 ((*JM está de novo a tentar dar corda ao sapo.*))
53 tá avariado?
54
54 JM: tá vaiado.

1 L: tá avariado?
2
3 P: dá cá que o pai faz.
4
5 ///
6
7 P: tira daí, tira (...) tira, tira daí.
8 (...)
9 sai, sai daí, sai.
10 anda para aqui. ((J. está a brincar com o sapo em cima
11 de um tambor, atrás do sofá.))
12
13 JM: sai Miguel, sai Miguel.
14
15 A: sai, sai Miguel?
16 (...)
17
18 P: anda cá dar corda ao sapo.
19 anda cá dar corda ao sapo.
20
21 L: o que é que aconteceu ao sapo João?
22
23 P: o que é que o sapo não tem?
24 o sapo não tem o quê?
25
26 JM: em chima. ((em cima do tambor?))
27
28 P: anda cá, anda cá.
29
30 L: o sapo tava a andar?
31
32 JM: é está?
33 cá!
34
35 P: olha aqui João, João!
36 esses não saltam (...)
37 olha João, João Miguel, João!
38 põe aqui o tambor.
39
40 (...)
41
42 JM: nuanda. ((refere-se ao sapo))
43
44 P: dá cá, dá cá.
45 dá cá para eu dar corda.
46
47 JM: ói, caiu. ((do tambor))
48
49 L: ele põe aquilo em cima do tambor?
50
51 P: é para ouvir o barulho.
52
53 JM: ói, caiu, <*> caiu, agora caiu.
54 agora é o baco.

1 ///
2
3 P: dá. *((sapo))*
4
5 L: ai seu mariola que estava aí escondido detrás, não (...)
6
7 P: dá cá João, João Miguel.
8
9 L: olha a fotografia João.
10
11 **JM:** hummm. *((zangado porque o pai lhe tirou o sapo))*
12
13 P: o que é que vais fazer? vais chorar?
14 olha, vamos lá contar uma história ao pai.
15
16 **JM:** não, não.
17
18 P: a do balão.
19
20 **JM:** na-não!
21
22 P: porque é que as tuas mãos cheiram a peixe? (...)
23 aposto que comeste bifes ao jantar, não foi?
24
25 **JM:** ai, ai! *((o pai está a cheirar-lhe as mãos.))*
26
27 P: péra aí, péra!
28
29 **JM:** deixa vere.
30
31 A: deixa ver.
32
33 **JM:** andare. *((aponta para o tambor.))*
34
35 P: andar aonde?
36
37 **JM:** ali.
38
39 P: ali é o quê? (...)
40 é o tambor, diz lá.
41
42 **JM:** o tampore.
43
44 P: olha João, João, vem cá, vem cá buscar (...)
45 a correr.(...)
46 olha, porque é que não anda aqui? *((no chão))*
47 (...)
48
49 **JM:** nuanda! *((no tambor outra vez.))*
50
51 P: tens que dar um saltinho nele (...)
52 larga, larga (...)
53 o melhor é pôr mesmo aqui o o tambor.
54

1 L: ó João, traz o tambor para aqui.
2 ((P. traz o tambor.))
3
4 A: olha o que tá aqui.
5
6 P: uns tä-täs.
7
8 (...)
9
10 A: anda para trás? ((o boneco))
11
12 P: aqui o som é diferente ((no tambor mais pequeno.))
13
14 JM: a mota pachima (...)
15 a baáá, <* * *>.
16
17 P: isto agora vai tudo para cima dos tambores (...).
18 construções, é o lego!
19
20 L: isso é o jardim zoológico aí?
21
22 P: olha , o que é que tu fizeste no jardim zoológico no
23 outro dia?
24
25 JM: um maca (...)
26 <vi> macacos, e mais?
27
28 A: ah!ah! já dá as respostas e faz as perguntas.
29
30 P: o que é que tinha mais João?
31
32 JM: mama lande.
33 tum tis tis.
34 macaco a guitare, um a guitare hiiiiii!
35
36 A: a gritar.
37
38 P: os macacos a gritar.
39 diz ao António Quintas o que é que viste mais no
40 jardim zoológico? (...)
41 e o que é que a gente cantou no jardim zoológico?
42
43 JM: (...)
44
45 M: não vos liga nenhuma.
46
47 P: não, isto hoje está mau.
48
49 A: não.
50
51 M: tem brinquedos novos.
52
53 (...)
54

1 JM: sai. ((tira os bonecos de cima do tambor.))
2
3 P: ó João, João (...)
4
5 ///
6
7 P: deixa-me dar corda ao sapo.
8 não sejas chato pá.
9
10 JM: ai.
11 a ovejia (a ovelha)
12
13 (...)
14
15 P: pronto. ((põe o sapo a andar em cima do tambor.))
16
17 JM: as chaves?
18
19 P: as chaves. (...)
20 já tem corda.
21
22 M: então ele tem corda já, João.
23
24 P: já tem corda
25 (...)
26 o que é que tu estás a fazer? (...) ((JM. está a tentar
27 dar corda ao boneco.))
28 João já chega!
29
30 M: vai cair.
31 pomba!
32
33 P: põe que ainda tem, ainda tem corda, põe lá ali ao pé da
34 vaquinha (...)
35 e do porco.
36 põe aqui, põe o sapo, põe, põe lá, o sapo.
37 põe o sapo!
38
39 JM: tira.
40
41 P: põe lá o sapo (...) ali.
42 (...)
43 deixa-o estar coitado.
44 ((JM vai mexer num acessório do video.))
45 não, não mexe! (...)
46
47 JM: ah! ((zangado))

SESSAO III

DATA: 19 de Agosto de 1990

IDADE: 2 Anos, 1 Mês, 11 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

M - Mãe

P - Pai (João Miguel)

T - Tia

AV - Avó

1 ((JM está de férias com os pais. A mãe está-lhe a dar
2 o pequeno almoço antes de irem para a praia.))
3

4 M: o que é isto que o João vai comer?
5

6 JM: banana.
7

8 M: banana.
9

10 JM: ai! ((ia comer mas interrompe.))
11

12 M: ai o quê?
13

14 JM: hoo, te (...)
15

16 M: há?
17

18 JM: tem espingas.
19

20 M: tem quê?
21

22 JM: tem espinha.
23

24 M: espinhas? as bananas não têm espinhas João.
25 vá trinca, trinca. (...)
26 diz ao pai se é bom.
27 é bom?
28

29 JM: é bom.
30

31 M: é bom?
32

33 JM: é bom.
34

35 M: olha onde é que vamos depois de o João comer a banana?
36 (...)
37 hum?
38

39 JM: pá paia.
40

41 M: para a praia!
42 fazer o quê? (...) hum?
43

44 JM: buinhos. (bolinhos)
45 buinhos.
46 -----
47

48 M: vá engole.
49 -----
50

engole e depois diz.
51 (...)
52

vamos fazer o quê? (...)
53 o que é que vamos fazer na praia?
54

1 JM: bo<l>inhos.
2
3 M: bolinhos! e mais?
4 bolinhos? com quê? (...)
5 bolinhos com quê?
6
7 JM: de aeia. (areia)
8
9 M: hä?
10
11 JM: com aeia.
12
13 M: com areia?
14 o que é que faz mais na praia o João? o que é que o João
15 faz na praia?
16 JM: cinhos.
17
18 M: vá come!
19
20 JM: cá come.
21
22 M: mastiga!
23 (...)
24 vá lá para irmos embora, já é tarde.
25
26 (...)
27 JM: o Pedinho! ((ouviu sons do irmão noutra sala e faz
28 gestos em direcção à fonte sonora.))
29
30 M: o Pedrinho; o que é que fez o Pedrinho?
31
32 JM: fê bauio. (fez barulho)
33
34 M: fez barulho? (...)
35 levamos o Pedrinho à praia?
36 (...)
37 hum? levamos o Pedrinho?
38 sim? hum? (...)
39 o Pedro também vai à praia? (...)
40
41 JM: <*>
42
43 M: o quê?
44
45 JM: a gaa <* * *> o Pedinho.
46
47 M: não percebo nada João (...)
48 o quê? (...)
49 vá come depressa para falares com a mamã, para a gente
50 conversar.
51 não estou a perceber nada (...)
52 o que é que o pai tá a fazer? (...)
53
54 JM: iar togafias. (tirar fotografias)

1 M: ai mastiga, mastiga isso!
2 não fales sem mastigar e engolir, diz lá agora.
3 o que é que o pai tá a fazer?
4
5 JM: tiar togafia.
6
7 M: tá a tirar fotografias?
8 tu gostas de fotografias? hum?
9 (...)
10 vá depressa! (...)
11 olha o passarinho tá-te a ver comer.
12
13 JM: <*> <à rua>.
14
15 M: o quê?
16 (...)
17 o fim da banana, acabou.
18 agora senta aqui.
19
20 JM: ió pai sentare. *(olha o pai a sentar)*
21
22 M: o pai a sentar, para quê? (...)
23 por que é que o pai se sentou, João?
24
25 JM: no chão.
26
27 M: sentou-se no chão para quê?
28 o que é que o pai tá a fazer?
29
30 JM: tiar togafias. *((fala com a boca cheia.))*
31
32 M: hum? (...)
33 iogurte ! *((começa a dar-lhe a comer um iogurte.))*
34
35 (...)
36
37 JM: qué <isto>?
38
39 M: iogurte!
40 (...)
41 olha, o que é que vais fazer na praia João?
42 o que é?
43
44 JM: fazer bolinhos!
45
46 M: e mais? (...)
47 o que é que fazes mais na praia?
48
49 JM: areinha!
50
51 M: há? que é que fazes na praia? (...)
52
53 JM: pa dento! *(para dentro)*
54

- 1 M: o quê?
2
3 JM: dum bau! (*dum balde*)
4
5 M: o quê?
6 não percebo!
7 fazes o quê João?
8
9 JM: põ den <d>um bau! (*pôr dentro de um balde*) ((*com o*
10 *braço faz o gesto.*))
11
12 M: toma banho, não é?
13 diz lá ao pai o que é que tu fizeste ontem na praia
14 (...)
15 o que foi? (...)
16 hum? (...)
17
18 JM: <ontem> nadar co-uis. (*com o Luis*)
19
20 P: ai sim?
21
22 M: a nadar com o Luís?
23 e mais?
24
25 JM: co a Feípa.
26
27 M: com a Felipa? (...) e mais?
28
29 P: o que é que tu fazes na água João?
30
31 JM: co-uis (...) (*com o Luis*)
32
33 P: o que é que fazes (...)
34 -----
35
36 JM: nadar co <L>uis.
37 -----
38 M: o que é que andaste a apanhar com os meninos?
39 diz lá o que é que tu fizeste (...) com os meninos
40 lá na poça de água? (...)
41 o que é que o menino apanhou? (...)
42
43 JM: ca<r>angueijo! (*carangueijo*)
44
45 M: apanhou um carangueijo, e mais? (...)
46 o que é que aconteceu mais? (...)
47 vá! para irmos à praia João! (...) ((*nova insistência de*
48 *M. para que JM coma rapidamente.*))
49 (...)
50 João!
51
52 P: o João não quer ir à praia. (...)
53
54 JM: ô está o Pedro? (*onde está o Pedro?*)

1 M: tá ali dentro.
2 tá muito calado o Pedrinho, não tá?
3 não está a chorar o Pedro.
4
5 P: o que é que o Pedro está a fazer João?
6
7 JM: tá cauado. *(tá calado)*
8
9 M: tá calado?
10 (...)
11
12 JM: tês palhacinhos, tês pa (...) até ao potão. *((a cantar))*
13
14 M: os três palhacinhos até ao portão?
15
16 P: eu quero é ouvir a outra.
17 aquela do galo.
18
19 M: qual é a do galo? "o nosso galo."
20
21 JM: o nosso galo é bom cantor é. *((a cantar))*
22 (...)
23
24 M: canta!
25
26 JM: <o / do> macaco pim-pi uma bola (...) *((a cantar))*
27 nis nii rabo ni navaia *((a cantar))*
28 _____
29
30 M: ó pá, isto hoje não dá nada. *((JM continua a não comer o*
31 _____
32 *iogurte))*
33 P: "na navalha" fez o quê? (...)
34 camisa!
35
36 JM: a navaia na cami<s>a <*> <*>.
37 uma frida na cabeça. *((leva a mão à cabeça.))*
38 uma frida na cabeça.
39 _____
40
41 M: vá come tudo para irmos embora.
42 _____
43 uma ferida na cabeça? a mãe já vê isso.
44 olha, vamos embora. (...)
45 é a última colher, tá a acabar, só tá aqui mais um
46 bocadinho.
47
48 JM: <t>á ali um pacharinho. *(está ali um passarinho)*
49
50 M: acabou. *((o iogurte))*
51
52
53 JM: < * * > *((canta))*
54 < * * > uma bola. *((canta))*

1 M: mas que trapalhão João!
2
3 P: o que é isso João? ((refere-se a um bolacha que JM tem
4 na mão.))
5
6 JM: <bolachinha>, papar (...) papar!
7 ã-a uma <*> (olha uma)
8 <* * *>
9
10 P: uma quê?
11
12 ///
13
14 ((JM está sozinho com o pai. Está sentado a uma mesa;
15 tem à frente pratos e talheres.))
16
17 P: muito bem!
18 olha, tira o chapéu, põe o chapéu para trás!
19 assim eu não te vejo. ((JM brinca com o chapéu que tem
20 na cabeça))
21 (...)
22 pronto, assim já te vejo.
23 olha, o que é que fizeste hoje?
24
25 JM: pá paia.
26
27 P: foste à praia?
28 assim eu não te vejo a cara! ((JM continua a brincar com
29 o chapéu e a esconder o rosto atrás do chapéu.))
30
31 JM: ah (...) ah ((brinca com o chapéu.))
32
33 P: quem é que tu viste na praia?
34
35 JM: as Quistina, as Quistinas. (a Cristina)
36
37 P: e mais quem?
38
39 JM: ó Quim!
40
41 P: o Quim.
42
43 JM: Quim <*> Quim <* * *>.
44
45 M: e a Adelaide.
46
47 P: viste a Adelaide? (...)
48 e a Adelaide? (...)
49 o que é isso? ((prato e talheres em cima da mesa))
50
51 JM: o gafo. (o garfo)
52
53 P: o quê? um garfo?
54 e mais?

1 JM: a faca.
2
3 P: e mais?
4
5 JM: a pelhere. (*a colher*)
6
7 P: e mais?
8
9 JM: (...)
10
11 P: isso serve para quê?
12
13 JM: pó <L>uis papar.
14 pó <L>uís papar.
15
16 P: para quem?
17
18 JM: pó <L>uis papare.
19
20 P: então e tu não pápas?
21
22 JM: <* * *>
23
24 (...)
25
26 P: o que é que comeste hoje?
27
28 JM: co-cota é aqui. (*corta é aqui*) ((*aponta para a*
29 *serrilha da faca.*))
30 P: corta, corta, então não mexe. (...)
31 para que é que serve a faca?
32 hum?
33
34 JM: nui <Luis ?> corta a que<m>ida (*comida*) <*>.
35 aca, cota aqui. ((*indicando o prato.*))
36 <* * *>
37
38 P: ó João não me queres contar uma história?
39
40 JM: <menina> (...) paparapapa.
41
42 P: a história da menina no balão.
43 (...)
44 olha, pousa lá a faca, pousa a faca.
45
46 JM: sobe, sobe <* * *> ((*a cantarolar*))
47 sobe, sobe <* * *> ((*a cantar*))
48 ói, o <*> caiu. ((*caiu um dos talheres.*))
49
50 P: o que é que caiu?
51
52 JM: em baixo.
53 olha a tia fechou a pota, seu mauanda, a tia <fa-ou>
54 a pota.

1 P: a tia fechou a porta? uma grande malandra?
2
3 JM: gande mauanda. ((*põe a faca na boca.*))
4 (...)
5
6 P: não, não põe isso na boca, tu cortas-te João. (...)
7 João não põe isso na boca!
8 põe, pouisa isso, pouisa.
9 -----
10
11 JM: < * * * >
12 -----
13
14 P: pouisa, pouisa a faca.
15 olha, onde é que está o copo?
16 pouisa a faca, pega no copo. (...)
17 João pega no co (...) onde é que está o copo?
18 o copo?
19 não, isso é o prato.
20 o copo!
21
22 JM: aqui.
23
24 P: deixa lá a faca.
25 (...)
26
27 JM: póco, copo.
28
29 P: co-po!
30 pega lá no copo.
31 para que é que serve o copo João? (...)
32 para que é que serve o copo?
33
34 JM: ohhh (...) ((*apercebe-se de qualquer coisa.*))
35
36 P: o que é isso?
37
38 JM: qué isto?
39 o vento!
40
41 P: que é isto?
42 o vento!
43 o que é que faz o vento?
44 (...)
45 tens sono? ((*JM está a bocejar.*))
46
47 JM: qué águinha.
48 eu quero águinha.
49
50 P: queres águinha? (...)
51 então espera aí só um bocadinho que o pai vai buscar
52 águinha, tá bem?
53
54 ///

1 JM: a água quer água? a água. ((monólogo)) ((JM tem um copo
2 com água na mão.))
3
4 P: o que é que estás a fazer, João? ((JM está a beber
5 água.))
6
7 JM: haa! tem sede!
8
9 T: tás a beber o quê, João?
10
11 JM: água.
12
13 T: quem é que te deu água? (...)
14 há?
15
16 JM: água (...)
17
18 T: quem é que te deu água?
19
20 JM: o pai.
21
22 T: o pai.
23
24 JM: é água.
25 (...)
26 tem chede. (tem sede)
27
28 T: tens sede?
29
30 P: já bebeste tudo?
31 (...)
32
33 JM: tem, qué mais? qué mais! ((começa aqui um monólogo "a
34 duas vozes", espécie de diálogo fantasiado.))
35 não, não!
36 ai o pai, pai, o pai ra (...)
37 o pai ralha, qué mais?
38 qué mais? qué mais!
39 não, não!
40
41 P: que copinho é esse? (...)
42
43 JM: copo <é este>.
44 ta-ta-a ta-ta-a ta-ta-a ta-ta-a ta-ta-a ta-ta-a
45 ((a cantarolar com o copo na boca.))
46
47 P: o que é isso João?
48
49 JM: <*> pica-pau amarelo, pa-pa-pi, pa-pa (...)
50 ((canta))
51
52 ///
53
54

1 P: João, o que é que foi isto? *((ouve-se o barulho do copo*
2 *de plástico do iogurte a partir-se. JM está a parti-*
3 *-lo sob a mesa, num ponto não visível para o pai.))*
4 que tás a fazer?
5
6 JM: <tá-se> a stagar, a stagar o copo. *(a estragar o copo)*
7 stagar o copo.
8
9 P: tás a quê?
10
11 JM: a stagar o copo.
12
13 P: estás a estragar o copo? (...)
14 e agora como é que o copo está?
15
16 T: olha o chapéu. *((a tia passa e põe-lhe um chapéu na*
17 *cabeça))*
18 JM: tá partido.
19 tá patido.
20 tá patido.
21 tá patido.
22 tá partido
23 tá pa(...)
24
25 P: mostra lá o copo.
26
27 (...)
28
29 JM: tá partido.
30
31 P: mostra lá o copo partido, João, mostra ao pai.
32 o copo partido!
33 mostra melhor, mostra, mostra a mim, mostra.
34
35 ///
36
37 *((JM abre o frigorífico, olha para as coisas que estão*
38 *lá dentro e depois começa a mexer-lhes.))*
39
40 JM: qué isto?
41
42 P: olha, João, João.
43
44 JM: qué isto?
45
46 P: vai <*> o frigorífico? (...)
47 vai lá João, vai lá. (...)
48
49 JM: manteiga! *((tira do frigorífico um pacote de manteiga.))*
50 é manteiga. (...)
51 é manteiga, é manteiga.
52
53 P: ó João, não abras a manteiga!
54 o que é que estás a fazer?

1 JM: <é/a> manteiga!
2 <é/a> manteiga.
3 (...)
4 eu tou povar. (*eu estou a provar*) (*passa com um dedo*
5 *pela manteiga e depois lambe-o.*)
6
7 P: provar o quê?
8
9 JM: manteiga.
10
11 P: ah, ah (...)
12 olha João, pronto já chega de provar a manteiga, põe lá
13 a manteiga no frigorífico e fecha o frigorífico!
14 o que é que aconteceu? (*a manteiga caiu.*)
15
16 JM: ói caiu.
17 caiu!
18 manteiga ca-caiu.
19
20 P: pronto, põe lá a manteiga no frigorífico, vá João.
21
22 JM: ooh!
23
24 P: põe a manteiga no frigorífico senão o pai zanga-se.
25 (...)
26 João!
27 põe a manteiga no frigorífico, não é em cima da mesa!
28 (...)
29 frigorífico!
30
31 JM: no fioífi <*> <*>.
32
33 P: agora fecha a porta, fecha.
34 fecha a porta do frigorífico, João!
35 João Miguel!
36 João! (...)
37 João (...) fecha a porta do frigorífico!
38 olha, péra aí péra.
39 tira uma cerveja ao pai!
40
41 JM: a sa<r>vaja.
42 -----
43
44 P: põe em cima da mesa, põe em cima da mesa!
45 -----
46 sem cair!
47 agora fecha a porta do frigorífico.
48 não, não, não, não, não! (*está a tirar outra garrafa.*)
49 João, fecha a porta do frigorífico.
50 não, não, não! (*tira uma garrafa de água.*)
51 vai (...)
52 ---
53
54

1 JM: quero água!
2 -----
3 eu quero água!
4
5 P: há tu queres água!
6 péra, péra, eu abro, queres que eu abra?
7 pronto, agora fecha, fecha, fecha!
8
9 ///
10
11 ((está sentado com uma revista aberta em cima da mesa.))
12
13 JM: ó, ó qué isto? ((ruído de água a correr; vira a cara
14 em direcção ao ruído.))
15 (...)
16
17 P: o que é, João? ((JM está a apontar uma a uma para as
18 diversas fotografias da revista.))
19
20 JM: tem <biquedas> (brinquedos?)
21 (...)
22
23 P: o que é que tu estás a fazer, João? ((JM está a comer
24 uma fatia de pão ao mesmo tempo que vai
25 apontando para as fotos.))
26
27 JM: bobeiras, bobeiros. (bombeiros)
28 carro dos (...)
29 os ca-do bomb (...)
30 os cao-carro dum bombeiros! ((a apontar para a
31 revista.))
32 os cao-ca <*> <*>.
33 <tês> carro.
34
35 P: o que é que tás a fazer, João? (...)
36 hum? (...)
37 o que é isso que tens na mão?
38
39 Av: o que é isto que tás a comer? (...)
40 o que é? diz lá.
41 que tás a papar? (...) hum?
42
43
44 JM: qué isto? ((aponta para a revista.))
45 (...)
46
47 Av: <*> bois.
48 (...)
49
50 JM: <são> monecos! (...)
51 são bonecos!
52
53
54

1 (...)
2
3 P: o que é que tu tás a comer João? (...)
4 não dizes ao pai o que é que estás a comer? (...)
5 hum? (...)
6 o que é?
7 (...)
8 o que é isso que está à tua frente?
9 (...)
10 o que é? ((*refere-se à revista*))
11
12 JM: ana ver, aah. (*anda ver*)
13 ana vere! ((*chama a avó para junto da revista.*))
14
15 Av: eu vou ver pronto! vá diz lá (...)
16 os bois! (...)
17
18 JM: os bois, o baco, <boeiro>. (*bombeiro?*)
19 qué isto? ((*aponta para algo na revista.*))
20
21 Av: isto é o carro do do (...) barcos.
22
23 JM: qué isto?
24
25 Av: é os homens.
26
27 JM: <ma-me-me-ma> ((*pega no dedo da avó e serve-se dele para*
28 *apontar para uma das imagens.*))
29 quisto?
30
31 Av: isto, é os homens no ca (...) nos barquinhos, não é?
32 e ali há uma camioneta dos bombeiros.
33
34 ///
35
36 Av: diz lá, o que é isto que tá aqui, o que é isto?
37
38 JM: uma camineta.
39
40 Av: é.
41 e aquilo?
42 (...)
43 o que é isto?
44
45 JM: qué isto?
46 um bombeiro.
47
48 Av: não, os bombeiros é ali.
49 o que é aquilo que está ali?
50 (...)
51 diz lá.
52
53 JM: um tinóni.
54

- 1 Av: olha e isto aqui?
2 o que é aquilo o que é? (...)
3 diz lá, hum! (...)
4 diz lá diz.
5
6 JM: ti-nó-ni, tinóni. ((aponta para uma das imagens.))
7
8 Av: tinóni é aqui.
9 e agora quero é isto que está aqui(...)
10
11 JM: ti-nóni.
12
13 P: vira a página. ((dirigindo-se a Av.))
14
15 JM: aaaa-aaaa-aaaa ((parece imitar o som de uma
16 ambulância.))
17
18 P: vamos ver o que é que tá do outro lado.
19
20 Av: olha, e aquilo <*> <*>
21 o que é aquilo? (...)
22 o que é este boneco aqui?
23
24 JM: qué isto?
25 leão!
26
27 Av: hä?
28
29 P: um leão?
30
31 Av: é!
32
33 P: o que é que o boneco está a fazer João?
34
35 Av: diz lá o que é que ele está a fazer, o leão?
36
37 (...)
38
39 JM: qué isto?
40
41 Av: tá a regar.
42 tá a regar o jardim.
43 diz lá, diz lá.
44
45 JM: oh (...) ((AV. toca-lhe nas costas e JM volta-se para
46 trás.))
47
48 Av: fui eu que fiz assim. ((toca-lhe nas costas.))
49 diz lá, olha, "tá a regar o jardim".
50 diz lá tu.
51
52 JM: não! qué isto? qué isto? quisto? quē isto? ((aponta
53 vagamente para imagens na revista.))
54

1 Av: tem mais aqui, mais bonecos, péra aí. ((vai virando as
2 páginas da revista.))
3 hum, mais casinhas de bonecos.
4 olha vês? tão lindo mais pópós.
5 diz lá, diz lá ao papá o que estás aqui a ver, diz lá ao
6 papá.

7
8 JM: pó-pós, pó-pós, (...) ba-cos. (barcos)

9
10 Av: barcos!
11 e que mais, o que é que vês aqui mais?
12 olha, o que é que este menino tá a (...) olha, o que é
13 que este menino tá a fazer?
14

15 JM: <j>ogar à bola.

16
17 Av: e aqui este menino, o que está a fazer?

18
19 JM: ádar cabainho. (tá a andar de cavalinho)

20
21 Av: tá a andar de cavalinho pois claro.
22 o que é aquilo que está aqui? olha o que é aquilo que
23 está aqui? olha, aqui, olha aqui (...)

24
25 JM: qué isto? <* * *>

26
27 Av: isto é uma garrafa, diz lá!
28 diz com a avó, diz com a avó: "é uma garrafa".
29 (...)

30
31 JM: pa beber sumo.

32
33 Av: pa fazer sumo pois é.

34
35 P: pa beber sumo.

36
37 JM: oh, qué isto?

38
39 Av: então, olha, isso é a mamã e a avó, debaixo de um
40 chapéu de sol, na praia.(...)
41 hum? (...)

42
43 JM: qué isto? (...)
44 aí (...)
45 menino tá fazere?

46
47 Av: que tá fazer?
48 vamos lá ver isto aqui, isto aqui. ((vira páginas.))
49 olha os meninos.

50
51 (...)

52
53 JM: <*> a menina tá(...)

54

1 P: deixa-o virar. ((as páginas))
2
3 JM: hum paiacinho tá aí. (palhacinho)
4 tá aí paiacinho.
5 <tem / tá aí> o paiacinho.
6
7 Av: peixinho? é?
8
9 JM: palhacinho.
10
11 P: palhacinho.
12
13 JM: um moneco (...) muto feio.
14
15 Av: é um boneco muito feio!
16 olha, tá aqui outros bonecos, olha, olha ali outros
17 bonecos, olha.
18 também são feios? (...)
19 olha aqui a menina a tomar banho, olha, olha a menina a
20 tomar banho (...)
21
22 P: o que é que a menina tá a fazer João?
23
24 JM: tomar manhinho. (banhinho)
25 tomá ma(...)
26 to-tomá m(...)
27 to-tomá ma(...)
28
29 Av: <*>, olha ali. ((ainda a revista.))
30
31 JM: oh, qué isto? (...)
32 moneca muito feia (...)
33 pópó muito feio.
34 <* * *> (...)
35 qué isto? (...)
36 qué isto? (...)
37 qué isto?
38
39 Av: o que é isto?
40
41 JM: não, qué isto? ((agarra no dedo da avó para apontar.))
42
43 Av: o que é isto?
44 é uma boneca (...) de trapos.
45 olha aqui é um menino a dormir (...)
46
47 JM: qué isto?
48
49 Av: é uma mulher, com um vestido (...)
50
51 JM: qué isto?
52
53
54

1 Av: é uma mulher, uma menina.
2 (...)
3 aí, o que é isto? (...)
4 o que é, filho?
5
6 JM: ééé pópó, a parede.
7 tinóni, tinóni, tinóni (...)
8 é o carro!
9
10 Av: iii, o carro!
11
12 JM: ca-carro gande.
13 <* * *>
14
15 Av: olha olha que lindo, olha que bonito.
16 o que é aquilo? ((*fotografia de um pato.*)
17
18 JM: qué ito?
19 um gato.
20
21 Av: é?
22
23 JM: é! um gato.
24
25 Av: não, é um pato (...)
26 é um pato!
27
28 JM: pache-paci (...)
29 <*> <*>
30
31 Av: <*>
32
33 JM: <*>
34
35 Av: olha pópós, aqui <*> <*>
36 já viste os pópós?
37
38 JM: óóóó tão a estagar o pópó.
39
40 Av: hum, hum.
41
42 P: estão a estragar o pópó?
43
44 Av: pois estão.
45
46 JM: óóóó, tá a estagar o dois (...) pópós!
47
48 Av: os pópós.
49
50 JM: tá estagado.
51 pópós é este.
52 pópó é este.
53 <tá> estagado.
54

- 1 P: ó João, João, João.
- 2 diz adeus ao pai (...)
- 3 manda beijinhos.
- 4
- 5 Av: manda beijinhos ao pai.
- 6
- 7 JM: *((com gestos faz beijinhos para o pai.))*

SESSAO IV

DATA: 3 de Setembro de 1990

IDADE: 2 Anos, 1 Mês, 25 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

P - Pai (João Miguel)

M - Mãe

1 ((JM está na banheira. Com os pés vai rodando uma
2 camioneta de plástico que se encontra dentro da
3 água.))

4 P: o que é isso que tens nos pés?
5 como é que se chama isso que tens aí aos pés?

6
7 JM: é <uma> menéta, (...)a menéta. (camioneta)
8 a menéta pate.
9 a menéta, <ca>minéta.
10 a camionéta.

11
12 P: para que é que serve a camioneta?

13
14 JM: é do João.
15 é do João!

16
17 P: e é para quê?

18
19 JM: <*> (...) é po João <*>
20 (...)
21 <* doer> ((está a brincar com o joelho.))

22
23 P: o quê?

24
25 JM: aaai um dói-dóisinho, dói-dóisinho! ((aponta para
26 o joelho.))
27 <é gande??> <qués ver??>
28 caiu o dói-dóisinho.
29 dói-dóisinho! ((como se estivesse "a falar com o
30 dói-dóisinho".))

31
32 P: caíste, foi? (...)
33 como é que fizeste o dói-dói, João?

34
35 JM: caíu.

36
37 P: aonde é que caíste?

38
39 JM: na terra! (...)
40 na terra, Ade-aide, Ad (...) Adeaide, <*> (...)
41 Ade-aide, Ade-aide.
42 ((Adelaide))

43
44 P: a Adelaide? foi com a Adelaide?

45
46 JM: pá paia co Aide (...)
47 pá paia co Aide, pá paia co Aide, pá paia co
48 Aide.

49
50 P: e depois? o que é que fizeste mais
51 com a Adelaide?

52 JM: areia.
53 areia pa cima (...) do pai.
54

1 P: areia pa cima do pai? não!
2 atiraste areia para cima de quem? (...) hum?
3 o que é que tu fazias com a areia, João?
4
5 (...)
6
7 ((JM toca com a cabeça numa toalha que está atrás
8 de si, vira-se e pega nela para a pôr dentro de
9 água. Abandona o tema da areia e passa a referir-
10 se-à toalha.))
11
12 JM: vai cair, a-agoora, agora, gora, agora.
13 é m<e>u.
14
15 P: o que é isso, João? ((refere-se à toalha.))
16
17 (...)
18
19 JM: <* * *>
20 -----
21
22 P: o que é que é isso, João? (...)
23 -----
24 o que é isso, João? (...)
25 o que é isso, João? (...)
26 não sabes o que é isso? (...)
27 quem é que tá a chorar, João?
28 ((ouve-se o irmão mais novo a chorar.))
29
30 JM: Pedo!
31
32 P: porque é que ele tá a chorar? (...)
33 não sabes?
34
35 JM: <* * *> água.
36 <* * *>
37
38 (...)
39
40 P: João! (...)
41
42 JM: ó-bau-au, ai-ai-ai-ai-ai, ólh-ólh-ólh-ólh-ólh-
43 ólha (...) ólh-ólh-ólh-ólh-ólh- (<* * *>
44 ((a cantar))
45
46 P: tás a cantar?
47
48 JM: óóó-lha, óó.
49
50 M: <* * *>
51
52 JM: olha!
53
54 M: o pai.

1 (...)

2
3 P: tás a cantar, João?

4
5 JM: taaa-da-da, ta-da-da-da-da, ta-ra-ra-ra-ra, ta-
6 ra-ra-ra-ra.

7 olha uma (...) olha Padinho! *(Pedrinho)*.

8 babé! <seu> babé! <*>

9 *((a mãe tráz o irmão mais novo para junto da
10 banheira onde está JM.))*

11
12 M: tu caís João, deixa estar aí, tu caís.

13
14 JM: ói.

15
16 M: o Pedro já tomou banho João.

17
18 JM: mãe, mãe!

19
20 M: sim, ele já tomou banho, ele tá a ver-te.

21
22 JM: mãe (...)

23
24 M: o Pedro veio ver o João tomar banho (...) tá bem?

25
26 JM: ai, ai. ai, a caminéta!

27 magou, pai a caminéta (...) do João.

28
29 P: magoou?

30
31 JM: magou a caminéta do João, magou a caminé (...) <*>

32 camineta, bém, caminete bém, caminet

33 tabém, caminet tabém, caminet tabém.

34 *((a cantarolar.))*

35
36 *((enquanto está a cantar vai brincando com um
37 boneco de borracha. Separa-lhe a cabeça do
38 tronco e enche a cabeça -oca- de água, a qual
39 vai enchendo e despejando sobre a sua própria
40 cabeça ou sobre o tronco do boneco.))*

41
42 tem peixinho na cabeça.

43 uma <* * *>

44
45 P: o que é isso, João?

46
47 JM: um bebé.

48
49 P: um bebé?

50
51 JM: é um bééé-la-la-ré.

52
53
54

1 P: mostra, mostra o bebé ao pai.
2 vira para cá.
3 o que é que estás a fazer?

4
5 JM: beber água. ((*bebe água a partir da cabeça do*
6 *boneco.*))

7
8 P: aaah (...)

9
10 JM: beber ááááá, ááá.

11
12 P: e agora?

13
14 (...)

15
16 JM: é gaande! (...)
17 molha<r> a cabeça, tuuuuuuu (...)

18
19 P: molhar a cabeça.

20
21 JM: uuuu ma-ma-ma-ma-ma <* * *>

22
23 (...)

24
25 P: o que é que o Pedrinho tá a fazer?

26
27 JM: olha, cáca. ((*qualquer coisa na banheira.*))
28 <* * *>

29
30 (...)

31 P: o que é isso, João? (...)
32 o que é isso? (...) ((*engasgou-se com a água que*
33 *bebeu e está a tossir.*))

34
35 JM: um bebé! engoli a água!

36
37 P: haaa (...) e depois o que é que aconteceu?

38
39 (...)

40
41 JM: <*> bebé!
42 <* * *>

43
44 M: João, porque é que tá a tossir? (...)
45 João, porque é que tás a tossir? (...) hä?

46
47 JM: seguir.

48
49 M: porque é que o João tem tosse?

50
51 JM: guiu água.

52
53 M: engoliu água?!
54 mas a água do banho não é para beber! também?

1 JM: <u>ma pinga.
2
3 M: não, não!
4
5 (...)
6
7 JM: <* * * * > á do banho, água do manho, água.
8 (...)
9 olha cáca!
10
11 P: cáca? (...) cáca, João?
12
13 JM: cáca no manho, cáca no manho (...)
14 be-be-ra, be-vera, be-be na áá-gua.
15
16 P: olha o Pedrinho quer falar contigo. ((*Pedro*
17 *gesticula em direcção à banheira.*))
18
19 JM: <*> água.
20
21 P: o Pedrinho quer falar contigo, João, chama o
22 Pedrinho!
23
24 (...)
25
26 JM: <* * * > feicha boca, tápa! ((*não liga ao pedido*
27 *do pai e continua a brincar com o boneco.*))
28 (...)
29 pum! pum! pum!
30
31 P: o que é que estás a fazer, João?
32 -----
33
34 JM: pum-pum-pum. puumm, pum-pum-pum.
35 -----
36
37 P: o que é que estás a fazer?
38 tás a dar mergulhos?
39
40 JM: haaa-aaa-aaa-a-aa (...)
41
42 P: dá lá um mergulho para o pai ver (...)
43 ((*JM curva-se e põe a cabeça dentro de água.*))
44 aah! (...) grande mergulho!
45
46 JM: bom-bom-bom-bom-bom-bom (...)
47
48 P: tás a cantar ?
49
50 (...)
51
52 JM: <* * * >
53
54 (...)

- 1 M: o João tem que sair do banho para ir jantar.
2
3 P: não bebe água João!
4 (...)
5 o que é que tu fizeste à água? (...)
6 onde é que estás a pôr a água? ((JM está a pôr
7 água dentro da camioneta, com a
8 cabeça do boneco.))
9
10 JM: no babé.
11
12 P: hum (...)
13
14 JM: na camineta.
15 (...)
16 t<á/ão> stagada, põe não põe n'água, t<ão>
17 stagada.
18 ((tira o boneco que está partido em
19 dois de dentro da água e põe-no na
20 borda da banheira.))
21 au puxa da água!
22
23 P: ó João, vai acabar o banho (...) tá bem? (...)
24 pode a (...) pode acabar o banho? (...)
25 o que é que vamos fazer a seguir ao banho, João?
26 João Miguel!
27
28 JM: <ma mica>.
29 pinga, uma pinga, caiu o ba-bé? caiu, coitadinho
30 do babé, coitainho!
31
32 P: o que é que tens na mão, João? (...)
33 pronto, já chega de banho.
34 agora (...)
35 -----
36
37 JM: tá quente!
38 -----
39
40 P: agora vamos acabar com o banho que é para irmos
41 ----- jantar.
42 tá com fome João?
43
44 JM: tá não, tomá bainho. (tomar banhinho)
45
46 P: ai é? não queres sair do banho? (...) não queres
47 o que é que foi? o que é que foi? sair do banho?
48
49 JM: gora, gora. ((JM está a pôr o boneco - a cabeça-
50 dentro da camioneta e a deixá-la cair
51 dentro de água.))
52
53 P: o que é que está a acontecer?
54

1 JM: foi o bebé.

2
3 P: o que é que aconteceu ao bebé?

4
5 JM: o bebé caiu!

6
7 P: aah (...)

8
9 JM: o bebé caiu!

10
11 P: caiu aonde ?

12
13 JM: o bebé caiu.

14
15 P: o que é isso? o que é que estás a fazer à cabeça
16 do bebé?

17 ((JM está a morder a cabeça do boneco.))

18
19 JM: <tou tincá-la/uma tincada>.

20
21 P: a quê?

22
23 JM: <tincá-la/tincada>

24
25 P: não tou a perceber, tira lá a cabeça e diz lá o
26 que é que estás a, a, a fazer à
27 cabeça do bebé.

28 o que é que estás a fazer à cabeça do bebé?

29
30 JM: ao homem, ao homem, ao homem, ao homem!
31 ao homem, ao homem!

32
33 (...)

34
35 P: o que é que estás a fazer? o que é isso?
36 o que é que estás a fazer à ca, à cabeça
37 do bebé?

38 João, diz lá! (...)

39 o que é que estás a fazer à cabeça do bebé?

40 ((outra vez a morder a cabeça))

41
42 JM: a (...)

43
44 P: o que é isso? (...)

45 não sabes o que é que estás a fazer, sabes?
46 o que é isso? o que é que estás a fazer?

47
48 JM: bebê água, o bebé!

49
50 (...)

51
52 P: não bebe água do banho, não seja maluco!

53
54 (...)

55

1 JM: ao éé! ao éé! ao éé!
2 ao éé! uma pinga, uma pinga pa tii, uma pinga ta
3 ti, uma pinga pa ti; uma pinga pa (...)
4 uma pinga, ma pin (...) ((monólogo))
5

6 P: o que é que estás a fazer, João ?
7

8 JM: ma pi, uma pinga.
9

10 P: ei, ei, ei, ei, ei. ((chapinha com os pés na
11 água.))
12

13 JM: molhá Pedro. ((enche o boneco co água e vai para
14 entorná-lo em cima do irmão que
15 está do lado de fora da banheira.))
16

17 P: molhar o Pedro não, não, João, não! não, não se
18 faz isso.

19 Joäao!, João Miguel!
20 o papá dá palmadas!

21 M: molhas o Pedro vou-te bater, João, vou, vou!
22

23 P: hu-hu (...)
24 João, diz adeus ao pai.
25

26 JM: deus.
27

28 P: adeus.
29

30 JM: deus!
31 tomá bainho. (tomar banhinho)
32

33 P: manda beijinhos ao pai.
34 o que é que tás a fazer? ((JM vira-se de
35 barriga para baixo.))
36

37 JM: < * * * > ((JM tira um dos pés da água.))
38

39 P: tu caís, João, não sejas maluco!
40

41 JM: sacar o pé. (secar o pé)
42 tou a sacar o pé.
43 tou sacá (...) tou a sacar a, a camioneta!
44

45 P: a secar a camioneta?
46

47 JM: aaai.
48

49 P: pronto, dá beijinhos, atira beijinhos ao pai
50 beijinhos.
51

SESSAO V

DATA: 17 de Setembro de 1990

IDADE: 2 Anos, 2 Meses, 9 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

A - António Quintas Mendes

P - Pai (João Miguel)

L - Lúcia

Z - Maria José (Zé)

1 ((JM está a brincar no chão com uma série de
2 brinquedos. Destaca-se um sapo que se move e
3 salta.))
4

5 A: morreu? (...)
6 ai, vai morder o cão?
7

8 JM: olha, olh'o o ba<r>co.
9 bam, bam (...) ((faz o barco.))
10

11 ///

12
13 JM: ói! o baco.
14

15 P: o que é que o, o qué que o brinquedo está a
16 fazer, João?
17 ((refere-se ao sapo.))
18

19 A: o que é que tá a fazer?
20

21 JM: não sei.
22

23 A: há?
24

25 JM: ooh! tá estagado ((bate no sapo e este pára.))
26 -----

27 A: o que é que tá a fazer? tá estagado?
28 -----
29

30 JM: <* tá morreu>
31

32 A: tá morreu?
33 -----
34

35 P: tá a saltar.
36 -----
37

38 JM: vai modêe (...) vai morder o, o baco.
39

40 A: vai morder o barco?
41

42 JM: ao contrário.
43 agora vai(...) vai (...)
44

45 A: vai morder?
46

47 JM: ai! olha num anda! ((o sapo parou de saltar.))
48

49 A: não anda? então vamos fazer assim! ((pega na
50 chave para dar corda ao sapo)).
51

52 JM: amos fa-er assi, amos fa-er assiii!
53
54

1 A: vai, faz lá! ((dá a chave ao JM.))
2 (...)
3 ah-ah maroto!
4
5
6 JM: ohhh (...) ((dá-lhe mais corda))
7 ói, parou.
8 < * * * >
9
10 A: o quê?
11
12 JM: < * * * >.
13
14 A: percebes, João? ((dirige-se a P.))
15
16 P: vai morder o quê, João?
17 João Miguel, o que que o (...) o que é que o sapo
18 vai morder?
19
20 JM: vai morder o dedo.
21
22 A: vai morder o dedo ?
23
24 JM: ai! ai, ai. ((faz de conta que o sapo lhe está a
25 morder o dedo.))
26
27 A: ai, ai, ai, ai, ai, ai (...)
28
29 (...)
30
31 JM: ahhh(...) té (...) tá parado! tá pa (...)
32
33 (...)
34
35 P: o que é que estás a fazer, João?
36 João Miguel!
37 o que tás a fazer?
38
39 JM: ô a dar corda ao sapo.
40
41 A: tás a dar corda ao sapo?
42
43 JM: ói, nu anda.
44
45 A: não anda?
46
47 JM: stagado!
48
49 A: o quê?
50
51 JM: ai! mé-da! ((não consegue enfiar a chave no sítio
52 adequado para dar corda ao boneco.))
53
54 P: o que é que estás a dizer, João? o que é isso?

1
2 (...)
3
4 JM: tá a andar ((refere-se ao sapo.))
5
6 A: deixa-me fazer.
7
8 JM: ai <* * *>
9
10 A: ai, deixa-me (...)
11
12 JM: aaai olha! <*>
13
14 A: olha (...) então(...) pera aí. ((foi buscar um
15 outro boneco, um cão
16 amarelo de corda.))
17
18 JM: <* * *> olha, <* * cão>.
19 -----
20
21 F: que bicho é esse, João?
22 -----
23
24 JM: ói (...) ói. <*>
25 -----
26
27 F: ó João, que bicho é esse João?
28 -----
29
30 JM: <* * *>, ooooh.
31
32 A: ooch (...)
33
34 F: como é que se chama esse bicho, João? (...)
35
36 JM: <* * *> ói vai morer (morder)
37 ooch (...)
38 ói! <*> <tá> parada ((o cão choca com o carro.))
39
40 A: hum (...)
41
42 JM: vai esconder (...) ((depois de chocar com o
43 carro o cão continua a andar em
44 direcção à parte inferior de uns móveis.))
45 é<le>vai escondê, vai escondê.
46 <*>
47
48 A: vai esconder?
49
50 JM: ooch, ai tás <*>. (lá atrás?)
51
52
53
54

1 A: o quê?
2
3 JM: ói!
4
5 A: o quê?
6
7 JM: a pum, pisei o baco. *((pisei o barco))*
8
9 A: olha lá o que é que pisaste, olha onde foi.
10 (...)
11 vai dar corda.
12
13 JM: ele móde.
14
15 A: morde? (...) hum, hum, ha-ha
16 (...)
17 é aqui é aqui olha!
18
19 JM: haaa (...) ha-ai, ai o cabê-o. *((roçou com o*
20 *boneco na cabeça.))*
21 (...)
22 tá saltare (...)
23
24 A: ó João, João, sabes-me contar uma história?
25
26 JM: <*>
27 olh'ó caváus, caváus, caváus, caváus.
28
29 P: ó João, o que é que o pai está a fazer?
30
31 JM: <* * *>
32
33 JM: oh, qué isto?
34
35 A: isto é um Perú.
36 -----
37
38 P: João Miguel (...)
39 -----
40 A: é um Perú.
41
42 P: João.
43
44 A: glu, glu, glu, glu, glu.
45
46 P: João Miguel, o que é que o pai está a fazer?(...)
47 não sabes? O que é que o pai está a fazer?(...)
48 não sabes! (...)
49 o que é que tu comeste há bocado, João? João
50 Miguel, o que é que tu comeste há
51 bocado? hum?
52 não ouves nada! (...)
53
54

1 L: o gajo está "na dele"!
2 olha, e o cão João Miguel? (...)
3 o cão?
4
5 JM: tá patido. ((refere-se ao sapo ao qual está a
6 dobrar as pernas.))
7
8 P: não é para partir, João, senão depois não salta.
9
10 JM: eeh, eeeeh tá em pé! ah-ah-ah-ah, tá em pé. tá em
11 pé, tá em pé, tá em pé!
12
13 P: hum (...) não, João! ((JM está a tentar esmagar o
14 sapo.))
15
16 JM: ooooh ((uma das pernas do sapo partiu-se e caiu
17 para o chão.))
18
19 P: o que foi?
20
21 A: aaaai, o pé da rã, aaaai, o dói-dói, haaa (...)
22 então agora não anda, agora cai,
23 olha! não anda.
24
25 P. e agora?
26
27 A: então e agora?
28 deixa-me lá ver se ele se salva.
29 o que é que aconteceu?
30
31 P: agora salta ao pé coxinho.
32
33 A: o que é que aconteceu, João? o que é que foi?
34
35 JM: aiiii, morreu.
36
37 A: morreu? como é que morreu? (...)
38 o que é que aconteceu?
39 ó, coitado! coitado, olha para isto! ((está a
40 tentar pôr de novo o
41 boneco a andar.))
42
43 JM: ((ri-se))
44
45 A: ó, coitadinho do bicho.
46 vamos lá ver.
47 haa, já tá bom ((o boneco está de novo a
48 saltar.))
49 JM: aaah (...)
50
51 A: agora até salta mais, tás a ver?
52 salta mais depressa.
53
54

1 F: ah-ah (...) o que é que tás a fazer, João?
2 ((JM está a bater no sapo.))

3
4 JM: ai, morde! ((o sapo veio parar aos pés dele.))

5
6 A: bruuuuuuuu (...) ((a fingir que lhe morde com o
7 sapo.))

8
9 JM: oolha (...)

10
11 A: tu a (...) queres matar o bicho? há? (...)

12
13 JM: ooh-lo-lo-lo-lo-lo-lo-lo-lo (...)
14 os carros, os carros.
15 a barco (...) ((pega num carro e num barco.))

16
17 L: olha, o teu mano?

18
19 JM: oh (...)

20
21 L: onde é que tá o teu mano?
22 o Pedro.

23
24
25 F: o que é isso, João? ((JM levanta-se, aproxima-se
26 da mesa onde os adultos estão a
27 comer e tira uma batata frita.))
28 o que é que tás a comer?

29
30 JM: batatas fritas.

31
32 A: batata fritas? é boa? (...)
33 é bom, batatas fritas? (...)

34
35 L: e o bife?

36
37 JM: ooh!

38
39 A: tá quente?

40
41 JM: ói (...) ((pega noutra batata.))

42
43 A: é bom?
44 (...)
45 o que é isto? o que é? ((está a abrir uma
46 cerveja))

47
48 JM: não! <*> cheveia! (cerveja)

49
50 A: o que é?

51
52 JM: ah, não.

53
54 A: não?

1 L: tá a dizer que ele não quer.
2
3 A: é cerveja?
4
5 L: não gostas de cerveja? (...)
6 não?
7
8 **JM:** gosta<s>, gostas?
9
10 A: gosto, hum-hum (...)
11
12 L: gostas, gostas?
13 -----
14
15 A: quem é que gosta? o João?
16 -----
17 ou é o pai que gosta?
18
19 **JM:** <*>
20 qué isto?
21
22 L: ((ri-se))
23
24 A: é um ovo.
25
26 ///
27
28 P: o que é que tás a fazer, João? ((JM está sentado
29 à mesa a comer carne e batatas fritas.))
30
31 L: ele pediu água?
32
33 **JM:** qué batatas.
34
35 P: o que é que estás a fazer?
36 -----
37 (...)
38 hum?
39
40 Z: mais uma batatinha.
41 -----
42
43 **JM:** a mais pequenina!
44
45 A: a mais pequenina!
46
47 Z: mais (...) parte com as mãos, pois!
48
49 P: o que é isso, João? (...)
50 tenho a impressão que vai haver banho!
51 ((JM procura pegar num copo cheio de água.))
52
53 L: águinha?
54

1 JM: eu pega. ((no copo))
2
3 L: águinhaaa (...)
4
5 P: segura bem João, tá bem? segura. ((refere-se ao
6 copo que JM leva à boca.))
7
8 L: tanta sede!
9
10 ///
11
12 L: tá boa, a pápa? (...)
13 tá boa, a pápa? (...)
14
15 A: é bom?
16 não gostas muito!
17
18 L: ele tá a comer, devagarinho.
19
20 (...)
21
22 P: tenho a impressão que ele agora não abre a boca
23 enquanto não tiver a barriguinha cheia.
24
25 A: então ele hoje tava muito chateado, era?
26
27 P: o que é que se passou hoje, João?
28 conta lá agora à gente.
29 o que é que fizeste hoje?
30
31 A: tavas zangado hoje, tavas? (...) zangado?
32
33 JM: óia, olha. ((repara num elefante "bibelot" que
34 está no móvel à sua frente.))
35
36 A: o quê? o elefante.
37
38 JM: eu vou buscá-o. (eu vou buscá-lo)
39
40 L: hum?
41
42 JM: vou buscar o elefante.
43
44 L: vou buscar o elefante?
45
46 JM: vai buscar o elefante.
47
48 A: queres que eu te dê?
49 cuidado que é muito pesado. ((tráz o elefante
50 para junto de JM.))
51
52 JM: vai papar.
53
54

1 A: papar, pois.
2
3 JM: hooo, pa-pa-pa-pa-pa-pa-pa-pa (...) papa!
4 ((coloca o elefante junto ao prato.))
5
6 L: e o João Miguel? também papa!
7
8 JM: olha (...) ((agarra na tampa de uma lata de
9 cerveja.))
10
11 A: o que foi? aaah (...) isto é da cerveja.
12
13 L: papa, João Miguel.
14 bifinho!
15 sim, come bifinho!
16
17 JM: vai patir. ((tem o elefante na mão e pretende
18 deixá-lo escorregar para o chão.))
19
20 L: hum?
21
22 JM: vai patir.
23
24 A: hum?
25
26 JM: vai patir <n>o chão.
27
28 L: vai partir o chão? (...) não!
29
30 JM: os carros, todos! baummm!
31
32 A: e aqui o bifinho, não é bom?
33
34 JM: vem comer, vem pa (...) batata ba (...)
35 -----
36
37 A: João, o João Miguel não come?
38 -----
39
40 P: já chega, João ((está a tirar as batatas
41 para o prato.))
42
43 A: em vez de ser construções na areia é construções
44 -----
45 com batatas.
46 -----
47
48 P: João Miguel, já chega! ((JM tira com a mão muitas
49 ----- batatas da travessa para o
50 seu prato.))
51 JM: cabou.
52
53 A: cabou?
54

1 L: cabou?
2
3 A: agora tens que comer.
4 -----
5
6 L: agora tens que papar tudo.
7 -----
8
9 A: tens que comer tudo.
10
11 P: ele vai estragar.
12
13 JM: ói! ((o garfo escorrega quando ia espetar
14 -- batatas na travessa.))
15
16 A: pimba
17 -----
18
19 JM: tem muitas batatas. ((quando espeta o garfo vêm
20 muitas batatas agarradas.))
21
22 A: então e a carninha, não é boa? é só batatas?
23
24 P: então e o bife? come o bife!
25 não mas, quer dizer (...) ((está a espetar as
26 batatas todas.))
27
28 L: hum (...) hum (...)
29
30 P: uma coisinha de cada vez, tá bem?
31
32 L: a Lúcia dá uma ajuda, tá bem?
33
34 JM: a Zé?
35
36 L: tá ali.
37 abre a boca, abre a boca.
38
39 P: onde é que tá a Zé, João?
40 come o bife (...)
41 -----
42 JM: ali.
43 ----
44
45 P: come o bife, vá lá.
46 põe o bife na boca.
47 bifinho, que bom (...)
48 com calma, João! ((JM está a espetar várias
49 batatas.))
50
51 L: aiii, gande batata!
52 -----
53
54

1 A: isso é, é muito!
2
3
4 P: cuidado. ((*refere-se aos gestos de JM com o*
5 *garfo.*))
6
7
8 A: dá cá, dá cá.
9
10
11 P: olha, e não dás batatas fritas ao Quintas e à
12 Lúcia?
13
14 A: <* *>
15 para ti; para ti, para ti.
16
17 JM: hum, hum (...)
18
19 A: é para ti esse bocadinho.
20
21 JM: <nam gosto.>
22
23 L: hum?
24
25 P: o quê?
26
27 A: olha aqui, olha, olha.
28 apanha!
29 olha aqui, ó.
30
31 JM: gosta muito de bata (...)
32
33 P: gostas muito de batatas?
34
35 JM: Zééé! (...) ((*dirigindo-se a Z. que não está à*
36 *mesa.*)
37
38 L: hum (...) ele já tinha perguntado por ti.
39
40 JM: ó Zé!
41
42 L: fala com ele, não faz mal.
43
44 Z: <* * *>
45
46 L: hum (...) hum-hum.
47
48 (...)
49
50 P: hum (...)
51
52 L: que bom! (...)
53
54

1 P: mastiga bem João, tá bem?
2
3 JM: uma batata!
4
5 L: uma batata; viva!
6
7 JM: ó! *((continua com a batata na mão levantada.))*
8
9 L: para quem é? para quem é a batata?
10
11 P: é espantoso, só o prato dele é que tem batatas.
12 olha João, dá batatinhas à Lúcia.
13
14 JM: <*>
15
16 P: João, dá batatinhas à Lúcia, estás a comer tu,
17 tudo.
18 dá uma batata à Lúcia, vá lá.
19 isso!
20
21 L: muito obrigado! (...)
22 muito obrigado! (...) dá ao Tó Mané.
23
24 P: <*> ao Tó Mané vá.
25 -----
26
27 A: eu não quero mais.
28 -----
29
30 JM: <ê qué-ó> pão.
31
32 A: queres pão?
33
34 ///
35
36 A: ah-ah-ah (...) ena tanta batata! *((JM tem a boca
37 cheia de batatas.))*
38
39 L: muito bom! ííí que boca tão grande!
40 (...)
41 mastiga bem, ó (...) pequerrucho.
42 vai, agora é uma destas. *((dá-lhe um bocado de
43 bife.))*
44
45 P: vá, bife.
46
47 JM: é gande!
48
49 L: este é grande?
50
51 P: comparando com o tamanho das batatinhas fritas
52 -----
53 (...)
54

1 L: vai, vai este.
2 _____
3
4 JM: esse é grande. ((refere-se ao bocado de bife que
5 L. lhe dá no garfo.))
6
7 L: este é gande? então tá bem.
8
9
10 JM: este é gande. ((aponta para um dos bocados de
11 bife que tem no prato.))
12
13 L: tá bem, então vai este.
14 _____
15
16 P: vá lá, um pequenino.
17 _____
18
19 A: um pequenino.
20 _____
21
22 L: este é que é bom. (...)
23 este, iiisso!
24
25 ((L. consegue que JM coma mais um bocado de
26 bife.))
27
28 P: que bom!
29
30 JM: este.
31 ((aponta para o prato.))
32
33 L: muito bem.
34
35 JM: olha (...) <*>
36
37 A: <*> ele gosta de (...) de salada?
38 ((dirige-se a P.))
39
40 JM: qué peixe.
41 _____
42
43 P: é pá, não sei, acho que não.
44 _____
45
46 L: hum?
47
48 JM: qué peixe.
49
50 L: queres peixe?
51
52
53 (...)
54

1 JM: tem muita (...)

2
3 A: e gos (...) ó cuidado!
4 -----
5

6 JM: a batata tá-i, a batata tá-i ((aponta para
7 debaixo do prato.))
8

9 A: e gostam (...)
10 a batata aonde?
11 e gostam mesmo de batata frita.
12

13 JM: <*>

14
15 A: vou roubar uma batata aqui, posso?
16 posso?
17 então isso aí não é o prato, não é aí que se
18 come.

19
20 ((JM está a comer as batatas de cima da
21 mesa.))
22

23 P: ó João, dá uma batata ao Quintas.
24

25 JM: <* cair> ((está a puxar as batatas para fora do
26 prato.))
27

28 A: posso tirar uma batata?
29

30 JM: podes. ((JM deixa cair algumas batatas ao
31 chão.))
32

33 A: aah, és tu que fizeste cair.
34 -----
35

36 ((dirige-se a JM.))
37

38 P: ai pá!
39 -----
40

41 JM: hum (...) ((ri-se))
42

43 A: João posso? posso tirar?
44 ((A. pretende tirar uma batata.))
45

46 JM: é meu, é meu.
47

48 A: mas dá-me? dá-me?
49

50 P: dá ao Quintas, vá lá, então?
51
52
53
54

1 A: não me dás uma batata para eu comer com esta
2 carninha?
3 dás?
4 obrigado!
5
6 P: um bocado ratada e tal (...)
7
8 A: ah! ah! ah! ah! não me deu a nova, só me deu a
9 (...) "usada".
10
11 L: o <*> deu-te essa e (...) e ficou com a outra.
12
13 A: hum, malandro!
14
15 JM: <* * *> a batata.
16
17 A: hä?
18
19 P: ó João, o que é que tu (...)
20 o que é que tu comeste com o pai há bocado?
21 -----
22
23 JM: <* * *> uma batata.
24 -----
25
26 A: queres um pequenino, agora? ((oferece-lhe um
27 ----- bocado de bife.))
28
29 P: o que é que tu comeste com o pai há bocado?
30 -----
31
32 A: um pequenino, vá toma. um pequenino.
33 ha, tão boom (...)
34 olha, olha, João, João, tão bom!
35
36 JM: <* * *> um gan-da, um gan-da (grande) ((refere-se
37 aos bocados de bife.))
38
39 A: um (...) queres um grande?
40 hahh tão bom, hahh tão bom, tão bom, tão bom!
41
42 JM: é gande.
43
44 A: é grande, grande.
45
46 JM: é <peixe>.
47
48 P: há bocado ele teve a (...)
49 -----
50
51 A: agora mastiga bem.
52 -----
53
54

1 P: teve a comer um gelado a meias comigo.
2 -----
3 JM: qué isto?
4 -----
5
6 P: então ele dava-me de vez em quando.
7 -----
8
9 A: é mais (...) é mais carninha.
10 -----
11 P: e eu (...)
12 -----
13
14 A: queres beber um copinho de água agora? um
15 bocadinho de água?
16
17 JM: ham (...)
18
19 A: queres um bocadinho de água?
20
21 L: o que é que tiveste a comer com ele?
22
23 P: gelado.
24
25 A: já tem <* * >
26 -----
27
28 P: e então ele dava-me gelado na boca; mas houve uma
29 -----
30 vez que encheu demasiado a colher
31 e arrependeu-se; a meio do caminho
32 voltou para trás!
33 -----
34
35 JM: <* * * >
36 -----
37
38 L: ah-ah-ah-ah-ah.
39
40 P: ah! não, esta é para mim, dizia ele.
41
42 JM: pato, um pato. ((aponta para um "bibelot".))
43
44 A: onde é que tá o pato?
45
46 JM: aui. (ali) ((aponta de novo.))
47
48 A: ah! tão bonito, não é?
49
50 L: papa.
51
52 JM: o pato tá numire. (dormir)
53 a numir o pato!
54

1 A: o quē? o quē?
2
3 JM: a numir pato.
4
5 L: tá a dormir?
6
7 JM: tá a numire! ((acena que sim com a cabeça.))
8
9 A: tá a dormir?
10
11 JM: tá a numi (...)
12
13 A: João, tiveste na praia?
14
15 JM: não.
16
17 A: não?
18
19 JM: não.
20
21 A: foi há muito tempo?
22
23 JM: o papá <*>
24
25 A: hum?
26
27 JM: papá <*>
28
29 A: o quē, João?
30
31 JM: na pai (...) na painha (na prainha)
32
33 A: tiveste na (...)
34
35 JM: aai! ai, ai (...)
36
37 A: o que foi?
38
39 JM: a chapato. (o sapato)
40
41 A: tiveste na prainha?
42 não queres um bocadinho de água, agora?
43 estás tão cheio(...)
44 haaai, um bocadinho de água.
45 Jo (...) cuidado (...)
46
47 L: dá-lhe um bocadinho de carne.
48
49 A: mais um bocadinho.
50
51 JM: hum, dá cá (...)
52
53
54

1 JM: num guitaaa! ((fala em direcção à janela.))

2 (...)

3 (...)

4 L: dá-me esta? ((uma batata.))

5 (...)

6 (...)

7 JM: a faca. ((pega numa faca.))

8 L: esta.

9 ai a faca, a faca não fica aí.

10 dá cá, dá cá, a faca é pá Lúcia, tá bem?

11 obrigadinho.

12 A: mais um bocadinho, mais um bocadinho, mais um

13 bocadinho. mais um bocadinho (...)

14 ((tenta dar-lhe mais um bocado de bife.))

15 L: eu dei-lhe agora um, espera. ((dirigindo-se a

16 A.))

17 JM: olh'á batata. ((a batata caiu para fora do

18 prato.))

19 A: olha a batata.

20 é tão dura!

21 JM: olha. ((atirou a batata para o meio da mesa.))

22 A: olha, foi tão (...) foi tão longe.

23 JM: ma-ma-ma-ma-ma-ma (...) ((pega no elefante e

24 brinca com ele.))

25 P: olha, João!

26 JM: ma-ma-ma-ma-ma-ma (...) ((a brincar com o

27 elefante, pousa-o dentro de um prato.))

28 <*> pato. (prato)

29 L: o que é que o elefante come?

30 A: batatas fritas, não é?

31 JM: bam-baaaam (...) ah! o pato (prato?) < * * * >

32 ((põe vários brinquedos dentro do prato.))

33 A: hum?

34 L: olha, come esse bocadinho aí.

35 A: não põe na boca. ((JM está a pôr o sapo na boca.))

36

1 JM: não pô na buchi (...) *(boquinha?)*
2 -----
3
4 L: dá-lhe um bocadinho, dá-lhe um bocadinho.
5 -----
6 péra, um bocadinho.
7
8 A: o quê? toma, toma, toma.
9
10 P: não sai, ainda tem bife para comer.
11 *(JM está a levantar-se da*
12 *cadeira e pretende sair da mesa.)*
13
14 A: ainda tá aqui muito!
15 eu vou buscar, pera aí, pera, anda cá, anda cá
16 que eu vou(...) tá aqui!
17 *(refere-se à chave para dar corda*
18 *ao sapo.)*
19
20 P: a corda!
21 a corda, do sapo.
22
23 A: senta lá; senta aí que eu depois (...)
24
25 JM: não.
26
27 A: hum? (...) senta que a gente faz isso aqui.
28
29 JM: não. *(pega nos brinquedos e sai da mesa.)*
30
31 A: toma então, toma. *(entrega-lhe a chave de corda*
32 *do boneco.)*
33
34 JM: comeu tudo!
35
36 Z: muito lindo.
37
38 L: não comeu, não.
39
40 A: tá aqui. *(refere-se à comida que sobrou*
41 *no prato de JM.)*
42
43 L: ainda tá aqui comida.
44
45 A: olha, olh'ó (...) olha quem é que vai comer isto,
46 quem é, olha.
47 haaa (...) haaaa. *(finge que lhe come o resto*
48 *da comida.)*
49
50 L: vem comer o resto, João Miguel.
51
52 ///
53
54

1 A: a corda não? (...) não dá?
2 -----
3
4 JM: a, a coda (...) ao sapo.
5 -----
6
7 A: dá lá a corda ao sapo.
8
9 JM: ohhh (...) ho, ohhh (...) ((*voltou à mesa e*
10 *procura qualquer coisa.*))
11
12 L: mais um bocadinho? ((*de comida*))
13
14 JM: o fantee? (o elefante?)
15
16
17 A: o fante?
18 ha-ha (...) onde é que está o fante? o fante tá
19 ali.
20 queres o fante? ha-ha-ha (...)
21
22 L: pensas que o enganas? ((*dirigindo-se a A. que*
23 *tinha escondido o elefante.*))
24
25 A: tá ali, tá ali. (...)
26 olh'aqui um fantee (...)
27
28 L: ele tá aqui a guardar a comida do João Miguel.
29 tá bem?
30
31 JM: não.
32
33 L: não?
34
35 JM: não come.
36
37 L: ele não come, o elefante?
38
39 JM: não qué a comida!
40
41 A: hum?
42
43 L: não come o elefante? (...)
44 porquê?
45
46 JM: <* * * > ((*senta-se no chão com os brinquedos que*
47 *trouxe da mesa.*))
48
49 (...)
50
51 P: tu gostas de gelado, João?
52
53 JM: comida!
54

1 A: o quê?
2
3 P: gostas de geladinhos?
4
5 JM: <* *>
6
7 P: gostas de gelados?
8
9 JM: <*>
10
11 P: e de chocolates?
12
13 JM: tá guitado, tá guidare, tá guidare, tá guitare,
14 (...) o fante!
15 (está a gritar o elefante)
16 ((segura o elefante numa das mãos e levanta-a.))
17
18 P: tá a gritar? não tá nada. (ri-se)
19
20 JM: tá nada.
21
22 P: não tá nada. (ri-se)
23
24 JM: tá nada.
25 hoooo, tu-tu-du-du-tu-du-du-tó. tu-du-du-du (...)
26 ((move diversos carros e animais
27 que estão no chão.))
28
29 A: tu-du-du-du-du-du!
30
31 JM: tu-du-du-ó.
32
33 A: tu-du!
34
35 P: o João canta, ele sabe cantar. canta lá uma
36 cantiga.
37
38 JM: tu-du-du-du-du.
39
40 P: canta lá para a gente ouvir, João.
41
42 L: "sítio do pica-pau amarelo..." não é o que ele
43 canta? (...)
44 João Miguel, canta lá a do pica-pau amarelo.
45
46 JM: pica-pau amarelooo (...) ((a cantar))
47
48 L: pica pau amarelooo (...) ((acantar))
49 -----
50
51 Z: pica pau amarelooo (...) ((a cantar))
52 -----
53 canta lá a da pulga.
54

1 (...)
2
3 JM: ah-ah.
4
5 Z: a da pulga.
6
7 L: como é que é?
8 "aaaa-sentada à chaminé-é-é..." (a cantar)
9
10 JM: olha (...)
11
12 L: "(...) veio uma (...)"
13
14 JM: puuga.
15
16 L: pulga.
17
18 JM: olha, olha (...)
19
20 L: e depois?
21
22 JM: olha o sapo, olh'ó sapo. ((aponta para um sitio
23 escondido atrás de uns sofás.))
24
25 A: hum? ai, tantos sapos que há nesta casa.
26
27 Z: não, não, não, esses não.
28
29 L: atenção que essa aí já teve no hospital à tua
30 conta, há?
31
32 Z: não, essa não.
33
34 JM: ai este. ((pega num boneco, um animal com
35 uma perna partida.))
36
37 Z: não, essa não, não pode ser, está partida, queres
38 ver?
39 olh'aqui, olh'aqui partida.
40 -----
41
42 L: já tá colada, por acaso.
43 -----
44
45 Z: aqui neste pé ficou partida.
46 e depois ficou com a perna partida, não conseguia
47 andar.
48 e depois teve que ir ao hospital, estava lá um
49 médico e pôs-lhe um (...) aqui (...)
50
51 ///
52
53 L: João Miguel!
54

1 L: toma, toma, toma, toma (...)
2 *((tenta dar-lhe mais um bocado de carne.))*
3
4 JM: não.
5
6 L: não queres mais; João Miguel?
7
8 JM: <* * *>.
9
10 L: hä ?
11
12 Z: não quer mais.
13
14 L: não insisto pois não? mas também não comeu mal,
15 mesmo assim, só sobraram aqui
16 dois bocaditos.
17
18 ///
19
20 L: João Miguel pai, não insisto para ele comer mais,
21 pois não?
22
23 P: não, não, não obrigado.
24
25 JM: deixa vê. *((P. está a tentar tocar numa flauta.))*
26
27 P: o que é que o pai tá a fazer?
28
29 JM: tocar ó, tocar ó, deixa ver, tocar ó. *((JM tira a*
30 *flauta ao pai e experimenta tocar.))*

SESSAO VI

DATA: 5 de Outubro de 1990

IDADE: 2 Anos, 2 Meses, 27 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

L - Lúcia

A - António Quintas Mendes

P - Pai (João Miguel)

Z - Maria José (Zé)

J - Judite

1 ((A. oferece a JM uma prenda e dá-lha para que
2 ele a abra, mas JM começa por abrir uma outra que
3 não lhe era destinada.))
4

5 JM: eu abo (eu abro)

6
7 L: tu abres?

8
9 JM: hoooo

10 L: isso é para um bebé pequenino, tu já és grande.
11 hum?

12
13 A: como é que sabe que é para um bebé pequenino?

14
15 L: porque isso é uma prenda que eu deixei lá em casa
16 da Zé.
17

18
19 A: aaah (...)

20
21 L: que era para a filha do Paulo Louro, diz assim:
22 "ó Tó-Mané, ouvi dizer que tinhas cá
23 uma prenda pó, pó João, olh'aqui."
24

25 L: aaah (...)

26
27 A: anda, anda prá qui p'ó pé de mim.
28 é uma prenda para ti.
29

30 L: é muito maior do que esta.
31

32 ///

33
34 JM: olh (...) olh'ai.

35
36 A: o que é, João?

37
38 L: o que é?

39
40 JM: qué abri (...)
41 não abe aschi. ((refere-se ao papel de embrulho e
42 à caixa do brinquedo.))
43

44 L: hã abre? abre, abre, abre; não, do outro lado,
45 do outro lado, João.
46 do outro lado.
47

48 JM: é o boneco.

49
50 A: é o quê, João?

51
52 L: é por aí, é por aí, João, é por aí.
53 olha, olha, olha, olha.
54 vai, puxa aqui, puxa.

1 A: sabes a história dos três porquinhos?
2
3 P: "pissie story"
4
5 L: é que isto é para contares a história.
6
7 Z: ííí, que giro!
8
9 A: se calhar tens que o ajudar a tirar isso.
10
11 JM: num consigo tirare.
12
13 L: não consigo tirar.
14
15 A: dá cá, dá cá.
16
17 JM: <* * * >
18 -----
19
20 A: há?
21 --
22
23 JM: ai queu (...) vô caí, vai caí. *(vai cair)*
24
25 A: o quê?
26
27 JM: olha aí.
28
29 A: aai, tira lá isso.
30
31 JM: ai (...)
32
33 L: péra, péra, péra.
34 qué pa n (...) qué pa não estragarmos o cãozin
35 (...) o lobo, isto é o lobo,
36 este cor de laranja é o lobo.
37 agora tiras, vá, agora puxas tu, puxa.
38
39 Z: ííí, que bonito!
40
41 A: hum-hum-hum (...)
42
43 Z: é pá <* * * * >
44 -----
45
46 L: a Lúcia ensina-te, anda cá, anda cá.
47 -----
48 roda aqui, roda aqui, olha (...)
49 roda aqui, roda, roda aqui.
50
51 A: ai (...)
52
53
54 L: agora tens que ouvir, agora tens que ouvir.

1 Z: ai, acho que vocês já tiveram a brincar <*> aos
2 -----
3 porquinhos.
4
5 JM: uma casa.
6
7 L: é uma casinha.
8 e aqui? o que é aqui?
9
10 Z: olha que o lobo agora não dá ali a volta.
11
12 A: gostas da música, João?
13
14 JM: gosto.
15
16 L: para o outro lado, para o outro lado, para aqui,
17 para aqui.
18 ((JM está a rodar um boneco ao contrário))
19 percebeu?
20
21 JM: <*> óóó <* * *>
22
23 L: percebeu?
24
25 P: tens lá disso na escola, João?
26
27 Z: o lobo não dá a volta, coitadinho pá.
28
29 JM: este (...) é o combóio.
30
31 L: hum?
32
33 JM: óoo (...)
34
35 L: pó outro lado, pó outro lado!
36 p'ró outro lado, ao contrário, ao contrário,
37 prá'qui (...)
38 para este lado (...)
39 percebeu?
40
41 JM: olh'ai (...) o robo mau.
42
43 L: isso é um lobo.
44
45 JM: o cão ((referindo-se ao mesmo boneco.))
46
47 L: é um lobo (...) o lobo mau (...) é o lobo mau que
48 queria comer os 3 porquinhos (...)
49 tens que pedir ao pai para contar a história dos
50 três porquinhos (...)
51 este era o porquinho mais velho.
52
53 P: era um porcalhão.
54

1 L: o que é que ele tá a fazer, o porquinho mais
2 velho? (...)
3 o que é isto?
4
5 JM: um <balde>
6
7 L: hum? (...) e aqui? o que é que tá aqui?
8
9 L: tá a dançar! ai! ((JM desequilibrou-se e caiu.))
10
11 A: ai! ah-ah-ah-ah (...)
12
13 L: tava a dançar, não éra?
14 pó outro lado, ao contrário.
15 assim, olha assim. ((JM está a rodar um boneco.))
16
17 JM: <* * * * >
18 -----
19
20 Z: aquele é o primeiro a saltar, é o lobo, o (...) o
21 ----- cão.
22
23 L: hä?
24
25 A: o quê?
26
27 JM: <*> boca <* * * >
28
29 L: o quê?
30
31 Z: <* * * >
32
33 L: agora vai ver a outra. ((a outra prenda.))
34 tosse, tanta tosse.
35 tosse, tosse! ((JM está a tossir.))
36
37 JM: abe (abre)
38
39 L: abre tu.
40 essa é para um bebé pequenino.
41
42 JM: não, <m>a mim.
43
44 L: é para mim.
45
46 Z: é para mim.
47
48 JM: minha.
49
50 L: tá bem, então a Lúcia vai abrir, mas eu acho que
51 isto não te serve (...)
52 isto é para vestir.
53 achas que te serve?
54
55 JM: aah (...) ((sorri e desinteressa-se do presente))

1 L: hã?
2 (...)
3 não? e o Pedro, serve ao Pedro?
4
5 JM: séve.
6
7 L: serve?
8
9 JM: séve.
10
11 L: achas que isto serve ao Pedro, João Miguel?
12 ((dirigindo-se a P:))
13
14 JM: o pato stá lá.
15
16 A: o quê?
17
18 JM: <pató stá lá>.
19
20 ///
21
22 JM: o pato, o pato.
23
24 L: o pato.
25
26 P: eu acho que não, pá.
27
28 L: qual pato?
29
30 P: eu acho que (...)
31
32 JM: tá láá (...) ((leva o braço ao ar, aponta
33 "vagamente".))
34
35 L: não deve servir.
36
37 JM: amos (vamos) ((puxa L. por um braço para que
38 ela o siga.))
39
40 P: pois, se tiveres outro bebé, é capaz de ser
41 melhor.
42 JM: amos ((a puxar a Lúcia.))
43
44 L: diz?
45
46 JM: amos.
47
48 L: aonde? vamos aonde?
49
50 JM: ao pato.
51
52 L: aonde?
53
54

1 JM: ao pato.

2
3 -L: ao pato?
4 qual pato?

5
6 JM: qué i<r> ao pato.
7

8 Z: então não gostas das calças, João Miguel?
9 então isto não era para ti? qué isto?

10
11 JM: anda. ((conseguiu levantar L. do sofá e puxa-a
12 por um braço.))
13

14 L: aonde?

15
16 (...)

17
18 L: onde é que vamos? (...)
19 onde é que vamos? (...)

20
21 JM: ó pato (ao pato) ((JM atravessa toda a casa
22 puxando L. por um braço.))
23

24 L: ao pato?

25
26 JM: ao pato. (...)
27 ao patoco (...)

28
29 L: onde está o pato?(...)
30 ainda é o patinho verde. ((ainda é o patinho
31 verde. Dirigindo-se a A.))
32

33 A: deve ser aquela rã, que ele está à procura.
34 dá-lhe lá o (...) o saquinho dos bonecos.

35
36 L: onde é que tá?

37
38 JM: <* * *> ((chegam a um quarto onde JM sabe estarem
39 vários bonecos; pega num saco cheio deles.))
40

41 L: ói

42
43 JM: coelho.

44
45 L: ai, o coelho!
46 olha, aqui tão mais bonecos.
47 vamos levar estes para a sala?
48 também queres levar o coelho?

49
50 JM: quero.

51
52 L: então vá (...)
53
54

1 JM: é este, eu levo este.
2 ói caiu! ((deixou cair o saco.))
3
4 A: le-levo estes.
5 caiu.
6
7 L: consegues levar tudo?
8
9 JM: é (...)
10
11 Z: <*>
12
13 JM: brinquedos ((dirigindo-se a P. e a Z.
14 e mostrando-lhes o saco))
15
16 (...)
17
18 ((JM despeja todos os brinquedos no chão e começa
19 a brincar com um cão de "corda".))
20
21
22 JM: também <* *>
23 óo (...) não é achim.
24
25 A: o quê? o que é que ele diz?
26 -----
27
28 L: não é assim.
29 -----
30
31 A: mexe? ((refere-se ao cão.))
32
33 L: olha, olha, olha, olha ((o cão começou a andar.))
34
35 JM: <viste?>
36
37 A: mexe.
38
39 L: "viste?"
40 mostra outra vez.
41 -----
42
43 JM: com rodas.
44 -----
45
46 L: dá corda, João Miguel.
47
48 P: Já disseste á? (...)
49
50 P: já disseste á (...)?
51
52 JM: alh'ai! <tem tantos pa poi> (tem tantos para
53 pôr) ((a andar?))
54

1 A: o quê? tens que ir traduzindo o que perceberes.
2 ((dirigindo-se a P.))
3
4 JM: a chabe? (...) a chabe? ((de dar corda ao sapo.))
5
6 A: o quê?
7
8 JM: a chabe?
9 (...)
10 aai! (...) <comer> o pé! ((o cão desloca-se e
11 acaba por chocar com o pé de JM.))
12
13 Z: ai. olha, <* * * *>.
14
15 JM: <* * * > (...)
16 vai escondere (...) ((o cão continua a deslocar-
17 -se e vai parar ao pé de uns cestos,
18 JM empurra-o para ele ficar escondido
19 entre os cestos.))
20 vai esconder.
21
22
23 L: óoo (...) tá escondido?
24
25 JM: tá escondido.
26
27 L: tá escondido!
28 -----
29
30 A: escondeu-se?
31
32 JM: tá a<l>i ((aponta))
33
34 L: tá ali?
35
36 JM: tá li.
37
38 L: tá?
39
40 JM: este <não chabe>. ((não se percebe se se refere
41 à chave, ao sapo ou ao verbo saber.))
42 L: há?
43
44 Z: este não sabe.
45 este não sabe. ((interpreta o que JM disse como
46 "não sabe".))
47
48 JM: ó, num sabe. (...) ((pode estar a imitar o que
49 Z. disse.))
50 num schabe.
51 <* * * >
52 <não schabes>
53
54

1 ///

2
3 A: gamau? o que é isso?

4
5 Z: é mau.

6 -----
7
8 JM: os porquinhos.

9 -----
10
11 A: os porquinhos.
12 o que é que estão a fazer?

13 -----
14
15 JM: <*> os poquinhos.

16 -----
17
18 A: os porquinhos (...) o que é que tão a fazer, os
19 porquinhos?

20
21 (...)

22
23 L: pó outro lado! ((JM está a dar corda ao
24 contrário.))

25
26 JM: olh'ó barco. ((abandonou o outro brinquedo e pega
27 num barco.))

28
29 A: o que é que esta faz? ((chama a atenção para a
30 rã/sapo que salta.))

31
32 JM: ai, deixa-me andar. ((tenta dar movimento ao
33 sapo.))

34
35 A: como é que é? como é que é, João?

36
37 JM: ã schabe. (eu sei) ((pega na chave para dar corda
38 ao sapo.))

39
40 L: não sabes? (...)

41
42 A: não sabes? (...)

43
44 Z: faz lá. (...)
45 o que é que estás a fazer João ? (...)
46 o que é isso que tu estás a fazer? (...)

47
48 A: como é que é? faz lá!

49
50 Z: <* * *>

51
52 A: dá cá, dá cá, empresta aí.
53
54

1 Z: esse é o quê? o que é isso? ((refere-se a um
2 outro animal que JM tem na mão.))
3
4 JM: ooh. ((não consegue manter o animal em pé.))
5
6 J: caiu (...)
7
8 Z: esse é qual?
9
10 J: aah, ai o sapo (...) haaa (...) ((a saltar em
11 cima da cara dos porquinhos.))
12 aah, tão giro, o sapo.
13
14 JM: aah. hmmm (...)
15
16 A: onde é que está o cãozinho, João? o cãozinho
17 amarelo?
18 onde é que está?
19 tá aqui? mostra-me lá, tá aqui? onde é que está?
20
21 JM: tá li. ((JM tinha-o escondido atrás de uns
22 cestos. levanta-se e vai buscá-lo.))
23
24 A: tá aqui? ha-ha-ha.
25 onde é que está? ah, tá escondido?
26
27 JM: tá.
28
29 A: mostra.
30
31 L: hooo (...)
32
33 A: vamos pô-lo a andar, vá. (...)
34 se calhar vai-se embora agora. ((dá corda ao
35 boneco e põe-no a andar.))
36
37 Z: vai buscá-lo, vai atrás dele.
38 -----
39
40 A: vai-se embora, diz-lhe adeus.
41 -----
42 diz-lhe adeus, que ele vai-se embora.
43
44 (...)
45
46 P: já disseste ao Quintas que estás na escola?
47
48 A: estás na escola, João? foste à escola?
49
50 Z: conta lá da tua escola, João?
51 conta lá, como é que é a tua escola. ((está muito
52 interessado no modo de pôr o cão a andar,
53 e desinteressado da conversa.))
54

1 J: é longe a tua escola, João? (...)
2
3 Z: o que é que tu fazes na tua escola, conta
4 lá.(...)
5 bébé, o que é que tu fazes lá na escola? há?
6 (...)
7 fazes o quê, João?
8
9 J: tão feitos, hoje.
10
11 Z: hoje não fala.
12
13 J: eu acho que o (...)
14
15 JM: <cãozinho/o cão assim> não anda.
16
17 A: não anda, assim?
18
19 JM: nuanda.
20
21 L: já anda agora, João Miguel?
22
23 A: mostra cá, João Miguel, a ver se anda.
24 ((dá-lhe corda.))
25
26 P: tens que lhe dar mais corda, João.
27
28 A: queres ver ele a andar, olha, queres ver? (...)
29 olh'aqui.
30 aaai, caiu, coitado (...)
31 ah-ah-ah (...) este, este é <*> ainda não levou
32 nenhuma pésada.
33
34 L: ah! ah! ah! ((JM pisa o cão.))
35
36 P: não faz isso, João.
37
38 JM: <*> huuu (...)
39 ((imita o barulho de um veículo a
40 andar; lança um carrinho que tem
41 na mão até ao fundo da sala.))
42
43 J: houuuu (...) hiii (...) onde é que ele tá, onde é
44 que ele tá?
45
46 Z: chii!!
47
48 JM: vou tirar 8. (vou atirar este?) ((pega noutra
49 carrinho.))
50
51 A: o quê?
52
53
54

1 JM: <* * *>
2
3 J: um choque, um choque, olha vuum (...) êêê, não
4 foi choque.
5 ((lança também um carrinho.))
6
7 JM: pá estada, vai pá estada. ((dirige-se com um
8 barquinho para uma calha da
9 porta da marquise.))
10
11 Z: vai para a estrada.
12
13 L: vai para a estrada?
14
15 Z: conta lá o que é que tu fazes na tua escola,
16 João?
17 (...)
18
19 João Miguel!
20
21 L: eu acho que (...) que para lhe perguntarem essas
22 coisas não pode ter os brinquedos ao pé,
23 pá, tinha que ter sido antes de (...)
24
25 Z: exactamente (...) não lhe devíamos ter dado os
26 brinquedos.
27
28 ///
29
30 JM: vai modere, vai modere. ((põe o cão na calha,
31 junto do barquinho que já lá estava.))
32
33 Z: quê João?
34
35 JM: vai mordere (...) vai modere.
36
37 L: vai morder?
38
39 Z: o barco?
40
41 JM: vai moder (...) o barco. ((faz deslizar o cão
42 na calha de modo a que choquem
43 com os brinquedos que já lá estão.))
44
45 Z: quem é que vai morder o barco?
46
47 JM: vaaaahhhuuumm (...)
48
49 L: ai, o cão foi morder o barco?
50
51 Z: e o barco morde o quê?
52
53 JM: tá parado <*> ((o cão ficou entalado na calha e
54 deixou de deslizar.))

1 Z: hä? não cabe, não faz força que não cabe.
2
3 (...)
4
5 JM: vá-se-imó (*vai-se embora*) ((*retirou o cão da*
6 *calha e pô-lo a de deslizar.*))
7 vá-se-imóra (...)
8
9 L: hä? (...) não anda?
10
11 JM: vá-se-imóra (*vai-se embora*)
12
13 J: vai-se embora.
14
15 JM: hoo, não anda.
16
17 L: não?
18
19 J: dá cá, João. dá cá.
20
21 L: pede ajuda à Judite, pede lá.
22
23 J: temos que dar corda, João. ((*dá corda ao cão.*))
24
25 L: olha João, João (...)
26
27 J: toma.
28
29 L: olha (...)
30
31 J: pumba! ai ((*JM põs o cão a andar em cima de uma*
32 *coluna de som e o cão caiu para o chão.*))
33 ///
34
35 L: olha, João Miguel
36
37 JM: <* * *>
38
39 L: olha, olha a Lúcia, diz lá à Lúcia, hoje foste à
40 escola? (...) hä?
41
42
43 JM: <* * > ((*continua a fazer cair o cão para o*
44 *chão.*))
45
46 Z: hä?
47
48 JM: ãs vai esconder. ((*pega no cão e vai para o pé*
49 *dos cestos.*))
50
51 Z: vai esconder
52
53 JM: huuu-huuu (...)
54

1 A: huuu (...)
2
3 JM: huuuu (...)
4
5 A: huuu (...)
6
7 JM: huu (...)
8
9 JM: vai ête. ((*pega noutro animal e põe-o em cima da*
10 *coluna de som.*))
11
12 Z: vai este
13
14 A: o que é isto? ((*tem um animal na mão e coloca-o*
15 *também em cima da coluna de som.*))
16
17 JM: um (...) um poquinho.
18
19 A: um porquinho (...)
20 os porquinhos voam?
21 -----
22
23 Z: põe o pato lá, põe lá o pato também.
24 -----
25
26 A: olha, João, os porquinhos voam?
27
28 JM: é.
29
30 A: voam?
31
32 JM: é.
33
34 A: não voam, pois não? nem as vaquinhas, (...) pois
35 não?
36
37 JM: não.
38
39 A: eles não voam (...)
40 por isso têm que tar aqui no chão, não podem tar
41 lá em cima (da coluna).
42 olh'aqui, têm que tar aqui, porque ele não voa.
43 ((*põe um dos animais no chão.*))
44
45 Z: só os cães é que voam (...)
46
47 A: ah-ah-ah (...)
48
49 JM: <põe> ((*está a colocar um dos bonecos em cima da*
50 *coluna.*))
51
52 Z: <* * *>
53
54 L: ah-ah-ah. <* *> não são todos.

1 Z: são só alguns, só são os amarelos.
2
3 JM: vaquinha. (*traz na mão um outro boneco para pôr*
4 *também em cima da coluna.*)
5
6 A: isso é o quê?
7
8 JM: a vaquinha.
9
10 A: uma vaquinha?
11
12 JM: é.
13
14 A: é uma ovelhinha (...)
15 e este é um coelhinho. (*A. põe um coelho grande*
16 *em cima dos outros bonecos; um deles cai.*)
17
18 L: ó João, isso é (...)
19
20 JM: <*> oooh! (...)
21
22 L: isso aí em cima é algum jardim zoológico?
23
24 (...)
25
26 JM: olh' aí um pato. (*pega noutra animal.*)
27
28 L: há?
29
30 Z: põe lá o cavalo (...)
31
32 ///
33
34 Z: glu-glu-glu-glu; faz la com o peru (...), glu-
35 -glu-glu-glu-glu-glu.
36 (...)
37
38 olha, o que é que eles estão a fazer aí em cima?
39 (...) é o quê?
40
41 JM: <*>
42
43 Z: há? é para quê, que os estás a pôr aí em cima?
44 (...)
45
46 J: vão fazer ó-ó?
47 (...)
48 vão fazer ó-ó, João?
49
50 JM: <*>
51
52 J: o gajo não nos liga nenhuma. (*JM continua a*
53 *transportar bonecos para cima da coluna.*)
54

1 L: vais pá escola?
2
3 J: os bichos João? vão fazer ó-ó?
4
5 JM: vão (...)
6 tirar bonecos. ((*tira bonecos de cima da coluna*
7 *para ir pô-los no chão.*))
8
9 Z: tirar os bonecos.
10
11 J: então e agora, vão para a escola, João?
12
13 JM: vão.
14
15 Z: e a escola é aonde?
16
17 JM: vão, vão pá escola.
18
19 Z: vão pá escola.
20
21 L: vão pá escola? onde é que é a escola do João?
22
23 JM: <* * *>
24
25 L: vão pá escola do João?
26
27 JM: vai shaltar. pum!
28
29 L: puumm (...)
30
31 J: ca-iú! ha-ha-ha (...)
32
33 L: olha João Miguel, os, os, os bonequinhos vão pá
34 tua escola?
35
36 JM: pum!
37
38 J: pum!
39
40 Z: o que é que eles estão a fazer agora?
41
42 JM: a saltare.
43
44 Z: a saltar.
45
46 JM: <*> saltare.
47
48 J: gora têm um dói-dói, João. (...) têm?
49
50 JM: tem.
51
52 Z: porquê?
53
54 L: porque é que eles têm dói-dói?

1 JM: uma galinha.
2
3 L: a galinha? a galinha é que fez o dói-dói?
4
5 JM: fez.
6
7 L: fez?
8
9 JM: <o pato>
10
11 Z: porque é que a galinha fez o dói-dói?
12
13 JM: fez.
14
15 Z: porquê?
16
17 JM: <*> o pato.
18
19 J: o que é que tás a fazer agora?
20
21 JM: <* * *>
22
23 J: quê?
24
25 Z: há?
26
27 JM: Zé ó Zé olha a<l>i! ((agarrou num boneco que está
28 partido e mostra-o a Z.))
29
30 J: oooooh (...) tem um dói-dói tão grande!
31 -----
32
33 Z: oooooh (...)!
34 -----
35
36 Z: mas o que é que ele (...) o que é que ele tem?
37
38 JM: caiu.
39
40 Z: caiu? e o que é que ele (...) isso é o (...)
41 então um dói-dói aonde?
42 tem o pescoço partido?
43
44 JM: <côco> (pescoço)
45
46 Z: há?
47
48 JM: colar.
49
50 Z: quê? vais colar? (...)
51 vais colar? cola lá, com que é que tu colas,
52 isso?
53
54

1 A: o que é isso? ((JM dirige-se a A. com o boneco
2 partido na mão.))
3
4 A: está partido?
5
6 JM: tá. vai (...) vai colar.
7
8
9 A: coitadinho.
10
11 vai (...) vou colar?
12
13 JM: vai.
14
15 A: onde é que está o bocadinho para colar? (...)
16 olha, já tá colado, olha, já tá bom, olha, já tá
17 quase bom.
18
19 JM: tá, tá patido.
20
21 A: pois tá partido, coitado.
22 tem um dói-dói no pescoço!
23
24 JM: sshiii (...)
25
26 J: sssshiii (...)
27 tá doente?
28
29 JM: tá.
30
31 J: mostra o pato.
32
33
34 Z: <*> o pescoço.
35
36
37 J: óoi, coitadinho do patinho, e agora, o que a
38 gente vai fazer ao patinho? (...)
39 coitadinho.
40 olha lá, o que é que a gente lhe vai fazer? (...)
41 o que é que o Quintas disse?
42
43 (...)
44
45 Z: olha, conta lá à Judite o que é que tu fazes lá
46 na tua escolinha.
47
48 J: anda cá contar.
49 o que é (...) o que é que tu fazes lá na tua
50 escola, é bonecos? é?
51
52 ((J. põe-o ao seu colo.))
53
54

1 JM: tem.
2
3 J: sim?
4
5 Z: e o que é que tu fazes com os bonecos?
6
7 J: e mais? o que é que tu fazes mais?
8
9 JM: <* * * >
10 tá patido! ((sai do colo de J. e pega num dos
11 bonecos que está no chão.))
12
13 J: tá partido, coitadinho.
14
15 Z: o outro também está partido?
16
17 J: não, é o mesmo, já lhe tirou a cabeça.
18
19 Z: ai isso (...)
20
21 J: e agora?
22
23 Z: dá-me cá, (...) dá o arame ao pai.
24 pai, toma lá o arame. ((o arame é o pescoço do
25 boneco.))
26
27 JM: estagado. ((dirige-se a A. com o boneco na mão
28 para lho mostrar.))
29
30 A: o que é?
31
32 JM: estagado.
33
34 A: aai, todo partido, coitadinho!
35
36 A: teve um a (...) teve um desastre? (...)
37 teve um desastre, João?
38
39 JM: a (...) é (...) este (...) é ti-nó-ni!
40 ((foi buscar um barco tipo da polícia.))
41
42 A: é ti-nó-ni?
43
44 JM: é
45
46 A: olha, isto é o ti-nó-ni para levar para o
47 hospital este patinho, tem que ir para
48 o hospital, vai de ti-nó-ni, vá.
49 vai pó hospital.
50 ti-nó-ni, ti-nó-ni, ti-nó-ni.
51
52 L: onde é que é o hospital? (...)
53 é aí o hospital, João?
54

1 JM: <*>
2
3 L: hä?
4
5 JM: ti-nó-ni, ti-nó-ni, ti-nó-ni, ti-nó-ni.
6 vai pós pitale .
7
8 Z: vai pó espital.
9
10 JM: uuuuu. (...)
11 vai tudo. ((JM pega numa caixa e começa a pôr
12 tudo dentro dela.))
13
14 Z: vai tudo.
15
16 JM: ruma tudo.
17
18 Z: arruma tudo.
19
20 L: vais arrumar tudo?
21
22 A: olha, queres arrumar o pescoço? o pescoço de
23 (...) do passarinho.
24 isto é perigoso, é um arame.
25
26 JM: eixa rumar. ((deixa arrumar))
27
28 A: rumar?
29 -----
30
31 L: deixa arrumar?
32 -----
33 vais arrumar tudo, João? (...)
34 tantas coisas (...) não é? (...)
35 acabou?
36
37 Z: falta o coelho.
38
39 JM: cabou.
40
41 A: toma, toma.
42
43
44 JM: cabou.
45 ago<r>a o pato.
46 ago<r>a o chapo.
47 o chapo? ((procura o sapo.))
48
49 A: onde é que tá o sapo?
50
51 JM: fugiu.
52
53 J: olha ali João, olh'ali, olh'ali.
54

1 L: fugiu.
2
3 Z: ao pé do teu pé.
4
5 J: olha, olha, olha ali escondidinho nos discos,
6 olha, nos discos.
7
8 Z: por trás de ti.
9
10 J: cu-cuuu-olláá! ((pretende estar a falar
11 com o sapo.))
12
13 A: fecha? sabes fechar? ((JM põe o sapo na caixa e
14 tenta fechá-la.))
15 JM: <*>
16
17 L: e agora, o que é que vais fazer à caixinha, João?
18
19 Z: vais pá onde?
20
21 L: o que é que vais fa (...)
22
23 JM: iiiii (...) ((deixa cair a caixa.))
24
25 A: olha que assim os bichos morrem todos lá dentro.
26 caiem pó chão, morrem.
27
28 L: o que é que vais fazer à caixinha, João?
29
30 JM: <* * *> ((despeja no chão todos os brinquedos
31 que estavam na caixa.))
32
33 L: então tinhas estado a arrumar os bonequinhos (...) o
34 que é que aconteceu agora? (...)
35 João Miguel, o que é que aconteceu? (...)
36
37 JM: cu-cu-úúu.
38
39 J: cu-cú, sapinho, cú-cú (...)
40
41 L: eu pensava que os bichinhos tavam todos dentro da caixa!
42 porque é que eles saíram de lá?
43
44 JM: ó tá doenta este.
45
46 L: tá doente esse?
47
48 JM: é.
49
50 J: porquê?
51
52 JM: <*>
53 -
54

1 L: tá (...) tás a tratá-lo? (...)
2 tás a tratar do bichinho?
3
4 JM: tum, tum, tum, canguru!
5
6 L: canguru?!
7 não é um canguru!
8
9 A: isso é uma vaca, não é um canguru! (...)
10 tás a partir a perna, à vaca?
11
12 (...)
13
14 JM: pa dento! *((JM começa por pôr a vaca debaixo de um
15 tapete e depois vai lá pondo uma série de
16 bonecos.))*
17
18 L: para dentro?
19 onde é que tá a vaquinha?
20
21 JM: <*>, vai pa dento. *((outra boneca.))*
22
23 L: ah! já não tá, já não vejo a vaquinha.
24
25 Z: esse não!
26
27 L: já não (...) e o cãozinho, onde é que ele se meteu?
28
29 (...)
30
31 ah! tá tudo dormindo, tá tudo dormindo!
32
33 (...)
34
35 JM: vai dormir! (...) *((pondo outra boneca debaixo do
36 tapete.))*
37
38 L: vai dormir?
39
40 JM: <*>
41
42 A: onde é que tá a música? (...) a música João?
43 (...)
44 onde é que tá a música, João?
45 *((A. põs também a caixa de música debaixo
46 do tapete.))*
47
48 Z: hä!
49
50 JM: <tão> <a>pacer!
51
52 A: tão a aparecer!
53
54

1 Z: ah! tão a aparecer?
2
3 L: tão a aparecer? ai o maroto!
4
5 JM: a vaca tá aparecer.
6
7 J: não quer ir fazer ó-ó.
8
9 JM: agora <* * *>
10 olha aí a vaca. ((*pega-lhe e vem mostrá-la.*))
11
12 Z: olha aqui a vaca?
13
14 A: ai que desgraça? ((*JM tropeça com os bonecos na mão.*))
15 (...)
16 olha, aqui João, olha, olha. ((*mostra-lhe a caixa de*
17 *música debaixo do tapete.*))
18
19 Z: <* * *> as coisas todas aí debaixo!
20
21 (...)
22
23 JM: <*>
24 <*>
25 <*>
26
27 Z: o que é que ele diz?
28
29 JM: este é o lobo mau? ((*pegando numa das figuras da caixa*
30 *de música.*))
31
32 A: o quê?
33
34 JM: é o lobo mau.
35
36 A: é o lobo mau?
37
38 JM: é.
39 vai come<r> o porco.
40 -----
41
42 A: o que é que ele queria fazer? ele está aqui sabes
43 para quê?
44 JM: come<r> os porquinhos.
45
46 J: comer os porquinhos!
47
48 A: pois é para entrar pela chaminé e comer os porquinhos,
49 não é?
50
51 JM: olha aqui. ((*explora os diversos bonecos da caixa de*
52 *música.*))
53
54

SESSAO VII

DATA: 25 de Outubro de 1990

IDADE: 2 Anos, 3 Meses, 17 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

Z - Maria José (Zé)

P - Pai (João Miguel)

L - Lúcia

A - António Quintas Mendes

1 P: tá-te a tirar fotografias?
2
3 Z: faz lá um grande sorriso aqui para o Quintas
4 Mendes.
5
6 P: mostra-lhe os dentes.
7 -----
8
9 Z: mostra lá os dentes.
10 -----
11
12 JM: Quintas! ((*sorri*))
13
14 Z: ah! ah!
15 -----
16
17 P: ah! ah!
18 -----
19
20 Z: mostra lá os dentes ali.
21 e abre lá a boca toda.
22 e agora conta lá uma história.(...) ali pá, pá
23 (...)
24
25 P: <*> tavas a contar uma história há bocado, como
26 é que foi aquela história da gaivota?
27
28 Z: conta lá, para o Quintas a história.
29
30 JM: a história.
31
32 Z: o que é que aconteceu lá na escola? conta lá a
33 ele.
34
35 JM: aiii, foi o Jorge empugou.
36
37 P: o Jorge empurrou-te?
38
39 JM: e pois na testa.
40 empurrou aqui na es (...)
41 foi aqui! ((*aponta a testa.*))
42 um dó-dói.
43
44 P: um dói-dói aonde?
45
46 JM: aqui, aqui. ((*aponta a testa.*))
47
48 A: quem é que empurrou?
49 -----
50
51 P: quem é que em (...)
52 -----
53
54 JM: foi o Jo<r>ge.

- 1 A: o Jorge?
2 e depois o que é que aconteceu, João? (...)
3
4 P: o que é que tu fizeste ao Jorge? (...)
5 olha, conta-me lá uma coisa.
6 e aquela história da gaivota, como é que estava a
7 gaivota? (...)
8 como é que estava a gaivota? João Miguel (...) a
9 gaivota.
10 conta a história da gaivota ao Quintas.
11 isto a comer bolacha é difícil contar histórias,
12 não é?
13
14 JM: <*> ((*acaba a bolacha; abre muito os braços*
15 *quando fala.*))
16
17 P: acabou.
18
19 A: acabou a bolacha?
20
21 JM: acabou.
22
23 P: então anda lá, come lá, acaba lá de comer a
24 bolacha.
25
26 JM: vou <mmcár> (*vou/vamos brincar*)
27
28 A: vamos brincar?
29
30 JM: ãmos. (*vamos*)
31
32 A: vamos brincar.
33
34 JM: ãmos mincar Miguéu? ((*dirigindo-se a P.*))
35
36 P: Miguel? tá bem!
37 então o que é que eu faço?
38
39 A: <*>
40
41 JM: ete! ((*pega num boneco que é um sapo de*
42 *"corda".*))
43
44 P: o que é isso?
45
46 JM: é um (...) é um, um Teixeira.
47
48 P: um Teixeira! ha! ha! ha! ha! ((*muitos risos.*))
49
50 A: o que é isso? ((*dirigindo-se a P.*))
51
52 P: é pá desliga Quintas que eu tenho de te explicar
53 essa.
54 A: tá bém, explica lá, vá.

- 1 P: é pá era um sapo que a gente tinha lá nas férias,
2 um sapo mesmo, que era o Teixeira, a
3 gente baptizou-o de Teixeira, o gajo
4 disse que isto que era um Teixeira.
5
6
7 JM: tá-qui. *((deu corda ao sapo e pô-lo a saltar.))*
8
9 P: o que é isto, então? (...) há?
10
11 JM: já parou.
12
13 P: não parou nada. tá a s(...) tá a quê? tá a fazer
14 o quê? (...)
15 o que é que o sapo está a fazer?
16
17 JM: tamm (...)
18
19 P: o que é que o sapo tá fazer?
20 o que é que o Teixeira está a fazer? (...)
21 isso! *((JM imita com gestos o movimento do
22 sapo.))*
23
24 JM: olha, olha, olha <*>
25
26 P: o que é isso, João?
27
28 JM: olha morreu a<l>i. *((aponta para outro boneco que
29 está deitado no chão.))*
30
31 P: o que é que morreu?
32
33 JM: a galinha morreu.
34
35 P: a galinha morreu? (...)
36 olha, o que é que falta aqui, João? *((não se
37 percebe a que é que P se refere.))*
38
39 JM: vai morder aqui<l>o.
40
41 P: vai morder?
42
43 JM: vai.
44 cocórocóco?
45 <vem> o lobo mau, pum! pum. *((faz chocar um
46 boneco contra outro.))*
47
48 ai olha o gainho *(galinho)*.
49 olha caíu.
50
51 P: olha, o que é isto João?
52
53 JM: é um (...) é um
54

- 1 P: como é que se chama este bicho?
2
3 JM: é um , é um, um boi.
4
5 P: um boi?
6 é um porco!
7 e isto? (...)
8
9 Z: é uma vaca paralítica.
10
11 JM: é um, uma baca cadela.
12
13 P: uma vaca cadela?
14
15 JM: uma cadela.
16
17 Z: não é, é uma vaca paralítica, diz lá.
18
19 JM: uma vaca paraleca, haaaa. ((ri-se))
20
21 A: ó (...) João, então tu bateste nos meninos lá da
22 escola? (...)
23 bateste? ((A. tinha ouvido o pai a contar que
24 ele tinha lutado no jardim infantil.))
25
26 JM: umgadagum-gadagum-gadagum. ((com um "porco" na
27 mão imita o galope de um cavalo.))
28
29 P: isso é o cavalo. ((refere-se aos sons que JM
30 estava a produzir.))
31 como é que se chamam os teus amigos lá na escola?
32
33 JM: o cabaú.
34 táqui o cabáu. ((pega num cavalo.))
35
36 P: ah o cavalo tá aí, pois.
37 o cavalo é que faz tec-tum, tec-tum (...)
38
39 JM: que-tum, que-tum, tum que-tum. ((continua com
40 gestos a imitar o galope do cavalo.))
41
42
43 P: o que é que tu fazes na escola, conta lá pá
44 gente, João.
45
46 JM: <a/é> schaltare, tum-tum-tum. ((ainda a imitar o
47 galope.))
48
49 P: saltar.
50 mas tu na escola saltas, também?
51
52 JM: <vou cair/vaicair> pum! ((segura o cavalo ao
53 nível da sua cabeça e depois deixa-o cair.))
54
54 P: caíu.

1 JM: caiu co porco. *(caiu com o porco) ((o cavalo*
2 *caiu e ficou ao lado do porco.))*
3

4 P: olha (...) tu agora estás na sala da Sofia, não
5 *é? da Sofia, não (...) como é que*
6 *se chama a (...)*
7 *estás com quem, agora? não é com a Sofia, é com*
8 *quem? (...)*
9 *com a Júlia!*

10
11 JM: com a Jú<l>ia.

12
13 P: e o que é que tu fazes com a Júlia?
14

15 JM: prrum, pum. *((atira com um boneco.))*
16

17 P: não, é o que tu fazes com a Júlia, conta lá.
18

19 JM: prrum, pum (...) bum-pum. *((atira com outro*
20 *boneco.))*
21

22 P: tu cantas? (...) há João? cantas?
23

24 JM: canto!
25 *uma canção do, do pim-pim.*
26 *<ô tá ove<lh>a/a<n>da cá vere>*
27 *<ove<lh>a morrer>*
28 *ê (este) tá morredo, olha, tá em pé (...) tá*
29 *a<l>i em pé!*
30 *tá em pé! ((refere-se aos bonecos que estão*
31 *espalhados pelo chão.))*
32

33 P: pois está.

34 JM: a galinha em pé, co o cavalo (...)
35 *dô, é dô, é dô co o cavalo. (dois é dois, é*
36 *dois com o cavalo.))*

37 A: é quê? (...)
38 *dô?*
39

40 P: dois.
41

42 JM: có-ca-ro-có-có (...) caiu, caiu, (...) co
43 *gauinha.*
44 *((põe a galinha em cima do cavalo e caem*
45 *os dois, ficando no chão lado a lado.))*
46 *caiu co gauinha!*
47

48 A: com a galinha.
49 -----
50

51 P: foi.
52 ---
53 *muito bem.*
54 -----

1 JM: caiu co cabaú.
2 -----
3 o cabaú caiu. (*cavalo caiu*)
4
5 A: ó João, diz lá o que é que tu fazes (...)
6 -----
7
8 JM: o Teixeira vai caire, pum.! (*pega no sapo e*
9 ----- *atira-o para o chão.*)
10
11 A: o Teixeira! ha! ha! ha!
12
13 P: o Teixeira vai cair! (*ri-se*)
14
15 Z: o Teixeira?
16
17 JM: ha pum, ha pum, ha pum! (*bate com um boneco no*
18 ----- *sapato.*)
19 <má> Teixeira (...)
20 qué<m> este, pato? qué<m> este? (*com a galinha*
21 ----- *na mão.*)
22 A: esse o que é?
23
24 JM: es tá partido.
25
26 A: esse é uma galinha, não é?
27
28 P: o que é que falta aí, João? o que é que a galinha
29 ----- não tem?
30 JM: tem, caiu.
31
32 P: não tem o quê? o que é que falta?
33
34 JM: falta, falta um rabo (...)
35 não tá patido!
36
37 A: não.
38
39 JM: olha. olha, olha, heee-e.
40 o chapo (...) o chapo, e a (...)
41 ----- (*começa a juntar vários*
42 ----- *bonecos na base de um candeeiro de pé.*)
43
44 Z: esse é o quê?
45
46 P: o que é isso João?
47
48 JM: olha, dois. (*os bonecos.*)
49
50 P: dois? não, três.
51
52 JM: três.
53
54 P: e agora a seguir vem o quê?

1 JM: um cavaú. (*um cavalo*)
2
3 P: faz quantos?
4
5 JM: bú-bú-bú, bú-bú.
6 vai tabei (*também*) (*"fala para" o cavalo.*)
7 olha vai (...) a cantare, <múrrdica> (...) cavalo
8 -----
9 e a (...) -----
10
11 P: a cantar o quê?
12 -----
13 canta lá uma canção, João.
14 que história era aquela da gaivota, há bocado?
15
16 JM: e o cavalo.
17 ooooh (...)
18
19 P: prontos.
20 a gaivota João? (...) como é que era aquela da
21 gaivota?
22
23 JM: olha não é este, (...) é, é a obelha vai cantare.
24 olha caiu! (...) não tem pe<r>na.
25
26 Z: a ovelha vai cantar o quê, João Miguel?
27
28 JM: da gaivota.
29
30 Z: como é que é essa da gaivota?
31
32 JM: la, la, la (...)
33
34 P: muito bem.
35
36 Z: e mais?
37
38 P: e mais?
39
40 JM: óia tá patido este.
41
42 P: o que é isso João?
43
44 JM: é <o murronha/uma ronha>
45
46 P: uma quê?
47
48 JM: <uma ronha>
49 olha caiu, a galinha.
50 caiu o có-córó-có-có (...)
51 olha, vai cair este.
52
53 Z: e qual é a história que esse vai contar?
54

1 JM: olhó, o po<r>quinho bai contar a his (...) a
2 história no tês porequinhos.
3
4 Z: como é que é a história dos três porquinhos? diz
5 ----- lá.
6
7 P: a história dos três porquinhos.
8 -----
9
10 JM: tês poquinhos ão-ão-ão-ão-ão. ((a cantar))
11
12 P: com o lobão, (...) não é?
13
14 JM: com o lobão.
15
16 P: o lobo.
17
18 JM: lobo mau.
19
20 P: o lobo mau.
21
22 Z: o que é que o lobo mau quer fazer? (...) aos
23 porquinhos?
24 JM: qué comer.
25
26 P: quer comer os 3 porquinhos.
27
28 Z: e os porquinhos o que é que fazem?
29
30 JM: tá-la-la-tá. ((a cantar e a dançar.))
31
32 P: ah! ah! ah! ah!
33
34 JM: vai cantar o cavaulo e ête.
35
36 A: vai quê?
37
38 P: vai cantar.
39
40 JM: vai cantare.
41
42 Z: e qual é a história que o porco conta? (...)
43 é qual?
44
45 JM: la, la (...) ((a cantar.))
46
47 Z: e mais?
48
49 JM: e este canta. ((aponta para um dos vários
50 bonecos alinhados na base do candeeiro.))
51
52 Z: canta qual?
53
54 JM: é es<t>e cante (...) <é/e> es<t>e canta.

1 Z: canta o quê?
2
3 JM: es<t>e canta (...) e ese canta.
4
5 P: então vamos lá cantar.
6
7 JM: olha, ô (vou) andar carrocel. ((roda sobre si
8 próprio várias vezes.))
9
10 Z: vais andar de carrocel? (...)
11 e o que é que tem o carrocel, quais são os
12 bichos, os animais que ele tem!
13
14 JM: olha gora um cauguru vai <ichinar>. (ensinar?)
15
16 P: foste andar de carrocel e o que é que aconteceu?
17
18 JM: o porc (...) o cabáu (cavalo) comeu as ú(...) ai!
19 ((JM cai ao pé do pai.))
20
21 P: comeu o quê? caiste?
22 -----
23
24 JM: ai, caí.
25 co pai.
26
27 P: olha, e este bicho é o quê? (um coelho)
28
29 JM: é <o/um> coelho! caiu! ((atira-se para cima do
30 boneco.))
31
32 Z: caiste para cima dele? o que é que tás a fazer
33 com o coelho?
34
35 JM: upa! a <l>utar co coelho.
36
37 P: estás a lutar com o coelho?
38
39 Z: dá-lhe um murro! dá-lhe um murro no coelho! (...)
40 dá-lhe um murro!
41
42 P: não dá nada, coitadinho do coelho.
43 estás a dormir? ((referindo-se a JM que está
44 deitado no chão. JM ri-se.))
45
46 Z: não pá, é uma luta.
47
48 JM: ai. ((JM levanta-se.))
49
50 P: uma luta.
51
52 JM: <*> é <ele> vai cair.
53 não! o chapo não vai cair!
54

1 P: já não! tá de pé! (...)
2 e o coelho?

3
4 JM: hum-hum! ((atira-se para o chão a "lutar" com o
5 coelho.))
6

7 P: ah, ah, ah!

8
9 P: oooh! ((JM faz cair vários dos bonecos que
10 estavam alinhados na base do candeeiro.))
11

12 JM: olha caíu (...)
13 oooh!

14
15 Z: foi o resultado dessa luta toda.

16
17 P: e agora ?
18 -----
19

20 JM: a <l>uta, caíu o cavalo!
21 <foi ête> o cavalo (...)
22 e caíu o cavalo (...)
23 caíu, o coelho (...)
24 ao pé do chapo (...)
25 olha caíu este (...) caíu este.
26

27 P: este é o quê? ((não se percebe qual.))
28

29 JM: <a/ó> vai caí es<t>e pum! (agora vai cair este)
30 ((empurra com um dedo um dos bonecos.))
31

32 P: como é que se chama este João? é um Perú!

33
34 JM: é um parú!
35 olha, quê esto? (...) quê esto não tem (...)
36

37 P: não tem o quê?

38
39 JM: não tem, uma coisa.

40
41 P: não tem cabeça.

42
43 JM: não tem cabê<ça>

44
45 Z: olha, e pés?

46
47 JM: e pés? táqui.

48
49 Z: então e os braços? (...)

50
51 JM: olha, não tem braços.

52
53 Z: não?
54

1 JM: não.

2
3 Z: olha, e o porco, tem braços?

4
5 JM: tem.

6
7 Z: tão aonde?

8
9 JM: táqui. ((*aponta.*))

10
11 Z: não, aí não é os braços, onde é que estão os
12 braços do porco?

13
14 P: é à frente.

15
16 JM: olha, e esta põe à frente (...) do pato. ((*coloca*
17 *um boneco à frente de outro.*))

18
19 P: muito bem!

20
21 Z: olha lá, então e o porco não tem cabelo.

22
23 JM: não!
24 olha tem as orrere-as. (*orelhas*)

25
26 Z: tem as orelhas!

27
28 JM: a-adar carrochel. ((*rodopia sobre si próprio e*
29 *cai.*))

30 A: ai, ai, ai, ai. (...)

31
32 P: pronto magoas-te.

33
34 A: aleijaste-te João?

35
36 Z: <*> uma injeção ali < * * *>.
37 -----

38
39 A: aleijaste-te? aleijaste-te?
40 -----

41
42 JM: magoei.

43
44 ///

45
46 A: é uma bruxa? ((*uma máscara que está em cima de um*
47 *móvel.*))

48
49 JM: é. (...)
50 vai comê o cão. ((*põe o cão sobre a boca da*
51 *máscara.*))

52
53 Z: não, não metas aí o cão, ela não quer.
54

João Miguel - VII - 2;3;17

1 JM: tem um cabelo. ((a máscara tem um penacho feito
2 de penas.))

3 P: como é que faz o cão, João?

4 JM: olha, a buxa faz assim. ((abre a sua própria
5 boca.))

6 P: como é que faz a bruxa?

7 Z: diz lá em voz alta.

8 JM: vai comê (...) haum! ((baixa-se para "comer" um
9 boneco.))

10 Z: a bruxa come? (...) o porco e a galinha, é?

11 JM: é.

12 Z: ena pá!; e come mais o quê?

13 JM: e a (...) come o chapo. (...)
14 a buxa come o chapo.

15 A: come?

16 JM: come.

17 Z: e o que é que ela faz mais, a bruxa? para além de
18 comer o sapo?

19 JM: pum, pum, pum! caiu. ((bate com o coelho nos
20 bonecos.))

21 P: é isso que a bruxa faz?

22 JM: < * * * > aaai! ((vai junto da bruxa e imita um
23 susto.))

24 Z: onde é que a bruxa vive? onde é que é a casa
25 dela?

26 P: onde é que é a casa da bruxa?

27 JM: é a<l>i. ((aponta para o fundo da sala.))

28 Z: ali aonde?

29 JM: aque<l>a a<l>i.

30 P: aquela ali é a casa da bruxa? (...) é?

31 JM: é.

32 Z: e quem é que vive lá na casa dela?
33 -----
34

1 JM: ai!
2 --
3
4 P: tens medo da bruxa, João?
5
6 JM: tenho.
7
8 Z: porquê?
9
10 JM: ai! *((aproxima-se, de novo da máscara.))*
11
12 P: o que é que ela faz, a bruxa?
13
14 JM: ai tem um olho!
15
16 P: tem olhos, tem nariz.
17 -----
18
19 JM: aqui, tem o nariz.
20 ----
21
22 P: e tem mais o quê? ha!
23 -----
24
25 JM: e os (...)
26 pá, pá, pá! *((bate com o coelho nos bonecos que
27 estão no chão.))*
28
29 P: olha conta lá os bichinhos que tens aí, conta,
30 quantos bichinhos tem?
31
32 JM: <à pinto> (...)
33 bum, bum, bum! *((bate com o coelho no
34 candeeiro.))*
35
36 P: não brinca com a luz assim.
37
38 JM: ooh! (...) pagou-se! *((a luz do candeeiro
39 apagou-se.))*
40 P: e agora, João?
41 não mexe aí. *((liga de novo a luz.))*
42
43 Z: e agora o que é que aconteceu à luz?
44
45 JM: apaguei a<l>i. *((aponta para a lâmpada.))*
46
47 Z: e depois? (...)
48 mas agora já tem luz, o que é que aconteceu à
49 luz?
50 P: João!
51
52 JM: hunga, hunga, hunga, pum! á-pum, á-pum, á-pum,
53 aaa-a.
54 *((bate com um boneco na base do candeeiro.))*

João Miguel - VII - 2;3:17

1 P: olha, olha, tens amigos lá na escola?
2
3 JM: tenho!
4
5 P: que amigos é que s (...)
6
7 JM: é o bu o cavalo batá puuu, ao coelho, pum!
8 ((imita uma luta entre o cavalo
9 e o coelho.))
10
11 P: deu um murro ao coelho? e agora o coelho
12 -----
13 fica como? (...) fica a chorar!
14
15 JM: deu (...)
16 ---
17 olha, pum!
18
19 A: quem são os teus amigos, lá na escola?
20
21 P: como é que se chamam os teus amigos na escola?
22
23 JM: o cavalo vai mo<r>der o banco.
24 ((refere-se ao sofá; pega no cavalo
25 o e põe-o a "morder" o sofá.))
26
27 A: chama-se cavalo?
28
29 JM: aaaah - ma -ma, pum!
30
31 Z: tens um cavalo lá na escola?
32
33 JM: tem.
34
35 Z: como é que ele se chama?
36 -----
37
38 P: e mais?
39 -----
40
41 JM: aaa-a! aaaa! ((está a bater com o cavalo no
42 pai.))
43
44 P: ah, não, não, (...) não se faz isso!
45
46 Z: como é que se chama o cavalo?
47
48 JM: maaa! ma! ma! ma! ma! ma!
49
50 P: olha, João, conta para mim.
51 diz lá o nome de um amigo, olha o Jorge (...)
52
53
54

1 JM: o Jorge bateu achim, pum! ((atira-se para cima do
2 sofá.))

3 < que foi >

4 <* * * > o cavalo (...)

5
6 P: bateu-te aonde? (...)

7 o que é que é isso? o que é que estás a fazer?
8 João?

9 ((está a meter o cavalo no nariz.))

10
11 JM: eeeee (...) ai!

12
13 Z: o que é que o cavalo tá a comer?

14
15 JM: o nariz.

16
17 P: tá a comer o nariz?

18 o que é que está dentro do nariz, João?

19
20 JM: <*>

21
22 P: é o quê?

23
24 JM: <um/o> macaco!

25
26 Z: e o cavalo está a comer macacos?

27
28 JM: tá.

29
30 Z: são bons, os macacos?

31
32 P: não, aaah! (...) ((arrancou uma perna do
33 cavalo.))

34
35 Z: aquela já estava.

36
37 P: ho João, o que é que tu fizeste, João?

38
39 JM: olha tá (...) amos colar? ((dirigindo-se a A.))

40
41 A: vamos colar?

42
43 JM: amos colar?

44
45 A: vamos colar?

46
47 JM: amos!

48 tá patido! tá patido!

49
50 A: e agora?

51
52 JM: e ago<r>a?

53
54

1 A: agora não sei, já não tenho cola, (...) já não
2 tenho cola.
3
4 JM: olha tá patida es<t>e.
5
6 Z: esse é o quê?
7
8 JM: é um (...)
9 tá patido é es<t>e.
10
11 A: mostra, o que é isto?
12
13 JM: amos co<l>ar!
14
15 A: aah, já não tem cabeça, pois não?
16
17 JM: não.
18
19 (...)
20
21 JM: um mais (...) um mais. ((foi buscar um "bibelot"
22 que estava em cima da televisão.))
23
24 Z: olha lá, onde é que tá a barriga do cavalo?
25
26 JM: táqui. ((aponta.))
27
28 Z: e as costas do cavalo?
29 vais-te espetar. ((há uns arames no boneco
30 partido.))
31
32 JM: táqui.
33
34 Z: isso aí é as costas? e o rabo?
35
36 JM: achim não. ((está a tentar encaixar a perna do
37 cavalo, mas esta não encaixa.))
38
39 Z: já está.
40
41
42 JM: já está!
43 olha (...) ca-go-ga-gum-gum-aeeee (...)
44 todas a saltare, tum-tum-tum. ((imita um galope
45 com um cavalo e um camelo.))
46
47 Z: é uma corrida?
48
49 P: e agora? quem é que ganhou?
50
51 JM: o camelo e (...) o e (...) e o cavalo.
52 tum-tum-tum.
53
54 Z: olha (...)

1 P: olha este ganhou só com três pernas. (...)
2 deixa o pai arranjar.
3
4 Z: qual três. duas!
5
6 P: aah! <* *>.
7
8 JM: gora más o cão, más o cão.
9
10 Z: <*>
11 quem é que ganha agora?
12
13 JM: o cão (...) e o cavalo.
14
15 Z: o cavalo agora não correu!
16
17 JM: tum! ((*provoca choques entre os animais.*))
18
19 Z: e agora apareceu o quê?
20
21 P: olha, o que é que fizeste hoje na escola? conta
22 lá.
23
24 JM: amorri!
25
26 P: morreste na escola? (...)
27 o que é que fizeste na escola, João? eu tou (...)
28 tou a falar contigo.
29
30 JM: <* * *>
31
32 P: diz lá o que é que fizeste na escola.
33
34 JM: <en>terra<r>. ((*está a empurrar o cavalo*
35 *contra a carpete.*))
36 P: estás a enterrar?
37
38 JM: óia o-o, ai!
39
40 P: olha.
41
42 JM: <*> co camelo.
43
44 P: não parte o camelo.
45
46 JM: ói<lh>a! ói<lh>a! tá patida ete (...)
47 a roda tá patida!
48
49 P: olha uma coisa, o que é que (...)o que é que
50 tu (...) o que é que tu fizeste
51 hoje na escola?
52
53 JM: <ch>erei.
54

1 P: choraste?

2
3 JM: <ch>orei.

4
5 P: porque é que tu choraste, João?

6
7 JM: ha, ai o came<l>o.

8
9 P: onde é que tá?

10
11 JM: táqui.

12
13 P: tá aonde?

14
15 JM: tá (...) a - ai! ((desequilibra-se.))

16
17 P: quem é que tem o camelo? quem é que tem o camelo?

18
19 JM: ho (...) hum-hum, (...)

20
21 P: quem é que tirou o camelo?

22
23 JM: a Zé ti<r>ou o came<l>o.

24
25 Z: eu? (...) eu? (...)
26 tu viste eu tirar o camelo? (...) vistas?

27
28 JM: foi a<l>i, olha - ah (...) ((aponta para um canto
29 da sala.))

30
31 A: porque é que tu choraste hoje, João?

32
33 P: porque é que tu choraste hoje? (...)
34 diz lá ao Quintas porque é que choraste.

35
36 JM: olh'á buxa a<l>i.

37
38 P: a bruxa ali.
39 -----

40
41 A: a bruxa.
42 -----

43
44 P: porque é que tu choraste?

45
46 A: porque é que tu choraste, João?
47 <*>

48
49 JM: o came<l>o?

50
51 A: ó João conta-me lá porque é que tu choraste hoje?

52
53 JM: oh, hum - hum (...) ((gatinha de um lado para o
54 outro sem nenhum interesse definido.))

1 A: não me contas?
2 não me cont (...) contas?
3 -----
4 JM: cont<o> (...)
5 olh (...) é (...) aaa.
6 ah-ah <*>.
7
8 Z: olha, e o Ricardo, o que é que o Ricardo fez hoje
9 lá na escola?
10
11 P: é verdade, e a gaivota?
12
13 JM: eaaaah.
14
15 P: a gaivota, João?
16
17 A: olha, tá aqui o Teixeira. (...)
18 queres o Teixeira?
19
20 JM: quero (...)
21 óia, olha é o barco!
22
23 A: e isto? o que é que tá aqui? o que é que tá aqui
24 agora? (...)
25 e aqui? (...) e aqui (...) agora? João! e aqui
26 agora?
27 ((vai-lhe mostrando diversos bonecos.))
28
29 JM: é a galinha!
30
31 A: e aqui agora?
32
33 JM: o peru.
34
35 A: e aqui agora?
36
37 JM: um pato.
38
39
40 A: um pato, e aqui? (...) ((mostra um boneco sem
41 cabeça.))
42
43 JM: ((ri-se.))
44
45 P: é uma cabra! (...) sem cabeça (...)
46
47 JM: sem cabeça não!
48 (...) ai, ai.
49
50 P: João!
51
52 JM: ai, ai. ((está a dar corda a um boneco.))
53
54

1 P: onde é que tá o vinho João?

2
3 JM: táqui. ((JM está junto de um cesto com
4 garrafas.))
5

6 ///

7
8 P: o que é isso, João? ((alguém deu a JM uma pequena
9 folha de papel.))
10

11 JM: é (...)
12 é qué esc<r>ever.

13
14 P: e o que é, o que é? (...)
15 o que é isso, João?
16

17 JM: é <u>m (...)
18 o<lh>a, <caiu>
19 olha, o schapo tá aí <*>. ((embrulha o sapo na
20 folha de papel.))
21

22 A: é o Teixeira que tá aí?

23
24 JM: tá! no papéu (...)
25 e as chaves (...)
26 tá guadado! ((levanta-se com o "embrulho" na mão
27 mas a chave cai.))
28 (...)
29 olha, caiu.

30 A: olha, caiu a chave do Teixeira.

31
32 JM: vai cair o Teixeira.

33
34 A: hum-hum. ((risos.))

35
36 (...)

37
38 P: e mais?

39
40
41 Z: tás a fazer o quê ao papel? ((JM está a amaxucar
42 o papel entre as mãos.))
43

44 P: tu choraste hoje na (...)

45
46 JM: chorei!

47
48 P: porquê? porque é que choraste?

49
50 JM: <uma> coisa boa.

51
52 P: uma coisa boa?

53
54 JM: quero.

João Miguel - VII - 2:3:17

2

1 P: queres uma coisa boa?
2
3 JM: quero.
4
5 P: o que é que tu queres? (...) o que é que é bom,
6 João?
7
8 JM: cóó (...) tá patido! ((a observar um boneco que
9 tem na mão.))
10
11 P: pois tá.
12 o que é que é bom, João?
13
14 JM: lu-gu-gu.
15
16 Z: olha guia lá! (...)
17 como é que tavas a guiar há bocado? (...) guia lá
18 -----
19 o au (...)
20 -----
21 P: sabes guiar?
22 -----
23
24 Z: o carro.
25 -----
26 como é que estavas a fazer há bocado?
27 não, mas faz lá o barulho, como é que é a guiar,
28 como é que tu fazias (...ra...
29 ra...ra), como é que era?
30 e o barulho? como é que é o barulho do carro?
31
32 P: como é que tu guias o carro do pai? como é que é?
33
34 JM: a-a-aaa-umm. ((JM faz gestos já completamente
35 desordenados.))
36
37 P: não, não, isso é (...) isso é (...) isso é (...)
38 um ataque.
39 JM: um ataque.
40
41 Z: foi um ataque de nervos.
42
43 JM: olha, este tá patido. ((pega noutra boneco.))
44
45 P: João, tens sono?
46
47 JM: tenho.
48
49 P: tens sono?
50
51 Z: queres ir para a cama?
52
53 P: queres ir para a cama?
54

1 JM: quero.

2
3 P: que cama é que tu queres ir? qual é a tua cama?

4
5 JM: a<l>i.

6
7 P: ali aonde?

8
9 JM: naí.

10
11 P: aí-naí!

12
13 JM: olha (...)

14
15 Z: ni.

16
17 P: ali-naí-ni.

18
19 Z: olha, não queres dormir aqui nesta cama? (...)
20 na cama do Quintas Mendes? (...)
21 queres dormir com o Quintas Mendes?

22
23 JM: não.

24
25 Z: porquê?

26
27 JM: olha pati. (*parti*)

28
29 Z: não parte mais, já chega.
30 então e queres dormir na cama com a Lúcia queres?

31
32 JM: não.

33
34 Z: então onde é que tu queres dormir?

35
36 JM: na cama.

37
38 P: na cama com quem? (...)
39 em que cama é que tu queres dormir, João?

40
41 JM: aaa (...) <co/do> pai.

42
43 P: do pai.

44
45 Z: do pai.

46
47 P: queres dormir com o pai?

48
49 JM: quero.

50
51 Z: queres dormir com o pai aqui nesta cama? (...)

52
53 JM: não.

54

João Miguel - VII - 2;3;17

1 P: então em que cama é que tu queres? dormir com o
2 pai?
3

4 ///

5 (...)

6
7
8 JM: ora (agora) não tem. ((arrancou mais uma parte de
9 um dos bonecos.))

10 (...)

11
12
13 JM: olha, pa<r>ti.

14
15 A: partiste?

16
17 JM: pa<r>ti.
18 olha pa<r>ti este! ((mostra o boneco a A.))

19
20 A: mostra, e agora não cola? (...) ((JM está a
21 tentar encaixar de novo a
22 peça que arrancou ao boneco.))

23
24 JM: góá cóóla! (agora cola)

25
26 A: cola? (...)
27 não pega?

28
29 JM: cola.

30
31 A: não cola?

32
33 JM: não.
34 <*> pica. ((passa com a peça pela mão.))

35
36 A: pica? pica!
37 cuidado, magoas-te.

38
39 JM: e chora.

40
41 A: há?

42
43 Z: magoa-se e chora.
44 -----

45
46 A: e chora.
47 -----

48
49 JM: <* *>

50
51 P: tu choraste hoje? choraste na escola, João?

52
53 JM: cherei.
54

João Miguel - VII - 2;3;17

2

1 P: porquê? (...) porque é que choraste?
2
3 JM: aqui. ((*mexe num boneco.*))
4
5 Z: au! olha que eu assim também choro. ((*JM pica Z.*
6 *com um boneco que tem na mão.*))
7
8 P: não faz isso, magoa.
9
10 JM: pim! na luz. pim!
11
12 P: não, não faz pim na luz.
13
14 JM: e bate no João.
15
16 P: olha, e o Pedro onde é que está o Pedro? (...)
17 como é que se chama o (...) como é que se chama o
18 teu mano? (...)
19 (...)
20 como é que se chama o teu irmão? como é que se
21 chama o mano, João?
22
23 Z: tá a ver se parte mais um. ((*JM está a bater com*
24 *um dos animais no chão.*))
25
26 P: como é que se chama o mano? não sabes?
27
28 JM: sabe, sabe.
29
30 P: então diz lá como é que é.
31
32 JM: humm (...) Pedócas. (*Pedrocas*)
33 -----
34
35 P: como é que se chama o mano? é o Pedrocas! e ele
36 -----
37 está (...) ele está bom?
38 JM: tá.
39 <le> tá doentinho.
40
41 Z: porquê?
42
43 JM: quer a mãe e o pai!
44
45 Z: ha, quer a mãe e o pai.
46 e o que é que lhe dói?
47
48 P: o que é que dói ao (...) ao Pedro?
49
50 JM: úu (...) ú (...) olha, ele vai saltar, úúúú (...)
51 pum!
52 ((*vai atirando bonecos para o chão.*))
53
54 Z: não, não joga.

1 P: não, não atira.

2
3 JM: úúúú - pum! ((*repete a brincadeira.*))

4
5 P: caiu.

6
7 JM: úúúú - pum! o parú. (*o perú.*)

8
9 Z: olha João, o que é que tu vais fazer amanhã ao
10 Jorge, lá na escola?

11
12 JM: o parú, vai saltare (...) púú - pum!
13 ((*deixa-o cair.*))

14
15 Z: tás a ouvir?

16
17 JM: caiu, o perú.

18
19 Z: ó monsieur!

20
21 JM: a<g>ora vai. ((*prepara-se para repetir a*
22 *brincadeira.*))

23
24 Z: o que é que tu fazes amanhã ao Jorge, lá na
25 escola? (...)
26 o que é que tu lhe vais fazer?

27
28 (...)

29
30 JM: óo-aaa (...) hóoo (...) heem, olha caiu.
31 ((*alguém levantou o candeeiro em cuja base*
32 *estavam os bonecos.*))

33
34 P: pois foi.
35 e amanhã, vais para onde? de manhã? (...)
36 não mexe aí(...)
37 para onde é que tu vais amanhã, João?

38
39 JM: eu vai à escola (...)

40
41 P: vai aonde?

42
43 JM: eu vai. (...)

44
45 P: vai para aonde? (...)
46 não mexe aí, não mexe na luz.

47
48 JM: vai pagare.

49
50 P: pagar? pagar o quê?

51
52 Z: apagar!

53
54

1 JM: pága ist<o>. (apagar isto)
2 ((pega no interruptor da luz.))

3
4 P: vai pagar, a-pagar!

5
6 Z: não mexe mais.

7
8 P: não mexe, João, deixa isso.

9
10 Z: senão dá cabo das filmagens.
11 olha, aquela menina a dançar para o polícia há
12 bocado ali <*>
13 ((chama a atenção para um programa
14 que está a passar na televisão.))

15
16 P: olha, o que é aquilo, João? o que é que tá a dar
17 na televisão? (...)
18 o que é que está a dar na televisão? o que é?

19
20 JM: um pa-ron-pom-pom.

21
22 Z: o que é que ela tá a fazer?

23
24 P: o que é que ela está a fazer? João? o que é que a
25 senhora est (...)

26
27 JM: a danschare. (a dançar.)

28
29
30 P: tá a quê? (...) o que é que ela está a
31 fazer?(...)
32 está a quê?

33
34 JM: a fazer cambalhota.

35
36 Z: a fazer cambalhota!

37
38
39 JM: achim. (assim) <* *>
40 --- ((levanta-se e cai.))

41
42 Z: faz lá como ela.
43 -----

44
45 JM: a-ai! ((cai.))

46
47 Z: ela não fez isso, ela não caiu, faz lá como ela.

48
49 JM: a-ai. ((levanta-se.))

50
51 Z: faz lá como ela estava a fazer (...) aquelas
52 cambalhotas.

53
54 P: devagarinho.

1 JM: eh, e-e. ((dá um salto.))

2
3 P: muito bem, ah-a.

4
5 Z: vais fazer uma cambalhota? ((JM está de gatas.))

6
7 JM: um, dois, e três (...) úúú. ((levanta-se.))

8
9 P: o que é que foi isso?

10
11 JM: um, dois e três (...) ((põe-se outra vez de
12 gatas.))

13 úúú - pum!

14 uma cambalhota!

15
16 P: muito bem!

17
18 JM: uma cambalhota outra vez!

19 úúú - pum - úúú - pum - úúú - pum - úúú - pum!

20 olhá cavalo fazer cambalhota!

21 úúú - pum!

22 oia, olha eu vou pôr a ito <no/o> cava<l>o (...)

23 tá patido (...) vou pôr ito no

24 ca<v>alo, tá partido.

25 hum (...) olha, tá patida es<t>e, tá patida a
26 péna.

27
28 ///

29
30 P: olha João (...) João, João Miguel, João Miguel,
31 (...) olha para o Quintas Mendes
32 e diz-lhe adeus.

33
34 Z: faz adeus a ele.

35
36 P: diz adeus, diz adeus para o Quintas Mendes.
37 adeus.

38
39 Z: já se acabou!

40
41 P: diz, olha para ele.

42
43 JM: té manhã.

44
45 P: olha para ele, olha para o Quintas.

46
47 JM: té manhã!

48
49 P: diz acabou.

50
51 JM: acabou.

SESSAO VIII

DATA: 15 de Novembro de 1990

IDADE: 2 Anos, 4 Meses, 7 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

A - António Quintas Mendes

P - Pai (João Miguel)

L - Lúcia

Z - Maria José (Zé)

1 JM: não chei. *(sei)*

2
3 A: não sabes?

4
5 JM: tá qui!

6
7 A: tá aqui a perna? Mas este é a perna do sapinho,
8 do Taveira não é? do Taveira não,
9 do Teixeira (...)
10 vamos ver se este se cola.

11
12 JM: aaaaa (...) aaa (...)

13
14 A: esta não se cola (...) esta não se cola, mas esse
15 já tem cabeça, não é? (...)
16 e agora? o que é que há mais para colar?

17
18 JM: <*> *((pega num boneco.))*

19
20 A: esse tá bom, não tá?

21
22 JM: tá!
23 e este tá bom.

24
25 A: esse falta-lhe uma perna.

26
27 JM: olha.

28 ----
29
30 A: olha, vamos colar-lhe a perna do sapo?

31 ----
32
33 JM: amos. *(vamos.)*

34
35 A: vamos colar a per (...)

36
37 JM: <cola aqui>.

38
39 A: hum?

40
41 JM: e ito? he-e-e.

42
43 A: isso é uma cola também.
44 vamos lá ver como é que fica o burro com a perna
45 de sapo, tá bem?

46
47 (...)

48
49 JM: achim.
50 <e> este, cola.

51
52
53
54

1 P: João Miguel (...) João Miguel, e se cantasses uma
2 canção?

3
4 JM: <não.>

5
6 P: uma qualquer.

7
8 JM: <*>

9
10 P: a do peixinho.

11
12 JM: olh'á qui, eh-e-e.

13
14 A: estás a arrancar os olhos ao cão? (...)
15 olha, vê lá agora, vê lá (...) vê lá João, olha
16 aqui, já tem outra perna (...) não
17 tem?

18
19 JM: não.

20
21 A: há? esta é a perna do sapo.

22
23 JM: não.

24
25 A: há, mas falta outra aqui, olha.

26
27 JM: olha o (...)
28 ó-olha aqui o (...) Quintas Mendes (...) <já>

29
30 -----
31 pati. <parti>
32 -----

33 A: então e agora? o que é que tu lhe fizeste?

34 -----
35 o que é que tu fizeste?

36
37 P: Quintas Mendes, não te ponhas à frente da luz.

38
39 JM: olha aqui quer ver?

40
41 A: olha, o que é isso? (...)
42 isso são (...)

43
44 JM: olha caíu, <* * *>

45
46 A: olha, isso são os olhos do cão, não são? (...)
47 anda cá, vamos colar os olhos do cão.
48 põe para mim (...)
49 vamos pôr aqui um bocadinho de cola, tá bem?(...)
50 aqui um bocadinho de cola e
51 agora vamos lá colar os
52 olhos, tás a perceber?

53
54 (...)

1 JM: os <*> não.

2
3 A: há?

4
5 JM: <pôr> aqui um (...)

6
7 A: já tá.

8
9 JM: <pôr-a> um bocadinho.

10
11 A: o quê?

12
13 JM: vai esconder, olha. ((dá corda ao cão e vai pô-lo
14 a andar.))

15
16 A: há?

17
18 JM: quer ver? (...) quer ver?

19
20 A: queres ver?
21 ele aí não anda, só no chão.

22
23 JM: ai, ai, aa. ((o cão não anda.))

24
25 A: dá-lhe corda, dá-lhe corda.
26 (...)
27 não anda? mostra cá.

28
29 JM: <fugiu> pum! caiu. ((atirou com o cão contra a
30 parede.))

31
32 A: pum! caiu.

33
34 JM: co<l>a-se!
35 amos co<l>ar. ((JM senta-se pega num rolo de
36 fita-cola.))

37
38 A: vamos colar o quê?

39
40 JM: o João vai co<l>ar, tá bem?

41
42 A: o João vai colar.

43
44 JM: o Dão vai co<l>ar, vai. ((começa a desenrolar a
45 fita-cola.))

46
47 P: vai colar o quê, João?

48
49 JM: o chapo, tá patido (...)
50 outa péna no chapo. (outra perna no sapo.)

51
52 P: ó João, não estragues a fita.
53 João, tás a estragar a (...)

54

1 JM: a outra péna? (*perna.*)

2
3 A: a outra perna tá aqui, pus neste.
4 não, não é neste, é neste, queres que eu tire
5 aqui? (...)
6 prontos, toma, agora colas aonde? aqui?

7
8 JM: é.

9
10 A: sabes colar?

11
12 JM: sabo.

13
14 A: sabes?

15
16 JM: a-aah.
17 es-tá patido. (*tem um grande bocado de fita-cola*
18 *na mão e tenta pô-la no boneco.*)

19
20 A: vamos lá colar isto como deve ser, vá lá.
21 vá lá, vamos lá colar isto.
22 queres colar?

23
24 JM: quero.

25
26 A: prontos, pões aqui á volta, enrolas.
27 esta é que esta partida, João, não é esta, esta
28 está boa, é esta aqui.
29 esta aqui é que tens que fazer assim, prontos!
30 (...)
31 ai, já saltou outra vez (...)
32 tá aqui.

33 (...)

34
35 JM: eee (...) ó foi, foi. (*tenta manipular grandes*
36 *bocados de fita-cola que se*
37 *lhe colam às mãos.*)

38
39 A: então, vamos colar? hum?

40
41 JM: olha aqui a co<l>a.

42
43 A: a cola tá estragada, já.
44 mostra cá (...) mostra cá (...) péra, péra, péra.

45
46 JM: a co<l>a. (*pega num tubo de cola.*)

47
48 A: com essa não dá, João.
49 essa não presta para colar isto.
50 olha aqui, olha, olha esta. (*tenta passar-lhe o*
51 *rolo de fita-cola mas JM*
52 *começa a usar a cola de tubo.*)
53
54

1 JM: quiere, qué's vere, qué's vere, qué's vere? qué's
2 vere?
3 ((com o tubo na mão, põe cola na
4 pata do sapo.))
5

6 A: quero ver, quero (...)

7
8 JM: qué's ver? (...) qué's ver? (...) qué's ver? (...)
9 qué's ver (...) olha, qué's ver?

10
11 A: quero, quero ver.

12
13 P: ó Quintas Mendes, tu ficas com o tapete cheio de
14 cola.
15 ai as calças dele cheias de cola Quintas Mendes.

16
17 A: então cola lá João, vá lá, ah, ah, eh.

18
19 JM: não sabe (...)

20
21 A: como é que (...) não sabes?

22
23 JM: não

24
25 A: não?

26
27 JM: o<lha> aqui.

28
29 A: há? então agora colas no camelo, olha aqui, assim
30 o camelo fica cheio de cola.

31
32 JM: <*> camelo.

33
34 P: ííí-pá ele agora está a limpar à camisola.

35
36 A: anda lá lavar as mãos, anda lavar as mãos.

37
38 ///

39
40 ((na casa de banho.))

41
42 A: João, olha ali(...) não pode ficar assim, pois
43 não?

44 ((ficou a torneira aberta.))

45 João, agora anda cá, mostra aqui, mostra aqui, o
46 que é isto?

47 temos que limpar isso aí, não é?
48 ((cola na camisola de JM.))

49
50 JM: ó aqui. (olha aqui) ((mostra a camisola.))

51
52 A: anda cá, anda cá, isto é cola?

53
54 JM: é! foi o chapo co<l>ou.

1 A: foi o chapo colou?
2 como é que isto sai?

3
4 JM: foi o pé (...) do chapo.

5
6 A: hã? foi o pé do sapo (...)
7 e agora? fica a camisola do João colada, não é?
8 hum?

9 JM: olha quem tá ali. ((*aponta para o tecto e vai-se*
10 *embora da casa de banho.*))

11
12 A: quem é que tá ali?

13
14 ///

15
16 ((*A. e JM estão de novo na sala, junto dos*
17 *bonecos.*))

18
19 JM: <*> arrumar, ô arrumar (...) (*vou(?) arrumar*)

20
21 P: vais a (...) vais arrumar? (...)
22 João, João Miguel, (...) olha, e se cantasses uma
23 cançãozinha para o pai?
24 aquela do papagaio louro (...) diz lá, canta lá,
25 "papagaio louro" (...) canta lá, João.

26
27 JM: olha aqui, tou colar o camelo, tá patido.
28 olhá camelo hee-ee-ee (...) tunca-tunca-tunca
29 -tunca (...) tunca-tunca-tunca.
30 ((*põe o camelo a galopar.*))

31
32 A: que é isto? ((*A. traz folhas brancas para*
33 *desenhar com JM.*))

34 JM: ééé (...) dá cá.

35
36 A: é para quê?

37
38 JM: amos fazer um de<s>enho!
39 quero, hum (...) uma pó João (...) e uma pó
40 Quintas Mendes.

41
42 A: o quê?

43
44 JM: uma pó Quintas Mendes.

45
46 A: uma para o continente? que é isso?

47
48 JM: uma pó João. ((*dá uma folha a A. e puxa outra*
49 *para si.*))

50
51 A: ah para o Quintas Mendes, uma para o Quintas
52 Mendes.

53
54

1 P: o que é que tu vais fa (...) o que é que tu vais
2 fazer ao Continente, João?
3

4 A: não, é uma folha para o Quintas Mendes.
5

6 P: o que é que o pai vai comprar ao João no
7 Continente?
8

9 JM: uma mota.
10

11 A: uma mota, João?
12 sabes andar de mota? (...)
13

14 JM: sabe.
15

16 A: essa não escreve? (...) dá cá.
17 o que é que vamos fazer?
18

19 JM: um <bo>neco!
20

21 A: um boneco?
22 vê lá se esta escr (...) olha, esta escreve bem.
23

24 JM: esc<r>eve bem.
25

26 A: e esta?
27

28 JM: e est (...)?
29 chapo, um schapo. ((vai nomeando o que desenha.))
30

31 A: e isto?
32 este é bom. ((refere-se a um lápis.))
33

34 JM: es<t>e é bom! (...)
35 segunda feira o João não vai à escola. ((com uma
36 prosódia que faz pensar que esta
37 frase foi dita por um adulto.))
38

39 A: 2ª feira o João não vai a escola? porquê?
40

41 JM: porque <* *> (...)
42

43 A: porquê? (...)
44

45 JM: olha.
46 ----
47

48 A: 2ª feira (...)
49 -----
50

51 JM: olha papá, olha papá.
52

53 P: diz João, mostra.
54

1 JM: já esc<r>evi. (*escrevi*)

2
3 A: já escreveste?

4
5 JM: já.

6
7 P: o que é que escreveste?
8 -----

9
10 A: olha (...)
11 ----

12
13 JM: <e/é> esta tampa? ((*pega na tampa de uma*
14 *caneta.*))

15 P: o que é que fizeste, João? há?

16
17 JM: <e/é> esta? ((*tenta encaixar as tampas nas*
18 *canetas.*))

19
20 A: e esta?

21
22 JM: <e>sta num vai.

23
24 A: não é daí, pois não? é desta. (...)
25 olha, 2ã feira o João não vai a escola porquê?

26
27 (...)

28
29 JM: achim. (*assim*) ((*junta todas as canetas*
30 *numa mão.*))

31
32 A: hum? (...)
33 agora vamos pintar (...)

34
35 P: vais escrever tudo ao mesmo tempo?

36
37 JM: não, num é aqui. ((*A. tinha posto um boneco em*
38 *cima da folha de papel.*))

39
40 A: agora vou fazer um camelo, queres ver? empresta
41 cá.
42 vou desenhar um camelo.
43 íiina o camelo está cheio de cola no focinho.
44 fazer um camelo (...)

45
46 JM: vou faze<r> um came<l>o.
47 um came<l>o! ((*é apenas uma imitação verbal do*
48 *enunciado de A. pois continua a agrupar canetas*
49 *em montinhos.*))

50
51 A: olha aqui o camelo, olha.
52 com os olhinhos aqui.
53
54

1 JM: a mãe (...) a mãe.
2 vou faze<r> um came<l>o!

3
4 A: e agora vamos fazer uma (...)
5 as outras folhas João? (...)
6 -----
7 sabes o que é que vamos fazer? tão aqui.

8
9 P: o pai assim não vê nada, João (...)
10 o que é isso?

11
12 JM: um, um came<l>o.

13
14 A: vamos fazer a mão do João, põe lá.
15 -----
16 vou fazer a mão do Quintas Mendes, queres ver?

17
18 JM: não (...)
19 ---
20 qué ver uma fomiga? qué ver?

21
22 A: isso é uma formiga?

23
24 JM: não.
25 quer ver, i<s>to? quéu vere ã? (*queres ver este?*)

26
27 A: quero ver, quero.

28
29 JM: qué ver o <*>? hóóó. ói <* * *>

30
31 A: o quê? (...)
32 aqui é o pescoço.

33
34 JM: olha aqui, quer vere? quere vere?

35
36 A: quero.

37
38 JM: olha! quer vere?

39
40 A: quero. (*JM começa a fazer garatujas enormes*
41 *ocupando todo o espaço da folha.*)

42
43 P: o que é isso João?

44
45 JM: <*>

46
47 A: agora faz o burro.

48
49 JM: <mãe> qué ver? qué ver o João colar?
50 olha, a cola?

51
52 A: a cola tá aqui, péra.

53

54

1 JM: táqui a cola.

2
3 A: aonde? ah! tá aí pois (...) tens aqui mais.
4 já não sei onde é que está a cola.

5
6 F: oh João! (...) olha, conta lá o que é que tens
7 feito na escola.
8 o que é que fizeste na escola hoje?
9 conta lá.

10
11 JM: olhó ca<v>alo.

12
13 F: o cavalo? tá todo colado.

14
15 JM: tá.

16
17 A: não sei onde está a cola.

18
19 JM: e a caneta pa co<l>are, qué vere?

20
21 A: vais colar a caneta? olha aqui, este.
22 toma o verdinho. ((*passa-lhe uma caneta*
23 *de feltro verde.*))

24
25 JM: tē o vê<r>di (...) *(costas das*
26 e agó<r>a nas gost<as> *folhas.)*
27 achim não (...)

28
29
30 A: assim sujas as mãos (...) *(costas das*
31 é só para escrever no papel. *folhas.)*

32
33 F: no papel!(...) ((*JM escreve no chão.*))
34 olha, fazes desenhos na escola? fazes desenhos
35 (...)

36
37 JM: ooooh! ((*A. traz-lhe um pacote cheio de canetas*
38 *de feltro.*))

39
40 F: João, fazes des (...) *(costas das*
41 *folhas.)*

42
43 JM: obigado.

44
45 (...)

46
47 JM: vou fazer um (...) continente. ((?))

48
49 F: o que é que estás a fazer?
50 -----

51
52 (...)

53
54 A: um continente?

1 JM: não!

2
3 A: então não pões a tampa?

4
5 JM: a tampa táqui.

6
7 A: não é assim, é ao contrario, pois.

8
9 JM: ó-i-ó-ai.

10
11 A: olha, esta coitadinha aqui também não tem tampa,
12 olha aqui, coitadinha (...)
13 está aonde a tampa?

14
15 P: ó João, ói-ó-ai o quê?

16
17 JM: tá qui.

18
19 P: ó-i-ó-ai.

20
21 JM: olha aqui. ((mostra a A. uma mão
22 toda suja de tinta.))

23
24 A: o quê? mostra lá, tcheeee!

25
26 P: "oliveirinha" (...) ((canta))

27
28 JM: <*>
29 óia! óia o qué i<s>to?

30
31 A: o quê? (...) ai aqui não, então aqui sujas-te.
32 ((JM bate com o bico da caneta na testa.))
33 vamos lá pôr a tampa nesta.

34
35 JM: e e<s>ta esc<r>eve (escreve)

36
37 A: escreve.

38
39 JM: pois é.

40
41 P: aai (...) obrigado.

42
43 JM: faz baru<lh>o. ((a caneta a arranhar o papel.))

44
45 A: faz barulho?

46
47 JM: faz baru<lh>o!

48
49 A: faz barulho?

50
51 JM: fazer outas?
52 olha, um <cachimbo/peixinho>.

53
54

1 A: um quê?

2
3 JM: <um cachimbo>.

4
5 A: um cachimbo?

6
7 JM: sem tampa.
8 o chim tampa (*sem tampa?*)

9
10 A: o que é que é, João, sabes? o que ele tá (...)
11 *((dirige-se a P.))*

12
13 P: não faço ideia, o que é que estás a fazer João?

14
15 JM: <no chim pam>.
16 coitadinha da esta, já não tem tampa, coit (...)
17 obigado!
18 *((põe a caneta dentro da caixa.))*
19 a tampa, a tampa; esta, (...) e esta? não! (...)
20 é esta.

21
22 P: o quê? olha, canta lá aquela da oliveirinha da
23 serra.
24 canta lá, João (...) João Miguel!

25
26 JM: não.
27 ai já não tem tampa.

28
29 P: e a do João Brandão?

30
31 JM: "João Brandão co a puinha no chão".
32 *((a cantar))*
33 ó (...) olha aquele menino. *((na T.V.))*

34
35 A: é um menino.

36
37 (...)

38
39 JM: vais (...) aai! caiu *((a caneta.))*
40 <* * *>
41 esta é esta (...)
42 ai! ai, a-a. *((para de desenhar e levanta-se.))*
43 amos <l>avar as mãos. *((pega em A. e puxa-o.))*
44

45 A: o quê?

46
47 JM: amos <l>avar as mãos.
48 anda a<l>i.

49
50 A: o quê? vamos aonde?

51
52 P: lavar as mãos?
53
54

1 JM: a<l>i. ((*puxa A. para a porta da sala.*))
2 < * * * >
3

4 A: queres comer, João?
5

6 ///
7

8 ((*JM está a lavar as mãos no bidé que está cheio*
9 *de água; tem um sabonete nas mãos e a água*
10 *continua a correr da torneira.*))
11

12 JM: < * * >
13 ai, caiu (...) o sabonete.
14 ai (...)
15

16 A: ai, o que é que fizeste à camisola? (...) hum?
17 ai, ai, olha a camisola, fica toda molhada!
18

19 JM: ai < * >. ((*escorrega-lhe outra vez o sabonete das*
20 *mãos.*))
21

22 A: hum?
23

24 JM: ai. ((*caiu outra vez.*))
25

26 P: o que é isso, João?
27

28 JM: ah (...) ((*cai o sabonete para o chão.*))
29

30 A: ah, ah, ah, ah (...)
31

32 P: não, já chega, já chega. ((*JM ia pegar noutro*
33 *sabonete.*))
34

35 A: pronto João, vamos limpar vá, vamos limpar anda
36 cá, anda cá.
37 dá cá, as duas mãozinhas.
38 e temos que limpar a camisola também.
39

40 L: tou começando a desconfiar. ((*ouve-se a voz do*
41 *outro lado da porta.*))
42

43 JM: ó Luchia.
44

45 A: ah, ah, a Luchia, a Luchia, mas, ouve lá, tens
46 aqui a camisola toda molhada, olha
47 aqui, temos que limpar isto.
48 tudo molhado!
49

50
51 JM: olha quem tá a<l>i. ((*aponta para uma escova de*
52 *casa de banho.*))
53
54

1 A: hä? (...)
2 schsss, isso não é (...) isso é porcaria, pfff,
3 porcaria.
4 agora temos que apanhar isto.
5

6 ///

7
8 Z: ííí, ainda tiveste com paciência para tar a
9 colar isto?
10 ((refere-se a um boneco.))
11

12 JM: ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai. (a cantar)
13 olha o ucho. ((olha o urso.))
14

15 Z: a Lúcia está na cozinha. ((Z. percebe "Lucha"
16 - Lúcia- em vez de urso.))
17

18 JM: olh'ó ucho (...)
19 olh'áqui. ((mostra um urso e um coelho
20 de peluche ao pai.))
21 ó Migue<1>. ((referindo-se a P.))
22

23 ///

24
25 JM: tou meter a mão (...) a mão.
26 quer ver a mão? ((põe "a mão" de um peluche
27 contra a lente da câmara de filmar.))
28

29 Z: quer ver a mão? ele sabe que dali se vê.
30

31 JM: olh'á mão (...) quer vere?
32 quer ver a boca?
33

34 Z: não lhe arranques as (...) não lhe arranques a
35 boca.
36

36 JM: vúa, uá, uá!
37

38 Z: este tá aqui a dormir (...) tá a dormir.
39

40 JM: é meu isto! é meu o coelhinho.
41

42 Z: é teu? esse coelhinho é teu ou é do Quintas
43 Mendes?
44

45 A: olha, olha ali um coelhinho, olha, olha .
46 ((na T.V.))
47

48 Z: olha o Teixeira, olha o Teixeira. ((vê-se um sapo
49 na televisão; JM chama "Teixeira" aos sapos.))
50

51 ((seguem-se comentários a anúncios publicitários
52 da TV onde surge vários animais a fumar.))
53

54 JM: olh'ó cava<1>o.

1 Z: o cavalo.

2
3 A: o que é que ele tá a fazer?
4 -----

5 Z: olha o pato!
6 -----

7
8 A: o que é que eles estão a fazer?

9
10 JM: olh'ó perú garú (...) olha!

11
12 P: <* * > a fumar. <* * * >
13 -----

14
15 JM: olha, ólh'ó gato.
16 olhó o <coelhinho> vai modere. (*morder*)
17 (*«chega o peluche que tem na mão junto da TV.»*)

18
19 Z: anda cá que eu também quero ver.

20
21 JM: vai modere. (*vai morder*)

22
23 Z: tira-te daí palerma.
24 -----

25
26 JM: <* * > ai o po<r>co vai modere.
27 ---

28 Z: ai o porco com os olhos tortos.

29
30 P: é pá deixem (...) não se consegue ouvir.

31
32 JM: olha o macaco, vai modere.
33 caiu! (*«não se percebe o que é que caiu.»*)

34
35 Z: vamos lá ver outra vez do principio; daqui é
36 muito mais giro que assim eu
37 também vejo.

38
39 JM: ei um macaco.

40
41 Z: vamos vê-los todos a fumar (...)
42 queres ver, queres ver, queres ver? olha.
43 queres ver, vai começar agora, queres ver?
44 atenção!

45
46 JM: macaco vai morrer.

47
48 A: o macaco quê?
49 -----

50
51 Z: porquê?
52 -----

53
54 JM: pó pé do codilo. (*para o pé do crocodilo.*)

1 P: o crocodilo.
2
3 Z: olha, olha. *(começou)*
4
5 JM: olh'ó Teixeira.
6 olh'ó vau. *(cavalo)*
7
8 Z: o que é que eles estão a fazer?
9
10 (...)
11
12 Z: o que é que eles estão a fazer? o que é que eles
13 têm na boca?
14
15 JM: olha (...) vai mordere, vai mordere.
16 olha, olha o macaco, vai morrer (...) olh'ó
17 macaco vai <*>.
18
19 ///
20
21 *((JM e alguns adultos estão à volta de uma*
22 *pequena mesa com bolos.))*
23
24 JM: ói.
25
26 P: qual é que é o teu? qual é o teu, João?
27
28 Z: só podes tocar num.
29
30 JM: é este.
31
32 M: não.
33
34 P: então tira o teu.
35
36 JM: é este.
37
38 Z: náááá-ah-ah-o.
39
40 JM: este.
41
42 Z: não.
43
44 P: <*>
45
46 Z: o teu só é aquele, só podes mexer nesse!
47 não podes mexer em mais nada, tá proibido!
48
49 P: gostas de bolo, João?
50
51 JM: gosto! e este? tão monito!
52
53
54

1 Z: tão bonito, é.
2 eh! só esse!
3
4 P: dá lá uma dentada.
5
6 Z: uma dentada grande pá.
7
8 JM: <esta não>. ((aponta para um dos bolos na mesa.))
9
10 Z: aquele não, aquele ninguém mexe que é o teu!
11
12 P: olha (...)
13
14 L: olha a minha tartaruginha!
15
16 Z: a tua tartaruginha é melhor tirar (...) sair
17 daqui.
18
19 JM: eu quer este (...)
20
21 Z: não, desse já comeste.
22
23 JM: eu qué deste.
24
25 M: há bocado comeste deste com sumo de laranja,
26 lembras-te? (...)
27 já comeste, já provaste.
28
29 JM: eu quér este (...) quer isto.
30 -----
31
32 Z: não, acaba de comer aquele primeiro.
33 -----
34 come este primeiro, depois a seguir já podes
35 comer esse outra vez.
36 e-e-e!
37
38 P: João, então?
39 tira o teu.
40
41 JM: essa (...) bó<l>inha. ((aponta para um pequeno
42 enfeite do bolo.))
43
44 Z: queres, queres a bolinha só?
45
46 JM: só.
47
48 Z: então toma a bolinha.
49
50 P: isso é bolo de quê?
51
52 Z: toma.
53
54 P: isso é bolo de quê, João?

1 (...)

2
3 Z: tás a ver as mãos cheias de cola?

4
5 JM: não tem mais bo<l>inhas! ((aponta para o bolo.))

6
7 Z: não tem mais.
8 agora só há uma cerejinha, queres a cerejinha que
9 é esta?

10
11 JM: é-é.

12
13 Z: queres?

14
15 JM: quero.

16
17 Z: toma. (...) ((põe-lhe a cereja na boca.))
18 é uma cereja.

19
20 P: bom?

21
22 (...)

23
24 JM: qué essa bolinha? ((aponta para a televisão mas
25 não se percebe a que é que se refere.))

26
27 Z: há?

28
29 JM: qué esta bó<l>inha.

30
31 A: o que é o quê?

32
33 JM: é uma bó<l>inha (...) ((dirigindo-se a A. que está a filmar e
34 põe aqui. apontando para a mesa.))
35

36 P: olha, João (...)
37 -----

38
39 A: ponho o quê?
40 -----

41
42 JM: a torrífica. ((chama "máquina fotográfica" à
43 máquina de filmar.))

44 A: a quê?

45
46 JM: a torrífica.

47
48 Z: torrífica? (...)

49
50 P: olha João, o que é que o Quintas Mendes está a
51 fazer?

52
53 JM: <* *>
54

1 ///

2
3 L: olha, já cuspiu a cereja.

4
5 Z: aaah! badalhoco.

6
7 P: oh João (...)

8
9 **JM:** quer um (...) eu quero um bolo. (*«volta à mesa*
10 *onde estão os bolos.»*)

11 L: então tá aqui o teu bolo.
12 -----

13
14 Z: queres bolo? toma.
15 -----

16
17 **JM:** não, qué deste.

18
19 Z: ah, esse tás a cuspir (...)

20
21 P: é de quê? esse bolo é de quê, João? (...)
22 de que é que é esse bolo, João? (...)
23 é feito de quê, esse bolo? (...)
24 é feito de quê?
25 de choco (...) late.

26
27 Z: tira, tira, tira as mãos. (*«JM estava a enfiar os*
28 *dedos no bolo.»*)
29 -----

30 L: por acaso até não é.
31 -----

32
33 Z: olha lá o que tu fizeste ao bolo.

34
35 L: aaah! quem deu uma unhada no meu bolo? posso-lhe
36 dar um bocadinho daqui?
37 (*«dirigindo-se a Z.»*)

38
39 **JM:** põe. (*«leva a boca directamente*
40 *ao prato do bolo.»*)

41
42 L: não, não põe a boca, João.
43 não põe a boca, assim!; a Lúcia dá este
44 bocadinho, tá bem?

45
46 P: pois, come tudo, papa tudo.
47 não é preciso meter tudo na boca!

48
49 L: vamos lá aqui arranjar os (...) ai, ai, ai tudo
50 ao mesmo tempo (...) na boca.

51
52 Z: podes falar agora João Miguel, com a boca cheia.
53
54

1 P: olha, João, eu gostava era que tu cantasses uma
2 cantiguinha.
3

4 JM: qué este (...) qué este? ((aponta para uma
5 fotografia num jornal.))
6

7 ///

8
9 L: não, na carpete não.

10
11 JM: auêêê.

12
13 Z: manda para cá o urso, dá cá o urso, tava aqui a
14 dormir.
15 <* * *> ((JM atira-lhe com um urso de peluche que
16 tem na mão.))
17 obrigado.

18
19 JM: qué's vere? qué's vere? qué's vere ele? ((dá corda
20 ao cão e põe-no a andar na mesa.))
21

22
23 L: não põe no bolo, não põe no bolo.
24 ai o cão tá cego (...) tadinho!
25 não tem olhos (...) os olhos do cão? os olhos do
26 cão, João Miguel?
27

28 JM: olha não passa por aqui. ((na mesa.))
29

30 Z: pois não <*> cuidado.
31 pois não, João Miguel, os olhos do cão?
32 vai lá pôr-lhe os olhinhos para ele ver, se não
33 não vê.
34

35 JM: qué's vere?
36

37 P: olha, João, de que cor é que é o cão?
38

39 JM: é azul. ((o cão é amarelo.))
40

41 P: é azul, pois é! ((irónico.))
42

43 L: é azul? e a camisola da, da Zé é amarela (...)
44

45 JM: os olhos? não sei pois não?
46 olh'ó burrinho, qué's vere, qué's vere?
47

48 L: isso é um burrinho?
49

50 JM: é o burro.
51

52 L: um burro?
53
54

1 Z: um burro és tu, tu é que és um burrinho.

2
3 L: isso é um burro?

4
5 JM: olha. ((*pega num boneco.*))

6
7 L: e isso o que é? é um cão?

8
9 JM: não! é uma vaca choca<lh>ei<r>a.

10
11 L: é uma vaca chocalheira!

12 -----
13
14 Z: é uma vaca chocalheira!

15 -----
16 <* * *> uma vaca chocalheira.

17
18 JM: quer ver? quer ver este? (...)
19 ga<l>inha. ((*com outro boneco na mão.*))

20
21 Z: pai.

22
23 (...)

24
25 JM: foi empurrare, e<s>te. ((*está a brincar com o*
26 *cão de corda.*))
27 punca, caiu (...) caiu, (...) caiu (...) e caiu

28
29 achim.

30 L: caiu?

31
32 JM: caiu a gauinha na na guinha, punca!

33
34 ///

35
36 A: tá quê?

37
38 JM: tá estagado. ((*com um bocado de boneco na mão.*))

39
40 A: mostra.

41
42 JM: vamos co<l>are, tá bem? ((*dirige-se ao sitio onde*
43 *costuma estar a cola.*))

44 vamos colare (...)

45 vamos colare.

46
47 A: onde é que tá a cola?

48
49 JM: vai colare.

50
51 A: pergunta à Lúcia onde é que está a cola.

52
53 JM: tá a<l>i.

54

1 A: tá ali?

2
3 JM: tá.

SESSAO IX

DATA: 1 de Dezembro de 1990

IDADE: 2 Anos, 4 Meses, 23 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

A - António Quintas Mendes

P - Pai (João Miguel)

L - Lúcia

1 ((JM e A. estão sentados no chão com uma série de
2 canetas de feltro e folhas para desenhar.))

3
4 A: pois não? (...)

5
6 JM: (...) e este? ((está a tentar encaixar canetas de feltro
7 num suporte de plástico.))

8 A: também podes pôr.

9
10 P: João Miguel, João, olha para o pai, João!
11 olha para o pai.
12 João Miguel (...) olha.

13
14 JM: e esta?
15 podo pôr (...) achim. (posso pôr assim.)
16 <* * *>

17
18 A: o quê?

19
20 JM: e esta?

21
22 A: essa não entra? já entrou.

23
24 JM: olha (...)

25
26 A: ai os teus dedos.

27
28 JM: <* *>

29 -----
30
31 A: e ainda cabe mais uma, queres ver?
32 -----

33 assim!

34
35 JM: e a outra?

36
37 A: e outra, aqui, queres ver? pois, aí, aí(...)
38 ainda cabe outra aqui, queres ver? (...)
39 assim.

40
41 JM: <*>

42
43 A: ói, caiu.

44
45 JM: bota aqui, bota. (outra?)

46
47 A: bota?

48
49 JM: olha outra caiu.

50
51 A: ele diz bota?

52
53 JM: outa.
54

1 A: João! ((dirigindo-se a P.))

2
3 F: outa.

4
5 JM: outa.

6
7 A: ah, outra!

8
9 (...)

10
11 JM: e outa?

12
13 A: outra?
14 onde é que está a outra, aqui?

15
16 JM: tá quiii!

17
18 A: hum.
19 caiu, olha.
20 caíram todas.

21
22 JM: olha, caiu <* *>.
23 óoi, óoi. ((tenta tirar a tampa de uma caneta.))

24
25 A: que vais fazer?

26
27 JM: um caracol. ((começa a garatujar numa folha de papel.))

28
29 A: um caracol?

30
31 JM: uma <1>ua. (lua)

32
33 A: uma lula?

34
35 (...)

36
37 JM: olha a suchar o dedo. (a sujar o dedo).

38
39 A: o quê?

40
41 JM: <* * *>

42
43 A: o quê João?
44 percebeste o que ele disse? ((dirigindo-se a P.))

45
46 JM: e outa! ((pega noutra caneta.))

47
48 P: sujar o dedo.

49
50 (...)

51
52 A: olha João, foste ontem ao circo?

53
54

1 JM: foi (...)
2 ver palhaço<s>.
3 -----
4
5 A: foste?
6 -----
7 o quê?
8
9 JM: ver o<s> palhaço<s>!
10
11 A: ver os palhaços?
12
13 JM: ié.
14
15 A: e o que é que havia lá mais?
16
17 JM: <o/um> <l>eão!
18
19 A: um leão? (...)
20 conta lá o que tu viste? as coisas que tu viste (...)
21 foi só o leão e os palhaços? (...)
22 oh pai, ajuda lá, o que é que a gente viu mais no circo?
23
24 P: ah (...) também viu, também viu o rinoceronte, não foi?
25
26 A: foi? o rinoceronte? (...)
27
28 JM: <* *>
29 e o e<l>efante?
30
31 P: e uns meninos aos saltos, não foi? (...)
32 e pendurados por cordas.
33
34 JM: havia muchica, havia ma uma muchica, havia uma muchica.
35 -----
36 (*havia música, havia uma música.*)
37
38 A: o quê?
39 -----
40
41 P: uma quê (...) música!
42
43 A: música!
44
45 JM: ói! (*tente tirar a tampa de uma caneta.*)
46
47 A: e mais?
48
49 JM: óooii não se <consegue>. (*não consegue tirar a tampa da*
50 *caneta.*)
51
52 A: olha, estavam lá muitas pessoas? (...)
53 tavam?
54

1 JM: é pa pôr a<l>i, é? ((*pega numa caixinha/jogo que tem um*
2 *buraco e uma bola. manipula-se a caixinha*
3 *até que a bola encaixe no buraco.*))

4 A: é pa quê?

5
6 P: é pa pôr ali o quê?
7 -----
8

9 JM: <*> bola pa <*>

10
11 P: o que é que se põe ali?

12
13 JM: põe a<l>i (...)
14 não enta. ((*a bola não entra no buraquinho da caixa.*))

15
16 P: isso é o quê, João?

17
18 JM: olha aqui.

19
20 A: hoje, hoje não percebo nada do que ele diz.
21 tá a falar muito sumido.
22 vamos ver aqui isto, o que é isto?
23 o que é? ((*vai desfolhando uma revista.*))

24
25 JM: é o menino.

26
27 A: um menino? e aqui?

28
29 JM: é um barco.

30
31 A: é um quê?

32
33 JM: um barco.

34
35 A: um barco?

36
37 JM: nããã.

38
39 A: ah (...) é o quê?

40
41 JM: é o menino.

42
43 A: estão a fazer o quê eles?
44 estão a conversar, não é? (...)
45 vamos lá ver mais (...)
46 tão com frio, olha.

47
48 JM: olh'áqui.

49
50 A: o que é isto?

51
52 JM: é uma m (...)

53
54 A: são bonecas, não são?

1 JM: e esta?
2
3 A: qual?
4 uma boneca grande e uma boneca pequenina.
5
6 JM: e esta? e esta?
7
8 A: são bonecas também.
9
10 JM: e esta?
11
12 A: também são bonecas.
13 e aqui?
14
15 JM: és (...)
16
17 A: é uma senhora.
18
19 JM: <* *>
20
21 A: tá cheio de sono, não está?
22
23 P: parece que sim.
24 tás com sono, João? (...) tens soninho? (...)
25 tens soninho, João?
26
27 JM: já cabei. ((*volta a encaixar as canetas no suporte.*))
28
29 A: olha aqui (...)
30 olha aqui os ursinhos. ((*na revista.*))
31
32 JM: olh'ali. olh'ali. ((*aponta para a revista.*))
33
34 A: aonde?
35
36 P: oh João, João Miguel, queres ir fazer um soninho?
37 João, o pai está a falar contigo João Miguel, olha o
38 pai.
39
40 JM: tenho soninho.
41
42 P: tens? queres ir fazer um ó-ósinho?
43
44 JM: no carro do pai.
45
46 P: no carro do pai?
47
48 JM: óia caiu esta. ((*uma caneta*))
49
50
51 P: olha, e ali no quarto do Quintas, (...) ou (...) seja lá
52 onde for.
53
54

1 A: podes dormir ali no (...) na cama do Quintas Mendes, um
2 bocadinho, queres?
3

4 JM: nãããã.

5
6 A: não?

7
8 P: só um bocadinho, o pai vai lá contigo.
9

10 JM: ói, não é chim (*não é assim*), esta não. (*continua a*
11 *tentar encaixar as canetas.*)
12

13 P: olha, e se o pai for contigo, vais?
14 fazer um soninho?
15

16 JM: põe esta .
17 (...)
18 duas caneta<s>.
19

20 P: o que é?
21

22 JM: oh, não é achim, (...) <*>
23 e esta?
24

25 A: olha tantas! (...) tantas! vai lá mostrar à Lúcia (...)
26 o que tu fizeste.
27 (*conseguiu encaixar todas as canetas no suporte.*)
28

29 JM: e esta?
30

31 A: essa já não cabe, mostra lá à Lúcia (...)
32 Lúcia, queres ver o que o João fez?
33

34 L: o quê?
35 -----
36

37 A: anda cá ver.
38 (...)
39 olha ali.
40

41 L: aaah, pôs as canetas todas no automóvel.
42 (...) quem ensinou o João? quem? (...)
43

44 JM: foi o João Miguel.
45

46 L: foi o João Miguel que fez isso?
47

48 JM: óóóó! (*tenta encaixar à força mais uma caneta.*)
49

50 L: não entra?
51

52 JM: não.
53

54 L: ooch (...) tá cheio.

1 JM: ói, ói (...) ((deixa cair o suporte com as canetas.))

2
3 L: ooh.

4
5 P: hum, o que é que foi, João?

6
7 JM: olh'ó ti-nó-ni, queres ver? ti-nó-ni!
8 queres ver o ti-nó-ni?
9 ti-nó-ni, ti-nó-ni, ti-nó-ni. ((tem na mão um carro de
10 plástico com rodas não móveis.))

11
12 L: é o ti-nó-ni?

13
14 JM: não anda, poi não?

15
16 L: onde é que vai o ti-nó-ni?

17
18 JM: <v>ai ao ratinho; pum! ((coloca o carro em cima da
19 caixa/jogo que tem um ratinho desenhado.))

20
21 P: pa onde é que vai o ti-nó-ni João?

22
23 (...)

24
25 JM: pum (...) ((faz cair o carro.))

26
27 (...)

28
29 L: <*> fazer um desenho (...) posso fazer um desenho?
30 fazer um desenho, o que é que queres que eu desenhe,
31 João?
32 há? o que é que queres que eu desenhe?

33
34
35 JM: ói! ((abre uma caneta.))

36
37 L: diz lá, que desenho é que eu faço?

38
39 (...)

40
41 JM: <* *> ((põe-se a desenhar na mesma folha de L.))

42
43 L: o que é isto que eu estou a fazer? há?
44 (...)
45 é uma (...) ((L. desenha uma casa.))

46
47 JM: <vou> fa<z>ê um <*>

48
49 L: vamos fazer o fumo aqui na chaminé, faz o fumo aqui,
50 faz, a sair da chaminé.
51 iiisso! muito giro!
52 e o fumo vai para onde? vai para o (...)

53
54

1 JM: pó candeeiro.

2
3 L: para onde?

4
5 JM: pó candeeiro.

6
7 F: candeeiro?

8
9 L: pó candeeiro?

10
11 JM: nãää (...)

12
13 L: e agora vou fazer aqui o (...) ((está a desenhar o
14 sol.))

15 JM: uma felô (<flor>), uma á (...)

16
17 L: o sol.

18
19 JM: o sole.

20
21 L: e agora? vê lá o que é isto que eu vou fazer.

22
23 JM: uma árve!

24
25 L: uma árvore, sim senhora (...)
26 vou fazer uma árvore (...)
27 e o João, tá a fazer o quê?

28
29 JM: uma casa.

30
31 L: uma casa? a casa do João?

32
33 JM: nãääo.

34
35 L: a casa de quem?

36
37 JM: uma sinh (...) uma sinh, uma senhora.

38
39 L: há? uma (...) a casa de uma senhora?

40
41 JM: não, <no/do> João.

42
43 L: a casa do João!
44 e o pato, eu vou fazer um pato.

45
46 (...)

47
48 JM: achim. (<assim>) ((faz um risco no desenho de L.))

49
50 L: ah-ah-ah (...)

51
52 JM: não!

53
54

1 L: isto é um pato? que pato tão mal feito, não é? (...) hum?
2
3

4 A: grande pum João!

5
6 L: é pá! ah, ah, ah (...)

7
8 P: ó João, essa ficou gravada.

9
10 A: ah - ah.

11
12 **JM:** barulho!

13
14 A: ah-ah-ah.
15 -----

16
17 L: ah-ah.
18 -----

19
20 P: barulho? isso não é bem barulho!

21
22 L: quem foi que deu um pum?

23
24 A: ah! ah! ah!

25
26 L: quem foi que deu um pum?

27
28 P: isso é um barulho muito específico e facilmente
29 identificável, óo!

30
31 L: quem é que deu um pum?

32
33 **JM:** foi o João.

34
35 L: foi o João?

36
37 P: o João (...)

38
39 L: foi? que grande pum.

40
41 P: e mal cheiroso, João; muito mal cheiroso!
42 -----

43
44 **JM:** e este? (...) e este? ((refere-se ao desenho que está a
45 ----- fzer com L.))
46

47 L: agora vou fazer uma flor.

48
49 P: oh João Miguel, e se a gente fosse ali até à casa-de-
50 -banho? queres ir à casa de banho?

51
52 **JM:** nãoo.
53
54

1 P: anda láá (...)
2 o que é que se faz na casa-de-banho, João?

3
4 (...)

5
6 L: ai que lindo. ((o desenho))
7 agora um barquinho.
8 ai que já risquei o João (...)
9 um barquinho que anda no (...) maar! não é?
10 agora o sol(...)
11 agora vou escrever aqui o nome do João, olha: Jo-ão,
12 João.

13
14 JM: fa<z> uma lagarta.

15
16 L: faço o quê?

17
18 JM: <u>ma lagarta.

19
20 L: uma lagarta (...) uma lagarta.

21
22 P: uma lagarta?

23
24 L: uma lagarta? uma lagarta, João?
25 é? uma lagarta com muitas patinhas? é?
26 a Lúcia vai fazer (...)
27 pera, agora não faz o João, faz só a Lúcia (...)
28 olha a lagarta aqui, com muitas patinhas, tem um
29 olhinho, olha; olha ela, olha a
30 lagarta aqui, tás a ver?
31 que grande lagarta, onde é que anda a lagarta?

32
33 JM: no mar.

34
35 L: no mar? a lagarta?

36
37 JM: lh'aqui. (olha aqui)

38
39 L: e o que é que a lagarta come?

40
41 JM: qué isto?

42
43 L: Tô Mané traz aí um bocadinho de papel higiénico pa (...)

44
45 JM: fa<z> um pato.

46
47 L: um pato?

48
49 JM: fa<z> uma gaivota.

50
51 P: ho João, tás todo ranhoso.

52
53 L: uma gaivota? faço o quê, João? o que é que eu faço?

54

1 P: o que é que tens no nariz João?

2
3 JM: uma gaivota.

4
5 L: uma gaivota? então vou fazer uma gaivota.
6 dá cá.
7 força (...) força, faz força, não faz força nenhuma? há?
8 ((L. está a assoar JM.))
9 deixa-me limpar outra vez, João.

10
11 JM: não.

12
13 P: deixa limpar, João, vá lá.

14
15 L: só mais um bocadinho, tá bem? (...) não custa muito, tá
16 bem?

17 JM: num (...)

18
19 L: ai, os putos não gostam nada.

20
21 JM: o baco, uma gaibota (gaivota)
22 (...)
23 uma gaibóo (...) pee (...)
24 um rabito! ((vai garatujando em cima dos desenhos que já
25 estão feitos.))

26
27 A: um quê?

28
29 JM: beaaaae.
30 aqui (...)
31 um rabo, hum. (...)

32 -----
33
34 P: um rabito.
35 -----

36
37 JM: <*>

38
39 P: quem é que estava ontem lá no circo contigo, João? (...)
40 quem era?

41
42 JM: muitos palhaços.

43
44 A: quem?

45
46 P: palhaços?

47
48 JM: aaaaaah (...) escrevi (...) esc<r>eveu (...) esc<r>evi,
49 esc<r>evi um gato.
50 ((aponta para a folha de papel.))

51
52 A: escreveste um gato?
53 -----
54

1 P: escrever um gato, escreveste um gato.
2 -----
3

4 JM: não, esc<r>ever (...) <escre>ver um gato (...)
5 não.
6

7 A: foste com um gato ao circo? foi João?
8

9 JM: não.
10

11 A: não? foste com quem?
12

13 JM: a mota.
14

15 P: com a mota? não.
16 quem é que foi contigo ao circo?
17

18 JM: a Inguide.
19

20 P: a Ingride, mais? (...) mais? (...)
21 quem é que foi mais, João?
22

23 JM: olha uma gaivota.
24

25 A: uma gaivota? mostra.
26

27 JM: lh'aqui. *(olha aqui)*
28

29 P: que é que a gaivota faz, João?
30 João, o que é que a gaivota faz?
31

32 JM: ma, foi uma gaivot (...)
33 ói, ói, ói, não consigo ab<r>ir. *((está a tentar abrir*
34 *uma caneta.))*
35

36 A: não?
37

38 JM: não.
39

40 A: tens que puxar!
41 puxa lá (...) dá cá que eu puxo (...)
42 segura, ói, vai, segura bem, (...) então?
43

44 P: força!
45

46 A: tá mesmo mortinho o João, tão cheinho de sono!
47 aaah, já abriu, olha aqui.
48

49 JM: <* * *>

SESSAO X

DATA: 10 de Dezembro de 1990

IDADE: 2 Anos, 5 Meses, 2 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

L - Lúcia

Z - Maria José (Zé)

P - Pai (João Miguel)

A - António Quintas Mendes

1 ((JM está na sala com alguns adultos. L. tenta
2 contar-lhe uma história, mas JM prefere entreter-se
3 com os brinquedos.))

4 L: traz cá o cão que é para ele também ver o livro, mais o
5 cavalo, vai buscar o cavalo para virem
6 ouvir todos a história, tá bem?
7 agora senta aqui, vamos sentar aqui os dois, sim? ou
8 queres ir para ali para o pé do quentinho?
9

10 JM: óia, ói, não é chim. (não é assim)

11 L: hum?

12 JM: não é chim.

13 L: não é assim?

14 JM: amos co<l>are. (vamos colar) ((tem na mão um boneco.))

15 L: não tem perna para colar.

16 JM: tá qui a co<l>a, qui. ((traz um tubo de cola
17 para junto de L.))

18 L: tá aí a cola?

19 tá bem, mas o que é que tu queres que eu cole?
20 já tá colado, esse!

21 (...)

22 JM: tá partido (...) tá partido.
23 <*>

24 L: então vamos colar, pronto.
25 vamos colar o chapéu do cavalo, queres?
26 (...)
27 sim?

28 JM: sim.

29 L: sim? vamos rasgar aqui um bocadinho de jornal.
30 põe aqui o cavalo, põe aqui (...) põe aqui!
31 tás a ouvir o que eu te digo? (...)
32 o que é que vamos fazer? o que é que eu disse que iamos
33 fazer? há?

34 JM: aah (...) co<l>ar.

35 L: vamos colar o quê?

36 JM: ói, não é achim Zé. ((não consegue abrir o tubo de
37 cola e estende-o a Z.))

38 Z: não, não mexa nessa cola (...) que isso é perigoso.

39 P: o que é que tu queres fazer, João?

1 JM: o meu cava<l>inho tá pa<r>tido.
2

3 L: olha, anda cá, anda cá ver uma coisa, vem para aqui para
4 ver.
5 olha aqui o que eu vou fazer.
6

7 P: o que é que tu vais fazer, João?
8

9 (...)

10 JM: oh, ooh (...) ói!
11

12 L: oi, ói!
13 olha, olha aqui, João, olha aqui, agora é que vai ser.
14 olha, ohh, olha o cavalo com um chapéu, ohh.
15 metemos um chapéu no cavalo!
16
17

18 JM: ehh! ((ri-se))
19

20 L: o que é que (...) o que é que o cavalo tem na cabeça?
21 hum?
22 este chapéu está muito mal feito, a Lúcia vai fazer
23 outro.
24 vamos fazer outro (...) vamos fazer outro.
25

26 JM: co<l>a.
27

28 L: e depois (...) João, depois, queres contar uma história
29 à Lúcia? (...)
30 sim? contas uma história à lúcia, depois? hum?
31 João (...) João (...) péra aí que já vamos pôr a cola.
32

33 JM: olha. ((chama a atenção para uma campainha
34 que tocou na cozinha.))
35

36 L: oh Zé apaga-me (...) apaga-me a panela de pressão, se
37 faz favor.
38

39 P: eu vou lá, eu vou lá.
40

41 Z: deixa tar.
42

43 L: olha, olha, olha, ah, este é mais giro, olha, olha este,
44 olha este.
45 agora vamos colar o chapéu no cavalo, queres? queres
46 colar?
47 tu vais pôr a cola, péra, péra, péra, tens que pôr a
48 cola aqui, põe aqui.
49 isso!
50 agora a Lúcia espalha com o dedo (...) assim.
51 e agora? agora põe lá a cabeça.
52
53
54

1 **JM:** o cava<l>o?
2 -----

3 é pa colare.
4 aqui.

5
6 **L:** põe, põe aqui um bocadinho, aqui no cavalo, que é para
7 colar o chapéu.
8 haa, pronto!

9
10 **Z:** olha o telefone.

11
12 **A:** Lúcia!

13
14 **L:** ah, já tem o chapéu!

15
16 **JM:** já tem o chapéu!

17
18 (...)

19
20 **P:** o que é que estás a fazer, João? ((*JM está a encher o*
21 *cavalo de cola.*))

22 **JM:** tá co<l>ar.

23
24 **P:** tás a colar o quê?
25 tens que ter cuidado é para não pôr cola em cima de ti,
26 sabes?
27 olha, a cola, tá a cair a cola, já caiu ali um bocadinho
28 de cola, pronto já chega!

29
30 **JM:** não, não, não! não, não, na-a (...)

31
32 **P:** já chega de cola, já chega!
33 oh João, tem calma, tem calma com a cola.
34 olha, tens cola ali, olha ali, ((*no jornal*)) vamos colar
35 aqui um (...) um chapelinho.

36
37 **JM:** ah, ah, deixa (...) deixa pegar, dá cá! ((*exige o tubo*
38 *de cola.*))

39
40 **P:** sim, mas não abra, tá bem?

41
42 **P:** isso é o quê, João?

43
44 **JM:** é uma co<l>a.

45
46 **P:** ai é?
47 serve para quê?
48 não, não põe mais cola!

49
50 **JM:** aaaa (...) ((*abre o tubo de cola.*))

51
52 **P:** oh João!

53
54 **JM:** aah-aaah-aaaaah.

1 P: não põe mais co (...) não põe! (...)
2 João Miguel (...) vai chorar. ((*tira-lhe das mãos o tubo*
3 *de cola.*))
4

5 JM: aaah-aaah-aaaah (...) ((*chora*))
6

7 Z: <*> a cola.
8

9 JM: aaaah (...)
10

11 P: então, chora.
12 isso nunca tinha ficado no filme, olha.
13 o Quintas está a filmar, olha, olha.
14 o que é que estás a fazer? (...) o que é que estás a
15 fazer?
16

17 JM: aaaah (...)
18

19 P: oh Lúcia(...) ((*JM levanta-se e vai ter com L. que está*
20 *ao telefone.*))
21

22 Z: oh Lúcia (...)
23

24 JM: aaaaah (...) eu qué colar! ((*a chorar.*))
25

26 P: eu quero colar.
27

28 JM: aaaa (...) o pai!
29 o pai tirou a cola ó João.
30

31 L: pronto João, vai lá, vai lá ao Quintas, vai, vai lá, vai
32 lá.
33 pronto, desculpa lá, então olha, queres falar (...) ((*para o telefone.*))
34

35 A: que foi?
36

37 JM: foi a ma-äää (...) ((*continua a chorar.*))
38

39 A: hä?
40

41 JM: o pai <*> aaaah <*> aaah ((*a chorar.*))
42

43 P: o que é que o pai fez?
44

45 A: aah (...)
46

47 JM: <*> aaaaah (...)
48

49 Z: anda cá, anda cá, bebé, anda cá!
50

51 JM: a-a-a-a-aaaah.
52
53
54

1 // (JM está ao colo de Z. a ver um livro infantil.)

2
3 Z: o que é que, o que é que aconteceu aí numa história
4 < * * > conta-me lá (...)
5 aqui aconteceu o quê?

6
7 JM: as ga<l>inhas (...) o pai porco, pai porco.

8
9 Z: este é o pai porco, e esta quem é?

10
11 JM: a mãe porca.

12
13 Z: a mãe porca.
14 e est (...) este dali vai fazer o quê? (...)
15 aquele ratinho tá a fazer o quê? (...) hum?

16
17 JM: vai subire isto pê (...) pe<l>a casa.
18 -----
19 ((aponta com o dedo para a
20 página do livro.))

21 Z: para o telhado?

22 -----
23 vai subir pa (...) pa casa?
24 pelo telhado?

25
26 JM: < * >

27
28 Z: mas isso depois é uma chatice, e se ele cai de lá?
29 o que é que lhe acontece (...) se ele cair? (...)
30 ali de cima do telhado (...) hum?
31 e este está a fazer o quê? (...) há? não sabes?
32 e o pai porco tá a fazer o quê? (...) há?

33
34 JM: comedinha às ga<l>inhas.

35
36 Z: e as galinhas estão a comer o quê? (...) aquilo é o quê?
37 (...) estas coisinhas que tão aqui?

38
39 JM: é co-é-éu! ((leva o livro à boca.))

40
41 Z: é quê? é milho!
42 as galinhas comem milho!
43 e agora vamos ver nesta, nesta história.
44 e aqui o que é que está a acontecer? (...) hum?
45 o que é que o pai porco está a fazer? (...) hum?

46
47 JM: ó, como foi? ((aponta para o livro.))

48
49 Z: há?

50
51 JM: a (...) foi < * >, (...)
52 olha qui este ratinho (...) bateu ao pai porco.
53 -----
54

1 Z: este rati (...)

2 -----
3 bateu no pai porco? porquê?
4

5 JM: não.

6
7 Z: então o que é que ele fez ao pai porco? tá a falar com
8 ele? (...)
9 ((JM muda de página.))

10 JM: olha, ói aqui o casvalinho.

11
12 Z: os cavalinhos, vão pá onde?
13

14 JM: olha aqui um cavalinho.

15
16 Z: e este está a fazer o quê em cima do cavalinho? o
17 porquinho? (...)
18

19 JM: o pai porco.

20
21 Z: o pai porco?
22

23 JM: a mãe (...) mãe porco.

24
25 Z: e a mãe porco.
26 e este aqui o que é que lhe aconteceu? (...)
27 este aqui o que é que lhe aconteceu? (...)hum?
28

29 JM: a co<l>a.

30
31 Z: e fi (...) e a cola e o quê? o que é, o que é que lhe
32 aconteceu?
33 -----
34

35 JM: no nariz.

36 -----
37
38 Z: ficou com a cola no nariz.
39 e aqui está a fazer o quê? (...)o que é isto, estas
40 coisas aqui?
41

42 JM: leite.

43
44 Z: é leite, e aquil (...) e aquelas bolas é o quê?
45 o que é isto (...) que o pai porco esteve a fazer? (...)
46 é um queijo!
47

48 JM: é um queijo!

49
50 Z: e aqui tão a fazer o quê?
51

52 JM: as vacas.
53
54

1 Z: sim, e o que é que o pai porco está a fazer às vacas?

2
3 JM: dá comidinha.

4
5 Z: tá a dar comidinha!
6 e este fez o quê? olha lá, o que é que aconteceu aqui?
7 (...) hum? (...)

8
9 JM: <teem> (...)

10
11 Z: o que é que ele fez, este que ia aqui a correr, o que é
12 que ele fez aqui? (...) hum? (...)

13
14 JM: bai entonare. *(vai entornar.)*

15
16 Z: vai a quê?

17
18 JM: vai etonar o leite.

19
20 Z: vai entornar o leite!
21 exactamente, porque ia a correr muito depressa (...)
22 e este?

23
24 JM: agó não etonou leite. *(agora não entornou leite.)*
25 *((noutra página.))*

26
27 Z: pois foi, este está a fazer aqui o quê no chão, este
28 ratinho, este (...) com um papel?

29
30 (...)

31
32 *((JM vira várias páginas do livro.))*

33
34 JM: lh'aqui <um/o> cavau. *(olha aqui o cavalo.)*

35
36 Z: e aqui, o que é que ele tá a dizer? (...)
37 vamos (...) Lúcia, onde é que está o outro livro?
38 agora vamos ver outro livro com outra história.
39 esta (...) olha, o que é isto? *((noutro livro.))*

40
41 JM: um gato.

42
43 Z: este é o pai gato, a mãe gato, e os filhos gatinhos, não
44 é? (...)
45 é a família gato.

46
47 P: o João tá todo ranhoso.
48 João, o que é que tens no nariz?

49
50 Z: tá cheio de ranho.

51
52 P: e tem tosse.

53
54 JM: um peixinho.

1 Z: um peixinho.
2
3 JM: e este?
4
5 Z: queres que eu diga os nomes?
6 olha, esta é a mãe gato, o pai, este é o (...) a gatinha
7 chama-se "docinho" (...)
8 este é o "caramelo" (...)
9 olha lá para a Lúcia. ((L. vem assoá-lo.))
10
11 L: um bocadinho de força, força.
12
13 Z: faz força para sair o ranho.
14 ina pá!
15
16 L: vai, só mais outro, só mais outro.
17
18 P: força.
19
20 L: força.
21 iiisso!
22
23 Z: pronto, já ficou melhor.
24 e agora? esta, sabes como é que se chama? (...)
25 "citronela"! e este é o "mel"!
26 tás a ver? são quatro filhotes: é a "docinho", o
27 "caramelo", o "mel" e a "citronela".
28
29 JM: e esta?
30
31 Z: esse é o rato (...) com corda (...) tem uma chave para
32 dar corda, como o Teixeira.
33 não queres ver mais deste? ((JM deixa Z. e os livros e
34 vai para o chão, para junto dos bonecos.))
35
36 JM: e este? (...)
37 este já tem co<l>a. ((pegando num boneco.))
38
39 Z: pois (...)
40 ----
41
42 JM: já está.
43 -----
44 Z: por isso já não puxa a cabeça, agora.
45
46 JM: ói, ói. ((o boneco não se aguenta em pé.))
47
48 Z: queres vir ver este livro?
49 agora tá a explicar o que é que aconteceu com os
50 gatinhos.
51 olha.
52 aqui é a casa onde eles vivem, tás a ver? olha eles aqui
53 à janela (...)
54 vivem aqui nesta casa (...) e este tá aqui e vai entrar.

1 ///

2
3 **JM:** dá marugos. ((referindo-se de novo às imagens
4 de um livro.))

5
6 **Z:** tá a quê?

7
8 **JM:** dá magulhos (...) dá magulhos.

9
10 **P:** tá a dar (...) tá a dar mergulhos.
11 -----

12
13 **Z:** ah, mergulhos!

14 pois, está a dar mergulhos dentro de um alguidar e a mãe
15 tá a fazer o quê? (...) está-lhe a pôr
16 a água na cabeça.

17
18 **JM:** óooi!

19
20 **Z:** olha, olha este, este aqui, o que é que ele tá a fazer?
21 (...)

22 olha aqui, o que é que ele está a fazer? (...)
23 tá a beber, a beber leite por uma palhinha (...)
24 e estes aqui? (...) aqui o pai gato está a explicar uma
25 lição, tá a dizer o que é que eles
26 podem comer!

27 tás a ver? tá a dizer a eles: vocês podem comer
28 ratinhos, peixes, pernas de frango e
29 passarinhos (...) não podem comer
30 caracóis nem tubos de cola, tás a ver?
31 o pai gato tá a dizer que eles não podem brincar com a
32 cola tás a ver, olha aqui, a dizer que
33 não pode brincar com a cola, porque se
34 não ficam todos cheios de cola e
35 depois ficam colados ao chão.

36
37 **JM:** olha aqui.

38
39 **Z:** e aqui estes estão a brincar.
40 esta está a brincar com a lâ, já está todo enleado,
41 estás a ver?
42 este aqui tá a fazer ratinhos, com a cortiça e os
43 fósforos e mais? esta está a
44 fazer o quê?

45
46 **JM:** e este?

47
48 **Z:** está a fazer ratinhos.
49 e aqui? o que é que ele tá a fazer?

50
51 (...)

52
53 **JM:** o pará? (perá)
54

1 Z: hum?

2
3 JM: o perú?
4 <* * *>

5
6 ///

7
8 JM: a co<l>a? ((JM está de novo no chão a brincar
9 com os bonecos.))

10
11 Z: mas queres a cola para quê?

12
13 JM: <*> tá estagado.

14
15 P: para que é que tu queres a cola, João?
16 -----

17
18 Z: mas tu não tens a perna para colar, João Miguel.
19 -----

20
21 JM: aiiia (...) <* *> co<l>a.

22
23 P: para que é que queres a cola, João? João (...)
24 -----

25 JM: <* * *> tem cola tem dói-dói.
26 -----

27
28 Z: tem dói-dói?

29
30 P: a cola é para quê, João? para que é a cola? (...) para
31 que é que serve a cola, João?
32

33 JM: aaa (...) é nova, é, é!
34 olh'aqui (...) olh'aqui, olh'aqui a dar pontapés.
35 olh'a vaca.
36

37 Z: a vaca dá pontapés, também?

38
39 JM: nã-não.

40
41 Z: porquê?

42
43 JM: não, não <*> dá pontapés.
44 ói <* * *>

45
46 Z: não puxa que já está colada, não faz força se não sai
47 outra vez.
48 ((refere-se à cabeça de um boneco.))
49

50 JM: ói! ((o boneco caiu-lhe das mãos.))

51
52 P: o que é que foi?

53
54 Z: não faz foorça!

1 P: João, João Miguel. ((JM atira com o boneco para o chão))
2

3 JM: oooi, vou cair (...)
4 olh'aqui.
5

6 P: João Miguel, João, foste andar de autocarro?
7 -----
8

9 Z: não puxa, não faz isso se não descola.
10 -----
11

12 JM: dei, dei. (andei, andei.)
13

14 P: sim? andaste?
15

16 JM: foi ao (...) foi ao paicheio ((passeio)) e <tem um/
17 /dei no> comboio.
18

19 P: foste ao passeio?
20

21 JM: é um peicheio <*> um comboio.
22 ai o parú caiu.
23

24 P: ai o Perú caiu? o que é que viste no passeio, o que é
25 que tu viste?
26 o que é que tu viste? tinhas um bilhete, João? (...)
27 tinhas um bilhete de autocarro?
28

29 JM: tanho. (tenho)
30

31 P: tens?
32

33 L: olha João, a Lúcia ia dizer-te uma coisa há bocadinho.
34 -----
35

36 JM: caiu! ((refere-se ainda a um boneco.))
37 -----
38

39 L: posso falar agora?
40

41 JM: pode.
42

43 L: posso? senta aqui ao meu lado (...)
44 posso falar agora? (...) senta, sentas aqui ao meu lado?
45

46 JM: ooh, caiu todo.
47 caiu todos.
48

49 P: sabes, Lúcia, que o João foi dar um passeio de
50 autocarro?
51 -----
52

53 JM: olh'ó cavalo <* * *>.
54 -----
55

1 L: foste dar um passeio de autocarro, João? foste? anda-me
2 -----
3 aqui contar.

4
5 JM: caiu, caiu! ((aponta.))

6
7 L: agora anda cá, vem aqui contar, senta aqui ao pé da
8 Lúcia.
9 diz lá, foste dar um passeio de autocarro?

10
11 JM: fui.

12
13 L: foi? e conta lá, como é que foi?

14
15 JM: ooo - oooo (...) ((a choramingar.))

16
17 L: como é que foi?

18
19 JM: oooo (...)

20
21 L: o que é? o que é, João? diz lá.

22
23 JM: oooo <*>

24
25 L: o quê?

26
27 JM: o coelho? ((levanta-se para o procurar.))

28
29 ///

30
31 L: conta-me uma história com esses bonecos que tens na mão.

32
33 JM: a vaca um chori (...)

34
35 L: a vaca o quê?

36
37 JM: um choricho.

38
39 L: um chouriço? (...)

40
41 JM: <*> a vaca um chouriço.

42
43 L: aaaau (...) ((está a brincar com a boneca
44 na cara da Lúcia))
45 conta-me uma história com esses bonequinhos, não contas?

46
47 JM: não! eu num conto.

48
49 L: fico triste, eu vou ficar triste.
50 onde é que esse coelhinho vai?

51
52 ///

53
54

1 ((JM está na cozinha com L.))

2
3
4 L: olha João, vais acabar (...) vais ajudar a Lúcia a
5 acabar de fazer o jantar ou quê? hum?

6
7 JM: <a dar/a gar> (agarrar?) ((JM está a puxar um chouriço
8 que está pendurado na parede.))

9
10 L: ho, não puxa, João.

11 -----
12 JM: ói!

13 ---
14
15 L: João, não puxa (...)

16
17 JM: ca estaga. (que estraga.)

18
19 L: hä?

20
21 JM: ca estragas.

22
23 L: que estragas, pois!
24 não puxa, João, João, não puxa o chouriço!
25 ouviu o que a Lúcia disse, João?
26 anda cá, anda ajudar a fazer o arroz, dá cá a tua mão,
27 já deves ter a mão toda suja, mostra.
28 vamos limpar a mão do João (...) quem é que sujou a mão,
29 quem foi? quem foi que sujou a mão?

30
31 JM: foi <*> o choricho.

32
33 L: foi o chouriço?

34
35 JM: foi.

36
37 L: foi? aaah (...) não sabia que tinha sido o chouriço!

38
39 JM: <*> o chouriço!

40
41 L: não, não mexe mais.

42
43 (...)

44
45 JM: meee (...) m (...).

46
47 L: olha, João, gostas de arroz?
48 João?

49
50 JM: não, qué machä. ((tira uma maçã do tabuleiro.))

51
52 A: queres quê? maçã?

53
54 JM: esta <*>, machä.

1 L: esta não presta.
2 olha, gosta de arroz, João?

3
4 JM: <*>

5
6 L: gostas? vamos fazer arroz?

7
8 JM: é qué machã (...) *(eu quero maçã.)*

9
10 L: queres maçã? mas nós vamos jantar!
11 -----
12

13 JM: <* * *>

14
15 L: não é Joãozinho?

16
17 JM: machã!

18
19 L: tá bem, a Lúcia dá-te um bocadinho, dá cá.

20
21 JM: a pe (...) a pe<l>e.

22
23 L: eu dou um bocadinho só, tá bem?

24
25 JM: ta-ta-ta-ta-ta *((a cantar))*
26 é quéo <*>, uma laranja. *((vai de novo ao tabuleiro*
27 *para tirar agora uma laranja.))*

28
29 L: não, não, João! vai comer maçã, não vai comer laranja,
30 tá aqui, a maçã! tá bem?

31
32 JM: não (...) *((a choramingar.))*

33
34 L: pediste à Lúcia maçã, não foi?
35 a Lúcia agora não te pode dar laranja.
36 não, João, dá cá. *((JM atira a laranja ao chão como se*
37 *fosse uma bola))*
38 isto não é nenhuma bola, vá, toma. *((a maçã))*

39
40 JM: não.

41
42 L: pronto, então fica para mim, acabou.

43
44 JM: oo-oh-oh (...) oooo *((A. atira-lhe dois bonecos))*
45 anda pa mim, anda pa mim. *(anda para mim ou manda*
46 *para mim.)*
47 num é chim *(não é assim)*
48 dá caramelo ah-ah-ah-ih-ih, o caramelo (...)
49 *((põe um animal "a pastar" dentro de uma*
50 *caixa com qualquer coisa doce.))*
51 a vaca não gosta.

52
53 L: hum?
54

1 JM: a vaca não gosta.

2
3 L: a vaca não gosta? isso é uma ovelha, que eu saiba.
4 -----

5
6 JM: a vaca não gosta.
7 -----

8
9 L: isso não é uma ovelha?

10
11 JM: na é?

12
13 L: cuidado, olha, João, aqui não que está o lume e queima,
14 tá bem?
15 não põe!

16
17 JM: eu não po (...) ta-aaa ((corre para fora da cozinha))
18 <* * *>.

19
20 L: quê?

21
22 JM: <* * *>

23
24 L: comes muito arroz ou pouco arroz?

25
26 JM: ó, muito arroz.

27
28 L: comes muito arroz?

29
30 JM: como, como.

31
32 L: sim?

33
34 JM: chim.

35
36 L: então vê lá se este chega, anda cá ver, anda cá.

37
38 JM: eu qué arroz! eu qué arroz!

39
40 L: anda cá ver se este chega (...)
41 mais? ((L. está a despejar arroz crú numa chávena.))

42
43 JM: mais.

44
45 L: mais.

46
47 JM: muit'arroz!

48
49 L: muito arroz!

50
51 JM: mais!

52
53 L: mais (...) assim?
54

1 JM: sim, mais.
2

3 L: mais? então vamos deitar este e depois já, já vimos
4 buscar mais, tá bem?
5 mais?
6

7 JM: mais (...)
8 mais!
9

10 L: já chega!
11

12 JM: mais-mai-ma <* *>.
13

14 L: há?
15

16 JM: dá! *((tenta pegar na chávina.))*
17

18 L: vais deitar?
19 segura bem! muito obrigado, pronto, já ajudou, muito
20 obrigado, pronto!
21 *((JM foi deitar o arroz no tacho.))*
22

23 JM: agora mais.
24

25 L: agora mais? não, agora vamos deitar outra coisa, anda cá
26 que eu vou-te dizer.
27 agora vamos deitar sal! (...) hum?
28 onde é que tá o sal? vê lá se descobres!
29

30 JM: <* * *>
31

32 L: vê lá se descobres onde é que está o sal, João.
33 olha, e comemos o arroz com quê?
34

35 JM: cum pargete.
36

37 L: há?
38

39 JM: com esparguete.
40

41 L: com esparguete?
42 anda cá, anda cá!
43

44 JM: ói, caí. *((estava a sair da cozinha de costas e caíu.))*
45

46 L: comemos o arroz com esparguete (...) não, não põe aqui.
47 *((o boneco no fogão.))*
48

49 JM: é tau e tau e tau.
50

51 A: caíste João? caíste?
52

53 JM: a-aqui. *((pega na ovelha que está em cima da mesa.))*
54

1 A: mostra cá, e este?
2 o que é que aconteceu? (...) o que é que aconteceu à
3 ovelha?

4 JM: pumba, pumba, pum.

5
6 L: comemos o arroz com quê?

7
8 JM: o<lh>a quii! eh, eh, eh, eh. ((põe-se à frente da lente
9 da câmara de filmar.))

10
11 L: olha, olha o que eu estou a comer, olha, olha.
12 pêro, maçã, muita bom.

13
14 ///

15
16 ((JM está outra vez na sala a brincar no chão com os
17 bonecos.))

18
19 A: João, olha aqui este livrinho, vamos ver o que é que
20 tem.
21 o que é que tem aqui?

22
23 JM: é co<l>a no nariz.

24
25 A: olha aqui, o que é isto? o que é isso?

26
27 JM: ooo (...)

28
29 A: é uma janela? isto é uma janela, não é? ((uma abertura
30 na capa do livro.))

31
32 JM: não, não, não.

33
34 A: aqui, olha quem é que está à janela.

35
36 JM: é um porquinho.
37 o pai porco.

38
39 A: hum?
40 o pai porco?

41
42
43 JM: o pai porco, o pai porco.
44

45
46 A: o que é que está a fazer, o pai porco? o que é que está
47 a fazer, o pai porco?

48
49 JM: à comida às ga<l>inhas!

50
51 A: está a dar de comer às galinhas?

52
53 JM: cá, cá.
54

1 A: tá? (...)
2 e aqui, o que é que tá a fazer?

3
4 JM: a comida às ga<l>inhas, ta<m>bém.

5
6 A: e aqui?

7
8 JM: eta-ni, tá-ni, te, é ta-ni, tá, é tá, e éta, e éta, e
9 éta (...)
10 olha uma chane<l>a. <janela> <<mostrando o livro.>>

11
12 A: é uma janela? quem é que está à janela?

13
14 JM: é o poquinho.

15
16 A: é o porquinho?

17
18 JM: porquinho! pequenino!
19 <* * *>

20
21 ///

22 <<volta à cozinha para junto de L.>>

23
24 L: o que é que vieste aqui fazer?

25
26 JM: parú, parú, parú, parú. <<brinca com os bonecos em cima
27 de uma mesa.>>

28
29
30
31 L: não quer um bocadinho de maçã? (...) não? (...)

32
33 JM: perú, perú, perú (...)
34 perú, perú, perú (...) perú, perú, perú.
35 <* * *>

36 <vou buscar o patinho vermelho>. <<dirige-se de novo à
37 sala.>>

38 (...)
39 onde está o patinho vermelho?

40
41 A: o quê? (...) o quê, João?

42
43 JM: o patinho verme<lh>o.
44 tá aqui o pati vemeio (...) ô está?

45
46 A: onde está o patinho vermelho? qual é o patinho vermelho?

47
48 JM: tá aqui, aqui, aqui.

49
50 A: tá aí? mostra lá.

51
52 JM: aaaah! <<JM volta à cozinha com um boneco na mão e
53 brinca com L.>>

54

1 A: cuidado aí com o fogão.

2
3 JM: oohh (...)

4
5 L: anda aqui, anda para aqui, vamos dar umas cambalhotas
6 daquelas? vamos?

7 JM: vamos.

8
9 L: vamos, vamos dar uma cambalhota daquelas.

10
11 JM: ahhh (...) ((*senta-se.*))

12
13 L: não? tá bem, pronto!

14
15 ///

16
17 ((*JM está sentado à mesa para jantar.*))

18
19 JM: eu não quero poi não?

20
21 Z: bolinhas, sim? ((*ervilhas.*))

22
23 JM: eu não, não quero.

24
25 Z: não queres bolinhas?

26
27 JM: nããão.

28
29 Z: também se tu fosses (...)

30
31 JM: <* * *>

32
33 P: oh João, espetaste a gar (...) o gar (...) a faca na
34 testa do pai, mas deixa lá, pega lá
35 o teu garfo, tem cuidado!
36 -----

37
38 Z: toma lá, agora só falta o bife.
39 -----

40
41 P: a faca não, a faca não é preciso, é só o garfo, não é?

42
43 Z: se calhar já podia <*> com o garfo e a faca, conheço uma
44 com a idade dele que já come (...)
45 tá quente, vê lá (...)

46 não tá?

47
48 JM: tá can (...)
49 assopa. ((*pede que lhe assoprem a comida estendendo o*
50 *garfo.*))

51
52 Z: assopra? esperas um bocadinho!

53
54 P: espera um bocadinho que já, já arrefece.

1 L: tá aqui molho (...)
2 tá a comer arroz? e carninha, não? (...) não queres
3 carninha? (...)
4

5 JM: qué carninha.

6
7 L: carninha, pois claro, o pai não dá carninha, a Lúcia vai
8 dar, tá bem?
9 vamos pôr aqui (...) para tirar os bocadinhos, ih que
10 carninha tão boa, que carninha!
11 eu espe (...) é pá, é verdade, será que o puto gosta do
12 sabor do gengibre?
13

14 P: sim, não lhe liga nenhuma (...) parte aos bocados
15 pequeninos, pequeninos que o gajo
16 engole tudo (...) bife, vá.
17

18 L: bifeinho, bifeinho pó João.
19 pá, o gajo tá muito baixinho aqui não tá?
20

21 A: eu vou lá buscar uma almofadinha.
22

23 L: deixa tar que eu vou lá.
24

25 (...)

26
27 A: tá bom? tá bom, João?
28

29 JM: tá.
30

31 A: tá?
32

33 ///
34

35 JM: foi a Zé. ((foi Z. que lhe deu uma laranja que ele está
36 a comer.))
37

38 L: foi a Zé?
39 olha e é boa? é boa? (...)
40 tcch pá, ela também, nem te descascou bem a laranja,
41 isso tá cheio de (...) peles brancas.
42 -----
43

44 Z: faz bem, tem uma grande concentração de vitaminas, nas
45 -----
46 peles.
47

47 A: isso é um pêssego, João?
48

49 L: ele tá a comer uma maçã (...) é uma maçã que tu estás a
50 comer, não é?
51

52 JM: nãa.
53

54 L: não.

1 JM: uma laranja.

2
3 L: uma laranja! com arroz? estás a comer laranja com arroz?

4
5 JM: ai! ((*escorre-lhe sumo da boca e limpa com o braço.*))

6
7 Z: toma, não é assim (...) dá com isto ((*ajuda-o a limpar-*
8 *-se.*))

9 então e a canção da laranjinha (...) que a gente
10 aprendeu hoje?

11 ainda te lembras? aquela do "ó laranjinha (...)", lem-
12 bras-te?

13 JM: aí, tem pinga. ((*a laranja*))

14
15 Z: tem pinga! (...)

16 toma estas pequeninas que estas são doces, come essas!

17
18 P: vai lá limpar as mãozitas.

19
20 JM: aooo!

21
22 Z: essas são, são docinhas.

23
24 JM: iiii tem pinga!

25
26 Z: com pele e tudo sim, faz bem.

27
28 JM: ai.

29
30 Z: chupa isso, isso é bom, não estejas feito palerma.

31
32 P: mastiga isso.

33 mastigar é bom, tem sumo, mastiga que tem sumo.

34 mais guardanapos, quanto mais, melhor.

35
36 (...)

37
38 Z: há? boa laranjinha!

39
40 P: o que é que estás a fazer, João? (...) ((*JM está a*
41 *deitar um bocado de laranja fora.*))

42 o que é isso?

43
44 Z: chupa!

45 apanha (...) limpa a mão ao guardanapo, vá (...)

46 isso ainda tem muito sumo!

47
48 P: já tá?

49
50 JM: ah (...) <*> gonapo? (*guardanapo*)

51
52 Z: há? tens aí um de cada lado, não! aí!

53 isso ainda tá cheio de sumo, meta isso na boca outra
54 vez, limpa a mão ao guardanapo, não é à

1 toalha da Lúcia (...)
2 é ótima essa laranjinha, aai (...)

3
4 JM: toma! ((*estende o prato com a laranja.*))

5 -----
6
7 Z: és muito porcalhão, és mais porcalhão sabes que o quê?
8 -----
9 que o pai porco e a mãe porco.
10 lembras-te do pai porco e da mãe porca? ali daquele
11 livro que eram uns porcalhões?

12
13 L: conta lá, conta lá a história que a Zézé te contou.

14
15 Z: aquela do pai porco e da mãe porco (...)
16 vai lá contar essa história aqui (...) à Lúcia.

17
18 L: João vai buscar o livro que a Lú (...) e pa (...) pa
19 contarmos a história.

20
21 JM: <*> ((*pega num bocado de pão e leva-o à boca.*))

22
23 L: ainda vai a comer pão, o rapaz!

24
25 JM: não, aahh (...) ((*larga o pão, levanta-se da mesa e vai*
26 *buscar o livro.*))

27
28 Z: não há mais nada, vai lá buscar o livro do pai porco.

29
30 (...)

31
32 L: ai anda cá para a Lúcia ver a história, tá bem?

33
34 JM: eu conto! ((*abre o livro e vai virando páginas.*))

35
36 Z: é um conto.

37
38 JM: uma vez (...) o pai, poquinho! que foi?

39 -----
40 ((*com uma prosódia de "contar histórias".*))

41
42 L: mostra, anda contar para aqui (...) anda contar para
43 -----
44 aqui, anda contar para aqui.

45 JM: <* * *>
46 uma porca!

47
48 Z: uma porca.

49
50 JM: tá entornar o leite.

51
52 L: hum?

53
54 JM: tá entornar o leite.

1 L: mostra.
2 -----

3
4 Z: entornar o leite.
5 -----

6
7 L: mostra.

8
9 Z: anda cá mostrar, que eu não estava a ver, onde é que
10 está a entornar o leite?

11
12 JM: aqui, aqui. ((aponta para o livro.))

13
14 Z: mostra lá aqui, ao pé de mim.
15 onde é que é? aqui tá a entornar o leite? e mais?
16 conta lá mais uma histó (...)

17
18 JM: outa aqui. ((aponta.))

19
20 Z: isso é o quê?

21
22 JM: é o <l>eite.

23
24 Z: o leite! conta lá mais.

25
26 JM: échoeite. (isto é o leite.)

27
28 Z: e mais?

29
30 JM: olh'ó ratinho! a empurrare!

31
32 Z: sim, o que é que ele está a fazer? tá a quê?

33
34 JM: empurrare!

35
36 Z: empurrar o quê?

37
38 JM: o eite!

39
40 Z: o leite!

41
42 JM: olh'ó poquinho!

43
44 Z: esse é o pai porco, está a fazer o quê?

45
46 JM: a <d>ar comi<dinha> às vacas.

47
48 Z: tá a dar comer às vacas.

49
50 JM: a outa vaca?

51
52 Z: e aqui, o que é que aconteceu aqui?

53
54 JM: o<lh>'aqui o pai natau.

1 Z: tá aonde, o pai natal?
2
3 JM: aqui, aqui.
4
5 Z: aonde?
6
7 JM: aqui, aqui.
8
9 Z: esse é o pai natal? e ele tá a fazer o quê?
10
11 JM: nããão (...) o pai natau (...)
12
13 Z: sim?
14
15 JM: peme, no pemechado o pai natau. *(no supermercado o pai*
16 *natal.)*
17
18 Z: não foi quê?
19
20 JM: <ali> ao pemechado.
21
22 Z: ah, não foi ao supermercado, pois não foi não.
23 e aqui, o que é que está a acontecer aqui?
24
25 JM: é um pópó.
26
27 Z: um pópó, em (...)
28
29 JM: um tatore! *(um tractor)*
30
31 Z: um tractor!
32
33 JM: um tatore; pa pôr ratinhos.
34 -----
35
36 Z: sim.
37 ---
38 (...)
39 para pôr os ratinhos.
40
41 JM: ratinhos. *((aponta.))*
42
43 Z: e para onde é que vão os ratinhos, no tractor? (...)
44 vão pá onde?
45
46 JM: e<s>te.
47 olh'aqui o ratinho.
48
49 Z: sim.
50
51 JM: vai pá esco<l>a.
52
53
54

1 Z: vai para a escola? tem uma mala às costas, não é? (...)
2 e mais? agora vamos ver (...) aqui, o que é que está a
3 acontecer aqui?
4

5 JM: olh'aqui a co<l>a. (cola?/escola?)
6

7 Z: é a cola?
8

9 JM: é.
10

11 Z: e o que é que lhe aconteceu, ao ratinho (...)
12 o que é que aconteceu a este pequenino?
13

14 JM: olh'a (...) tá chereare.
15

16 Z: tá a chorar? porquê?
17

18 JM: a larangina não é tua.
19

20 Z: ai, a laranginha não é tua, ele vai atrás do outro,
21 (...) é?
22 e estes aqui, onde é que eles vão?
23

24 JM: esta não chora poi não?
25

26 Z: hä? esta não chora, não.
27

28 JM: esta não chora, esta não chora.
29

30 Z: pois não.
31 (...)
32 cuspir! ((JM está a tossir.))
33

34 P: que é isso?
35

36 Z: vai cuspir a porcaria à casa-de-banho, vai!
37 não cospe para aí, hä?
38

39 P: olha, aqui no lenço, João, queres cuspir aqui no lenço?
40 o que é isso? ((um ventilador.))
41

42 JM: óoi! ((aproxima-se e afasta-se do ventilador.))
43

44 P: tá frio?
45

46 Z: o que é que sai daí?
47

48 JM: óooi.
49

50 Z: ói o quê? o que é?
51

52 P: está frio é João? está frio?
53

54 JM: óoi, oi (...)

1 P: está frio João? é frio isso?

2
3 JM: <*>

4
5 P: não mexe aí, João, não mexe.
6 tá frio aí (...)? não me estás a ouvir Joãozinho.
7 não tá a ouvir, ele não ouve, pois não?

8
9 Z: olha, esta história, o que é que está a acontecer aqui?
10 conta-me lá esta história.

11
12 JM: tá f<r>io, tá atá! (atrás) ((na parte de trás do
13 ventilador.))

14
15 Z: tá frio?

16
17 JM: tá, tá!

18
19 P: não, não.

20
21 JM: aqui, qué's ver?

22
23 Z: está frio atrás (...)
24 é o que tá a dizer.

25
26 JM: <* * *>
27 o qué isto? a coisa, a coi (...) olha aqui. ((aponta
28 para uma parte do ventilador.))

29
30 P: e à frente? não deixa cair isso, João!

31
32 JM: o<lh>a aqui.
33 vou pôr a<l>i (...) é (...) é mais melhor!

34
35 ((pega no ventilador e vai põ-lo noutra sitio da sala.))

36
37 P: não, não, deixa estar quieto.
38

39
40 Z: não, não isso tá bem aí, não mexe!
41

42
43 P: não, não. não é mais melhor nada.
44

45
46 JM: é mais melhor aqui.

47
48 A: hum (...)

49
50 P: é mais melhor aí?

51
52 JM: qui mai melhor; ói um, um <*>, pasado. (pesado)
53 ói, ói, tá quente.

54

1 Z: tá quente, é pesado.
2
3 JM: é mais melhor. *((continua a deslocar o ventilador
4 pela sala.))*
5
6 P: já chega João!
7
8 Z: já não tem mais fio! não! vira para cima!
9
10 P: põe de pé.
11
12 JM: achim.
13 mais pa chima, mais pa chima. *((quer pôr o ventilador em
14 cima de um pequeno degrau.))*
15 Z: não vaai!
16 -----
17
18 P: ó João, já chega João! João Miguel!
19 -----
20
21 Z: não tem fio.
22
23 P: João! João Miguel! põe isso aí no tapete. *((larga o
24 ventilador e pega em dois bonecos.))*
25
26 JM: óo(...) opa!
27 aaa (...) uma <1>uta!
28
29 P: o que é isso? o que é?
30
31 Z: é uma luta.
32
33 JM: ooo (...) *((atira-se para o chão com os bonecos.))*
34
35 P: uma luta? com o coelho!
36 um boque com o coelho. *((JM chama "boque" a luta.))*
37
38 JM: vai fugire (...) foi o boques, foi o boque.
39 <* *> aaaai (...) aahh (...) aa (...) aa. *((atira-se
40 de novo para o chão.))*
41 (...)
42 as vacas não <*>, não <* * *>
43
44 (...)
45
46 *((JM canta durante algum tempo, depois vai até à varanda
47 onde parece rezear a existência de um "bicho" entre os
48 vasos de plantas.))*
49
50
51 JM: tem bicho, pois não? (...) não tem bicho. não tem bicho.
52 -----
53
54

1 A: o quê João? o quê?
2 -----
3

4 JM: não tem bicho, poi, não?
5

6 A: não, ali não há nenhum bicho!
7

8 JM: vou cheeeerar.
9

10 (...)
11

12 ///
13

14 ((JM está nos braços de P. que lhe explica um jogo.))
15

16 P: tem três bolinhas, há? que cor é esta?
17

18 JM: é vame<lh>a.
19

20 P: e esta aqui?
21

22 JM: a cor.
23

24 P: é azul!
25 e esta?
26

27 JM: est é achu (...) esta é vermelha.
28

29 P: esta é vermelha e esta é amarela.
30

31 JM: esta é marela.
32

33 P: tás a ver? tem três buraquinhos ali.
34 e agora é acertar com as bolinhas nos buraquinhos, já
35 viste?
36 a azul tem de ser ali, a vermelha é (...)
37

38 JM: achim (...) ((começa a bater na caixa do jogo.))
39

40 P: então? já está?
41

42 JM: já.
43

44 P: o que é que estás a fazer?
45 joga tu João.
46

47 JM: deixa ver.
48

49 P: há?
50

51 JM: uns buraquinos. (uns buraquinhos)
52

53 P: como é (...) como é (...) o que é que estás a fazer a
54 isso? (...)

1 JM: ahh (...)

2
3 P: olha.

4
5 JM: achim num anda! (*assim não anda.*)

6
7 ///

8
9 ((JM anda de novo pela varanda.))

10
11 JM: ói! oo-uu.

12
13 P: o que é isso?

14
15 JM: vai-te imora, vai-te imora! (*vai-te embora.*)
16 pa casa! ((*dirigindo-se a P. que está*
17 *tabém na varanda.*))

18
19 A: ah-ah, vai-te embora.

20
21 P: porque é que queres que eu me vá embora?

22
23 JM: quero.

24
25 P: porquê?

26
27 JM: pa casa (...) da tua mãe.

28
29 A: ah-ah da tua mãe!

30
31 P: quem é a minha mãe? João, quem é a minha mãe? (...)
32 João quem é a minha mãe? não mexe aí, não mexe aí!
33 ((*num tabuleiro de xadrês.*))

34
35 JM: <*> cava<l>inho <*>

36
37 P: é, é um cavalinho é o cavalo do xadrês! não mexe aqui,
38 que isto é (...) uma coisa muito interessante!

39
40 (...)

41
42 A: tens soninho, João?

43
44 JM: tenho.

45
46 A: tens sono?

47
48 (...)

49
50 P: João, queres ir fazer cáca ali, queres?
51 anda fazer, anda (...)

52
53 JM: <* * *>

54

1 P: anda lá, anda lá, eu sei que tu queres fazer.
2 -----

3 Z: ainda há bocado comigo quis começar a fazer mas depois
4 -----
5 arrendeu-se, disse que não.

6 P: anda cá, vamos.

7 JM: naaa-aaa-aaa. *((chora.))*
8 -----

9 P: vamos sentar ali. vamos sentar, vamos sentar, ali.
10 -----

11 ///

12 *((JM está com L. a ver um livro infantil.))*

13 L: (...) do gato Maltês, como é que começa? diz lá.

14 JM: uma vez um (...) uma (...)um gato Maltês.

15 L: era uma vez um gato Maltês (...)

16 Z: que (...)

17 JM: que atiava o pau ó ómo. *((que atirava o pau ao homem.))*
18 *((deve ter feito uma associação com a canção*
19 *"atirei o pau ao gato".))*

20 L: que quê?

21 JM: atiava pó ómo.

22 L: quê, não percebo.

23 A: que quê, João Miguel?

24 JM: que atiava pó ómo, achim. *((simula o gesto de atirar um*
25 *objecto.))*

26 L: não! *((JM bate no rosto de L.))*

27 P: aa-aah, aa-aah.
28 -----

29 Z: que atirava (...)
30 -----

31 P: que tocava piano.
32 -----
33
34

1 JM: olha um dói-dói. ((refere-se a um sinal na face de L.))
2 -----

3
4 L: fazes-me um dói-dói?
5 -----

6
7 Z: ai! tá-te a arrancar o sinal!
8 -----

9
10 P: não é um dói-dói é um sinal!
11 -----

12
13 L: isto não é nenhum dói-dói, é um sinal! <*>

14
15 P: o que é que fazia o gato Maltês?

16
17 JM: olh' aqui. ((tenta mexer num sinal do rosto de L.))

18
19 L: é um sinal, faz uma festinha, pronto.
20 -----

21
22 P: conta lá a história, João.
23 -----

24
25 L: era uma vêz um gato Maltês que (...)

26
27 Z: o que é que ele fazia? diz lá para a Lúcia ouvir.

28
29 JM: aqui um gato Maltês. ((aponta para algo na página do
30 livro.))

31
32 L: o que é que fazia o gato Maltês?

33
34 J: o João não sabe o que é que fazia o gato Maltês.

35
36 Z: ainda te lembras do que é que ele fazia? diz lá o que é
37 que ele fazia.

38
39 JM: o gato Maltês.

40
41 Z: fazia o quê? diz lá!

42
43 JM: olh' aqui um <* * *>.

44
45 L: um gato Maltês, o que é que faz o gato Maltês?

46
47 P: o que é que ele fazia?
48 -----

49
50 Z: ele não sabe!
51 -----

52
53 JM: tá cai<r>. ((aponta algo na página do livro.))

54

1 L: tá a cair esse boneco!

2
3 P: ó João, o que é que fazia o gato Maltês?

4
5 (...)

6
7 L: era uma vez (...) um gato Maltês (...) era uma vez um
8 gato Maltês.
9 (a cantar.)

10 devagarinho! ((JM estava a empurrar L.))
11 conta-me a história conta.

12
13 JM: ná!

14
15 L: e aqui havia uma casinha (...) que tinha um gatinho e
16 tinha aqui outros dois (...) olha, que
17 linda casinha!
18 e os gatinhos, o que é que eles faziam?

19
20 JM: <ursinho>. (ursinho)

21
22 L: é um urso! os gatinhos brincavam com o urso?

23
24 JM: olh'aqui.

25
26 L: o quê?

27
28 JM: um gatinho.

29
30 L: um gatinho? o que é que (...)

31
32 JM: mal patado (?)

33
34 L: há?

35
36 JM: olh' aqui <na cama> o gatinho.

37
38 L: um gatinho quê?

39
40 JM: vai caire.

41
42 L: vai cair, o gatinho?

43
44 JM: vai, vai.

45
46 L: vai, vai?

47
48 JM: e os pacharinhos! ((aponta.))

49
50 L: e os passarinhos, tá aqui uma gaiola.
51 e tá (...) tão cá passarinhos? (...) onde é que estão
52 os passarinhos? (...)
53 fugiram da gaiola, não é?
54

1 JM: fu<g>iram da gaiola!

2
3 L: fugiram da gaiola, pois foi!
4 e agora aqui, vamos ver aqui, aah, esta já vimos (...) que é o quê?
5
6 é o gatinho, fazer o quê?

7
8 JM: olha a mãe.

9
10 L: olha a mãe.
11 o que é que a mãe do gatinho tá a fazer? há?

12
13 JM: pôr a <outa em chi (...)/loicinha (...)>

14
15 L: diz?

16
17 JM: <* pou> (?)

18
19 L: tá, tá a pôr o champô? (...) tá? tá a pôr o champô?
20 (...) é?
21 e agora vamos ver, aqui! olha, quem é que há bocadinho
22 tava a brincar com uma coisadestas?
23 quem é que fugiu com o meu novelo de lâ? quem foi? quem
24 (...)

25
26 JM: aaa

27 ---

28
29 L: quem foi que fugiu com o meu novelo de lâ há bocadinho?

30
31 JM: foi João!

32
33 L: foi o João, e aqui também é o João que está a brincar
34 com o novelo? (...) é o João que
35 tá a brincar com o novelo?

36
37 JM: é!

38
39 L: não é!

40 -----

41
42 JM: é o gato!

43 ---

44
45 L: é o gato! e mais? o que é que o gato está a fazer mais?
46 -----

47
48 JM: olh'aqui. ((aponta.))

49
50 L: o que é que ele tá a fazer?

51
52 JM: a mexer.

53
54 L: tá a mexer? a mexer o quê?

1 JM: o peixinho, o fumo. ((*está um peixe na frigideira.*))
2 -----
3

4 L: o peixinho, o fumo!
5 -----

6 tá a assar o peixinho, não é João? (...)
7 tava a fazer o jantar, não era? (...) os gatos gostam
8 de peixinho.
9 tú também gostas de peixinho?

10
11 JM: gosto.

12
13 L: gostas? gostas mais de peixinho ou de carninha?
14

15 JM: é da carninha.

16
17 L: da carninha!
18 e aqui? o que é que o (...) o que é que o gatinho
19 estava a fazer aqui? deixa ver aqui,
20 aqui!
21 aqui quem é? quem é aqui?

22
23 JM: <*> era uma estóra ca acabou. (*era uma história que*
24 *acabou.*)

25
26 L: vou contar outra, vou contar esta, olha, olha esta.
27 queres contar esta? não?
28

29 JM: eeeh (...) é-é, uii. ((*senta-se no chão e cai para o*
30 *lado.*))

SESSAO XI

DATA: 22 de Dezembro de 1990

IDADE: 2 Anos, 5 Meses, 14 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

Z - Maria José (Zé)

P - Pai (João Miguel)

A - António Quintas Mendes

1 A: João, queres ver o brinquedo novo que eu tenho?
2 -----
3

4 JM: <que é>.
5

6 A: queres ver o boneco novo que eu tenho? (...) ((*passa-lhe*
7 *para a mão uma caixa.*))

8 Z: que é isso que o Quintas te deu?
9

10 JM: um (...) é um boneco (...) pó João.
11 -----
12

13 Z: mostra lá (...) e o que é que faz esse boneco?
14 -----
15

16 A: o que é que tem o boneco?
17

18 JM: é um (...) uma ma<1>a.
19

20 A: uma mala?
21

22 JM: <u>ma mala, um guarda-chuva.
23

24 A: ah! um guarda chuva?
25

26 JM: pa chover.
27

28 A: pa chover?
29

30 (...)
31

32 Z: é muito giro, há?
33

34 JM: é.
35

36 A: queres que eu ponha? ((*o guarda chuva no boneco.*))
37

38 JM: quero. (...)
39 <é chapéu>.
40

41 A: há?
42

43 JM: guarda-chuva pa pôr aqui, ói! ((*o guarda chuva, caiu.*))
44

45 A: pa pôr aonde? onde é que se leva o guarda chuva? na
46 cabeça? é na mãozinha, não é? aqui.
47 aah (...) prontos, já tá! ((*coloca o guarda chuva na mão*
48 *do boneco.*))
49

50 JM: <*>
51 ---
52

53 A: tá a chover, agora é preciso o guarda-chuva.
54 -----

1 JM: olh'aqui uma ma<l>a.
2

3 A: agora é para quê? para ir para a escola, a malinha?
4 é? (...) pronto! ((coloca uma mala na mão do boneco.))
5

6 JM: e esta!, e esta! ((refere-se a outra mala.))
7

8 A: e esta, onde é que ela leva essa? essa se calhar tem que
9 ficar em casa (...)
10 não é? se não, não pode levar o chapéu-de-chuva, ou vai
11 aqui?
12 vamos ver o (...) qués ver o que isto tem lá dentro?
13 olha aqui (...)
14 olha, olha, ahh, abre, não abre?
15

16 JM: é.
17

18 A: e esta? ((arranca a mala que já estava colada no
19 boneco.))
20

21 Z: uma bagagem completa, há?
22

23 JM: não, não.
24 ---
25

26 Z: várias malas.
27

28 A: não queres abrir?
29

30 JM: aahh (...)
31

32 A: hum (...)
33

34 JM: olh'aqui o mani (...) <no/e um> guarda chuva. ((aponta
35 para a caixa onde vinha o boneco.))
36 óaqui um manino.
37

38 A: é um menino com um guarda-chuva! oolha, o que é que
39 aconteceu!
40 ((caiu o guarda chuva e o cabelo ao boneco.))
41

42 Z: <*> isso desmonta tudo.
43

44 P: o que é isso João?
45

46 JM: <* *>
47

48 A: tá careca?
49

50 JM: não.
51

52 Z: tá de cabeça vazia!
53
54

///

1 JM: pa pôr o guarda-chuva.
2

3 A: é para pôr o guarda-chuva?
4

5 (...)
6

7 JM: a ma, a ma (...) a outa mala?
8

9 A: a outra mala tá aqui? aonde é que se põe?
10

11 JM: não <aqui> <* *> (...)
12 ói, vai cair.
13

14 A: vai cair?
15

16 JM: <do> chapéu ((*estava a pôr a mala em cima do chapéu.*))
17

18 A: o quê?
19

20 JM: ói <* *> ((*põe o boneco em pé no chão.*))
21 a outa mala?
22

23 A: a outra mala é para ficar em casa, se calhar, não é?
24 ela só leva uma mala de cada vez.
25

26 Z: pendura aí no cabo do guarda-chuva, não cabe?
27 -----
28

29 JM: não anda. ((*tente fzer deslizar o boneco como se este*
30 -----
tivesse rodas.))
31

32 (...)
33

34 A: abre?
35

36 JM: abe. ((*JM pega numa das malas do boneco e tenta*
37 -----
abri-la.))
38

39 Z: o que é que tás a fazer?
40

41 JM: este tá estagado <*>. ((*pega em algo.*))
42 -----
43

44 A: tá estragado?
45

46 (...)
47

48 JM: os brinquedos? os brinquês tão ali.
49

50 A: tão ali, os brinquedos?
51

52 Z: tão, queres a fita-cola ou quê?
53
54

1 A: agora queria-te mostrar aqui uma coisa, tá bem?
2 ((senta-se ao pé de JM com um livro.))

3
4 Z: tanta novidade!

5
6 JM: olh'aqui o manino. ((pega no boneco do chapéu de
7 ----- chuva.))

8
9 A: queres ver o que este menino (...) olha o que este
10 ----- menino tá a fazer, anda cá ver.
11 o que é que ele tá a fazer? (...) queres ver? olha.
12 o que é que ele tá a fazer ali? (...) e aqui?
13 ((o livro contém figuras com acções simples de uma
14 criança: vestir uma camisola, calçar os sapatos, etc.))

15
16 JM: <* *>

17
18 A: hum?

19
20 JM: oh pica! ((põe a mão em cima de alguma coisa no
21 ----- tapete.))

22
23 A: pica? é o menino que pica?
24 olha aqui, o que é que ele tá a fazer? e aqui?

25
26 Z: o que é que ele está a fazer, João Miguel? diz lá, que
27 ----- eu não estou a ver.

28
29 JM: <*> ((põe o boneco "dentro" do livro e fecha-o.))

30
31 Z: isso é para quê? tás a tapá-lo para quê?
32 conta-me lá aquela história, daquele livro, o que é que
33 aconteceu àquele menino ali do livro? diz lá
34 (...) João!

35
36 P: com um brinquedo novo (...) <*>
37 -----

38
39 JM: <* *>
40 -----

41
42 Z: fala alto pá, não se ouve nada!

43
44 JM: oi!

45
46 A: então arrancaste-lhe o cabelo?

47
48 (...)

49
50 Z: vai desfazendo.

51
52 JM: o chapéu.

53
54 A: o chapéu?

1 (...)

2
3 **JM:** oi.

4 <ou> pô<r> a outra mala (...) outa mala.

5
6 **A:** outra mala (...)

7 onde é que ela vai com essas malinhas? (...)

8 também tens uma mala, João?

9
10 **JM:** tenho, tenho!

11
12 **A:** tens? e um chapéu de chuva?

13
14 **JM:** tenho.

15
16 **A:** tens chapéu de chuva?

17
18 **JM:** <*>

19 ---

20
21 **A:** quem é que tem? é o pai?

22 -----

23
24 **JM:** tem olhinhos aqui. ((*aponta para os seus próprios*
25 *olhos.*))

26
27 **A:** quem é que tem olhinhos? é a boneca ou tu? (...) há?

28 aaai! o chapéu de chuva partiu-se! olha, e agora?

29 ((*JM sentou-se em cima do boneco.*))

30
31 **Z:** foi um "ai" que lhe deu!

32
33 **JM:** sentei-me no chapéu.

34
35 **A:** sentás-te-te em cima do chapéu e agora?

36
37 **JM:** góá vou colar. (*agora vou colar.*)

38
39 **A:** ah-ah-ah actividade constante de colagem!

40
41 **Z:** exactamente, chegou aqui vinha logo (...) antes de cá

42 chegar já vinha a falar nas coisas que ia colar.

43
44 **JM:** oi! ((*o chapéu do boneco cai para o chão.*))

45
46 **A:** bom, o que é que vamos fazer agora?

47
48 **Z:** é, achas que é aí que se cola o cabo?

49
50 **A:** João Miguel, agora o que é que vamos fazer?

51 o que é temos de fazer a isso?

52
53 **JM:** a cola pa?

54

1 A: vamos lá trabalhar, vá vamos colar, onde é que está a
2 cola?

3
4 JM: trabalhare.

5
6 A: tá aqui, tá aqui.

7
8 JM: ó pas! ((tropeça num cesto.))

9
10 A: há? ó pá, não te, não te aleiges
11 -----

12
13 JM: pumba. ((“bate” no cesto.))
14 -----

15
16 A: pumba!

17
18 JM: mentirojo! (mentiroso) ((“fala” com o cesto.))

19
20 A: mentiroso? quem é que é mentiroso? (...)
21 dá cá. ((pede-lhe a fita-cola.))

22
23 JM: háää?

24
25 A: dá cá.

26
27 JM: quer a co<l>a?>

28
29 A: a cola.

30
31 JM: a co<l>a.
32 ói, ói, deixa ver (...) <tiro/tira> ((começa a
33 desenrolar a fita-cola.))

34
35 ///

36
37 JM: o que é isto?

38
39 A: isso é para arrumar a tesoura (...)
40 olha aqui, olha, olha, já posso ir para a chuva.
41 -----

42
43 P: ho João, João Miguel, olha o pai, olha o pai.
44 conta a história do rei Midas ao Quintas (...) conta a
45 história do rei Midas, como é que era? o
46 Quintas Mendes gostava de saber.

47
48 JM: ai, ai <* *> ((A. está a puxar-lhe a fita-cola.))
49 -----

50
51 A: péra, péra pa colar.
52 -----

53
54 JM: <* * *>

1 A: dá cá, senão como é que isto cola?

2 -----
3 então como é que é a história do rei Midas?

4
5 P: o João não sabe! como é que é a história do rei Midas?

6
7 A: pois não ele não sabe.

8
9 **JM:** e aquele m-manino, não tem chapéu! ((*refere-se a um*
10 *boneco.*))

11
12 A: aquele menino, este menina é o rei Midas? (...)
13 é o rei Midas, João?

14
15 **JM:** não.

16 ---

17
18 Z: é! já chega! já chega! ((*tenta parar JM que está a*
19 *desenrolar a fita toda.*))

20
21 A: então quem é o rei Midas?

22
23 Z: já chega de fita para colar.

24
25 **JM:** oh, oh (...) <tá-te a tirar/tu tiraste>. ((*não*
26 *se percebe a que é que se refere.*))

27
28 Z: olha lá, olha lá, já tinhas visto este livro?

29
30 **JM:** que<ro>.

31
32 Z: olha lá, o que é que tá (...) já viste este menino?
33 (...) o que é que ele está a fazer?

34 -----

35
36 **JM:** <* *>

37
38 Z: tá a fazer o quê? (...) aqui na casa de banho? o que é
39 que ele tá a fazer?

40
41 A: toma João. ((*a fita cola.*))

42
43 Z: olha lá.

44
45 A: toma.

46
47 **JM:** é pa colare.

48
49 Z: <*> pára de tirar fita-cola, pá!
50 explica lá, o que é que se passa aqui; este é que é o

51 -----

52 -----

53 rei Midas?

1 JM: este. ((aponta para o livro.))

2
3 Z: aí é o quê?

4
5 JM: <l>avar os dentinhos.
6 -----

7
8 Z: hä?

9
10 A: lavar os dentinhos.
11 -----

12
13 JM: lavar os den-tinhos.
14 -----

15
16 Z: lavar os dentinhos, com aquela escova, não é?
17 e aqui? o que é que ele está a fazer? aqui!

18
19 JM: as calchça. (as calças)

20
21 Z: e o que é que ele faz às calças?

22
23 JM: vai sentare. ((JM senta-se.))

24
25 Z: hä? (...) e o que é que ele faz às calças? (...)
26 o que é que ele está aqui a fazer às ca (...) às, às
27 (...) (...)

28
29 JM: olh'aqui.

30
31 Z: e aí é o quê?

32
33 JM: é a mãe.

34
35 Z: e a mãe tá a ajudar a fazer o quê? (...) o que é que a
36 mãe tá a fazer, ao menino?

37
38 JM: <* * *>

39
40 Z: é o quê? (...)

41
42 JM: <vou/vai> sentar ((senta-se))

43
44 Z: e aqui ainda tem outras muito mais giras, olha aqui, o
45 que é que ele tá a fazer?
46 -----

47
48 A: ó pá, outra vez o chapéu de chuva (...) ((JM senta-se de
49 ---- novo em cima do boneco do chapéu de chuva.))
50 vá, olha ali, diz lá à Zé (...)

51
52 Z: o que é que ele tá a fazer aqui? com estes sapatos.
53 -----
54

1 A: ooh (...) o que é que ele tá a fazer? tá, tá a almoçar?
2 -----
3

4 Z: o que é que ele vai fazer aos sapatos? (...)
5 vai comer os sapatos? é?
6

7 JM: ago<r>a está co<l>ado. ((referindo-se ao chapéu de chuva
8 do boneco.))
9

10 Z: o<lh>a aqui (...) o que é isto?
11 explica lá o que é isto, aqui isto é o quê? ((chamando-
12 -lhe a atenção para o livro.))
13

14 JM: uma mão

15
16 Z: isto? isto aqui? às riscas, é o quê?
17

18 JM: <* * *>

19
20 Z: há? (...) tu também tens um coiso destes não tens?
21 ((na figura vê-se uma senhora a ajudar um
22 garoto a vestir uma camisola.))
23

24 JM: é a mãe

25 Z: o que é que a mãe tá a fazer? (...) pó menino.
26

27 JM: <a mãe não> tá vestido.

28
29 Z: o menino tá vestido?
30

31 JM: olh'aqui.

32
33 Z: e-e isto é o quê? que ele tem aqui.
34

35 JM: uma <meia/mala>

36
37 Z: o que é que a m (...) a mãe tá ajudar o menino a fazer?
38 olha aqui, quando o menino vai para a escola leva uma
39 mala (...) e mais?
40

41 JM: leva uma mala.

42
43 Z: e tem que fazer mais o quê? que a mãe tá a ajudar (...)
44 -----
45

46 JM: <*>

47
48 A: e chapéu de chuva, leva?
49 -----
50

51 JM: oh, o manino? tá aqui! ((desinteressa-se do livro e
52 agarra num boneco.))
53

54 Z: esse menino é este, aqui do livro?

1 JM: é.

2
3 Z: ai é? e como é que ele se chama?

4
5 JM: os binquedos? (...) os binquedos <* * *>

6
7 A: então e vamos? (...)

8
9
10 JM: <* * *> "é natal" <* * *> "não fa mal, não fa mal"

11
12 -----
13 ((a cantarolar.))

14 Z: este livro é muito giro, posso ficar com este livro para
15 -----
16 mim?

17 JM: é.

18
19 Z: é?

20
21 JM: não.

22
23 ---
24 Z: não te interessa saber o que é que acontece neste livro?
25 ---
26 eu não sei esta história, tu tinhas (...) conta-me lá
27 esta história.

28
29
30 JM: óoi. ((completamente desinteressado do livro e
31 interessado nos bonecos que tem na mão.))

32
33 P: o João sabe bem é a história do rei Midas, ele não quer
34 contar!
35 porque é que o rei Midas chorou?
36 João (...) não?

37
38 Z: esta do boneco antes de (...)

39
40 P: não (...)

41
42 ---
43 JM: <* * *> ((vai cantarolando e está absolutamente
44 concentrado na manipulação dos bonecos.))

45
46 Z: e a história do rato verde, que eu te contei há
47 bocadinho (...) ainda sabes? o Quintas,
48 -----
49 o Quintas não sabe essa do rato verde.

50
51 P: não sabe (...) hum (...)

52
53 -----
54 poucas pessoas tem oportunidade de saber essa belíssima
história do rato verde que vivia numa

1 A: como é qué (...) como é que é o rei Midas?
2 esta, esta mala é do rei Midas?

3
4 JM: é.

5
6 A: é? (...)
7 o que é que o rei Midas faz? (...)
8 conta-me lá a do rei Midas, João.

9
10 JM: este. ((*pega no livro e abre-o.*))

11
12 A: ou então conta-me essa, vá.

13
14 Z: vê lá, o que é que se pass (...) o que é que se passa aí
15 a esse menino? o que é que acontece a
16 esse menino?

17
18 JM: <f>ez um dó-dói.

19
20 Z: fez um dói-dói, e depois? o que é que lhe aconteceu a
21 seguir?

22
23 P: mostra a tua mão, João.
24 o que é que te aconteceu à mão? foi um doi-doi também, o
25 que é que foi? como é que foi?

26
27 Z: isso é o quê, que tens aí na mão?

28
29 P: como é que fizeste isso, João?
30 diz lá ao Quintas como é que fizeste? (...)
31 onde é que foi?

32
33 JM: aqui um menino. ((*aponta no livro.*))
34 <*>

35
36 A: com qué que ele tá a fazer aqui?

37
38 (...)

39
40 P: de que cor é que é aí?
41 as flores são de que cor? (...)

42
43 A: este barrete aqui é igual ao do João, este aqui, não é?
44 (...) este?
45 como é que chamas àquele <*> que ele trazia?
46 ((*dirigindo-se a Z.*))

47
48 Z: é o barrete.

49
50 A: é igual ao do João, o barrete?

51
52 JM: não. ((*larga o livro e pega no cão de corda.*))
53 ---
54

1 P: gorro.
2 -----
3

4 A: hum?
5

6 JM: este (...) este não tem os olhos ((refere-se ao cão.))
7

8 P: de que cor é o cão, João?
9

10 JM: amos co<l>ar, amos co<l>ar.
11 a fita-cola?
12 -----
13

14 A: chocolate?
15 ----- ha (...) deve tar ali.
16

17 JM: <* *>
18

19 A: agora tenho aqui um da praia, queres ver? ((tráz um novo
20 livro com cenas de praia.))
21

22 Z: ai esse é para mim, esse da praia é meu, não é João?
23

24 J: <*>
25 -
26

27 A: <*> tá aqui o Joãozinho na praia, olha aqui.
28 -
29

30 Z: olha, foi na praia onde tu estiveste, não foi? vê lá, se
31 -----
32 não te lembras.
33

34 A: olha aqui.
35 -----
36

37 P: olha, na praia (...)
38

39 A: ah! ah! ah! ((JM ia riscar o livro.))
40 -----
41

42 Z: não.
43 -----
44

45 P: oh João, não é para escrever.
46 olha, João, o que é que a menina trás na mão?
47 o que é que a menina trás na mão, ali? o que é?
48

49 JM: é uma estela.
50

51 Z: uma estrela do mar.
52 -----
53
54

1 A: uma estrela (...) do mar.
2 -----

3 e aqui? tá a fazer o quê?
4

5 JM: o ba<l>de tá na paia. (*o balde está na praia*)
6

7 A: o balde?
8

9 JM: é.
10

11 A: o balde está na praia, e a manina, tá aonde?
12

13 P: o que é que a menina tem na mão?
14

15 JM: olh (...) (*mostra a caneta que tem na mão.*)
16

17 P: olha (...)
18 -----
19

20 A: já foste à praia, João?
21 --
22

23 JM: já.
24

25 A: também tens uma bóia?
26

27 JM: tenho.
28

29 Z: e a bóia é para quê?
30 -----
31

32 P: o que é que está ali ao fundo? (...) azul, é o quê?
33 -----
34

34 aponta lá.

35 aonde é que está o mar, João, aonde é que está o mar?
36 -----
37

38 JM: <* * *>
39

40 A: é o mar.
41 -----
42

43 JM: a mãe do João.
44

45 P: e onde é que tá o pai? (...) onde é que está o pai?
46

47 JM: é este.
48

49 P: é João?
50

51 (*A. traz canetas e folhas de papel para JM desenhar.*)
52
53
54

1 A: toma João, toma (...)

2 -----
3
4 vais fazer o quê?

5
6 JM: um, um (...) um manino.

7
8 ///

9
10 Z: isso é o quê?

11
12 JM: é um bichinho.

13
14 Z: faz então (...) e tem que ter um olho, faz lá o olho.

15
16 P: e o rabo? (...) faz lá um rabo.

17
18 (...)

19
20 Z: e cabelo, não tem cabelo.

21
22 P: é um papagaio? ele é bom é a fazer papagaios.

23
24 (...)

25 *((JM levanta-se e vai buscar mais canetas.))*

26
27 JM: ai. *((não consegue pegar bem nas canetas.))*

28
29 Z: (...) ai, ai, ai, ai.

30
31 P: oh João, já chega de canetas, então tens esta.
32 ena pá! (...) chega! vá lá.

33
34 Z: vais ficar todo sujo, vai ser uma chatice.

35
36 (...)

37
38 JM: esta é azul, esta. *((mostra a caneta a A.))*

39
40 A: hum? é azul?

41
42 JM: é.

43
44 P: o gajo há? já sabe umas coisas, isto da escola é
45 porreiro.

46
47 Z: é porreiro não é? o gajo teve uma diferença de algumas
48 coisas.

49
50 P: cores (...)

51
52 Z: as cores, ele não sabia.

53
54 P: não sabia (...)

55
56 JM: <*>

1 Z: e faz muita bem bolas.
2 isso é o quê, agora?

3
4 JM: <é> uma casinha

5
6 P: é uma quê?

7
8 JM: um barco.

9
10 P: um barco!
11 -----

12
13 A: um barco!
14 -----

15
16 ///

17
18 *((JM deixa de desenhar e concentra-se nas canetas.))*

19
20 P: que cor é essa? que cor é essa? *((refere-se a uma
21 caneta.))*

22
23 JM: a tampa? *((levanta-se para ir ao sítio onde estão
24 guardadas canetas.))*

25
26 Z: não vais buscar mais que tens aqui muitas, olha
27 isto tudo.

28 P: João, pára João Miguel!

29
30 Z: tem aqui as cores todas.
31 -----

32 P: pára!
33 -----

34
35 JM: <dá qui/tá qui> *((dirigindo-se s Z. com uma caneta na
36 mão.))*

37
38 Z: não, eu seguro, eu seguro, pronto tão aí essas.
39 -----

40
41 P: pára João, pára.
42 -----

43
44 JM: essas <tem/tão> <*>.

45
46 Z: que cor é essa?

47
48 JM: é banco. *<é branco>*
49 *<uma valhinha>*.

50
51 Z: é quê?

52
53 P: é quê?

54
55 JM: uma ovelhi (...)

1 Z: uma ovelha?

2
3 JM: não.

4
5 A: uma velhinha?

6
7 (...)

8
9 Z: faz lá o pai, desenha lá aí o pai.
10 exacto, aí nessa folha (...) é esse o pai?

11
12 JM: não. ((JM faz uma série de garatujas.))

13
14 Z: então isso é o quê?

15
16 (...)

17
18 P: não é nada.

19
20 Z: não é nada! sem título!

21
22 JM: <* *>
23 a tampa.

24
25 A: João, o que é uma pingas (...) o que é uma pingas?

26
27 JM: esta não esc<r>eve (...) não esc<r>eve, não dá!
28 -----
29 ((vai passando a caneta pelo papel.))

30
31 Z: essa não escreve?
32 -----

33
34 JM: não dá.

35
36 A: não escreve? coitadinha, mostra cá (...)
37 escreve mal!

38
39 Z: toma esta.
40 -----

41
42 A: puseste no olho, puseste no olho João? (...) a caneta,
43 foi?
44 ((JM está a esfregar o olho.))

45
46 P: mostra lá, João.
47 --

48
49 JM: <foi>.
50 ----

51
52 A: é má esta caneta!
53 -----

54
55 JM: toma! toma! ((bate com a caneta na própria cabeça.))
56 -----

1 A: toma! ah! ah! ah! ah! (...)
2 -----
3

4 Z: ah-ah bate na cabeça em vez de bater na caneta!
5 -----
6

7 ///

8
9 JM: vamos ver outro<s>. ((levanta-se e vai pôr a caixa do
10 boneco junto do ventilador.))
11

12 A: outra quê?

13
14 Z: tira isso, do calor que te queimas outra vez!
15

16 JM: o calor.

17
18 Z: o que é que o calor faz, João? o que é que o calor do
19 fogão faz? (...)
20 o que é que te fez aos dedos, o calor? (...) do fogão?
21

22 JM: olh'aqui vamos co<l>ar. ((JM viu a fita-cola e os
23 bonecos no sofá.))
24

25 Z: diz lá, o que é que te fez aos dedos?
26

27 JM: a cola-fita, a cola-fita (...) tá a<l>i (...) pa colar,
28 tudo.
29

30 P: serve para quê, João?
31
32

33 JM: co<l>ár! aqui. ((está a colar a caixa.))
34 olh'aqui um cava<l>inho, com um cavau. (cavalo)
35 ((enquanto está a colar a caixa repara, no
36 que lá está desenhado.))
37

38 Z: um cavalinho?
39

40 JM: <* um coelhinho para mim>
41 -----
42

43 A: João, sabes o que é isto? sabes o que é isto? ((A. dá a
44 JM um pequeno helicóptero "de corda".))
45 (...)
46

47 ///

48
49 A: o que é isso?
50

51 JM: é um abião. ((observa o helicóptero a andar e a hélice a
52 girar; tenta dar corda ao brinquedo.))
53

54 P: não, tu sabes o que é isso.
55 -----

Z: é um helicóptero.

JM: ai (...) ((*põe o helicóptero no chão depois de lhe dar corda.*))

P: o que é isso, João?

(...)

JM: já andou.

A: o quê?

JM: já andou.

A: <* *>, o que é que ele disse?

P: é um helicóptero, diz lá.

Z: já andou.

JM: um helicóto.

P: diz lá outra vez.

JM: aaai, não (...) não conchigo ab<r>ire. ((*não consegue dar corda.*))

A: dá cá.
não consegues quê?

P: abrir.

JM: não conchigo arbir.

P: dar corda!

A: olha, olha, olha, olha, ele anda.

JM: este cão, este cão, este cão, este cão, este cão, cão.

((*põe o cão de corda a andar junto do helicóptero.*))

(conversa de adultos)

JM: choca co<m> o licóto.
olh'aqui o cão.

Z: o cão não tem pedalada para acompanhar o helicóptero,
pá.

(...)

olha os dois, olha os dois!

João Miguel - XI - 2;5;14

2

1 JM: ai (...) olha parou! ((o cão choca com o helicóptero e
2 pára.))
3

4 A: parou.
5 -----
6

7 JM: pa, pa tás. (para trás, para trás) ((tira o helicóptero
8 do caminho do cão.))
9

10 Z: olha (...)
11 -----
12

13 JM: oi, parou. ((chocam de novo os dois e o cão pára.))
14 --
15

16 Z: parou?
17

18 JM: parou.
19

20 A: o helicóptero nunca pára!
21 -----
22

23 JM: oi.
24

25 Z: é bem giro.
26 <*> dá uma voltinha (...) depois começa a andar a
27 direito.
28

29 JM: olha (...) ((observa o helicóptero a andar.))
30

31 Z: tás a ver, é giro.
32

33 P: não vai ser giro durante muito tempo!
34

35 A: hum-hum (...)
36

37 JM: vai buscar outro helicóto. ((dirigindo-se a A.))
38

39 A: já não tenho mais.
40

41 P: pensas que ele tem uma esquadrilha, aqui em casa, João?
42

43 A: ah-ah (...)
44

45 JM: va-vas buscar.
46

47 A: não tenho mais, João.
48 ---
49

50 JM: amos buscar. ((agarra na mão de A. para irem buscar mais
51 brinquedos.))
52

53 A: vamos quê?
54

55 P: ah-ah, vamos buscar.
56

1 Z: <*> vamos buscar, se faz favor.

2
3 A: eu não tenho mais, João.

4
5 JM: <*>

6
7 Z: fala alto pá, agora que devias falar alto, não falas.

8
9 ///

10
11 *((JM está a abrir umas caixas com brinquedos novos,))*

12
13 Z: eu posso abrir?

14
15 JM: agora uma mota. *((tirando o brinquedo de dentro da*
16 *caixa.))*

17
18 Z: e o que é que faz a mota?

19
20 JM: agora uma mota.
21 tá aqui uma mota.

22
23 Z: está aqui uma mota (...) e mais quê? não era só uma
24 mota.

25
26 (...)

27
28 JM: o<lh>a aqui o menino (...)
29 o outo (...) táquiii (...) *((vai abrindo outra caixa.))*
30 táqui (...) o outo menino.
31 o helicóto? (...) o helicóto? o helicóto? (...)

32
33 -----
34 o helicóto?

35 P: o quê, João?

36
37
38 JM: foi parar!

39
40 P: foi aonde?

41
42 JM: qués ver, quer ver? *((está a tirar o boneco da caixa.))*

43
44
45 P: foi passear.

46
47 -----
48 o que é que tu tens aí?

49 JM: ooolha qu'engaçado!

50
51 P: ah, ah (...)

52
53 JM: eu tenho isto, eu tenho, eu tenho, eu tenho (...) eu
54 -----
55 tenho este manino.

1 P: tens isso?
2 o que é, João?

3
4 JM: não conchigo, tirare. ((*não consegue tirar o boneco de*
5 *dentro do plástico.*))

6
7 A: o que é isso?

8
9 JM: é um manino.
10 <* *>

11 ---
12
13 A: é para quê? o que é que faz o menino?

14 -----
15
16 JM: o menino vai cair. ((*agarra outro boneco e coloca-o em*
17 *cima da mota.*))

18
19 A: vai cair? vai cair de onde?

20
21 JM: ai (...)

22 ---
23
24 A: deixa (...) queres ver este? (...)
25 o que é que será este? ((*desembrulha aquele que JM não*
26 *conseguia abrir.*))

27
28 JM: é!
29 <*>

30
31 A: sabes o que é isto? ((*um carrinho de mão.*))

32
33 JM: o capachete. ((*refere-se ao capacete do boneco que tem*
34 *na mão.*))

35
36 A: pachete? sabes o que é isso? ((*o carrinho de mão.*))

37
38 JM: andare, é? ((*experimenta fazer andar o carrinho de*
39 *mão.*))

40
41 A: <* * *>

42
43 JM: es pa chentar, aqui. ((*é para sentar aqui.*)) ((*indica o*
44 *banco da mota.*))

45
46 A: sabes o que é que este faz? este trata do jardim.
47 isto é um carrinho para pôr terra do jardim!
48 este é o jardineiro.

49
50 JM: este, é a mota.
51 e este, é os bombeiros.

52
53 A: é os bombeiros esse? olha al (...) olha ali um menino,
54 olha.

55 JM: es<t>e não anda.

1 A: há?
2
3 JM: e<ss>e é o (...) e<ss>e é o menino nuanda.
4
5 Z: o menino não anda?
6
7 A: o quẽ pai ? o que é que ele diz?
8
9 Z: esse menino não anda.
10 -----
11
12 P: esse menino não anda.
13 -----
14
15 Z: ai ele vai pô-lo, em cima da mota.
16
17 JM: e<ss>e vai aqui.
18 <*> cadeira (...) na cadeira.
19
20 ///
21
22 A: sabes o que é um jardineiro?
23 explica lá.
24
25 JM: vou pôr isto. ((*uma pequena pá de jardinagem.*))
26 -----
27
28 A: hum?
29
30 JM: isto é (...)
31
32 A: isto (...) isto é para arranjar as flores, e ele
33 trabalha com isto, é para ele trabalhar.
34
35 JM: e est (...)
36 -----
37
38 A: tás a (...) tás a ver, ele aqui? ao pé duma árvore, no
39 jardim (...) ele trabalha no jardim.
40 ((*mostra-lhe os desenhos que estão na*
41 *caixa do brinquedo.*))
42 (...)
43
44 isto é para fazer buracos no chão, na terra.
45
46 JM: este é pa pôr (...)
47
48 A: e este? ((*passa-lhe o boneco do guarda chuva.*))
49
50 JM: este, anda por aqui. ((*põe-no em cima da mota.*))
51
52 A: anda por (...)
53 -----
54
55

1 JM: anda por aqui.
2 -----
3

4 A: anda por aqui ou anda pôr (...) anda pôr aqui?
5 -----
6

7 JM: e este, anda pachear, anda pachear (...)
8 ----- (*anda passear ou anda a passear.*)
9 oi, o guarda-chuva, o guarda-chuva (...) a outra ma<l>a?
10 outa ma (...) --
11

12
13 A: onde é que tá a outra mala? tá aqui, tá aqui.
14 ----
15 o que é que essa está a fazer?

16
17 (...)

18
19 JM: achim não. ((*não consegue encaixar o guarda-chuva no*
20 *boneco.*))

21 (...)

22
23 A: queres? o chapéu de chuva? (...) ((*encaixa-lhe o chapéu*
24 *de chuva.*))
25 não temos (...) não temos meninos na praia, poi não?
26 -----
27

28 JM: ooo (...) <temos>
29 ----
30

31 A: só no livro, não é?

32
33 JM: só.
34

35 A: podes pôr a mala aqui, ele vai para a escola de mota,
36 leva aqui a mala.
37

38 JM: olha (...)
39 ooh, oh tá qui, tá qui uma mota (...) dua<s> mota<s>
40 (...) (...)
41 ((*o carrinho de mão faz de segunda mota.*))
42 leva aqui uma ma<l>a.
43 -----
44

45 Z: <*> o carrinho como uma mota.
46

47 JM: tun-da-dum-da-dum (...) tum-da-dum-da-dum.
48 -----
49

49 olha o helicóto (...)
50 este já, já anda. ((*o cão amarelo.*))

51 (...)

52 este já anda. ((*o helicóptero.*))
53

54 A: aí não deve andar, só no chão.
55

1 Z: põe ali no chão, tira de cima do (...)

2
3 JM: nuanda.

4
5 A: só anda? não voa, João?

6
7 JM: ai (...)

8
9 A: João, o helicóptero não voa? (...)

10
11 JM: ta-ram-ta-ram, <vai atendê a porta!>
12 ta-ram-ta-ram.

13
14 P: olha, João, vais receber (...)

15
16
17 JM: ta-ram, ta-ram.

18
19
20 P: vais receber muitas prendas agora no Natal?

21
22 JM: é.

23
24 P: é o quê?

25
26 JM: ta-ram, ta-ram, a menina Conceição (...)
27 a menina Conceição vai <em pé> na mota! ((vai brincando
28 com o boneco em cima da mota.))
29 taaam ta-ram, ta-ram <* * *> ((a cantarolar.))
30 não anda (...) oi, oi.
31 quer ir para <* * *>
32 este nu anda, este nu anda (...) só este e o helicóto
33 anda (...)
34 olh'aqui a voare (...) olha aqui. ((o helicóptero está a
35 andar no chão.))

36
37 A: hum (...) a voar?

38
39
40 Z: a voar (...)

41
42 JM: <*> o manino, este manino, este (...)

43
44
45 P: o helicóptero está a voar? (...)

46
47
48 JM: este nuanda já vou górdar, vou górdar. (guardar)
49 ((refere-se ao carrinho de mão.))

50
51 A: vais guardar?

52
53 JM: vou.

54
55 A: mas o cão anda, não anda?

1 JM: anda.

2
3 A: onde é que ele está? não anda aqui ao pé?

4
5 Z: vai lá pôr o cão ali a voar, também.

6
7 P: o cão voa, João? (...) João, o cão voa?

8
9 JM: achim não, não voa.

10
11 A: não quê?
12 -----

13
14 JM: não voa aíí.
15 -----

16 este carro nuanda (...) só a mota anda.

17
18 Z: só a mota anda!
19 -----

20
21 JM: só a mota anda.
22 -----

23
24 Z: não é só a mota que anda.

25
26 JM: só, só.
27 -----

28
29 Z: há mais coisas que andam.
30 -----

31
32 JM: mais coijas qui andam.
33 <*> qui andam.

34
35 A: tu já vistes que o helicóptero tem olhinhos? já viste?
36 tem olhinhos, aqui, queres ver? (...)
37 é como o cão, olha aí.

38
39 Z: parece os olhinhos do cão (...) não?

40
41 JM: olh'aqui <* * *>.
42 -----

43
44 P: eu aposto que esses olhos são autocolantes.
45 -----

46
47 Z: não inventes (...) ííí, o cão a grande velocidade!

48
49 JM: é, é, anda, <*> andaaa <*> é! ((a gritar.))

50
51 Z: o rapaz está louco.

52
53 JM: ííí, gande mota, oi! gande!

54
55 A: caiu, teve um desastre?

1 JM: <não sei>.
2 a outa não? (...)
3 tá quii!!
4 outa mão, outa mão, outa mão, ta mão.
5 não no meu <bochinho> não. (*bolsinho?*)
6
7 A: sabes o que é uma enfermeira, João? sabes o que é uma
8 enfermeira?
9
10 JM: não.
11
12 A: não sabes? sabes o que é um médico?
13
14 P: sabes o que é um médico, João? (...)
15 João, sabes o que é um doutor? um senhor doutor?
16
17 JM: oi, caiu sabes, caiu!
18
19 A: tenho ali uma srã doutora.
20
21 P: ah-ah-ah (...)
22
23 Z: olhou logo!
24
25 JM: ah.
26
27 Z: para que é que serve o doutor? serve para quê,
28 João?
29
30 JM: a ovelha (...)
31
32 Z: isso é a ovelha Amélia.
33
34 JM: ooh, a bo<l>a.
35
36 Z: o que é que tem a bola, anda a voar também.
37
38 Z: o manino? o manino? (...)
39 -----
40 tá quiii, dento! ((*de uma caixa.*))
41
42 Z: tá aqui dentro
43 -----
44
45 JM: tão bons! (...)
46 -----
47 o papá, malaando (...)
48
49 Z: malandro, ah-ah!
50
51 JM: <* * * > ((*a cantarolar.*))
52
53 P: o papá é malandro?
54 -----
55

1 JM: <* * *> ((a cantar))
2 -----
3

4 P: oh João? o pai é malandro? quem é que é malandro?
5 -----
6

7 JM: é o <Vitinho malandrinho>.
8

9 P: o quê?!
10 -----
11

12 JM: olh'aqui? uma mota aqui.
13

14 (...)
15

16 JM: o guarda-chuva.
17 <* *>?
18

19 A: queres ver uma srã doutora? o que é que faz um sr.
20 doutor? o que é que ele faz?
21

22 JM: não tir(o) isto. ((qualquer coisa de um boneco.))
23

24 A: não quê?
25

26 JM: <* *> pa tirare.
27 -----
28

29 P: não tiro isto. (...)
30 já tiraste isso?
31

32 A: isso não é para tirar!
33

34 JM: olh'aqui.
35

36 Z: é melhor tirares o helicóptero aí de cima.
37

38 JM: isto nuanda. (isto não anda)
39

40 Z: tens que pôr no chão.
41

42 JM: olh'aqui.
43

44 (...)
45

46 Z: põe no chão.
47

48 A: sabes o que é isto, João? ((A. traz outro boneco; uma
49 enfermeira.))
50

51 JM: o qué isto?
52

53 A: o que é?
54

55 JM: é uma polichia. (polichia)

1 A: é quê?

2
3 JM: queres ver uma policia?

4
5 A: uma policia?

6
7 JM: é, é, é.

8
9 P: tá de uniforme!

10
11 A: é uma srã doutora do hospital!

12
13 Z: é uma enfermeira, pá.

14
15 A: queres ver? olha o que ela tem aqui. (...)

16
17 ///

18
19 A: é p (...) isto é para os doentinhos depois (...)
20 olha é para dar injeccões, para dar picas, sabes o que é
21 uma pica?

22 JM: não (...)

23
24
25 A: como é que (...) como é que ele chama a isso?

26
27
28 P: picas.

29
30
31 JM: vês?

32
33 A: isto é para dar picas aos doentinhos, olha (...)
34 tás a ver? são aqui, as picas.

35
36 JM: olh'aqui.

37
38 A: e isso é o tabuleiro, para levar a comida, e ela empurra
39 aqui com isto, queres ver? (...)
40 deve ser assim, acho eu.

41
42 JM: esta anda, esta anda.

43
44 A: ah (...) então? esta tá coxa.

45
46 (...)

47
48 JM: num é!
49 est' é manino, esta é o helicóto, não anda.

50
51 Z: o helicóptero (...)

52
53 A: este é um menino ou uma menina?

54
55 JM: é uma meni (...) um m (...) um menino.

1 A: é um menino ou uma menina? hum?

2
3 JM: este num anda.

4
5 A: olha, e agora (...)
6 já viste <* *?> ((dirigindo-se a Z. e a P.))
7 -----

8
9 JM: parado.

10
11 A: é pa colar.
12 -----

13
14 JM: agora é este.
15 -----

16
17 Z: aiii (...)

18
19 A: mas este é muito complicado para ele.

20
21 JM: este é muito complicado. (complicado)

22
23 Z: é

24
25 P: o que é isso?
26 -----

27
28 Z: é uns autocolantes <*> pa pôr o nome.
29 -----

30
31 A: <* * *>
32 -----

33
34 JM: e este?
35 -----

36
37 P: aah (...)
38 ----

39
40 JM: a <ch>enhora doutora.
41 -----

42
43 A: a srã. doutora.
44 -----

45
46 JM: e este? este (...)
47 -----

48
49 A: tás a ver? aqui é o sinal do ti-nó-nim, esta senhora é
50 que vai dentro do ti-nó-nim com os
51 doentinhos, estás a ver?
52

53 P: mas o João também tem um médico, também tem um doutor.

54
55 JM: oi, tirei. ((arranca o chapéu de um dos bonecos.))

1 A: tiraste o quê?

2
3 JM: é uma cabeçada.

4
5 A: uma quê? uma cabeçada?

6
7 JM: é.

8
9 A: isto é a malinha da senhora doutora, olha (...) onde
10 leva os remédios.

11
12 JM: o capachete. *((volta a pôr o capacete que tinha tirado
13 ao boneco.))*

14
15 A: capachete?

16
17 JM: é! do menino.
18 ói. *((não consegue encaixar bem o capacete.))*

19
20 A: a se (...) a senhora doutor onde é que es (...)
21 -----

22
23 JM: a senhora doutor? (...) onde estava? a senhora doutora?
24 (...) tá qui!
25 *((aponta para a caixa do boneco.))*

26
27 P: onde estava!
28 -----

29
30 A: onde é que está a senhora doutora?
31 -----

32
33 JM: não chei. *((não sei))*

34
35 P: tá onde?
36 -----

37
38 JM: tá qui.
39 -----
40 ooi, olh'aqui. *((pega no boneco do chapéu de chuva.))*

41
42 A: tu sabes o que é que a senhora doutora faz? (...)
43 o que é que faz o senhor doutor?

44
45 P: quando é que o João vai ao médico, João?
46 quando é que vai ao médico? é quando está como?
47 quando está doente, não é, João?

48
49 JM: é (...)
50 num é não.

51
52 A: não?
53 ---
54
55

1 P: não é? então tu vais ao médico sem estar doente?
2 ---
3

4 JM: ooh (...) ((levanta-se para ir buscar os brinquedos que
5 Z. tem na mão.))
6

7 Z: pronto, pronto, pronto, pronto; calma pá, calma, calma,
8 eu devolvo já.
9 este é muito giro, este é meu, aqueles ali todos são
10 teus.
11

12 JM: este (...) dá cá, dá cá.
13

14 Z: pá, não posso ficar aqui com ele?
15

16 JM: este não, este não.
17 este? hum? oi, tá aqui um parú.
18

19 A: tá quê?
20

21 Z: põe aqui o perú, dá cá o perú.
22 o perú para a sala de operações.
23

24 JM: não, não, o parú (...)
25 --- -----
26

27 Z: então o perú vai ser (...) tá doente pá!
28 -----
29

30 (...)
31

32 JM: <* *> este, este (...) não, não, não, aah (...)
33 ((arranca a cabeça ao boneco.))
34

35 Z: aaaah! acabou de ser decapitada.
36 -----
37

38 ///
39

40 JM: olh'aqui, anda, anda, vê como anda (...)
41 oi, caiu, parou (...)
42 eche no chão não anda. ((pega no cão amarelo.))
43

44 A: o quê?
45

46 JM: eche já não nuanda (...) este. ((pega no helicóptero.))
47

48 (...)
49

50 A: <*> queres uma bolacha?
51

52 JM: quero.
53

54 (...)
55

1 P: a bolacha é de quê, João?

2
3 JM: <tem> chocolaque.

4
5 P: hum (...)
6 é boa? (...)

7
8 A: é boa? (...)

9
10 Z: gostas? (...)

11
12 JM: gosto.

13
14 Z: muito obrigado.

15
16 JM: não quer<es> bolacha não? ((dirigindo-se a Z.))
17 (...)

18
19
20 P: dá cá ao pai, agora.

21
22 JM: eu gosto.

23
24 P: dá cá ao pai (...) dás? obrigado, filho. ((passa a
25 bolacha a P.))

26
27 JM: não! é pó João. ((pede de novo a bolacha a P.))

28
29 P: não, é pó pai.

30
31 JM: aaah (...) ((choraminga.))

32
33 A: o que é?

34
35 P: esta bolacha é de quem, João?

36
37 JM: é do João.

38
39 Z: é do João.

40
41 P: é do João?

42
43 JM: é!

44
45 P: mas o João não gosta da bolacha (...) gostas de bolacha?

46
47 JM: gosto.

48
49 P: gostas muito ou pouco? (...)
50 gostas muito ou pouco João?

51
52 JM: pouco.

SESSAO XII

DATA: 9 de Janeiro de 1991

IDADE: 2 Anos, 6 Meses, 1 Dia

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

P - Pai (João Miguel)

Z - Maria José (Zé)

A - António Quintas Mendes

L - Lúcia

1 ((JM encontra-se sentado à mesa e o pai ajuda-o a
2 comer.))
3

4 P: experimenta empurrar, péra aí (...)
5 -----

6 Z: o arroz, (...) tudo para dentro do prato.
7 -----

8
9 P: assim, olha, segura assim segura no garfo, segura no
0 garfo, segura, fecha! (...) e agora
1 empurra, assim, pronto!
2

3 P: não é o pão (...) vá, agora empurra com o pão.
4

5 JM: <a>qui.
6

7 P: iiisso!
8

9 JM: oi, pagou aqui. (pegou aqui) ((o arroz ficou todo
0 colado, pendurado no garfo.))
1

2 P: isso não tá (...) isso <*>!
3

4 A: oi quê? o qué qu'ele disse?
5

6 P: oi, pegou aqui.
7

8 JM: pegou aqui.
9

0 P: naão! péra aí João.
1

2 JM: <* *>
3 (...)
4 ai!
5

6 P: empurra lá, vá lá.
7

8 P: o que é isso qu'estás a comer, João? (...)
9 o qu'ê?
0

1 (...)
2

3 ///
4

5 JM: comê pão.
6

7 Z: comer pão, gostas mais de ovo ou de arroz? (...) o qu'ê
8 que gostas mais?
9

0 P: gosto de carne, diz lá.
1

2 JM: <* * *>
3 -----
4

1 Z: ai! devagar (a comer o arroz).
2 -----
3

4 P: devagar, João.
5 -----
6

7 L: devagarinho, vai.
8

9 JM: ooh (...) ((a empurrar)).
0

1 ///
2

3 Z: o qu' é qu' estás a fazer, João Miguel?
4

5 JM: olh'aqui, olh'aqui, ah-ah-ah, olh'aqui <tão
6 querido>
7

8 Z: isso é o quê? cowboy?
9

0 JM: <*> (...) põe os pés <a>ssim.
1 -----
2

3 L: olha o cão, tens o cão mesmo por trás do pé,
4 cuidado!
5

6 JM: olh'aqui os binquedos, aqui.
7

8 Z: ah, o.k. mostra lá, isso é o quê?
9

0 JM: é o <*>
1

2 Z: tens que falar mais alto que eu não te estou a ouvir.
3 -----
4

5 JM: <*> andar aqui, <a>qui, chochegado (sossegado)
6 <*> vai chentado, <*> vai sentado.
7 ((refere-se a um boneco, numa nota)).
8

9 (...)

0 tu ca (...)

1 tu cais, tu cais aqui, ai <*> cai <*>
2

3 Z: e mais?
4

5 JM: <* * *> (...) <* * *> (...)
6

7 Z: olha lá, vira-te lá para aqui para eu ver o que é que
8 tu estás a brincar.
9

0 JM: com os binquedos do João.
1

2 Z: sim, mas vira-te lá para mim (...)
3
4
5
6
7
8
9

1 JM: olh'aqui. ((*vira-se e mostra um boneco.*))

2
3 Z: isso é o quê?

4
5 JM: é um <*>, com as botas.

6
7 Z: e ele está a fazer o quê? (...)

8
9 JM: tá <a fazer> cambalhota, tá <a fazer> cambalhotas.
0 -----

1
2 Z: está a dar cambalhotas?
3 -----

4
5 JM: está a dar cambalhota aqui, tá a dar cambalhota, tá a
6 dar cambalhota, a dar cambalhota < * * * >

7
8 Z: o que é que ele tem na mão?

9
0 JM: pumba-catrapumba, eia, é, é uma mochi<l>a. ((*caiu o*
1 *chapéu de chuva da mão.*))

2
3 Z: é uma mochila? para levar para onde?

4
5 JM: pa pá escola, pa escola, pa escola (...)

6
7 Z: e mais?

8
9 JM: qui uma mochila, <é> pá escola.

0
1 Z: o que é que ele tem dentro da mochila?

2
3 JM: dentro da mochila, lá dentro da mochila.
4 ((*cantarolando.*))

5
6 Z: tem o quê, lá dentro?
7 -----

8
9 JM: a chucha.

0
1 Z: para que é que serve a chucha?

2
3 L: várias vezes.

4
5 JM: guardar vou guardar.

6
7 (...)

8
9 < * * * > ((*cantarolando*))

0
1 JM: olha isto, pichei (*pisei*) ((*uma caixa*)) (***)

2
3 Z: pisaste?

4
5 JM: pichei.

1 Z: e o que é que aconteceu?

2
3 JM: olh'aqui a <estoura> (sra. doutora), isto é
4 pa estoura.
5 ((refere-se a uma enfermeira e
6 respectivos acessórios.))
7

8 Z: vira lá para mim, que eu não estou a ver.

9 JM: oh, isto não! não cabe aqui!

10 Z: não cabe?

11 JM: cabe.

12 Z: experimenta de outra maneira (...)

13 JM: <eu/o que> qué este, <eu/o que> qué este.

14 Z: oh João, vira-te lá para mim (...) João! (...)

15 JM: (...) <*>

16 JM: oooh, pumba!

17 ((L. senta-se no chão junto a JM interagindo
18 directamente com ele a partir dos bonecos com
19 que está a brincar.))

20 JM: põe, põe, <*>

21 L: quem é que tinha partido isso? (...) hum?

22 JM: oh! foi o João.
23 -----

24 L: João, foi o João e o que é que o Quintas Mendes fez?
25 -----
26 (...) há?

27 JM: a mota.

28 L: o que é que fez o Quintas Mendes, João Miguel? (...)
29 hum?

30 JM: <*>

31 L: o que é que ele fez?

32 JM: a mota, a mota aqui.

33 L: ele colou isto, não foi?

34 JM: foi.

L: com fita cola (...)
então e (...)

JM: aaah (...)

L: (...) e a história que tu me ias contar?

JM: e isto também.

L: olha, conta-me lá a história deste menino.

JM: era uma vê, olha chái tudo *(saiu tudo)* *((de dentro da caixa))*.

L: era uma vez.

JM: <uma> menina.

L: uma menina (...)

JM: não (...)

L: como é que é a história?

JM: um menino.

L: um menino (...)

JM: e este?

L: conta, conta a história desses dois (...)

JM: este ia pacheare.

L: este ia passear, e o outro?

JM: aah, pumba catrapumba, caiu daqui. *((o boneco))*

L: conta lá, a história.

JM: ah, caiu ca daqui porra! estes miúdos <lá> da
escola (...) <*> olh'aqui os monecos,
olh'aqui um boneco.

L: olha, então mas conta-me a história desses meninos, eles
iam passear.

JM: é um chapéu.

L: e depois?

JM: o que <f>az esto? (...)

1 L: há?
2 que faz esto? (...)

3
4 JM: isto? tamém tem um chapéu, sabes? um chapéu.
5 ai, porra, ai porra (...)
6 ah! vem aqui.
7 -----

8
9 L: coitadinho, então, esse ficou sem cabeça, sem cabelo
0 -----
1 põe lá o cabelo.
2 onde é que eles iam passear? iam passear aonde? (...)
3 hum?
4 explica-me?
5 olha, este não tem um braço.

6
7 JM: pois não, não (...)

8
9 L: o que é que aconteceu? o que é que aconteceu a este
0 menino? (...)
1 João, o que é que aconteceu a este menino? (...)
2 o que é que aconteceu a este menino?

3
4 JM: este (...)
5 a guarda-chuva, o guarda-chuva, capachete, capachete.

6
7 L: mas é o cabelo.
8 -----

9
0 JM: capachete.
1 -----

2
3 L: aaah! tem um capacete.

4
5 JM: olh'aqui, olh'aqui o capachete.

6
7 L: então e não pões o cabelo? vamos pôr primeiro o cabelo.
8 (...)
9 põe lá o cabelo, primeiro (...)
0 não, tira o capacete, agora eu ponho o cabelo, depois
1 agora tu pões o capacete.

2
3 JM: boneco?

4
5 L: agora pões o capacete(...)
6 táqui.
7 o que é que aconteceu a este boneco? (...)

8
9 JM: e agora? <nus> <nós> temos colar.

0
1 L: não temos quê?

2
3 Z: temos que colar.
4 -----

1 JM: temos que colar.
2 -----
3

4 L: temos que colar?
5

6 JM: olh'aqui' ta colaaa (...) ((fita cola))
7

8 L: quem pôs essa cola?
9

0 JM: é <co>. (cola)
1

2 L: coitadinho desse cavalo, tá muito doente (...) não está?
3

4 JM: <pôr> aqui o, o capacete, aqui o cavaú (...) <cavalo>
5 ai! já pati este, já pati este aqui,
6 olha já pati este (...) tá mús (muito)
7 <v>ariado, tá mutó <v>ariado, (avariado)
8 tirar este (...) da caixa, este vou tirar
9 ooh, não tem, poi não?
0

1 L: pois não (...)
2

3 JM: poi não, não (...) não tem na cabeça <*>.
4 -
5

6 L: coitadinho, então fica sem cabelo também, esse?
7 -----
8

9 JM: e é (...)
0

1 L: onde é que está o cabelo? é este? não! (...)
2

3 JM: (...) fica, fica (...) oh! (...)
4

5 L: estou a pôr o cabelo neste, coitadinho.
6

7 JM: oh pá!
8

9 L: oh pá!
0

1 JM: oh pá! o <ou>, o outro? (outro)
2

3 L: qual outro?
4

5 JM: ah!, o<ou> ooh! vou pôr aqui.
6

7 L: pôr aí o quê?
8 deixa-me levantar aqui, tá aqui.
9 deixa-me pôr o cabelo nesse.
0

1 JM: não, aqui não, aqui não.
2

3 L: não?
4 coitadinho já não tem cabelo.

1 JM: já, já; já, já, (...) já, já. (cantando)

2
3 L: tiraste o cabelo a eles todos (...) tão todos carecas.

4
5 JM: oh! pumba! (...)

6
7 L: não lhe arranques esse bracinho, então? (...) tão.
8 dá cá, vamos arranjar, vamos pôr o bracinho (...)
9 dá cá, dá cá que a Lúcia põe, empresta! empresta!
10 -----

11
12 JM: este tem capachete.
13 -----

14
15 L: esse tem capacete.

16
17 JM: e este é o capachete.
18 -----

19
20 L: e o outro bracinho deste, deste menino, onde é que está?
21 -----
22 (...) hum?

23 JM: a mota, táqui, tava aqui (...) a mota não é do João
24 (...) tava aqui, a ovelha, e o cavalo
25 (...) o menino guadou o cavalo, o cavalo,
26 o cavalo, tum-ca-ta-pum, tum-ca-tapum.
27

28 L: tum-ca-ta-pum, onde é que o cavalo vai?

29
30 JM: vai pachear.

31
32 L: aonde?

33
34 JM: aqui <* * * >
35 -----

36
37 L: e ontem? ontem também foi passear?
38 -----

39
40 JM: aqui.

41
42 L: e ontem? (...) o cavalo ontem também foi passear?

43
44 JM: <* * * > hospital.

45
46 L: tá no hospital? (...)

47
48 JM: vai, vai.

49
50 L: essa ((caixa)) não é a do hospital, é esta, esta é que é
51 do hospital, não é? (...) olha aqui a
52 enfermeira (...)

53
54 JM: não, num é não, é e<s>ta, é, e<s>ta.

1 L: é, mas e o hospital? a caixinha é esta, daqui, não é?

2
3 JM: tava aqui.

4
5 L: pronto.

6
7 JM: pumba! ((põe o boneco dentro da caixa.))

8
9 L: e o cavalo foi para o hospital, porquê? (...)

0
1 JM: porque (...)

2
3 L: hum? (...)

4
5 JM: hum (...) ((coçando a cabeça.))

6 (...)

7 <* * *>, no hospital, poi não?

8
9 L: hä?

0
1 JM: ai! pica, pica.

2
3 L: foi aqui, aqui é que picou, foi aqui (...) o cavalo
4 (...)

5
6 JM: tá aqui, tava aqui.

7
8 L: hum?

9
0 JM: tava aqui.

1
2 L: tava aí?

3
4 JM: tava ali, não partas.

5
6 L: eu? eu não, eu não parto.

7
8 JM: só o João.

9
0 L: ah, o João é que parte? (...) não, não, o João também
1 não pode partir.

2
3 JM: olh'aqui'lh'aqui.

4
5 L: vamos pôr o capacete neste senhor.
6 ou pomos neste? pomos neste, pronto (...)

7
8 JM: não, nesse não.

9
0 L: não?

1
2 JM: neste.

- 1 L: nesse.
2 tá ao contrário João, tá ao contrário, tira o capacete e
3 põe (...)
4 isso, assim é que tá bem.
- 6 JM: achim é canda <n>a mota. (*assim é que anda na mota*)
7 (...)
8 e vai um menino, vai o menino pá escola, oooh!
- 10 L: oooh! (...)
- 12 JM: olha, vem aqui, vem aqui (...) oooh!
- 14 L: oooh! (...)
- 16 JM: oh! pumba, caiu os dois (...) oh! pumba! ais (*vais*)
17 cair, vais cair.
- 19 L: onde é que eles vão na mota?
- 21 JM: vão pachear, oh! pumba!
- 23 L: vão passear?
- 25 JM: caiu.
- 27 L: agora, de noite? (...)
- 29 JM: é.
- 31 L: é?
32 onde é que eles vão?
- 34 JM: vão pá escola.
- 36 L: para a escola, à noite?
- 38 JM: vão, vão.
- 40 L: tu vais pá tua escolinha à noite? (...) hum?
- 42 JM: não.
- 44 L: então vais quando?
- 46 JM: então vais (...) quer ir ao <*>
47 -----
- 49 L: quando é (...) quando é que tu vais para a tua
50 ----- escolinha?
- 52 JM: olha, olha um bacho (*braço*), tava aqui o João vai
53 patire.
54 (*arrancou-lhe um braço*)

1 L: ooh! coitadinho, ficou sem braço.

2
3 JM: deixa!

4
5 L: ooh! tadinho, não tens pena dele? (...)
6 não as pernas não saem, João, ai, saem, coitadinho do
7 boneco (...)
8 coitadinho! eu não queria ser boneco.

9
0 JM: olh'aqui sem bacho. (*braço*)

1 L: hum? (...)
2 e agora? coitadinho.

3
4 JM: foi uma péna, uma péna (...) ooh! pumba, o bacho.

5 L: coitadinho do boneco, tá todo partido, olha isto (...).

6 JM: agora vai patir este.

7 L: não vai partir esse, não vai não! pera, ess (...) as
8 peças deste põe aqui (...) não, põe aqui,
9 aqui, põe aqui, põe aqui. João (...)

0 (...)

1 JM: tá este andare, tá este (...) <* * *> (...) olh'aqui,
2 olh'aqui. (*cantarolando*)

3 L: coitadinho do boneco.

4 JM: oh, pomba!

5 L: pomba? pumba? o que é que tu disseste? (...) hum? pumba?

6 JM: olha (...) só um.

7 L: pronto, este já veio do hospital (...)

8 JM: ponto, este já vou ó hospital.

9 L: esse vai para o hospital?

0 JM: vai.

1 L: porquê?

2 JM: tá doente.

3 L: tá doente? com quê? (...) há?

4 JM: tá doente.

5 L: tá com gripe?

1 JM: e este? ah (...) ah (...) ((*esforçando-se para arrancar*
2 *um braço a um boneco.*))

3 L: não sai, esse não sai.

4 JM: e depois chái! não tem, poi não? poi não, não (...)
5 ooh! (...) ooh!

6 L: ooh! o que foi?

7 JM: ooh!

8 L: o que é?

9 JM: e<s>te não! ((*o boneco que a Lúcia está a arranjar.*))

10 L: esse não?

11 JM: não! <* *> de motaa.

12 L: ai esse vai andar de mota? vai de capacete?

13 JM: não!

14 L: não?

15 JM: ele não vai o capachete (...)
16 não abre, abre, abe! ((*a mala do boneco.*)) <* *> o
17 capachete e a mota (...)
18 (...)

19 agora (...) a mochila, a mochila ((*cantarolando*))

20 L: queres ver um livro, que eu tenho aqui?

21 JM: quero.

22 L: então mas agora tomas atenção ao livro.
23 e pões os bonequinhos aqui de lado, tá bem? (...) tá
24 bem? sim? (...)
25 pronto, vamos ver o livro agora?

26 JM: é.

27 L: é?

28 JM: a caixinha, e este, e este, e este, e ã (...)

29 L: todos, ai, o balão.
30 esse (...)

31 L: tá bem? vamos (...) pronto.
32 agora vais ver o livro e vais-me contar o que lá está,
33 tá bem?
34

1 JM: olh'aqueles bonecos.

2
3 L: tá bem? (...)

4
5 JM: vou guardar aquele (...)

6
7 (...)

8
9 L: pronto.

0
1 A: este balão é muita grande.

2
3 JM: agora aqueles.

4
5 L: ah, esses podem ficar aí.
6 vem aqui (...) senta aqui ao pé de mim para me contares
7 a história.

8
9 L: senta aqui João, para me contares a história, aqui ao
0 meu lado, aqui, aqui.

1
2 JM: qui! (...)

3
4 L: posso (...) já posso mostrar? posso?

5
6 JM: já.

7
8 L: então agora vamos (...) agora pomos aqui os brinquedos,
9 agora vais olhar só para o livro.

0
1 JM: <*>

2
3 L: pronto, tão todos a aqui!

4
5 JM: tão todos aqui.

6
7 L: tudo aqui, pronto.

8
9 JM: tudo aqui.

0
1 L: tudo aqui, pronto.
2 e agora vais-me contar o que está no livro, tá bem?

3
4 JM: tá.

5
6 L: ah! eu mostro, eu mostro.
7 vamos, senta, senta.

8
9 JM: <* * *>

0
1 L: mas senta.

2
3 JM: moosto!

1 L: senta, senta, senta aqui, aqui (...)
2 olha, tens que me ir dizendo, tu.
3 eu vou passando.
4 o que é que tá aqui?

6 JM: é um manino.

8 L: a fazer o quê?

10 JM: com chinêos. (*chinelos*)

12 L: com chinelos e que tá sentado na cama, não é? (...)
13 tá a acordar (...) não é? (...) hum?
14 olha aqui.

16 JM: <* * *>

18 L: olha, ele acordou, tava sentado na cama, não era?

20 JM: não, não, da-não, da-nã. (*puxando o livro.*)

22 L: e agora? o que é que ele fez agora?
23 ai, ai, ai, ai (*está a puxar-lhe o livro*)
24 e agora? o que é que ele está a fazer?
25 está a tirar o quê? saiu da cama, tá a despir o
26 pii(...) pijama (...) não é?

27 JM: olh'aqui.

29 L: e agora para onde é que ele vai?

31 JM: mexê das pelantas.

33 L: há?

35 JM: mexê das pelantas.

37 L: vai mexer nas plantas?

39 JM: vai.

41 L: mas esteve a tomar banho, não foi? na casa de banho?
42 (...) hum? (...) teve, e depois vestiu o quê?

44 JM: vetiu o roupão. (*vestiu o roupão*)

46 L: vestiu o roupão de banho.
47 e depois? vamos ver o que é que aconteceu? (...) sim?

49 JM: <*>

51 L: olha, o que é que ele tá a fazer aqui? (...) tá com a
52 mãe, o que é que a mãe está a fazer?
53 (...) o que é que a mãe está a fazer,
54 ao menino?

1 JM: despir.

2
3 L: tá (...) não, não, tá a vestir, não é?
4 tá a vestir-lhe o quê? o que é que a mãe lhe está a
5
6 vestir?

7 JM: é as calças.

8
9 L: as cuecas e a camisola, e agora aqui? (...) o que é
0 que ele vai fazer? (...) vai vestir o
1 quê? (...) as calças (...) não é?

2 JM: agora aqui. ((noutra página))

3 L: e aqui?

4 JM: a mãe (...)

5 L: é a mãe (...) O que é que ele está a fazer?

6 JM: <*>

7 L: hum? (...) o que é que ele está a fazer agora? (...) tá
8 a vestir o quê? (...) hum?

9 L: <* * *> (...) está a fazer o quê? (...)

0 L: diz? está a vestir a (...)

1 JM: aa (...) me deixa ver. ((quer virar a página))

2 L: péra, péra, péra.
3 tens que me dizer aqui o que é que a mãe está a fazer.

4 L: tá a ajudá-lo a quê? (...) há?

5 JM: tem choelhos. (joelhos ?)

6 L: tem o quê?

7 JM: tem (...) tem (...) tem um dó-dói.

8 L: tem um dói-dói, o menino?
9 aonde é que tá o dó-dói?

0 JM: tá aqui.

1 L: ah! pois é! parece que (...)
2 -----

3 JM: a mãe tem um dói-dói.
4 -----

1 L: e a mãe também.
2 e o que é que a mãe tá a fazer? (...) e o que é que a
3 mãe tá a fazer ao menino? (...)
4 olha, João (...) tá a ajudá-lo a quê? (...) a vestir
5 (...) a camisa.
6 e aqui? o que é que ele está aqui a fazer? (...)
7

8 JM: deixa ver, deixa ver.
9

10 L: péra, péra, tás a ver, tás a ver.
11 o que é que ele está a fazer aqui?
12

13 JM: um palhaço.
14

15 L: um palhaço.
16

17 JM: um pó-pó (...) um pó-pó, aqui.
18

19 L: pois tá, tá aí um pó-pó.
20

21 JM: <* * * > dó-dói.
22

23 L: e aí, o que é que ele está a fazer?
24

25 JM: olha a mãe (...) olh'aqui a mãe.
26

27 L: é a mãe.
28

29 JM: e este é a mãe.
30

31 L: é a mãe, também.
32

33 JM: oh, não tem cabeça.
34

35 L: não tem cabeça?
36

37 JM: tem não (...)
38

39 L: (...) e aqui o que é que ele está a fazer?
40

41 JM: a mãe não <mó> <mora> aqui.
42

43 L: hum?
44

45 JM: qui não.
46

47 L: aqui não o quê? (...) aqui a mãe tem cabeça, não é?
48 (...)
49

50 JM: aqui, aqui não.
51

52 L: aí não tem.
53
54

1 JM: só aqui (...)
2 olh'aqui (...) qui não tem. ((refere-se ao livro.))

3 L: ainda não viste todo há aqui mais, olha.
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76
77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97
98
99
100
101
102
103
104
105
106
107
108
109
110
111
112
113
114
115
116
117
118
119
120
121
122
123
124
125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148
149
150
151
152
153
154
155
156
157
158
159
160
161
162
163
164
165
166
167
168
169
170
171
172
173
174
175
176
177
178
179
180
181
182
183
184
185
186
187
188
189
190
191
192
193
194
195
196
197
198
199
200
201
202
203
204
205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238
239
240
241
242
243
244
245
246
247
248
249
250
251
252
253
254
255
256
257
258
259
260
261
262
263
264
265
266
267
268
269
270
271
272
273
274
275
276
277
278
279
280
281
282
283
284
285
286
287
288
289
290
291
292
293
294
295
296
297
298
299
300
301
302
303
304
305
306
307
308
309
310
311
312
313
314
315
316
317
318
319
320
321
322
323
324
325
326
327
328
329
330
331
332
333
334
335
336
337
338
339
340
341
342
343
344
345
346
347
348
349
350
351
352
353
354
355
356
357
358
359
360
361
362
363
364
365
366
367
368
369
370
371
372
373
374
375
376
377
378
379
380
381
382
383
384
385
386
387
388
389
390
391
392
393
394
395
396
397
398
399
400
401
402
403
404
405
406
407
408
409
410
411
412
413
414
415
416
417
418
419
420
421
422
423
424
425
426
427
428
429
430
431
432
433
434
435
436
437
438
439
440
441
442
443
444
445
446
447
448
449
450
451
452
453
454
455
456
457
458
459
460
461
462
463
464
465
466
467
468
469
470
471
472
473
474
475
476
477
478
479
480
481
482
483
484
485
486
487
488
489
490
491
492
493
494
495
496
497
498
499
500
501
502
503
504
505
506
507
508
509
510
511
512
513
514
515
516
517
518
519
520
521
522
523
524
525
526
527
528
529
530
531
532
533
534
535
536
537
538
539
540
541
542
543
544
545
546
547
548
549
550
551
552
553
554
555
556
557
558
559
560
561
562
563
564
565
566
567
568
569
570
571
572
573
574
575
576
577
578
579
580
581
582
583
584
585
586
587
588
589
590
591
592
593
594
595
596
597
598
599
600
601
602
603
604
605
606
607
608
609
610
611
612
613
614
615
616
617
618
619
620
621
622
623
624
625
626
627
628
629
630
631
632
633
634
635
636
637
638
639
640
641
642
643
644
645
646
647
648
649
650
651
652
653
654
655
656
657
658
659
660
661
662
663
664
665
666
667
668
669
670
671
672
673
674
675
676
677
678
679
680
681
682
683
684
685
686
687
688
689
690
691
692
693
694
695
696
697
698
699
700
701
702
703
704
705
706
707
708
709
710
711
712
713
714
715
716
717
718
719
720
721
722
723
724
725
726
727
728
729
730
731
732
733
734
735
736
737
738
739
740
741
742
743
744
745
746
747
748
749
750
751
752
753
754
755
756
757
758
759
760
761
762
763
764
765
766
767
768
769
770
771
772
773
774
775
776
777
778
779
780
781
782
783
784
785
786
787
788
789
790
791
792
793
794
795
796
797
798
799
800
801
802
803
804
805
806
807
808
809
810
811
812
813
814
815
816
817
818
819
820
821
822
823
824
825
826
827
828
829
830
831
832
833
834
835
836
837
838
839
840
841
842
843
844
845
846
847
848
849
850
851
852
853
854
855
856
857
858
859
860
861
862
863
864
865
866
867
868
869
870
871
872
873
874
875
876
877
878
879
880
881
882
883
884
885
886
887
888
889
890
891
892
893
894
895
896
897
898
899
900
901
902
903
904
905
906
907
908
909
910
911
912
913
914
915
916
917
918
919
920
921
922
923
924
925
926
927
928
929
930
931
932
933
934
935
936
937
938
939
940
941
942
943
944
945
946
947
948
949
950
951
952
953
954
955
956
957
958
959
960
961
962
963
964
965
966
967
968
969
970
971
972
973
974
975
976
977
978
979
980
981
982
983
984
985
986
987
988
989
990
991
992
993
994
995
996
997
998
999
1000

JM: não.

L: João.

JM: tava aqui um manino.

L: tá aí um menino.

JM: agora <* * * >

L: tiveste muitas prendas de Natal, João?

JM: olh'aqui uma outa história. ((outro livro))

L: ele não me liga nenhuma.

JM: olh'aqui uma outa história pó João.

L: ai, essa é muito gira, João!
ah, tá ao contrário o livro, tá ao contrário (...)

JM: uma vez (...) na paia.

L: era uma vez (...) na praia.

JM: olh'aqui (...) pai e a mãe <*> uma estêua (estrela)

L: pai e a mãe o quê? (...)
conta lá a história.

JM: olh'aqui.

L: conta a história.

JM: olha, panharam (apanharam) uma estêua, (estrela) ali,
panharam uma estêua.

L: apanharam uma estrela ali.

JM: olh'aqui um caracole.

L: isso é um caracol?

JM: é.

1 L: quem é que apanhou o caracol?
2

3 JM: foi a<l>i na paia.
4

5 L: foi na praia?
6

7 JM: foi ali (...) <n>esta paia. <*> panhou uma estêla.
8

9 L: apanhou uma estrela.
10

11 JM: uma estêla.
12

13 L: uma estrela do mar (...) não é?
14

15 JM: e<le> não pode andar a passar a água.
16

17 L: vai passar a água.
18 já acabou, a história? ((JM fechou o livro.))
19

20 JM: já, e esta também.
21

22 L: também?
23

24 JM: é.
25

26 L: já acabaram as duas histórias?
27

28 JM: agora outa história. ((levanta-se))
29

30 L: outra história?
31

32 JM: olha o <*>!
33

34 L: conta lá outra história.
35

36 JM: outa histó (...) outa histó (...) olha tá (...)
37

38 A: Lúcia, tão ali histórias naquele banquinho.
39

40 JM: histó (...)
41

42 L: quais?
43

44 JM: ai (...)
45

46 L: (...) olha aqui mais histórias. olha aqui mais histórias
47 para mim, estas são para mim!
48

49 JM: estas são pa mim.
50

51 L: estas são p'ra mim.
52

53 JM: estas são pa mim.
54 vamos cair. ((L. está a pegar em JM.))

1 L: vamos cair os dois.

2 JM: iááá.

3 L: iá, vais-me contar a história, vais?

4 JM: esta, esta.

5 L: vais contar? (...) qual? esta ou esta?

6 JM: olh'aqui, olh'aqui.

7 L: tá ao contrário ((o livro)) (...)
8 "o caracol glutão" (...) aah, conta-me esta história.

9 JM: olh'aqui, olh'aqui.

10 L: conta-me esta história.

11 JM: aqui, olh'aqui, olh'aqui.

12 L: olh'aqui, olh'aqui (...) o que é?

13 JM: olh'aqui.

14 L: olha, é o quê, isto?

15 JM: olh'aqui uma mão, olh'aqui uma mão.

16 L: é uma mão, (rindo) é a pata do passarinho, não é? a
17 patinha dele.

18 JM: hum! olh'aqui, lh'aqui, lh'aqui.

19 L: e aí o que é?

20 JM: e isto!

21 L: é uma joaninha (...) não é?

22 JM: é uma jo (...)

23 L: não é?

24 JM: e isto?

25 L: é a joaninha está a comer uma folha (...)

26 JM: <o>lh'aqui, é uma pássaro.

27 L: há?

28 JM: é uma la<r>gata. (lagarta)

1 L: é uma lagarta, pois é.
2

3 JM: ooi, ai, ai, ai! ((um bicho, no livro.))
4

5 L: ai que ele pica! seu maroto!
6 que bico tão grande que ele tem, não é?
7

8 JM: é, é.
9

0 L: tem um bico muito grande.
1 e o caracol? onde é que tá o caracol?
2

3 JM: tá aqui.
4

5 L: aí, é um muito grande este caracol, não é?
6
7

8 JM: e este?
9
0

1 L: esse não sei o que é, o que é que tu achas que é este?
2

3 JM: é um chapo.
4

5 L: um sapo? (...) achas?
6

7 JM: acho.
8

9 L: achas?
0 olha, então e anda-me contar a história.

1 JM: <* * *>
2

3 L: há?
4

5 JM: <* * *>
6

7 L: outro? ((livro)) mas olha, aqui há mais, aqui dentro
8 anda ver o que aconteceu a estes.
9 ((abre o livro.))

0 JM: há mais, há mais, aqui há mais (...) <tem> mais!
1

2 L: anda-me (...) não, não atira assim! ((o livro))
3

4 JM: põe aqui, mais é pr'aqui <* * *>. ((para o chão, onde
5 está sentado.))
6

7 L: anda ver aqui, anda pá aqui.
8

9 JM: aqui, aqui.
0 (...)
1 já este <* * *>

1 L: conta-me essa história!
2
3 JM: esta <* * *>
4
5 L: há?
6
7 JM: a mmm (...) já vou vê, tem um cava-ó, não!?
8
9 L: não, não é um cavalo, o que é?
0
1 JM: é um pácharo <*> olh'aqui é umá (...)
2
3 L: é a lagarta (...)
4
5 JM: olh'aqui, é umá, um caracole (...)
6
7 L: cabou, essa acabou.
8
9 JM: oh!
0
1 L: olha aqui, olh'aqui, tão bonito.
2
3 JM: olh'aqui um, olh'aquii.
4
5 L: uma estrela do mar, não é?
5
7 JM: olh'aqui!!
8
9 L: ai, o que é esse?
0
1 JM: é um biicho.
2
3 L: é um bicho, mas como é que se chama?
4
5 JM: olh'aqui, olh'aqui um bicho (...)
6
7 L: é um caranguejo! (...) não é? (...) não é um caranguejo?
8
9 JM: aqui. ((aponta a figura.))
0
1 L: pica.
2
3 JM: aaaai! olh'aqui.
4
5 L: aaai (...) e aí o que é?
6
7 JM: é um peixinho.
8
9 L: um peixinho, muito lindo.
0
1 JM: olh'aqui, olh'aqui os olhos.
2
3 L: um caracol.

1 JM: vai fugire.

2 L: hum? vai fugir?

3 JM: vai, pois vai, vai (...) e cabou uma tória (*história*),
4 é pan tória, acabou a história.
5 ((*fechou o livro.*))

6 L: hum-hum (...) agora contas-me esta?

7 JM: é (...) quais são, quais são pistolelo (?)

8 L: há?

9 JM: pistolelo (...) olh'a museca (*música*), tum-tum (...)
10 uma vez (...)

11 L: tá ao contrário. ((*o livro*))

12 JM: ooh! (...) chim não. (*assim não*)
13 olha, tem um passarinho aqui.

14 L: tem um passarinho aí.

15 JM: tem, tem, tem um pachari (...)

16 L: e aqui?

17 JM: ee (...)

18 L: vai, con, conta-me a história, vai mostran, vai
19 mostrando as vá, as várias páginas, vá.

20 JM: olh'aqui.

21 L: ai, chega mais p'aqui pó pé de mim para eu ouvir melhor.
22 -----

23 JM: olha um cangurú.
24 -----

25 L: isso é um cangurú? (...) não ééé!
26 é para ali, para aquele lado, vai passando p'aqui,
27 assim (...) assim (...) ((*as páginas*))
28 e aqui, o que é que, olha aqui, olha, olha, olha,
29 peixinhos.
30 olha a água, aqui.
31 e este, o que é que ele vai fazer? (...) hum?

32 JM: tá dentum na água. ((*está dentro da água*))

33 L: tá na água, mas parece que ele quer fazer o quê? quer
34 apanhar (...)

1 JM: os peixinhos.

2
3 L: os peixinhos (...) e ali? o que é que ele quer apanhar,
4 ali? (...) quer apanhar (...)

5 JM: as bobo<l>etas.

6 L: as abelhas.

7 JM: as abe<lh>as.

8 L: as abelhas.
9 vamos ver a outra ((página)) péra, péra (...)
0 olha, aqui ele tá constipado (...) é? (...) tá
1 constipado? (...)

2 JM: ai, esta não tás constipado, lh'ó mocho.

3 L: é um mocho!

4 JM: é um mocho.

5 L: não, p'aqui, p'aqui, pa este lado, pa este lado, aí já
6 viste.
7 aí já viste, aqui é que a gente ainda não viu, pa este
8 lado.
9 ((JM estava a tentar passar as folhas para traz.))

0 JM: já.

1 L: este já vimos, agora pá frente (...)

2 JM: agora pá frente.

3 L: ai, ai, assim, assim, assim, não, assim fica ao
4 contrário.

5 JM: olh'aquii (...)

6 L: olh'aquii (...)

7 JM: olh'acámos pintar aqui uma, a história (...) mais outa
8 não.
9 (olha acabámos de pintar aqui uma
0 história, mais outra não)

1 L: hum?

2 JM: mais outa não, poi não?

3 L: mais outra não, pois não? tá bem, então vai guardar
4 as histórias, vai, vai lá pôr, no sítio.

1 JM: ahhh (...) ((*levantando-se*))

2 L: podes? ((*com os livros.*))

3 JM: esta.

4 L: pronto (...) péra, eu ajudo.

5 JM: é jogar a isto.

6 L: a isto?
7 vá põe aí, as histórias, pronto, não, não.

8 JM: qué jogar a isto.

9 L: ai.

10 A: oh pai, pergunta lá ao filhote (...)

11 JM: qué jogar a bola.

12 A: como é que foi o Natal, para ver se ele fala um
13 bocadinho no passado.

14 JM: anda, <v>amos cair. ((*JM puxa A. por um braço.*))

15 A: há? Há?

16 JM: <v>amos cair, <v>amos cair.

17 A: vamos aonde? vamos aonde?
18 olha, tiveste muitas prendas de Natal?

19 JM: aaai, vou caí (...) ((*JM debruça-se em cima de A, e
20 empurra-o para o chão para que
21 rebole com ele na carpete.*))

22 A: ahh-ahhh, tamos a cair, ai, ai, que eu já caí.

23 JM: ai ca gen caí.

24 A: ai ca gente caíu. ((*estão ambos no chão.*))

25 JM: o João.

26 A: o João caíu?

27 JM: ai, o João, ai.

28 A: ai, ai, ai que a gente cai, ai, ai.

1 JM: ai, ai, ai.

2 (...)

3 vamos (...) vamos brincare. ((A. levantou-se))

4 ///

5 ((JM é surpreendido com um presente, uma pista de
6 comboio a pilhas; o pai ajuda a desembrulhar e a
7 montar o brinquedo.))

8 JM: olh'aqui (...) agora esta, também <*> ((está a mexer no
9 móvel dos discos.))

10 A: João (...)
11 ah-ah, cuidado com isso!

12 JM: isto faz baruío. (barulho) ((refere-se ao chiar da
13 porta do móvel))
14 qué isto?

15 A: João.

16 P: João.

17 A: João, toma a tua prenda, de Natal.

18 JM: qui (...)

19 A: do Pai Natal, toma.

20 P: o que é que tu recebeste no Natal, João? (...)

21 A: é a tua prenda, pra ti (...)

22 P: oh João, não abres a prenda? (...) ((JM foi buscar uma
23 caixinha; parece envergonhado))

24 JM: anda cá!

25 P: eu é que tenho que ir aí? queres que eu abra? a prenda?

26 JM: quero, ché uma caija, qui, ché uma caixa aqui <* *>
27 ---
28 caija.
29 -----

30 (é uma caixa aqui)

31 Z: tá a demorar muito, aquilo.
32 -----

33 P: o quê? isto?

34 JM: é uma (...)

1 P: vamos abrir?

2
3 JM: amos abrire.

4
5 P: vamos?

6
7 JM: amos.

8
9 P: queres ver o que é?

0
1 JM: éé (...)

2
3 P: ei! devagar, não é preciso rasgar o papel (...)
4 temos que ter paciência, não é verdade? (...)
5 o que é isto?

6
7 JM: hum?

8
9 P: ei calma, ehh (...) olha só, o que é, João?

0
1 JM: é o comboio (...) abre.

2
3 P: abre, pronto! o pai abre.
4 vocês são malucos, pá (...)
5 eí-i-i!
6 ih!!!

7
8 A: ah! ah! ah! ah! ah!

9
0 L: não vai durar muito.

1
2 P: ah! ah! João, devagarinho!

3
4 Z: <* * *>

5
6 P: ah! ah-eh (...)

7
8
9 JM: <* * *>

0
1
2 P: isso anda e tudo?

3
4 A: anda.

5
6 P: não, não pode.
7 oh João (...)

8
9 JM: <* * *>

0
1
2 P: olha, João, devagarinho! devagar! de-vagar!

3
4 Z: pó pai brincar.

1 P: é evidente.

2
3 JM: isto (...)

4
5 P: olha, devagarinho, João, tá bem? devagar, deixa estar
6
7 isto aqui.

8 JM: tá aqui <o/um> comboio.

9 A: <* * *>

10 P: <* * *>

11 JM: olh'aqui <* *>, istos tens as pilhas (...) istos tens
12
13 pilhas.

14 P: muda as linhas e tudo.
15 ah, ha, ha.
16 aai! (...) devagar, João.

17 JM: estas são (...)

18 P: o pai faz, o pai (...)

19 A: ah! ah! ah! ah!

20 L: ah! ah! ah! ah!

21 JM: oia o comboio (...) olh'ó comboio (...) eche é chim
22
23 (...) este, este não.

24 P: vamos lá montar isto.

25 JM: amos a montar isto as pilhas (...) não. amos a montar
26
27 isto, as a montar isto, amos a montar
28
29 estas pilhas não (...)

30 P: devagarinho.

31 A: João, se quiseres (...)

32 P: hä?

33 JM: vai andare? pode, pode, pode aqui.

34 P: hä? (...)

35 A: se quiseres ver o filme (...)

36 JM: ena! estas coisas.

37 P: devagarinho João! olha só, olha só o que o pai está a
38
39 fazer.

1 JM: olha chó (...) olh'aqui.
2 olha! olha pó comboio pachare, era para (...)

3
4 P: devagarinho, João, eu sei que é para o comboio passar.
5 agora, "take it easy", "hold on your horses", aguenta os
6 cavalos.
7

8 JM: olha!

9 P: aguenta os cavalos.

0 JM: aguenta os (...)

1 P: os cavalos, diz lá.
2 -----

3 JM: os (...) era aí! n, não raspa, não!

4 P: pera aí, pera aí, pera aí.
5 diz lá, aguenta os cavalos.

6 JM: aguenta os cavaús.

7 P: exactamente (...) ((rindo))

8 A: hum! hum!

9 JM: agora o comboio, agora não passa por aqui, poi não, não.

0 P: péra, péra, mas passa (...)

1 JM: péra, péra.

2 P: mas passa por aqui, olha (...)

3 JM: pachare, puchraqui, por aqui, comboio parar, passa.
4 gora dá! pacha pache, pacha por aqui, pach (...) gora
5 pach (...) por aqui.
6 (agora passa por aqui)
7 gora pacha os cavaús (...) (agora passam os cavalos) mas
8 pacha um ca (...) chacho. (?)

9 P: oi, péra aí, vai (...)

0 JM: oi, pás! (...) ((tropeçou na caixa))

1 P: vai devagarinho, ó (...)

2 JM: mas pacho, tar ávos (...) das ávoves. (árvores)
3 ((refere-se às árvores da pista do comboio))
4 e tem uma guenta. (?)

- 1 A: o quê?
2
3 JM: tem uma guentaa.
4
5 A: uma (...) o que é, o que é que ele está a dizer?
6
7 JM: achim, achim (...) agó vou fazer uma guenta, chiro.
8
9 A: o que é uma guenta?
0
1 JM: combóio, ó! (...)
2
3 A: o que é uma aguenta?
4
5 JM: é uma guenta.
6
7 A: o que é, o que é que ele diz guenta, João?
8 ((dirige-se a P.))
9 P: não sei o que é.
0
1 JM: num chei qué (...) é comboi (...)
2
3
4 P: o que é, João?
5
6
7 JM: oooh! o comboio? (...) este.
8
9 P: péra aí, João, péra aí.
0 eu tenho a impressão que ele já partiu esta ponte.
1
2 A: ah-aah (...) já?
3
4 P: não.
5
6 JM: deixa eu ver.
7
8 P: espera, espera, deixa ver, <*> (...)
9
0 L: puseste a pilha, onde é que é a pilha? (...) onde é que
1 entra a pilha, Tô Mané?
2
3 A: não sei (...)
4
5 JM: táqui! táqui! táqui, tá qui, a pilha.
6
7 A: isto é um túnel (...) para pôr aqui, o comboio passa por
8 baixo.
9
0 L: por dentro.
1
2 A: por dentro?

- 1 P: espera, ai, oh, mo (...) moinante, moinas.
2
3 JM: comboios (...)
4
5 L: comboios (...)
6
7 JM: o comboio pára.
8
9 Z: como é que faz o comboio, João?
0
1
2 JM: pára! passa por aqui (...) pacha, por aqui.
3
4 A: oh, cuidado, cuidado, cuidado.
5
6 JM: pach (...) por aqui.
7
8 P: João!
9 já está a pisar, o gajo.
0
1 JM: huuuu (...)
2
3 P: espera aí um bocadinho, tá bem?
4
5 JM: tá bem.
6
7 P: só um bocadinho.
8
9 JM: só um bocadi (...)
0
1 A: olha, João, João.
2
3
4 JM: já lá está, este, este, este.
5
6
7 Z: ó João Miguel, senta-te (...)
8
9 JM: tás a bêre (...) *(estás a ver)*
0
1 L: é pá. (...)
2 ah-eh! *((o comboio começou a andar mas virou-se.))*
3 *<* * *>*
4
5 JM: tão aqui as coiças (...) *(coisas)*
6
7 L: é pá, isto é um bocado (...)
8
9 JM: lh'a isto.
0
1 L: eh pá! isto é um bocado manhoso.
2
3 JM: isto é o <capxe> (...) isto, isto é um, é um (...) <*>
4 *<* *>* (...)e isto, isto Zé?

1 Z: isso eu não sei pa que é.
2

3 JM: e isto?
4

5 L: não faço a mínima idéia.
6

7 Z: vê pelo, pelo desenho.
8

9 JM: tava aqui um homem (...) aah (...)
0

1 A: tava aí um homem?
2

3 JM: tava, tava aí (...)
4

5 A: aonde?
6

7 JM: tava aqui, tava aqui (...) gora (agora) o comboio vai,
8 aqui, <tavaquimboito>.
9

0 ///
1

2 ((finalmente JM vê o comboio a funcionar.))
3

4 JM: <*> já, cha chavore (faz favor) (...) oooh! virou-che,
5 pá li, virou-che pá li (...) ó pá!
6

7 A: <*> esta casinha é aqui, é onde as pessoas esperam para
8 apanhar o comboio (...)
9 tás a ver aqui? estas pessoas estão cá à espera do
0 comboio, tás a ver? aqui, na estação (...)
1

2 L: põe-lhe lá o comboio na linha.
3

4 A: hum? (...) vai, vamos lá pôr isso tudo, anda cá, João,
5 vamos lá pôr, dá cá.
6 como é que se pára? (...) sim (...) Vamos pôr aqui, tá
7 bem?
8

9 JM: achim não, achim não, achiim, achim, achim, achim.
0 achim as pessoas tão na escada.
1

2 A: estão na escada à espera, não é?
3

4 JM: tão.
5

6 L: coitadinhas, então e estão mesmo (...) ai já não está em
7 cima do telhado.
8

9 A: estão a fazer o quê, João? as pessoas (...) tão a fazer
0 o quê?
1

2 JM: lh'aqui um porco, tá a beijar, ehhe (...) ((rindo))
3

- 1 A: o quê?
2
3 JM: eu tô a brincar com isto, chim ó pá!
4 já (...) desculpa.
5
6 A: desculpa o quê, João?
7
8 JM: olh'aqui (...)
9
10 A: péra, péra (...)
11
12 JM: olh'á, olh'aqui (...)
13
14 A: hum (...)
15
16 JM: eeh (...) ahh (...) aah! (...) ooh! olh'á ponte (...) do
17 comboio (...) esse anda aqui (...)
18
19 A: (...) dá cá, dá cá, João (...) João, dá cá (...), dá cá
20 (...) pa puxar estes todos.
21 ((A. refere-se à locomotiva.))
22 JM: pa puxar vá.
23
24 A: há? olha, olha, olha, olha (...)
25
26 JM: ai a pota. (porta/ponta/ponte)
27
28 A: o quê?
29
30 JM: ponto, ponto.
31
32 A: o que é que aconteceu?
33
34 JM: foi o comboio <*>
35
36 A: o que é que aconteceu ao comboio?
37
38 JM: ó, olh'aqui eu pôr isto.
39 este não anda, pois é? (...) ó pá! ((o comboio
40 esbarra com umas carruagens
41 que estão na linha.))
42
43 A: ah, ah, ah (...).
44
45 JM: ooh (...) a ponte tirou, a ponte, cuidado (...)
46 oh-oh--oh, aaah (...) olh'ó comboio, era o comboio,
47 poich era, era aqui, era aqui.
48 ((refere-se à ponte que se desmontou
49 e fez o comboio descarrilar.))
50
51 A: era aqui o quê?
52
53 JM: era aqui o comboio, pois ficava aqui (depois), era
54 aqui, era aqui, empurrare e
55 depois bateu aqui, foi aqui.
56 ((refere-se à ponte))

A: olha aquele, coitado.

JM: olh'aqui outa (...) olha, anda (...) ó, pocha!
(*virou-se o comboio.*)

A: agora vai por aqui, queres ver? péra, agora vai por ali.
(...)
e agora? vai por onde? vai por onde? vai por aqui,
olha, olha.
(*A. muda as linhas.*)
e a seguir, e a seguir? queres ver? espera aí, espera,
espera.
aí, aí a seguir vai por onde? espera aí, vai por onde?

JM: péra, péra, péra.

A: vai por aqui ou vai por aqui?

JM: péra, péra, péra, péra (...)
péra aí, pôr a isto. (*pretende prender uma carruagem à locomotiva.*)
tem, tem pôr aí, pôr aííí, e pôr aí o comboio, pôr aí
(...) o comboio <*> (...) o comboio vai,
o comboio vai aqui (...) o comboio (...)
oh! pombas! ah-ah (...) (*o comboio esbarra na mão de JM.*)
óóó, póóó! (...)
ah! aqueles não caem (...) caem < * * > (...)

A: olha aqui, olha, olha, vai por ali.

JM: <*> ête aqui. (*este aqui*)

A: e agora vai por aqui, qués ver? qués ver?
olha, olha, agora vai por aqui.

JM: <*>

A: queres ver como é que se faz? é aqui, olha, João, olha,
tás a ver aqui?
queres ver? agora vai para ali. (*A. explica a JM o funcionamento do mecanismo que permite dirigir o comboio para uma ou outra linha.*)

JM: oh, pomba! (...) (*o comboio bate.*) icho (...) ã vai
aqui (...) oi! ma não vai.
(*não consegue encaixá-lo nos carris.*)
olha, vai apanhar, oi (...)

///

JM: tão lindo, co pé achim. (*está a agarrar o pé.*)

P: mas porquê <*>

JM: não (...) agóa passa. ((JM tirou as outras carruagens da
can d'ele (quando ele) passa. *linha.*)

A: o quê?

JM: can d'ele passa por aqui, esta n (...) cuidá! cuidá!
cui-dá! (cuidado)

///

Z: João, camisola o quê? (...)

JM: ah-ah-ah (...) então? (...)
olh'aqui tem uma (...) tem uma fita aqui.

A: tem quê?

JM: <* *> a pach (...) olha pachou-me na mão (...)
pachar, pacha por aqui, ele pacha por aqui.
((pelo chão.))
olh'ai, olh'ai, olh'ai, olh'ai, olh'aqui,
ah-ah-ah-ah! olh'ali.

A: hum!

JM: é bom! pois é? onde é que icho vai? (onde é que isso
vai)

///

JM: oi! (...)
isto <*> isto, <*> isto!

(...)

vais vê (...) <*> (...).
<is>to num anda. (isto não anda)
com os <*>.

///

JM: <êche> chái do comboio (...) (esse saiu do comboio))
((refere-se a uma carruagem que tem na mão.))
iááá! (...)
pára! (...)
isto não (...)

P: o quê? tá (...)

JM: ádei! (...) (?)
não <tenho> nada! (...)
<* *> (...) oia (...)
a má idéia! (...)

- 1 A: hum! hum! ((ri-se))
2
3 JM: a má idéia pa esse (para esse) comboio passar aqui (...)
4
5 ooi! ih-ih-ih (...)
6 oia, quer(es) ver o comboio a bater? (...)
7 olha neste comboio (...)
8 <* *>
9
0 A: parou, João? ((o comboio))
1
2 JM: parou.
3
4 A: poquê?
5
6 JM: parou aqui, foi (...) foi aqui. ((aponta para um sitio da pista.))
7
8 A: hum, hum (...)
9
0 JM: foi aqui.
1 <* *> passar, foi aqui.
2
3 A: o quê?
4
5 P: queria passar o comboio?
6
7 A: e parou?
8
9 JM: parou.
0
1 A: parou pa sempre?
2
3 JM: não foi aqui.
4
5 A: aah, já tá a andar.
6
7 ((JM volta a pör o comboio na pista.))
8
9 JM: oh, parous! (...)
0 <cuidado>. (cuidado)
1
2 P: <* * *>
3
4 JM: <*> isto a andare (...)
5 e as rodas (...)
6 i<s>to num tá a andare.
7
8 P: não, não mexas aí, pá.
9 partes isso pá.
0 isto está a precisar de uma pilha nova, João.
1 (...)

1 JM: <*> dá cá, dá cá!
2 -

3 P: péra! péra!

4 JM: põe aqui, põe aqui.
5 -----

6 <*>, <*>
7 cuidá-cuidá-cuidadooo! ((a cantar)) <***> estas vão
8 andar, estas aqui, estes aqui, estes aqui <*>
9 -----

10 A: ah! olha como é que o gajo põs a estação, (...) olha
11 -----

12 <***>
13 vê lá como é que tá a estação João. ((dirige-se a P.))
14 ((JM põs a estação de pernas para o ar.))

15 JM: coóio (comboio) vai andar.

16 P: olha, atenção agora não podes respirar (...) porque se
17 não ele não dá a curva.

18 A: ah! ah! ah!

19 P: já deu.

20 JM: olh'a <curva> eh! eh! eh! (...)
21 <***> (...) tá parado.

22 ////

23 JM: oi, caiu uma ((refere-se a um dos carris.))
24 já caiu uma, uma, já caiu, (...) já caiu (...)
25 cada vez, (...) cada vez.

26 A: cada vez o quê, João?

27 JM: <tô/tão> aqui.
28 pachou o João aqui, achim, achim-sim.
29 -----

30 ((tenta explicar como os carris se desmontaram
31 e acaba por fazer cair o resto.))

32 A: ah! ah! ah! ah! <***> passou o João aqui ih-ih-ih
33 -----

34 ah! ah!
35 -----

36 JM: chim (...) chim (...) hum. (assim) ((tentando montar os
37 carris de novo.))
38 -----

39 L: agora é que ele disse uma verdade!

(...)

JM: <* * * >

L: passou o João aí e estragou isso tudo, é pior que o
comboio!

(...)

JM: achim este lado (...)
ó arranja! ((*estende um dos carris ao pai.*))

P: isso agora não tem arranjo possível.

JM: <a>rranja tu (...)

A: arranja?

JM: <a>rranja tu, <a>rranja tu.

A: arranja? (...)
o quê!?

JM: <* * * >

P: olha, o comboio está a precisar daquilo que eles estão
ali a anunciar.

JM: arran<j>a tu, arranja, pó combóio pachare!
(*para o comboio passar*)

A: pró comboio passar?

JM: <*> o, o cumbóio, pá!

A: pá.

JM: <* * >

A: pá!

JM: <Quintas esse> tá parado <*> tá parado!
ho pai, tá parado! (...) ((*refere-se ao comboio.*))
tá parado, tá parado, tá parado (...)

L: tá parado? é porque (...) é porque acabou a pilha.

1 P: o comboio está a andar?
2
3

4 o combóio está a andar, João?

5 JM: não tá apagado!
6

7 P: então (...)

8 JM: foi o João, foi o João <*>
9

0 P: olha, diz-me lá uma coisa, o que é que te deram no
1 Natal?
2 o que é que te deram?

3 JM: isto num, num, <* * *> aqui.
4

5 *((JM não presta atenção às perguntas que lhe fazem,
6 interessa-se apenas pelo comboio que A. tenta
7 arranjar.))*

8 L: diz lá ao Quintas Mendes, diz lá ó Quin (...)
9

0 P: diz lá ao António Quintas Mendes o que é que te deram no
1 Natal.

2 A: tiveste muitas prendas, João?

3 JM: foi o João, (...) má Maria. *((continua desinteressado
4 das conversa e brinca com a pista no chão.))*

5 A: mau Maria! (...)

6 P: o que é que te deram no Natal? (...)
7 deram-te uns peixinhos, não foi? (...)
8 como é que é o jogo dos peixinhos?
9

0 JM: olh'aqui. *((JM refere-se a L. que com um pé tenta
1 levantá-lo.))*

2 A: hum (...)

3 P: como é que era o jogo dos peixinhos?
4

5 JM: tá o pé da Luchia.
6

7 A: este gajo é bem disposto como <* *>

8 JM: tá o pé do João.
9

L: João Miguel, diz lá à Lucia o que é que te deram no
Natal?

P: diz à Lúcia, João!

L: deram-te uma boneca?

JM: não!

L: não? deram-te o quê? deram-te um (...) chapéu de chuva?

JM: não!

L: então o que é que te deram? (...) um pintassilgo?

(...)

A: ó deixa tar!

L: o que é que te deram, João?

JM: <* * *> este, este <*> aqui.

L: olha lá para mim e diz lá o que é que te deram (...) o que é que te deram no Natal? diz lá, diz lá pá!

JM: o<lh>a isto, o<lh>a isto, bi<n>ca da isto, bi<n>ca!
(*brinca*) ((*dá umas caixas de bonecos ao pai.*))

P: é pra quê?

A: o quê?

JM: pó pai (...) isto.

P: <*> um caixote cheio, não é?

JM: éé (...)

P: não, isto é para ti, vá lá <* * *>

JM: vai pa (...) pá estada (*estrada*) do cumboio, todos!
(*despeja uma caixa de brinquedos em cima da pista de combóios.*)

A: ah! ah! eh! eh! eh!

1 JM: os b<r>inquedos do João (...)
2 vai ali (...)
3 vês?
4 isto, isto.

5 A: hum, hum, hum.

6 (...)

7 JM: papare <*> (...)
8 isto num anda, achim (...)
9 não anda achim (...)
0 olh'aqui o combóio, tava daqui! ai, olh'o combóio!
1 ((JM descobre na tampa da caixa da pista uma
2 imagem do comboio.))

3 A: tá aí na fotografia, João?

4 JM: tá <*> (...)
5 olh'aqui, olh'aqui, aqui o cumbóio,
6 <tan/qué que> aconteche?

7 A: quê? (...)

8 JM: olh'ó cumboio.

9 L: tanta quê?

0 JM: <o>lh'aqui, <o>lh'aqui a estada, <<o>lh'aqu>i a
1 est (...)
2 ((aponta o desenho dos carris na
3 tampa da caixa.))

4 L: tão giro, muito giro.
5 -----

6 JM: olh'aqui o cumbóio, aqui (...) veio co<m> o outo combóio
7 e este <*>
8 -----

9 L: é igual ao do João?
0 -----

1 JM: igale! ((compara o comboio da fotografia com o que têm
2 na mão.))

3 L: é igual.

4 JM: esta mota não anda assim.

5 L: vê lá se é (...) vê lá se tem as mesmas cores, João!

6 JM: as cores.

L: vê lá, vê lá se é da cor do teu.

(...)

JM: tava aqui co<l>ado, aqui.

L: vê lá, vê lá se é da mesma cor.

JM: <*> pa<rou> aqui, parou aqui (...)

L: é igual?

JM: parou aaqui o combóio! ((aponta para a fotografia.))

L: mas vê lá se é da mesma cor do teu.

JM: olh'aqui tava (...) tava aqui na estada do combóio, poi
estava.

(...) ((faz passar o combóio por cima da linha
desenhada na caixa.))

ó, ito pachou aqui, pach (...)

toma. ((dá um brinquedo a A.))

amos bincar, amos bincar, amos bincar (...) amos bincar.

A: agora vamos arrumar o combóio, João, para tu lebares
para casa, tá bem? (...) tá bem? (...)
onde é que se arruma? (...) é aqui? (...) é aqui (...)
não é?

JM: <*> da mota, não? (...) <*> da mota.

A: hã?

JM: esta, esta (...) ((JM ajuda A. a arrumar a pista na
caixa e pretende guardar lá outro
brinquedo - uma mota.))

A: esse não é daqui, não é daqui.

JM: daqui (...)

A: aqui é só os do comboio, não é?

JM: é.

A: aqui é esta, não é?

1 JM: isto <* * *>
2 -----
3

4 A: esta mostra, mostra, esta é aqui (...)
5 -----
6 e agora, mais combóios, este é combóio, não é?
7

8 JM: é.
9

0 A: é aqui, é neste, é neste, é neste, neste.
1

2 JM: este é pó comboio.
3

4 A: e agora? agora as (...)
5 -----
6

7 JM: e a mota, é?
8 -----
9

0 A: agora as estradas, não é? as estradas (...) é aqui não
1 é? a estrada? (...) estas estradas
2 redondas são aqui, não é? há?
3

4 JM: achim <o> comboio aqui?
5 -----
6

7 A: e agora? (...)
8 -----
9

0 e agora?
1 -----
2

3 JM: o comboio aqui, o combóio!
4

5 A: ést (...) estas aqui devem ser aqui, péra, péra, péra,
6 péra, devem ser aqui, não sei.
7

8 JM: a outra estada? (a outra estrada?)
9

0 A: ó é aqui?
1 ah, tá aqui mais uma redonda, olha! tá aqui, tá aqui.
2 tá aqui!
3

4 JM: tava aqui
5

6 A: isto é aqui (...)
7

8 JM: isto é aqui (...)
9

0 A: isto é aqui (...)
1

2 JM: é aqui, é aqui.
3 -----
4

A: <*> isto é daqui do combóio, também! isto também é do
- combóio, não é? este? (...) este
é do combóio (...)
aah, isto é aqui! isto é que é aqui!

JM: isto é aqui.

A: isto é aqui! tira.

JM: isto aqui!

A: isto é aqui, assim.

JM: isto é aqui, aqui.

A: pér, p'er, péra.
aqui é (...) a estação para as pessoas, agora (...)

JM: <* * * > achi<m>, achi<m>, achim <* * * > (...)
agora o combóio aqui, põe o combóio, põe o combóio
Quinta<s> Mend<es> põe o combóio aqui!

A: onde é (...) o que é?

(...)
ele anda aí o comboio? é?

JM: anda.

A: anda?

JM: anda pela estada.

A: pela estrada fora?

JM: pelo (...) olha achim não anda, aqui! ((*tenta pôr o
comboio a andar dentro da caixa.*))

A: aí não anda.

JM: poi não, não.

A: não, porque isso é para arrumar, não é para andar aqui,
----- não é?

JM: não, não.

A: não? não é para arrumar?

JM: isto.

A: ou não é para andar?

JM: não, achim (...)
não é pa andar, poi não.

A: é ao contrário, é assim, queres ver? assim (...)
((JM tenta encaixar o comboio num lugar da caixa.))
e agora esse, é aí.

JM: e isto? tava ali.

A: agora isto é aqui, e agora isto é aqui (...) <* *> isto
é assim, agora isto é assim, agora é
assim, queres ver? *((A. arruma as
últimas peças e depois fecha a caixa.))*

(...)

JM: vô gadar isto, vô gadar isto, aqui gadar isto (...)
(vou guardar isto)
*((tenta introduzir uma pequena peça na
caixa já fechada.))*
tirar o combóio. *((abre a caixa de novo.))*

(...)

caixa do combóio. *((tenta tapar a caixa.))*

P: péra João, tens que meter melhor.

JM: <*> João.

L: tira lá a tampa, tira lá.

P: não, não, não à força não vai, João, vá lá devagarinho,
péra aí, péra aí!

JM: <* *>

P: olha o pai a ajudar, olha, tás a ver? já está, pronto.

JM: já está.

P: falta agora o carrinho de mão, ah, ah, ah, falta o
carrinho de mão.

L: carrinho de mão?

1 P: isto também tem um carrinho de mão.

2
3 L: não, dé, é do, esse deve ser dos outros, é deste, é
4 deste.
5 ((refere-se a outro brinquedo.))
6

7 P: ai este é deste?
8 pronto, então já tá tudo, péra aí, deixa guardar (...)
9 ((ia pegar num dos carris.))
0

1 JM: ó pá! ó pá!

2 P: <era aí o homem>!

3 JM: ai a <*>

4 P: péra aí que o pai vai comprar uma pilha agora.
5 pronto, vamos fechar, sim? muito bem.
6 "super expressing, use one pen like that <* *>",
7 isto é inglês (...) "the luxing" (...)
8 lê, lê com o pai!

9 JM: não, na (...)

0 P: lê (...) diz também.
1 "super express", diz lá, "super express".

2 JM: super express.

3 P: ah! ah! ah!
4 -----

5 A: ah! ah! ah!
6 -----

7 JM: agora abrir!

8 P: abrir.
9 -----

0 A: agora abrir.
1 -----

2 P: agora diz, olha aqui (...) <*>

3 JM: deixa ver, deixa ver, gora abrir. ((JM pretende abrir de
4 novo a caixa do combóio.))

5 P: deixa ver, outra vez, queres abrir? (...)
6 -----
7 já abriu.

8 JM: agora tirare <*>
9 -----

1 P: agora tirar, agora abrir <*>!
2 -----
3

4 A: ah, ah, ah!

5 (...)

6 JM: toma isto, toma isto, ((dá uns carris a A.)) eu não
7 <ma bo var a casa>.
8 (eu não vou levar para casa.)

9 A: não quê?

10 JM: toma, toma, toma.

11 A: não é para lewares para casa?

12 JM: não.

13 A: não!? é pra quê?

14 JM: pó, pó Pedro, pó Pedro bincar com isto. (para o Pedro
15 brincar com isto) ((Pedro é o irmão de JM.))

16 A: é pra ti!

17 ai, ai, ai caiu (...) ((caiu um brinquedo.))

18 então e o que é que eu faço com isto tudo na mão? ai,
19 ai, ai, ai (...)

20 ((JM entrega-lhe a caixa da pista.))

21 o que é que eu faço com isto tudo na mão, João? (...)
22 ai (...) o que é que eu faço! (...)

23 JM: <*>

24 A: com isto?

25 ((JM pega num cartão com figuras e começa a "contar uma
26 história".))

27 JM: era uma vez uma <*> (...)

28 A: era uma vez o quê?

29 P: olha João não queres comer uma banana?

30 JM: não.

31 A: <* * *>

32 JM: amos aqui, amos aqui (vamos aqui) <* *>, a bri<nca>
33 (...)

34 A: o que é que este menino tá a fazer?

JM: a corrê-le. (*a correr*)

A: tu tás, tu queres fazer chi-chi, não queres?

JM: quero.

A: queres? e não dizias nada?

///

((JM está sentado no chão rodeado de alguns brinquedos.))

JM: é (...)

A: qual é? já tão todos misturados, já não sabemos.
((refere-se aos brinquedos.))

JM: <* * > aqui, ah, ah, ah.

A: hä?

JM: <* * * > aqui.

A: é esse? (...)
é este!

JM: achim não.

(...)

A: e o chapéu de chuva, de quem é?

JM: é do manino (...) é do manino (...)
agora (...) <* * * >

(...)

<*> olha tá pa<r>tido, foi o João! *((refere-se a um boneco.))*

A: tá partido? foi o João, que partiu.

JM: oh!

L: o João é um maroto.

JM: olh'aqueles!

A: qual é a senhora do chapéu de chuva?

SESSAO XIII

DATA: 26 de Janeiro de 1991

IDADE: 2 Anos, 6 Meses, 18 Dias

INTERVENIENTES:

- JM - João Miguel
 - A - António Quintas Mendes
 - L - Lúcia
 - P - Pai (João Miguel)
 - Z - Maria José (Zé)
 - J - Judite
-

1 <<JM está na sala com A.. Dias antes JM meteu um boneco
2 - um pequeno galo de barcelos - numa caixa de correio
3 do prédio; A. mostra-lhe o galo e conversam sobre
4 isso.>>

5 JM: hum-hum-hum-hum (...)

6 A: olha, João.

7 JM: aaaah (...)

8 A: lembras-te disto? <<A. mostra-lhe o galo.>>

9 JM: do correio!

10 A: do correio! o que é que foi? o que é que aconteceu?

11 JM: tava fescado do correio.

12 A: tava fechado no correio? (...)
13 quem é? (...)

14 JM: isso era um mocho.

15 A: o quê?

16 JM: o mocho tab (...) taba ali do correio

17 A: quem é que pôs lá?

18 JM: foi o João.

19 A: foi o João que pôs lá, e depois?

20 JM: caiu.

21 A: e depois já não se conseguia tirar, pois não?

22 JM: pôi não.

23 A: quem é que lá foi buscar, quem foi?

24 JM: o ga (...) uma cois (...) não matei o a (...) o
25 ga<1>inho, poi não?

26 A: hä? não mataste o galinho?

27 JM: poi não (...) tem uma pata patida este.

28 A: isso é o bico, não é pata.

29 JM: este é pata.

30 A: ah, aí é a pata, pois.

1 (...)

2
3 JM: eu vou bebê-las todas! ((*pega num pacote de batatas*
4 *fritas e leva-o à boca como se fosse um copo.*))

5
6 A: vais quê? bebê-las? isso não é para beber! (...)
7 dá cá, dá cá, ai, que entornas isso.

8 JM: taram-taram (...) ((*a cantarolar*)), ó co-ro-co-có (...)
9 este não parte, poi não? ((*deixa cair ao chão o galo que*
0 *estava em cima da mesa.*))

1 A: parte, parte!

2 JM: parte, parte!

3 A: parte, parte (...)

4 não faças isso, João (...) vai lá mostrar à Lúcia (...)
5 anda cá, dá cá (...)
6 Lúcia! ((*chama L. que está na cozinha e dirige-se para*
7 *lá com JM.*))

8 L: sim?

9 A: o Joãozinho tá-te a perguntar se o galinho parte.

0 JM: parte (...)

1 L: parte, pa (...) olha, sabes como é que eu recuperei esse
2 galinho? tu sabes?

3 P: onde é que estava o galinho?

4 JM: tava ali.

5 L: meti a mão pela caixa do correio (...)

6 A: tava aonde?

7 JM: tava ali na pota (...) ao pé do (...)

8 L: * * * *

9 A: não, mas ele disse logo "correio".

0 P: correio.

1 Z: é, ele teve lá <* * *>
2 -----

3 (...)

4 olha, ó João, e quem partiu o meu elefante?
5 -----

7 JM: foi o João.

9 Z: e como é que foi que partiu?

1 JM: foi achim! ((JM bate com o galo no chão.))

3 A: ah-ah-ah
4 -----

5 P: ah-ah-ah
6 -----

8 JM: foi achim no reibi. (raigby) ((o pai de JM joga
9 "raigby".))
0 -----

2 L: foi assim? (...)
3 mas eu disse pó João não partir o meu elefante!

4 P: olha João, queres fazer caca não queres?

6 JM: não.

8 P: queres, queres, se já não fizeste (...)
9 se já não fizeste!
0 (...)
1 ai, Joäão!
2 -----

4 Z: tá todo cagado! (...)

6 ////

8 ((JM e A. estão novamente na sala com alguns bonecos.))

10 JM: <*> não põe em pé. ((refere-se a um dos bonecos.))

2 A: não põe em pé?
3 -----

5 JM: não põe em pé (...)

6 este não põe em pé (...)
7 a virare, ((faz girar um boneco)) este não tem a virar.
8 ((refere-se a um outro boneco que não
9 se consegue pôr a girar.))

1 A: olha, aperta lá isso (...)
2 aperta-os lá (...) ((refere-se a uns bonecos que são de
3 assim, olha, olha, assim (...)
4 faz lá.
5

7 JM: <eu> tou a virare este boneco (...)
8 este, este também <*>, isto?
9

A: isso o quê?

JM: qué isto? ((refere-se a um boneco de borracha que
representa um fruto.))

A: é uma banana.

JM: nana (...)
<quem>, tem lá dento? (dentro) ((JM pressionou o boneco
e este chiou.))

A: tem um apito e apita.

(...)

JM: isto num, isto num, num há, <há-há>.

A: o quê?

JM: isto num ape<r>ta, poi não?

A: não aperta? (...) tu é que apertas, assim.

(...)

aqui, olha, aqui em baixo.

(...)

JM: ai (...) é pa <*> (...)
<chalta> (salta) é para ma, é para ma (...) ah-ah parece
um palhaço, parece (...)

A: parece um palhaço.

JM: vira (...) ah poi vira, poi vira (pois vira) ((faz rodar
um dos bonecos.))

A: vira?

JM: vira (...)
este vira (...)
hum-hum, este não vira, poi não?

A: este não vira.

1 JM: só este.

2 A: só esse.

3 JM: e este? não vira.

4 A: esse não vira.

5 JM: e este não põe em pé, poi não?

6 A: põe (...) não põe?

7 JM: não (...) não põe não (...) não põe, não (...) tá chêco. *(seco)*

8 A: tá seco?

9 JM: tá.

0 A: e há bocado tava molhado, não estava? (...) estava molhado?

1 JM: tava.
2 este não.

3 A: e esse como é que tava?

4 JM: tava molhado aqui (...) cova, cova (...) *((refere-se à base do boneco que tem uma pequena concavidade.))*
5 olh'aqui, oh-pim! oh-pim! *((deixou cair o boneco))*
6 este não põe em pé (...) põe, sentado.

7 A: sentado?

8 JM: olha não põe em pé, achim (...) achim não põe em pé!

9 A: não.

0 JM: só essa põe em pé.

1 A: pois.
2 olha, os brinquedos?

3 (...)

4 JM: os (...) tão ali.

5 A: aonde?

6 JM: <*> tão sentado (...) *((refere-se a dois bonecos.))*
7 eche chenta, ma esse não. *(esse senta mas esse não)*
8 turu-tu-ru-tu-ru-tu-ru-tó-ré-ri-tó-ré-ri-tó-ré-ri-tó-

1 ré-ri (...) tó-ré-ri, tó-ré-ri,
2 té-é-ré, té-ré-ré.
3 é tão a danchar. *(eles estão a dançar)*
4 *((vai cantarolando enquanto faz "dançar"*
5 *dois bonecos no chão.))*

7 A: hum, hum, hum (...) *((ri-se))*

9 JM: quem vai dachim (?) <*>

1 A: há?
2 --

4 JM: tum! vai comer. *((bate com os bonecos em A.))*
5 -----

7 A: ai, ai, ai, ai, ai ai!
8 -----

9 JM: vai comer, os <dois/leões>, ai tē <tem> uma boca.

1 A: tem uma boca?

4 JM: tem, tem, tem, pois tem, pois tem, pois tem, pchem,
5 pchem, *(pois tem)* apagar o <*>, vai apagar
6 o (...) vai pa fechar os olho<s> (...) vai
7 fechar os olho<s> e vai chegar o João.
8 *((a cantarolar.))*

9 (...)

0 os b<r>inquedos tão aqui-ii ó branquina, ó branquina,
1 ó branquina, ó branquina. (?)
2 *((a cantarolar.))*

3 tá aqui os brinquedos. *((JM aponta para uma caixa.))*

4 A: tá?

7 JM: nãão! põe ali gardado! *(guardado)*

9 A: o quê?

1 JM: não filma pó João (...)
2 põe aqui, põe aqui. *((JM pretende que A. deixe de filmar*
3 *e aponta para uma mesa para ele*
4 *poisar a máquina.))*
5 -----

6 A: porquê? não te posso filmar?
7 -----

9 JM: não.

1 A: porquê?

3 JM: ma põe (...) tira, pôr a (...) pôr a (...) pôr aí.

1 A: páqui?

2
3 JM: páqui sim.

4
5 A: mas eu queria-te filmar.

6
7 (...)

8
9 JM: olha isto(...)

0 cabou - rabou-ah-rabou-ah- rabou-ah- rabou, ah-rabola,
1 ah rabola, ah rabola-ai, ah,ah, ah-rabou, ah-rabou, ah
2 -rebola, ah-rebola! ((JM faz rebolar bonecos em
3 cima de um banco.))

4 ///

5 A: <*> parte?

6 JM: não.

7 A: experimenta lá.

8 JM: olh'ó qué isto?

9 A: são uns livrinhos, com histórias (...)
0 não me queres contar essa história?

1 JM: não.

2 A: o que é que está aqui?

3 JM: uma estêla.

4 A: uma estrela.

5 JM: é.

6 olh'ó menino a pachear na estada. ((olha o menino a
7 passear na estrada.))

8 A: na estrada, ou na praia?

9 JM: é na paia, tabém <*> a pachear o menino (...)
0 olh'á menina.

1 (...)

2 A: o que é que ela tá a fazer aí?

3 JM: a <* * *>

4 A: há?

5 JM: aí, olh'aqui, vê?

1 A: aí o que é?
2 ---

3 JM: é os livros (...)
4 olha menina (...) <co<m> o pau>.

5 A: vamos ver o que é que a menina faz, na praia.
6

7 (...)

8 JM: olha aí, aiii! (...) não, não!

9 A: o que é que eles vão fazer, aqui?

10 JM: ó, vão dicar. (?)

11 A: vão quê?

12 JM: vai deichi, vão enchi, vão enchi, ã vão poi aqui, poi
13 aqui, e este põe aqui o (...) põe aqui,
14 põe aqui, põe aqui o, põe aqui o pé, (...) este, esse menino (...)

15 cabou a história.

16 ó, aaah esta, eta histó<r>ia.

17 A: este tá-se a levantar, olha, da cama (...) não é?

18 (...)

19 <<L. entra na sala e começa a interagir com JM.>>

20 L: os meus livros! (...)
21 conta-me essa história que tu tás a ver, conta, conta,
22 conta.
23 -----

24 JM: e estes bonecos.
25 -----

26 L: conta-me esta, esta história.
27 conta lá.

28 JM: olha <* * *>.

29 L: o que é que ele tá a fazer?

30 JM: tava ali cas mãos e tava uma péda da paia. (estava ali
31 com as mãos e estava uma pedra da praia.)

32 L: tava uma pedra na praia e ele estava a fazer o quê?

33 JM: tava a panhar uma estêla.

1 L: uma estêla?
2 mostra.
3 aah, e mais? conta-me o resto dessa história (...)
4 não?

5 (...)

6 JM: ca vou fazer um (...) uma coisa.

7 L: o quê?

8 JM: agi rebola, (...) achim rebola. *(está a enrolar o livro)*

9 L: o que é que tu fazias na praia, João? ai (...)
0 também tomavas banho na praia?

1 JM: não.

2 L: não?
3 brincavas só na areia? (...)
4 o que é que tu fazias na praia?

5 JM: a mergulhar.

6 L: mergulhavas!? (...) era!?

7 JM: olh'ái, olh'ái. *((brinca com um livro, sacudindo-o.))*

8 L: era João?
9 mergulhavas, e não tinhas medo? (...)
0 não tinhas medo de mergulhar?

1 JM: pum, pum. *((deitou um banco ao chão.))*

2 L: não tinhas medo de mergulhar?
3 -----

4 JM: puxou (...)
5 -----
6 puxou aquilo. *(o banco)*

7 L: aaah, caíu, puxou.
8 -----

9 A: puxou.
0 -----
1 o que é que fazias mais?

2 L: o que é que fazias mais lá na praia?
3 -----

4 JM: xúúú! *((atirou um livro para longe.))*
5 -----

1 L: não, João!
2 -----
3

4 JM: xúú!
5 -----
6

7 L: não faz isso!

8 JM: achouuuu (...)

9 L: não faz isso, vai lá apanhar o livro, vai.

10 JM: não.

11 L: vai lá.

12 JM: não (...) <*>, isto caiu (...) caiu. ((refere-se ainda
13 ao banco.))

14 L: vá, vai lá apanhar o livrinho que mandou.

15 JM: (...) o <*> João <*> (...) ((debruçou-se sobre o banco.))

16 L: ouviu?
17 -----
18

19 JM: aaah (...) <*> tana-ni, tanani (...) ((a cantarolar,
20 balança-se em cima do banco.))

21 A: também ias à pesca, na praia?

22 JM: não.

23 A: não pescavas?

24 JM: não.

25 A: o que é que fazias?
26 -----
27

28 JM: tanam-tana <*> ((continua a cantarolar.))

29 A: o que é que estás a fazer agora?
30 -----
31

32 estás a nadar?

33 JM: ah (...) ó p<a> isto (olha para isto) só pcaria! (...) ((não se percebe ao que se refere.))
34 qué isto, põe aqui, põe aqui, <*>.
35 qué i (...) eu qué isto (...) eu quero isso. ((refere-se
36 a um pacote de bolachas.))

37 A: o que é isso?
38 -----
39

1 JM: é chocolate?
2
3

4 A: são bolachas.
5

6 JM: chocolate.
7

8 A: não s (...) são bolachas mas não são de chocolate (...)
9 já jantaste João?
0

1 JM: óa, boách (...) <*> chocolate.
2

3 A: João, já jantaste?
4

5 JM: olh' ó ch (...) olh'ó chocolate <*>
6

7 A: tira isso, tira isso do chão (...) isso não pode ir para
8 o chão. (...)
9 não tiras mais, não tiras mais.
0

1 JM: o gato brincalhão (...)
2

3 A: há? vai entregar isso à Lúcia; vai lá dar isso à Lúcia
4 (...)
5 vamos lá dar isso, vamos pôr isso na cozinha.
6 vamos, anda cá.
7
8

9 JM: <*> isto.
0
1

2 ///
3

4 *((os adultos estão à mesa e JM aproxima-se de L. que lhe
5 vai dando alguma comida.))*
6
7

8 L: engole lá as batatas. *((dirige-se a JM que lhe está a
9 pedir laranja.))*
0

1 Z: é tudo ao mesmo tempo é laranjas e batatas!
2

3 L: laranginha é muito (...)
4

5 JM: bom!
6

7 L: boom! vês como ele completa as minhas frases? (...)
8 é pá, tás-me a comer o dedo também!
9 tavas-me a comer o dedo (...)
0 não me batas (...) não me batas. *((JM bate com dois
1 bonecos de borracha na perna de L.))*
2

3 JM: acabou.
4

1 L: acabou o quê?
2 o que é que acabou?
3 hum? (...)
4 o que é que acabou pançudo? (...)
5 há?

6 JM: pançudo.

7 L: quem é que é pançudo?

8 JM: pançudo.

9 L: quem?
0 quem é que é pançudo?

1 JM: é João. ((JM afasta-se da mesa e dirige-se para o pé dos
2 brinquedos.))

3 P: ei! ei! ei! ei! ei! ei! ((JM está a pisar os bonecos.))

4 L: <* * *>
5 -----

6 JM: ei! ei!

7 L: não há mais ninguém aqui que seja pançudo?

8 P: é o carro do Zézinho, não é? ((P. refere-se a um pequeno
9 calhambeque.))

0 L: João Miguel, (...) quem é que aqui é mais pançudo?

1 JM: pançudo.

2 L: <* * *> ((sussurrando algo ao ouvido de JM.)) aah (...)
3 diz lá, diz lá ao Quintas Mendes, diz lá.

4 JM: pançudo, é pançudo! é pançudo, é pançudo, é pançudo, é
5 é pançudo, é pançudo! (...)
6 é pançudo, é pançudo!
7 -----

8 L: olha, olha, olha, olha!
9 -----

0 A: faz lá uma interacçãozinha verbal com o, com o (...)

1 P: olha uma coisa (...)
2 o que é que é isso que tens na mão? ((P. refere-se a
3 dois bonecos de borracha que representam frutos.))

4 JM: é <*>

1 P: é o quê?
2
3 JM: é os toates. (?)
4
5 P: é o quêê?
6
7 JM: mofád (...)
8
9 P: almofada? (...)
0 isso é uma couve.
1
2 JM: uma couve.
3 e isto?
4
5 P: isto é uma pêra.
6
7 JM: não.
8 é um (...) tem uma cabeça. ((a pêra tem uns olhos e
9 uma boca.))
0
1 P: tem uma cabeça.
2
3 JM: pois tem uma cabeça.
4
5 P: para que é que serve a cabeça, João?
6
7 (...)
8
9 JM: é nova! ((refere-se a um boneco.))
0
1 P: é nova?
2
3 JM: tan-dan (...) isto éé (...) põe no chão, põe no chão, a
4 andar!
5
6 P: põe no chão a andar o quê? o carro?
7
8 JM: carro, aah, aah! ((o carro começa a andar em direcção às
9 pernas de JM.))
0
1 (...)
2
3 A: João Miguel, vai buscar o livro que atiraste para ali há
4 bocado, vai buscar.
5
6 P: que livro?
7
8 (...)
9
0 A: vai lá buscar.
1
2 JM: ah!
3
4 A: hã?
5 --

JM: foi o João c' amandou. ((foi o João que mandou.))

A: o quê?

JM: foi o João.

A: foi o João que mandou, portanto vai lá buscar.

JM: ah, ah, dois carro. ((levanta-se e vai à varanda buscar o livro.))

A: vai lá buscar.
trás cá.

JM: <*>

A: <* *> encontraste?

JM: <*> <contei> (encontrei)

A: encontraste?

JM: cont<r>ei.

A: contrei?

JM: cont<r>ei (...)
pum (...) qués ver? (queres ver?)

A: agora mostra à Lúcia que já foste buscar, diz à Lúcia
que já foste buscar.

JM: já fui fuscare! (já fui buscar)

L: muito lindo, já foi buscar o livro, assim é que ele é

bonito!

JM: calor. ((abana L. com o livro.))

L: tá calor? assim é bonito porque o João tinha mandado o
livro, portanto era o João que tinha
que ir buscar, não é? (...)
não é fofinho? (...)
ai, ai, que eu caio, eu caio, eu caio (...) ai <* * *
ai, ai, ai, ai.

((L. baixa-se para falar co JM; desequilibra-se e
fica de joelhos. JM debruça-se em cima dela.))

P: <* * > qué isso? uma luta?

1 JM: aaaaah!
2 -----
3

4 L: qué isto? qué isto?

5 JM: é porrada! ((JM e L. "lutam no chão; JM está deitado nas
6 costas de L.))
7

8 L: é quē?

9 P: ah, o que é isso? ((JM bate com um livro nas costas
10 de L.))
11

12 JM: éi, éi, éi
13 -----
14

15 P: que tás a fazer?
16 -----
17

18 JM: éi, éi, é <* * *> toma! toma! aah!

19 P: é, não faz mal à Lúcia, a Lúcia chora!

20 JM: é pē! ah pá! eeh (...)
21 ----
22

23 L: ai, ai, beijinhos, ai, ai, ai, ai, que eu caio!

24 JM: é pá!

25 L: eu caio mesmo!

26 JM: chimado, chamado! (?) come, come é a comida. (?) ai! ai!
27 vou cair!
28 -----
29

30 P: ah! ah! o quē? come a comida.
31 -----
32

33 JM: aaaah!
34 ----
35

36 L: olha lá (...) ((L. tira JM das suas costas.))
37

38 JM: come <*>

39 L: eu não quero que tu me atires assim pó chão (...)
40 ouviste?
41 anda cá contar-me essa história, anda cá, anda cá.
42 eu vou-te contar a ti e depois contas tu, tá bem?
43

44 JM: não.

45 L: não? porquē?

1 JM: aah (...)

2 P: isso não se faz! o que é que fizeste na escola, hoje?

3 JM: paum! hum-humm-hum-hum!

4 A: o gajo hoje está com uma genica.

5 P: tá, tá muito "spidado".

6 L: olha (...)

7 -----

8 P: diz lá, o que fizeste na escola, hoje?

9 -----

10 L: olha, olha João, João, anda cá. ((JM está muito
11 irrequieto; L. tenta falar com ele.))

12 JM: <* *>

13 P: <*>

14 -

15 L: tens, tens lá alguma amiga, na escola? (...)
16 tens lá uma namorada?

17 -----

18 P: João!

19 L: tens lá alguma namorada, na escola?

20 JM: e-a-é.

21 L: hã?

22 JM: é.

23 L: tens lá uma namorada?

24 JM: aah (...) ((JM pula de novo para as costas de L. que
25 está sentada no sofá.))

26 L: hã?

27 JM: aah, a - ó pá, ó-pá, ah (...)

28 L: isto não (...) isto não é nenhum cavalinho!

29 JM: eeeei!

30 A: hoje só há interacção psicomotorá.

31 -----

1 JM: oi, a rodas. *((refere-se às rodas de um carrinho.))*
2 -----

3 L: tens lá uma namorada na escola?

4 JM: aaaah! o<lh>'uma roda; o<lh>' uma roda; olh'ái uma roda,
5 partiu-che.
6

7 L: partiu-se.
8

9 JM: partiu-se e agora?
0

1 L: diz-me quem são os teus amigos lá na escola.
2 -----

3 A: mostra lá mostra a roda que se partiu.
4

5 JM: iiiiii (...)
6

7 A: <* * *> o que é que se partiu?
8

9 JM: <o>lh'ái. *((JM mostra duas rodas que se soltaram de um
0 carrinho.))*
1

2 A: aah!
3

4 JM: olha e anda! (...) chó esta anda, esta danda.
5 *((JM, muito espantado, refere-se ao carrinho que
6 anda apesar de só ter duas rodas.))*
7

8 L: ele anda mas coitadinho, só tem rodas à frente!
9

0 JM: olh'ái, vês? (...)
1 olh'ái (...)
2 olh'ái aah! (...)pum! (...)
3 ai ó senhor doutoro, pó-pum (...) *((a cantarolar))*
4 aah-aa-pá, aah (...) parou. (...)
5 <* * *> o bico marelo, faz chi-chi na cama.
6 *((a cantarolar)) ((brinca com o carrinho,
7 só com duas rodas.))*
8

9 L: quem é que faz chi-chi na cama?
0

1 JM: é o <* * *>
2

3 L: quem?
4

5 JM: é o <* * *>
6

7 A: é o quê? o bá fári? <*>
8
9
0
1
2
3
4

JM: o <* *> (...) vais pá tua mãe, para riir (...) nim (...)
iiih (...)

(*a cantarolar*)

P: o quê, João?

JM: olh'ái, <*>

L: quem é que faz chi-chi na cama?

JM: é o papagaio louro.

P: o papagaio louro faz chi-chi na cama? não!

L: "papagaio louro" (...) (*a cantar*)

P: aah exacto, exacto, exacto.
porquê? e depois? o que, é que acontece?

JM: palmadas.

P: ai é? (...)
papagaio louro de bico amarelo (...)

JM: olh'ái a mala, olh'ái a mala! (*refere-se à mala de um boneco.*)

P: como é que é a canção?

JM: olh'ái a mala!

P: "papagaio louro de bico amarelo" (...) (*a cantar*)

JM: pim!

P: "faz chi-chi na cama, leva com o chinelo". (*a cantar*)

JM: qué isto?

<o> qué isto? (*refere-se a uma vela que é um pequeno palhaço.*)

P: não é?

JM: oh! oh! oh!

P: oh! oh! oh!

1 **JM:** aaaah! vou arrancare. *((refere-se ao pavio da vela.))*
2 -----

3
4 **Z:** isso é um palhaço.
5 -----

6
7 **P:** é um palhaço oh! oh! oh!
8 -----

9
0 **JM:** isto é o sabonete.

1 **Z:** dá (...) <* * *>
2 -----

3
4 **L:** <* * *>
5 -----

6
7 **JM:** é sabonete Zé.

8
9 **L:** ai, ai, ai ai!
0 coitadinha de mim (...) *((JM esfrega o palhaço na cara
1 de L. como se fosse um sabonete.))*
2 -----

3
4 **P:** oh-oh!
5 -----
6 que tás a fazer?

7
8 **L:** festinhas, faz-me festinhas!
9 -----

0
1 **P:** devagarinho João.
2 -----
3 dá beijinho.

4
5 **Z:** tás a fazer o quê à Lúcia?

6
7 **L:** é pá!
8 um granda chôcho que eu levei agora! *((JM dá um grande
9 beijo a L.))*

0
1 **P:** ah-ah-aaah (...)
2 -----

3
4 **JM:** ah come, aumm. *((mete o palhacinho na boca.))*
5 -----

6
7 **L:** quero mais, quero mais, ah-ah-ah (...)
8 -----

9
0 **P:** <* *>
1 -----

2
3 **Z:** tira da boca.
4

1 L: não ponhas na boca, é porcaria.

2
3 Z: o que é que tu estavava a fazer à Lúcia, João Miguel?
4 -----

5
6 JM: ah!
7 --

8
9 Z: com o sabonete?
0 -----

1 JM: dá cabo de mim!
2 -----

3
4 L: dá cabo de mim.

5
6 A: ah (...)

7
8 JM: ah, eh, eh-ah-ah-aah-aah. ((JM salta de novo para as
9 costas de L.))

10
11 L: ta-ta-tum, ta-ta-tum, ta-ta-tum (...)
12 ((L. faz de cavalinho.))

13 JM: te-tum-ah-aah, aah (...) ah.

14
15 L: e agora?

16
17 JM: aah (...)

18
19 L: ai, ai, vai pó chão. (...)

20 JM: <a>gora chão.

21
22 L: hum?

23 JM: ã chai daqui <* * *>.
24 <* * *> ((JM bate com uma mão na cabeça de L.))

25
26 L: é pá! não! ((L. põe-o no chão.))

27
28 P: ai, ai, ai, ai, ai! (...)
29 -----

30
31 L: não bate, se não, não brinco mais!
32 -----

33
34 (...)

35 JM: iá-aahh ((JM salta outra vez para cima de L.))

36
37 L: ahh!

38 JM: arrubei-re. (derrubei-te?)
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54

1 L: mas não bate, é só a brincar.
2 -----
3

4 JM: au-ri-au-ró (...)
5 -----
6

7 L: ai que cais, ai!
8

9 JM: ah caio.
10

1 L: ai, ai, ai, tu cais pá! ((JM desce das costas de L.))
2 -----
3

4 JM: ai, <báu> larila!
5 -----
6

7 L: tu cais!
8

9 JM: agora comer.
10

11 L: há?
12

13 JM: vai comer o <bau> <l>arila.
14

15 L: vai comer o quê?
16

17 JM: ah <báu> <l>arila.
18

19 Z: <*> larila? (...)
20

21 P: não percebo pá (...)
22

23 JM: ah, a qui é aquilo?
24 ah bau <l>arila, oh bai lari (...)
25 aah-aah! ((L. levanta-se com JM às cavalitas.))
26

27 L: aah, e agora?
28

29 JM: aaah! deixa passar. ((refere-se a algo, no chão, que
30 estava a dificultar a passagem a L.))
31 nam-nam-nam, na-nam.
32

33 L: ai, ai, ai, ai, ai, que eu cai, cai, cai, cai,
34 cai, cai, cai (...)
35 -----
36

37 ((L. deixa-se cair no sofá e tira JM das cavalitas.))
38

39 JM: <* *> vai cair, vai cair, vai cair, vai cair.
40 -----
41

42 L: ah-ah-ah (...)
43

44 JM: vai cair, vai cair, vai cair (...)
45 -----
46

1 L: tu é que vais cair, agora, tu,tu, tu (...)
2 -- ((L. pega em JM que está no sofá e fá-lo
3 deslizar para o chão.))
4

5 JM: aaaah!

6
7 L: ai, ai, ai, ai (...)

8
9 JM: ai!

10
11 P: pum!

12
13 Z: olha João Miguel o que é que aconteceu àquele pai natal
14 que estava lá ao pé da loja?
15 o que é que lhe aconteceu? (...)
16 o que é que o senhor fez ao pai natal?
17 tu disseste (...)

18
19 JM: fugiu.

20
21 Z: não, tu disseste que o senhor tinha feito outra coisa.
22 (...)
23 o que é que era?
24 o que é que o senhor fez ao pai natal? (...)
25 foi quê? que tu disseste?

26
27 JM: oh bá <l>arila (...)
28 oh ba <*>

29
30 Z: roubaram o pai natal, foi João Miguel?
31 -----

32
33 JM: tiiim! ((atirou um boneco.))
34 -----

35
36 P: cuidado com isso, João!

37
38 JM: é-ra-ra-rô-rô-rô <* *>

39
40 Z: diz lá ao Quintas Mendes o que é que (...)
41 -----

42
43 JM: <vamos>. ((L. levanta-se e JM vai atrás dela.))

44
45 Z: o que é que aconteceu ao pai natal?
46 -----

47
48 JM: mau! mau! <mari<l>a>! ((dirige-se a L.))
49 -----

50
51 L: mau, mau Maria!

52
53 JM: ah-ah-ah, ai vai cair, vai cair. ((L. levanta JM.))
54 -----

1 L: agora, agora vais voar, hä?
2 -----

3 vais voar que nem um avião.

4 um, dois (...)
5 -----

6
7 JM: dois, tês.
8 -----

9
10 L: três!

11
12 JM: eeeh (...) eh-tam <*>, pum!

13
14 L: hoje estás muito (...) estás muito (...)
15 -----

16 ((L. afasta-se; vai para o outro lado da sala.))

17
18 JM: pum. (...) ((deita-se no chão, imóvel, tentando assim
19 --- chamar a atenção de L. que se aproxima de novo.))
20 eh-eh-eh, eh-eh-eh-eh (...) eeh (...)

21
22 L: pá que é?

23
24 JM: é um <* *>

25
26 L: hä?

27
28 JM: ah, pega no João!

29
30 L: pego no João, pra quê?

31
32 JM: pó abião.

33
34 L: pra fazer d' avião?

35
36 JM: pa faze<r> d'avião.

37
38 L: é? gostas?

39
40 JM: gosto.

41
42 L: de quê? de que é que gostas?

43
44 JM: do avião.

45
46 L: do avião?
47 mas onde é que está o avião?

48
49 JM: tá ali, a voar.

50
51 L: aonde?
52 onde é que ele está a voar?

53
54 JM: tá li. ((aponta para cima.))

1 L: ali aonde?

2
3 JM: dim-dim-dim-dim-dim. ((JM está deitado no chão ; L.
4 pega-lhe nas pernas e faz-lhe "bicicleta".))

5
6 L: dim-dim-dim-dim.
7 tá aonde?

8
9 JM: ai <*>
10 huuu (...)

11
12
13 L: então vá, anda cá que eu vou fazer o avião.

14
15 JM: não.
16 eu gosto <gingombel>.

17
18 L: há?

19
20 JM: toma. ((bateu-lhe nas pernas com uns bonecos de
21 borracha.))

22
23 L: não me bates, senão fico zangada contigo!

24
25 P: e o pai dá palmadas.
26

27
28 L: e <* * *>, ouviste?
29

30
31 JM: <*> um murro.
32

33
34 L: ouviste?

35
36 P: preferes um murro ou as palmadas do pai?

37
38 L: tu percebes? (...)

39
40 JM: não.

41
42 Z: o que é que gostas mais? um murro ou palmadas?

43
44 JM: não, murro.

45
46 L: um murro.

47
48 Z: há!

49
50 JM: aah!

51
52 Z: porquê?

53
54 (...)

1 JM: o chapo? <* * * > (o sapo)
2 -----
3

4 L: só festinhas só podes (...) só me podes fazer festinhas,
5 ----- ouviste?
6 a brincar sem ser com força.
7

8 JM: com foç<a>.
9

10 L: não, com força não, devagarinho (...)
11 devagarinho, só devagarinho (...)
12 de-va-ga-ri-nho.
13

14 JM: Quintas Mendes é murr<o>.
15

16 L: o Quintas Mendes o quê?
17

18 JM: é murro.
19

20 Z: é murro? eh-eh-eeh! (...) ((JM está a pisar uma caixa de
21 brinquedos.))
22

23 L: ele não sabe o que é murro.
24

25 JM: <* * * > ((JM pisa alguns brinquedos ao passar para a
26 varanda.))
27

28 L: os instintos destrutivos (...)
29

30 Z: é uma coisa impressionante!
31

32 JM: ah! <*> (...) oh-bai-larila, oh-bai-larila, ah! (...)
33 ah!
34 ((L. saiu da sala e JM vai atrás dela.))
35

36 (...) ((estão ambos à porta da cozinha. L. escondeu
37 JM debaixo de uma toalha; JM tira a toalha
38 de cima quando A. se aproxima.))
39

40 L: o que é que foi que a Lúcia fez?
41

42 JM: iá! ((JM vai de encontro a A. que está a filmar.))
43

44 A: ai, ai, ai, ai, ai, ai, ai.
45 -----
46

47 JM: hum, hum, hum, hum, hum!
48 -----
49

50 A: ai, ai (...)
51

52 L: anda pá qui, anda pá qui, João.
53 anda pá qui, anda pá qui.
54 o que é que foi que a Lúcia te fez?

1 JM: lai-larila, (...) lai-larile (...) lai-larile, lai
2 -larile, lai-larile. ((a cantarolar))
3 <*> o <ele>fante.

4
5 A: onde é que tá o elefante?

6
7 JM: tá <a>li.

8
9 A: aonde?

10
11 JM: tá a<l>i (...)
12 vê checar, vê checar, <*> (vou buscar)

13
14 L: não que ele (...) ele tá a colar (...)
15 ai não tá (...)

16
17 JM: é que<r>o, o elefante.

18
19 L: não partas mais.

20
21 JM: não. (...)
22 olh'ai, do fogão (...)
23 <*> do fogão (...)
24 <* *> (...) ((JM põe o elefante em cima do fogão.))

25
26
27 L: o elefante gosta de estar no fogão?
28 -----

29 ((JM vai de novo para a sala e brinca com o
30 elefante em cima da mesa.))

31
32 JM: isto.
33 era uma vez um caváu que vivi (...)
34 ooh, achim não, não parte (...)
35 era este, e isto. (...)
36 tuc! tuc! tuc! ((bate com o elefante na mesa, fazendo
37 que está a andar.))

38
39 A: aaaah (...) dá cá. ((A. pede-lhe o elefante.))

40
41 JM: amos <vêr/fazer> uma coisa. ((JM sai da sala em direcção
42 a um quarto onde sabe que há brinquedos.))

43
44 A: o quê? o quê?

45
46 JM: mamó (...) amos fazer uma coisa. (vamos fazer uma coisa)

47
48 A: vamos ver uma coisa?

49
50 JM: amos ver uma coisa.

51
52 A: vamos quê?

53
54

1 JM: fazer uma coisa. (...)
2 coelhinho tá qui (...)
3 mais este.
4 mais este é um coelhinho. ((*pêga num pequeno urso*
5 ----- *de peluche.*))
6

7 A: esse é o quê?
8 -----
9

0 JM: ooooh! (...) <* * *>
1 é um chino. (*é um ursinho*)
2

3 A: o quê?
4

5 JM: um uchinho.
6

7 A: é um ursinho? é.
8

9 JM: é uma prenda. ((*JM refere-se a um embrulho que está*
0 *junto com os bonecos.*))
1

2 A: é uma prenda?
3

4 JM: é (...) é uma prenda (...)
5 amos ve<r> uma coisa.
6

7 A: hum?
8

9 JM: aquilo, <*> (...) ((*aponta para algo que está numa*
0 *estante.*))
1 oh pá!
2

3 A: toma. ((*não se percebe o quê.*))
4

5 JM: põe aqui. ((*aponta uma secretária.*))
6 e essa sinõra tabalha. (*e esta senhora trabalha*)
7 ((*refere-se a um suporte de livros que têm*
8 *a estatueta de uma mulher.*))
9

0 A: essa senhora trabalha?
1 não trabalha, não.
2

3 JM: taba - tabalha. (...)
4 taba - tabalha, tabalha (...)
5 o chinho. (*o ursinho*)
6 qué isto? (...)
7 é más feio, é más feio. (*é mais feio*)
8 ((*refere-se a um livro que tem a*
9 *imagem de um guerreiro na capa.*))
0

1 olha qué isto?
2 o que é isto, isto?
3

4 A: isso, é um senhor.
5

1 JM: este sinho<r> tá zangado <* *> um boque. ((boque para JM
2 é lutar.))

3 A: tá zangado?

4
5 JM: tá (...)
6 tá zangado. (...)
7 o coelhinho?

8
9 A: onde é que tá o coelhinho?

10
11 JM: o qué isto? ((refere-se a um saco de plástico.))

12
13 A: não sei, vê lá, espreita lá.

14
15 JM: espreita lá (...)
16 eíííí (...)
17 olh'ó que tava aqui.

18
19 A: o que é?

20 JM: tava aqui (...) tava aqui!

21
22 ((JM encontra, a Branca de Neve e os sete anões - de
23 loiça - embrulhados em papel, dentro do saco.))

24
25 A: ai, ai, ai, ai- ai, não parte não?

26
27
28 JM: não.

29
30 A: não parte.

31
32 JM: ahh, ah <* *>.
33 ah quem, é? ((tocaram à porta.))
34 (...)
35 apareceu (apareceu) ((refere-se a um boneco que estava
36 embrulhado e que desembrulhou.))

37
38 A: hum? (...)
39 que é isso?

40 JM: é (...)
41 ai, cai. (...)
42 esse cai.
43 e este?

44
45 A: tá aí o quê?

46
47 JM: tá, tá <a>qui, tá <a>qui dois.

48
49 A: hä?

50
51 JM: tá <a>qui dois, aqui, aqui.
52 e aqui? e aqui, tem muitos! ((refere-se a outro embrulho
53 que encontrou no saco.))

54
55 A: cuidado, não parte!

1 JM: morrerem, <v>ão morrerem, <v>ão morrerem. ((JM associa,
2 frequentemente, partir a morrer.))
3 iiiii! (...) aaaah! (...) o que isto? ((JM encontra a
4 Branca de Neve.))
5 já não há mais! (...)

7 A: já não há mais?
8 vê lá nesses embrulhos.

0 JM: esse aqui, há mais, há mais (...)
1 há, há, po<i>s há, po<i>s há! (...)
2 tava <a>qui! tava aqui! ei! ((exibe outro boneco que
3 acaba de descobrir.))

5 A: hum!

7 JM: hum! <poi não parte>. (depois não parte)
8 <* * *> não há mais. (não há mais)

0 A: não há mais.

2 JM: tá <a>qui! ((aponta para os bonecos já
3 desembrulhados.))

5 A: tá aqui!

7 JM: <*> (...)
8 oh, tava aqui! ((refere-se ao saco onde encontrou os
9 bonecos.))

1 A: vê lá se há mais.

3 JM: <* * *>.

5 A: lá dentro do saco.

7 JM: dentro do saco.
8 outo, outo, outo (...) ((encontra ainda outro boneco.))

0 A: aaah, põe lá.
1 -----

3 JM: põe <lá> isto.
4 põe isto.

6 ((ouve-se alguém que chegou, no corredor.))

8 A: quem é?

0 JM: é a (...)
1 aai, a roubar o coelhinho! ((fala com os bonecos.))
2 o-ai, -o-ai, -o-é-rô-é-ro, o-ra-re-ro-ra-re? ora-ê-oré
3 ora-ê--orè-é (...)
4 ((a fingir que os bonecos falam.))

tava aqui, a mexê-le <*> achim,<*> não vagarinho, não?
(*pega com todo o cuidado num boneco e põe-o, muito devagar, em cima do papel onde estava embrulhado.*)

A: devagarinho.

JM: ei! aparcheu, aparcheu, tá aqui, tá qui co-com a folha.
(*esconde o boneco nos papéis e fá-lo aparecer de novo.*)

J: olá João! (*J. entrou no quarto.*)

JM: tá <aq>ui, tá <a>qui.
olh'aí os outos.

J: aah, um anãozinho! (...)
é o anão e a Branca de Neve, pois é.

JM: e esta? (*mostra-lhe a Branca de Neve.*)

J: quem é? (...) quem é essa menina?

JM: é a <fades> <fada?>

J: é quem?

JM: tem um buraquinho! (*na base a boneca tem uma abertura.*)

J: pois tem, pa fazer chi-chi!

A: hum-hum-hum (...)

JM: e có-có.

J: fazer chi-chi e có-có, pois.

JM: <*> já num há mais.

J: já não há mais?

JM: já.
o (...) o outo?

J: não sei amor, onde tu puseste? (...)
isso tava tudo embrulhadinho para não partir, não?

A: hum (...)

JM: aaah! (...) (*JM encontra outro anão dentro do saco.*)

J: ah, ainda tá aí um! (...)
pois, tão aqui seis.

1 JM: aiii.
2 -----

3 J: olha pra ele, mete a cara dentro do saco de plástico.

4 JM: táqui, táqui (...)
5 tá aí, uummm! tá qui, um! (...)
6 tá qui um, tá qui um!

7 A: tá mais?

8 JM: tem (...)
9 num tem. (...) ((*espreita para dentro do saco.*))
0 o outro?

1 A: qual outro?

2 JM: o outro?

3 A: já não há mais.

4 (...)

5 JM: oi, pim! ((*caiu um anão.*))

6 A: pim!

7 JM: <ete> caiu.
8 <*> não pat<o>, poi não?

9 A: hum? não parte.
0 -----

1 JM: olh'aí.
2 -----

3 ((*L. entra no quarto.*))

4 L: não pode partir esses, tá bem?

5 JM: pim, a-pim, a-pim, a-pim, a-pim.
6 ooooh (...) põe no chão, põe no chão. ((*refere-se a um*
7 *candeeiro que L. trouxe para o quarto e que acendeu.*))

8 L: e tu não mechês?
9 ponho aqui.
0 -----

1 JM: não.
2 ---

3 não, põe no chão <*>
4 -----

5 L: aqui fica mal? ((*dirige-se a A.*))
6 -----

1 A: o melhor é na secretária.

2 L: aqui?

3 A: sim.

4 JM: tamos aqui, a <*> (...)

5 (...)

6 embo, embo (...) brumm, embo<r>a, brum-brum-brum-brum
7 -brum-brum (...) ba- brum-brum, ba-brum
8 -brum, ba-bum, ba-bum-bri, olá!
9 ((brinca com os bonecos no chão, depois levanta
0 dois e mostra-os a A.))

1 A: hum! (...)

2 JM: tu foste à dos dois? ((fala com os bonecos.))

3 A: o quê?

4 JM: <*> oh, pum!
5 ai este partiu.

6 A: não partiu, não, só caiu.

7 JM: só caiu. (...) ah-ah-arre, arre caiu! (...)
8 oh, tava ali no chaco, (saco) tava ali < * * > do João.
9 tava aqui os anões (...) tava aqui o <*> João,
0 os anões <*> a rir.
1 ai, caiu!
2 e este?
3 a-aah, tava aqui um sinhôre!
4 <*> e ã va vere o cavaú da menina < * * * > carroche<l>
5 < * * * >, um carroche<l>.
6 ((a cantarolar))

7 oh pim! caiu, pim! (...)
8 oh (...)

9 A: sabes a história da Branca de Neve, João?

0 JM: < * * * >.

1 A: quê?

2 JM: <o>lha este, este, a Branca de Neve.
3 e este.

4 A: qual é a Branca de Neve?

5 JM: é este dos anões.

6 A: qual é a Branca de Neve?

JM: os anões tão a (...) tão a tabaia, tabalha, tabalha;
tabalha, tabalha, tabalha (...)
chão (são) os dois a <*> chão os <lobo/jogo> maus,
Branca de Neve <*>, os <jogo> maus
e-eram achim (...)

((fala com os bonecos.))

aiii, não foi sentare cos outos, a cantar, tá-lá-lá,
"cava<l>inho num chaía do luga<r>,
tá-lá-lá", cava<l>inho dum chaía do
luga<r> tá-lá-lá! hum!

((a cantar e a bater palmas para os bonecos.))

<* *>

A: vamos lá a ver o que é que tá aqui.
qué isso?

JM: éééé (...) é (...) ahh (...) num cheparo. *(não separo)*
*((JM não consegue tirar o forro de uma pequena
caixa.))*

A: hum?

JM: abre.

A: isso não se abre, João.
isto é assim mesmo. (...)
não sei o que é isso. (...)
e isto? o que é isto?

JM: aaah (...) o qué isto? *((refere-se a um embrulho.))*
eeh (...) aah <*> tão aqui.

A: é o quê?

JM: é (...) abre, abre (...)
ai (...) aaah! *((JM conseguiu abrir o pacote.))*

A: é o quê?

JM: ééé (...) isto.

A: vai lá mostrar à Lúcia, pergunta lá o que é.

JM: aah (...) o qué (...)
((JM vai até à sala mas L. não está lá.))
o que é isto?

////

JM: a fima aqui, o papel. *(filma aqui o papel)*
fima aqui do papel.
fima? <no no vá>.

A: o que é, João?

JM: é o <Chico>.

A: hã?

JM: este.

A: não, aí não (...)
vai, vamos (...) o que é que vamos fazer agora, João?

JM: amo (...)
olha, tá tudo desarruado (*desarrumado*)

A: hã?

JM: tá tudo desarrumado e (...) (*os papéis e os bonecos,
-- estão todos amontoados no chão.*)

A: tá (...) tudo desarrumado?
--
tá tudo enrolado, não é?

JM: tá.

A: e agora vamos desenrolar, não é?

JM: amos, amos sim. (...)
ooh, olha este apacheu! (*um boneco aparece de dentro de
um papel.*)

A: apareceu?

JM: apacheu (...)
vou rolar este, pimeiro, rolar este. (*vou enrolar este
primeiro, enrolar este.*)
oh, num, num rola (...) (*oh, não enrola*)
assim não rola (...)
olh'aí, vês? ta tapado <*> (...)
todos a domirem, aqui, para descê, para chi-chi (...)
olh'aí, todos <ta>pados, todos tapados, num tem frio,
todos tapados, tã-os <ta>pados, todos
<a>pados, todos apados.
*((tapa todos os bonecos com os papéis, enquanto
vai falando com eles.))*

A: tão quê?

JM: tão chapados.

A: tapados?

JM: tapadinhos (...)
tadinha, tadinha, tadinha!

A: o que é isso? (...)

é um monte? ((refere-se ao monte de bonecos tapados com papéis.))

JM: é, (...) monte de papéu (...) (monte de papel) já <a>rumei.
olh'ái.
<tantos> <*> das casas.
olh'ái!

A: tão dentro das casas?

JM: tão. (...)
esta <*> tabalha, é? ((refere-se de novo à estatueta do suporte de livros que está em cima de uma secretária.))

A: ah, essa não mexe, aí nessa, há? não mexe.

JM: esta num pate!

A: há?

JM: pate.

A: essa parte, parte, não mexe nessa.

JM: e esta? ((refere-se a um suporte igual que está do outro lado da secretária.))

A: essa também. (...)
não é, não é pa mexer.

JM: tabalha os <l>ivros

A: não, não, não mexe, não mexe, não mexe.

JM: toda, toda, toda, toda. ((a cantarolar))

A: anda, vamos pá li.

JM: o qué isto?

A: ai, isso parte-se, não se pode mexer nisso.

JM: ó põe nisto (...) ((aponta para algo que está numa estante.))

A: o quê?

JM: nisto.

A: o quê?

JM: <naqueu/aqueu> elefan<te> (<naquele/aquele elefante>)

A: queres o elefante?

JM: qué isto? ((*pega noutra objecto.*))

A: sabes o que é isto?

JM: quer isto.

A: olha, sabes o que é isto?

JM: é uma pata.

A: é a pata da galinha.

JM: da gali<nha> (...) é (...) eu quer aquele elefante.

A: toma, toma, toma.

JM: aque (...)

nam (...) aquele, aquele.

A: olha, olha.

JM: aquele!

A: olha, vai dar isto à Judite.

vai dar isto à Judite. ((*uma mola de papéis.*))

////

((*JM dirige-se para a cozinha.*))

JM: Dite olha. (*Judite*)

A: é o quē, João?

JM: uma mo<l>a grande.

L: uma mola grande.

JM: karaté.

L: karaté.

///

((*JM está na sala com os adultos e alguns brinquedos.*))

P: <*> mãos para quē?

JM: vou rolar.

L: o quê?

Z: vou-me embora!?

A: vai enrolar. (*refere-se a enrolar de novo os bonecos nos papéis.*)

L: ah, vai enrolar. (...) <* * *>

A: não, não, pra aí não. (*JM dirige-se para a porta da sala; pretende voltar de novo ao quarto onde estão os brinquedos.*)

SESSAO XIV

DATA: 23 de Fevereiro de 1991

IDADE: 2 Anos, 7 Meses, 16 Dias

INTERVENIENTES:

JM - João Miguel

A - António Quintas Mendes

Z - Maria José (Zé)

P - Pai (João Miguel)

((JM está sentado no chão da sala onde estão alguns brinquedos e um tubo de cola.))

A: João, mas isso não está partido, não é preciso colar.

JM: é.

A: quê?

JM: cola!

A: colo o quê ?

JM: isto. *((um pequeno palhaço.))*

A: mostra (...) mostra.

JM: não, isto não. (...) isto num tá partido (...) *(isto não está partido)* chó isto.

A: só isso?
mostra lá onde é que tá partido.

JM: é aqui, olh'aqui.

A: mostra.

JM: olh'aqui. *((aponta para uma parte do boneco.))*

A: aah (...) e o (...) mas o outro bocadinho pa colar (...)?
onde é que está?

JM: tá aqui, olh'aqui.

A: isso é a cola.

JM: <is>to é a cola (...) isto não é (...) isto é a cola. (...) pois é. (...) <*>, vês? *((abriu o tubo de cola.))*

A: ah, aah (...) vais fazer porcaria.

JM: < * *>
ó, o pa<lh>aço? (...) <*> o pa<lh>aço. (...) já pus cola.

A: o quê?
já puseste ?

- JM:** não <*> (...) chëra a cola. ((*põe várias vezes cola no boneco.*))
- (...)
- agora cola (...)
- agora cola.
- A:** ai, ai, ai, ai, ai (...) ((*JM deixa cair cola na carpete.*))
- JM:** oi!
- A:** o que é que tu fizeste, João ?
- JM:** po<r>caria a (...)
- A:** fizeste porcaria?
- JM:** aqui. ((*aponta para o sitio onde caiu a cola.*))
- A:** foi?
olha, vais bus (...) vai à casa-de-banho buscar um bocadinho de papel higiénico, pa limpar isso.
- JM:** há?
përa aí um bocadinho. ((*fala para o tubo de cola que está no chão, enquanto se levanta para ir à casa de banho.*))
- A:** há? (...)
mostra lá (...)
mostra (...)
já ficou limpo? ((*JM esfrega a carpete com o papel.*))
- JM:** já.
- A:** então agora o qué que fazemos pa não sujar mais?
- JM:** e o palhaço?
tá qui.
- A:** olha, João (...)
João (...)
João përa aí. (...)
João, ouve lá. (...)
vai buscar ali um jornal pa fazermos isto em cima do jornal pa não sujarmos a carpete. ((*JM vai à varanda buscar um jornal.*))
- JM:** isto?
- A:** sim.

JM: o jornal.

A: agora pomos aí no chão, não é? (...)
qué pa podermos colar as coisas sem sujar, não
é?

JM: é (...)
vou deitar fora.

A: vais deitar fora esse bocadinho de papel?
*((refere-se ao bocadinho de papel com
que JM limpou a carpete.))*

JM: aqui vou colar, vou colar!

A: mas tem que ser em cima disto, senão sujas.

(...)

JM: até secar.

A: o quê? (...)
até secar, pois.

JM: té secar. (...)
a (...) a qué mais cola (...)
<a>qui, <a>qui colare. (...)
<*> fica aqui a colare.

A: e agora?
tás a embrulhar isso pra quê? *((JM embrulhou o
boneco com cola no jornal.))*

JM: atão, tá a secaree! (...)
olh'aqui, tão aqui.
(...)
tá a secar (...)
pois tá, a secar. (...)
eu vou pôr (...) a co (...)
ah tem mais.
ah tem mais aqui (...)
a-se-a-be (...) (?> olh'aqui tá sujo.
((tem cola na mão.))

A: vão ficar as mãos cheias de porcaria, não é?

JM: tão (...)

A: e depois? (...)
o que é que tens que fazer depois, João? (...)
João Miguel! (...) o que é que tens que ir fazer
às mãos? (...)
hum? (...)
tens que lavar, não é?

JM: <*> a checar (...) (a secar)
e cola? (...)
e este, e este? <*> <fica> a colar, achim.

A: vais colar aonde?

JM: vai colar aqui, o palhaço. (...) ((põe fita-cola
palhaço.))
hum-hum-hum-hum (...) ((a cantarolar))
olh'aqui um palhaço.

A: olha aí.

JM: eh-eh-eh (...)
num é achim (...) (não é assim)
pocha. (poça)

A: ó João, tu tiveste doente?

JM: ti (...) tivei (...)
olh'á cola.

A: tivei?

JM: á puxar a cola. ((um fio de cola liga o boneco
ao tubo.))

A: tá puxar?

JM: tá, pois tá.
olh'aqui <arancou-se>. (arrancou-se)
olh'aqui <ê vô> pô cola.

A: João, o que é que é que tu tinhas?

JM: tá magoado, olh'aqui, tá magoado! ((refere-se ao
boneco.))

A: tá magoado?
oh, coitadinho!

JM: foi João (...)

A: João, o que é que tu tinhas estavas doente?

JM: <*>

A: hä ?

JM: <* * *>, ah-aah, <enterrou/aterrou>!

A: quê?

JM: pum! pum!

A: pum! pum! (...)
sujas-te todo.

JM: olh'aqui, tá puxado. *((um fio de cola prende o
boneco ao tubo.))*
piiim (...)
oh, não põe mais cola! (...)
o qué isto ?

A: ah, em cima do jornal. (...)
tens que fazer isso em cima do jornal.

JM: ó, pá. (...)
achim. (...)
ah, no palhaço.

A: põe o palhacinho em cima do jornal, põe aqui,
isso.

///

A: olha, agora tens que ir deitar esse papelinho
fora.

JM: vou. (...)
< * * >

A: há? (...)
e o que é tens que fazer mais? (...)
tens que lavar as mãos.

JM: olh'aqui. *((mostra a A. o papel sujo de cola.))*

A: isto tá cheio de cola e pões na boca?
((JM parece estar a levar o papel à boca.))

JM: não.

A: há?

JM: < * * * >

///

A: sabes de quem é? *((refere-se a um novo tubo de
cola que JM descobriu, mas que está ainda
dentro da embalagem de cartão.))*

JM: é do Quintas Mendes.

A: é da Lúcia.

JM: não é nada, é do Quintas Mendes. (...)
não seja parvo. (...)
pum!

A: pum, pum. (...)
onde é que tão (...)

JM: <*> ((abriu a embalagem.))

A: ai, não, não, isso é da Lúcia (...)
----- depois ela zanga-se.

Z: ui, essa cola não, isso é perigosíssimo.

A: põe aí Zézé.

Z: dá cá, esta fica à minha responsabilidade.

JM: já está secado. ((referindo-se ao boneco em que
tinha estado a pôr cola.))

A: olha, João Miguel, onde é que estão os anões?

JM: tão aí.

A: e a Branca de Neve?

JM: tá, tá li.

A: vai lá buscar.

JM: eu vou buscale.
----- ((JM sai da sala e volta com um
saco de bonecos.))

///

JM: <* *> tá aqui!!! (...)
eu vou buscar. (...)
pum, pum!

A: oh! ((JM volta o saco ao contrário e cai tudo.))

Z: é pá, isto o que é? estes não podem ser.
((refere-se aos bonecos que JM trouxe,
porque são de loiça.))
abre estes aqui. (...)
abre estes. (...)
esta caixa aqui. ((refere-se a uma caixa que tem
outros brinquedos.))

JM: esta?

Z: sim.

JM: chim? (...)
olh'aqui, um carro (...) um carro tá pa<r>tido.

A: esse carro é teu.

JM: é (...) ele num anda, tá pa<r>tido.

A: pois.

JM: agora num anda. (...)
aaah (...)

A: que é isso?

JM: é uma carrinha.

A: é quê?

JM: é uma carrinha.
e, e a chenhôra doutora?
olh'aqui uma bola! (...)

A: qual é? (...) aaah, uma bola.

JM: pim. ((*JM brinca com uma bola de ping-pong,
atirando-a ao chão e de encontro a um
móvel.*))

A: pim.

JM: pim (...)
pim.

A: pim.

JM: pim (...) aii (...)
pim qué ia bater no Quintas Mendes. ((*a bola
saltou em direcção a A.*))

A: hum-ah!

JM: pim! ((*JM atira a bola a A.*))

A: ah-ai!

JM: chenhôra doutora?
e a chenhôra doutora, tá qui.
e pois esta? e vai a, e vai a <enterrar/
/aterrar> a carrinha, aqui (...)
<* * *>
deixa vê, pum aah! (...) caíu aterrou pum!
ah -ah-ah (...) <* * *> pum,
pum, pum! (...)
oooh, num é esta, num é esta (...) ((*refere-se*

1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4
5
6
7
8
9
0
1
2
3
4

///

A: assim não, que assim não vejo. (...)
olha João, é o quê? o que é que tu disseste pa
fazer? mórda?

JM: mórda.

A: o que é isso? mórda?

JM: humm (...) oh pá mórda!

A: João Miguel, desculpa lá, o que é que é mó (...)

mórda?

JM: oh pá (...)

P: o quê?

JM: <* * *>

P: o que é que foi, João?

A: João, diz-me lá o que é que disseste pa fazer?

JM: mórda. ((*responde com voz de enfado.*))

A: o que é isso?

P: o quê?

A: o que é isso, João?

P: uma roda? (...)

A: não percebo.

P: isso tá partido

JM: náão!

P: então não está partido?
não se vê que está partido, João ?

JM: <*> tou a colar!

P: pois, colar, mas não há cola. (...)
já viste o que tu já desfizeste? (...)
((*refere-se aos brinquedos partidos
que estão no chão.*))

JM: não tem ovos! ((refere-se a um brinquedo seu conhecido - uma galinha - que põe ovos.))

A: não tem ovos?
ai eu sei onde é que estão os ovos. (...)
sei onde é que estão.
tão na cozinha. (...)
vai lá perguntar à, à Lúcia onde é que eles
estão.

JM: <*> (...)

olh'aqui uma garrafa. (...)
olh'aqui uma garrafa. ((refere-se a um brinquedo.))

A: ah, tira isso da boca!

JM: isto é uma garrafa (...) ah-ah-ah-ah (...)
pois é, uma garrafa, é pa meter ná boca e no
copo, no copo, <* *>.

///

A: João Miguel, aleijaste-te?

JM: aleijei.

A: aonde ?

JM: ali.

A: onde é que te aleijaste?

JM: na ga<l>inha.

(...)

A: que tás a fazer, João Miguel? (...)
o que é que estás a fazer? (...)
olha, disseste-me que ias contar aquela
historiazinha não ias?

JM: io.

A: io?

JM: olh'aqui um (...) tava uma coija pejada! (tava
uma coisa pesada) ((apanha algo do chão.))
olh'aqui um jo (...) ((desequilibrou-se))

A: ai, ai, ai, ai.
isto é do helicóptero.

JM: é.

A: era pa voar.

JM: era para voare.

A: então mostra-me cá a tua história que eu quero
ver a tua história!

JM: <não é> nada.

A: vamos ver o que é que se passa aqui, tá bem?

JM: olh'aqui.

A: o que é que é?

JM: é as concha.
olha um carangueijo no mar!

A: e o que é que eles estão a fazer, os meninos?

JM: os, os meninos tão em pé; a mandá mágua.
(a mandar água).
olh'aqui a água!

A: tão a mandar água?
tão a tomar banho?

JM: tão. (...)
estes (...) e estes?

A: tá a fazer o quê?

JM: ahh (...) ã qué fazê có-có.

A: olha João, João, João Miguel! <<dirige-se a P.>>

///

<<JM está na casa de banho com o pai.>>

JM: ó Quintas Mendes (...)

A: que é?

///

JM: ela tá ao pé do muro! (?)

P: ela (...)

JM: canta mais alto!

P: canta mais alto!

JM: canta mais alto!

A: tu-tu-tu-tu-tu.

JM: não! limpa o raboo!

P: já limpou.

A: onde é que tá a galinha?

JM: tá aqui, a <*>.

A: tá caída?

JM: <* * *>

A: há?

JM: <*> calhare.

A: o quê, João?

JM: <* * *> táli, <* * *> tu foste embora!

A: eu fui-me embora.

P: a galinha tá aonde?

JM: tá aqui.

P: aqui quê?

JM: aqui.

P: e está como? (...)
como é que ela está?

JM: dá cá, dá cá!

P: como é que está a galinha João? (...)
está onde?

JM: tá aqui.

P: e está, a fazer (...)

A: olha, olha, olha, olha (...) *((caiu um dos ovos
da galinha.))*

JM: olha, (...)

P: o que é que foi?

JM: caiu o ovo.

P: caiu o ovo? (...)

A: vais lá buscá-lo?

JM: <vou> lá buscá-o.

A: vais lá buscar, João?

JM: vou.

P: pronto, vai lá! ((*acabou de o vestir*))
ai as minhas costas (...)

JM: <* * *>

A: trás cá, trás cá.

P: na, na, na, na, na, na (...)
((*JM está a abrir uma caixa de utensílios para engraxar sapatos, que se encontra perto do sitio onde caiu o ovo.*))

A: trás cá o ovinho.

P: o ovo.

JM: <* * *>

A: o ovinho.

JM: pá (...)

A: hum não entra? ((*JM está a tentar meter o ovo dentro da galinha.*))

JM: <olha> (...)
---- ((*caiu de novo o ovo e rebola para fora da casa de banho.*))

A: ah, não é assim.
--

JM: olha pa casa banho. ((*JM vai atrás do ovo e com o pé empurra-o de novo para a casa de banho.*))

A: o quê?

P: casa-de-banho não!

JM: <c>asa ba<nh>o. ((JM apanha o ovo, sai da casa de
banho para o corredor e volta a pôr o
ovo no chão.))

A: isso é pa futebol?

JM: tum! ((dá outro pontapé no ovo.))

P: ei, ei, ei, não faz isso.

JM: ooh.

P: senão desaparecem os ovinhos num instante.

JM: aah (...) oh pá (...) ((o ovo vai para de trás de
um porta chapéus de chuva.))
ó, reibi (...) (rugby) ((o pai de JM joga "rugby"))

A: reibi!

JM: reibi, fica a ver, fica a (...) ((JM recupera a
bola.))

A: gostas de jogar rugby?

JM: a galinha fica a ver. ((põe a galinha no chão "a
ver" o jogo.))

P: a galinha fica a ver.

A: a galinha fica a ver.

(...)

JM: piiiiiiiiimmm! (...) ((chuta novamente o ovo.))
já cá vem! ((A. manda-lhe de volta o ovo.))

A: ai, ai (...) ((continuum "a jogar à bola"
com o ovo.))

JM: ó põe pa li.

A: olha, olha, tá aqui.

JM: <* * *> reibi!

A: cuidado, cuidado não caias.

JM: ó-ó!

(...)

olha eu a jogar.

A: jogas bem futebol.

JM: não, reibi!

A: isso é "rugby"?

JM: isto uma bolinha da <*>.

pum! ahh (...) <* *> pa li <* *> pa li (...)

((deu um pontapé no ovo e perdeu-o de vista.))

á qui. (tá aqui) *((encontra o ovo.))*

fica ali. *((dirige-se a A. pretendendo que fique no outro extremo do corredor para jogar com ele.))*

A: o quê?

JM: pa trás.

A: tá ali, tá ali uma bola maior, João Miguel, não tá?

JM: tá.

A: vamos buscá-la?

JM: amos.

A: aamos.

onde é que ela (...)

///

((JM e A. estão de novo no corredor, a brincar, agora com uma bola de ping-pong.))

JM: fica ali, fica ali! *((dirige-se a A. e indica-lhe de novo o lugar onde quer que ele fique para jogar.))*

A: a bola?

JM: ah (...)

A: onde é que tá a bola? (...)

a bola? (...)

vai, chuta.

JM: ah aqui! esqueci-me.

((ia chutar o ovo esquecendo-se que agora estavam a brincar com a bola de ping-pong.))

A: esqueceste-te?

JM: ah pá qui. (...) *((a bola rebola para um canto.))*

tchee, tchee, olh'aqui, tá aí a bo<l>a.

((num canto do corredor.))

A: tá aí? (...)

JM: apacheu um ovinho. (...)
tchee, tchee, tchee, olh'aqui um ovinho, aqui.
*((tinha o ovo na mão e mostra-o como se o
tivesse encontrado no canto do corredor
onde estava a bola de ping-pong.))*

A: é o quê?

JM: um, um ovinho.

A: um ovinho?

JM: huuu (...) ah-ah-ah-ah-ah! é a chegar a bola
co botão, ah (...)
*((a bola tem uma pequena saliência
por onde JM tenta agarrá-la, sem
êxito.))*

A: oi.

--

JM: aah (...)

a chegar <*> (a segurar)
tá ali o meu pai. *((espreitando para a porta da
sala.))*

A: há?

JM: ah-ah-ah-ah-ah! (...) *((atira a bola ao chão.))*
ó pá, ai, ai (...) ai. *((baixa-se para apanhar
a bola.))*

A: que é?

JM: ele. (...) *((aponta para a sala onde está o
pai.))*
ah! ah! ah! (...) *((atira de novo a bola ao
chão.))*

A: vai o chuto (...)

JM: ah! ah! ah! (...)

A: pum!

JM: ah! ah! ah! ha! ah!
aah! (...)
ah! ah! ah! ah! (...)

A: olha, olha, olha, olha (...) ((refere-se à bola a fugir.))

JM: vamos pa li <* * *> (...)
vai pa li pēste lado! (...) (vai para ali para este lado)
mando a bola.

A: tumba. ((a bola caiu.))

///

((JM entra na sala trazendo um saco que contém bonecos de loiça, a Branca de Neve e os sete anões.))

JM: <* * *> ((a cantarolar.))

Z: aah, foi buscar outra vez as coisas! ((refere-se ao saco.))

JM: eu não mosto.

Z: <* * *> são giros.

JM: eu não mosto, eu não most<r>o, eu não most<r>o.

Z: sabes o que é que ele foi buscar Lúcia? (...) (eu bem)...)

eu bem tinha escondido, mas o Quintas Mendes (...)
((refere-se ao saco dos bonecos.))

JM: ai pá (...) tás a mandar ponta pés.

((P. toca com um pé no rabo de JM que está à sua frente.))

P: o que é que foi?

L: não faz mal, deixa tar. ((refere-se ao facto de JM estar a brincar com aqueles bonecos.))

JM: isto? ((refere-se a um boneco que tira do saco.))

P: ah, não (...) é pá.

L: ele tem muito cuidado, ele tem cuidado!

A: esse dos anões não se pode (...)

JM: <* * *>

L: olha, João Miguel (...)

F: não parte um único anão.

L: João Miguel, já sabes que esses tens que ter

muito cuidado, não é?

///

*((JM está sentado no chão a brincar com os anões
que vai tirando de dentro do saco.))*

JM: foi aquele.

A: tu sabes pintar?

JM: sabo <*> (...)
pum, pum, pim - pim - pum, piimm! *((bate com dois
anões um no outro.))*

A: olha, assim o que é que vai acontecer aos anões?
(...)
hum?

JM: ã vão cair.

Z: vão-se partir.

JM: pum, ca bota (...)
e <fazer> pum, pum! *((põe um anão em cima do pé e
deixa-o escorregar para o chão.))*

A: assim, assim partem-se, não é?

Z: João (...)

JM: <* * *>

Z: parte os anões!

JM: pra qui. *((põe de novo um anão em cima do pé.))*

Z: não, não põe em cima.

JM: pim!

A: João, vamos fazer desenhos?

JM: amos.

A: vamos?

JM: amos.

A: sabes onde é que tão as canetas?

JM: tão aí. *((olha na direcção da mesa onde estão as canetas.))*

A: queres ir lá buscar?

JM: quero. (...)
olh'aqui os anõesinhos.
gandam aqui, gandam aqui (...) *(guardam aqui ?)*
eu quer outo, tá qui os outos (...)
aqui os outeros.

A: os outros?

JM: é (...)
<*>
<fata> umaaa (...) *(falta uma) ((está a tirar os anões do saco.))*

Z: devagarinho, João.

JM: olha'qui, um anãosinho, (...) mai a Branca de Neve, a Branca de Neve, a Branca de Neve.
(...)
oi! *((está a atirar os bonecos para dentro do saco.))*

Z: devagar, João, devagar.

JM: tou arrumar

Z: devagarinho (...)

JM: <* *> estes, estes <é> pa mim. (...)
é pa embulhar, aqui, vês? pa embulhare, pa embulhare. (...)
<* * *>

A: vamos fazer desenhos, João?

JM: tá quii (...)

A: há?

JM: isto, e isto, e isto.
eu vou arrumar tudo. *((pega noutros brinquedos e pretende arrumá-los no mesmo saco dos anões.))*

A: esses são da caixa, João Miguel.

JM: não, são daí.

A: são daí?

JM: sää, tamém é. (...)

menino, menino, menino, meniino, meniino.

((apanha vários brinquedos e põe-os dentro do saco.))

num deixa aqui, <* *> aqui ao canto (...)

((pêga no saco e vai guardá-lo a um canto.))

olh'às gaivota aqui. *((pêga num livro de histórias.))*

A: anda-me cá explicar isso. (...)
anda-me cá contar.

JM: vai cair da gaivota.
sai d'aquiii!

A: vai quê?

JM: vai cair da, a gaivota.

A: mostra.

JM: aqui.

A: onde é que tá a gaivota? vai cair?

JM: vai.

A: porquê?

JM: essa não põe (...) pôr aqui da bandeiras.

A: porque é que ela vai cair?

JM: vai achim, pschssss, pum! *((aponta para o livro e faz o gesto com a mão.))*

A: pum.

JM: e estas bandeiras?

A: as bandeiras estão lá espetadas na areia, não é?

JM: olh'aqui!

A: olh'aqui, o que é que esta tá a fazer ?

JM: olh'aqui o , olh'aqui um cangu (?) co chapéu.

A: ah, pois é.

JM: parece, parece um burro (...) ióm.

A: olh'aqui, olh'aqui.

JM: é uma gaivota. (...) olh'as bandeiras.

A: as bandeiras.

JM: hum-hum (...) olh'aqui (...) hum-hum (...) olh'aqui. ((vai folheando o livro.))

A: que é isso?

JM: olha um caranguei<jo> e as conchinh (...) olh'aqui, olha um homem, olha a chorar!

A: tá a chorar, o homem?

JM: tá.

A: porquê?

JM: olh'os gelados! gelados olh' aqui! gelados!

A: gelados. tá a vender os gelados?

JM: tá.

A: e os meninos? (...) o que é que os meninos tão a fazer?

JM: a tirar gelados pa mamã.

A: tão quê?

JM: tir, tirar gelados.

A: olha, e esta?

JM: tá a cantar.

A: tá a comer, o gelado, não tá?

JM: tá. (...) e este tá qui. (...) olha, tá p-pereso!

A: tá preso, o cão.

JM: uma fita. (...)
olh'aqui <o> João. (...)
<ê> vão a correr (...) (*eles vão a correr*)
äoooo (...) ((*faz que dá uma dentada no gelado
que está no livro.*))

A: também tás a comer gelado?

JM: tamém.
äoooo (...) <*> come, toma, toma, toma, toma,
toma!
äoooo (...) <*> comi gelado, desta, desta menina! (...)
äuuu, äoooo, uma dentada.

A: e esta gaivota, está a espreitar aqui, olh'aqui.
(...)
não tá?
(...)
e agora mostra-me a outra folha (...)
o que é?

JM: vão-se embora.

A: vão-se embora?

JM: vão. (...)
já acabou a, as praias.

A: já acabou as praias.

JM: tá de noite (...)
<o>lh'aqui, is são as peúguinhas! (*olha aqui isto
são as peúguinhas*)

A: as quê?

JM: as peúguinhas. (...)
e estes tão a fazere (...)
e estes tão a fazer?
faz o quê?

A: tão a fazer o quê?

JM: apanhar peixes!
apanhar peixes! <*> (...) este <cor de> laranja.
(...)
<*> da laranja, <*> laranja, cor de laranja,
< * * > tu-tu-ruu, laranja, cor de laranja,
cor de laranja, cor de laranja, cor de
laranja <*> laranja, cor do laranja, cor
do laranja. ((*a cantarolar.*))

P: o que é isto?

JM: é <uns/os> tês peixes!

P: peixes?

JM: olha um carangueijo!

P: ah, pois é.
tem mais carangueijos, não?

JM: tem.
e o peixinho.

P: e isto (...)

JM: ãs, ãs tão a comê gelados. (*estes/eles, estão a comer gelados.*)

P: ai é?

JM: é.

P: e tem muitos meninos?

JM: olh'aqui, os gelados!

A: João, queres ver este? olha este. (*JM pega num livro de animais.*)

JM: iiiiss (...) isto num é um cavaú. (...)
tchsss (...) isto é um, isto é um (...)

P: é um porco-espinho, tem espinhos, tás a ver? tem bicos, agulhas.

JM: olh'aqui (...)
olha, parece um, um (...)
olh'aqui um schapo.

JM: ó pá, olh'aqui, ó pá, <* * > aqui!

((JM está um pouco confuso com o livro pois cada página deste livro encontra-se dividida em três, correspondendo cada um delas à parte de um animal; se passar só uma das partes da página fica por ex. um sapo com cabeça de pássaro.))

P: faz devagarinho, João!
<* * * >

JM: ó pá! (...)

P: faz devagarinho, João.
olha, o pai mostra, tá bem?

JM: ó pá, nã, dá cá!

P: olha, primeiro é este, depois tens que passar
três coisinhas destas devagarinho.

JM: ó pá, nã, <* *>

P: uma (...)

JM: olh'aqui um diabo.

P: não é um diabo, é um lagarto.

JM: não (...)

P: duas (...)

JM: terês (...)

P: duas (...)

JM: num é nada, é, é um schapo!

P: olha, tás a ver que é um lagarto? (...)
é um sapo?

JM: é.

P: não, é um lagarto.

JM: não, põe aqui. ((refere-se ao livro.))
chapo (...) ((vai virando as várias partes do
livro.))

///

P: eu quero saber mais coisas. ((refere-se a um
outro livro infantil que JM está a ver.))

JM: uma esterela!

P: isto é uma menina ou um menino?

JM: não, uma menina.

P: porque é que é uma menina?

JM: <*> tá chorare.

1 P: porque é que é uma menina?

2
3 JM: menina tá chorare.

4
5 P: não, porque é que é, porque é que é uma menina?
6 porque é que tu disseste que era uma menina,
7 João?

8
9 JM: era.

0
1 P: era?
2 e isto é o quê? (...)
3 qué isto? (...) qué isto, João?
4 e isto?

5
6 JM: é uma meni (...)

7
8 P: não, isto aqui, isto aqui é o quê? (...) o que
9 (...)

0 JM: é uma pá.

1
2 P: ai é?

3
4 JM: é.

5 -

6
7 P: e o que é que a menina tá a fazer, com a pá?
8 ---

9
0 JM: bo<l>inhos.

1
2 P: bolinhos de quê?

3
4 JM: da <*>

5
6 P: bolinhos de quê?

7
8 JM: vai comer, o João. (...)
9 ãu, aqui <*>.

0
1 P: olha, o que é isto? (...)
2 João Miguel, o que é isto?

3
4 JM: <* *> estaguei. ((refere-se a um brinquedo.))

5
6 A: ah pois, isso é o cão, esse cãozinho está muito
7 estragado. (...)
8 conta lá (...)
9 conta pó pai, o qué isto?

0
1 JM: quero uma pata, uma pata, uma pata! ((péga numa
2 pata partida de um dos vários animais
3 com que costuma brincar.))
4

A: hum, hum, uma pata, dum bicho, não é?

JM: do bicho <do> cão.

A: isto é a pata do João.

JM: não, não!
é do (...) de (...) é do cão. (...)
<*> não se<j>as temoso!

A: hum, não sejas teimoso!

JM: qué's ver, outa vez este livro?
----- ((refere-se ao
livro dos animais.))

P: isto é um menino, isto é um menino ou uma

menina?

JM: menina.

P: isto?

JM: não, menino.

P: porque é que é um menino? (...)
hum?

JM: qué<r>es ver um pó<l>vo? (...) qué's ver um
pó<l>vo? (...)
qué's ver um pó<l>vo? (...) (polvo)
isto é um pinguim.

P: olha, o que é que os meninos tão a fazer aqui?
(...)
o que é que eles tão a fazer?

JM: boinho!

A: olha, agora aqui tá o Joãozinho de pijama,
olh'aqui.
vai dormir, o Joãozinho, tá aqui de pijama.
(...)
vamos lá ver o que é que o Joãozinho vai fazer.

JM: não, num é, é um menino!

A: não é? é um menino?

JM: ah, dá cááá! ((zanga-se porque P. lhe tira o
livro dos animais.))

P: deixa o pai ver, o pai já dá!
deixa o pai ver aqui uma coisa.

JM: ó pá!

P: oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh, oh.

JM: ó pá, <* * > ele tá tirare! ((dirige-se a A. a
choramingar.))

P: ah, mas, mas tás a fazer queixas ao Quintas

Mendes pra quê?

A: ah, ah, ah, ah, ah, ah, !

JM: aaaaaah (...)

A: o que é, Joãozinho?

JM: <ê qué o livro> <* * * > (...) ((a chorar.))

P: eu já te dou o livro, deixa o pai ver!

A: então (...)

JM: não!

P: o pai só quer ver, não quer fazer mais nada!
deixa o pai (...)

JM: gora dá cá, dá cá!

P: deixa o pai ver.
vê esses.

JM: não.
dá cá, dá cá, dá cá! (...)
não faças male, mau!

P: deixa o pai ver, tá bem?

A: vê com o pai.

P: então vê comigo.

1 JM: é um, um po<l>vo.
2

3 P: não, o que é isto?
4

5 JM: é um trovão a comer peixes!
6

7 P: tá a comer peixe, mas não é, é um quê?
8

9 JM: é um trovão!
0

1 P: um trovão?
2

3 JM: trovão.
4

5 P: não, (...) isto é um, isto é um pelicano, diz
6 lá.
7

8 JM: um po<l>icano.
9

0 P: um pelicano.
1

2 JM: não, um trovão!
3

4 P: o quê?
5

6 JM: um torvão.
7

8 P: não, é um pelicano.
9

0 A: um tubarão!
1

2 P: tubarão? não, é um (...)
3

4 JM: tubarão!
5

6 P: não, é um pelicano.
7

8 JM: não é nada!
9

0 P: é!
1

2 ///
3

4 JM: olh'aqui.
5

6 A: o qué que aconteceu?
7

8 JM: ago cai! (...) agora cai. (...)
9 olh'aqui, cola!

0 A: onde é que tá a pata?
1

2 JM: qué ma mala do João. (...)
3 onde está? ((refere-se à pasta da escola.))
4

João Miguel - XIV - 2;7;16

A: olha a minha mala! (...) a minha mala tá aqui.
 ((refere-se à mala do João.))

JM: não, é minha!

A: o que é que ele tem lá? deixa-me lá ver.

JM: é (...)

A: o que é que tem?

JM: uma chucha.

A: uma chucha?
 e mais ?

JM: < * * * >

A: ai, tem roupinha!

JM: tá mijada.

A: há ? ah! ah! ah!

JM: não tá nada. (...)
 tá, tá, mijada aqui, olh'aqui, quês ver?
 olh'aqui o leitinho.

A: leitinho do João.
 é, é pa amanhã de manhã?

JM: é, fica na mala. (...)
 ó < * * * > amos colare, < * >. (vamos colar)

///

JM: magogou o elefante, eh-eh-eh! (...)
 (magou o elefante)

(...)

que foi?

A: o quê?

JM: o que é que foi? foi o pai? ((refere-se ao
 barulho de uma porta.))

A: onde é que tá o pai?

JM: o pai foi-che embora?

L: naaão.

A: foi ali, àquela casa. (...)
olha ali um bocadinho do Teixeira! *((refere-se ao sapo.))*

JM: olh'aqui! pum! *((refere-se a um bocado enorme de fita-cola que tem na mão.))*

A: tchee.

JM: óó, um cadinho. (...) olh'ali, olh'aqui. (...)
olh'aqui os patos. (...)
tu-ru, tu-ru, tu-ru, tu-ru, tu-ru. (...)
((a cantarolar.))
olh'a cola.

A: olh'ali o bocadinho do Teixeira, já viste? (...)
ali, aquele verdinho. (...)

JM: aquela?

A: aquele bocadinho ali verde.

JM: eu vou colare (...) eu vou colare (...)
olh'ó Teixeira, tá partido.

A: tá partido, o Teixeira.

Z: o que é que ele disse?

JM: tááá.

A: o Teixeira tá partido.

JM: <vamos pôr fora>, <nã> (...) *((tenta ajustar as peças do sapo.))*

A: onde é que tá o pai? não sei onde é que tá o pai.

JM: foi-che imbora. *(foi-se embora)*

A: foi-se embora pá onde?

JM: vou ver, vou ver!

A: vais ver?

JM: vou.

A: vai lá procurá-lo.

JM: <*> oh!

A: oolhaaa! (...)

JM: iá!

A: <*>
onde é que foi, onde é que está o pai?

JM: tá quii!

A: ah, ah, já apareceu!

JM: cooh, o outos patos?

L: olha, vou-te colar o nariz, anda cá que eu te vou
colar o nariz.

JM: não!
(...)

L: pronto, então não colo.

JM: tá partido!

L: ai, foi hoje (...) qu' este eu tinha colado.
partiste hoje outra vez?

JM: parti.

L: ai, o João não tem cuidado!

JM: <*>

L: não queres um chásinho? ((dirige-se a Z. que está
também na sala, e está adoentada.))

JM: quero.

L: ah, ah, não é pra ti!

Z: ah, ah, ah (...)

A: hum.

JM: não.

Z: não é pra ti, é para mim que eu é que estou
doente.

L: vês que ela está doentinha?

JM: naaão.

L: querias chá pra quê palerma?

JM: <*>, mão, má, má (...)

///

((L. está sentada à mesa a escrever e JM está perto dela olhando para os vários "bibelots" de uma estante da sala.))

L: <* * *>

JM: <* * *> (...) quero o óriço.

L: o ouriço parte-se e tu já partiste o elefante e agora pois partes o ouriço.

JM: quero o óriço!

L: vai lá, vai lá ao Quintas Mendes que ele fala contigo.

JM: não! quero o óriço!
tamos piores ou quê?

L: há?

JM: tamos piores, ou quê?

L: tamos piores ou quê? (...)
tamos, tamos.

JM: oh!

L: tamos, tamos.

JM: zangados!

L: tamos zangados?

JM: ó um buraco, olh'aqui! <*> ((refere-se a um "bibelot da estante".))

L: tens ali tantos bonecos, João!

JM: não tenho!

L: não tens!?

A: cuidado, cuidado! ((JM está a empoleirar-se na estante.))

L: não tens!?

JM: e agora tá partido! ((refere-se a outro "bibelot" da estante.))

L: pois, foi o João que partiu!

JM: aaah! (...)
o o óriço.

L: vai brincar com as (...)

JM: quero o óriço.

L: vai brincar com as outras coisas,

JM: não, quero o óriço (...) quero o óriço.

L: tão, o ouriço tá a dormir.

JM: não tá nada.

L: tá!

JM: não tá. (...)

não tá, quero o óriço.

< não escreve > (...) ((refere-se a L. que
continua sentada a escrever.))

ó pá! ((impaciente))

L: ó pá o quê? ó pá o quê?

JM: ó pá, quero o óriço!

L: mas o que é que eu tenho a ver com isso?

JM: < * * * > ((JM tenta empoleirar-se numa cadeira
para chegar ao sítio onde está o ouriço.))

P: ó João, João Miguel, em cima da cadeira, não!

L: o que é que eu tenho a ver com isso, tu queres
o ouriço?

JM: é quero o óriço.

Z: olha, João Miguel (...)

JM: é (...) au (...) ((a choramingar.))

Z: João Miguel (...)

JM: é quero o óriço. ((dirige-se a A. a choramingar))

A: qual ouriço?

Z: João Miguel, anda cá < * * * > uma coisa.

JM: t'aliii.

A: aquele (...)

JM: em cima (...)

A: aquele não, não se pode partir.

Z: anda cá, escuta uma coisa.

JM: não, num go<s>to mais de ti!

P: olha (...)

A: quê?

P: olha, João (...)

JM: não gosto mais de ti!

Z: já não gosto mais de ti.

L: já não gosto mais de ti. (...)

olha, anda cá que a Lúcia vai-te explicar uma
coisa.

*((L. pega-lhe ao colo e leva-o até
junto da estante.))*

JM: hum.

L: a Lúcia vai-te mostrar (...) o bocadinho que eu
disser, ouviste?

JM: <*>

L: pronto, olha pra ele, ele inda tá, tá em
convalescença!
olh'aqui.
não, não leva pa'li, brinca aqui um bocadinho em
cima da mesa. (...)

P: cuidado, João.

L: pode tar aqui um bocadinho (...) <* * *> o ouriço
tá partido, já não faz mal mas (...) hää?

JM: não mexas.

(...)

iii (...) est (...)

L: e este coitadinho, olha este, aai! coitadinho,
este, este é muito feio, não faz mal.

JM: e o camelo? vai lá vuscar o (...) *(vai lá buscar)*

L: olha, olha ele a cumprimentar o pato, põe lá aqui
o pato. (...)
e agora vai o ouriço, o que é que o ouriço vai
dizer ao pato.

JM: vai andar (...)

L: há?

JM: e a galinha tá qui a papar.

L: e o que é que eles dizem ao ouriço?

JM: eles tão aqui.

L: estão aí (...) e o que é que, o que é que eles
dizem ao ouriço?

JM: ó pá, <* * > vou vuscar o camelo do óriço (...)
camelo.

Z: olha (...)

L: <* * * >

Z: João, a gente vai lá pá, pá minha casa, queres
vir ou ficas?

JM: fico.

Z: eu vou co pai, ficas?

JM: fico.

Z: e eles vão dormir, dormes cá com eles?

JM: <*>

Z: vais já pá cama?

JM: ó pá (...)